O ALIENISTA

CALEB CARR

NETFLIX
AGORA UMA SÉRIE NETFLIX

Não existe nada mais misterioso do que a mente de um assassino





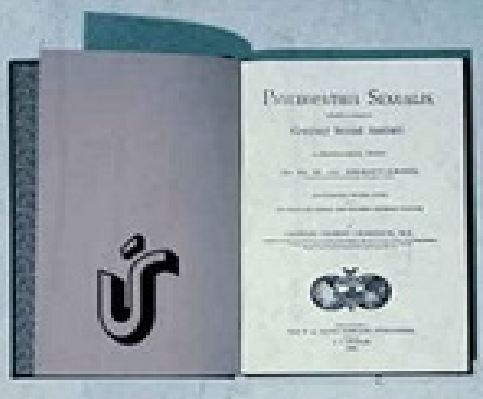
















Nenhuma boa trama de suspense tem seu desfecho revelado sem uma boa trilha sonora. Para se envolver ainda mais nas investigações deste livro, acesse a playlist que montamos para que você se sinta na Nova York do século XIX: http://bit.ly/playlist_o-alienista

CALEB CARR



O ALIENISTA

Tradução:

PINHEIRO DE LEMOS

Diretora
Rosely Boschini

Gerente Editorial
Carolina Rocha

Assistente Editorial
Natália Mori Marques

Controle de Produção
Fábio Esteves

Tradução
Pinheiro de Lemos

Preparação
Sandra Martha Dolinsky

Projeto gráfico, Diagramação e Adaptação de capa
Vanessa Lima

Revisão
Vero Verbo Serviços Editoriais Isadora Attab

Desenvolvimento de eBook
Loope – design e publicações digitais
www.loope.com.br

Única é um selo da Editora Gente
Copyright © 2006 by Caleb Carr
Titulo original: *The alienist*
Publicado mediante acordo
com a Random House Trade Paperbacks
Todos os direitos reservados à Editora Gente.
Rua Wisard, 305 — sala 53,
São Paulo, SP – CEP 05434-080
Telefone: (11) 3670-1117
Site: www.editoragente.com.br
E-mail: gente@editoragente.com.br

Dados Internacionais de Catálogo na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Carr, Caleb
O alienista : agora uma série original Netflix / Caleb Carr ; tradução de Pinheiro de Lemos. – São Paulo : Editora Gente, 2018.

ISBN 9788594900357

1. Ficção norte-americana I. Título II. Lemos, Pinheiro de

18-0460 CDD 813.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

Esta edição é dedicada
aos leitores que tornaram isso possível e
à memória de dr. David Abrahamsen.



—— NOTA ——

Antes do século XX, as pessoas que sofriam de doenças mentais eram consideradas “alienadas”, não apenas do resto da sociedade, mas também de suas próprias naturezas. Os especialistas que estudavam as patologias mentais eram, por isso, conhecidos como alienistas.


PARTE I
PERCEPÇÃO

Enquanto parte do que percebemos do objeto a nossa frente vem por meio dos sentidos, outra parte (talvez a maior) vem sempre de nossa própria mente.

William James, *Principles Of Psychology*

Pensamento de sangue, de onde nasceste?

Piave, em *Macbeth, de Verdi*

CAPÍTULO 1

8 de janeiro de 1919

Theodore está debaixo da terra.

As palavras, enquanto as escrevo, fazem tão pouco sentido quanto fez a visão de seu caixão descendo para uma cova no solo arenoso perto de Sagamore Hill, o lugar que ele amava mais que qualquer outro no mundo. Parado ali, naquela tarde, ao vento frio de janeiro que soprava do estreito de Long Island, não pude deixar de pensar: é claro que é uma brincadeira. É claro que ele vai abrir a tampa do caixão de repente e nos deixar atordoados com aquele sorriso ridículo, estourar nossos ouvidos com sua gargalhada estridente. E depois, vai clamar que há um trabalho a fazer – "uma ação a realizar!" –, e estaremos empenhados na missão de proteger alguma espécie obscura de salamandra da devastação causada por algum gigante industrial predador que queira instalar uma sórdida fábrica na área de reprodução do pequeno réptil. Não fui o único a acalentar essas fantasias; todos no funeral esperavam alguma coisa do gênero, o que era patente no rosto de cada um. Todas as informações indicam que a maior parte do país e grande parte do mundo sentem a mesma coisa. A ideia de Theodore Roosevelt desaparecer é... inaceitável.

Na verdade, ele vinha definhando havia mais tempo do que qualquer um queria admitir, desde que seu filho Quentin fora morto, nos últimos dias do Grande Massacre. CeciI Spring-Rice comentou em certa ocasião, em sua melhor mistura britânica de afeição e provocação, que Roosevelt passava pela vida como um turbilhão; e Herm Hagedorn ressaltou que, depois que Quentin foi derrubado do céu, no verão de 1918, "o menino em Theodore morreu".

Jantei com Laszlo Kreizler no Delmonico’s nessa noite e mencionei o comentário de Hagedorn. Durante os dois pratos seguintes da refeição, ouvi uma longa explicação, tipicamente arrebatada, do motivo pelo qual a morte de Quentin foi mais que apenas dolorosa para Theodore: ele sentira também uma culpa profunda, culpa por haver incutido de tal forma sua filosofia da “vida dinâmica” em todos os seus filhos, que eles muitas vezes se colocavam deliberadamente em situações de perigo, sabendo que isso agradaria a seu amado pai. A dor era quase insuportável para Theodore, eu sempre soube disso; em todas as ocasiões em que tinha de confrontar a morte de alguém muito próximo, ele dava a impressão de que talvez não sobrevivesse à luta. Contudo, foi só nessa noite, enquanto escutava Kreizler, que compreendi em que extensão a incerteza moral era também intolerável para o vigésimo sexto presidente norte-americano, que às vezes parecia se considerar a Justiça personificada.

Kreizler... Ele não quis comparecer ao funeral, mas certamente Edith Roosevelt teria apreciado sua presença. Ela sempre foi parcial em relação ao homem a quem chama de “o enigma”, o médico brilhante cujos estudos da mente humana têm perturbado tantas pessoas, e de modo tão profundo, ao longo dos últimos quarenta anos. Kreizler escreveu um bilhete para Edith explicando que não lhe agradava a ideia de um mundo sem Theodore, e como está agora com 64 anos, tendo passado a vida a contemplar de frente as mais terríveis realidades, acha que merece a indulgência de ignorar o falecimento do amigo. Edith me contou, hoje, que a leitura do bilhete de Kreizler a comoveu até as lágrimas, porque ela compreendeu que a afeição ilimitada e o entusiasmo de Theodore – que revoltavam tantos céticos, e, às vezes, sou obrigado a admitir, na defesa da integridade jornalística, eram difíceis de tolerar até para os amigos – haviam sido bastante fortes para afetar um homem cujo afastamento da maioria da sociedade humana parecia intransponível a quase todas as outras pessoas.

Alguns dos companheiros do *Times* queriam que eu fosse hoje a um jantar

memorial, mas concluí que uma noite tranquila em companhia de Kreizler seria muito mais apropriada. Não foi por nostalgia de uma infância compartilhada em Nova York que levantamos nossos copos, porque Laszlo e Theodore só se conheceram em Harvard. Nada disso. Kreizler e eu concentrávamos nosso coração na primavera de 1896 – há quase um quarto de século! – e em uma série de eventos que ainda parecem bizarros demais para haverem ocorrido até mesmo nesta cidade. Ao final da sobremesa e do Madeira (e como era pungente ter um jantar memorial no Delmonico's, o bom e velho DeI's, agora saindo de cena, como todos nós, mas naquele tempo era o cenário exuberante de alguns dos nossos encontros mais importantes), nós dois ríamos e balançávamos a cabeça, espantados até hoje por havermos sobrevivido à provação com a pele intacta; e ainda tristes, como eu podia perceber no rosto de Kreizler e sentir em meu próprio peito, ao pensar nos que não conseguiram.

Não há uma maneira simples de descrever. Eu poderia dizer, em retrospectiva, que parece que a vida de nós três, assim como a de muitos outros, dirigia-se de forma inevitável e fatídica para aquela experiência; mas, nesse caso, eu estaria entrando no tema do determinismo psicológico e questionando o livre-arbítrio do homem – em outras palavras, reabrindo a charada filosófica que envolveu de modo irresistível os acontecimentos escabrosos, como a única ária possível de cantarolar de uma ópera difícil. Ou poderia dizer que, no decorrer daqueles meses, Roosevelt, Kreizler e eu, ajudados por algumas das melhores pessoas que já conheci, seguimos a pista de um monstro assassino e acabamos nos deparando com uma criança assustada; mas isso seria deliberadamente vago, repleto da "ambiguidade" que parece fascinar tanto os atuais romancistas e que tem me mantido, nos últimos tempos, afastado das livrarias e das casas de espetáculos. Não, só há um jeito de fazer, que é contar a história toda, retornar àquela primeira noite macabra, ao primeiro corpo esquartejado; e voltar ainda mais aos nossos dias com o professor James, em Harvard. Isso mesmo, revolver tudo e, por fim,

apresentar ao público – é o único jeito.

O público pode não gostar; para ser franco, foi a preocupação com a reação do público que nos forçou a guardar o segredo por tantos anos. A maioria dos obituários de Theodore não fez nenhuma referência ao caso. Ao relacionar suas realizações como presidente da Junta de Comissários do Departamento de Polícia da Cidade de Nova York de 1895 a 1897, apenas o *Herald* – que quase ninguém lê hoje em dia – arrematou, de forma um tanto contrafeita, dizendo: "E, é claro, a solução dos terríveis assassinatos de 1896, que tanto consternaram a cidade". Theodore, no entanto, nunca reivindicou o crédito por essa solução. Na verdade, ele foi bastante sincero, apesar de seus escrúpulos, ao atribuir a investigação a um homem que *poderia* resolver o mistério. Em particular, porém, sempre reconheceu que esse homem era Kreizler.

No entanto, ele dificilmente poderia admitir isso em público. Theodore sabia que o povo norte-americano ainda não se encontrava preparado para acreditar nele nem sequer para ouvir os detalhes de sua asserção. Será que está agora? Kreizler duvida dessa possibilidade. Comuniquei a ele que tencionava escrever a história, e ele me deu uma de suas risadas sardônicas, comentou que só serviria para assustar e repugnar as pessoas. O país, declarou ele naquela noite, não mudou muito desde 1896, apesar de todo o trabalho de gente como Theodore, Jake Riis e Lincoln Steffens, e de muitos outros homens e mulheres da mesma espécie. Ainda estamos todos correndo, segundo Kreizler – em nossos momentos privados, nós, norte-americanos, continuamos a correr tão depressa e tão amedrontados quanto naquela ocasião, fugindo das trevas que sabemos existir por trás de muitas portas de casas de aparente tranquilidade, fugindo dos pesadelos que ainda são injetados nos crânios de crianças por pessoas a quem, segundo a natureza, deveriam amar, nas quais poderiam confiar; correndo ainda mais depressa, em número cada vez maior, para aquelas poções, elixires, sacerdotes e filosofias que prometem obliterar esses medos e pesadelos, pedindo em troca

apenas uma devoção submissa. Será que ele tem razão?

Mas detesto ambiguidade. Ao início de tudo, portanto!

CAPÍTULO 2

Batidas vigorosas na porta da casa de minha avó, na Washington Square North, 19, levaram primeiro a criada, e depois a própria velha senhora, às portas de seus quartos, às duas horas da madrugada de 3 de março de 1896. Continuei deitado na cama, naquele estado que não é mais de embriaguez, mas que também não se tornou de todo sóbrio, e que em geral é abrandado pelo sono, sabendo que a pessoa na porta procurava a mim, e não por minha avó. Afundei nos travesseiros com fronhas de linho na esperança de que a pessoa, quem quer que fosse, acabasse desistindo e fosse embora.

– Sra. Moore! – ouvi a criada gritar. – É um barulho terrível... devo atender?

– Você, não – respondeu minha avó, com sua voz firme e incisiva. – Acorde meu neto, Harriet. Tenho certeza de que ele esqueceu alguma dívida de jogo.

Ouvi passos se aproximando de meu quarto e concluí que era melhor me aprontar. Desde o rompimento de meu noivado com a srta. Julia Pratt, de Washington, cerca de dois anos antes, eu morava com minha avó, e durante esse período ela se tornara cada vez mais cética em relação à maneira como passava minhas horas de folga. Eu já havia lhe explicado várias vezes que, como repórter policial do *New York Times*, tinha de visitar muitos dos bairros e casas mais sórdidos da cidade e conviver com alguns personagens menos que aceitáveis; porém ela se lembrava bem demais de minha juventude para engolir essa história, que, reconheço, parecia forçada. A maneira como eu voltava para casa, quase todas as noites, reforçava sua suspeita de que era um estado de espírito, e não obrigação profissional, que me atraía para as boates e mesas de jogo do Tenderloin quase todas as noites; e compreendi, ao ouvir o comentário sobre o jogo que ela acabara de fazer para Harriet, que era crucial, naquele momento, projetar a imagem de um homem sóbrio, com

preocupações sérias. Vesti um robe chinês preto, forcei os cabelos para baixo na cabeça e abri a porta, altivo, no momento em que Harriet a alcançava.

– Ora, Harriet, não há necessidade de alarme – declarei, muito calmo, com uma das mãos no bolso do robe. – Eu estava revisando as anotações para uma reportagem e descobri que precisava de algum material da redação. Com toda certeza, é o rapaz trazendo o que pedi.

– John! – berrou minha avó, enquanto Harriet balançava a cabeça, confusa. – É você?

– Não, vovó – respondi, pisando no grosso tapete persa, a caminho da escada. – É o dr. Holmes.

O dr. H. H. Holmes era um vigarista e assassino sádico que esperava o momento de ser enforcado, na Filadélfia. A possibilidade de que ele pudesse escapar antes do encontro com o carrasco e ir até Nova York atrás de minha avó era o maior pesadelo dela, por alguma razão inexplicável. Cheguei à porta de seu quarto e dei-lhe um beijo no rosto, que ela aceitou sem um sorriso, embora evidentemente lhe agradasse.

– Não seja insolente, John. É sua qualidade menos atraente. E não pense que seu charme e beleza me deixarão menos irritada.

As batidas na porta recomeçaram, acompanhadas por uma voz de menino gritando meu nome. Minha avó franziu o cenho ainda mais.

– Mas, quem pode ser? E o que quer a esta hora?

– Deve ser alguém da redação – proclamei, sustentando a mentira, mas já perturbado com a identidade do jovem que investia contra a porta da casa com tanta determinação.

– Da redação? – repetiu minha avó, não acreditando nisso por um momento sequer. – Pois então, vá logo atender!

Desci a escada apressado, mas cauteloso, e lá embaixo constatei que conhecia de fato a voz que me chamava, mas não podia identificá-la com precisão. Também não me tranquilizava o fato de ser uma voz jovem, já que alguns dos ladrões e assassinos mais brutais que havia encontrado na Nova

York de 1896 não passavam de adolescentes.

– Sr. Moore! – suplicou o jovem outra vez, aplicando mais alguns dos seus saudáveis murros na porta. – Preciso falar com o sr. John Schuyler Moore!

Parei no piso de quadrados brancos e pretos de mármore do vestíbulo.

– Quem é? – indaguei, estendendo a mão para a maçaneta da porta.

– Sou eu, senhor! Stevie!

Deixei escapar um ligeiro suspiro de alívio e destranquei a pesada porta de madeira. Lá fora, à tênue claridade de uma lamparina a gás – o único na casa que minha avó se recusara a substituir por uma lâmpada elétrica –, estava Stevie Taggert, "Stevepipe", como era conhecido. Em seus primeiros onze anos de vida, Stevie se tornara a praga de quinze delegacias policiais; mas, depois, reformara-se, e era agora cocheiro e serviçal do eminente médico e alienista dr. Laszlo Kreizler, meu bom amigo. Stevie se encostou em uma das colunas brancas na frente da porta e fez um esforço para recuperar o fôlego. Era evidente que alguma coisa o deixara apavorado.

– Stevie! – exclamei, percebendo que seus longos cabelos castanhos estavam encharcados de suor. – O que aconteceu?

Olhando além dele, avistei a pequena caleche canadense de Kreizler. A coberta da carruagem preta estava arriada, e o capão preto que a puxava, Frederick, encontrava-se no mesmo estado de Stevie, banhado de suor, que fumegava no ar do início de março.

– O dr. Kreizler veio com você?

– O doutor disse que tem de vir comigo! – respondeu Stevie, falando depressa, tendo já recuperado o fôlego. – Imediatamente!

– Mas, para onde? São duas horas da madrugada...

– Imediatamente!

Era óbvio que ele não tinha condições de explicar, por isso, mandei que esperasse enquanto me vestia. Assim que entrei no quarto, minha avó gritou que qualquer coisa que eu e "aquele esquisito dr. Kreizler" fôssemos fazer às duas horas da madrugada, certamente não era respeitável. Procurei ignorá-la

da melhor forma que pude e saí de casa, vestindo o casaco de *tweed* ao embarcar na caleche.

Mal tive tempo de sentar direito e Stevie logo açoitou Frederick com um chicote comprido. Caindo no banco de couro marrom, pensei em repreender o rapaz, mas outra vez a expressão de medo em seu rosto me impressionou. Segurei-me, enquanto a caleche rodava em uma velocidade um tanto alarmante pelas pedras do calçamento da Washington Square. Os solavancos só diminuíram um pouco quando entramos na rua de lajes compridas e largas da Broadway. Seguíamos para o centro e para leste, na direção daquela parte de Manhattan em que Laszlo Kreizler exercia seu ofício e onde a vida se tornava, à medida que avançávamos, mais e mais insignificante e sórdida: o Lower East Side.

Por um momento, pensei que talvez houvesse acontecido alguma coisa com Laszlo. Isso explicaria, sem dúvida, a ansiedade com que Stevie chicoteava Frederick, um animal que ele costumava tratar com a maior gentileza. Kreizler foi o primeiro ser humano que conseguiu arrancar mais que uma mordida ou um soco de Stevie, e era, com certeza, o único motivo pelo qual o rapaz não ficou naquela instituição da ilha Randall, conhecida, em um grande eufemismo, como “Lar de Refúgio dos Meninos”. Além de ser, como dizia o Departamento de Polícia, “um ladrão, punguista, viciado em nicotina, chamariz” – membro de uma banca que atrai os otários para o jogo – “e uma ameaça destrutiva congênita”, ao completar dez anos de idade, Stevie agredira e machucara bastante um dos guardas da ilha Randall, alegando que este tentara assaltá-lo. (“Assalto”, na linguagem dos jornais há um quarto de século, significava quase invariavelmente estupro.) Como o guarda tinha esposa e família, a honestidade do rapaz fora questionada, e depois sua própria sanidade, e fora nessa ocasião que Kreizler entrara em cena, como um dos mais eminentes especialistas da época em psiquiatria forense. Na audiência sobre a sanidade de Stevie, Kreizler pintara um quadro magistral da vida do menino nas ruas desde os três anos de idade, quando fora abandonado

pela mãe, que se tornara viciada em ópio e acabara como amante de um fornecedor chinês da droga. O juiz ficara impressionado com o discurso de Kreizler e cético sobre o depoimento do guarda ferido; mas só concordou em libertar Stevie quando Kreizler se ofereceu para assumir a custódia e a responsabilidade pelo comportamento futuro do garoto. Na ocasião, eu achei que Laszlo enlouquecera; mas não havia a menor dúvida de que em pouco mais de um ano Stevie se tornara um jovem muito diferente. E, como quase todos que trabalhavam para Laszlo, o garoto era devotado ao patrão, apesar daquela peculiar qualidade de distância emocional que fazia Kreizler parecer tão desconcertante para muitos que o conheciam.

– Stevie – gritei por cima do barulho das rodas da caleche sobre os blocos de granito irregulares –, onde está o dr. Kreizler? Ele está bem?

– No Instituto! – respondeu Stevie com seus olhos azuis arregalados.

A base de trabalho de Laszlo era no Instituto Infantil Kreizler, uma combinação de escola e centro de pesquisas que ele fundara durante a década de 1880. Eu ia perguntar o que ele fazia ali àquela hora, mas engoli a indagação quando atravessamos a uma velocidade vertiginosa o movimentado cruzamento da Broadway com a Houston Street. Ali, como alguém comentou uma ocasião em um rasgo de sabedoria, era possível disparar uma espingarda em qualquer direção sem o risco de atingir um homem honesto. Stevie se permitiu a satisfação de fazer que bêbados, jogadores, viciados em morfina e cocaína, prostitutas e seus marujos, e meros vagabundos pulassem para a segurança da calçada; e desse santuário, quase todos nos xingaram.

– Quer dizer que também vamos para o Instituto? – Gritei.

Stevie, no entanto, não respondeu, concentrado em fazer o cavalo virar à esquerda, na Spring Street, onde interrompemos os negócios feitos diante de dois ou três *saloons*, onde prostitutas que passavam por bailarinas combinavam encontros posteriores, em hotéis ordinários, com desafortunados otários, que, em geral, vinham do interior. Da Spring, Stevie entrou na

Delancey Street – que estava sendo alargada para receber o esperado tráfego da nova ponte de Williamsburg, cuja construção começara pouco antes – e passamos pelas fachadas escuras de vários teatros. Podíamos ouvir nas ruas transversais os sons desesperados e dementes que provinham de espeluncas sórdidas, onde se vendiam as bebidas mais adulteradas, em que se misturavam tudo, de benzina a cânfora, a um níquel o copo, em cima de uma tábua imunda que passava por bar. Stevie não diminuiu a velocidade; seguíamos. Ao que tudo indicava, para a beira da ilha.

Fiz uma última tentativa de comunicação:

– Não vamos para o Instituto?

Stevie sacudiu a cabeça em resposta e, então, estalou outra vez o chicote comprido. Dei de ombros. Recostei-me no banco da caleche e especulei sobre o que poderia ter assustado um garoto assim – que em sua curta vida já havia conhecido muitos dos horrores que Nova York tinha a oferecer – com tanta intensidade.

Seguindo pela Delancey Street, passamos pelas barracas fechadas de frutas e roupas de segunda mão e entramos em um dos piores guetos de cortiços e barracos do Lower East Side, a área perto do rio um pouco acima de Corlears Hook. Um mar vasto e depressivo de barracos e cortiços se estendia para os dois lados. Era um caldeirão de culturas e línguas imigrantes diferentes, com o predomínio de irlandeses ao sul da Delancey Street e os húngaros mais ao norte, perto da Houston. Uma igreja ocasional, de uma ou outra denominação, era visível entre as fileiras intermináveis de habitações miseráveis com roupas penduradas em varais, mesmo naquela manhã fria. Algumas peças estavam congeladas, quase sólidas, torcidas pelo vento em ângulos que podiam parecer estranhos; na verdade, porém, nada podia ser de fato considerado anormal em um lugar assim, onde almas furtivas saíam apressadas de portas escuras para vielas ainda mais escuras, envoltas quase sempre por pouco mais que trapos, os pés descalços pisando em estrume de cavalo, urina e fuligem que cobriam as ruas. Estávamos em um distrito que

pouco conhecia das leis, humanas ou não; um distrito que só proporcionava alegria aos visitantes e residentes quando podiam contemplá-lo diminuindo na distância, depois que conseguiam escapar.

Quase no final da Delancey Street, os cheiros do mar e de água doce, junto ao fedor do lixo que os moradores jogavam na beira de Manhattan todos os dias, misturavam-se para produzir o aroma característico da cloaca a que chamamos de East River. Uma enorme estrutura logo surgiu a nossa frente: a rampa de acesso à ponte de Williamsburg, em construção. Sem parar, e para minha grande consternação, Stevie avançou pelo caminho de tábuas fazendo os cascos do cavalo e as rodas da caleche trovejarem sobre a madeira muito mais alto que sobre a pedra.

Seguimos por um desconcertante labirinto de suportes de aço. Enquanto eu me perguntava qual poderia ser nosso destino – pois as torres de sustentação da ponte ainda se encontravam longe de ser concluídas, e alguns anos ainda transcorreriam antes da inauguração –, comecei a divisar, assomando à frente, o que parecia ser um enorme templo chinês. Composta de imensos blocos de granito e coroada por duas torres quadradas, cercadas por um frágil passadiço de aço, aquela estranha estrutura era a âncora da ponte no lado de Manhattan, onde um dia seriam presas as extremidades dos enormes cabos de aço que sustentariam o vão central da ponte. De certa forma, porém, minha impressão de que se tratava de um templo não estava muito longe da realidade: como a ponte do Brooklyn, cujas arcadas góticas eu podia ver delineadas contra o céu noturno, ao sul, aquela nova passagem sobre o East River era um lugar em que a vida de muitos operários havia sido sacrificada à fé da engenharia, que nos últimos quinze anos produzira maravilhas espetaculares por toda Manhattan. O que eu não sabia era que o sacrifício de sangue efetuado no alto da âncora oeste da ponte de Williamsburg, naquela noite em particular, era de uma natureza muito diferente.

Perto da entrada para as torres no alto da âncora, sob a luz tênue de umas poucas lâmpadas elétricas e lanternas portáteis, havia vários guardas, cujas

insígnias de bronze indicavam que eram da 13ª Delegacia (pela qual passáramos momentos antes, na Delancey Street). Também se encontrava ali um sargento da 15ª, fato que me pareceu estranho – em dois anos como repórter policial do *Times*, para não mencionar uma infância em Nova York, eu aprendera que cada delegacia de Polícia da cidade guardava seu território com o maior zelo. (E até houve uma ocasião, em meados do século, em que diversas facções da Polícia guerrearam entre si.) Para que o pessoal da 13ª admitisse a presença de alguém da 15ª, o que acontecera ali devia ser de extrema importância.

Stevie, por fim, parou o cavalo perto dos guardas, saltou e foi puxar o animal pelo freio, levando-o para a lateral do caminho, perto de uma enorme pilha de material de construção e ferramentas. O garoto olhava para os guardas com uma desconfiança familiar. O sargento da 15ª Delegacia, um irlandês alto, cujo rosto pálido só era notável porque não ostentava o enorme bigode tão comum em sua profissão, logo se adiantou e estudou Stevie com um sorriso ameaçador.

– É o pequeno Stevie Taggert, não é? – murmurou ele, com seu sotaque irlandês. – Não acha que o comissário me fez vir até aqui só para lhe dar uns cascudos, não é mesmo, seu monte de bosta?

Desci da caleche e me aproximei de Stevie, que olhava para o sargento com uma expressão soturna.

– Não dê importância, Stevie – falei, o mais solidário possível. – A estupidez sempre acompanha o capacete de couro.

O garoto sorriu, e eu acrescentei:

– Mas eu não me importaria se me contasse por que me trouxe até aqui.

Stevie acenou com a cabeça para a torre do norte, tirando do bolso um cigarro todo amassado.

– Lá em cima. O doutor disse que deve subir.

Encaminhei-me à entrada no muro de granito, mas Stevie continuou ao lado do cavalo.

– Não vem comigo?

O garoto estremeceu, virou-se, acendeu o cigarro.

– Já vi uma vez. E se nunca mais tornar a ver será melhor para mim. Quando estiver pronto para voltar, sr. Moore, poderá me encontrar aqui. Instruções do doutor.

Senti uma crescente apreensão ao continuar andando para a entrada, onde o sargento me deteve, segurando-me pelo braço.

– Quem é você, que veio até aqui com o jovem Stevepipe, a esta hora que nada tem de respeitável? Afinal, este é o local de um crime.

Comuniquei ao sargento meu nome e minha ocupação, e ele sorriu, exibindo um impressionante dente de ouro.

– Ah, um representante da imprensa, e do *Times*, ainda por cima! Muito bem, sr. Moore. Também acabei de chegar. Um chamado urgente; aparentemente, não havia mais ninguém em quem pudessem confiar. O nome é Flynn, senhor, F-I-y-n-n, se quiser escrevê-lo, e não diga que sou da ronda. Sou sargento. Vamos subir juntos. E você, jovem Stevie, trate de se comportar ou o mandarei de volta para a ilha Randall mais depressa do que pode cuspir!

Stevie virou-se para o cavalo.

– Ele bem que podia ir à merda – murmurou o garoto, bastante alto para que o sargento escutasse.

Flynn olhou para ele com uma expressão de raiva letal, mas lembrou-se de minha presença e fez um esforço para se controlar.

– Incorrigível, esse garoto, sr. Moore. Não posso imaginar o que um homem de sua classe faz em companhia dele. Sem dúvida, precisa de Stevie como um contato com o submundo. E agora, tratemos de subir, senhor. Tome cuidado, pois está muito escuro.

E estava mesmo. Tropecei algumas vezes na subida por um lance de escada, no topo do qual me deparei com o vulto de outro capacete de couro. Era um guarda – um guarda de ronda, da 13ª Delegacia –, que nos examinou com

toda a atenção, depois se voltou e gritou para alguém:

– É Flynn, senhor. Acabou de chegar.

Saímos da escada para uma sala pequena, cheia de cavaletes, tábuas, baldes com rebites, fragmentos de metal e arame. As janelas amplas ofereciam uma visão plena do horizonte em todas as direções – a cidade por trás de nós, o rio e as torres inacabadas da ponte a nossa frente. Um vão de porta dava para o passadiço que subia em torno da torre. Ao seu lado postava-se um sargento dos detetives, barbudo, de olhos pequenos, chamado Patrick Connor, a quem reconheci de minhas visitas à Chefatura de Polícia, na Mulberry Street. Junto dele, olhando para o rio, com as mãos cruzadas nas costas, balançando nas pontas dos pés, estava uma figura muito mais familiar: Theodore.

– Sargento Flynn – disse Roosevelt, sem se virar –, foi um crime terrível que nos levou a chamá-lo, infelizmente. Chocante.

Meu desconforto aumentou de repente, quando Theodore se voltou para nos fitar. Não havia nada de excepcional em sua aparência: um terno xadrez caro, talvez um pouco dândi, do tipo que era apreciado naquela época; os óculos, que, como os olhos por trás, eram muito pequenos para a cabeça quadrada; o bigode espesso, com fios eriçados, por baixo do nariz largo. Não obstante, sua fisionomia parecia estranha demais naquela noite. E foi então que me ocorreu o motivo para isso: os dentes. Seus numerosos dentes, em geral ostensivos, não se achavam à vista. Ele comprimia a boca no que parecia ser uma raiva exaltada ou remorso. Era óbvio que alguma coisa deixara Roosevelt profundamente abalado; e seu desalento aumentou ao me ver.

– Mas o que... Moore! O que está fazendo aqui?

– Também estou feliz por vê-lo, Roosevelt – consegui murmurar, apesar do nervosismo, estendendo a mão.

Ele a apertou, e por um momento não fez nenhuma tentativa de soltá-la.

– O que... desculpe-me, Moore. Eu... também estou contente em vê-lo, é claro. Mas, quem lhe contou...

– Contou o quê? Fui sequestrado e trazido para cá pelo garoto que trabalha

para Kreizler. Por ordens dele, sem a menor explicação.

– Kreizler! – Exclamou Theodore em um tom de urgência.

Ele olhou pela janela com um olhar confuso, quase assustado, coisa que raramente acontecia.

– É verdade, Kreizler esteve aqui – acrescentou.

– Esteve? Quer dizer que ele já foi embora?

– Antes de minha chegada. Deixou um bilhete. E um relatório. – Theodore mostrou um papel na mão esquerda. – Ou, pelo menos, um relatório preliminar. Ele foi o primeiro médico que conseguiram localizar. Embora fosse inútil...

Segurei-o pelo ombro.

– O que aconteceu, Roosevelt?

– Eu também não me importaria de saber, comissário – acrescentou o sargento Flynn com extrema subserviência, que chegava a ser repulsiva. – Quase não dormimos na 15ª, e eu havia acabado de...

– Está certo – disse Roosevelt, recuperando o controle. O estômago vai bem, senhores?

Não falei nada, e Flynn fez um gracejo absurdo sobre a ampla variedade de cenas macabras que já encontrara ao longo da vida; mas os olhos de Theodore já haviam assumido uma expressão fria e profissional. Ele apontou a passagem para o passadiço externo. O sargento detetive Connor deu um passo para o lado, e Flynn passou primeiro.

Meu pensamento inicial, ao sair para o passadiço, e apesar de minha apreensão, foi de que a vista dali era ainda mais peculiar que através das janelas da torre. Do outro lado da massa de água ficava Williamsburg, outrora uma pacata comunidade rural, mas agora tornando-se depressa uma parte agitada da metrópole que, em poucos meses, se tornaria oficialmente a Grande Nova York. Para o sul, outra vez, a ponte do Brooklyn; para sudoeste, a distância, as novas torres da Printing House Square; e abaixo de nós, as águas escuras e impetuosas do rio.

E foi então que vi.

CAPÍTULO 3

Foi estranho o tempo que minha mente levou para encontrar algum sentido na imagem. Ou talvez não; havia tanta coisa errada, tão deslocada, tão... distorcida. Como eu poderia esperar ser capaz de absorver tudo em um instante?

Havia no passadiço o corpo de uma pessoa jovem. Digo “pessoa” porque os atributos físicos eram de um rapaz adolescente, mas as roupas (pouco mais que uma blusa, em que faltava uma manga) e a pintura no rosto eram de uma moça. Ou melhor, de uma mulher, e de reputação duvidosa, ainda por cima. Os pulsos da infeliz criatura estavam amarrados às costas, as pernas dobradas em uma posição ajoelhada, o rosto comprimido contra o aço do passadiço. Não havia sinal de calça nem sapatos, apenas uma meia, que pendia, patética, de um pé. Mas o que fizeram ao corpo...

O rosto não fora muito espancado – a maquiagem continuava intacta –, mas onde antes havia olhos, só existiam agora buracos vazios, ensanguentados e profundos. Um enigmático pedaço de carne se projetava da boca. Um talho largo se estendia pela garganta, mas havia pouco sangue perto da abertura. Cortes enormes cruzavam o abdome, deixando à mostra a massa de órgãos internos. A mão direita fora decepada. Havia outro ferimento escancarado e horrível na virilha, explicando o que se encontrava na boca – os órgãos genitais haviam sido cortados e enfiados ali. As nádegas também haviam sido rasgadas, no que pareciam ser enormes... só poderiam ser classificados como entalhes.

No minuto ou dois que levei para registrar todos esses detalhes, a vista ao redor se desvaneceu em um mar de escuridão indistinguível, e o que pensei ser o ruído de um navio singrando o rio era meu próprio sangue latejando nos

ouvidos. Com a súbita conclusão de que poderia vomitar, tratei de me virar, segurei a grade do passadiço e estiquei a cabeça por cima da água.

– Comissário! – gritou Connor, saindo da torre.

Mas foi Theodore quem me alcançou primeiro, em um salto rápido.

– Calma, John, calma – murmurou ele, enquanto me amparava com aquele seu corpo esguio, mas de uma força extraordinária, que lembrava a de um pugilista. – Respire fundo.

Enquanto seguia suas instruções, ouvi um assovio longo de Flynn, que continuava a olhar para o corpo.

– É isso aí – disse ele, dirigindo-se ao cadáver, sem parecer muito preocupado. – Alguém acabou com você, hein, Georgio-vulgo-Gloria? E ficou horrível.

– Quer dizer que conhece a criança, Flynn? – Indagou Theodore, encostando-me na parede da torre.

Minha cabeça já começava a desanuviar.

– Conheço, comissário. – Na semiescuridão, Flynn parecia estar sorrindo. – Só que não era nenhuma criança, se julgarmos a infância pelo comportamento. O nome da família é Santorelli. Não deve ter mais que treze anos, ou por aí. Essa coisa se chamava Georgio, mas assumiu o nome de Gloria quando começou a trabalhar no Paresis Hall.

– Coisa? – Falei, enxugando o suor frio da testa com o punho do casaco. – Por que o chama de coisa?

O sorriso de Flynn se alargou.

– De que outra forma poderia chamar, sr. Moore? Não era um homem, a julgar por seu comportamento... mas Deus também não o criou mulher. Para mim, toda essa espécie é coisa.

Theodore pousou as mãos nos quadris, apertando os punhos; avaliou Flynn, dizendo:

– Não estou interessado em sua análise filosófica da situação, sargento. Independentemente de qualquer outro fator, o menino era uma criança e foi

assassinado.

Flynn soltou uma risada, lançando outro olhar para o corpo.

– Não há como contestar *isso*, senhor!

– Sargento! – disse Theodore, e sua voz sempre um pouco estridente demais para sua aparência tornou-se mais irritante que o habitual enquanto gritava com Flynn, que se empertigou no mesmo instante. – Não quero ouvir mais nenhuma palavra sua, senhor, a não ser para responder às minhas perguntas. Entendido?

Flynn balançou a cabeça, mas o ressentimento cínico e irônico que todos os antigos funcionários do departamento acalentavam contra o comissário, que em apenas um ano assumira o comando de fato da Polícia, permaneceu evidente na ligeira contração de seus lábios. Theodore não poderia deixar de perceber.

– Muito bem – continuou Theodore, à sua maneira peculiar, dando a impressão de que cortava cada palavra que saía de sua boca. – Você disse que o garoto se chamava Georgio Santorelli, e que trabalhava no Paresis Hall. É o estabelecimento de Biff Ellison, na Cooper Square, não é mesmo?

– O próprio, comissário.

– E onde acha que o sr. Ellison se encontra neste momento?

– Neste momento? Ora, no Hall, senhor.

– Vá até lá. Avise a ele que quero vê-lo na Mulberry Street amanhã de manhã.

Pela primeira vez, Flynn se mostrou preocupado.

– Amanhã? Com todo respeito, comissário, mas o sr. Ellison não é o tipo de homem que aceita de bom grado esse tipo de convocação.

– Pois, então, prenda-o – declarou Theodore, voltando-se para olhar na direção de Williamsburg.

– Prendê-lo? Ora, comissário, se prendêssemos cada proprietário de bar ou bordel que abriga prostitutos, só porque um deles levou uma surra ou foi assassinado, nunca...

– Talvez queira me explicar o verdadeiro motivo de sua resistência – interrompeu-o Theodore, começando a flexionar às costas seus punhos vigorosos.

Ele se adiantou, quase encostou os óculos no rosto de Flynn.

– O sr. Ellison, por acaso, é uma de suas principais fontes de propina?

Flynn arregalou os olhos, mas conseguiu se empertigar, altivo, e fingir orgulho ferido.

– Sr. Roosevelt, estou na força policial há quinze anos e creio que sei como esta cidade funciona. Não se pode pressionar um homem como o sr. Ellison só porque um imigrante ordinário por fim encontrou o que procurava!

Não seria preciso mais que isso, como eu sabia muito bem. E foi uma sorte para Roosevelt que eu soubesse, pois se não houvesse me adiantado nesse exato instante para segurar seus braços, ele teria surrado Flynn, com toda certeza, até deixá-lo todo ensanguentado.

– Não, Roosevelt, não! – sussurrei em seu ouvido. – É isso o que a laia dele quer, como sabe muito bem! Agrida um homem de uniforme e eles vão pedir sua cabeça, e o prefeito não poderá fazer nada!

Roosevelt respirava com dificuldade, Flynn sorria de novo, e o sargento detetive Connor e o guarda se preparavam para a interferência física. Sabiam que sua posição era precária naquele momento, entre a poderosa onda da reforma municipal que varrera Nova York com as descobertas da Comissão Lexow sobre a corrupção policial, um ano antes (e Roosevelt era um grande expoente dessa reforma), e o poder talvez ainda maior dessa mesma corrupção, que existia desde que havia Polícia e agora aguardava quieta sua hora, esperando que o povo se cansasse da moda passageira da reforma e tudo voltasse a ser como antes.

– A opção é simples para você, Flynn – conseguiu dizer Roosevelt, com uma dignidade inabalada, o que era notável para um homem com tanta raiva. – Ellison em minha sala ou seu distintivo em minha mesa. Amanhã de manhã.

Flynn desistiu da luta, furioso.

– Claro, *Comissário.*

Ele se voltou, encaminhou-se para a escada da torre, murmurando alguma coisa sobre “um maldito garoto da sociedade querendo bancar o policial”. Um dos guardas de vigia embaixo subiu para avisar que o veículo do médico-legista chegara e estava pronto para levar o corpo. Roosevelt mandou que esperassem alguns minutos e em seguida dispensou Connor e o guarda. Ficamos sozinhos no passadiço, exceto pelos macabros restos mortais do que fora outrora, ao que tudo indicava, um dos muitos jovens perturbados e desesperados que a cada temporada eram expelidos pelo oceano sinistro e miserável de cortiços e barracos que se estendia para oeste. Forçadas a usar quaisquer meios de que dispusessem – e os de Georgio Santorelli haviam sido os mais básicos – para sobreviver por conta própria, essas crianças se encontravam mais *completamente* sozinhas do que poderia imaginar qualquer pessoa que desconhecesse os guetos da cidade de Nova York em 1896.

– Kreizler calcula que o garoto foi morto no início da noite – informou Theodore, olhando para o papel em sua mão. – Alguma coisa relacionada com a temperatura do corpo. Portanto, é possível que o assassino ainda esteja na área. Mandei alguns homens fazerem uma revista. Há mais uns poucos detalhes médicos, e este recado.

Theodore me entregou o papel e vi rabiscos no bloco de anotações que ele agitava: “ROOSEVELT: ERROS TERRÍVEIS FORAM COMETIDOS. ESTAREI DISPONÍVEL PELA MANHÃ OU PARA O ALMOÇO. DEVEMOS COMEÇAR – HÁ UM PRAZO.”.

Por um momento, tentei encontrar algum sentido naquilo.

– Não sei por que ele tem de ser tão enigmático – foi a única conclusão a que pude chegar.

Theodore ainda foi capaz de soltar uma risada.

– É isso. Pensei a mesma coisa, a princípio. Mas creio que compreendo agora, depois de examinar o corpo. Tem alguma ideia, Moore, de quantas

pessoas são assassinadas em Nova York a cada ano?

– Não.

Lancei outro olhar curioso para o cadáver, mas logo me reprimi, ao ver a maneira cruel pela qual o rosto fora comprimido contra o passadiço de aço, de tal forma que a mandíbula inferior estava puxada para baixo, em um ângulo grotesco, longe da superior, com buracos negros avermelhados no lugar dos olhos.

– Se tivesse de dar um palpite, diria centenas. Talvez até mil ou duas mil – acrescentei.

– Eu também – disse Roosevelt. – Mas seria apenas um palpite. Porque sequer prestamos atenção à maioria. É claro que a Polícia se empenha ao máximo quando a vítima é respeitável e rica. Mas um garoto assim, um imigrante que se tornou carne de aluguel... tenho vergonha de dizer isso, Moore, mas não há precedentes para investigar um caso desse tipo, como você deve ter percebido pela atitude de Flynn. – Ele tornou a pôr as mãos nos quadris. – Estou cansado disso. Nestes distritos infames, maridos e mulheres se matam, bêbados e viciados em drogas assassinam trabalhadores decentes, prostitutas são mortas e cometem suicídio às dezenas, e quase sempre isso é encarado apenas como um espetáculo macabro e divertido pelas pessoas de fora. O que é lamentável. Mas quando as vítimas são crianças assim, e a reação geral não é muito diferente do comportamento de Flynn... por Deus, não posso deixar de me sentir em guerra com minha própria gente! Já tivemos neste ano três casos assim, e não houve o menor empenho das delegacias, muito menos dos detetives!

– Três? Eu só tinha conhecimento da garota no Draper’s.

Shang Draper dirigia um notório bordel na esquina da 6th Avenue com a 24th Street, onde os fregueses podiam comprar os favores de crianças (em geral meninas, mas de vez em quando um garoto também) entre nove e quatorze anos de idade. Em janeiro, uma garota de dez anos fora encontrada em um dos quartos do bordel espancada até a morte.

– E só se soube desse caso porque Draper atrasou o pagamento das propinas – murmurou Roosevelt.

A encarniçada batalha contra a corrupção, travada pelo atual prefeito, coronel William L. Strong, e assistentes como Roosevelt, era corajosa, mas ainda não conseguira erradicar a mais antiga e lucrativa atividade da Polícia: a coleta de propinas dos donos de bares, boates, bordéis, casas de jogo, centros de venda de ópio e todos os outros estabelecimentos dedicados ao vício.

– Alguém na 16ª Delegacia, ainda não sei quem, contou a história à imprensa para pressionar. No entanto, as outras duas vítimas eram garotos como este, encontrados nas ruas, portanto, inúteis para tentar pressionar seus proxenetas. Por isso, as histórias foram abafadas...

Sua voz foi definhando no marulho da água embaixo e a constante brisa do rio.

– Ambos estavam assim? – indaguei, enquanto Theodore observava o corpo.

– Praticamente. Garganta cortada. E ambos foram atacados por ratos e aves, como este. Uma cena macabra.

– Ratos e aves?

– Os olhos – explicou Roosevelt. – O sargento detetive Connor atribui isso a ratos ou aves carniceiras. Mas, o resto...

Não saíra coisa nenhuma nos jornais sobre esses dois outros homicídios, mas, também, não era tão surpreendente assim. Como Roosevelt dissera, os assassinatos que pareciam insolúveis, e que ocorriam entre os pobres ou párias, quase nunca eram registrados pela Polícia, muito menos investigados; e quando as vítimas pertenciam a um segmento da sociedade cuja existência em geral não se reconhecia, então as possibilidades de conhecimento público se reduziam de mínimas a nenhuma. Especulei por um momento o que diriam meus editores no *Times* se eu lhes sugerisse publicar uma reportagem sobre um garoto que ganhava a vida se pintando como uma prostituta e vendendo

seu corpo a homens (muitos aparentemente respeitáveis), mutilado em um canto obscuro da cidade. Teria sorte se escapasse com uma demissão; o resultado mais provável seria o internamento compulsório no hospício de Bloomingdale.

– Não falo com Kreizler há anos – comentou Roosevelt depois de um longo momento de silêncio. – Ele me mandou um bilhete muito decente quando... em um momento muito difícil para mim.

Eu compreendia o constrangimento de Theodore. Ele se referia à morte de sua primeira esposa, em 1884, depois do nascimento de sua primeira filha, batizada com o mesmo nome. A perda naquele dia fora dupla e terrível, porque sua mãe também morrera, horas depois da esposa. Theodore lidara com a tragédia de uma forma típica, isolando a memória triste e sacrossanta da esposa e nunca mais tornando a mencioná-la.

Ele tentou se recompor, e se voltou para mim.

– Seja como for, o bom doutor devia ter um motivo ao pedir que você viesse até aqui.

– Não tenho a menor ideia de qual poderia ser – respondi, dando de ombros.

– Sei disso – comentou Theodore, com outra risada afetuosa. – Inescrutável como um chinês, esse nosso amigo Kreizler. E, talvez, como ele, eu tenha convivido demais com coisas estranhas e horríveis nestes últimos meses. Mas creio que posso adivinhar o propósito de Kreizler. O problema, Moore, é que tive de ignorar os outros assassinatos iguais a este porque não havia no departamento a menor vontade de investigá-los. Mesmo que houvesse, nenhum dos nossos detetives é treinado para encontrar algum sentido em uma chacina assim. Mas este garoto, esta coisa horrível e sinistra... a justiça não pode ser cega indefinidamente. Tenho um plano, e acho que Kreizler também tem o dele... e suponho que é *você* quem vai nos unir.

– *Eu*?

– Por que não? Assim como fez em Harvard, quando nos conhecemos.

– Mas, o que devo fazer?

– Leve Kreizler ao meu gabinete amanhã. No final da manhã, como ele propôs. Partilharemos ideias e veremos o que se pode fazer. Mas, lembre-se, seja discreto. Para os outros, será apenas uma reunião social de velhos amigos.

– Ora, Roosevelt, *o que* é que será uma reunião social de velhos amigos?

Contudo, eu já o perdera para o enlevo de um plano. Ele ignorou minha indagação queixosa, respirou fundo, estufou o peito, e parecia muito mais confiante que até aquele momento.

– Ação, Moore... vamos responder com ação!

E depois, pegou-me pelos ombros e me deu um abraço apertado. Seu entusiasmo e sua certeza moral ressurgiam com plena força. Quanto ao meu próprio senso de certeza, qualquer certeza, esperei em vão por sua chegada. Tudo o que sabia era que estava sendo atraído para algo que envolvia os dois homens mais determinados que eu já conhecera – e esse pensamento não me oferecia nenhum conforto ao descermos para a caleche de Kreizler, deixando sozinho na torre o corpo do desventurado menino Santorelli, sob o céu enregelante, ainda não tingido por nenhuma insinuação do amanhecer.

CAPÍTULO 4

A chuva fria de março veio com a manhã. Levantei cedo para descobrir que Harriet, misericordiosa, havia me preparado um café forte, torradas e frutas (que ela, baseada na experiência de uma família de ébrios, considerava essencial para qualquer um que bebesse com frequência). Acomodei-me no refúgio envidraçado de minha avó, que dava para seu roseiral ainda adormecido, no quintal dos fundos, e decidi digerir a edição matutina do *Times* antes de tentar telefonar para o Instituto Kreizler. Com a chuva tamborilando no telhado de cobre e nas paredes de vidro ao meu redor, aspirei a fragrância das poucas plantas e flores que minha avó mantinha vivas durante o ano inteiro e peguei o jornal, procurando restabelecer o contato com um mundo que, à luz dos acontecimentos daquela madrugada, parecia súbita e desconcertantemente remoto.

ESPANHA PROTESTA EM FÚRIA, li; o apoio norte-americano aos rebeldes nacionalistas em Cuba (o Congresso dos Estados Unidos considerava a possibilidade de lhes conceder uma posição de beligerantes, o que implicaria um reconhecimento efetivo de sua causa) continuava a causar muita preocupação ao regime brutal e precário em Madri. Tom Platt, o velho e cadavérico mentor republicano da cidade, era criticado pelos editorialistas do *Times* por tentar prostituir a iminente reorganização municipal em uma Grande Nova York – que incluiria o Brooklyn e a Staten Island, além de Queens, Bronx e Manhattan – para os próprios objetivos nefastos. As convenções democrata e republicana, que se realizariam em breve, prometiam se concentrar na questão do bimetalismo, ou se o velho e sólido padrão-ouro da América deveria ser conspurcado pela introdução de moeda baseada na prata. Trezentos e onze negros norte-americanos haviam

embarcado em um navio para a Libéria; e os italianos se amotinavam porque suas tropas haviam sofrido outra derrota desastrosa na guerra contra as tribos abissínias, no outro lado desse continente escuro.

Por mais importante que tudo isso fosse, sem a menor sombra de dúvida, era de pouco interesse para um homem com meu ânimo. Passei para assuntos mais leves. Havia elefantes andando de bicicleta no Proctor's Theatre; um bando de faquires hindus no Hubert Museum, na 14th Street; Max Alvary fazia um brilhante Tristão na Academy of Music; e Lillian Russell era *The Goddess of Truth* no Abbey's. Eleanora Duse era a "No Bernhardt" em *A dama das camélias,* e Otis Skinner, em *Hamlet,* confirmava sua tendência a chorar com muita facilidade e bastante frequência. *O Prisioneiro de Zenda* estava em sua quarta semana no Lyceum – eu já o havia visto duas vezes, e pensei por um momento em ir de novo naquela noite. Era uma grande fuga das preocupações do dia a dia (para não mencionar as visões sinistras de uma noite extraordinária): castelos com fossos cheios de água, batalhas com espadas, um mistério fascinante e mulheres frágeis e deslumbrantes...

Contudo, mesmo enquanto pensava no espetáculo, meus olhos vaguearam para outras notícias. Um homem na 9th Street, que havia algum tempo cortara a garganta do irmão quando se encontrava embriagado, bebera de novo e dera um tiro na mãe; ainda não havia nenhuma pista do brutal assassinato do artista Max Eglau na Instituição para o Aprimoramento de Instrução de Surdos; um homem chamado John Mackin, que matara a esposa e a sogra e depois tentara acabar com a própria vida cortando a garganta, recuperara-se do ferimento, mas agora tentava se matar de inanição. As autoridades haviam convencido Mackin a comer mostrando-lhe o assustador aparelho de alimentação forçada que usariam se ele persistisse em sua intenção, a fim de mantê-lo vivo para o carrasco...

Larguei o jornal. Tomei o último gole do café puro e doce, e depois de um pedaço de um pêssego da Geórgia, redobrei a determinação de ir à bilheteria do Lyceum. Havia acabado de voltar ao quarto para me vestir quando o

telefone tocou, estrondoso, e ouvi minha avó exclamar em seu jardim de inverno, alarmada e contrariada, “Ah, Deus!”. A campainha do telefone sempre a deixava assim, porém ela nunca aceitava nenhuma sugestão de que fosse removida, ou pelo menos abafada.

Harriet veio da cozinha com suas feições suaves de meia-idade salpicadas de bolhas de sabão.

– É o telefone, senhor – ela anunciou, limpando as mãos no avental. – É o dr. Kreizler chamando.

Ajeitando o robe chinês, encaminhei-me para a pequena caixa de madeira perto da cozinha, peguei o pesado receptor preto, encostando-o no ouvido, e pus a outra mão no bocal.

– Alô? É você, Laszlo?

– Ah, então já acordou, Moore! Ótimo!

A voz era fraca, mas a atitude dinâmica, como sempre. As palavras tinham um sotaque europeu. Kreizler emigrara para os Estados Unidos ainda criança, quando o pai alemão, um rico editor republicano de 1848, e a mãe húngara, fugiram da perseguição monarquista para iniciar uma vida um tanto notória em Nova York como exilados políticos.

– A que hora Roosevelt quer falar conosco? – indagou ele, sem considerar a possibilidade de que Roosevelt houvesse recusado sua sugestão.

– Antes do almoço! – informei, aumentando meu tom de voz, como se quisesse compensar a fraqueza da voz dele.

– Por que está gritando? – perguntou Kreizler. – Antes do almoço, hein? Excelente. Assim temos tempo. Já leu o jornal? A matéria sobre o homem chamado Wolff?

– Não.

– Pois, então, leia enquanto se veste.

Olhei para meu robe.

– Como sabia que eu...

– Ele foi internado em Bellevue. Devo avaliá-lo de qualquer maneira, e

podemos fazer algumas perguntas adicionais, para determinar se ele tem alguma ligação com o caso. Depois, iremos à Mulberry Street, uma breve passada pelo Instituto, e almoço no Del's... pombo, eu sugiro, talvez *crepinettes* de pombo. O molho *poivrade* com trufas de Ranhofer é magnífico.

– Mas...

– Cyrus e eu seguiremos direto de minha casa. Você terá de pegar um fiacre. O encontro foi marcado para as nove e meia... procure não chegar atrasado, está bem, Moore? Não devemos perder um minuto sequer neste caso.

E então desligou. Fui pegar o *Times* e o folheei. A matéria saíra na página oito.

Henry Wolff estivera bebendo no apartamento de um vizinho, Conrad Rudesheimer, em um cortiço, na noite anterior. A filha de cinco anos de Rudesheimer entrara na sala, e Wolff fizera alguns comentários que o vizinho considerara impróprios para os ouvidos de uma menina. Protestara no mesmo instante. Então, Wolff sacara uma arma e disparara um tiro na cabeça da menina, matando-a, e fugira em seguida. Fora capturado horas mais tarde, quando vagueava a esmo – nas proximidades do East River. Larguei o jornal, dominado pelo sentimento premonitório de que os acontecimentos da noite anterior no alto da torre da ponte haviam sido apenas uma introdução.

De volta ao corredor, deparei-me com minha avó, com seus cabelos prateados penteados com perfeição, o vestido cinza e preto impecável, e uma expressão irada nos olhos cinza – que eu herdei.

– John! – ela exclamou, surpresa, como se mais dez homens residissem em sua casa. – Quem era ao telefone?

– O dr. Kreizler, vovó – respondi, já subindo a escada.

– O dr. Kreizler! – Ela gritou às minhas costas. – Ah, não! Já suportei o suficiente do dr. Kreizler por um dia!

Enquanto fechava a porta de meu quarto e começava a me vestir, eu ainda

podia ouvi-la:

– Se quer saber minha opinião, ele é muito esquisito! E não me venha dizer que ele é médico! Aquele Holmes também era médico!

Ela continuou nessa ladainha enquanto eu me lavava, fazia a barba e escovava os dentes com Sozodont[1]. Era seu jeito; e apesar de ser tão irritante, para um homem que, na memória recente, perdera aquilo que tinha certeza de que seria sua única chance de felicidade doméstica, ainda era melhor que um apartamento solitário em um prédio cheio de outros homens resignados a uma vida solitária.

Peguei um chapéu cinza e um guarda-chuva preto ao sair pela porta da frente e segui para a 6th Avenue a passos rápidos. A chuva já caía muito mais forte, e um vento desagradável começava a soprar. No instante em que alcancei a avenida, a força do ar mudou de direção abruptamente, soprando sob os trilhos do trem elevado de Nova York, que se estendiam por cima das calçadas. Foi o suficiente para que meu guarda-chuva virasse ao contrário, o que também aconteceu com vários outros entre a multidão que circulava apressada de um lado para o outro; e o efeito combinado do aumento do vento, a chuva e o frio foi fazer que a hora do *rush*, em geral movimentada, parecesse um pandemônio absoluto. Fiz sinal para um fiacre enquanto tentava ajeitar o guarda-chuva incômodo e inútil, mas um casal jovem e feliz passou a minha frente, com a maior habilidade, e embarcou depressa. Praguejei alto contra a progênie dos dois, sacudi o guarda-chuva na direção deles, impelindo a mulher a soltar um grito de medo e o homem a me fitar com uma expressão ansiosa e murmurar que eu era louco – e tudo isso, considerando meu destino, fez-me dar uma boa risada e tornou muito mais fácil a espera encharcada por outro fiacre. Assim que um virou a esquina da Washington Place, não esperei que parasse; pulei para o estribo, embarquei e gritei ao cocheiro que me levasse ao Pavilhão dos Insanos, no Bellevue. Não era o tipo de ordem que os cocheiros de fiacre gostavam de ouvir. A expressão desolada em seu rosto, quando partimos, fez-me dar outra risada, e ao entrarmos na

14th Street, eu nem me importava mais com a sensação do *tweed* molhado contra minhas pernas.

Com a perversidade típica dos cocheiros da cidade de Nova York, o homem – a gola da capa levantada e a cartola presa com um elástico – decidiu batalhar um caminho pelo distrito comercial, ao longo da 6th Avenue, acima da 14th Street antes de virar para leste. Já havíamos passado lentamente pela maioria das grandes lojas de departamentos – O'Neill's, Adams & Company, Simpson-Crawford – antes que eu batesse no teto da cabine e lhe dissesse que precisava chegar ao Bellevue ainda naquela manhã. Com uma manobra brusca, ele virou à direita na 23th Street e atravessou o movimentado e confuso cruzamento da 5th Avenue com a Broadway. Passamos pela estrutura quadrada do Fifth Avenue Hotel, onde se situava o quartel-general de Platt, que naquele momento devia se encontrar ali, dando os retoques finais em seu plano para frustrar a Grande Nova York; mudamos de direção depois das torres e arcadas italianas do Madison Square Garden e viramos outra vez para leste. Os prédios de tijolos vermelhos, solenes e quadrados, do Bellevue apareceram no horizonte. Alguns minutos depois, cruzamos a 1st Avenue e paramos atrás de uma enorme ambulância preta, ao lado do hospital na 26th Street, perto da entrada do Pavilhão dos Insanos. Paguei o cocheiro e entrei.

O Pavilhão era um prédio simples, comprido e retangular. Um vestíbulo pequeno e inóspito recebia visitantes e internos, e mais além, depois da primeira de muitas portas de ferro, havia um corredor largo que atravessava o prédio. Vinte e quatro "quartos" – celas, para ser mais preciso – situavam-se nesse corredor. Mais duas portas corrediças de ferro podiam ser vistas no meio do corredor, separando essas celas em duas enfermarias, para homens e mulheres. O Pavilhão era usado para a observação e avaliação de pessoas que haviam cometido atos violentos. Depois que sua sanidade (ou a ausência dela) era determinada, e os relatórios oficiais despachados, essas pessoas eram transferidas para outras instituições, menos convidativas.

Assim que entrei no vestíbulo, ouvi os gritos e os uivos habituais – alguns

protestos coerentes, outros meros gemidos de loucura e desespero – provenientes das celas. Avistei Kreizler no mesmo instante; era estranho como sua presença era sempre associada, em minha mente, a sons assim. Como sempre, seu terno e casaco eram pretos; e como acontecia com frequência, ele lia as notícias musicais no *Times.* Seus olhos pretos, tão parecidos com os de uma ave, esvoaçavam pelo jornal, enquanto ele deslocava o peso do corpo de um pé para o outro em movimentos súbitos e rápidos. Ele segurava o *Times* com a mão direita e mantinha o braço esquerdo, atrofiado em decorrência de um ferimento na infância, grudado ao corpo. A mão esquerda subia de vez em quando para alisar o bigode aparado e a pequena barba sob o lábio inferior. Seus cabelos escuros, compridos demais para a moda da época e penteados para trás, estavam úmidos, pois ele sempre andava sem chapéu; e isso, aliado ao balanço do rosto diante do jornal, só aumentava a impressão de um gavião faminto e irrequieto, determinado a extrair alguma satisfação do mundo angustiado ao seu redor.

Parado ao seu lado, avistei o enorme Cyrus Montrose, pajem de Laszlo, cocheiro ocasional, guarda-costas de fato, e *alter ego.* Como a maioria dos empregados de Kreizler, Cyrus era um ex-paciente, e sempre me deixava mais que um pouco nervoso, apesar de sua atitude e fisionomia aparentemente controladas. Naquela manhã, ele vestia uma calça cinza e um paletó marrom todo abotoado, e suas feições largas e negras não pareciam registrar minha aproximação. Mas, quando cheguei mais perto, ele bateu no braço de Kreizler e apontou em minha direção.

– Ah, Moore! – exclamou Kreizler, tirando um relógio de bolso do colete com a mão esquerda, enquanto estendia a direita, com um sorriso. – Esplêndido!

– Laszlo – murmurei, apertando sua mão e acrescentando, com um aceno de cabeça mal retribuído: – Cyrus.

Kreizler indicou o jornal enquanto verificava a hora.

– Estou um pouco irritado com seus patrões. Ontem à noite, assisti a um

brilhante *Pagliacci* no Metropolitan, com Melba e Ancona... e o *Times* só consegue falar sobre o Tristão de Alvary. – Ele fez uma pausa, estudando meu rosto. – Parece cansado, John.

– Não posso imaginar por quê. Sair no meio da noite em uma caleche descoberta costuma ser muito repousante. Importa-se de me dizer o que estou fazendo aqui?

– Um momento. – Kreizler se voltou para um atendente de uniforme azul-escuro refestelado em uma cadeira de encosto reto ali perto. – Fuller? Estamos prontos.

– Pois não, doutor.

O homem tirou um enorme molho de chaves do cinto e encaminhou-se para a entrada do corredor central. Kreizler e eu o seguimos, mas Cyrus ficou para trás, como uma estátua de cera.

– Leu a matéria, não é mesmo, Moore? – Indagou Kreizler, enquanto o atendente destrancava e abria a porta para a primeira enfermaria.

Com isso, os uivos e os gritos nas celas se tornaram quase ensurdecedores e bastante enervantes. Havia pouca luz no corredor sem janelas, apenas a que umas poucas lâmpadas elétricas podiam oferecer. Algumas das pequenas janelas de observação nas imponentes portas de ferro das celas estavam abertas.

– Li, sim – respondi, depois de um longo momento, um pouco apreensivo. – E compreendo a possível ligação. Mas, por que precisa de mim?

Antes que Kreizler pudesse responder, um rosto de mulher apareceu na primeira porta à direita. Seus cabelos, embora presos, estavam desleixados, e a expressão em suas feições largas e vincadas era de violenta indignação. Mas mudou no instante em que ela viu quem era o visitante.

–Dr. Kreizler! – disse a mulher, em um ofego rouco, mas veemente.

A isso se seguiu uma reação rápida e imediata; o nome de Kreizler se espalhou pelo corredor, de cela em cela, de recluso a recluso, passando pelas paredes e portas de ferro da enfermaria das mulheres para a dos homens. Eu

já vira isso acontecer em diversas ocasiões antes, em diferentes instituições, mas ainda assim era extraordinário a cada vez. As palavras eram como o fluxo de água sobre carvão, abafando o calor crepitante e deixando apenas um sussurro fumegante, uma remissão talvez momentânea, mas nem por isso menos efetiva, do fogo profundo que ardia.

A causa daquele fenômeno singular era simples. Kreizler era conhecido por todos os pacientes, assim como nas comunidades criminosa, médica e jurídica de Nova York, como o homem cujo depoimento no tribunal, ou em uma audiência de sanidade, podia determinar, mais que o de qualquer outro alienista da época, se uma pessoa seria mandada para a prisão, para o confinamento menos horripilante de uma instituição mental ou se voltaria às ruas. Por isso, no momento em que era avistado em um lugar como o Pavilhão, os sons habituais de loucura eram substituídos por uma fantástica tentativa de comunicação coerente da maioria dos reclusos. Apenas os não iniciados ou os irremediáveis continuavam em seus delírios. Contudo, o efeito daquela repentina redução no barulho nada tinha de tranquilizador. Na verdade, sob alguns aspectos, era ainda pior para os nervos, pois não havia como ignorar que a tentativa de ordem era forçada, e que os sons de angústia logo ressurgiriam – mais uma vez, como carvão em brasa prevalecendo sobre a transitória supressão do fluxo de água.

A reação de Kreizler ao comportamento dos reclusos não foi menos desconcertante, pois era impossível não especular que experiências em sua vida e carreira haviam lhe proporcionado a capacidade de passar por um lugar assim e testemunhar performances tão desesperadas (entremeadas de súplicas contidas, mas veementes, de “Dr. Kreizler, preciso lhe falar!” e “Dr. Kreizler, por favor, não sou como os outros!”) sem ser subjugado pelo medo, repulsa ou desespero. Enquanto ele avançava em passadas medidas pelo longo corredor, suas sobrancelhas se uniram por cima de seus olhos faiscantes, que se desviavam de um lado a outro, de cela a cela, com uma expressão de advertência compreensiva – como se aquelas pessoas fossem crianças

transviadas. Ele não se permitia, em momento nenhum, responder aos reclusos, mas essa recusa não era cruel; muito pelo contrário, pois falar com qualquer um só serviria para despertar as esperanças do infeliz, talvez de forma irrealista, ao mesmo tempo que destruiria as expectativas dos outros suplicantes. Os pacientes que já haviam sido internados em hospícios ou prisões antes, ou que já haviam ficado sob observação por um período prolongado no Bellevue, sabiam que era essa a atitude sistemática de Kreizler; e, por isso, faziam as súplicas mais enfáticas com os olhos, cientes de que era apenas por meio da vista que Kreizler os reconheceria.

Passamos pelas portas de ferro corrediças, entramos na enfermaria dos homens e seguimos Fuller até a última cela à esquerda. Ele parou ali, abriu a janelinha de observação e chamou:

– Wolff! Visitas para você. É oficial. Portanto, trate de se comportar.

Kreizler se postou diante da janelinha, olhando para dentro, e espiei por cima de seu ombro. Era uma cela pequena, sem nada nas paredes, com um homem sentado em um catre, sob o qual havia um urinol de aço, todo amassado. Barras de ferro cobriam a única janela, e a hera por fora bloqueava a claridade, deixando passar apenas um pouco de luz. No chão, perto do homem, que tinha a cabeça nas mãos, um jarro de metal com água e uma bandeja com um pedaço de pão e uma tigela com restos de mingau de aveia. Ele usava apenas uma camiseta e uma calça de lã, sem cinto nem suspensórios (por causa da preocupação com suicídio). Havia algemas em seus pulsos e tornozelos. Quando ergueu o rosto, poucos segundos depois do chamado de Fuller, revelou olhos vermelhos, que me fizeram recordar algumas das minhas piores manhãs. Seu rosto vincado, barbudo, exibia uma expressão de resignação.

– Sr. Wolff, está sóbrio? – Indagou Kreizler, observando o homem com a maior atenção.

– Quem não estaria – murmurou o homem com palavras meio indistintas –, depois de uma noite neste lugar?

Kreizler fechou a janelinha de ferro na porta e se voltou para Fuller.

– Ele foi drogado?

Fuller deu de ombros, contrafeito.

– Estava excitado demais quando o trouxeram, dr. Kreizler. Parecia mais que apenas bêbado, segundo o superintendente, e, por isso, haviam lhe aplicado uma injeção de cloral.

Kreizler deixou escapar um suspiro de profunda irritação. O hidrato de cloral era uma das desgraças de sua existência, um composto de gosto amargo, cor neutra, um tanto cáustico, que diminuía o ritmo cardíaco, e, com isso, deixava a pessoa muito calma; ou, se usado como era em muitos bares, quase comatosa – um alvo fácil para assaltos ou sequestros. A maior parte da comunidade médica, no entanto, insistia que o cloral não causava vício (do que Kreizler discordava com veemência); e a 25 centavos a dose, era uma alternativa barata e conveniente para conseguir acorrentar um paciente ou amarrá-lo com correias de couro. Por isso, era usado com algum exagero, em particular nos pacientes com distúrbios mentais ou apenas violentos; mas, nos 25 anos desde sua introdução, seu uso se disseminara para o público em geral, que tinha toda a liberdade, naquela época, para comprar em qualquer farmácia não apenas o cloral, mas também morfina, ópio, *cannabis indica* ou qualquer outra substância similar. Milhares de pessoas haviam destruído a vida entregando-se ao poder do cloral na tentativa de se "livrar de preocupações e problemas, e ter um sono saudável" (como dizia um fabricante). A morte por overdose era bastante comum; mais e mais suicídios se relacionavam ao consumo do cloral; mesmo assim, os médicos continuavam a insistir, indiferentes, na segurança e na utilidade dele.

– Qual foi a dose? – Indagou Kreizler, trocando o cansaço pela irritação, embora soubesse que a administração da droga não fora um trabalho nem uma decisão de Fuller.

– Começaram com vinte – respondeu o atendente, embaraçado. – Eu bem disse a eles, senhor, que já havia marcado sua visita de avaliação e que não ia

gostar, mas... sabe como é, senhor.

– É verdade, sei mesmo – murmurou Kreizler.

Ou seja, nós três sabíamos – e o que sabíamos era que o superintendente do Pavilhão, ao tomar conhecimento da visita marcada e das prováveis objeções de Kreizler, quase certamente dobrara a dose de cloral, diminuindo de maneira significativa a capacidade de Wolff participar do tipo de avaliação que Kreizler gostava de fazer, e que envolvia muitas perguntas, e, em termos ideais, era conduzida com o paciente livre dos efeitos de drogas ou álcool. Entretanto, era esse o sentimento geral na profissão médica, em particular dos colegas da geração mais velha, em relação a Kreizler.

– Muito bem – murmurou Kreizler, depois de ponderar sobre a questão por alguns momentos. – Não há nada a fazer... já que estamos aqui, Moore, e o tempo urge.

Pensei no mesmo instante na estranha referência a um prazo fatal no bilhete para Roosevelt na noite anterior; mas não falei nada, enquanto ele abria a porta, empurrando seu peso considerável.

– Sr. Wolff – anunciou Kreizler –, precisamos conversar.

Durante a hora seguinte, acompanhei o exame que Kreizler efetuou naquele homem vago e desorientado, que, com toda a firmeza que o hidrato de cloral lhe permitia, apegava-se à noção de que se de fato havia destruído a maior parte da cabeça da pequena Louisa Rudesheimer com sua pistola – e lhe asseguramos que fizera isso mesmo –, então, devia ser insano, e precisava ser internado em um hospício (ou, no máximo, na instituição para condenados insanos em Mattewan), em vez de ir para a prisão ou a forca. Kreizler registrou essa atitude, mas no momento não discutiu o caso propriamente dito. Contudo, fez uma série interminável de perguntas, que pareciam desconexas, sobre o passado de Wolff, sua família, seus amigos e sua infância. As indagações eram bastante pessoais, e, em circunstâncias normais, poderiam ser consideradas presunçosas, até mesmo ofensivas; e o fato de as reações de Wolff serem menos violentas que a maioria dos homens teria

demonstrado ser uma decorrência, quase certa, de estar drogado. Entretanto, a ausência de raiva também indicava falta de precisão e franqueza nas respostas, e a entrevista parecia destinada a um fim prematuro.

Contudo, nem mesmo a calma quimicamente induzida de Wolff pôde ser mantida quando Kreizler, por fim, começou a interrogá-lo sobre Louisa Rudesheimer. Tinha Wolff sentimentos sexuais em relação à menina?, indagou Laszlo de forma brusca, que não era frequente nas conversas sobre esses assuntos. Havia outras crianças em seu prédio ou no bairro por quem ele acalentava esses sentimentos? Tinha namorada? Frequentava bordéis? Sentia alguma atração sexual por garotos? Por que atirara na menina, em vez de apunhalá-la?

Wolff, a princípio, ficou atordoado com tudo isso, e apelou ao atendente, Fuller, indagando se devia ou não responder. Fuller, com um olhar um tanto lascivo, respondeu que devia, e Wolff obedeceu, por algum tempo. Depois de meia hora, no entanto, levantou-se, cambaleando, sacudiu as algemas e protestou que nenhum homem podia obrigá-lo a participar de uma inquisição tão obscena. Declarou, em tom de desafio, que preferia enfrentar o carrasco. A essa altura Kreizler havia se levantado também, e fitou-o nos olhos.

– Receio que no estado de Nova York a cadeira elétrica esteja cada vez mais tomando o lugar da forca, sr. Wolff – disse ele, calmamente. – Mas, desconfio, baseado em suas respostas a minhas perguntas, que vai descobrir isso por si mesmo. Que Deus tenha misericórdia de sua alma, senhor.

Kreizler encaminhou-se para a porta, que Fuller se apressou a abrir. Lancei um último olhar para Wolff antes de sair atrás de Laszlo; a aparência do homem mudara de repente, da indignação ao medo profundo, mas ele também se encontrava fraco demais para fazer algo mais que balbuciar protestos patéticos e dizer que tinha certeza de sua insanidade, para depois arriar no catre.

Kreizler e eu começamos a voltar pelo longo corredor do Pavilhão, enquanto Fuller trancava a porta da cela de Wolff. As súplicas dos outros

reclusos recomeçaram, mas logo as deixamos para trás. Ao alcançarmos o vestíbulo, os gritos e os uivos tornaram a crescer em volume.

– Creio que podemos descartá-lo, Moore – comentou Kreizler com voz serena e cansada, pondo as luvas que Cyrus lhe entregara. – Mesmo drogado, Wolff se revelou... violento, com toda certeza, e ressentido contra crianças. E um bêbado, ainda por cima. Mas não é louco, e acho que não está ligado ao nosso caso.

Tratei de aproveitar a oportunidade:

– Já que falou nisso...

– É claro que todos vão *querer* que ele seja louco – continuou Laszlo, sem me ouvir. – Os médicos daqui, os jornais, os juízes. Preferem pensar que só um louco daria um tiro na cabeça de uma menina de cinco anos. Cria certas... *dificuldades* sermos forçados a aceitar que nossa sociedade pode produzir homens sãos que cometem atos assim.

Ele suspirou e pegou o guarda-chuva estendido por Cyrus.

– Com toda certeza, terei de passar um longo dia no tribunal, talvez dois...

Deixamos o Pavilhão, eu junto de Kreizler procurando me abrigar sob seu guarda-chuva, e embarcamos na caleche agora coberta. Eu sabia o que estava para acontecer: um prolongado monólogo, que era uma espécie de catarse para Kreizler, uma reiteração de seus princípios profissionais mais básicos, visando aliviar a enorme responsabilidade de ajudar a enviar um homem para a morte. Kreizler era um oponente declarado da prática de executar criminosos, até mesmo os mais brutais, como Wolff; mas não permitia que essa oposição afetasse seu julgamento ou definição da insanidade genuína – que era um tanto restrita, em comparação com muitos de seus colegas. Enquanto Cyrus se sentava no lugar do cocheiro e nos afastávamos do Bellevue, a diatribe de Kreizler começou a incluir assuntos sobre os quais eu já o ouvira discorrer muitas vezes antes: como uma definição ampla de insanidade podia fazer que a sociedade como um todo se sentisse melhor, mas em nada ajudava a ciência mental, apenas reduzindo a possibilidade de

que os verdadeiros doentes mentais recebessem os cuidados e os tratamentos apropriados. Era um tipo insistente de discurso – Kreizler tentava remover de sua mente a imagem de Wolff na cadeira elétrica –, e à medida que prosseguia, eu compreendia que não havia a menor esperança de obter informações concretas sobre o que estava acontecendo, e por que ele me envolvera no caso.

Olhando para os prédios por que passávamos com certa frustração, acabei por me fixar em Cyrus, e pensei por um momento que poderia obter alguma compreensão de sua parte, já que ele devia haver escutado aquela arenga mais que qualquer outra pessoa. Entretanto, eu deveria saber. Assim como Stevie Taggert, Cyrus levara uma vida árdua antes de trabalhar para Laszlo, e era agora totalmente devotado a meu amigo. Quando menino, em Nova York, Cyrus vira os pais serem literalmente dilacerados durante os motins causados pelo recrutamento obrigatório, em 1863, em que hordas furiosas de homens e mulheres brancos, muitos imigrantes recém-chegados, expressaram sua indisposição a lutar pelas causas da União e pela emancipação dos escravos atacando todos os negros que pudessem encontrar – incluindo crianças – e esquartejando-os, queimando-os vivos, cobrindo-os de piche e usando todas as torturas medievais que a mente do Velho Mundo pudesse conceber. Músico talentoso, com uma esplêndida voz de barítono, Cyrus fora criado por um tio proxeneta depois da morte dos pais e treinado para ser um "professor", um pianista em um bordel que oferecia moças negras a brancos ricos. Todavia, seu pesadelo de infância o deixara um tanto relutante a tolerar os abusos racistas dos frequentadores do bordel. Uma noite, em 1887, ele se deparara com um policial bêbado que fora buscar o dinheiro da propina e achava que tinha o direito de desferir golpes brutais nas "putas crioulas" e escarnecer delas. Cyrus fora até a cozinha, pegara um facão de cortar carne e despachara o policial para aquele Valhalla especial reservado aos membros tombados do Departamento de Polícia da Cidade de Nova York.

Kreizler entrara em cena, mais uma vez. Defendera uma teoria que chamara

de “associação explosiva”, revelando ao juiz a gênese das ações de Cyrus: durante os poucos minutos do assassinato, alegara Laszlo, Cyrus voltara em sua mente à noite da morte dos pais, e o poço de ira que ficara reprimido desde então aflorara, engolfando o policial belicoso. Cyrus não era insano, garantira Kreizler; reagira à situação da única maneira possível para um homem com seus antecedentes. O juiz se impressionara com os argumentos de Kreizler, mas não podia absolver Cyrus, tendo em vista o ânimo do público. Fora sugerida a internação em um hospício, o Lunatic Asylium de Nova York, na ilha Blackwell; mas Kreizler declarara que era muito mais provável que o emprego de Cyrus em seu Instituto promovesse a reabilitação. O juiz, ansioso por se livrar do caso, acabara concordando. A solução em nada contribuíra para mitigar a reputação pública e profissional de Kreizler de inconformista, e nenhum visitante comum à casa de Laszlo gostava de ficar a sós na cozinha com Cyrus, mas garantira a lealdade do homem.

Não houve nenhuma pausa na chuva incessante enquanto descíamos a trote pela Bowery, a única rua importante de Nova York que, ao meu conhecimento, jamais evidenciaria a presença de uma igreja. Passamos por bares, boates e albergues noturnos, e na Cooper Square avistei a enorme placa luminosa e as janelas fechadas da casa de Biff Ellison, Paresis Hall, onde Georgio Santorelli desenvolvia suas patéticas operações. Continuamos em frente, através de mais cortiços e calçadas com tamanha sujeira que a chuva só conseguia reduzi-la um pouco. Só depois que entramos na Bleecker Street e nos aproximávamos da Chefatura de Polícia foi que Kreizler disse, incisivo:

– Você viu o corpo.

– Se vi? – Murmurei, com certa irritação, embora também aliviado por finalmente falar sobre o assunto. – Ainda o vejo se fecho os olhos por mais de um minuto. Por que me tirou de casa àquela hora da madrugada e me obrigou a ir até lá? Afinal, não posso noticiar uma coisa assim, e você sabe disso... só serviu para deixar minha avó nervosa, o que não é difícil.

– Desculpe-me, John, mas você precisava saber com o que estamos lidando.

– *Eu* não estou lidando com coisa nenhuma! – Protestei de novo. – Sou apenas um repórter, não se esqueça, um repórter com uma história tétrica que não posso noticiar.

– Não faz justiça a si mesmo, Moore. Você é uma autêntica enciclopédia de informações confidenciais... embora talvez não compreenda isso.

Ergui a voz:

– Laszlo, o que está querendo...

Mais uma vez, porém, não pude concluir a frase. Ao entrarmos na Mulberry Street, ouvi vozes gritando e virei a cabeça para me deparar com Link Steffens e Jake Riis correndo na direção da caleche.

---

1 Sozodont era uma marca popular de produtos de higiene bucal de meados do século XIX até o início do século XX. (N.E.)

CAPÍTULO 5

Quanto mais perto da igreja, mais perto de Deus”; foi assim que o espírito humorístico de uma quadrilha expressou a decisão de basear suas operações criminosas a uma curta distância da Chefatura de Polícia. A declaração poderia ser feita por qualquer um de dezenas de criminosos, pois a extremidade norte da Mulberry Street, que desembocava na Bleecker (a Chefatura ficava no número 300), era o coração de uma selva de cortiços, bordéis, boates, bares e casas de jogo. As mulheres de um bordel do outro lado da Bleecker Street, quase em frente ao 300 da Mulberry, gostavam de se divertir, durante as poucas horas de folga, sentadas às janelas de venezianas verdes observando as idas e vindas na Chefatura, por meio de binóculos de ópera, para depois oferecer comentários aos policiais que passavam pela casa. Era esse tipo de atmosfera de parque de diversões que envolvia o lugar. Ou talvez se devesse dizer que era como um circo – um circo romano, dos mais brutais, pois várias vezes por dia vítimas de crimes, ensanguentadas, ou os culpados feridos, eram levados para a estrutura indefinível, que lembrava um hotel, e era o cérebro movimentado das forças de imposição da lei em Nova York, deixando na calçada um lembrete pegajoso e macabro das perigosas atividades que ali se desenvolviam.

Do outro lado da Mulberry Street, no número 303, ficava o quartel-general extraoficial dos repórteres policiais: um simples alpendre, onde meus colegas e eu passávamos boa parte do nosso tempo à espera de uma reportagem. Por isso, não era de surpreender que Riis e Steffens se encontrassem ali, aguardando minha chegada. A atitude ansiosa de Riis e o sorriso exultante que dominava as feições encovadas e bonitas de Steffens indicavam que ocorrera alguma coisa extraordinária.

– Ora, ora! – Exclamou Steffens, erguendo o guarda-chuva ao pular para o estribo da caleche de Laszlo. – Os convidados misteriosos chegam juntos! Bom dia, dr. Kreizler, é um prazer tornar a vê-lo, senhor.

– Olá, Steffens – respondeu Kreizler com um aceno de cabeça que não era dos mais cordiais.

Riis se aproximou resfolegando por trás de Steffens. Sua corpulenta estrutura dinamarquesa não era tão ágil quanto a do amigo, muito mais jovem.

– Doutor – disse ele.

Kreizler se limitou a acenar com a cabeça. Ele tinha uma aversão inequívoca a Riis. O trabalho pioneiro do dinamarquês, revelando os males da vida nos cortiços – em particular em sua coletânea de ensaios e fotos intitulada "Como vive a outra metade" –, não mudava o fato de que ele era um clamoroso moralista, quase um fanático, na opinião de Kreizler. E preciso admitir que a posição de Kreizler era procedente.

– Moore – acrescentou Riis –, Roosevelt acaba de nos expulsar de seu gabinete dizendo que esperava vocês dois para uma importante reunião... e acho que há algo muito estranho acontecendo!

– Não dê ouvidos a ele – disse Steffens, rindo. – Está com o orgulho ferido. Parece que houve outro assassinato, que nunca sairá nas páginas do *Evening Sun* por causa das convicções pessoais de nosso amigo Riis... e, lamentavelmente, todos nós temos de acompanhá-lo!

Riis ergueu sua saudável mão escandinava e sacudiu o punho na direção de Steffens, enquanto continuava a correr, respirando com dificuldade, no esforço de acompanhar a caleche. Steffens saltou do estribo quando Cyrus parou o cavalo em frente à Chefatura.

– Ora, Jake, não me venha com ameaças! – Exclamou ele, jovial. – Tudo isso é muito divertido!

– Do que vocês estão falando? – Indaguei, enquanto Kreizler, tentando ignorar a cena, descia da caleche.

– Não banque o ignorante – protestou Steffens. – Você viu o corpo, e o dr. Kreizler também... já sabemos disso. Mas Jake, infelizmente, prefere negar a realidade dos garotos que se prostituem e das casas em que trabalham, e, por isso, não pode noticiar a história.

Riis se eriçou outra vez, e seu rosto enorme ficava cada vez mais vermelho.

– Steffens, vou lhe ensinar...

– E como sabemos que *seus* editores não vão publicar as coisas mais desagradáveis, John – continuou Steffens –, receio que só reste o *Post*... qual é a situação, dr. Kreizler? Pode fornecer os detalhes para o único jornal da cidade que os publicará?

Kreizler contraiu os lábios em um sorriso que não era nem gentil nem divertido, mas um tanto depreciativo.

– O único, Steffens? E o *World?* Ou o *Journal?*

– Tudo bem, eu deveria ser mais preciso: o único jornal *respeitável* da cidade que os publicará.

Kreizler olhou de alto a baixo o corpo esguio de Steffens.

– Respeitável – repetiu ele, balançando a cabeça, antes de subir os degraus.

– Diga o que quiser, doutor – gritou Steffens, ainda sorrindo –, mas terá um tratamento muito mais justo de nós que de Hearst ou Pulitzer!

Kreizler não reagiu ao comentário, e Steffens insistiu:

– Soubemos que interrogou o assassino esta manhã. Poderia pelo menos falar sobre isso?

Parando na porta, Kreizler se voltou.

– O homem que examinei era, de fato, um assassino, mas nada tinha a ver com o garoto Santorelli.

– É mesmo? Talvez seja melhor avisar isso ao sargento detetive Connor. Ele nos disse durante toda a manhã que Wolff, enlouquecido por sangue, depois de atirar na menina saiu à procura de outra vítima.

– O quê? – O alarme no rosto de Kreizler era genuíno. – Não... ele não deve... é absolutamente vital que não faça isso!

Laszlo entrou no prédio, enquanto Steffens ainda fazia uma última tentativa de persuadi-lo a falar. Com sua presa agora desaparecida, meu colega do *Evening Post* pôs a mão livre no quadril e disse, murchando um pouco seu sorriso.

– Sabe, John... a atitude desse homem não conquista muitos admiradores.

– Não é intencional – murmurei, começando a subir os degraus.

Steffens adiantou-se, segurou-me pelo braço.

– Não pode nos revelar alguma coisa, John? Não é típico de Roosevelt manter a mim e a Jake fora dos casos policiais... afinal, somos mais membros da Junta de Comissários que aqueles idiotas que se sentam com ele.

Era verdade. Roosevelt com frequência consultava Riis e Steffens sobre questões de política. Mesmo assim, eu só podia dar de ombros.

– Se eu soubesse de alguma coisa, Link, pode ter certeza de que lhe diria. Também me deixaram no escuro.

– Mas o corpo, Moore – interveio Riis. – Ouvimos rumores terríveis... são falsos, com certeza!

Pensei por um momento no cadáver mutilado e suspirei.

– Por mais terríveis que sejam os rumores, não podem descrever o que de fato ocorreu.

Com isso, voltei-me e subi os degraus.

Antes de passar pela porta, ouvi os dois discutindo de novo, Steffens bombardeando o amigo com farpas sarcásticas, e Riis tentando fazer que ele se calasse, furioso. No entanto, Link tinha razão, embora se expressasse de forma mesquinha: a insistência obstinada de Riis de que a prostituição homossexual não existia na cidade significava que outro dos grandes jornais de Nova York jamais publicaria todos os detalhes de um assassinato brutal. E o relato seria muito mais consequente se partisse de Riis do que de Steffens; pois enquanto a maior parte do trabalho importante de Link se projetava para o futuro, como um expoente do movimento progressista, Riis era, havia muito, uma voz de autoridade acatada, o homem cujas exortações iradas

causaram a demolição de Mulberry Bend (o próprio coração do distrito mais infame de Nova York, Five Points) e também a destruição de muitos outros bolsões pestilentos. Jake, no entanto, nunca seria capaz de admitir plenamente o assassinato do garoto Santorelli; apesar de todos os horrores que testemunhara, ele não podia aceitar as circunstâncias de um crime assim. Ao passar pelas enormes portas verdes da Chefatura, não pude deixar de especular, como já o fizera mil vezes antes em reuniões editoriais no *Times,* por quanto tempo os homens da imprensa – para não mencionar os políticos e o público – se contentariam em deliberadamente equiparar a ignorância do mal a sua inexistência.

Lá dentro, encontrei Kreizler parado perto do elevador, em uma conversa acalorada com Connor, o detetive que estivera no local do crime na noite anterior. Já ia me aproximar deles quando meu braço foi puxado na direção de uma escada por uma das visões mais aprazíveis que se podia contemplar na Chefatura: Sara Howard, uma velha amiga.

– Não se envolva nisso, John – ela murmurou, com o tom de sabedoria que muitas vezes caracterizava suas declarações. – Connor está recebendo uma crítica contundente de seu amigo, e bem que merece um tratamento completo. Além do mais, o presidente quer falar com você lá em cima... sem dr. Kreizler.

– Sara! – exclamei, na maior felicidade. – Não imagina como me sinto contente em vê-la. Passei a noite e a manhã com maníacos, preciso ouvir o som de uma voz sã.

O gosto de Sara por roupas pendia para modelos simples, de tonalidades de verde que combinavam com seus olhos, e o vestido que usava naquele dia, com um mínimo movimento e quase sem anáguas, realçava o máximo possível seu corpo alto e atlético. Seu rosto não chegava a ser deslumbrante, era até um tanto sem graça; o jogo dos olhos e da boca, oscilando entre a malícia e a tristeza, é que tornava um prazer contemplá-la. No início da década de 1870, quando eu era adolescente, sua família se mudara para uma

casa perto da nossa, em Gramercy Park, e eu a observava a passar seus anos de infância transformando aquela área decorosa em sua sala de recreio particular. O tempo não a mudara muito, exceto para torná-la tão pensativa (às vezes até sorumbática) que era até excitante; e depois do rompimento de meu noivado com Julia Pratt, uma noite, eu ficara mais que um pouco bêbado, concluíra que todas as mulheres consideradas beldades pela sociedade eram, na verdade, demônios, e pedira Sara em casamento. Sua resposta fora me levar de fiacre até o rio Hudson e me jogar na água.

– Você não encontrará muitas vozes sãs neste prédio hoje – comentou Sara enquanto subíamos a escada. – Teddy... isto é, o presidente... não acha estranho chamá-lo assim, John?

E era mesmo; mas quando Roosevelt estava na Chefatura, comandada por uma junta de quatro comissários, que ele presidia, era diferenciado dos outros três pelo título de "presidente". Bem poucos podiam suspeitar, na ocasião, que ele assumiria um título idêntico em um futuro não muito distante.

– Ele está no meio de um dos seus turbilhões por causa do caso Santorelli. Todos os tipos de gente já passaram por aqui hoje...

Foi nesse instante que a voz de Theodore chegou trovejando pelo corredor do segundo andar:

– E nem se dê ao trabalho de envolver seus amigos de Tammany nisso, Kelly! Tammany é uma monstruosa criação democrata, e esta é uma reforma da administração republicana... não vai conquistar favores aqui com suas pressões! Eu o aconselho a cooperar!

Risadas profundas de duas pessoas na escada foram a única resposta, e os sons se aproximavam de nós. Em poucos segundos, Sara e eu nos deparamos com a figura enorme de Biff Ellison, vestido de forma um tanto espalhafatosa, encharcado de água de colônia, acompanhado pela figura menor de seu supervisor no crime, Paul Kelly, que tinha um pouco mais de bom gosto nos trajes e era menos aromático.

Os tempos em que os negócios do submundo de Lower Manhattan eram

divididos entre dezenas de quadrilhas de ruas, desorganizadas, haviam, em grande parte, terminado em 1896, quando as atividades foram assumidas e controladas por grupos maiores, também implacáveis em suas ações, porém mais profissionais. Os Eastmans, assim chamados por seu pitoresco chefe, Monk Eastman, controlavam todo o território a leste da Bowery, entre a 14th Street e Chatham Square; no West Side, os Hudson Dusters, apreciados por muitos intelectuais e artistas de Nova York (em grande parte porque todos partilhavam um apetite aparentemente insaciável por cocaína), dirigiam o crime ao sul da 13th Street e oeste da Broadway; o distrito acima da 14th Street, naquele lado da cidade, pertencia aos Gophers de Mallet Murphy, um grupo de irlandeses que habitava porões e cuja evolução até mesmo Darwin teria certa dificuldade para explicar; e entre esses três exércitos virtuais, no olho do furacão criminoso, a pouca distância da Chefatura de Polícia, reinavam Paul Kelly e seus Five Pointers, que se mantinham supremos entre a Broadway e a Bowery, e da 14th Street até o prédio da prefeitura.

A quadrilha de Kelly recebera o nome do distrito mais violento da cidade, em uma tentativa de incutir medo, mas, na realidade, era muito menos anárquica em suas atividades que os bandos clássicos de Five Points de uma geração anterior (os Whyos, Plug Uglies, Dead Rabbits e o resto), cujos remanescentes ainda atormentavam aquela área como fantasmas brutais e belicosos. O próprio Kelly era um reflexo dessa mudança de estilo: sua sobriedade na indumentária era acompanhada por certo refinamento na fala e nas maneiras. Também possuía conhecimentos profundos de arte e de política – seu gosto na primeira tendia para o moderno, e na segunda, para o socialismo. Contudo, Kelly também conhecia sua freguesia; e *bom gosto* jamais seria um jeito apropriado para descrever o New Brighton Dance Hall, o quartel-general dos Five Pointers, na Great Jones Street. Supervisionado por um exótico gigante conhecido como Eat'Em-Up Jack McManus, o New Brighton era uma massa extravagante de espelhos, lustres de cristal, grades de latão e "bailarinas" em trajes sumários, um palácio vistoso que não tinha

paralelo nem mesmo em Tenderloin, que era, antes da ascensão de Kelly, o centro incontestável da opulência marginal.

James T. “Biff” Ellison, no entanto, representava o tipo mais tradicional de bandido de Nova York. Iniciara sua carreira como um violento leão-de-chácara de bar, e começara a adquirir notoriedade quando espancara e pisoteara um policial quase até a morte. Embora aspirasse ao refinamento de seu chefe, em Ellison – ignorante, sexualmente depravado e viciado em drogas – essa tentativa se tornava grotesca. Kelly tinha subchefes cujas ações eram infames, até mesmo ousadas, mas nenhum outro, além de Ellison, aceitaria dirigir o Paresis Hall, uma das três ou quatro casas de Nova York que abertamente – e até com alguma exuberância – atendiam ao segmento da sociedade cuja existência Jake Riis se recusava tão sistematicamente a aceitar .

– Ora essa – disse Kelly, amável, e o diamante em sua gravata faiscava enquanto se aproximava –, é o sr. Moore, do *Times*... com uma das adoráveis damas do Departamento de Polícia.

Kelly pegou a mão de Sara, baixou suas feições impecáveis de irlandês moreno e a beijou.

– Não resta a menor dúvida de que é muito mais agradável ser chamado à Chefatura, hoje em dia.

Seu sorriso, ao contemplar Sara, era experiente e confiante; o que não mudava o fato de que o ar na escada se tornara de repente impregnado por uma ameaça opressiva.

– Sr. Kelly – murmurou Sara, com um bravo aceno de cabeça, embora notadamente estivesse bastante nervosa. – É uma pena que seu charme não seja compatível com as companhias em que prefere andar.

Kelly riu, mas Ellison, que já pairava muito acima de Sara e de mim, empertigou-se ainda mais, e seu rosto carnudo e seus olhos de fuinha assumiram uma expressão sombria.

– É melhor tomar cuidado com sua boca, dona... é um longo estirão da

Chefatura à Gramercy Park. Muitas coisas desagradáveis podem acontecer a uma moça que anda sozinha.

– Você se considera mesmo um coelho, não é, Ellison? – Interferi, embora o homem fosse capaz de me partir ao meio sem pensar duas vezes. – Qual é o problema? Acabou seu estoque de meninos para atropelar, e agora pretende praticar com mulheres?

O rosto de Ellison ficou vermelho.

– Ora, seu escriba de merda! Gloria me criou problemas, uma tremenda encrenca, mas nunca tive nada com ela, e matarei qualquer homem que insinue que...

– Calma, Biff, calma. Não há motivo para se irritar.

Kelly falava em um tom jovial, mas de significado inconfundível: pare com isso. E olhando para mim, acrescentou:

– Biff nada teve a ver com o assassinato do garoto, Moore. E também não quero ver meu nome relacionado com o caso.

– É o pior momento para pensar nisso, Kelly. Eu vi o corpo... foi mesmo um trabalho à altura de Biff.

Na verdade, nem mesmo Ellison jamais fizera uma coisa tão horrenda, mas não havia razão para admitir isso aos dois.

– Era apenas um garoto – concluí.

Kelly riu, descendo alguns degraus da escada.

– Pode ser, mas um garoto em um jogo perigoso. Garotos assim morrem todos os dias nesta cidade, Moore; por que o interesse? Por acaso ele tinha um parente secreto em algum lugar? Um filho bastardo de Morgan ou Frick?

– Acha que esse é o único motivo para que o caso seja investigado? – Indagou Sara, um tanto ofendida, pois não fazia muito tempo que trabalhava na Chefatura.

– Minha cara jovem – respondeu Kelly –, tanto o sr. Moore quanto eu *sabemos* que esse é o único motivo. Mas, como quiser... Roosevelt está defendendo o abençoado!

Kelly continuou a descer a escada, e Ellison passou por mim, seguindo-o. Pararam um pouco mais abaixo; Kelly se voltou, e pela primeira vez sua voz insinuou a sua verdadeira ocupação quando disse:

– Mas estou avisando, Moore: *não* quero ver meu nome relacionado com esse caso.

– Não se preocupe, Kelly. Meus editores jamais publicariam a história.

Ele tornou a sorrir.

– O que é muito sensato da parte deles. Há coisas mais importantes acontecendo no mundo, Moore... por que desperdiçar energia com algo tão insignificante?

Com isso, os dois foram embora, e Sara e eu recuperamos o controle. Kelly podia ser uma nova espécie de gângster, mas nem por isso deixava de ser um, e nosso encontro fora inquietante.

Pensativa enquanto recomeçávamos a subida, Sara disse:

– Sabia que minha amiga Emily Cort saiu uma noite especificamente para conhecer Paul Kelly, e que o considerou um homem muito interessante? Mas, também, Emily sempre foi uma tola de cabeça vazia. – Ela segurou meu braço. – Antes que eu me esqueça, John, por que chamou o sr. Ellison de coelho? Ele parece mais um macaco.

– Na linguagem dele, coelho é um sujeito durão.

– Ah... Devo me lembrar de anotar isso. Quero que meu conhecimento da classe criminosa seja tão completo quanto possível.

Não pude deixar de rir.

– Sara, com todas as profissões disponíveis para as mulheres hoje em dia, por que insiste nesta? Inteligente como é, você poderia ser cientista, médica, ou até mesmo...

– Você também, John. Só que não é isso o que quer. E, por coincidência, nem eu. Para ser sincera, você às vezes me parece o homem mais idiota que já conheci. Sabe muito bem o que eu quero.

Todos os amigos de Sara conheciam sua ambição: ser a primeira mulher a

se tornar agente de Polícia da cidade.

– Mas por acaso se encontra mais próxima de seu objetivo, Sara? Afinal, não passa de uma secretária.

Ela sorriu sabiamente, com uma pitada dessa mesma agudeza tensa por trás do sorriso.

– Tem razão, John; mas estou no prédio, não é? Há dez anos, até isso seria impossível.

Balancei a cabeça e dei de ombros, sabendo que era inútil argumentar com ela. Olhei pelo corredor do segundo andar, em uma tentativa de encontrar um rosto familiar. No entanto, os detetives e os guardas que entravam e saíam das várias salas eram todos novos para mim.

– Não reconheço mais ninguém por aqui – comentei.

– A situação vem se agravando. Perdemos mais uma dúzia durante o último mês. Todos preferem pedir demissão, ou se aposentar, a enfrentar uma investigação.

– Mas Theodore não pode guarnecer toda a força policial com *goo-goos.*

Esse era o termo para novos policiais.

– É o que todo mundo diz. Mas se a opção for entre corrupção e inexperiência, você sabe muito bem para que lado a balança vai pender. – Ela me deu um empurrão firme nas costas. – Chega de conversa, John. Ele queria falar com você imediatamente.

Passamos entre guardas uniformizados e policiais à paisana, chegando ao final do corredor, onde Sara acrescentou:

– E, mais tarde, tem de me explicar exatamente por que casos como este não costumam ser investigados.

Depois, em polvorosa, ela bateu à porta da sala de Theodore, abriu-a e continuou a me empurrar, até que eu passasse.

– O sr. Moore, comissário – ela anunciou, fechando a porta em seguida.

Como um leitor e escritor incansável, Theodore tinha uma predileção por escrivaninhas enormes, e era uma assim que dominava sua sala na Chefatura.

Havia umas poucas cadeiras de braços ao redor, um relógio no consolo branco da lareira e um telefone de latão em uma mesinha ao lado; afora isso, os únicos outros itens da sala eram pilhas de livros e documentos, algumas no chão, subindo quase até a metade do caminho para o teto. As persianas das janelas, que davam para a Mulberry Street, estavam meio arriadas, e Theodore postava-se diante de uma delas, usando um terno cinza conservador.

– Ah, John, excelente! – Exclamou, contornando a mesa e se adiantando para quase me arrancar a mão. – Kreizler está lá embaixo?

– Está, sim. Queria me ver em particular?

Theodore pôs-se a andar de um lado para o outro, em expectativa solene, mas também divertida.

– Qual é o ânimo dele? Como vai reagir, em sua opinião? Ele é um sujeito impetuoso, e quero ter certeza de seguir o rumo certo com ele.

Dei de ombros.

– Acho que ele está bem. Passamos pelo Bellevue, para ver o tal de Wolff, o que atirou na menina, e ele ficou de mau humor em seguida. Descarregou durante a viagem... em meus ouvidos. Mas, até agora, Roosevelt, não tenho a menor ideia do que você quer que ele...

Foi nesse instante que houve outra batida à porta, leve e rápida, e Sara reapareceu, acompanhada por Kreizler. Era evidente que os dois haviam passado algum tempo conversando. Enquanto a conversa se desvanecia, já dentro da sala, notei que Laszlo a observava com a maior atenção. Na ocasião, isso não me pareceu tão extraordinário assim; era como a maioria das pessoas reagia ao se deparar com uma mulher trabalhando na Chefatura.

Theodore se interpôs entre os dois.

– Kreizler! – Explodiu ele. – É um prazer, doutor, é um grande prazer vê-lo de novo!

– Olá, Roosevelt – murmurou Kreizler com um sorriso de satisfação genuíno. – Já faz bastante tempo.

– Tempo demais, tempo demais! Vamos sentar e conversar... ou devo mandar esvaziar a sala, para que possamos desfrutar de uma revanche?

Era uma referência ao primeiro encontro dos dois, em Harvard, que envolvera uma luta de boxe; e enquanto ríamos e nos sentávamos, o gelo logo derretido, meus pensamentos vaguearam para aqueles tempos.

Embora eu conhecesse Theodore havia muitos anos antes de seu ingresso em Harvard, em 1876, nunca fomos muito ligados. Além de ter sido um garoto doente, ele era estudioso e bem-comportado, enquanto eu e meu irmão mais novo passávamos a juventude a garantir que a anarquia reinasse o máximo possível nas ruas em torno de Gramercy Park. “Arruaceiros” era um rótulo que meu irmão e eu costumávamos receber dos amigos de nossos pais, e muito se falava sobre o extraordinário infortúnio de uma família ser afligida com duas ovelhas negras. Na realidade, não havia nenhuma malícia ou insídia no que fazíamos; era mais porque preferíamos fazê-lo na companhia de um pequeno bando de meninos que moravam em vielas e becos do distrito de Gas House, a leste de Gramercy Park. Não eram considerados companheiros aceitáveis em nosso austero recanto da sociedade tradicional de Nova York, onde a classe contava muito, e nenhum adulto se sentia disposto a tolerar crianças com vontade própria. Uns poucos anos em uma escola preparatória nada fizeram para desencorajar minhas tendências; para ser franco, era tão grande o alarme geral por meu comportamento quando completei dezessete anos, que meu pedido de ingresso em Harvard quase foi rejeitado – um destino que eu aceitaria com o maior prazer. Todavia, os bolsos fundos de meu pai fizeram a balança pender de novo em meu suposto favor, e fui para a insossa aldeiazinha de Cambridge, onde um ou dois anos de vida universitária não me deixaram mais propenso a aceitar um jovem estudioso como Theodore quando ele ali chegou.

Entretanto, no outono de 1897, durante meu último ano e o segundo de Theodore, tudo isso começou a mudar. Sob o duplo fardo de um romance difícil e um pai gravemente doente, Theodore começou a se desenvolver: de

um jovem limitado a um homem acessível, de mentalidade muito mais ampla. Nunca chegou a ser o que se chamava “homem do mundo”, é claro; mesmo assim, conseguimos descobrir um no outro dimensões filosóficas que nos permitiam passar muitas noites bebendo e conversando. Muito em breve já efetuávamos expedições à sociedade de Boston, tanto a alta quanto a baixa; e com essa fundação, uma sólida amizade começou a crescer.

Enquanto isso, outro amigo meu de infância, Laszlo Kreizler, depois de ter concluído um curso com uma rapidez sem precedentes na Columbia Medical College, fora atraído de um emprego como assistente júnior no Lunatic Asylium, na ilha Blackwell, para um novo curso de pós-graduação em Psicologia, oferecido em Harvard pelo dr. William James. Esse professor gregário, parecido com um *terrier*, que se tornaria famoso como filósofo, fundara pouco antes o primeiro laboratório psicológico da América, em umas salinhas no Lawrence Hall. Também dava aulas em um curso de anatomia comparativa; e no outono de 1877, ao ser informado de que James era um professor divertido e compreensivo com as notas, tratei de me matricular em seu curso. No primeiro dia, descobri-me sentado ao lado de Theodore, que mantinha seu interesse por todas as coisas diferentes que o fascinavam desde o início da juventude. Embora se empenhasse com frequência em animadas discussões com James sobre o comportamento animal, ele, como todos nós, logo se descobriu encantado com o professor, ainda jovem, que tinha o hábito de deitar no chão quando a participação dos alunos vacilava e declarar que o ensino era um “processo mútuo”.

O relacionamento de Kreizler com James era muito mais complexo. Embora respeitasse muito o trabalho de James, e passasse a sentir uma enorme afeição pelo homem em si (era impossível não sentir), ainda assim Laszlo se mostrava incapaz de aceitar suas famosas teorias sobre o livre-arbítrio, que eram o fundamento da filosofia de nosso professor. James fora um menino doentio e emotivo, e, quando jovem, cogitara mais de uma vez o suicídio; mas superara essa tendência em decorrência da leitura das obras do filósofo

francês Renouvier, que ensinava que um homem podia, pela força de vontade, superar todos os males psíquicos (e muitos físicos). “Meu primeiro ato de livre-arbítrio será acreditar no livre-arbítrio!”, fora o grito de batalha inicial de James, uma atitude que continuava a dominar seu pensamento em 1877. Era inevitável que essa filosofia colidisse com a convicção em desenvolvimento de Kreizler do que ele chamava de “contexto” – a teoria de que as ações de cada homem são influenciadas, a um ponto decisivo, por suas experiências anteriores, e que nenhum comportamento humano pode ser analisado ou afetado sem o conhecimento dessas experiências. No laboratório em Lawrence Hall, com vários aparelhos para testar e dissecar o sistema nervoso animal e as reações humanas, James e Kreizler discutiam sobre a maneira como se formavam os padrões na vida das pessoas, e se algum de nós é ou não livre para determinar que tipo de vida levará quando adulto.

Essas discussões foram se tornando cada vez mais acaloradas – e, ainda por cima, um dos temas prediletos das conversas no *campus* –, até que, por fim, uma noite no início do segundo período, eles debateram no auditório da universidade sobre o tema “O livre-arbítrio é um fenômeno psicológico?”.

A maioria dos estudantes compareceu; e embora Kreizler argumentasse muito bem, a multidão se sentia predisposta a refutar suas declarações. Além disso, o senso de humor de James era muito mais desenvolvido que o de Kreizler na ocasião, e os alunos de Harvard adoravam os muitos gracejos de seu professor, à custa de Kreizler. Em contrapartida, as referências de Laszlo a filósofos niilistas, como o alemão Schopenhauer, assim como o fundamento nas teorias evolucionistas de Charles Darwin e Herbert Spencer para explicar que a sobrevivência era o objetivo do desenvolvimento mental do homem, tanto quanto do físico, provocaram muitas e prolongadas manifestações de desaprovação dos estudantes. Confesso que até eu fiquei dividido entre a lealdade a um amigo, cujas convicções sempre me deixaram inquieto, e o entusiasmo por um homem e uma filosofia que pareciam oferecer a promessa de possibilidades ilimitadas não apenas para mim, mas também para o futuro

de todos os homens.

Theodore – que ainda não conhecia Kreizler e que sobrevivera, como James, a muitas e graves doenças na infância, graças ao que julgava ser pura força de vontade – não era perturbado por aqueles escrúpulos; com o maior vigor, aplaudiu a vitória inevitável de James.

Jantei com Kreizler depois do debate, em uma taberna à beira do Charles, frequentada por harvardianos. No meio da refeição, Theodore entrou, com alguns amigos. Ao me ver com Kreizler, solicitou uma apresentação. Fez alguns comentários joviais, mas oportunos, sobre "as divagações místicas relacionadas com a psique humana" de Laszlo, e disse que era o resultado de sua formação europeia; mas foi longe demais quando fez um gracejo sobre "sangue cigano", pois a mãe de Laszlo era húngara, o que o levou a se sentir ofendido. Kreizler lançara o desafio para uma solução de honra, e Theodore, na maior satisfação, sugerira uma luta de boxe. Eu sabia que Laszlo teria preferido uma disputa com florete – com seu braço esquerdo ruim, teria pouca chance em um ringue –, mas ele concordou, de acordo com o *code duello*, que concedia a Theodore, como a parte desafiada, a escolha das armas.

Para crédito de Roosevelt, quando os dois se despiram no Ginásio Hemenway (no qual conseguíramos entrar, àquela hora tardia, graças a um jogo de chaves que eu ganhara de um zelador em um jogo de pôquer, no início do ano letivo), e Theodore viu o braço de Kreizler, propôs no mesmo instante que o adversário escolhesse outra arma que não os punhos; mas Kreizler era teimoso e orgulhoso, e embora estivesse fadado à derrota, pela segunda vez naquela noite, lutou muito melhor do que qualquer um poderia imaginar. Sua valentia impressionou a todos os presentes, e valeu-lhe, como era previsível, a admiração sincera de Roosevelt. Voltamos todos à taberna e bebemos madrugada afora. Theodore e Laszlo nunca chegaram a se tornar os amigos mais íntimos, mas um vínculo muito especial formou-se entre os dois, abrindo a mente de Roosevelt – mesmo que apenas uma fresta – às teorias e

às opiniões de Kreizler.

Essa abertura era um dos principais motivos de estarmos reunidos agora na sala de Theodore; e enquanto conversávamos sobre os velhos tempos em Cambridge, nosso problema imediato ficou em segundo plano por algum tempo. A conversa logo se estendeu ao passado mais recente; Roosevelt fez algumas perguntas com real interesse sobre o trabalho de Kreizler com as crianças em seu Instituto e com os insanos criminosos. Laszlo comentou que acompanhara com o maior interesse a carreira de Theodore como deputado estadual em Albany e como Comissário do Serviço Civil em Washington. Foi uma conversa agradável, entre velhos amigos, que tinham muita coisa a pôr em dia. Durante a maior parte do tempo, contentei-me em ouvir, desfrutando a mudança de clima da noite anterior e daquela manhã.

No entanto, como era inevitável, a conversa entrou no caso Santorelli; e um clima de presságio e tristeza se insinuou na sala, inexorável, dissipando as recordações agradáveis com a mesma crueldade com que o selvagem desconhecido despachara o garoto na torre da ponte.

CAPÍTULO 6

Li seu relatório, Kreizler – disse Roosevelt, pegando o documento na mesa. – Junto com o do legista. Não deve surpreendê-lo saber que ele não nos forneceu informações adicionais.

Kreizler balançou a cabeça, com evidente aversão.

– Qualquer açougueiro ou vendedor de patentes médicas pode ser nomeado legista, Roosevelt. É quase tão fácil quanto se tornar superintendente de um hospício.

– Tem razão. Seja como for, seu relatório parece indicar...

– Não indica *tudo* o que descobri – interrompeu-o Kreizler, com um cuidado evidente. – Na verdade, não inclui alguns dos pontos mais importantes.

– Como? – Disse Theodore, levantando os olhos, aturdido, e o pincenê que usava no escritório caiu de seu nariz. – O que disse?

– Muitos olhos veem os relatórios na Chefatura, comissário – disse Kreizler, tentando fazer o melhor possível para ser diplomático, o que era um esforço sincero, em seu caso. – Não queria correr o risco de que certos detalhes se tornassem... públicos. Ainda não.

Theodore se manteve calado por um momento, com os olhos apertados, pensativo.

– Você escreveu que houve erros terríveis – ele murmurou, com a voz mais calma.

Kreizler se levantou, foi até a janela e entreabriu as cortinas.

– Em primeiro lugar, Roosevelt, você deve me prometer que pessoas como... – e enunciou o nome com profunda repulsa –... o sargento detetive Connor não tomarão conhecimento de nada disso. O homem passou esta

manhã propagando informações falsas para a imprensa... informações que podem custar mais vidas.

A testa normalmente franzida de Theodore tornou-se ainda mais vincada.

– Se isso for verdade, doutor, farei o homem...

Kreizler ergueu a mão.

– Basta me prometer isso, Roosevelt.

– Tem minha palavra. Mas, pelo menos, conte-me o que Connor disse.

– Ele deu a impressão a vários repórteres de que o tal Wolff foi o responsável pelo assassinato de Santorelli – respondeu Kreizler, começando a andar de um lado para o outro da sala.

– E você acha que não foi ele?

– Com toda certeza. Os pensamentos e as ações de Wolff não têm nenhuma premeditação, e são assistemáticos ainda por cima. Embora ele seja totalmente desprovido de freios emocionais e não sinta nenhuma aversão à violência.

– Você o consideraria... um psicopata?

Para Roosevelt, essa linguagem era um tanto desconhecida.

Kreizler ergueu uma sobrancelha, e Theodore acrescentou, parecendo um pouco embaraçado:

– Li alguns de seus ensaios recentes, mas não posso dizer até que ponto os compreendi, de fato.

Kreizler balançou a cabeça, com um sorrisinho enigmático.

– Você me pergunta se Wolff é um psicopata. Há uma inferioridade psicopática inerente nele, não resta a menor dúvida. Mas, quanto às *implicações* de rotulá-lo como psicopata... se leu alguma coisa de minha literatura, Roosevelt, sabe que isso depende das opiniões que aceitamos.

Foi a vez de Roosevelt balançar a cabeça e coçar o queixo com uma de suas mãos vigorosas. Eu não sabia naquele momento, mas descobriria nas semanas subsequentes, que um dos maiores pontos de divergência entre Kreizler e muitos de seus colegas – uma batalha que se travara primariamente

nas páginas do *American Journal of Insanity*, uma publicação trimestral da organização nacional de superintendentes de hospícios – era a questão sobre o que constituía um autêntico lunático homicida. Homens e mulheres cujos atos extremamente brutais indicavam padrões peculiares de pensamentos morais, mas cuja capacidade intelectual era reconhecida como saudável, haviam sido incluídos pouco antes na ampla classificação de "personalidades psicopáticas" pelo psicólogo alemão Emil Kraepelin. A classificação, de modo geral, fora aceita por toda a classe médica; a questão contestada era se esses psicopatas podiam ser considerados como verdadeiros doentes mentais. A maioria dos médicos respondia afirmativamente; e embora ainda não pudessem identificar com precisão a natureza e as causas da doença, todos achavam que essas descobertas eram apenas uma questão de tempo. Kreizler, no entanto, acreditava que os psicopatas eram produzidos por condições e experiências extremas na infância, não eram afligidos por nenhuma patologia real. Julgadas no contexto, as ações desses pacientes podiam ser compreendidas e até mesmo previstas (ao contrário do que ocorria com os que eram loucos de fato). Era esse, sem a menor sombra de dúvida, seu diagnóstico sobre Henry Wolff.

– Quer dizer que vai declará-lo apto a ser julgado? – perguntou Roosevelt.

– Isso mesmo. – Disse Kreizler, e seu rosto se ensombrou de forma perceptível enquanto olhava para suas mãos cruzadas. – E, ainda mais importante, aposto que muito antes de o julgamento começar, teremos provas de que ele não está ligado ao caso Santorelli. Provas macabras.

Eu descobria que era cada vez mais difícil me manter em silêncio.

– E que provas seriam?

Kreizler baixou as mãos nas laterais do corpo, voltando para a janela.

– Mais corpos, eu receio. Sobretudo se houver uma tentativa de vincular Wolff a Santorelli. – A voz de Kreizler era transtornada. – Ele se sentiria furioso por seu protagonismo ser roubado dessa maneira...

– Ele quem?

Mas Laszlo parecia não me ouvir, e continuou, no mesmo tom distante:

– Vocês se lembram de um caso interessante que ocorreu há cerca de três anos, também envolvendo crianças assassinadas? Creio que foi no auge de suas lutas em Washington, Roosevelt, e por isso, talvez, você não tenha tomado conhecimento. E você, Moore, creio que na ocasião se encontrava envolvido em uma batalha um tanto encarniçada com o *Washington Post*, que queria a cabeça de Roosevelt em uma bandeja.

– O *Post!* – Disse eu, deixando escapar um suspiro de repulsa. – O *Post* estava afundado na lama até os olhos, junto com todos os nomeados ilegais do governo...

– Isso mesmo – intercedeu Kreizler, levantando seu braço esquerdo deformado para me deter. – Não resta a menor dúvida de que sua posição era a honrada. E também a mais leal, embora seus editores não demonstrassem o mesmo entusiasmo ao apoiá-lo.

– Eles mudaram de opinião no final – declarei, estufando um pouco o peito. Mas logo o murchei, e acrescentei: – Não que isso tenha salvado meu emprego.

– Nada de autorrecriminações, Moore. Mas, como eu estava dizendo, há cerca de três anos, uma caixa-d'água sobre um enorme cortiço na Suffolk Street, um pouco ao norte da Delancey, foi atingida por um raio. Como se tratava da estrutura mais alta da área, o evento era perfeitamente explicável, se bem que um tanto insólito. Quando os moradores do prédio e os bombeiros chegaram ao telhado, no entanto, alguns se sentiram propensos a interpretar o acontecimento como providencial... pois encontraram na caixa os corpos de duas crianças. Irmãos. Tinham a garganta cortada. Por acaso eu conhecia a família; eram judeus da Áustria. As crianças eram bem bonitas... feições delicadas, enormes olhos castanhos, e também muito levadas. Um embaraço para a família. Roubavam, mentiam, agrediam outras crianças... incontroláveis. Na verdade, não houve muitos lamentos na vizinhança pela morte dos dois. Os corpos se encontravam em adiantado estado de

decomposição. O garoto caíra da plataforma interna em que haviam sido colocados, mergulhando na água. Seu corpo estava bastante inchado. O da garota se achava um pouco mais intacto, por haver permanecido seco, mas quaisquer pistas que pudessem ser obtidas foram destruídas por outro legista incompetente. Nunca vi nada além dos relatórios oficiais, mas gravei um detalhe curioso que havia neles.

Kreizler fez uma pausa, apontando com a mão esquerda para seu rosto.

– Os olhos haviam desaparecido.

Um violento tremor percorreu meu corpo ao recordar não apenas o garoto Santorelli, mas também os outros dois assassinatos de que Roosevelt me falara na noite anterior. Lancei um olhar para Roosevelt e percebi que ele fizera a mesma ligação, embora seu corpo ainda permanecesse imóvel, ele arregalou os olhos, apreensivo. Contudo, ambos tentamos descartar o sentimento, e Roosevelt declarou:

– Isso não é incomum. Em particular se os corpos ficaram expostos por um longo período. E se a garganta foi cortada, haveria muito sangue para atrair os animais carniceiros.

– É possível – disse Kreizler com um aceno de cabeça ponderado, ainda andando de um lado para o outro. – Mas a caixa-d'água era fechada, justamente para evitar a entrada de animais.

– Ahn... – disse Theodore, perplexo. – Esses fatos foram noticiados?

– Sim – respondeu Kreizler. – Pelo *World,* se bem me lembro.

– Mas não existe caixa-d'água ou prédio em que se possa evitar o acesso de certos animais, como ratos – protestei.

– Tem razão, John – concordou Kreizler. – E na ausência de detalhes adicionais, fui forçado a aceitar essa explicação. Mas por que até mesmo os ratos da cidade de Nova York, ao encontrarem dois corpos, teriam o cuidado de roer apenas os olhos era um mistério desconcertante, que tentei ignorar, e permaneceu sem solução. Até a noite passada.

Kreizler recomeçou a andar pela sala.

– Assim que vi o estado do garoto Santorelli, fiz um exame das órbitas oculares do crânio. Trabalhar à luz de um lampião não é o ideal, mas descobri o que procurava. No malar, assim como na borda do supraorbitário, havia uma série de sulcos estreitos, e na asa maior do esfenoide, na base das cavidades, diversos pequenos entalhes. Todas as marcas eram coerentes com o gume e a ponta de uma faca, do tipo usado com mais frequência por caçadores, eu diria. Meu palpite é de que se exumássemos os corpos das duas vítimas de 1893... e tenciono solicitar essa providência... encontraríamos a mesma coisa. Em outras palavras, senhores, os olhos foram removidos por mão humana.

Meu temor aumentava, mas, aflito, ainda procurei um argumento:

– Mas, o sargento Connor disse...

– Moore – interrompeu-me Kreizler, incisivo –, se quisermos continuar esta conversa, devemos dispensar as opiniões de homens como o sargento Connor.

Roosevelt mudou de posição na cadeira, apreensivo; percebi por sua expressão que esgotara os recursos para evitar que Kreizler ficasse a par de tudo.

– Creio que devo lhe contar, doutor – disse ele, apertando os braços da cadeira –, que tivemos mais dois assassinatos, nos últimos três meses, que podem também se ajustar ao... *padrão* que está descrevendo.

A informação fez Laszlo estacar.

– O quê? – Disse ele com tom de urgência, mas voz controlada. – Onde... onde os corpos foram encontrados?

– Não sei direito.

– E eram prostitutos?

– Acho que sim.

– Você *acha?* Os registros, Roosevelt, preciso dos registros! Ninguém neste departamento jamais pensou em fazer a conexão? Nem mesmo *você?*

Os registros foram requisitados. Por eles, descobrimos que os corpos dos

outros dois garotos, ambos prostitutos, haviam sido encontrados também horas depois do momento da morte, segundo os legistas. Como Roosevelt me contara na noite anterior, houvera menos mutilação que no caso Santorelli, porém parecia uma diferença de quantidade, não de qualidade, pois as semelhanças superavam em muito as diferenças mínimas. O primeiro garoto, um imigrante africano de doze anos, sem outro nome conhecido que não o de "Millie", fora acorrentado à popa de uma barca da ilha Ellis; e o segundo, de dez anos, Aaron Morton, encontrava-se pendurado pelos pés na ponte do Brooklyn. Ambos estavam quase nus, de acordo com os relatórios; ambos tinham a garganta cortada e várias outras lacerações no corpo; e seus olhos haviam desaparecido.

Ao concluir a leitura, Laszlo murmurou esse último fato para si mesmo, várias vezes, perdido em pensamentos.

– Creio que compreendo o que está sugerindo, Kreizler.

Theodore não gostava de ficar para trás em nenhuma discussão intelectual, mesmo que ocorresse em um território que lhe era totalmente estranho.

– Um assassino cometeu esse tipo de ultraje há três anos. O crime foi noticiado. E agora, outro homem, que leu a reportagem, sentiu-se inspirado a imitá-lo – concluiu, satisfeito com sua extrapolação. – Isso é correto, doutor? Não seria a primeira vez que notícias publicadas por nossos jornais surtem esse efeito.

Kreizler, no entanto, continuou calado, batendo com o indicador nos lábios contraídos, com uma expressão que enunciava de forma inequívoca que o caso era muito mais complicado do que ele imaginara. Procurei algum meio de chegar a uma conclusão diferente.

– E todo o resto? – Indaguei. – Os... órgãos cortados, a carne retalhada da... ora, todo o resto. Não houve nada disso nos casos anteriores.

– Não, não houve – murmurou Kreizler. – Mas creio que exista uma explicação para essa diferença; não que precisemos nos preocupar com isso agora. Os olhos é que constituem o vínculo, a chave, o acesso a tudo... tenho

certeza absoluta...

A voz dele tornou a definhar.

– Muito bem – falei, erguendo as mãos. – Alguém assassinou aquelas duas crianças há três anos, e agora, temos em nossas mãos um lunático imitador, que gosta de mutilar cadáveres. O que devemos fazer?

– Quase nada do que você acabou de dizer é exato, John – garantiu Kreizler. – Não tenho certeza de que ele seja mesmo um lunático. Nem me sinto propenso a acreditar que ele gosta do que faz, no sentido que você lhe está atribuindo. O mais importante, no entanto... e receio que neste ponto devo desapontá-lo também, Roosevelt... é que tenho tanta certeza quanto se pode ter de que não se trata de um imitador, mas sim do *mesmo homem*.

E ali estava: a declaração que Roosevelt e eu tanto receávamos. Já fazia algum tempo que eu era repórter policial, desde minha brusca remoção de Washington em consequência da defesa já mencionada de Roosevelt em sua batalha contra o sistema de apadrinhamento no serviço público. Eu até cobrira alguns famosos casos criminais no exterior. Por isso, sabia que existiam assassinos como os que Kreizler descrevia; mas nem por isso me sentia mais tranquilo ao ter conhecimento de que alguém assim se encontrava à solta. E para Roosevelt – um lutador nato, mas que pouco compreendia dos detalhes mais profundos do comportamento criminoso –, era uma ideia ainda mais difícil de engolir.

– Mas... três anos! – Exclamou Theodore, consternado. – Ora, Kreizler, se um homem assim existisse, não poderia fugir da lei por tanto tempo!

– Não é grande coisa fugir quando não se está sendo perseguido – respondeu Kreizler. – E mesmo que a Polícia tivesse algum interesse, não poderia fazer nada. Porque sequer seria capaz de começar a compreender o que motiva o assassino.

– E você compreende? – Perguntou Roosevelt, quase esperançoso.

– Não completamente. Já tenho as primeiras peças... e temos de encontrar o resto. Pois só quando entendermos de fato o que o impele é que teremos

alguma chance de esclarecer o caso.

– Mas o que poderia levar um homem a fazer essas coisas? – Indagou Roosevelt, profundamente confuso. – Afinal, o garoto Santorelli não tinha dinheiro. Estamos investigando a família, mas parece que todos passaram a noite em casa. A menos que tenha sido uma rixa pessoal com alguém, então...

– Duvido que houvesse alguma rixa – declarou Laszlo. – É bem provável que o garoto nunca houvesse visto o assassino antes da noite passada.

– Está sugerindo que o assassino, quem quer que seja, mata crianças que nem ao menos conhece?

– Possivelmente. O importante para ele não é *conhecer*... mas sim o que elas *representam.*

– E o que representam?

– *Isso* é o que devemos determinar.

Roosevelt continuou a sondar com extrema cautela.

– Tem alguma prova para sustentar essa teoria?

– Nenhuma; pelo menos não do tipo a que você se refere. Só tenho uma vida inteira de estudos de pessoas similares. E a intuição que isso me proporcionou.

Roosevelt havia se levantado, pondo-se também a andar de um lado para o outro, enquanto Kreizler relaxava, já havendo realizado a parte mais árdua de seu trabalho. Theodore bateu com um punho na outra palma de sua mão, dizendo:

– Mas, escute, Kreizler; é verdade que fui criado, como todos nós, em uma família privilegiada. Contudo, fiz questão, desde que assumi este cargo, de conhecer a fundo o submundo desta cidade, e testemunhei muitas coisas. Ninguém precisa me dizer que a depravação e desumanidade adquiriram em Nova York dimensões sem precedentes em qualquer outra parte do mundo. Mas, que pesadelo indescritível, mesmo *aqui*, poderia levar um homem a cometer crimes assim?

– Não procure pelas causas nesta cidade – respondeu Kreizler, falando

devagar, esforçando-se ao máximo para ser claro. – Não em circunstâncias recentes, nem em eventos recentes. A criatura que você procura foi criada há muito tempo. Talvez na infância... com toda certeza na infância. E não necessariamente aqui.

Por um momento, Theodore foi incapaz de responder. Seu rosto exibia sentimentos conflitantes. A conversa o perturbava bastante, à semelhança de discussões similares desde o primeiro encontro com Kreizler. Contudo, ele já sabia que a conversa chegaria àquele ponto; não apenas sabia, como também contava com isso – como comecei a perceber – desde o instante em que me pedira para levar Laszlo a seu gabinete. Pois havia também satisfação em suas feições, pela compreensão de que os fatos que pareciam um oceano ameaçador e inexplorado para todos os detetives de seu departamento eram, para o experiente Laszlo, repletos de correntes e cursos. As teorias de Laszlo ofereciam um meio de esclarecer o que, segundo haviam garantido a Theodore, constituía um mistério insolúvel, e assim, impor a justiça a uma morte (ou, pelo que parecia agora, mais de uma) que de outra forma nunca interessaria a mais ninguém no Departamento de Polícia. Entretanto, nada disso explicava por que *eu* também estava ali.

– John – disse Theodore abruptamente, sem me fitar –, Kelly e Ellison estiveram aqui.

– Sei disso. Sara e eu nos encontramos com eles na escada.

– O quê? – Theodore ajeitou o pincenê no nariz. – Houve algum problema? Kelly é um demônio, ainda mais quando há uma mulher presente.

– Não foi o que eu chamaria de um encontro agradável. Mas Sara se manteve firme como um patrulheiro.

Theodore deixou escapar um suspiro de alívio.

– Graças a Deus! Mas, aqui entre nós, às vezes ainda me pergunto se foi uma decisão sensata.

Ele se referia à contratação de Sara, a primeira mulher a trabalhar na força policial da cidade de Nova York, junto com outra secretária do departamento.

Roosevelt sofrera muitas ironias e críticas por aquela decisão, dentro e fora da imprensa; mas não tinha muita paciência com a maneira como as mulheres eram tratadas na sociedade norte-americana, para o que mostrava mais repulsa que qualquer outro homem que eu conhecia, e estava determinado a dar uma oportunidade às duas.

– Kelly ameaçou criar os maiores problemas entre as comunidades de imigrantes se eu tentasse ligar Ellison ou ele a este caso – continuou Roosevelt. – Disse que pode promover muita agitação com a ideia de que o Departamento de Polícia permite que crianças estrangeiras pobres sejam assassinadas impunemente.

Kreizler balançou a cabeça, dizendo:

– Não seria difícil, já que, no fundo, é verdade.

Roosevelt lançou um olhar irritado para Kreizler, mas logo se acalmou, sabendo que o amigo tinha razão.

– Diga-me, Moore, qual é sua opinião sobre Ellison? – Perguntou Laszlo. – Há alguma possibilidade de que ele esteja envolvido?

– Biff? – disse, recostando-me, esticando as pernas e avaliando a questão. – Ele é, com toda certeza, um dos piores homens desta cidade. A maioria dos gângsteres que agora controlam o crime em Nova York possui algum tipo de centelha humana, em algum lugar, mesmo que escondida. Até Monk Eastman tem seus gatos e passarinhos. Mas Biff... por tudo que sei, nada o comove. A crueldade é sua única diversão, a única coisa que parece lhe proporcionar algum prazer. E se eu não tivesse visto o corpo, se fosse apenas uma pergunta hipotética sobre um garoto morto que trabalhava no Paresis Hall, não hesitaria em dizer que ele é suspeito. Motivo? Biff teria alguns, o mais provável sendo o de manter os outros garotos na linha, garantir que lhe paguem sua parte direito. Só há um problema... o estilo. Biff é um homem de estilete, se entende o que quero dizer. Mata de forma discreta, impecável, e muitas das pessoas que supostamente ele já liquidou nunca foram encontradas. Ele pode ser espalhafatoso nas roupas, mas não em seu trabalho.

Assim, por mais que isso me agradasse, não posso dizer que o considero envolvido neste caso. Simplesmente, não é seu... estilo.

Levantei os olhos para descobrir que Laszlo me fitava com uma expressão de perplexidade.

– John, essa é a coisa mais inteligente que já o ouvi dizer – anunciou ele depois de um longo momento de silêncio. – E pensar que você estranhou o motivo de sua presença aqui...

Kreizler voltou-se para Theodore.

– Roosevelt, vou requisitar Moore como meu assistente. Seus conhecimentos das atividades criminosas desta cidade e dos locais em que se desenvolvem o tornarão muito valioso.

– Assistente? – Repeti.

No entanto, os dois voltaram a me ignorar. Os dentes e os olhos apertados de Theodore indicavam que ele estava absorto e satisfeito com a observação de Kreizler.

– O que significa que você deseja participar da investigação – disse ele. – Era o que eu esperava.

– Participar da *investigação?* – Murmurei, aturdido. – Roosevelt, você perdeu o juízo? Um alienista? Um *psicólogo?* Já transformou em inimigos todos os veteranos da Polícia, e metade da Junta de Comissários, ainda por cima. Estão apostando por toda a cidade que você será demitido até o Dia da Independência. Se por acaso se espalhar a notícia de que contratou alguém como Kreizler... ora, seria melhor se recrutasse algum feiticeiro africano!

Laszlo riu.

– E é mais ou menos assim que a maioria dos nossos cidadãos respeitáveis me considera. Moore tem razão, Roosevelt. O projeto teria de ser executado em sigilo absoluto.

Roosevelt balançou a cabeça.

– Podem ter certeza, senhores, de que me encontro a par das realidades da situação. Concordo que o sigilo é indispensável.

Kreizler acrescentou, em outra cuidadosa tentativa de diplomacia:

– E há a questão das *condições*...

– Se está se referindo a salário – disse Roosevelt –, como vai atuar como um consultor, é claro que...

– Não era em salário que eu pensava. Nem em servir como um consultor. Por Deus, Roosevelt, os detetives de sua força sequer foram capazes de perceber a pista da remoção dos olhos... três assassinatos em três meses, e o aspecto mais vital é atribuído a ratos! Ninguém pode imaginar quais outros erros crassos eles cometeram. Quanto a relacionar isso com os casos que ocorreram há três anos, presumindo que essa ligação exista, desconfio que morreríamos de velhice, na cama, antes que eles chegassem a essa conclusão, quer contassem ou não com um "consultor". Não, não quero trabalhar com eles. O que tenho em mente é um... esforço *auxiliar*.

Roosevelt, sempre pragmático, estava disposto a escutar, e disse:

– Continue.

– Dê-me dois ou três detetives jovens e bons, com algum conhecimento dos métodos modernos... homens sem nenhuma participação na velha ordem no departamento, que nunca foram leais a Byrnes. (Thomas Byrnes era o reverenciado criador e antigo chefe da Divisão de Detetives, um homem esquivo, que acumulara vasta fortuna enquanto ocupava o cargo – e que se aposentara, não por coincidência, quando Roosevelt fora nomeado para a junta.) Vamos nos instalar em uma sala fora da Chefatura, embora não muito distante. Indique alguém de sua confiança para fazer a ligação... alguém igualmente jovem. Forneça-nos todas as informações que puder, sem revelar a operação.

Laszlo recostou-se, consciente da natureza sem precedentes de sua proposta.

– Dê-nos tudo isso, e creio que assim poderemos ter alguma possibilidade.

Roosevelt pôs as mãos na mesa, balançou-se na cadeira, observando Kreizler.

– Eu perderia o cargo se descobrissem – ele comentou, sem o que se poderia

chamar de preocupação apropriada. – Não sei se compreende, doutor, quanto seu trabalho assusta e irrita as pessoas que mandam nesta cidade... tanto na política como nos negócios. O comentário de Moore sobre o feiticeiro africano não é uma piada.

– Posso garantir que não o encarei como tal. Mas, se for sincero em seu desejo de dar um basta a essa situação... – a voz e a expressão de Kreizler eram de absoluta seriedade –..., então, *deve* concordar.

Eu ainda me sentia um tanto espantado com tudo o que ouvia, e pensei que aquele seria o momento em que Roosevelt deixaria de flertar com a ideia e cancelaria para sempre o projeto. Contudo, ele bateu com o punho na outra palma da mão, dizendo:

– Ora, doutor, conheço dois detetives que se ajustariam completamente a seu propósito! Mas, diga-me... por onde começaria?

– Para responder a isso – disse Kreizler, apontando para mim –, devo agradecer a Moore. Foi uma coisa que ele me enviou, há algum tempo, que me deu a ideia.

– Uma coisa que *eu* lhe enviei?

Por um momento, o egoísmo me fez pôr de lado todas as apreensões por aquela perigosa proposta. Laszlo foi até a janela e abriu as cortinas por completo, para poder olhar para fora.

– Deve estar lembrado, John, da época em que esteve em Londres, há alguns anos, por ocasião dos crimes do Estripador.

– É claro que me lembro – respondi com um grunhido.

Não fora uma das minhas férias mais tranquilas: três meses em Londres, em 1888, quando um fantasma sanguinário abordava prostitutas ao acaso no East End e as estripava.

– Eu lhe pedi informações e o noticiário da imprensa local. E você me atendeu, mandando até alguns depoimentos do jovem Forbes Winslow.

Vasculhei minha memória daquele tempo. Forbes Winslow, filho de um eminente alienista britânico de mesmo nome, uma das primeiras influências

de Kreizler, era superintendente de um hospício na década de 1880, graças ao prestígio do pai. O jovem Winslow era um tolo rematado, mas quando começaram os assassinatos de Jack, o Estripador, era bem conhecido o suficiente para se imiscuir na investigação; e chegara a alegar que fora sua participação que acabara com os assassinatos (ainda não esclarecidos no momento em que escrevo este livro).

– Não me diga que foi Winslow quem lhe apontou o caminho – comentei, ainda mais aturdido.

– Só inadvertidamente. Em um dos seus absurdos ensaios sobre o Estripador, ele analisou um suspeito específico no caso, dizendo que se houvesse de criar um "homem imaginário"... foi essa sua expressão, "homem imaginário"... que se ajustasse às características conhecidas do assassino, não poderia projetar outro melhor. É claro que o suspeito que ele apontava logo foi considerado inocente. Mas a expressão permaneceu em minha cabeça

Kreizler se voltou para nós.

– Nada sabemos sobre a pessoa que procuramos, e é improvável que venhamos a descobrir testemunhas que saibam mais do que nós. As provas circunstanciais serão escassas, na melhor das hipóteses... afinal, ele vem agindo há anos, e teve tempo mais que suficiente para aperfeiçoar sua técnica. O que devemos fazer... a única coisa que se pode fazer... é projetar um quadro imaginário do tipo de pessoa que seria capaz de cometer esses atos. Se tivéssemos um retrato assim, o significado das poucas pistas coletadas aumentaria de forma drástica. Poderíamos reduzir o palheiro em que nossa agulha se esconde a pouco mais que um montinho de palha, se quiserem.

– Eu não, obrigado – murmurei.

Meu nervosismo só fazia crescer. Era justamente o tipo de conversa que inflamaria a mente de Roosevelt, e Kreizler sabia disso. Ação, planos, uma campanha – quase não era justo pedir a Theodore que tomasse uma decisão sensata quando se defrontava com essa espécie de atrativo emocional. Levantei-me e estiquei os braços, tentando assumir uma posição preventiva.

– Escutem aqui, vocês dois...

Laszlo, porém, tocou em meu braço, ofereceu-me um daqueles seus olhares – tão autoritários que eram exasperantes – e disse:

– Sente-se por mais um momento, Moore.

Não pude deixar de obedecer, embora contrafeito, e ele continuou:

– Há mais uma coisa que ambos devem saber. Já falei que, nas condições que estou definindo, podemos ter uma chance de sucesso; e, com certeza, não seria mais que isso. Os anos de prática de nossa presa não foram em vão. Lembrem-se de que os corpos das duas crianças na caixa-d'água só foram descobertos por acaso. Nada sabemos a seu respeito... nem mesmo sabemos se é de fato um homem. Casos de mulheres que assassinam os próprios filhos e outras crianças... variantes extremadas da obsessão puerperal, ou o que se chama agora de psicose pós-parto, não são incomuns. Temos uma causa fundamental para otimismo.

Theodore levantou os olhos, animado.

– O garoto Santorelli?

Ele estava aprendendo depressa. Kreizler confirmou com um aceno de cabeça.

– Para ser mais preciso, o corpo do garoto Santorelli. Sua localização, e as dos outros dois. O assassino poderia ter escondido suas vítimas para sempre... só Deus sabe quantos ele matou nos últimos três anos. Agora, porém, ele nos concedeu uma declaração ostensiva sobre suas atividades... não muito diferente, Moore, das cartas que o Estripador escreveu para várias autoridades de Londres durante seus crimes. Alguma parte sepultada, atrofiada, mas ainda não morta de nosso assassino começa a se cansar do derramamento de sangue. E nesses três corpos podemos ler, com tanta nitidez como se fossem palavras, seu clamor distorcido para que o encontremos. E o encontremos depressa, pois o prazo pelo qual ele mata é rígido, conforme desconfio. Devemos também aprender a decifrar esse esquema de prazo.

– Quer dizer que acredita que pode fazê-lo depressa, doutor? – indagou

Theodore. – Afinal, uma investigação como a que descreve não pode ser realizada por tempo indefinido. Precisamos de *resultados.*

Kreizler deu de ombros, parecendo indiferente ao tom de urgência de Roosevelt.

– Dei minha opinião honesta. Teríamos uma chance de êxito, nada mais... ou menos – e pondo a mão na mesa: – E então, Roosevelt?

Se parece estranho eu não haver feito nenhum protesto adicional, só posso dizer o seguinte: a explicação de Kreizler de que seu curso de ação atual fora inspirado por um documento que eu lhe enviara anos antes, na esteira das reminiscências partilhadas de Harvard e do crescente entusiasmo de Theodore pelo plano, subitamente deixou claro para mim que tudo o que acontecia naquela sala era apenas em parte uma decorrência da morte de Georgio Santorelli. O âmbito total de causas parecia se estender muito além, até nossa infância e nossa vida subsequente, tanto individuais quanto partilhadas. Poucas vezes senti com tanto vigor a verdade da convicção de Kreizler de que as respostas que damos às questões cruciais da vida nunca são realmente espontâneas; são a concretização de anos de experiência contextual, do acúmulo de padrões na vida de cada um, que acabam por dominar nosso comportamento. Theodore – cujo credo de reação ativa a todos os desafios o guiara por meio das doenças físicas na juventude e das provações políticas e pessoais na vida adulta – era de fato livre para recusar a oferta de Kreizler? E se ele aceitasse, eu seria livre para dizer não àqueles dois amigos, com os quais vivera tantas aventuras, e que agora me diziam que meus conhecimentos e atividades extracurriculares – tantas vezes descartados como inúteis por quase todos os que eu conhecia – provavam ser vitais na captura de um brutal assassino? O professor James diria que sim, que qualquer ser humano é livre, em qualquer momento, para persistir ou declinar qualquer coisa; e talvez, em termos objetivos, isso seja verdade. Todavia, como Kreizler adorava dizer (e o professor James, em última análise, tinha dificuldade em refutar), não se pode objetivar o subjetivo, não se pode

generalizar o específico. O que o homem, ou *um* homem, poderia escolher era discutível; Theodore e eu éramos os homens ali presentes.

E assim, naquela desolada manhã de março, Kreizler e eu nos tornamos detetives, como todos os três sabiam que deveria ser. Essa certeza se baseava, como eu disse, na total percepção do caráter e do passado um do outro; contudo, havia uma pessoa em Nova York, naquele momento decisivo, que adivinhara corretamente nossas deliberações e suas conclusões, sem jamais ter sido apresentada a nós. Apenas em retrospectiva posso compreender que essa pessoa tinha profundo interesse por nossas atividades naquela manhã; e que escolhera minha saída e de Kreizler da Chefatura de Polícia para transmitir uma mensagem ambígua, mas também inquietante.

Avançando apressados por uma nova investida da chuva forte, despencando de um céu cada vez mais ameaçador, Laszlo e eu voltamos para a caleche, onde senti no mesmo instante um estranho mau cheiro, muito diferente dos odores habituais de estrume de cavalo e lixo que predominavam nas ruas da cidade.

– Kreizler – falei, torcendo o nariz, enquanto ele sentava ao meu lado –, será que alguém...

Parei ao me voltar e me deparar com os olhos pretos de Laszlo fixos em um canto remoto do piso da caleche. Acompanhei seu olhar e avistei um pano branco, todo manchado, amassado em uma bola, que espetei com a ponta do guarda-chuva.

– Uma insólita mistura de aromas – murmurou Kreizler. – Excremento e sangue humanos, a menos que eu esteja enganado.

Soltei um grunhido e tapei o nariz com a mão esquerda, enquanto concluía que ele estava certo.

– A ideia de diversão de algum garoto das redondezas – comentei, levantando o pano com a ponta do guarda-chuva. – As carruagens, como as cartolas, são bons alvos.

No momento em que joguei o trapo pela janela, um pedaço de papel,

também manchado, se desprendeu e caiu no piso da caleche. Resmunguei de novo e tentei em vão espetar o papel com o guarda-chuva. Ao fazê-lo, o papel se abriu, e pude ler alguma coisa do que estava escrito ali.

– Ei! – exclamei, perplexo. – Parece ser alguma coisa do *seu* departamento, Kreizler. “A Relação de Higiene e Dieta Com a Formação Neural Infantil”.

De forma brusca e inesperada, Kreizler arrancou o guarda-chuva de minha mão, espetou o pedaço de papel com a ponta e depois jogou as duas coisas pela janela.

– Mas o que... Kreizler!

Saltei da caleche, fui pegar o guarda-chuva, separei-o do papel ofensivo e depois tornei a embarcar.

– Não é um guarda-chuva barato, e você devia saber.

Ao olhar para Kreizler, percebi uma insinuação de autêntica apreensão em suas feições; mas ele logo a forçou a desaparecer, e disse, em um tom controlado e determinado:

– Desculpe-me, Moore. Mas acontece que conheço o autor. Tão pobre estilista quanto pensador. E não há tempo para nos desviarmos do rumo... temos muito a fazer.

Ele se inclinou para a frente e gritou o nome de Cyrus, e a cabeça do gigante apareceu sob a coberta.

– O Instituto primeiro, e depois vamos almoçar – ordenou Laszlo. – E aumente a velocidade, se puder, Cyrus... precisamos de um pouco de ar fresco aqui dentro.

Era óbvio, àquela altura, que a pessoa que deixara o trapo imundo na caleche não era uma criança: pois, baseado no breve trecho que eu lera, assim como na reação de meu amigo, a monografia da qual fora arrancada aquela folha era quase certamente uma das obras do próprio Kreizler. Pensei que um dos muitos críticos de Kreizler – no Departamento de Polícia, ou alguém do público em geral – era responsável pelo ato, e por isso não me aprofundei no assunto. Contudo, nas semanas subsequentes, o pleno significado do

incidente se tornaria aflitivamente claro.

CAPÍTULO 7

Estávamos ansiosos para começar a mobilizar nossas forças para a investigação, e os atrasos que experimentamos, embora breves, foram frustrantes. Ao tomar conhecimento do interesse especulativo pela visita de Kreizler à Chefatura por parte de repórteres e policiais, Theodore compreendeu que cometera um erro ao realizar a reunião ali, e nos disse que precisava de uns dois dias para acalmar a situação. Kreizler e eu aproveitamos esse tempo para tomar as providências necessárias em relação às nossas ocupações "civis". Tive de convencer meus editores a me conceder uma licença, um objetivo que foi bastante facilitado por um oportuno telefonema de Roosevelt para explicar que minha participação era necessária em uma questão policial vital. Mesmo assim, só me permitiram deixar o escritório editorial do *Times* depois que prometi que, se a investigação resultasse em uma história digna de publicação, eu não a levaria a outro jornal ou revista, independentemente do dinheiro que me oferecessem. Garanti a meus chefes de cara azeda que não iam mesmo querer a história e, depois, desci pela Broadway em uma típica manhã de março nova-iorquina: a temperatura muito abaixo de zero às onze horas da manhã, com ventos de oitenta quilômetros por hora soprando pelas ruas. Deveria me encontrar com Kreizler em seu Instituto, e pensara em seguir a pé, tão grande era minha sensação de liberdade por não ter de responder a meus editores por um longo período. No entanto, o autêntico frio de Nova York – do tipo que congela urina de cavalo em pequenos regatos na superfície das ruas – sempre acaba por prevalecer sobre o melhor dos ânimos. Diante do Fifth Avenue Hotel, decidi pegar um fiacre, parando apenas para observar Boss Platt sair de uma carruagem e desaparecer no interior do prédio. Seus movimentos rígidos e

anormais nada faziam para assegurar ao espectador que ele se encontrava de fato vivo.

A licença de Kreizler, especulei dentro do fiacre, não seria uma questão tão simples quanto a minha. As duas dúzias, aproximadamente, de crianças no Instituto dependiam de sua presença e conselhos. Haviam chegado a ele de casas (ou ruas) onde eram habitualmente ignoradas, punidas com regularidade ou espancadas com brutalidade. Para ser sincero, eu não imaginara, no início, como ele seria capaz de assumir outra atividade, mesmo em caráter temporário, já que era enorme a necessidade de sua mão firme no Instituto; mas, depois, ele me dissera que ainda planejava passar duas manhãs e uma noite por semana ali, e, nessas ocasiões, deixaria a investigação aos meus cuidados. Não era o tipo de responsabilidade que eu previra, e me surpreendera ao constatar que a perspectiva me deixava mais ansioso que preocupado.

O fiacre passou pela Chatham Square, entrou na East Broadway, e desembarquei diante dos números 185-187: o Instituto Kreizler. Ao descer para a calçada, verifiquei que a caleche de Laszlo se encontrava ali. Levantei os olhos para a janela do Instituto, como se estivesse esperando avistá-lo a me observar, mas não encontrei nenhum rosto.

Kreizler comprara os dois prédios de quatro andares, com tijolos vermelhos e remates pretos, em 1885, usando o próprio dinheiro, e em seguida reformara os interiores, para que se tornassem uma só unidade. A manutenção subsequente do lugar era coberta com os honorários que ele cobrava de seus clientes mais ricos e pelos rendimentos consideráveis que recebia de seu trabalho como perito legal. Os quartos das crianças ficavam no último andar do Instituto, e as salas de aula e de recreação ocupavam o terceiro. No segundo andar ficavam as salas de exames e consultas de Kreizler, assim como seu laboratório psicológico, onde ele realizava com as crianças os testes sobre poderes de percepção, reação, associação, memória e todas as outras funções psíquicas que tanto fascinavam a comunidade

alienista. O andar térreo era reservado a seu centro cirúrgico, um tanto assustador, onde efetuava ocasionais dissecações de cérebro e autópsias.

Meu fiacre parou perto da escada de ferro preta que levava à entrada principal, no número 185. Cyrus Montrose postava-se no alto da escada, com sua cabeça sob um chapéu-coco, o corpo enorme envolto por um sobretudo ainda maior, e as narinas largas sopravam um fogo frio.

– Boa tarde, Cyrus – murmurei, com um sorriso contrafeito, enquanto subia a escada, esperando em vão não parecer tão apreensivo quanto sempre me sentia ao ser o foco de seu olhar de tubarão. – O dr. Kreizler está?

– Aquela é a caleche dele, sr. Moore.

A voz de Cyrus era bastante agradável; ainda assim, conseguiu me fazer parecer um dos maiores idiotas da cidade. Entretanto, continuei a sorrir, determinado.

– Já soube que o doutor e eu vamos trabalhar juntos por algum tempo?

Cyrus assentiu com a cabeça, exibindo um sorriso que, se eu não o conhecesse bem, teria jurado ser irônico.

– Já soube, senhor.

– Muito bem! – Alisei meu paletó, bati no colete. – Acho melhor eu ir ao encontro dele. Boa tarde, Cyrus.

Não recebi resposta do homem ao entrar, mas também nem merecia; não havia motivo para que nós dois nos comportássemos como idiotas.

O pequeno vestíbulo e a sala da frente do Instituto – brancos, com lambris de madeira escura – achavam-se apinhados, como sempre, de pais, mães e crianças, acomodados em bancos compridos, esperando para falar com Kreizler. Quase todas as manhãs, ao final do inverno e início da primavera, Laszlo conduzia pessoalmente as entrevistas para determinar quem seria admitido no Instituto no outono seguinte. Os candidatos variavam das famílias mais ricas da zona nordeste às mais pobres de imigrantes e trabalhadores rurais, mas todos tinham uma coisa em comum: uma criança perturbada ou perturbadora, cujo comportamento era, de certa forma,

extremado e inexplicável. Era tudo muito sério, é claro, mas isso não mudava o fato de que naquelas manhãs o Instituto era quase como um jardim zoológico. Ao passar por ali, era provável ser empurrado, cuspido, xingado e maltratado de outras formas, em particular por aquelas crianças cuja única deficiência mental era haverem sido mimadas demais, e cujos pais podiam e deveriam se poupar da viagem ao consultório de Kreizler.

Ao me encaminhar para a porta do consultório de Kreizler, meus olhos se encontraram com um desses arruaceiros em potencial, um garoto gordo, com olhos insidiosos. Uma mulher morena, de rosto vincado, em tomo dos cinquenta anos, envolta por um xale e murmurando alguma coisa em uma língua que desconfiei ser húngaro, andava de um lado para o outro diante da porta; precisei me esquivar tanto dela quanto dos pés escoiceadores do garoto gordo a fim de me aproximar o suficiente para bater à porta. Ouvi Kreizler gritar “Sim!” e entrei, notando que a mulher me observava com uma ostensiva preocupação.

Depois do vestíbulo relativamente inócuo, o consultório de Laszlo era o primeiro lugar que os pacientes em perspectiva (aos quais ele sempre se referia como “estudantes”, exigindo o mesmo de sua equipe, a fim de evitar que as crianças se conscientizassem de sua situação e suas condições) viam ao entrar no espaço e experiência que constituíam o Instituto Kreizler. Por isso, ele tivera o cuidado de impedir que a decoração fosse intimidadora. Havia gravuras de animais, que refletiam o bom gosto de Laszlo, mas também divertiam e tranquilizavam as crianças, assim como a presença de brinquedos – bilboquês, blocos de armar, bonecas, soldadinhos de chumbo – usados nos testes preliminares de agilidade, tempo de reação e disposição emocional. A presença de instrumentos médicos era mínima, a maioria ficava guardada na sala de exames, mais além. Era ali que Kreizler efetuava a primeira série de investigações físicas quando determinado caso o interessava. Os testes visavam determinar se as dificuldades da criança derivavam de causas secundárias (isto é, disfunções fisiológicas que afetavam

o ânimo e o comportamento) ou anormalidades primárias, significando distúrbios mentais ou emocionais. Se a criança não apresentava evidências de aflição secundária, e Kreizler achava que poderia ser de algum proveito no caso (em outras palavras, se não havia sinais de doença ou lesão cerebral de caráter irremediável), seria “matriculada”: passaria a viver no Instituto quase durante todo o tempo, só voltando para casa nos feriados, e, mesmo assim, se Kreizler julgasse que o contato seria seguro. Laszlo concordava com as teorias de seu amigo e colega dr. Adolf Meyer, e citava com frequência uma de suas máximas: “Os processos degenerativos em crianças recebem seu principal estímulo de ambientes familiares igualmente precários”. Proporcionar a crianças perturbadas um novo contexto ambiental era o mais importante objetivo do Instituto; e, além disso, era a pedra fundamental do esforço arrebatado de Laszlo para descobrir se o que chamava de “molde original” da psique humana podia ou não ser remodelado e, assim, ser redeterminado o destino a que se fora consignado por acidentes no nascimento.

Kreizler sentava-se a uma de suas escrivaninhas, um tanto ornamentadas, escrevendo à luz de um pequeno abajur da Tiffany, com uma copa de vidro verde e dourada. Enquanto esperava que ele terminasse, aproximei-me de uma pequena estante perto da escrivaninha e peguei um dos meus volumes prediletos: *The Career and Death of the Mad Thief and Murderer, Samuel Green*[2]. O caso, que datava de 1822, era um dos que Laszlo citava com frequência para os pais de seus “estudantes”, pois o infame Green fora, nas palavras de meu amigo, “um produto do chicote” – espancado durante toda a infância –, e na ocasião de sua captura reconhecera com toda a franqueza que seus crimes contra a sociedade eram uma espécie de vingança. Minha atração pelo livro era impelida pelo frontispício, que mostrava “O fim do louco Green”, em uma forca em Boston. Sempre apreciei o olhar enlouquecido de Green no retrato, e o admirava mais uma vez, divertido, quando Kreizler, sem se voltar, estendeu algumas folhas de papel em minha direção e disse:

– Veja isto, Moore. Nosso primeiro sucesso, por menor que seja.

Larguei o livro, peguei os papéis. Eram uma série de formulários e autorizações que pareciam se referir a um cemitério, ou melhor, a duas sepulturas em particular; havia uma nota sobre exumação de corpos e um documento quase ilegível assinado por certo Abraham Zweig.

Fiquei transtornado com a sensação inconfundível de que era observado. Voltei-me e me deparei com uma menina em torno dos doze anos, de rosto redondo e bonito, com uma expressão um pouco assustada, ligeiramente atormentada. Ela pegara o livro que eu largara e olhava de meu rosto para o frontispício, enquanto arrumava os botões de cima do vestido simples, mas limpo. Leu a pequena legenda que explicava a gravura e deu a impressão de chegar a conclusões desagradáveis, pois seu rosto se tornou amedrontado e ela fitou Kreizler, ao mesmo tempo que se afastava de mim.

Laszlo se voltou para ela:

– E então, Berthe, está pronta para sair?

A menina apontou para o livro, indecisa, e depois falou com voz trêmula, apontando para mim com um dedo:

– Quer dizer... que *eu* também estou louca, dr. Kreizler? E esse homem vai me levar para um lugar assim?

– Como?

Kreizler pegou o livro, e no mesmo instante lançou-me um olhar de advertência.

– Louca? Mas que absurdo! Só temos boas notícias.

Laszlo falava com ela como se dirigia a qualquer adulto, de forma direta e brusca, mas com um tom que reservava a crianças, paciente, gentil, de vez em quando indulgente. Prosseguiu:

– Venha até aqui.

A menina se adiantou, e Kreizler a ajudou a se acomodar em seu joelho.

– Você é uma mocinha muito saudável, e muito *inteligente.*

A menina corou e riu, na maior felicidade.

– Sua dificuldade deriva de uma série de pequenos tumores em seu nariz e ouvidos. Esses tumores, ao contrário de você, gostam do fato de sua casa ser *fria demais*. – Ele bateu de leve na cabeça da menina ao pronunciar as últimas palavras. – Você terá de procurar um médico amigo meu para que eles sejam removidos. E tudo será feito enquanto estiver mergulhada em um sono agradável. E esse homem...

Laszlo fez uma pausa, pondo a menina no chão, antes de acrescentar:

– Ele é meu amigo, sr. Moore. Cumprimente-o.

A menina fez uma pequena mesura, mas não disse nada. Retribuí a mesura.

– É um prazer conhecê-Ia, Berthe.

Ela se limitou a rir de novo, e Kreizler soltou um grunhido.

– Já chega de risadas. Vá chamar sua mãe, e providenciaremos tudo.

A menina correu para a porta, e Laszlo bateu nos papéis em minha mão com certa excitação.

– Um trabalho rápido, hein, Moore? Os dois chegaram aqui há menos de uma hora.

– Quem chegou? – indaguei, perplexo. – E o que fizeram?

– Os corpos das crianças Zweig – respondeu ele. – Os que foram encontrados na caixa-d'água... seus restos mortais estão lá embaixo.

Era uma ideia um tanto macabra, e tão em contradição com o resto da atividade no Instituto naquele dia, que não pude deixar de estremecer. Mas, antes que eu pudesse perguntar por que ele faria isso, a menina Berthe voltou com a mãe, a mulher do xale. Ela trocou algumas palavras com Kreizler em húngaro, mas o conhecimento que ele tinha da língua era limitado (o pai alemão não queria que os filhos falassem a língua da mãe), e a conversa logo voltou ao inglês.

– Sra. Rajk, precisa me escutar! – Exclamou Laszlo, exasperado.

– Mas, doutor – protestou a mulher, retorcendo as mãos –, às vezes ela parece estar muito bem, mas depois vira um pequeno demônio, atormentando...

– Sra. Rajk, não sei de quantas maneiras diferentes posso lhe explicar a mesma coisa – disse Kreizler, em mais uma tentativa de se manter calmo, ao mesmo tempo que tirava o relógio do bolso do colete e o consultava. – Ou em quantas línguas. O inchaço, de vez em quando é menos acentuado, entende? – Apontou para o próprio nariz, ouvidos e garganta. – Nessas ocasiões, ela não sente dor, e pode não apenas ouvir e falar direito, mas também respirar com facilidade. Por isso, fica alerta e atenta. Na maior parte do tempo, no entanto, as vegetações na faringe e na cavidade nasal posterior... a garganta, o nariz... cobrem as trompas de Eustáquio, ligadas aos ouvidos, e fazem que esse esforço seja difícil, se não impossível. E o fato de seu apartamento ter correntes de ar frias agrava a condição.

Kreizler pôs as mãos nos ombros da menina, que tornou a sorrir, feliz.

– Em suma, ela não faz nada deliberadamente para atormentá-la ou à professora dela. Compreende agora?

Ele se inclinou para o rosto da mãe, examinando-o com toda a atenção com olhos penetrantes.

– Não, não compreende. É óbvio que não. Neste caso, deve simplesmente aceitar meu diagnóstico: não há nada de errado com a mente de sua filha, nem com a alma. Leve-a ao St. Luke. O dr. Osborne realiza operações assim quase todos os dias, e creio que posso persuadi-lo a baixar seus honorários. No próximo outono – Laszlo desmanchou os cabelos da menina, que o fitou com uma expressão agradecida – Berthe estará mais que recuperada, e pronta para se destacar nos estudos. Correto, mocinha?

A menina não respondeu, mas soltou outra risadinha. A mãe ainda tentou outro “Mas...”, antes que Kreizler a pegasse pelo braço e a conduzisse pelo vestíbulo até a porta da frente.

– Já chega, sra. Rajk. O fato de não poder compreender a doença não significa que ela não exista. Leve-a ao dr. Osborne. Falarei com ele, e se descobrir que não me obedeceu, ficarei muito zangado!

Ele fechou a porta da rua depois que as duas saíram e se voltou para o

vestíbulo, sendo assediado no mesmo instante pelas famílias restantes. Avisou que haveria uma pequena pausa nas entrevistas, voltou para sua sala e bateu a porta. Sentou-se à escrivaninha, arrumando os papéis, enquanto murmurava:

– A maior dificuldade em convencer as pessoas de que a saúde mental das crianças deve ser mais bem cuidada é que cada vez mais acreditam que qualquer pequeno problema de um filho revela uma condição da maior gravidade. Muito bem – ele fechou e trancou o tampo corrediço da escrivaninha, voltando-se para mim –, agora, Moore, vamos descer. Os homens de Roosevelt já devem ter chegado. Pedi a Cyrus que os levasse diretamente pela porta do térreo.

– Vai entrevistá-los *aqui?* – Indaguei.

Passamos pela sala de exames e escapamos das famílias no vestíbulo por uma porta nos fundos, que dava para o pátio do Instituto.

– Para ser franco, não vou entrevistá-los – respondeu Kreizler, enquanto o ar frio nos envolvia. – Deixarei que as crianças Zweig cuidem disso. Só analisarei os resultados. E lembre-se, Moore, nem uma só palavra sobre o que estamos fazendo, até eu ter certeza de que os homens são aceitáveis.

Começara a nevar, e vários dos jovens pacientes de Kreizler com o uniforme cinza e azul simples do Instituto – cujo propósito era ajudar a impedir que os antecedentes econômicos diferentes criassem conflitos entre as crianças – haviam saído para o pátio para brincar com os flocos de neve. Ao verem Kreizler, correram em sua direção, na maior alegria, mas o cumprimentaram com todo o respeito. Laszlo retribuiu os sorrisos, fez umas poucas perguntas sobre seus professores e os estudos. Dois estudantes mais ousados deram respostas francas sobre a aparência e os odores do corpo desse ou daquele professor, e Laszlo os repreendeu, embora não com rigor. Ao nos voltarmos, passando pela porta, ouvi os gritos joviais ressoando outra vez pelos muros do pátio e pensei que até bem pouco tempo aquelas crianças se encontravam nas ruas, a poucos passos do destino de Georgio Santorelli.

Mais e mais minha mente percebia todas as coisas relacionadas com o caso.

Um corredor escuro e úmido dava acesso ao centro cirúrgico, uma sala grande e comprida, mantida seca e quente por um aquecedor a gás, que sibilava em um canto. As paredes eram lisas, caiadas de branco, com armários brancos de portas de vidro ao longo de cada parede, com uma coleção de instrumentos horríveis e reluzentes. Nas prateleiras brancas acima havia uma coleção de modelos assustadores: moldes de gesso, pintados de forma realista, de cabeças humanas e simiescas, os crânios parcialmente abertos para revelar o posicionamento do cérebro, cujos rostos eram ainda expressivos nos estertores da morte. Havia também, partilhando o espaço nas prateleiras, uma coleção de cérebros autênticos, de uma ampla variedade de criaturas, alojados em potes de vidro cheios de formol. O restante do espaço da parede era ocupado por gráficos dos sistemas nervoso humano e animal. No centro da sala havia duas mesas operatórias de aço, com valetas para drenar os líquidos do corpo que passavam pelo meio e se esvaziavam em recipientes de aço no chão. Havia formas de dimensões humanas nas mesas, cobertas por lençóis esterilizados. Um aroma acentuado de decomposição humana e terra emanava das mesas.

Dois homens se encontravam em pé ao lado, ambos vestiam terno de lã de três peças. O do mais alto, de uma estampa discreta, um xadrez elegante; o do mais baixo, preto simples. O rosto de ambos estava obscurecido quase por completo pelo clarão implacável das lâmpadas elétricas sobre as mesas.

– Senhores – disse Laszlo, adiantando-se –, sou o dr. Kreizler. Esperaram muito?

– É claro que não, doutor – respondeu o mais velho, apertando a mão de Kreizler.

Quando o rapaz se inclinou para a luz intensa em torno da mesa, pude perceber que suas feições semitas eram bastante bonitas – nariz forte, olhos castanhos firmes, a cabeça bem formada, cabelos crespos. O mais baixo, em contraste, tinha olhos pequenos, um rosto carnudo, coberto de suor, e cabelos

ralos. Ambos pareciam ter trinta e poucos anos.

– Sou o sargento Marcus Isaacson – anunciou o mais alto –, e este é meu irmão, Lucius.

O mais baixo parecia contrariado ao estender a mão.

– *Sargento detetive* Lucius Isaacson, doutor.

E inclinando-se para trás e falando pelo canto da boca, murmurou:

– Não faça isso de novo. Você disse que não faria mais.

Marcus Isaacson revirou os olhos, tentou sorrir para nós e depois falou também pelo canto da boca:

– O que eu fiz?

– Não me apresente como seu irmão – sussurrou Lucius Isaacson.

– Senhores – interveio Kreizler, um pouco perplexo diante da discussão –, permitam que lhes apresente um amigo, John Schuyler Moore.

Apertei a mão de ambos, enquanto Laszlo acrescentava:

– O comissário Roosevelt falou muito bem de seus talentos, e acha que podem me prestar alguma ajuda em uma pesquisa que estou realizando. Vocês possuem duas áreas de especialização que me interessam bastante...

– É verdade, ciência criminal e medicina legal – disse Marcus.

Kreizler continuou:

– Em primeiro lugar, eu gostaria de saber...

– Se está especulando sobre nossos nomes – interrompeu-o Marcus –, nossos pais ficaram muito preocupados quando chegaram à América, não querendo que seus filhos sofressem com sentimentos antissemitas na escola.

– E até que tivemos sorte – comentou Lucius. – O nome de nossa irmã é Cordelia.

– É que eles aprenderam inglês estudando Shakespeare – acrescentou Marcus. – Haviam começado, quando eu nasci, por *Júlio César*. Um ano depois, ainda o estudavam, quando veio meu irmão. Mas, por ocasião do nascimento de nossa irmã, dois anos mais tarde, eles já haviam progredido um pouco, estavam no *Rei Lear*...

– Não tenho a menor dúvida quanto a isso, senhores – interrompeu-os Kreizler, cada vez mais preocupado, concedendo-lhes seu tratamento completo de sobrancelhas arqueadas e olhar predatório. – Por mais interessante que isso possa ser, no entanto, o que eu tencionava perguntar era como haviam chegado a suas áreas de especialização, e o que os levou a ingressar na Polícia.

Lucius suspirou.

– Ninguém quer saber a origem de nossos nomes, Marcus – murmurou. – Eu avisei.

Marcus ficou um pouco vermelho de raiva, e logo se dirigiu a Kreizler com uma seriedade deliberada, sentindo que a reunião não corria muito bem.

– Sabe, doutor, foi também obra de nossos pais, embora eu compreenda que talvez não seja uma explicação das mais interessantes. Minha mãe queria que eu me tornasse advogado, e meu irmão... o *sargento detetive* aqui... deveria ser médico. Só que não deu certo. Começamos a ler Wilkie Collins quando éramos meninos e já havíamos decidido, ao entrar na universidade, que queríamos ser detetives.

– O estudo de Direito e Medicina foi útil, a princípio – continuou Lucius –, mas, depois, saímos da universidade e começamos a trabalhar para a Pinkerton. Só depois que o comissário Roosevelt assumiu o departamento é que tivemos uma oportunidade de ingressar na Polícia. Suponho que já tenha ouvido falar que suas contratações são um tanto... heterodoxas.

Eu sabia a que ele se referia, e mais tarde o expliquei a Laszlo. Além de investigar quase todos os guardas e detetives do departamento e, assim, levar muitos a pedir demissão, Roosevelt fizera questão de contratar novos e improváveis recrutas, em um esforço de romper o controle sobre a força exercido pela camarilha liderada por Thomas Byrnes e delegados como “Clubber” Williams e “Big Bill” Devery. Theodore gostava em particular de contratar judeus, que considerava excepcionalmente corajosos e honestos, referindo-se a eles como “os guerreiros macabeus da justiça”. Os irmãos

Isaacson, ao que tudo indicava, eram representativos desse esforço, embora “guerreiros” não fosse a primeira palavra que me viera à cabeça ao conhecê-los.

– Presumo que precisa de ajuda com a exumação – arriscou Lucius, esperançoso, querendo desviar a conversa de seus antecedentes.

Kreizler o estudou.

– Como soube que houve uma exumação?

– O cheiro, doutor. É bem característico. E a posição dos corpos indica um sepultamento formal, não um enterro feito de qualquer maneira.

Kreizler gostou da observação, e se animou um pouco.

– Presumiu certo, sargento detetive.

Ele se aproximou das mesas e removeu os lençóis. O mau cheiro foi complementado pela visão um tanto perturbadora de dois esqueletos pequenos, um vestindo um traje preto em decomposição, o outro um vestido branco também decrépito. Alguns ossos ainda se achavam ligados, mas muitos já haviam se desprendido, e havia fragmentos de unhas e cabelos por toda parte, junto com terra. Fiquei tenso, mas fiz um esforço para não desviar os olhos: aquele tipo de coisa seria meu fado por algum tempo, e refleti que era melhor me acostumar logo. Mas as caretas macabras dos dois crânios falavam com eloquência da maneira anormal pela qual as duas crianças haviam morrido, e era difícil continuar a contemplá-las.

O rosto dos irmãos Isaacson não deixou transparecer outra coisa que não fascínio ao se aproximarem das mesas, enquanto Laszlo informava:

– Irmãos, Benjamin e Sofia Zweig. Assassinados. Os corpos foram encontrados...

– Em uma caixa-d’água – disse Marcus. – Há três anos. O caso permanece oficialmente aberto.

Isso também agradou a Kreizler, que indicou uma pequena mesa branca em um canto, onde havia recortes de jornal e documentos.

– Encontrarão ali as informações relativas ao caso que consegui reunir.

Gostaria que os dois dessem uma lida e examinassem os corpos. Há certa urgência na questão, e por isso só posso lhes dar esta tarde e a noite. Poderão me encontrar às onze e meia da noite no Delmonico's. Em troca de suas informações, terei o maior prazer de lhes oferecer um excelente jantar.

O entusiasmo de Marcus Isaacson foi interrompido por um momento de curiosidade.

– O jantar não é necessário, doutor, se for um serviço oficial. Mas agradecemos o convite.

Laszlo balançou a cabeça com um ligeiro sorriso, divertido com a tentativa de Marcus de envolvê-lo.

– Muito bem, voltaremos a nos ver às onze e meia.

Instantaneamente os Isaacsons se concentraram no material na mesinha, mal tomando conhecimento das despedidas, minhas e de Kreizler. Subimos, e fui pegar meu casaco no consultório.

Laszlo continuava intrigado.

– Não resta a menor dúvida de que os dois são idiossincráticos – comentou, enquanto me acompanhava até a porta da frente. – Mas tenho a impressão de que conhecem seu trabalho. Veremos. Ah, antes que me esqueça, Moore... você tem um traje apropriado disponível para sairmos esta noite?

– Esta noite? – repeti, pondo as luvas.

– Vamos à ópera. O candidato de Roosevelt a elemento de ligação entre nossa investigação e seu gabinete deve se encontrar conosco em minha casa às sete horas.

– Quem é ele?

– Não faço a menor ideia. – Laszlo deu de ombros. – Mas quem quer que seja, sua função será crucial. Pensei em levá-lo à ópera, verificar como ele reage. É um teste de caráter tão bom quanto qualquer outro, e só Deus sabe quando teremos outra oportunidade como esta. Usaremos meu camarote no Metropolitan. Maurel está cantando o *Rigoletto*. Deve condizer com nosso propósito.

– Tem toda a razão – murmurei, feliz. – E, por falar em propósitos, quem vai cantar a filha do corcunda?

Kreizler desviou o rosto, com uma expressão branda de repulsa.

– Por Deus, Moore, eu gostaria, algum dia, de conhecer detalhes de sua infância. Essa incontrolável obsessão sexual...

– Só perguntei quem está cantando a filha do corcunda!

– Está bem, está bem. Frances Saville, aquela das pernas, como você falou!

– Nesse caso, é claro que tenho o traje necessário! – Exclamei, já me retirando.

Por mim, como teria dito Stevie Taggert, que se danassem Nellie Melba, Lillian Nordica e todas as outras vozes excepcionais do Metropolitan, mas apenas meio atraentes. Que me dessem uma moça realmente bonita, com uma voz razoável, e eu me tornaria uma audiência dócil.

– Estarei em sua casa às sete horas – acrescentei.

– Esplêndido! – disse Kreizler, franzindo o cenho. – Mal posso esperar. Cyrus! Leve o sr. Moore até a Washington Square.

Passei a curta viagem através da cidade refletindo sobre a maneira insólita – mas nem por isso menos agradável – de iniciar uma investigação de homicídio: a ópera e um jantar no Delmonico’s. Contudo, infelizmente, essas diversões não seriam a abertura, pois quando cheguei à casa me deparei com Sara Howard muito agitada na porta.

---

2 Em tradução livre: Carreira e morte do louco ladrão e assassino (N.E.)

CAPÍTULO 8

Sara não prestou atenção ao meu cumprimento.

– Não é a caleche do dr. Kreizler? – Ela perguntou. – E seu cocheiro? Ele poderia nos levar?

– Levar para onde? – Respondi, levantando os olhos e vendo minha avó nos espiando, ansiosa, da janela de sua sala. – Sara, o que está acontecendo?

– O sargento Connor e outro homem, Casey, foram falar com os pais do garoto Santorelli esta manhã. Voltaram dizendo que nada haviam descoberto... mas havia sangue no punho da camisa de Connor. Aconteceu alguma coisa, tenho certeza, e quero descobrir o que foi.

Ela não me fitava, talvez porque soubesse qual seria minha provável reação.

– Não acha que está se desviando um pouco das funções de uma secretária?

Sara não respondeu, mas uma expressão de amargo desapontamento estampou-se em seu rosto; uma frustração tão intensa que só havia uma coisa que eu pudesse fazer: abrir a porta da caleche.

– O que me diz, Cyrus? – Perguntei. – Alguma objeção a levar a mim e à srta. Howard em uma pequena missão?

Cyrus deu de ombros.

– Não, senhor, desde que eu possa voltar ao Instituto antes do final do horário de entrevistas.

– Assim será. Vamos embora, Sara. Este é o sr. Cyrus Montrose.

No mesmo instante, a aparência de Sara passou da fúria à efusividade – o que não era uma transformação das mais incomuns em seu caso.

– Há momentos, John – ela disse, subindo na caleche –, em que penso que posso ter me enganado sobre você durante todos esses anos.

Ela apertou a mão de Cyrus, muito séria, e depois se sentou. Estendeu uma

manta sobre suas pernas e as minhas assim que me acomodei também. Deu um endereço a Cyrus, na Mott Street, e bateu palmas uma vez, excitada, quando a caleche partiu.

Não há muitas mulheres que teriam se arriscado em uma das piores partes do Lower East Side com tanta satisfação. Todavia, o espírito aventureiro de Sara nunca fora muito amenizado pela prudência. Além do mais, tinha certa experiência com a área: logo depois de sua formatura no colégio, o pai tivera a ideia de que sua educação poderia ser complementada por um pouco de contato direto com a vida em lugares que não Rhinecliff (onde ficava a propriedade rural dos Howard) e Gramercy Park. Por isso, ela vestira uma blusa branca engomada, uma austera saia preta e um ridículo chapéu de palha, e passara o verão ajudando uma enfermeira em domicílio no Décimo Distrito. Durante aqueles meses, ela testemunhara muita coisa – a maior parte, diga-se de passagem, do que o Lower East Side podia oferecer a uma pessoa. Nada disso, porém, era pior do que o que encontraríamos naquele dia.

Os Santorelli residiam em um cortiço de fundos, perto da Canal Street. Os cortiços de fundos haviam sido proibidos em 1894, mas uma cláusula na lei permitia que os já existentes continuassem em pé, com algumas melhorias mínimas. Basta dizer que se um cortiço à beira da rua era escuro, infestado de doenças e ameaçador, os prédios menores, muitas vezes construídos por trás – no lugar de um pátio, que poderia pelo menos proporcionar um pouco mais de arejamento e claridade ao outro – eram ainda piores. Pela aparência do cortiço à beira da rua diante do qual paramos, uma experiência típica nos aguardava: havia enormes barris com cinzas e lixo ao lado do alpendre encharcado de urina da estrutura, onde se reunia um grupo de homens imundos, em andrajos, cada um indistinguível do outro. Bebiam e riam, mas pararam abruptamente ao ver a caleche e Cyrus.

Sara e eu descemos para a calçada.

– Não se afaste muito, Cyrus – murmurei, fazendo um esforço para não deixar transparecer meu nervosismo.

– Não, senhor– respondeu ele, apertando com força o cabo do chicote e enfiando a outra mão no bolso do casaco. – Talvez seja melhor levar isto, sr. Moore.

Ele me estendeu um par de soqueiras de bronze.

– Hum... Não creio que será necessário. – Mas resolvi abandonar a farsa. – Além do mais, eu não saberia como usar.

– Depressa, John – interveio Sara.

Subimos para o alpendre.

– Ei! – Um dos homens me segurou pelo braço. – Sabia que você tem um gambá guiando sua charrete?

– É mesmo? – Respondi, guiando Sara pelo mau cheiro quase visível que pairava em torno dos homens.

– Preto como um ás de espadas! – Asseverou outro homem, parecendo atônito.

– Extraordinário – murmurei, enquanto Sara entrava no prédio.

Antes que eu pudesse segui-la, o primeiro homem tornou a me segurar.

– Você não é da Polícia, é? – Indagou ele, ameaçador.

– É claro que não. Detesto a Polícia.

O homem acenou com a cabeça uma vez, sem dizer nada, e deduzi que eu tinha permissão para passar.

Para alcançar o prédio dos fundos era preciso navegar pela total escuridão da estrutura da frente, sempre uma experiência inquietante. Com Sara na frente, fomos tateando pelas paredes imundas, tentando nos ajustar à falta de claridade, mas sem conseguir. Estremeci quando Sara tropeçou em alguma coisa, e o tremor se tornou ainda mais violento quando a coisa se pôs a gemer.

– Por Deus, John! – Exclamou Sara, depois de um momento. – É um bebê!

Eu ainda não podia ver nada, mas o cheiro revelou tudo quando me adiantei: um bebê, sem dúvida, e a pobre criatura devia estar coberta com seus próprios excrementos.

– Temos de buscar ajuda – murmurou Sara.

Pensei nos homens no alpendre. Mas, quando olhei para trás, na direção da porta da frente, vi-os delineados contra a neve que caía lá fora, balançando varas, enquanto nos observavam, e de vez em quando rindo de uma maneira muito desagradável. Não haveria ajuda daquele lado, por isso, comecei a tentar as portas ao longo do corredor. Acabei encontrando uma que se abriu, e empurrei Sara para lá.

Havia lá dentro um velho e uma mulher, trapeiros, que só aceitaram o bebê depois que lhes ofereci meio dólar. Disseram-nos que a criança pertencia a um casal do outro lado do corredor, que estava sempre fora, dia e noite, tomando morfina ou bebendo, em uma espelunca logo depois da esquina. O velho nos assegurou que providenciariam alguma coisa para o bebê comer, além de limpá-lo, para o que Sara lhes deu mais um dólar. Nenhum de nós dois tinha a mínima ilusão sobre a extensão da limpeza e da alimentação que o casal daria ao bebê no longo prazo (suponho que se poderia alegar que estávamos apenas aliviando nossa consciência), mas era um daqueles momentos muito comuns em Nova York em que a pessoa se defronta com as mais terríveis opções.

Acabamos chegando à porta dos fundos. A passagem entre os prédios da frente e dos fundos tinha mais barris e baldes cheios de lixo e excremento, e o cheiro era indescritível. Sara cobriu a boca e o nariz com um lenço, e aconselhou-me a fazer o mesmo. Entramos no corredor do térreo do prédio dos fundos. Havia quatro apartamentos no primeiro andar, e a impressão era de que mil pessoas viviam ali. Tentei identificar todas as línguas que se falavam, mas perdi a contagem em oito. Havia um grupo de alemães fedorentos, com canecas de cerveja na mão, acampado na escada, que se afastou, relutante, quando subimos. Era evidente, mesmo na semiescuridão, que a escada estava coberta por mais de um centímetro de uma substância pegajosa, que eu nem queria investigar para descobrir do que se tratava. No entanto, parecia não incomodar os alemães.

O apartamento dos Santorelli ficava no segundo andar, nos fundos: o lugar mais escuro de todo o prédio. Quando batemos, uma mulher pequena, horrivelmente magra, de olhos fundos, abriu a porta, falando em um dialeto siciliano. Meu italiano só dava para a ópera, mas Sara se saiu melhor – também por causa de seus dias de enfermagem –, e pôde se comunicar com certa facilidade. A sra. Santorelli não se mostrou alarmada ao ver Sara (na verdade, dava a impressão de que a esperava), mas manifestou uma grande preocupação por minha presença, e queria saber, amedrontada, se eu era policial ou jornalista. Sara teve de pensar depressa, e informou que eu era seu assistente. A sra. Santorelli fixou perplexa ao ouvir isso, mas nos deixou entrar.

– Sara – indaguei ao entrarmos –, conhece essa mulher?

– Não, mas parece que ela me conhece. Estranho.

O apartamento tinha dois cômodos, sem janelas de verdade, apenas pequenas fendas abertas nas paredes recentemente para atender aos novos regulamentos sobre ventilação dos cortiços. Os Santorelli haviam alugado um dos cômodos para outra família de sicilianos, o que significava que os seis – os pais e os quatro irmãos e irmãs de Georgio – viviam em um espaço com cerca de três metros por cinco. Não havia nada pendurado nas paredes encardidas, e dois baldes grandes nos cantos constituíam todo o saneamento. A família também tinha um fogão a querosene, do tipo mais ordinário, muitas vezes usado para acabar com prédios assim.

Sobre um colchão velho e sujo em um canto, com cobertores por cima, estava a causa do extremo nervosismo da sra. Santorelli: seu marido. Ele tinha o rosto todo cortado, cheio de equimoses, inchado, a testa encharcada de suor. Havia um trapo ensanguentado ao seu lado, e também – o que era incongruente – um maço de dinheiro, talvez várias centenas de dólares. A sra. Santorelli pegou o dinheiro, estendeu-o para Sara e depois apontou para o marido, e as lágrimas começaram a correr por seu rosto.

Logo descobrimos que a sra. Santorelli pensava que Sara era enfermeira.

Ela despachara os quatro filhos à procura de uma enfermeira, uma hora antes. Outra vez pensando depressa, Sara se sentou, começou a examinar Santorelli, e não demorou a constatar que ele tinha um braço fraturado. Além disso, quase todo seu tronco se achava coberto por equimoses.

– John – ela disse com voz firme –, mande Cyrus buscar bandagens, desinfetante e um pouco de morfina. Avise a ele que também precisamos de um bom pedaço de madeira limpa para usar como tala.

No que parecia um só movimento, deixei o apartamento, passei pelos alemães e a viela entre os dois prédios, atravessei o corredor e o alpendre e desci para a calçada. Gritei a ordem para Cyrus, que partiu a toda velocidade na caleche. Ao voltar para passar entre os homens no alpendre, um deles me deteve com a mão em meu peito.

– Espere um instante – disse ele. – Para que tudo isso?

– O sr. Santorelli está gravemente ferido.

O homem cuspiu na rua.

– Tiras desgraçados! Detesto esses carcamanos, mas detesto ainda mais os tiras!

O tema recorrente parecia ser de novo a senha para que eu seguisse em frente. Lá em cima, Sara conseguira um pouco de água quente e se ocupava em lavar os ferimentos de Santorelli. A esposa ainda falava, agitando as mãos, de vez em quando prorrompendo em lágrimas.

– Eram seis homens, John – informou Sara, depois de escutar por alguns minutos.

– Seis? – Repeti. – Pensei que você havia dito que eram dois.

Sara indicou a cama com a cabeça.

– Venha até aqui e me ajude, caso contrário, ela ficará desconfiada.

Sentei-me e descobri que era difícil dizer o que cheirava pior: se o colchão ou Santorelli; mas nada disso parecia incomodar Sara.

– Com toda certeza, Connor e Casey estiveram aqui. Com mais dois outros homens e dois padres.

– Padres? – Murmurei, pegando uma compressa quente. Mas o que...

– Um católico, ao que tudo indica, e outro não. Ela não pode ser mais específica sobre o segundo. Os padres tinham o dinheiro. Disseram aos Santorelli para usar um pouco no pagamento de um enterro decente para Georgio. O resto era uma... consideração, aparentemente pelo silêncio. Mandaram que ela não permitisse que ninguém exumasse o corpo de Georgio, nem mesmo a Polícia, e não falasse com ninguém sobre o assunto; em particular com jornalistas.

– *Padres*? – Murmurei de novo, esfregando um dos ferimentos de Santorelli com o maior vigor. – Como eles eram?

Sara fez a pergunta, e depois traduziu a resposta:

– Um era baixo, com enormes costeletas brancas... o católico. E o outro magro, de óculos.

– Por que dois sacerdotes teriam algum interesse neste caso? E por que desejam manter a Polícia longe? Você disse que Connor e Casey vieram aqui para conversar?

– Foi o que eles disseram.

– Portanto, o que quer que esteja acontecendo, eles estão envolvidos. Theodore ficará feliz ao saber disso. Mais duas vagas na Divisão de Detetives, posso apostar. Mas, quem eram os outros dois homens?

Sara transmitiu a pergunta à sra. Santorelli, e deu a impressão de que não entendeu a resposta. Perguntou de novo, mas obteve a mesma resposta.

– Acho que não entendo esse dialeto tão bem quanto pensava. Ela disse que os dois homens *não* eram policiais, mas depois disse que *eram*. Não posso...

Sara parou de falar, e todos nós nos voltamos ao ouvir uma batida firme na porta. A sra. Santorelli recuou, e eu não tinha a menor vontade de assumir o risco, mas Sara disse:

– Ora, John, não seja tolo. Deve ser Cyrus.

Fui abrir a porta. Deparei-me com um dos homens do alpendre, que me estendeu um pacote.

– Seus medicamentos – disse ele, sorrindo. – Não permitimos a entrada de crioulos neste prédio.

– Ahn... – murmurei, pegando o pacote. – Obrigado.

Entreguei o pacote a Sara e tornei a me sentar na cama. A essa altura, Santorelli já estava semiconsciente, e Sara deu-lhe um pouco da morfina; tencionava endireitar seu braço, algo que aprendera em sua época com as enfermeiras em domicílio. A fratura não era das piores, disse; mesmo assim, houve um estalo nauseante quando ela ajeitou o braço na posição. Santorelli, porém, atordoado como estava, já sob os efeitos da droga, não sentiu nada; mas a esposa deixou escapar um uivo e balbuciou algo que devia ser uma oração. Comecei a espalhar desinfetante sobre os outros ferimentos, enquanto Sara continuava conversando com a sra. Santorelli. Depois de algum tempo, Sara esclareceu:

– Parece que Santorelli ficou indignado. Jogou o dinheiro na cara dos padres e disse que exigia que a Polícia descobrisse o assassino de seu filho. Os padres se retiraram nesse momento, e depois...

– Já sei o que significa esse depois.

Eu sabia muito bem como os policiais irlandeses, de modo geral, lidavam com a falta de cooperação da população que não falava inglês. Um bom exemplo da técnica se encontrava estendido ao meu lado. Sara sacudiu a cabeça.

– É tudo muito estranho – ela disse, começando a cobrir com a gaze os piores ferimentos. – Santorelli quase se deixou matar... e não via Georgio havia quatro anos. O garoto havia saído de casa.

Os cuidados que Sara dispensava ao marido da sra. Santorelli inspiraram sua confiança, e depois que começou a nos contar a história de Georgio, seria muito difícil detê-la. Sara e eu continuamos a cuidar dos ferimentos de Santorelli como se fossem o principal foco de nossa atenção, mas nossos pensamentos se concentravam na estranha história que ouvíamos.

Georgio era um menino tímido na infância, mas inteligente e determinado o

bastante para cursar a escola pública na Hester Street e tirar boas notas. A partir dos sete anos de idade, no entanto, tivera problemas com outros meninos na escola. Os mais velhos, ao que parecia, conseguiram persuadir Georgio a se submeter a atos sexuais, que a sra. Santorelli não queria definir. Sara, porém, insistiu, sentindo que essa informação seria importante, e descobrimos que envolvia a sodomia, tanto anal quanto oral. O comportamento fora descoberto e comunicado aos pais por um professor. Sendo o conceito latino de masculinidade tão restrito e inflexível, o pai de Georgio quase enlouquecera, e passara a bater no menino a intervalos regulares. A sra. Santorelli nos mostrou como o marido amarrava Georgio pelos pulsos na porta da frente e depois o açoitava nas nádegas com um cinto largo, que também nos exibiu. Era um cinto pesado, e nas mãos de Santorelli infligia um castigo tão cruel que Georgio às vezes faltava à escola por vários dias, apenas porque não conseguia sentar-se.

O mais estranho, no entanto, era que Georgio, em vez de se tomar mais submisso, só parecia mais voluntarioso a cada vez que levava uma surra. Após meses dessas punição, seu comportamento progrediu para uma posição radical: ele passou a se ausentar do apartamento da família por várias noites e parou de frequentar a escola. Até que, um dia, os pais o encontraram em uma rua a oeste da Washington Square com o rosto todo maquiado como uma mulher e se oferecendo aos passantes, como uma prostituta. Santorelli confrontou o menino e disse que o mataria se algum dia ele voltasse para casa. Georgio gritou insultos furiosos em resposta, e o pai já ia agredi-lo quando outro homem – provavelmente o proxeneta de Georgio – interveio e aconselhou os Santorelli a sumirem. Foi a última vez que eles viram o filho, até encontrarem seu corpo mutilado no necrotério.

A história despertou muitas perguntas em minha mente, e percebi que a reação de Sara era a mesma. Nunca chegaríamos a formulá-las. No momento em que cobríamos Santorelli com os mesmos cobertores velhos e sujos, houve uma batida violenta na porta. Pensando que era um dos homens do

alpendre, fui abri-la. Deparei-me com dois rufiões enormes, de bigode e chapéu-coco, que entraram à força no apartamento. A mera visão dos homens deixou a sra. Santorelli histérica.

– Quem são vocês? – perguntou um dos homens.

Sara reagiu com bravura, dizendo que era enfermeira; mas a explicação de que eu era seu assistente, que funcionara tão bem com uma mulher desesperada que não falava inglês, não surtiu o mesmo efeito com aqueles dois.

– Assistente, hein?

Os dois avançaram para mim. Sara e eu nos desviamos com todo cuidado para a porta do apartamento, enquanto o homem acrescentava:

– É uma carruagem e tanto para um assistente a que espera lá fora!

– Agradeço sua opinião – respondi, sorrindo.

No instante seguinte, peguei a mão de Sara e descemos correndo a escada. Nunca me senti tão grato por sua compleição atlética, pois mesmo de saia ela foi mais rápida que nossos perseguidores. O que não ajudou, no entanto, quando alcançamos o vestíbulo do prédio da frente e nos deparamos com os homens no alpendre bloqueando a saída. Eles avançaram em nossa direção, batendo com varas na palma da mão, em uma atitude ameaçadora.

– John, eles estão realmente tentando nos acuar? – Perguntou Sara.

Lembro-me de que achei sua voz firme demais – o que considerei irritante, naquelas circunstâncias.

– É claro que estão tentando nos acuar, mulher! – exclamei com a respiração ofegante. – Você e suas brincadeiras de detetive! Vamos ser espancados até a morte! Cyrus!

Levei as mãos em concha à boca e berrei na direção da porta da rua, enquanto os homens continuavam a se adiantar.

– Cyrus! – baixei as mãos, desolado. – Onde será que ele se meteu?

Sara só apertava a bolsa, sem dizer nada;· e quando os dois rufiões de chapéu-coco apareceram do outro lado do corredor, aparentemente selando

nosso destino, ela abriu a bolsa, e declarou, confiante:

– Não se preocupe, John. Não permitirei que nada lhe aconteça.

E com essas palavras, ela tirou da bolsa um revólver Colt 45 do Exército, com um cano de doze centímetros e cabo de madrepérola. Sara era o que se podia chamar de entusiasta de armas de fogo; mas eu não me senti tranquilizado, e disse, ainda mais alarmado:

– Por Deus, Sara, não se pode disparar uma arma assim em um corredor escuro, pois nunca se sabe o que se pode atingir.

– Tem alguma ideia melhor? – Ela indagou, pela primeira vez alarmada olhando ao redor, sabendo que eu tinha razão.

– Bom, eu...

Mas era tarde demais. Os homens do alpendre nos alcançaram, aos gritos. Puxei Sara e a cobri com meu corpo, torcendo para que ela não me acertasse um tiro na barriga durante o ataque iminente.

Podem imaginar meu choque quando o ataque não se concretizou. Fomos prensados contra a parede pelos homens, mas apenas por um instante, enquanto eles passavam por nós. Ainda gritando, atacaram os dois rufiões atrás de nós com uma fúria incontrolável. Tendo em vista a desproporção de forças, não podia haver muita resistência; ainda ouvimos alguns segundos de berros, grunhidos e golpes, mas logo restavam apenas respirações ofegantes e gemidos. Sara e eu saímos para o alpendre e corremos até a caleche, onde Cyrus nos esperava.

– Cyrus! – Gritei. – Sabia que poderíamos ter sido mortos lá dentro?

– Não parecia muito provável, sr. Moore – respondeu ele, sem perder a calma. – Sobretudo tendo em vista o que aqueles homens disseram antes de entrar.

– E o que eles disseram? – Perguntei, ainda não satisfeito com sua atitude.

Antes que Cyrus pudesse responder, os dois rufiões saíram voando do cortiço e caíram na calçada coberta de neve. Os chapéus-coco os acompanharam. Os dois homens estavam inconscientes, e em um estado que

fazia o sr. Santorelli parecer a própria imagem da saúde. Nossos amigos com as varas ressurgiram, triunfantes, embora alguns também houvessem recebido golpes violentos. O que me falara antes olhou para nós com a respiração entrecortada, produzindo enormes nuvens de vapor:

– Posso odiar os crioulos – disse ele, sorrindo –, mas odeio os tiras ainda mais!

– Foi isso que eles disseram – murmurou Cyrus.

Olhei para os rufiões caídos na neve.

– Tiras? – Perguntei ao homem no alpendre.

– Ex-tiras – respondeu ele, adiantando-se. – Faziam a ronda por aqui. Foi muito descaramento voltarem.

Balancei a cabeça, olhando para os dois na calçada, e depois acenei para o homem em agradecimento.

– Doutor – disse ele, apontando para a boca –, esse trabalho deu sede.

Tirei algumas moedas do bolso e joguei em sua direção. Ele tentou pegar o dinheiro, mas não conseguiu, e seus companheiros se jogaram no chão, disputando as moedas. Muito em breve começariam a se agredir. Sara e eu embarcamos na caleche, e em poucos minutos Cyrus nos levou para a Broadway, a caminho do outro lado da cidade.

Sara ficava animada agora que estávamos sãos e salvos, e quase caiu da caleche várias vezes ao recordar, extasiada, cada momento perigoso de nossa expedição. Limitei-me a sorrir e balançar a cabeça, contente por ela haver desfrutado um momento de ação; mas minha mente se concentrava em outra coisa. Repassava o que a sra. Santorelli dissera e tentava analisar tudo como Kreizler o faria. Havia alguma coisa na história de Georgio que me fazia recordar o relato de Laszlo sobre as crianças na caixa-d’água; algo muito importante, embora eu não pudesse determinar o que era. E, de repente, ocorreu-me. O comportamento. Kreizler descrevera duas crianças insuportáveis, um embaraço para os pais – e eu acabara de ser informado sobre outra criança assim. Todas as três, na hipótese de Kreizler, haviam

encontrado seu fim nas mãos do mesmo homem. Essa aparente semelhança de caráter fora um fator nas três mortes, ou apenas uma coincidência? Podia ser a segunda opção; mas, por algum motivo, eu tinha o pressentimento de que Kreizler não pensaria assim...

Absorto nesses pensamentos, não prestei muita atenção quando Sara me fez uma pergunta um tanto surpreendente; mas, quando ela a repetiu, a estranheza da ideia se tornou clara até mesmo para minha mente distraída. De qualquer modo, já passáramos por muitas coisas naquele dia, e eu não era capaz de encontrar dentro de mim o ânimo para desapontá-la.

CAPÍTULO 9

Cheguei à casa de Kreizler, na 17th Street East, 283, uns poucos minutos antes da hora marcada, de gravata branca e pelerine, sem ter muita certeza da conspiração em que entrara com Sara – uma conspiração que, para o bem ou para o mal, seria agora desenvolvida. A neve se aprofundara em vários centímetros, formando uma camada silenciosa e aprazível sobre os arbustos desfolhados e as cercas de ferro de Stuyvesant Park, em frente à casa de Laszlo, do outro lado da rua. Abri o pequeno portão de seu jardim também pequeno, fui até a porta e bati de leve com a aldraba de latão. As portas de vidro da sala, um andar acima, estavam entreabertas, e pude ouvir Cyrus ao piano tocando o "Pari siamo", de *Rigoletto* – Kreizler aquecia os ouvidos para a noite.

A porta foi aberta, e me deparei com a figura tímida e uniformizada de Mary Palmer, criada e governanta de Laszlo. Mary encerrava a lista de ex-pacientes que haviam ingressado no serviço de Laszlo, e era mais uma pessoa que deixava um pouco apreensivo o visitante que conhecia sua história. Com um corpo bem-feito e um rosto encantador, Mary fora considerada retardada por sua família desde o nascimento. Não era capaz de falar de forma coerente, só juntava as palavras e as sílabas em uma confusão incompreensível, e por isso nunca aprendera a ler e escrever. A mãe e o pai – ele um respeitado mestre-escola no Brooklyn – a haviam treinado para executar pequenas tarefas domésticas e pareciam cuidar dela de um modo adequado; mas, um dia, em 1884, quando tinha dezessete anos, Mary acorrentara o pai em sua cama de latão, quando o resto da família havia saído, e depois ateara fogo à casa. O pai sofrera uma morte horrível. E como não havia nenhuma razão aparente para o ataque, Mary fora involuntariamente

internada no Lunatic Asylium na ilha Blackwell.

Ali, fora descoberta por Kreizler, que de vez em quando fazia um trabalho de consultoria na ilha, onde tivera seu primeiro emprego. Laszlo se impressionara pelo fato de Mary carecer da maioria dos sintomas – se não de todos – de demência precoce, a única condição que, em sua opinião, constituía a autêntica insanidade. (O termo está sendo agora substituído, diz Laszlo, com toda razão, pelo rótulo de "esquizofrenia", do dr. Eugene Bleuler; pelo que posso compreender, a palavra expressa uma incapacidade patológica de reconhecer ou interagir com a realidade ao redor.) Kreizler começara a tentar se comunicar com a moça e logo descobrira que ela sofria, na verdade, de afasia motora clássica, agravada por agrafia: ela compreendia as palavras e pensava com frases claras, mas as partes de sua mente que controlavam a fala e a escrita encontravam-se bastante lesionadas. Como a maioria dos infelizes com essa condição, Mary tinha a amarga noção de sua dificuldade, mas carecia da capacidade de explicá-la (ou de explicar qualquer outra coisa) às pessoas. Kreizler conseguira se comunicar por meio de perguntas que Mary podia responder com as declarações mais simples – muitas vezes apenas com "sim" ou "não" – e lhe ensinara uma escrita tão rudimentar quanto seu estado lhe permitia aprender. Semanas de trabalho proporcionaram a Kreizler uma nova e chocante compreensão de sua história: ao que tudo indicava, o pai a violara sexualmente por vários anos antes do assassinato, mas, é claro, ela nunca pudera relatar o fato a ninguém.

Kreizler pedira uma revisão judicial do caso, e Mary acabara sendo libertada. Depois, conseguira transmitir a Laszlo a ideia de que daria uma criada ideal. Sabendo que as possibilidades de vida independente da moça seriam mínimas de outra forma, Laszlo a contratara, e agora Mary não apenas cuidava muito bem de sua casa, como também a protegia com o maior zelo. O efeito de sua presença, assim como a de Cyrus Montrose e Stevie Taggert, era arrefecer meu ânimo sempre que visitava a elegante casa na 17th Street. Apesar da coleção de arte contemporânea e clássica, sem falar nos

esplêndidos móveis franceses e no piano de cauda do qual Cyrus sempre extraía a melhor música, eu nunca conseguia me livrar da sensação de que me encontrava cercado por ladrões e assassinos, cada um com uma boa explicação para seus atos, mas nenhum dando a impressão de estar disposto a aturar um comportamento questionável de qualquer outra pessoa no futuro.

– Olá, Mary – falei, entregando-lhe minha pelerine.

Ela me ofereceu uma pequena mesura em resposta, olhando para o chão.

– Cheguei cedo. O dr. Kreizler já está pronto? – Perguntei.

– Não, senhor –, respondeu ela, com um esforço determinado.

Seu rosto foi dominado ao mesmo tempo por alívio e frustração, o que era característico quando suas palavras saíam corretamente: alívio por haver conseguido, frustração por não ser capaz de dizer mais. Ela estendeu um braço envolto por linho azul na direção da escada, e depois, foi pendurar minha pelerine em uma prateleira próxima.

– Nesse caso – comentei –, acho que vou tomar um drinque e desfrutar a música excepcional de Cyrus.

Subi a escada de dois em dois degraus sentindo-me um pouco confinado no traje a rigor, e entrei na sala. Cyrus acenou com a cabeça para mim e continuou a cantar, enquanto eu ia pegar uma cigarreira de prata no consolo de mármore da lareira ardente. Tirei um cigarro, uma mistura excelente de tabaco da Virgínia e da Rússia, peguei um fósforo em uma caixa de prata menor e o acendi.

Kreizler desceu a escada apressado, usando gravata branca e uma casaca impecável.

– Nenhum sinal do homem de Roosevelt? – indagou ele no momento em que Mary aparecia com uma bandeja de prata.

Havia ali cem gramas de caviar Sevruga, algumas torrada bem finas, uma garrafa de vodca gelada e vários copos pequenos e embaçados: era um hábito admirável que Kreizler adquirira durante uma viagem a São Petersburgo.

– Nenhum – respondi, apagando o cigarro e atacando a bandeja com a

maior ansiedade.

– Vou querer pontualidade de todos os envolvidos – declarou Kreizler, consultando o relógio. – E se ele não...

Foi nesse instante que a aldraba bateu na porta lá embaixo, várias vezes, e os sons da entrada subiram pela escada. Kreizler balançou a cabeça.

– Isso, pelo menos, é um bom sinal. Cyrus, acho melhor tocar algo um pouco menos melancólico. “Di provenza il mar.”

Cyrus seguiu a instrução, iniciando os suaves acordes da melodia de Verdi. Engoli meu caviar apressado quando Mary tornou a entrar na sala. Seu aspecto era um tanto indeciso, até um pouco agitado, enquanto tentava, em vão, anunciar o visitante. Enquanto ela se afastava para os fundos da casa depois de outra reverência e um movimento mínimo de um dos joelhos, uma figura saiu da escada escura e entrou na sala: Sara.

– Boa noite, dr. Kreizler – ela disse, e as dobras de seu vestido longo verde e azul farfalhavam.

Kreizler ficou surpreso.

– Srta. Howard – disse ele com evidente satisfação nos olhos, mas a voz perplexa. – É uma agradável surpresa. Trouxe o nosso agente de ligação?

Houve uma pausa prolongada. Kreizler olhou de Sara para mim, e outra vez para Sara. Sua expressão não se alterou quando começou a balançar a cabeça.

– Ahn... *você* é nossa ligação, correto?

Por um momento, Sara pareceu insegura.

– Não quero que pense que pressionei o comissário a me designar. Discutimos o assunto a fundo.

– Eu também estava presente – apressei-me a acrescentar, meio contrafeito. – E quando ouvir o relato de nossa tarde, Kreizler, não terá a menor dúvida de que Sara é a pessoa certa para a função.

– Faz um sentido prático, doutor – garantiu Sara. – Ninguém notará minhas atividades na Mulberry Street, e minhas ausências despertarão ainda menos curiosidade. Não há muitas outras pessoas na Chefatura sobre as quais se

possa dizer a mesma coisa. Tenho bons conhecimentos de criminologia, e acesso a lugares e pessoas que o senhor e John podem não ter... como ocorreu hoje.

– Parece que perdi muita coisa hoje – comentou Kreizler em um tom ambíguo.

– Por fim – continuou Sara, hesitante diante da frieza de Laszlo –, em caso de encrencas...

Ela tirou do grande regalo que usava na mão esquerda uma pequena pistola Colt, e a apontou para a lareira.

– ...vai descobrir que sei atirar muito melhor que John – concluiu.

Dei um passo rápido para longe da arma, o que levou Kreizler a soltar uma risada abrupta; Sara, aparentemente, pensou que ele ria dela, e se eriçou um pouco.

– Posso lhe assegurar que falo sério, doutor. Meu pai era um exímio atirador. Minha mãe, no entanto, era inválida, e eu não tive irmãos. Assim, tornei-me a companheira de caça e tiro ao alvo de meu pai.

Era tudo verdade. Stephen Hamilton Howard levava uma vida de autêntico fidalgo rural em sua propriedade, perto de Rhinebeck, e treinara sua única filha a cavalgar, atirar, jogar e beber como qualquer cavalheiro do vale do Hudson – o que significava que Sara podia fazer bem todas essas coisas, se e quando necessário. Ela indicou a pistola pequena e delicada em sua mão, dizendo:

– Muita gente considera a *derringer* uma arma fraca; mas esta contém uma bala de calibre 41, capaz de arremessar o homem ao piano pela janela atrás dele.

Kreizler se voltou para Cyrus como se esperasse que o homem registrasse algum alarme – mas não houve nenhuma hesitação na interpretação de “Di provenza il mar”. Laszlo notou isso.

– Não que eu prefira esse tipo de arma – concluiu Sara, guardando-a de volta no regalo. – Mas... – Ela respirou fundo, estufando a carne pálida à

mostra por cima do decote do vestido. – Nós vamos à ópera.

Ela levou a mão ao lindo colar de esmeraldas que usava e sorriu pela primeira vez. Grande Sara, pensei e, então, emborquei um copo inteiro de vodca. Houve outra pausa prolongada, durante a qual os olhos de Sara e Kreizler permaneceram em contato. Por fim, Laszlo desviou os olhos, readquirindo sua habitual personalidade frenética.

– É verdade – disse ele, pegando um pouco de caviar e um copo e estendendo-os a Sara. – E se não nos apressarmos, perderemos a "Questa o quella". Cyrus, pode verificar se Stevie já aprontou a caleche?

Cyrus se levantou no mesmo instante e se encaminhou para a escada, mas Kreizler o deteve.

– E mais uma coisa, Cyrus: esta é a srta. Howard.

– Eu sei, doutor. Já nos conhecemos.

– Ahn... Quer dizer que não será uma surpresa saber que ela vai trabalhar conosco?

– Não, senhor – respondeu Cyrus, fazendo uma ligeira reverência para Sara. – srta. Howard.

Ela balançou a cabeça e sorriu; e então, Cyrus prosseguiu a caminho da escada.

– Ou seja, Cyrus também esteve envolvido – comentou Kreizler, enquanto Sara bebia sua vodca depressa, mas sempre graciosa. – Confesso que atiçaram meu interesse. Durante o percurso, vocês dois poderiam me contar tudo sobre essa misteriosa expedição a... aonde foram?

– Visitar os Santorelli – respondi, comendo mais um pouco de caviar. – E saímos com muitas informações úteis.

– Os Santo... – Kreizler estava impressionado de verdade, e ficou subitamente mais sério. – Mas... onde? Como? Devem me contar tudo, mas tudo mesmo... as chaves estarão nos detalhes!

Sara e Laszlo desceram a escada a minha frente, conversando como se aquilo fosse esperado desde o início. Soltei um profundo suspiro de alívio,

pois não sabia como Kreizler reagiria à proposta de Sara, e ajeitei outro cigarro na boca. Antes de poder acendê-lo, no entanto, tive outro momento de nervosismo, dessa vez pela inesperada visão do rosto de Mary Palmer, que divisei por uma fresta na porta da sala de jantar, ao passar. Seus olhos grandes e bonitos fixavam-se em Sara com certa apreensão, e ela parecia tremer.

– É provável que as coisas se tornem um pouco incomuns por aqui durante algum tempo, Mary – sussurrei, procurando tranquilizá-la.

Ela deu a impressão de que não me ouvira, mas deixou escapar um pequeno grunhido, e então, afastou-se da porta.

Lá fora, a neve ainda caía. A maior das duas carruagens de Kreizler, uma caleche grená com frisos pretos, esperava por nós. Stevie Taggert atrelara Frederick e outro cavalo a ela. Sara, levantando o capuz, atravessou o jardim e aceitou a ajuda de Cyrus para embarcar. Kreizler me deteve por um instante na porta da casa.

– Uma mulher extraordinária, Moore – sussurrou ele.

Balancei a cabeça.

– Mas não a irrite. Seus nervos são tensos como cordas de piano.

– Isso é evidente. O pai de que ela fala... ele morreu?

– Em um acidente de caça, há três anos. Eram muito ligados... e ela chegou a passar algum tempo em um sanatório depois.

Eu não sabia se devia revelar tudo, mas concluí que era aconselhável, tendo em vista nossa situação.

– Algumas pessoas disseram que foi suicídio, mas ela nega. E com veemência. Portanto, trata-se de um assunto que talvez seja melhor não abordar – expliquei.

Kreizler balançou a cabeça e pôs as luvas, sem desviar os olhos de Sara.

– Mulheres com um temperamento assim não parecem fadadas à felicidade em nossa sociedade – comentou ele enquanto nos encaminhávamos para a carruagem. – Mas a capacidade dela é óbvia.

Assim que embarcamos, Sara pôs-se a relatar, ansiosa, os detalhes de nossa entrevista com a sra. Santorelli. Enquanto seguíamos pelas ruas cobertas de neve ao sul de Gramercy Park, na direção da Broadway, Kreizler ouvia sem fazer comentários; suas mãos irrequietas eram o único indício de seu excitamento. Entretanto, quando chegamos à Herald Square, onde os sons de atividade humana se tornaram muito mais altos ao redor da estação do trem elevado, ele passou a fazer uma série de perguntas sobre minúcias, que testaram nossa memória ao máximo. A curiosidade de Laszlo foi atiçada pela história estranha dos dois ex-policiais e dos dois padres que acompanharam os detetives de Roosevelt, mas seu interesse foi ainda maior (como eu já desconfiava) pelo comportamento sexual do pequeno Georgio, e por seu caráter em geral.

– Um dos primeiros meios pelos quais podemos conhecer nossa presa é conhecendo suas vítimas – ele comentou.

Ao pararmos sob os enormes globos elétricos que iluminavam o toldo à entrada do Metropolitan Opera House, ele perguntou a Sara e a mim que opinião havíamos formado sobre o garoto. Cada um de nós precisou pensar a respeito por um instante, e estávamos calados quando Stevie se afastou com a caleche e Cyrus nos acompanhou pela *porte cochère*[3].

Para a velha guarda da sociedade de Nova York, o Metropolitan Opera era "aquela cervejaria amarela". Esse repúdio conciso era provocado, no nível mais óbvio, pelo aspecto do prédio, parecendo um caixote, no estilo da Renascença, e a cor dos tijolos usados na construção; mas a atitude por trás do comentário fora desencadeada pela história arrivista do Metropolitan Opera. Ocupando o quarteirão delimitado pela Broadway, 7th Avenue, e 39th e 40th Street, o Metropolitan Opera, inaugurado em 1883, fora pago por setenta e cinco dos mais famosos (e infames) *nouveaux riches* de Nova York: homens com nomes como Morgan, Gould, Whitney e Vanderbilt, nenhum dos quais era considerado pelos antigos clãs da cidade socialmente aceitável para que lhe fossem vendidos camarotes na venerável Academy of Music, na

14th Street. Em resposta a essa avaliação depreciativa, jamais expressa, mas nem por isso menos evidente, os fundadores do Metropolitan Opera haviam optado não apenas por uma ou duas fileiras de camarotes em sua nova casa, mas três; e as guerras sociais travadas antes, durante e depois das apresentações eram tão implacáveis quanto qualquer coisa que ocorria no distrito mais pobre. Apesar de toda a maledicência, no entanto, os empresários que administravam o Metropolitan Opera, Henry Abbey e Maurice Grau, levavam para a casa os melhores talentos operísticos do mundo; e uma noite na "cervejaria amarela" estava se tornando, depressa, em 1896, uma experiência musical que nenhuma outra casa ou companhia do mundo podia superar.

Ao entrarmos no vestíbulo principal, relativamente pequeno, sem a opulência de vários equivalentes europeus, recebemos os olhares habituais de várias almas liberais, que não se sentiam felizes por ver Kreizler acompanhado por um negro. A maioria, no entanto, já vira Cyrus antes, e suportava sua presença com uma familiaridade cansada. Subimos pela escada principal a passos rápidos e fomos dos últimos a entrar no auditório. O camarote de Kreizler ficava no lado esquerdo da segunda fileira do *Diamond Horseshoe* (como os camarotes eram conhecidos), e atravessamos o salão de veludo vermelho para chegar a nossos lugares. Peguei meu pequeno binóculo dobrável e mal tive tempo para observar os camarotes nas laterais e na frente à procura de rostos conhecidos. Tive um rápido vislumbre de Theodore e o prefeito Strong absortos no que parecia uma conversa séria, no camarote dos Roosevelt, e depois observei o centro da ferradura, onde se sentava, nas sombras, aquele formidável polvo financeiro de olhos malignos – J. Pierpont Morgan. Havia várias mulheres com eles, mas as luzes se apagaram antes que eu pudesse determinar quem eram.

Victor Maurel, o grande barítono e ator gascão para quem Verdi escrevera alguns de seus papéis mais memoráveis, exibiu uma forma excepcional naquela noite; mas receio que nós, no camarote de Kreizler, com a possível

exceção de Cyrus, estávamos preocupados demais com outras coisas para uma apreciação devida de seu desempenho. No primeiro intervalo, nossa conversa logo se desviou da música para o caso Santorelli. Sara especulou se as surras que Georgio levara do pai haviam aumentado seu desejo de persistir nas irregularidades sexuais. Kreizler também ressaltou essa ironia, e comentou que se Santorelli houvesse sido capaz de conversar com o filho, explorar as raízes de seu comportamento peculiar, talvez conseguisse mudá-lo. No entanto, ao recorrer à violência, ele convertera o problema em uma batalha, e a sobrevivência psíquica de Georgio ficara associada, na mente do garoto, às ações contra as quais o pai protestava. Sara e eu, perplexos, refletimos sobre esse conceito durante todo o segundo ato; mas, no intervalo seguinte, já começamos a compreender que um garoto que ganhava a vida permitindo que o usassem, das piores maneiras possíveis, estava se afirmando, à sua maneira.

A mesma coisa se podia dizer, com toda probabilidade, sobre as crianças Zweig, comentou Kreizler, confirmando minha suposição de que ele não atribuiria à coincidência as semelhanças entre essas duas vítimas e Georgio Santorelli. Laszlo acrescentou que não podíamos deixar de enfatizar a importância da nova informação: contávamos, então, com os primórdios de um padrão, uma base para um quadro geral das condições que inspiravam a violência em nosso assassino. Devíamos esse conhecimento à determinação de Sara em visitar os Santorelli, assim como a sua capacidade de conquistar a confiança da sra. Santorelli. Laszlo manifestou sua dívida de forma um tanto contrafeita, mas sincera; e a expressão de satisfação no rosto de Sara valeu todas as provações do dia.

O clima, que era de extrema camaradagem, transformou-se quando Roosevelt entrou em nosso camarote acompanhado pelo prefeito Strong, durante esse mesmo intervalo. Apesar de usar o título de “coronel” e de sua reputação como reformador, William L. Strong era muito parecido com qualquer outro dos prósperos homens de negócios de meia-idade de Nova

York – o que significava que não via nenhum proveito em Kreizler. O prefeito não disse nada em resposta a nossos cumprimentos, apenas se sentou em uma das cadeiras livres no camarote e esperou que as luzes se apagassem. Coube a Theodore, constrangido, explicar que Strong desejava dizer uma coisa muito importante. Falar durante uma apresentação no Metropolitan Opera não era, em geral, considerado um barbarismo – na verdade, alguns dos mais notáveis negócios pessoais e financeiros da cidade eram acertados em ocasiões como essa –, mas nem Kreizler nem eu partilhávamos esse desrespeito aos esforços das pessoas no palco. Em outras palavras, não oferecemos uma audiência cordial quando Strong iniciou sua preleção, durante a ominosa abertura do terceiro ato.

– Doutor – disse o prefeito, sem fitá-lo –, o comissário Roosevelt me assegura que sua recente visita à Chefatura de Polícia foi apenas de caráter social. Espero que seja verdade.

Kreizler não respondeu, o que deixou Strong um pouco irritado.

– Mas estou surpreso ao vê-lo na ópera com uma funcionária do Departamento de Polícia – disse, acenando com a cabeça, de um modo um tanto grosseiro, na direção de Sara.

– Se quiser conhecer *toda* minha agenda social, prefeito Strong – disse Sara com voz firme –, posso providenciar.

Theodore bateu com a mão na testa, sem fazer barulho, mas com vigor, e a ira de Strong aumentou, embora não desse ouvidos ao comentário de Sara.

– Doutor, talvez não saiba que estamos empenhados em uma grande cruzada para extirpar a corrupção e a degeneração de nossa cidade.

Mais uma vez, Kreizler não respondeu; mantinha os olhos ainda fixos em Victor Maurel e Frances Saville, que cantavam juntos.

– Temos muitos inimigos nessa batalha – continuou Strong. – Se eles puderem encontrar algum meio de nos embaraçar ou desacreditar, não hesitarão em usá-lo. Estou sendo claro, senhor?

– Claro, senhor? – respondeu Kreizler por fim, ainda sem olhar para Strong.

– Com toda certeza, está sendo mal-educado, mas, quanto a ser claro...

Laszlo deu de ombros. Strong se levantou.

– Pois, então, serei bastante objetivo. Se por acaso se associasse ao Departamento de Polícia, em qualquer condição, doutor, isso seria um meio para nossos inimigos nos desacreditarem. Pessoas decentes não têm proveito nenhum com seu trabalho, senhor, com suas abomináveis opiniões sobre a família norte-americana ou suas obscenas explorações da mente das crianças. Essas questões são do âmbito dos pais e de seus conselheiros espirituais. Se estivesse em seu lugar, eu limitaria meu trabalho aos hospícios, os únicos lugares a que pertence. De qualquer forma, ninguém associado a esta administração tiraria o menor proveito com todo esse absurdo. Não se esqueça disso, por favor.

O prefeito se levantou e se encaminhou para a saída. Parou antes de passar pela porta, voltando-se para Sara.

– E você, minha jovem, lembre-se de que contratar mulheres para trabalhar na Chefatura foi uma *experiência*... e experiências assim fracassam com frequência!

Com isso, Strong desapareceu. Theodore ainda se demorou o suficiente para sussurrar que futuros aparecimentos em público de nós três juntos poderiam não ser sensatos e, então, partiu no encalço do prefeito. Foi um incidente afrontoso, mas típico: havia muitas pessoas na audiência naquela noite que teriam dito coisas similares a Kreizler, se surgisse a oportunidade. Laszlo, Cyrus e eu já ouvíramos tudo isso antes, e não levamos muito a sério; mas foi mais difícil para Sara, uma neófita nessa espécie de intolerância. Durante a maior parte do resto da apresentação, ela deu a impressão de estar disposta a estourar os miolos de Strong com sua pistola; mas o dueto final de Maurel e Saville foi uma interpretação tão magnífica que até mesmo a irada Sara deixou de lado o mundo real. Quando as luzes se acenderam, todos nós ficamos em pé e gritamos “Bravo!” com o maior vigor, recebendo em resposta um pequeno aceno de Maurel do palco. Contudo, assim que Sara

vislumbrou Theodore e Strong no outro camarote, toda sua indignação voltou com força total.

– Como pode tolerar uma coisa dessas, doutor? – Ela indagou ao sairmos.

– Vai descobrir em breve, Sara – respondeu Kreizler, com a maior calma –, que não se pode dispensar a menor atenção a essas declarações. Mas há um aspecto no interesse do prefeito por esse caso que me preocupa.

Nem precisei pensar a respeito, pois a ideia me ocorreu no momento em que Kreizler falava.

– Os dois padres – murmurei.

Laszlo acenou com a cabeça para mim.

– Isso mesmo, Moore. Os dois padres importunos... e não se pode deixar de especular quem providenciou para que esses "conselheiros espirituais" acompanhassem os detetives hoje. No momento, porém, isso deve permanecer um mistério.

Ele consultou seu relógio de prata antes de acrescentar:

– Ótimo. Devemos chegar à hora marcada. Espero que nossos convidados façam o mesmo.

– Convidados? – repetiu Sara. – Mas, aonde vamos?

– Jantar – informou Kreizler. – E a uma reunião que espero ser das mais esclarecedoras.

---

3 *Porte cochère* é uma estrutura que fica disposta na entrada principal ou secundária de um edifício. Chamado popularmente de varanda de transporte, destina-se a facilitar o embarque/desembarque de pessoas e bagagens. (N.E.)

CAPÍTULO 10

Creio que é difícil para as pessoas de hoje absorverem a ideia de que uma família, por meio de vários restaurantes, foi capaz de mudar os hábitos alimentares de todo um país; mas foi isso o que fizeram os Delmonicos nos Estados Unidos no século passado. Antes que abrissem seu primeiro café, na William Street, em 1823, atendendo à comunidade financeira do Lower Manhattan, a comida norte-americana podia ser descrita, de modo geral, como coisas cozidas ou fritas, cujo propósito era sustentar o trabalho árduo e conter o álcool – quase sempre um álcool da pior qualidade. Os Delmonicos, embora suíços, trouxeram o método francês para a América, e cada geração da família refinou e expandiu a experiência. Seu cardápio, desde o primeiro, continha dezenas de pratos ao mesmo tempo saborosos e saudáveis, todos – considerando-se seu preparo – oferecidos a preços razoáveis. Sua adega de vinhos era tão ampla e excelente quanto qualquer uma de Paris. O sucesso foi tão grande que em poucas décadas eles possuíam dois restaurantes na zona sul e outro na norte; e por ocasião da Guerra Civil, viajantes de todo o país que haviam comido no Delmonico's, levando a notícia da experiência para suas cidades, exigiam que os proprietários dos restaurantes locais não apenas lhes oferecessem um ambiente agradável, mas também uma comida nutritiva e preparada com habilidade. O anseio por refeições de primeira classe tornou-se uma espécie de febre nacional nas últimas décadas do século – e o Delmonico's foi o responsável por isso.

A boa comida e o excelente vinho eram, porém, apenas uma parte das razões para a prosperidade do Delmonico's: o igualitarismo declarado da família também atraía os clientes. Em qualquer noite no restaurante da zona norte, na esquina da 26th Street com a 5th Avenue, podia-se esbarrar com

Diamond Jim Brady e Lillian Russell, assim como com a sra. Vanderbilt e outras matronas da alta sociedade de Nova York. Nem mesmo pessoas como Paul Kelly eram recusadas. Talvez ainda mais espantoso que o fato de que todos podiam entrar era o de que todos tinham de esperar o mesmo tempo por uma mesa – não se aceitavam reservas (a não ser para festas nos salões particulares), e não se mostrava nenhum favoritismo. A espera era às vezes irritante; mas descobrir-se na fila atrás de alguém como a sra. Vanderbilt reclamando e batendo o pé dizendo "que tratamento!" podia ser muito divertido.

Na noite de nossa reunião com os irmãos Isaacson, Laszlo tomara a precaução de reservar um salão particular, sabendo que a conversa seria inquietante demais para as pessoas nas mesas ao redor do salão principal. Chegamos ao restaurante pelo lado da Broadway, onde ficava o café, e depois viramos à esquerda na 26th Street, indo parar diante da entrada principal. Cyrus e Stevie foram dispensados pelo resto da noite, pois nos últimos dias haviam ficado acordados até tarde em várias ocasiões. Pegaríamos fiacres depois do jantar. Passamos pela porta e fomos cumprimentados pelo jovem Charlie Delmonico.

A geração mais velha da família já morrera quase toda por volta de 1896, e Charlie renunciara a uma carreira em Wall Street para assumir o negócio. Ele não poderia ser mais apropriado para a função: era gentil, efusivo, com um tato permanente, cuidava de todos os detalhes sem que jamais uma expressão de preocupação lhe contraísse os olhos enormes ou deslocasse um fio de sua barba alinhada.

– Dr. Kreizler – disse ele ao nos adiantarmos, apertando nossas mãos, e sorrindo com delicadeza. – E sr. Moore. É sempre um prazer, cavalheiros, ainda mais quando estão juntos. E srta. Howard também... faz algum tempo que não nos visita. Sou grato por poder voltar.

Era a maneira de Charlie dizer que compreendia que Sara passara por muita coisa desde a morte do pai.

– Seus outros convidados já chegaram, doutor, e o esperam lá em cima.

Ele continuou a falar enquanto tirávamos os casacos.

– Lembrei-me de que comentaram que não achavam o verde-oliva e o escarlate propícios à digestão, por isso reservei o salão azul. Será satisfatório?

– Atencioso, como sempre, Charlie – respondeu Kreizler. – Obrigado.

– Podem subir imediatamente – acrescentou Charlie. – Ranhofer, como sempre, já providenciou tudo.

– Ah! – exclamei à menção do magnífico *chef* do Delmonico's. – Posso esperar que ele esteja preparado para nosso rigoroso julgamento?

Charlie tornou a sorrir, com a mesma curvatura gentil dos lábios.

– Creio que ele planejou algo extraordinário. Venham, cavalheiros.

Seguimos Charlie pelas paredes espelhadas, móveis de mogno e afrescos no teto do salão principal e subimos para o salão privado azul, no segundo andar. Os irmãos Isaacson já se encontravam sentados a uma mesa pequena, mas elegante, parecendo um pouco aturdidos. A confusão aumentou quando viram Sara, a quem conheciam da Chefatura; porém ela se esquivou com habilidade de suas perguntas, alegando que alguém precisava tomar anotações para o comissário Roosevelt, que tinha um interesse pessoal pelo caso.

– É mesmo? – murmurou Marcus Isaacson, arregalando seus olhos escuros nas laterais de seu nariz pronunciado. – Isto não é... uma espécie de teste, não é mesmo? Sei que todos no Departamento estão sujeitos a uma reavaliação, mas... afinal, é um caso que já tem três anos, não me parece justo nos julgar...

– É claro que compreendemos que o caso continua aberto – acrescentou Lucius, enxugando umas poucas gotas de suor da testa com um lenço no momento em que os garçons chegavam com travessas de ostras e copos de xerez e cerveja escura.

– Podem se acalmar, os dois – disse Kreizler. – Não se trata de uma reavaliação. Estão aqui justamente porque sabemos que não estão associados aos elementos da Polícia que provocaram as atuais controvérsias.

Diante disso, os Isaacsons deixaram escapar quantidades consideráveis de

ar e atacaram o xerez.

– Vocês não se incluíam entre os prediletos do inspetor Byrnes, não é? – indagou Kreizler.

Os dois irmãos trocaram um olhar, e Lucius acenou com a cabeça para Marcus, que disse:

– Não, senhor. Byrnes acreditava em métodos que eram... ultrapassados, digamos assim. Meu irmão... isto é, o sargento detetive Isaacson... e eu estudamos no exterior, o que deixou o inspetor bastante desconfiado. Isso e nossas... origens.

Kreizler balançou a cabeça; não era segredo a atitude da velha guarda do departamento em relação aos judeus.

– Muito bem, senhores – disse Laszlo. – Agora, podem nos relatar o que conseguiram descobrir hoje.

Depois de discutirem por um momento quem seria o primeiro a falar, os Isaacsons decidiram-se por Lucius.

– Como sabe, doutor, é limitado o que se pode determinar em corpos em um estado de decomposição tão avançado. Ainda assim, creio que descobrimos uns poucos fatos que escaparam aos legistas e aos detetives encarregados da investigação... com licença, srta. Howard, mas não vai tomar nota?

Sara sorriu.

– Farei anotações mentais. Passarei tudo para o papel mais tarde.

A resposta não agradou Lucius, que fitou Sara com certo nervosismo antes de continuar:

– Muito bem... a causa da morte.

Os garçons reapareceram para retirar as bandejas com ostras e servir uma sopa de tartaruga verde *au clair*. Lucius tornou a enxugar a testa larga e provou a sopa, enquanto os garçons abriam uma garrafa de Amontillado.

– Hum... deliciosa! – Exclamou, acalmando-se com a comida. – Como eu dizia, os relatórios da Polícia e do legista indicavam que a morte fora causada pelos ferimentos na garganta. Rompimento das artérias carótidas etc. É a

interpretação óbvia, quando se tem um corpo com a garganta cortada. Mas notei quase no mesmo instante que havia uma lesão ampla nas estruturas da laringe, em particular no osso hioide, que em ambos os casos se encontrava fraturado. Isso, é claro, indica estrangulamento.

– Não estou entendendo – murmurei. – Por que o assassino cortaria a garganta deles se já os havia estrangulado?

– Sede de sangue – respondeu Marcus calmamente, enquanto continuava a tomar a sopa.

– Isso mesmo, sede de sangue – concordou Lucius. – Ele deve ter tido o cuidado de manter as roupas limpas, a fim de não atrair a atenção durante sua fuga. Mas precisava ver o sangue... ou, talvez, cheirá-lo. Alguns assassinos já disseram que é o cheiro que os satisfaz, não a visão.

Por sorte, eu já terminara a sopa, pois esse comentário me deixou de estômago meio embrulhado. Olhei para Sara, que absorvia tudo com o maior aprumo. Kreizler estudava Lucius com um fascínio evidente.

– Portanto, sua hipótese é estrangulamento – disse Laszlo. – Excelente. O que mais?

– Há a questão dos olhos – respondeu Lucius, inclinando-se para trás a fim de que sua tigela de sopa pudesse ser tirada pelo garçom. – Tive algum problema com os relatórios a respeito.

Ofereceram-nos, então, *aiguillettes* de perca com um molho cremoso Mornay... delicioso. O Amontillado foi trocado por um Hochheimer.

– Com licença, doutor – murmurou Marcus –, mas eu queria dizer uma coisa... comida extraordinária. Nunca provei nada parecido.

– Fico satisfeito por isso, sargento detetive – respondeu Kreizler. – Há muito mais por vir. Agora... e os olhos?

– Certo – disse Lucius. – O relatório da Polícia fez alguma menção a que aves ou ratos arrancaram os olhos. E o legista, ao que pareceu, estava disposto a confirmar isso, o que é muito estranho. Mesmo que os corpos estivessem em um lugar aberto, e não dentro de uma caixa-d’água, por que os

animais carniceiros se alimentariam apenas dos olhos? Contudo, o que mais me espantou nessa teoria foi que as marcas de faca eram bastante nítidas.

Kreizler, Sara e eu paramos no meio da mastigação, entreolhando-nos.

– Marcas de faca? – disse Kreizler. – Não havia nenhuma referência a marcas de faca nos relatórios.

– Sei disso! – exclamou Lucius, jovial.

A conversa, embora macabra, parecia relaxá-lo, e o vinho contribuía. Ele prosseguiu:

– Era realmente estranho. Mas, lá estavam... alguns sulcos estreitos no osso malar e no supraorbitário, além de cortes adicionais no esfenoide.

Eram praticamente as mesmas palavras que Kreizler usara comigo e Theodore ao descrever o corpo de Georgio Santorelli.

– À primeira vista – continuou Lucius –, podíamos até pensar que os vários cortes não tinham relação entre si, sendo apenas indicações de golpes separados de uma lâmina. Mas, tive a impressão de que havia uma relação, e, por isso, efetuei uma experiência. Há uma excelente cutelaria perto de seu Instituto, doutor, que também vende facas de caça. Fui até lá e comprei o tipo de lâmina que achava que fora usada, em três comprimentos diferentes: 22, 25 e 28 centímetros. – enfiou a mão no bolso interno do paletó. – A maior era a que melhor se ajustava.

Com essas palavras, Lucius largou no meio da mesa uma faca reluzente, que parecia ter proporções gigantescas. O cabo era feito de chifre de veado, o protetor de latão, e na lâmina de aço estava gravado o desenho de um veado.

– A arma de Arkansas – disse Marcus. – Não sabemos se foi Jim Bowie ou seu irmão quem fez o projeto original, na década de 1830, mas a maior parte é fabricada, hoje, por uma empresa de Sheffield, na Inglaterra, e exportada para nossos estados do Oeste. Pode ser usada para caça, mas é basicamente uma faca de luta. Para combate corpo a corpo.

– Não pode ser usada também para trinchar e retalhar? – indaguei, recordando Georgio Santorelli. – Não é bastante pesada e afiada para isso?

– Claro que sim – respondeu Marcus. – O gume depende da qualidade do aço, e em uma faca deste tamanho, ainda mais fabricada em Sheffield, podemos esperar um aço de primeira.

Ele fez uma pausa e fitou-me com a mesma perplexidade e desconfiança que exibira naquela tarde.

– Por que pergunta? – Disse.

– Parece cara – comentou Sara, mudando de assunto deliberadamente.

– E é, realmente –, confirmou Marcus. – Mas durável. Uma faca destas poderia ser usada por anos.

Kreizler não desviava os olhos da faca, e sua expressão parecia dizer: é essa a arma que *ele* usa.

– As marcas no esfenoide foram criadas na mesma ocasião em que o gume se cravou no malar e no supraorbitário – continuou Lucius. – O que é perfeitamente natural, já que ele trabalhava em uma pequena área... a cavidade ocular de um crânio de criança... com um instrumento tão grande. Apesar de tudo isso, porém, foi um trabalho eficiente. As lesões poderiam ser muito maiores. Agora – tomou um grande gole de vinho. –, quanto *ao que* ele fazia, ou *por quê*, só podemos especular. É possível que vendesse partes de corpos a anatomistas e escolas de Medicina. Embora fosse mais provável, neste caso, que tirasse mais que apenas os olhos. É uma situação desconcertante.

Nenhum de nós podia fazer comentários a respeito. Ficamos olhando para a faca – eu, pelo menos – com receio de tocá-la, enquanto os garçons voltavam com travessas de lombo de cordeiro *à Ia Colbert* e garrafas de Château Lagrange.

– Admirável! – exclamou Kreizler.

Por fim, ele fitou Lucius, cujo rosto balofo começava a ficar vermelho pelo vinho.

– Um trabalho esplêndido, sargento detetive.

– E isso não é tudo – anunciou Lucius, atacando seu cordeiro.

– Coma devagar – sussurrou Marcus. – Lembre-se de seu estômago.

Lucius não lhe deu atenção.

– E isso não é tudo – repetiu ele. – Havia algumas fraturas muito interessantes nos ossos frontal e parietal, no alto do crânio. Mas deixarei que meu irmão... deixarei que o sargento detetive Isaacson explique.

Lucius fez uma pausa, fitou-nos com um sorriso e arrematou:

– Estou apreciando demais minha comida para continuar a falar.

Marcus o observava, sacudindo a cabeça.

– Vai passar mal amanhã – murmurou. – E me culpará... mas eu avisei.

– Sargento detetive – Kreizler recostou-se, com um copo de Lagrange na mão. –, terá de oferecer algumas informações extraordinárias se espera superar seu... *colega.*

– Isso é interessante – disse Marcus – e pode muito bem nos revelar alguma coisa substantiva. As linhas de fratura encontradas por meu irmão foram infligidas de cima... *diretamente* de cima. Agora, em uma agressão, e é óbvio que foi isso, esperam-se ângulos de ataque, ou devido a alturas similares ou pela dificuldade de aproximação em decorrência da resistência. A natureza dos ferimentos, no entanto, indica que o agressor não apenas tinha total controle físico das suas vítimas, como também era bastante alto para golpear diretamente para baixo, com muito vigor, usando alguma espécie de instrumento rombudo... talvez seus punhos, embora duvidemos dessa possibilidade.

Permitimos a Marcus alguns momentos para comer; mas, quando chegou a suculenta tartaruga de Maryland para substituir o cordeiro, do qual Lucius teve de ser separado quase à força, nós o exortamos a continuar.

– Deixem-me ver... tentarei tornar a explicação mais acessível possível. Se considerarmos as respectivas alturas das duas crianças, e depois acrescentarmos à equação os aspectos das fraturas de crânio que acabei de descrever, poderemos começar a especular sobre a altura do atacante. – e voltando-se para Lucius. – Quanto foi mesmo que calculamos... em torno de

um metro e noventa?

Lucius confirmou com um aceno de cabeça, e Marcus continuou:

– Não sei quanto conhecem de antropometria... o sistema Bertillon de identificação e classificação...

– Ah, estudou o sistema? – indagou Sara. – Eu estava ansiosa por encontrar alguém que o houvesse estudado.

Marcus ficou surpreso.

– Conhece o trabalho de Bertillon, srta. Howard?

Enquanto Sara anuía com a cabeça, Kreizler interveio:

– Devo confessar minha ignorância, sargento detetive. Já ouvi falar do nome, mas pouco mais.

Assim, enquanto comíamos a tartaruga, também conversamos sobre a obra de Alphonse Bertillon, um francês misantropo e pedante que revolucionara a ciência da identificação criminal na década de 1880. Como escrevente subalterno encarregado de organizar as fichas que a Polícia de Paris mantinha de criminosos conhecidos, Bertillon descobrira que se alguém tirasse quatorze medidas de qualquer corpo humano – não apenas a altura, mas também o tamanho do pé, mão, nariz, ouvido, e assim por diante –, a probabilidade era de apenas um em mais de 286 milhões de que houvesse duas pessoas partilhando os mesmos resultados. Apesar da imensa resistência de seus superiores, Bertillon começara a registrar as dimensões de partes do corpo de criminosos conhecidos, e depois, dividira os resultados em categorias, ao mesmo tempo que treinava uma equipe de medidores assistentes e fotógrafos; e quando usou as informações assim obtidas para elucidar vários casos infames que haviam confundido os detetives de Paris, tornou-se uma celebridade internacional.

O sistema de Bertillon logo fora adotado em toda a Europa Continental, mais tarde em Londres, e só recentemente em Nova York. Durante todo o tempo em que fora chefe da Divisão de Detetives, Thomas Byrnes rejeitara a antropometria, com suas medidas exatas e fotografias minuciosas, alegando

que era exigente demais, em termos intelectuais, para a maioria de seus homens – uma suposição acurada, sem dúvida. Além disso, Byrnes criara a Galeria dos Bandidos, uma sala cheia de fotografias dos criminosos mais conhecidos nos Estados Unidos. Ele tinha o maior zelo por sua criação, e considerava-a suficiente para os propósitos de identificação. Afinal, Byrnes instituíra os próprios princípios de investigação, e não permitiria que fossem suplantados pelas ideias de algum francês. Entretanto, com a saída de Byrnes da Polícia, a antropometria conquistara mais defensores, um dos quais, obviamente, sentava-se a nossa mesa naquela noite.

– A principal deficiência do sistema de Bertillon – disse Marcus –, além do fato de depender de medidores eficientes, é que só pode comparar um criminoso suspeito ou condenado a sua ficha ou pseudônimos.

Depois de tomar uma pequena taça de sorvete Elsinore, Marcus tirou um cigarro do bolso, pensando que a refeição terminara; mas demonstrou uma agradável surpresa quando foi posto à sua frente um prato de pato selvagem, preparado com canjica e uma *gelée* de passas, com um copo de um esplêndido Chambertin.

– Desculpe-me por perguntar, doutor – interveio Lucius, cada vez mais desconcertado –, mas... haverá uma conclusão para esta refeição, ou continuaremos a comer até o desjejum?

– Enquanto tiverem informações úteis a fornecer, sargentos detetives, a comida continuará a ser servida.

– Nesse caso – disse Marcus, levando à boca um pedaço grande de pato e fechando os olhos para apreciá-lo –, é melhor nos mantermos interessantes. Eu ia dizer que o sistema Bertillon não oferece nenhuma prova física do cometimento de um crime. Não pode situar um homem no local do crime. Mas pode nos ajudar a abreviar a lista dos criminosos conhecidos que podem ser responsáveis. Apostamos que o homem que matou as crianças Zweig tinha em torno de um metro e noventa de altura. Isso não produzirá muitos candidatos, mesmo nos arquivos da Polícia de Nova York. É um ponto de

partida vantajoso. E a melhor notícia é que, com tantas cidades adotando o sistema agora, podemos fazer levantamento em toda a nação... e até mesmo na Europa, se quisermos.

– E se o homem não tiver uma ficha criminal anterior? – perguntou Kreizler.

– Nesse caso, como eu disse, estamos sem sorte – respondeu Marcus, dando de ombros.

Kreizler mostrou-se desapontado ao ouvir isso, e Marcus, olhando para seu prato e aparentemente especulando se a comida seria mesmo suspensa quando chegássemos a um beco sem saída, limpou a garganta.

– Isto é, doutor, sem sorte dentro dos métodos oficiais do departamento. Contudo, sou estudioso de algumas outras técnicas, que podem se tornar úteis nessa eventualidade.

Lucius adotou uma expressão preocupada.

– Marcus – murmurou –, ainda não tenho certeza se devemos, já que não é aceita...

Marcus reagiu no mesmo instante, em voz baixa:

– Não é aceita no *tribunal*, mas seria proveitosa em uma investigação. Já *discutimos* isso.

– Não querem partilhar o segredo, cavalheiros? – interveio Kreizler,

Lucius tomou um gole de seu Chambertin, nervoso.

– Ainda é teoria, doutor, e não é aceita em nenhuma parte do mundo como prova legal, mas... – e olhou para Marcus, aparentemente preocupado com a possibilidade de a iniciativa do irmão lhe custar a sobremesa. – Está bem, pode falar.

Marcus falou em tom confidencial:

– É o que se chama de datiloscopia.

– Ahn... – murmurei. – Está se referindo a impressões digitais.

– Esse é o termo coloquial– disse Marcus.

– Mas... – interveio Sara –, sem querer ofender, sargento detetive, a

datiloscopia tem sido rejeitada por todas as Polícias do mundo. Sua base científica sequer foi comprovada, e nenhum caso concreto jamais foi esclarecido por meio de seu uso.

– Não me sinto ofendido, srta. Howard – respondeu Marcus. – E espero que também não se ofenda por eu lhe dizer que está enganada. A base científica já foi comprovada, e vários casos foram esclarecidos com o uso dessa técnica... porém em uma parte do mundo da qual não se ouve falar muita coisa.

– Moore – interrompeu Kreizler com voz um pouco incisiva –, começo a compreender como você deve se sentir com frequência. Mais uma vez, estou completamente perdido.

Sara começou a explicar o assunto a Laszlo, mas, depois desse gracejo dele, eu precisava interferir, e assumi o controle. A datiloscopia, ou impressões digitais (falei em um tom que esperava ser bastante condescendente), era apregoada havia décadas como um método de identificar todos os seres humanos, incluindo os criminosos. A premissa científica era de que as impressões digitais não mudam ao longo de toda a vida de uma pessoa. No entanto, havia muitos antropólogos e médicos que ainda não aceitavam esse fato, apesar das inequívocas provas em apoio e de ocasionais demonstrações práticas. Na Argentina, por exemplo – um lugar que, como disse Marcus Isaacson, não era lembrado com frequência pelas pessoas nos Estados Unidos e Europa –, o uso das impressões digitais teve seu primeiro teste prático quando um policial de Buenos Aires chamado Vucetich empregou o método para esclarecer um caso de homicídio que envolvia o brutal massacre de duas criancinhas.

– Sendo assim – disse Kreizler, enquanto os garçons voltavam com *petits aspics* de *foie gras* –, presumo que há um afastamento geral do sistema de Bertillon.

– Ainda não – respondeu Marcus. – É uma luta incessante. Apesar de haver sido comprovada a confiabilidade das impressões digitais, há muita resistência.

– Uma coisa importante a lembrar – acrescentou Sara, e foi um prazer ouvi-la fazendo uma preleção para Kreizler – é que as impressões digitais podem indicar quem esteve em determinado lugar. É ideal para nosso...

Ela se conteve a tempo, fazendo um esforço para se acalmar, e concluiu:

– Tem um grande potencial.

– E como se coletam as impressões digitais? – indagou KreizIer.

– Há três métodos básicos – explicou Marcus. – Primeiro, obviamente, temos as impressões visíveis... a mão suja de tinta, sangue, qualquer coisa assim, encostada em algum lugar. Há também as impressões plásticas, deixadas quando a pessoa toca em alguma massa, argila, gesso úmido, e assim por diante. Por último, e o mais difícil, temos as impressões latentes. Se pegar esse copo a sua frente, doutor, seus dedos deixarão um resíduo de transpiração e óleo do corpo no padrão das impressões digitais. Se eu desconfiar que pode haver feito isso – ele tirou do bolso dois pequenos frascos, um deles com um pó branco-acinzentado, e o outro com uma substância preta, de consistência similar – uso este pó de alumínio – levantou o frasco do pó branco-acinzentado – ou este carvão em pó.

Marcus ergueu o frasco com a substância preta, e acrescentou:

– A escolha depende da cor do objeto que constitui a base. O branco serve para os objetos escuros, o preto para os claros; qualquer um dos dois seria apropriado para seu copo. Os pós são absorvidos pelos óleos e a transpiração, deixando uma imagem perfeita das impressões digitais.

– Extraordinário! – murmurou Kreizler. – Mas, se é agora cientificamente aceito que as impressões digitais de um ser humano nunca variam, *como* é possível que isso não seja admitido como prova legal nos tribunais?

– Mudança não é uma coisa que a maioria das pessoas aprecia, mesmo que seja uma mudança progressista. – Comentou Marcus, pondo os frascos na mesa e sorrindo: – Mas tenho certeza de que sabe disso, dr. Kreizler.

Kreizler balançou a cabeça uma vez, anuindo ao comentário e, então, empurrou o prato para frente e tornou a se recostar.

– Devo agradecer por todas essas informações bastante instrutivas – disse ele. – Mas tenho a impressão, sargento detetive, de que há um propósito mais específico.

Marcus se voltou para Lucius mais uma vez, mas o outro se limitou a dar de ombros, resignado. Com isso, Marcus tirou algo do bolso interno de seu paletó.

– Provavelmente nenhum legista notaria, ou não daria importância ao se deparar com algo assim hoje, muito menos há três anos.

Marcus pôs uma fotografia na mesa, a nossa frente, e nós três inclinamos a cabeça sobre ela para examiná-la. Era um detalhe de alguma coisa, vários objetos brancos – ossos, logo concluí –, mas não pude ser mais específico.

– Dedos? – especulou Sara, em voz alta.

– Dedos – confirmou Kreizler.

– Para ser mais preciso – disse Marcus, –, os dedos da mão esquerda de Sofia Zweig. Observem a unha do polegar, que se pode ver por inteiro.

Ele tirou do bolso uma lente de aumento e a entregou a nós, e a seguir, recostou-se para saborear o *foie gras.*

– Parece machucada – comentou Kreizler, enquanto Sara pegava a lente. – Ou, pelo menos, apresenta certa descoloração.

Marcus olhou para Sara.

– Srta. Howard?

Ela levantou a lente, aproximou a fotografia. Forçou os olhos para encontrar o foco e os arregalou ao descobrir.

– Eu vejo...

– Vê o quê? – perguntei, impaciente como um menino de quatro anos.

Laszlo olhou por cima do ombro de Sara, e sua expressão se tornou ainda mais atônita e impressionada que a dela.

– Mas, que coisa! Não está querendo dizer...

– O quê? O quê? O quê? – insisti.

Sara me entregou a lente e a fotografia. Segui suas instruções e examinei a

unha do polegar. Sem a lente, parecia apenas, como dissera Kreizler, descolorida. Ampliada, apresentava a marca do que eu sabia ser uma impressão digital, deixada em alguma espécie de substância escura. Fiquei atordoado com a surpresa.

– É um golpe de muita sorte – comentou Marcus. – Embora parcial, é suficiente para uma identificação. De alguma forma, conseguiu sobreviver tanto ao legista quanto ao agente funerário. A substância é sangue, diga-se de passagem. Provavelmente da menina ou de seu irmão. A impressão, no entanto, é grande demais para ser de qualquer um dos dois. O caixão preservou a mancha muito bem, e agora, temos um registro permanente.

Kreizler levantou o rosto, tão próximo de uma expressão radiante quanto jamais poderia chegar.

– Meu caro sargento detetive, isso é quase tão impressionante quanto inesperado!

Marcus desviou os olhos, com um sorriso contrafeito, enquanto Lucius acrescentava, em um tom preocupado:

– Por favor, doutor, não esqueça que não tem nenhum significado legal. É uma pista, e pode ser usada para propósitos de investigação, nada mais.

– E nada mais é necessário, sargento detetive. Exceto, talvez – Laszlo bateu palmas duas vezes, e os garçons apareceram –, a sobremesa. Que os dois bem que mereceram.

Os garçons levaram os últimos pratos do jantar e voltaram com peras Alliance: embebidas em vinho, fritas, cobertas de açúcar, com um molho de damasco. Pensei que Lucius ia ter um ataque ao vê-las. Kreizler mantinha os olhos fixos nos dois irmãos.

– Vocês realizaram um trabalho dos mais elogiáveis. Mas, receio, partindo de premissas ligeiramente... falsas. Peço desculpas por isso.

Explicamos, então, nossas atividades aos Isaacsons enquanto comíamos as peras e os deliciosos *petits fours* que foram servidos em seguida. Nada ficou fora do relato: as condições do corpo de Georgio Santorelli, os problemas

com Flynn e Connor, nossa reunião com Roosevelt, a conversa de Sara com a sra. Santorelli, tudo foi exposto, em detalhes. Nenhum de nós tentou dourar a pílula – o homem que caçávamos, disse Kreizler, podia estar inconscientemente nos instando a encontrá-lo, mas seus pensamentos conscientes fixavam-se na violência, e se chegássemos muito perto, essa violência poderia ser desencadeada contra nós. Essa advertência provocou certa hesitação em Marcus e Lucius, assim como a informação de que nossas atividades seriam desenvolvidas em segredo, e repudiadas por todas as autoridades da cidade, se descobertas. Mas a reação exagerada dos dois à perspectiva foi de excitação. Qualquer bom detetive sentiria a mesma coisa, pois era a oportunidade de uma vida: experimentar novas técnicas, operar fora das pressões sufocantes da burocracia departamental e ganhar reputação, se o caso fosse concluído com êxito.

E, devo confessar, depois da refeição que acabáramos de comer e de todo o vinho que a acompanhara, essa conclusão parecia um tanto inevitável. Quaisquer que fossem as restrições que Kreizler, Sara e eu pudéssemos ter ao comportamento pessoal peculiar dos Isaacsons, o trabalho deles superava em muito essas considerações: em apenas um dia, obtivéramos uma ideia geral da estatura física de nosso assassino e de sua arma preferida, além da imagem permanente de um atributo físico que poderia, em última análise, causar sua desgraça. Acrescente-se a tudo isso a iniciativa de Sara – uma impressão inicial do que as vítimas desse assassino tinham em comum –, e o sucesso parecia, para um homem em meu estado de embriaguez, bem ao nosso alcance.

Contudo, também parecia que minha participação naquele estágio da investigação fora mínima. Eu não fizera nenhuma contribuição concreta, exceto escoltar Sara à casa dos Santorelli; e enquanto quase carregávamos Lucius Isaacson até um fiacre depois que o relógio do Del’s marcara havia muito as duas horas da madrugada, vasculhei minha mente turva à procura de um meio de reparar essa situação. E a conclusão a que cheguei foi também

nebulosa: depois de acompanhar Kreizler e Sara a um fiacre e lhes desejar boa noite (ele a deixaria em Gramercy Park), voltei-me para o sul e segui para o Paresis Hall.

CAPÍTULO 11

Como eu sabia que precisaria estar alerta ao entrar na casa, decidi seguir a pé pelos dois quilômetros, mais ou menos, até a Cooper Square, e deixar que o ar frio me desanuviasse a cabeça. A Broadway se encontrava quase deserta, exceto pelos grupos ocasionais de rapazes de uniforme branco que removiam a neve com pás, jogando-a em enormes carroças. Era o exército particular do coronel Waring, o gênio da limpeza das ruas que dera um jeito em Providence, Rhode Island, e fora importado para promover a mesma magia em Nova York. Os rapazes de Waring eram, sem dúvida, eficientes – a quantidade de neve, esterco de cavalo e lixo em geral nas ruas havia declinado de maneira considerável desde seu advento –, mas os uniformes aparentemente faziam que imaginassem possuir alguma espécie de poder policial. De vez em quando, um rapaz em torno dos quatorze anos, usando a túnica e capacete brancos de Waring, surpreendia algum cidadão eminente jogando lixo na rua e tentava efetuar uma prisão. Era impossível convencer aqueles fanáticos de que eles não tinham essa autoridade, e os incidentes continuavam. Às vezes terminavam em violência, um registro de que os rapazes se orgulhavam e que me deixou cauteloso ao passar por eles naquela noite. Contudo, meu modo de andar devia denunciar minha condição, pois, ao passar por várias equipes de vigilantes da vassoura e pá de neve, eles me avaliaram desconfiados, deixando claro que se eu quisesse sujar as ruas, seria melhor fazê-lo em outra cidade.

Ao chegar à Cooper Square, eu já me sentia bastante alerta e com muito frio. No momento em que passei pela enorme massa marrom da Cooper Union, comecei a pensar no copo grande de conhaque que tencionava pedir no Paresis Hall; por isso, fui apanhado completamente desprevenido quando

uma carroça de operários, com a inscrição GENOVESE & SONS – IRON WORKS – BROOKLYN. N.Y., contornou a extremidade norte do Cooper Square Park por trás de um cavalo tordilho resfolegante, que dava a impressão de que preferia se encontrar em qualquer outro lugar que não na rua naquela noite. A carroça parou de repente, e quatro homens com capacetes de mineiro saltaram e correram para o parque. Voltaram um momento depois, arrastando dois homens vestidos com elegância.

– Veados nojentos! – berrou um dos operários.

Ele bateu no rosto do primeiro homem com algo que parecia um pedaço de cano. O sangue jorrou no mesmo instante do nariz e da boca do homem, salpicando suas roupas e a neve.

– Sumam das ruas, se quiserem enrabar um ao outro!

Dois dos outros embaixadores do Brooklyn seguraram o segundo homem, que parecia mais velho que o primeiro, enquanto um terceiro se adiantava.

– Gosta de foder garotos, hein?

– Desculpe, mas você não é o meu tipo – respondeu o homem, com uma compostura que me fez pensar que isso já havia lhe acontecido antes. – Prefiro rapazes que tomam banho.

Isso lhe custou três murros violentos na barriga, que o fizeram se dobrar e vomitar no chão congelado.

Era um daqueles momentos para pensar depressa: eu podia interferir e acabar com a cabeça rachada, ou podia...

– Ei! – gritei para os arruaceiros, que me fitaram com a maior frieza. – É melhor vocês tomarem cuidado... há meia dúzia de guardas se aproximando, dizendo que não vão permitir que nenhum carcamano do Brooklyn venha promover tumultos na área da 15ª Delegacia!

– É mesmo? – Indagou o sujeito que parecia o líder, já recuando para a carroça. – E de que lado eles vêm?

– Da Broadway! – Respondi, agitando o polegar para trás.

– Vamos embora, pessoal! – Gritou ele. – Está na hora de tomarmos uma

boa cerveja irlandesa!

Os outros três saudaram com gritos e aclamações a sugestão. Todos embarcaram na carroça e subiram pela Broadway, perguntando se eu não queria acompanhá-los, mas sem esperar uma resposta.

Eu me aproximei dos dois homens agredidos, mas só pude dizer “Não precisam...” antes que saíssem correndo. O mais velho saiu comprimindo as costelas e se movendo com dificuldade. Compreendi, nesse momento, que os desordeiros, não encontrando os guardas, talvez voltassem a minha procura, e por isso me afastei apressado pela Bowery, passando sob os trilhos do elevado na 3th Avenue para alcançar a casa de Biff Ellison.

O letreiro elétrico do Paresis Hall continuava aceso, quase às três horas da madrugada. A espelunca tirara seu nome de um medicamento patenteado que era anunciado nos banheiros das casas públicas e que prometia proteção e alívio das mais graves doenças sociais. As janelas do Hall ficavam sempre fechadas, pelo que os cidadãos honestos da vizinhança se sentiam gratos. Além da entrada movimentada – diante da qual se concentrava uma ampla variedade de homens e meninos afeminados, tentando fazer negócios com os fregueses que entravam e saíam – havia um balcão comprido, de latão, algumas mesas redondas de madeira e cadeiras simples, do tipo que se quebrava com facilidade em brigas, e que se podia substituir com igual facilidade. Um palco tosco fora erguido do outro lado do longo salão de teto baixo, e ali mais homens e meninos, em diversos estágios de vestimentas femininas, sacudiam-se ao som da música animada, mas dissonante, fornecida por um piano, um clarinete e um violino.

O propósito essencial do Paresis Hall era promover ligações entre os fregueses e os vários tipos de pessoas que viviam da prostituição e trabalhavam ali. O segundo grupo incluía tudo, de garotos como Georgio Santorelli a homossexuais que não gostavam de usar roupas femininas, e uma ou outra mulher de verdade, que ali faziam ponto na esperança de que algum dos homens que entrassem na casa redescobrisse sua heterossexualidade, em

benefício delas. A maioria dos encontros marcados no Hall era realizada em hotéis ordinários das proximidades, mas, no segundo andar, havia cerca de uma dúzia de quartos, onde os garotos que mais agradavam a Ellison tinham permissão para conduzir seus colóquios.

Todavia, o que mais distinguia o Hall, assim como uns poucos outros lugares similares na cidade, era a quase total ausência da reserva que costumava envolver as atividades homossexuais em Nova York. Livres da necessidade do mínimo comedimento, os fregueses de Ellison se divertiam à vontade e gastavam a rodo. Em última análise, no entanto, nem a escala nem o caráter excepcional de suas operações podiam impedir que o Hall fosse, no fundo, como qualquer outra espelunca: sórdido, enfumaçado e deprimente.

Eu passara pela porta havia menos de trinta segundos quando um braço pequeno, mas forte, envolveu-me pela cintura e um metal frio foi encostado em minha garganta. O súbito aroma de lilás alertou-me para a presença de Ellison, em algum lugar atrás de mim; e presumi que o metal era a arma característica de um dos capangas de Biff, Razor Riley, o homem da navalha. Riley era um bandido pequeno, esquelético e perigoso de Hell’s Kitchen; embora fosse um Gopher, de vez em quando trabalhava para Ellison, de cujas preferências sexuais partilhava.

– Pensei que Kelly e eu houvéssemos sido bastante claros, Moore – trovejou Ellison, ainda atrás de mim. – Ninguém vai me ligar ao caso Santorelli. Quer demonstrar sua coragem ao vir aqui ou é apenas louco?

– Nem uma coisa nem outra, Biff – respondi, com a voz tão firme quanto o medo profundo me permitia, pois Riley era notório por gostar de cortar pessoas. – Só queria que soubesse que lhe prestei um favor.

Ellison soltou uma risada.

– *Você*, escriba? O que poderia fazer por mim?

Então, ele deu a volta para me fitar. Seu terno xadrez ridículo e seu chapéu-coco cinza recendiam a água de colônia. Segurava um charuto comprido e fino na mão enorme.

– Eu disse ao comissário que você nada tinha a ver com o caso – balbuciei.

Ele se aproximou, entreabrindo seus lábios grossos e liberando o fedor de uísque barato.

– É mesmo? – Ele murmurou, com seus olhos pequenos faiscando. – E conseguiu convencê-lo?

– É claro.

– Como?

– Muito simples. Eu disse que não era seu estilo.

Ellison precisou fazer uma pausa enquanto a massa de células que, em seu caso, fazia o papel de cérebro remoía a informação. Então, ele sorriu.

– Ei, você tem razão, Moore! Não é meu estilo! Muito bem, o que você quer? Pode largá-lo, Razor.

Nesse momento, os vários empregados e os fregueses que haviam se reunido ao redor à espera do derramamento de sangue se dispersaram, desapontados. Voltei-me para a figura mínima de Razor Riley, observei-o dobrar sua arma predileta, guardá-la no bolso e depois alisar seu bigode encerado. Ele pôs as mãos nos quadris, pronto para lutar, mas limitei-me a ajeitar a gravata branca e esticar os punhos.

– Experimente leite, Riley – murmurei. – Ouvi dizer que ajuda os ossos a crescer.

Riley tornou a levar a mão ao bolso, mas Ellison riu e o deteve com um abraço efusivo.

– Não se preocupe, Riley. Deixe esse sujeito dizer as piadinhas que quiser, não vai lhe fazer mal.

Depois, ele se voltou e passou o braço por meu pescoço, dizendo:

– Vou lhe pagar um drinque, Moore. E pode aproveitar para contar como se tornou meu camarada tão de repente.

Paramos em um balcão, e pude observar todas as tristes atividades do Hall refletidas em um espelho grande, ao longo de toda a parede, por trás das garrafas de bebidas da pior qualidade. Lembrando exatamente com quem

estava lidando, abandonei a ideia acalentada de um conhaque (além de ser muito ruim, devia estar temperado com alguma combinação de cânfora, benzina, raspas de cocaína e hidrato de cloral), e pedi uma cerveja. A porcaria que me serviram podia até ter sido cerveja em algum momento de sua existência. Enquanto eu tomava um gole, uma das *chanteuses* no palco, do outro lado do Hall, começou a ganir:

There's a name that's never spoken,
And a mother's heart half broken,
There is just another missing from the old home, that's all . . .

Ellison pegou um copo com uísque; voltou-se quando um prostituto passou a mão em seu traseiro e beliscou rudemente o rosto do garoto.

– E então, Moore? – indagou ele, fitando os olhos pintados do garoto. – Por que a mudança? Não me diga que está a fim de experimentar as mercadorias da casa.

– Não, Biff, não nesta noite. Mas pensei que você poderia estar disposto, já que o ajudei com a polícia, a partilhar algumas informações... sabe como é, contribuir para minha reportagem, esse tipo de coisa.

Ele olhou para mim de alto a baixo, enquanto o garoto desaparecia na multidão ruidosa.

– Desde quando o todo-poderoso *New York Times* publica notícias assim? E onde você esteve esta noite? Foi a um funeral?

– Não, à ópera – respondi. – E o *Times* não é o único jornal da cidade.

– É mesmo? – Ele não parecia convencido. – Não sei nada a respeito, Moore. Gloria não me causava problemas. Juro. Eu até a deixava usar um dos quartos lá em cima. Mas, de repente, ela ficou... difícil. Começou a pedir uma parte maior, a insistir com as outras para fazerem a mesma coisa. Por isso, há duas ou três noites, tive de dizer: Gloria, ou você anda na linha, ou vai acabar se dando mal. Ela amansou no mesmo instante, mas eu não confiava mais nela. Ia me livrar dela... não no sentido permanente da palavra, entende? Só ia

mandá-la embora, deixar que trabalhasse na rua por umas duas semanas para ver o que é bom. E, de repente... isso.

Ellison tomou um gole do uísque, soprou a fumaça do charuto e concluiu:

– A pequena vagabunda recebeu o que podia esperar, Moore.

Esperei que ele continuasse, mas sua atenção foi desviada para dois jovens de meias e ligas que gritavam ameaças um ao outro na pista de dança. Facas logo surgiram. Ellison soltou uma risada ao vê-las e ofereceu sua avaliação:

– Se vocês duas, suas vacas, se cortarem, não vão servir para mais ninguém!

Depois de algum tempo, murmurei:

– Isso é tudo que pode me dizer, Biff?

– É, sim – respondeu ele, balançando a cabeça. – E agora, trate de cair fora, antes que haja alguma encrenca.

– Por quê? Está escondendo alguma coisa? Lá em cima, talvez?

– Não estou escondendo porra nenhuma – garantiu ele, irritado. – Apenas não gosto de repórteres aqui. E meus fregueses também não gostam. Alguns deles são respeitáveis... têm família e posição a considerar.

– Talvez pudesse me deixar dar uma olhada no quarto que Geor... que *Gloria* usava. Só para me convencer de que você não teve nada a ver com o caso.

Ellison suspirou, encostando-se no balcão.

– Não exagere, Moore.

– Só cinco minutos.

Ele pensou a respeito, acabou balançando a cabeça.

– Cinco minutos. Mas não fale com ninguém. Terceira porta à esquerda, depois que chegar no alto da escada.

Comecei a me afastar.

– Ei!

Voltei-me, e Ellison me entregou a cerveja.

– Não abuse de minha hospitalidade, camarada.

Acenei com a cabeça, peguei a cerveja e abri caminho pela multidão até

uma escada no fundo do salão. Vários garotos e homens me abordaram, vendo o traje a rigor e farejando dinheiro. Usaram todos os meios concebíveis, alguns passando as mãos por meu peito e coxas; mas segurei com firmeza a carteira e mantive o curso, tentando impedir que se registrassem em minha mente as sugestões repulsivas. Ao passar pelo palco, a *chanteuse* desafinada – um homem gordo, de meia-idade, usando muito pó de arroz, ruge nos lábios e uma cartola – repetiu o refrão:

Yes, there is still a mem'ry living,
There's a father unforgiving,
And a picture that is turn-ed to the wall!

Não havia iluminação na escada, mas a claridade do salão se infiltrava o suficiente para que eu pudesse ver onde pisava. A tinta velha das paredes estava descascando, e ao subir o primeiro degrau ouvi um grunhido atrás de mim. Voltei-me para olhar o recesso escuro do outro lado do vão da porta e avistei os contornos meio indefinidos de um rapaz, rosto encostado na parede, e um homem mais velho comprimindo-se contra as nádegas à mostra do primeiro. Com um estremecimento que me fez tropeçar, tratei de subir o resto da escada o mais depressa possível, só parando ao alcançar o segundo andar, quando tomei um gole da cerveja.

Acalmei-me um pouco, mas comecei a duvidar da sensatez de minha iniciativa. Encontrei a terceira porta à esquerda, de madeira fina, como todas as outras do corredor. Peguei a maçaneta, mas, de repente, concluí que era melhor bater à porta. Fiquei surpreso quando uma voz de garoto indagou:

– Quem é?

Abri a porta devagar. Não havia nada no quarto, a não ser uma cama velha e uma mesinha ao lado. A tinta das paredes era vermelha, já quase marrom, e descascava nos cantos. Havia uma janelinha, que dava para a parede de alvenaria do prédio ao lado, separado por uma viela de uns três metros de largura.

Um garoto louro se sentava na cama. Devia ter seus quinze anos, e o rosto pintado como o de Georgio Santorelli. Usava uma camisa de linho com punhos e gola de renda e uma calça justa. Sua maquiagem estava borrada ao redor dos olhos – ele andara chorando.

– Não estou trabalhando agora – disse ele, esforçando-se para falar em falsete. – Talvez seja melhor voltar dentro de uma hora.

– Sem problemas. Não quero...

– Já disse que não estou trabalhando! – Gritou o rapaz, abandonando por completo a voz de falsete. – Ah, Deus, saia logo! Não percebe que estou transtornado?

Ele desatou a chorar, cobrindo o rosto com as mãos. Permaneci na porta, notando, de repente, que fazia bastante calor no quarto. Observei o jovem por um longo momento, em silêncio, até que uma ideia me ocorreu, e murmurei:

– Você conhecia Gloria.

O garoto fungou e enxugou os olhos com todo cuidado.

– Conhecia, sim. Ah, meu rosto... por favor, saia.

– Você não está entendendo. Só quero descobrir quem o matou... quem a matou.

O garoto ficou assustado.

– Você é da Polícia?

– Não. Sou repórter.

– Um repórter? – Ele baixou os olhos para o chão, tornou a limpá-los e soltou uma risada amargurada – Pois tenho uma história sensacional para você. – Ele olhou pela janela, desesperado. – Quem quer que tenham encontrado naquela ponte, não pode ter sido Gloria.

– Não era Gloria?

A temperatura cada vez mais alta no quarto me deixou com sede, e tomei outro gole de cerveja.

– O que o faz pensar assim? – Perguntei.

– Gloria nunca saiu deste quarto.

– Nunca...

Pensei que eu estava acordado havia tempo demais, que havia bebido demais, e, por isso, não conseguia entender o garoto.

– Como assim?

– É fácil explicar. Eu estava no corredor naquela noite, com um freguês. Vi Gloria entrar aqui, sozinha. Fiquei ali fora por quase uma hora, e sua porta não se abriu em nenhum momento. Imaginei que havia adormecido. Meu freguês foi embora depois de me pagar alguns drinques... o sujeito não queria pagar o preço de Sally. Sally sou eu, eu sou cara, e ele não tinha o suficiente para comprar meus serviços. Fiquei por lá mais meia hora, para ver se alguém aparecia. Não tinha vontade de trabalhar no salão lá embaixo. E foi então que uma das meninas veio correndo dizendo que um guarda avisara que haviam acabado de encontrar Gloria morta perto do rio. Vim correndo para este quarto, mas, é claro, não a encontrei. Porém ela não saiu daqui.

– Bom... – tentei pensar em uma explicação –, ela pode ter saído pela janela.

Fui até lá, tropeçando de novo; a necessidade de dormir era cada vez maior. A janela rangeu quando a abri. Estendi a cabeça para fora e descobri que o ar não era tão frio quanto deveria.

– A janela? – disse Sally. – Como? Ela voou? A altura é grande, e Gloria não tinha uma escada, uma corda ou qualquer outra coisa. Perguntei a uma das meninas que trabalhava na frente da viela se vira Gloria passando por ali. Ela disse que não.

A altura da janela para o chão era mesmo grande; parecia um caminho de fuga improvável. Quanto ao telhado, ficava dois andares acima, em uma parede de alvenaria que não oferecia pontos de apoio aparentes. Não havia escada de incêndio ou qualquer coisa parecida. Recuei um passo, fechei a janela.

– Nesse caso... – murmurei. – Nesse caso...

Subitamente, arriei na cama. Sally soltou um grito estridente, logo seguido por outro, quando olhou para a porta. Acompanhei seu olhar, com certa

dificuldade, e avistei Ellison, Razor Riley e mais dois de seus garotos prediletos na porta. Riley segurava o instrumento de seu ofício e o passava pela palma da outra mão, de um lado para o outro. Apesar das condições de minha mente, compreendi que haviam misturado cloral em minha cerveja. E muito.

– Eu disse a você para não falar com ninguém, Moore. – E voltando-se para os garotos, Ellison acrescentou: – E então, meninas, não é uma linda visão? Quem quer se divertir um pouco com o repórter?

Os dois garotos pintados avançaram para a cama e começaram a arrancar minhas roupas. Ainda consegui me soerguer, apoiado nos cotovelos, antes que Riley se adiantasse e me acertasse um murro no queixo. Lembro que, ao arriar, ouvi a *chanteuse* lá embaixo cantando *You Made Me What I Am Today – I Hope You're Satisfied*[4]; e depois, os dois garotos começaram a brigar por minha carteira, rasgaram minha calça, enquanto Riley me amarrava as mãos.

A inconsciência chegava depressa; mas pouco antes de me dominar por completo, tive a impressão de vislumbrar Stevie Taggert entrando no quarto, como um filhote de lobo, brandindo um porrete comprido, crivado de pregos enferrujados...

---

4 Trecho da canção The Curse of An Aching Heart, do álbum *Swing Along With Me* de Frank Sinatra. Reprise Records. Jul. 1961. (N.E.)

CAPÍTULO 12

O sonho induzido pela droga foi povoado por criaturas bizarras, meio humanas e meio animais, que voavam, escalavam e escorregavam pelas laterais de um muro alto de pedra, enquanto eu observava em desespero, incapaz de alcançar o solo. Em determinado momento, a paisagem inicial em torno do muro foi sacudida por um terremoto, que parecia falar com a voz de Kreizler, e depois disso as criaturas do sonho se tomaram mais numerosas, e minha necessidade de chegar ao solo passou a ser ainda mais desesperada. A consciência, quando por fim a recuperei, propiciou-me pouco alívio, pois eu não tinha a menor ideia do lugar em que me encontrava. Sentia a cabeça muito lúcida, por isso deduzi que permanecera adormecido por longas horas; mas o cômodo arejado e espaçoso ao meu redor era estranho. Mobiliado de maneira irregular, com uma combinação de móveis austeros e elegantes ornamentos italianos, parecia um aposento absurdo, bem apropriado a outro sonho. Janelas de arco, em estilo renascentista gótico, cercavam o cômodo, conferindo-lhe o aspecto de um mosteiro; mas as dimensões amplas eram mais como as de uma fábrica da Broadway. Ansioso para inspecionar melhor o lugar, tentei me levantar, mas caí de costas, meio desfalecido; e como tudo indicava que não havia ninguém por perto a quem pudesse pedir ajuda, fui obrigado a me contentar com estudar o estranho ambiente deitado de costas.

Encontrava-me em uma espécie de divã, talvez datado do início do século XIX. O estofo verde e prata combinava com o de várias cadeiras e um sofá nas proximidades. Em uma mesa de jantar de mogno, comprida e marchetada, havia um candelabro de prata, perto do qual avistei uma máquina de escrever Remington. Essa incongruência se repetia nos objetos pendurados nas paredes da sala: em frente ao divã, havia um óleo de uma vista de

Florença, com uma ostentosa moldura, ao lado de um enorme mapa de Manhattan, com vários alfinetes espetados. Os alfinetes tinham pequenas bandeiras vermelhas. Na parede oposta havia um enorme quadro-negro, sem nada escrito, e por baixo dessa mancha preta encontrava-se a mais substancial das cinco escrivaninhas, que formavam um aro no perímetro externo da sala. Ventiladores enormes pendiam do teto, e dois imensos tapetes persas, com desenhos elaborados contra um fundo verde-escuro, cobriam o chão no centro.

Não era a residência de nenhuma pessoa sã e também não era um escritório. Alucinação, comecei a pensar; mas, depois, olhei pela janela a minha frente e divisei duas vistas familiares: o topo da loja de departamentos McCreery's, com seu elegante telhado de mansarda e janelas em arco de ferro batido, e mais para a esquerda o topo similar do St. Denis Hotel. As duas instituições, como eu bem sabia, ocupavam esquinas opostas da 11th Street, no lado oeste da Broadway.

– Nesse caso, devo estar... do outro lado da rua – murmurei.

Foi nesse instante que os sons de fora começaram a chegar a meus ouvidos: o matraquear ritmado de cascos de cavalos, a estridência das rodas de metal dos bondes nos trilhos. E, de repente, um sino repicou. Voltei-me para a esquerda, tão depressa quanto minha condição permitia, e por outra janela em arco avistei a torre da Grace Church, na 10th Street. Parecia perto o bastante para tocá-la.

Em seguida, ouvi vozes, e recorri a todas as minhas forças para sentar-me no divã. Tinha perguntas na ponta da língua, mas fiquei em silêncio ao ver meia dúzia de carregadores, nenhum dos quais reconheci, empurrando para dentro da sala primeiro uma mesa de bilhar toda ornamentada, e depois um piano, em cima de plataformas com rodinhas. Enquanto os homens bufavam e gritavam uns com os outros, um deles notou que eu estava sentado ali.

– Ei! – Exclamou ele, sorrindo. – Olhem só para isso... o sr. Moore acordou! Como se sente, sr. Moore?

Os outros sorriram, levando a mão ao quepe e aparentemente não esperando uma resposta. Falar era mais difícil do que eu imaginara, e só consegui balbuciar:

– Onde estou? Quem são vocês?

– Tolos, é o que somos – respondeu o homem. – Tivemos de subir sobre o elevador com esta mesa de bilhar... o único jeito de chegar aqui. Coisa de doido, mas o doutor está pagando, e disse que isto precisava subir de qualquer maneira.

– Kreizler?

– O próprio.

Senti uma pequena pontada no estômago.

– Estou com fome – murmurei.

– Nem poderia ser de outra forma – disse uma voz feminina, provinda de algum recesso da enorme sala. – Duas noites e um dia sem comer provocam isso, John.

Sara saiu das sombras em um vestido azul-marinho simples, que não estorvava seus movimentos. Carregava uma bandeja, onde repousava uma tigela fumegante.

– Tome esta canja com pão. Vai lhe dar forças.

– Sara! – Balbuciei, com certa dificuldade, enquanto ela se sentava no divã e punha a bandeja em meu colo. – Onde estou?

Contudo, a atenção de Sara foi desviada, pois os carregadores, vendo-a se sentar ao meu lado, puseram-se a sussurrar entre si e depois riram, com ar de conspiradores. Ela falou baixinho, sem fitá-los:

– O sr. Jonas e seus homens, ignorando nosso trabalho, e sabendo que não sou uma criada, parecem pensar que minha posição aqui é de uma espécie de amante do grupo. – Ela começou a me servir a deliciosa canja. – O mais espantoso é que todos têm esposas...

Interrompi a feliz deglutição o suficiente para dizer:

– Mas, Sara... onde estamos?

– Em casa, John. Pelo menos, terá de passar por nossa casa durante todo o tempo que durar a investigação.

– Ao lado da Grace Church e em frente à McCreery's... é nossa casa?

– Nosso quartel-general.

Era evidente que ela adorava o termo, mas logo sua expressão se tornou preocupada:

– Por falar nisso, preciso voltar à Mulberry Street e apresentar meu relatório a Theodore. A linha telefônica já foi instalada, e ele está ansioso por notícias.

Ela se voltou para os fundos da sala, erguendo a voz:

– Cyrus! Pode vir até aqui para ajudar o sr. Moore?

Cyrus se adiantou. Tinha as mangas da camisa listrada azul e branca enroladas e um suspensório que se estendia sobre seu peito largo. Fitou-me com mais preocupação que compaixão, deixando claro que não queria assumir o encargo de me dar comida na boca.

– Sem problemas – murmurei, pegando a colher. – Já me sinto melhor, posso comer sozinho. Mas ainda não me contou, Sara...

– Cyrus sabe de tudo – ela interrompeu-me, indo pegar um casaco no cabide de carvalho ao lado da porta. – E estou atrasada. Tome a canja toda, John. Sr. Jonas! – e desaparecendo pela porta: – Vou precisar do elevador!

Ao constatar que eu podia mesmo comer sozinho, Cyrus relaxou bastante e puxou uma das cadeiras de encosto reto e aparência frágil, com o estofo verde e prata.

– Parece muito melhor, senhor.

– Estou vivo, e, o que é ainda mais extraordinário, continuo em Nova York. Tinha certeza de que acordaria na América do Sul, ou em um navio corsário. Diga-me, Cyrus... minha última recordação é de Stevie. Ele...

– Sim, senhor. Aqui entre nós, ele vinha tendo dificuldade para dormir desde que vira o corpo na ponte. Saiu para andar naquela noite quando o viu descendo pela Broadway. Disse que o senhor parecia... ter os pés meio trôpegos, e por isso resolveu segui-lo. Só para se certificar de que estava

bem. Quando o viu entrar no Paresis Hall, decidiu esperar do lado de fora. O que é compreensível. Mas, depois, um guarda apareceu e o acusou da atividade habitual daquele antro. Stevie negou, e disse ao guarda que o esperava. O guarda não acreditou, e Stevie entrou no Hall. Não pensou que o salvaria, tentava apenas escapar. Mas, no final das contas, aconteceu o inverso. O guarda não prendeu ninguém, como era esperado, mas garantiu que o senhor saísse de lá com a pele intacta.

– Ainda bem. E como cheguei... onde estamos agora, Cyrus?

– No número 808 da Broadway, sr. Moore. Último andar, que é o sexto. O doutor o alugou como base de operações para a investigação. Não tão perto da Mulberry Street a ponto de ser notado, mas uma carruagem pode levá-lo até lá em poucos minutos. Se o tráfego permitir, poderá ir de bonde.

– E de onde vieram todos esses... móveis?

– O doutor e a srta. Howard saíram à procura de móveis ontem, no Brooklyn. Em um fornecedor de móveis de escritório. Mas o doutor declarou que não poderia conviver com aquelas coisas por um único dia, muito menos por um período prolongado. Por isso, compraram apenas as escrivaninhas e depois foram a um leilão na 5th Avenue. Os móveis do marquês Luigi Carcano, da Itália, estavam sendo vendidos. Eles compraram várias peças.

– Dá para perceber – murmurei, enquanto dois carregadores reapareciam com um relógio grande, dois vasos chineses e cortinas verdes.

– Assim que tudo estiver arrumado, o doutor pensa em se mudar para cá.

– Isso seria o terremoto...

– Como, senhor?

– Um sonho que tive. Por que me trouxeram para cá?

– O doutor disse que não poderíamos perder tempo cuidando do senhor. Deu-lhe um pouco mais de cloral, a fim de que pudesse sair do sono induzido sem maiores problemas. Ele o queria pronto para o trabalho assim que acordasse.

Houve mais ruídos além da porta nesse momento, e ouvi Kreizler dizer:

– Ah, isso é ótimo!

Ele entrou na sala, seguido por Stevie Taggert e Lucius Isaacson.

– Moore! Por fim acordou, hein? – disse Kreizler, aproximando-se e pegando meu pulso. – Como se sente?

– Não tão mal quanto esperava.

Stevie havia se sentado no peitoril de uma janela e brincava com uma faca de tamanho considerável.

– Soube que tenho de lhe agradecer por isso, Stevie! – gritei.

Ele se limitou a sorrir e olhou pela janela, com os cabelos lhe caindo sobre o rosto.

– É uma dívida que não esquecerei – afirmei.

O garoto soltou uma risada nervosa; parecia nunca saber como reagir a um agradecimento.

– É um milagre que ele o tenha seguido, Moore – comentou Kreizler, levantando minhas pálpebras para examinar meus olhos. – Por tudo que aconteceu, você deveria estar morto.

– Obrigado, Kreizler. Neste caso, suponho que não deseja saber o que descobri.

– E o que poderia ser? – Indagou ele, sondando minha boca com algum instrumento. – Que ninguém viu o garoto Santorelli deixando o Paresis Hall? Que se pensava que ele continuava em seu quarto, no qual não há saída secundária?

A ideia de que eu sofrera tanto por nada era deprimente.

– Como sabe disso?

– Pensamos, a princípio, que era apenas um delírio incoerente – respondeu Lucius Isaacson, enquanto se encaminhava para uma das escrivaninhas e despejava em cima o conteúdo de um saco de papel. – Mas você continuou repetindo, por isso, Marcus e eu fomos conferir com Sally. Muito interessante... Marcus está investigando algumas possíveis explicações.

Cyrus atravessou a sala para entregar um envelope a Lucius.

– O comissário Roosevelt enviou isto por um mensageiro, sargento detetive.

Lucius abriu o envelope; leu a mensagem.

– Bom, agora é oficial – murmurou, indeciso. – Meu irmão e eu fomos "temporariamente desligados da Divisão de Detetives, por razões pessoais". Só espero que minha mãe não saiba disso.

– Excelente! – Exclamou Kreizler. – Vocês terão acesso aos recursos da Chefatura sem a obrigação de aparecer por lá regularmente... uma solução admirável. Talvez agora possa passar algum tempo ensinando ao nosso John alguns métodos de investigação um pouco mais sofisticados.

Laszlo soltou uma risada, e depois acrescentou, em voz mais baixa, enquanto verificava meu coração:

– Não tive a intenção de menosprezar seu esforço, Moore. Foi uma importante contribuição. Mas tente se lembrar de que este caso não é uma brincadeira, ainda mais para as muitas pessoas que vamos interrogar. Trabalhar em duplas, nessas ocasiões, será mais prudente.

– Está ensinando a missa ao padre.

Kreizler me apertou e apalpou mais um pouco, depois recuou.

– Como vai seu queixo? – Perguntou.

Eu ainda não pensara a respeito, mas senti o queixo um tanto sensível ao encostar a mão.

– Aquele nanico não é grande coisa sem a navalha.

– Ah, essa é ótima! – Riu Kreizler, dando um tapinha em minhas costas. – Agora, termine sua canja e trate de se vestir. Temos uma avaliação a fazer no Bellevue, e quero que os homens de Jonas terminem de arrumar tudo aqui. Teremos nossa primeira reunião às cinco horas.

– Avaliação? – Levantei-me, esperando desfalecer de novo, mas a canja me restaurara. Reparei que ainda usava um camisolão. – De quem?

– Harris Markowitz, da Forsyth Street, 75 – respondeu Lucius, caminhando (reluto em dizer bamboleando, embora fosse essa a impressão) em minha direção com alguns papéis datilografados na mão. – Dono de um armarinho.

Há dois dias, sua esposa entrou na 10ª Delegacia alegando que o marido envenenara os netos, Samuel e Sophie Rieter, de doze e dezesseis anos de idade, pondo o que ela chamou de um “pó” no leite.

– Veneno? – Murmurei. – Mas nosso homem não é um envenenador.

– Não, pelo que sabemos – interveio Kreizler. – Mas suas atividades podem ser mais variadas do que pensamos. Mas não acredito que o tal Markowitz esteja ligado ao nosso caso, assim como Henry Wolff também não estava.

– As crianças, no entanto, enquadram-se no padrão aparente das vítimas – disse Lucius, com o devido tato, mas incisivo. E acrescentou para mim: – As crianças Rieter eram imigrantes recentes; o pai e a mãe os enviaram da Boêmia para a casa dos pais da sra. Rieter, a fim de tentarem encontrar algum trabalho doméstico.

– Imigrantes, é verdade – admitiu Kreizler. – E se isso fosse há três anos, eu poderia ficar mais impressionado. Mas o gosto recente de nossa presa por prostitutos parece bastante significativo, assim como as atuais mutilações, para que nos concentremos apenas no aspecto da imigração. Contudo, mesmo que esse Markowitz não esteja envolvido em nossa investigação, há outros motivos para investigar todos esses casos Ao eliminar esses suspeitos, podemos adquirir uma visão mais nítida do que a pessoa que procuramos *não* é... uma imagem negativa, se preferir assim, para que possamos acabar com uma positiva.

Cyrus me trouxera roupas, e comecei a vesti-las.

– Mas, não despertaremos suspeitas fazendo tantas avaliações de assassinos de crianças?

– Precisamos confiar na falta de imaginação do Departamento de Polícia – respondeu Laszlo. – Não há nada de estranho em me ver realizar esse tipo de trabalho. Explicação para sua presença, Moore, será a notícia. E espero que nosso trabalho já tenha sido concluído quando alguém na Chefatura pensar em fazer uma ligação com a atual série de assassinatos. – Fez uma pausa, voltando-se para Lucius. – E agora, sargento detetive, pode relatar os detalhes

do caso para nosso aventureiro amigo.

– Markowitz foi bastante esperto – disse Lucius, quase como se admirasse o homem. – Ele usou uma grande quantidade de ópio, cujos vestígios residuais no corpo desaparecem horas depois da morte, como talvez saiba. Pôs o ópio nos dois copos de leite, que foram dados aos netos na hora de dormir. Quando eles entraram em um estado comatoso, Markowitz abriu a lamparina a gás no quarto. A polícia chegou na manhã seguinte; o lugar recendia a gás, e o detetive ao comando tirou a conclusão óbvia. Sua hipótese parecia confirmada, quando o legista... um homem bastante competente, neste caso... examinou o conteúdo dos estômagos e não encontrou nada fora do normal. Mas, como a esposa insistisse que houvera um envenenamento, tive uma ideia. Fui ao apartamento e encontrei as roupas de cama em que as crianças haviam dormido. Era provável que pelo menos uma das vítimas houvesse vomitado em algum momento da inconsciência ou nos estertores da morte. Se os lençóis e os cobertores ainda não houvessem sido lavados, era certo encontrar manchas. E foi o que aconteceu. Efetuamos os testes padrão de STA e reagentes e encontramos vestígios de ópio no vômito. Pressionado, Markowitz confessou.

– E ele não bebe? – perguntou Kreizler. – Não é viciado em drogas?

– Ao que tudo indica, não – respondeu Lucius, dando de ombros.

– Nem teria algum ganho material com a morte das crianças?

– Nenhum.

– Nesse caso, temos vários elementos de que precisamos: premeditação, sobriedade e ausência de motivo óbvio. Tudo caracterizaria nosso assassino. Mas, se descobrirmos que Markowitz não é mesmo nosso homem... e desconfio que não seja... então, nosso trabalho passará a ser determinar por que *não* é.

Laszlo pegou um pedaço de giz e começou a riscar o quadro-negro, como se assim pudesse extrair alguma informação dele.

– O que o faz diferente do assassino de Santorelli? Por que ele *não* mutilou

os corpos? Quando soubermos disso, poderemos aumentar o foco de nosso retrato imaginário. Depois, à medida que aumentarmos a lista de atributos de nosso assassino, mais e mais candidatos poderão ser eliminados à primeira vista. Por enquanto, porém, temos um campo amplo. – Ele pôs as luvas. – Stevie! Você vai nos levar. Quero que Cyrus supervisione a instalação do piano. Não deixe que o danifiquem, Cyrus. Sargento detetive, vai agora para o Instituto?

Lucius balançou a cabeça.

– Os corpos devem chegar por volta de meio-dia.

– Corpos? – Indaguei.

– Dos dois meninos assassinados no início do ano – explicou Laszlo, encaminhando-se para a porta. – Depressa, Moore, ou chegaremos atrasados.

CAPÍTULO 13

A predição de Kreizler se confirmou, e constatamos que Harris Markowitz não tinha a menor possibilidade de ser um suspeito em nosso caso. Além de ser baixo, atarracado e bem entrado na casa dos sessenta anos – e, assim, muito diferente do espécime físico descrito pelos Isaacsons no Delmonico's –, era um homem que perdera o juízo por completo, sem a menor sombra de dúvida. Matara os netos, alegara, para salvá-los do que considerava um mundo monstruosamente maligno, cujos aspectos salientes delineou em uma sucessão de explosões verbais confusas, quase incoerentes. Essa sistematização precária de pensamentos e convicções amedrontados e irracionais, além da ostensiva ausência de preocupação com o próprio destino demonstrada por Markowitz, costumava caracterizar os casos de demência precoce, como me disse Kreizler ao deixarmos o Bellevue. Embora Markowitz nada tivesse a ver com nosso caso, ainda assim a visita fora valiosa, como esperava Laszlo, pois nos ajudara a determinar aspectos da personalidade de nosso assassino por meio da comparação. Era óbvio que nosso homem não assassinava crianças por algum desejo irracional de contribuir para o bem-estar espiritual das vítimas. A mutilação furiosa dos corpos depois da morte deixava isso bem claro. Ele também não era indiferente ao que poderia lhe acontecer em decorrência de seus atos. Acima de tudo, porém, era evidente, pela exposição ostensiva de sua obra – uma exposição que, como explicara Laszlo, continha uma súplica implícita para sua captura –, que os crimes perturbavam alguma parte de sua mente. Em outras palavras, havia indicações nos corpos *não da insanidade do assassino, mas sim de sua sanidade.*

Perplexo, refleti sobre esse conceito durante toda a viagem de volta ao

número 808 da Broadway; mas, ao chegar, minha atenção se dispersou ao examinar pela primeira vez o lugar com a cabeça lúcida. Lugar que seria, como Sara dissera, nossa casa pelo futuro previsível. Era um prédio atraente, de tijolos amarelos, projetado por James Renwick, como Kreizler me informara, o mesmo arquiteto responsável pela construção gótica que era a Grace Church, ao lado, assim como pelo St. Denis Hotel, mais suave, do outro lado da rua. As janelas do sul de nosso quartel-general davam para o pátio da igreja, coberto pela sombra escura que a enorme torre afilada da Grace projetava. Prevalecia um clima sereno e provinciano naquele trecho da Broadway, apesar de nos encontrarmos bem no centro de uma das áreas comerciais mais movimentadas da cidade: além da McCreery's, havia lojas que vendiam de tudo, de artigos de armarinho a botas e fotografias, a poucos passos do número 808. O maior monumento a todo esse comércio era um enorme prédio de ferro fundido, do outro lado da 10th Street, em frente à igreja – a antiga loja de departamentos A.T. Stewart's, agora operada pela Hilton, Hughes and Company, e que mais tarde alcançaria sua maior fama como Wanamaker's.

O elevador do número 808 era grande, de grades, ainda novo, e nos levou sem muito barulho ao sexto andar. Descobrimos ali que se alcançara um grande progresso durante nossa ausência. As coisas se encontravam agora arrumadas de tal forma que até parecia possível conduzir atividades humanas naquele lugar – embora ainda fosse difícil determinar com precisão de que tipo. Às cinco horas em ponto, cada um se sentou a uma das cinco escrivaninhas, dispostas de modo que permitisse que todos se vissem e conversassem sem nenhuma dificuldade. Houve uma conversa inicial nervosa, mas agradável, enquanto nos acomodávamos e, depois, uma genuína camaradagem quando nos pusemos a relatar os acontecimentos do dia. Enquanto o sol despencava sobre o Hudson irradiando uma claridade dourada sobre os telhados ocidentais de Manhattan, infiltrando-se pelas janelas góticas da frente do prédio, compreendi que nos tornáramos, com uma

rapidez excepcional, uma unidade funcional.

Tínhamos inimigos, é verdade. Lucius Isaacson informou que, ao final de seu exame dos dois outros garotos assassinados, apareceram no Instituto dois homens alegando ser emissários do cemitério de onde os corpos haviam sido removidos, para exigir a devolução imediata. Lucius já recolhera todas as informações de que precisava àquela altura, decidindo não oferecer a menor resistência. No entanto, a descrição física dos dois homens, incluindo as equimoses no rosto deles, combinava com a dos rufiões que haviam expulsado a mim e a Sara do apartamento dos Santorelli. Por sorte, os dois ex-policiais não reconheceram Lucius como detetive (provavelmente, haviam sido dispensados antes que o rapaz ingressasse na Polícia); de qualquer forma, era evidente que, como não tínhamos a menor ideia de quem comandava aqueles homens, ou qual era seu objetivo, o Instituto não era mais um lugar seguro para conduzirmos nossas atividades.

Quanto ao exame de Lucius, os resultados eram os que já prevíamos: os dois corpos apresentavam as mesmas marcas de faca encontradas em Georgio Santorelli e nas crianças Zweig. Com essa confirmação, Marcus Isaacson pegou mais dois alfinetes com bandeirinhas vermelhas e os espetou no mapa grande de Manhattan, um na ponte do Brooklyn, outro na estação das barcas da ilha Ellis. Kreizler registrou as datas dessas mortes – 1º de janeiro e 2 de fevereiro – no lado direito do quadro-negro, junto com 3 de março, dia em que Georgio morrera. Em algum lugar daqueles meses e dias, como todos sabíamos, havia um dos muitos padrões que precisávamos determinar. (Esse padrão, em última análise, provaria ser muito mais complexo, como acreditara Kreizler desde o início, que a patente similaridade entre o número do mês e o número do dia.)

Marcus Isaacson relatou seus esforços, ainda não recompensados, para estabelecer um método pelo qual “Gloria” poderia ter saído de seu quarto no Paresis Hall sem ser vista. Sara informou-nos que ela e Roosevelt haviam elaborado um esquema pelo qual nosso grupo poderia visitar os locais de

quaisquer futuros homicídios que fossem obviamente de autoria do mesmo assassino antes de serem perturbados por outros detetives ou pelas mãos canhestras de legistas. O plano representava outro risco para Theodore, mas ele se achava, então, comprometido por completo com a investigação de Kreizler. Contei nosso encontro com Harris Markowitz. Depois de tudo isso, Kreizler indicou o quadro-negro e disse que ali criaríamos nosso homem imaginário: as pistas físicas e psicológicas seriam relacionadas, as referências cruzadas, revistas e combinadas, até que o trabalho fosse concluído. Assim, ele apresentou os fatos conhecidos e as teorias formuladas até aquele momento.

Quando acabou, parecia haver bem poucos espaços vazios naquele enorme espaço preto – e, pelo menos, alguns dos poucos, como advertiu Kreizler, não permaneceriam ali por muito tempo. O uso do giz, ressaltou ele, indicava a quantidade de erros que esperava que cometêssemos ao longo do caminho. Avançávamos por um território inexplorado, e não devíamos desanimar com retrocessos e dificuldades, ou com a quantidade de material que teríamos de absorver durante o processo. Ficamos todos um pouco confusos por essa declaração; depois, Kreizler mostrou quatro pilhas separadas, mas idênticas, de livros e papéis.

Havia artigos de Adolf Meyer, o amigo de Laszlo, e outros alienistas; obras de filósofos e evolucionistas, de Hume e Locke a Spencer e Schopenhauer; monografias de Forbes Winslow, o pai, cujas teorias haviam sido a inspiração original da teoria do contexto de Kreizler; e, por fim, em todo o esplendor de seus dois volumes enormes, *Principles of Psychology*, de nosso antigo professor, William James – esses e mais outros foram largados em nossas mesas, produzindo sonoros estrondos. Os Isaacsons, Sara e eu trocamos olhares preocupados, sentindo-nos e reagindo como estudantes acossados nos primeiros dias de aula – e, é óbvio, éramos justamente isso.

Kreizler explicou o propósito de nos submeter àquela provação. Daquele momento em diante, disse ele, devíamos envidar todos os esforços possíveis

para nos livrar de preconceitos sobre o comportamento humano. Não devíamos tentar ver o mundo por meio de nossos próprios olhos, nem julgá-lo por nossos próprios valores, mas sim com a mente de nosso assassino. A experiência dele, o contexto de sua vida, era tudo o que importava. Qualquer aspecto de seu comportamento que nos desconcertasse, do mais trivial ao mais horrendo, devia ser explicado por eventos de sua infância que poderiam levar àquelas eventualidades. Esse processo de causa e efeito – que aprenderíamos em breve que se chamava "determinismo psicológico" – talvez nem sempre nos parecesse lógico, mas seria coerente.

Kreizler realçou que nada de positivo resultaria de conceber aquela criatura como um monstro, porque era, com certeza um homem (ou uma mulher); e esse homem ou essa mulher fora outrora uma criança. Primeiro e acima de tudo, devíamos conhecer essa criança, conhecer seus pais, seus irmãos, todo o seu mundo. Era inútil discorrer sobre o mal, o barbarismo e a loucura; nenhum desses conceitos nos aproximaria do assassino. Contudo, se pudéssemos capturar a criança humana em nossa imaginação, poderíamos capturar o homem de fato.

– E se isso não for recompensa suficiente – arrematou Kreizler, fitando cada rosto aturdido –, sempre haverá a comida.

A comida, como descobrimos nos dias subsequentes, fora um dos principais motivos para que Laszlo escolhesse o número 808 da Broadway para nosso quartel-general, pois nos encontrávamos a uma curta distância a pé de alguns dos melhores restaurantes de Manhattan. A 9th Street e a University Place ofereciam a excepcional comida francesa dos tradicionais *banquettes* parisienses, no Café Lafayette e no pequeno restaurante do relativamente pequeno hotel dirigido por Louis Martin. Caso optássemos por iguarias alemãs, podíamos subir a Broadway até a Union Square e entrar naquela vasta meca dos *gourmands*, o Lüchow's, com seus painéis escuros. A 10th Street e a 2nd Avenue ofereciam lautas refeições húngaras, no Café Boulevard, enquanto não havia melhor comida italiana que a servida no

restaurante do Hotel Gonfarone, na esquina da 8th Street com a MacDougal. E, é claro, sempre havia o Del's, um pouco mais distante, mas que bem merecia a excursão. Todos esses centros de esplendor culinário se transformariam em nossas salas de reunião informais, durante incontáveis almoços e jantares. No entanto, haveria muitas ocasiões em que o trabalho macabro tornaria muito difícil a concentração na satisfação gustativa.

Isso ocorreu em particular durante os primeiros dias, quando foi ficando cada vez mais difícil escapar ao conhecimento de que, embora estivéssemos abrindo um caminho novo e precisássemos de tempo para estudar e compreender todos os elementos psicológicos, além de criminológicos, que formariam a base indispensável de uma conclusão bem-sucedida, estávamos também trabalhando contra o relógio. Lá fora, nas ruas abaixo de nossas janelas em arco, havia dezenas de garotos como Georgio Santorelli, empenhados no comércio da carne, sempre perigoso, sem saber que um novo e violento perigo se encontrava à solta para ameaçá-los. Era uma estranha sensação acompanhar Kreizler a uma avaliação, permanecer no número 808 da Broadway a estudar anotações, ou ficar acordado madrugada afora lendo na casa de minha avó, tentando forçar a mente a absorver informações a uma velocidade a que estava (para dizer o mínimo) desacostumada, e durante todo o tempo ouvindo uma voz sussurrar no fundo de minha cabeça: "Depressa, ou uma criança morrerá!". Os dias iniciais quase me levaram à loucura – estudando e reestudando as condições dos vários corpos, assim como os locais em que haviam sido encontrados, tentando descobrir padrões, ao mesmo tempo que enfrentava textos como este, de Herbert Spencer:

> Pode a oscilação de uma molécula ser representada na consciência lado a lado com um choque nervoso, e as duas coisas reconhecidas como tal? Nenhum esforço nos permite assimilá-las. O fato de que uma unidade de sentimento nada tem em comum com uma unidade de movimento torna-se, mais que nunca, manifesto quando pomos as duas em justaposição.

– Dê-me sua pistola, Sara! –, lembro-me de haver gritado ao ler esse trecho. “Vou me dar um tiro na cabeça!

Por que eu deveria compreender essas coisas, especulei durante a primeira semana, se desejava saber simplesmente onde estava nosso assassino – simplesmente *onde?* Com o passar do tempo, porém, passei a perceber o propósito desses esforços. Peguemos, por exemplo, aquela citação específica de Spencer – acabei concluindo que haviam fracassado as tentativas de pessoas como Spencer de interpretar as atividades da mente como os efeitos complexos de movimentos materiais dentro do organismo humano. Esse fracasso reforçara a tendência de alienistas mais jovens, como Kreizler e Adolf Meyer, a encarar as origens da consciência primariamente em termos de experiência formativa da infância, e apenas secundariamente em termos de pura função física. Coisa que tinha uma verdadeira relevância na compreensão de que o caminho de nosso assassino do nascimento à selvageria não era o resultado casual de processos físicos, que seríamos impotentes para determinar, mas sim o produto de eventos concebíveis.

Entretanto, nossos estudos não visavam desmascarar ou depreciar. A tentativa de Spencer de explicar as origens e a evolução da atividade mental podia ter errado o alvo, mas não havia como contestar sua convicção de que aquilo que a maioria dos homens considera como suas ações racionais era, na verdade, uma série de reações idiossincráticas (mais uma vez, consolidadas durante experiências decisivas na infância), que se tornaram fortes o bastante, pelo uso reiterado, para prevalecer sobre os impulsos e as respostas objetivas – em outras palavras, que venceram a batalha mental pela sobrevivência. Era evidente que a pessoa que procurávamos desenvolvera um conjunto extremamente violento desses instintos; cabia-nos teorizar que terríveis experiências haviam confirmado esses métodos, em sua mente, como a reação mais confiável aos desafios da vida.

É verdade, logo se tornou patente que precisávamos conhecer tudo isso e mais ainda, muito mais, se quiséssemos ter alguma esperança de conferir

carne e osso a nosso homem imaginário. E à medida que fomos absorvendo essa verdade, passamos todos a estudar e a ler com mais determinação e rapidez, trocando pensamentos e ideias a todas as horas do dia e da noite. Sara e eu volta e meia discutíamos a filosofia mais estonteante por linhas telefônicas crepitando com estática, às duas horas da madrugada – para desespero de minha avó –, tateando no início e logo exibindo maior competência na aquisição dos conhecimentos mais profundos. O fato extraordinário de que estávamos obtendo conhecimento extremamente depressa (a maior parte foi mastigada e engolida, mesmo que não digerida por completo, nos primeiros dez dias) era obscurecido pela tarefa prática imediata e a atenção que tínhamos de dispensar às pistas físicas e às teorias metódicas que Marcus e Lucius Isaacson descobriam e formulavam. Não que houvesse muitas, no começo, uma vez que não contávamos com pleno acesso aos locais dos crimes. (É o caso, por exemplo, da torre da ponte de Williamsburg: quando Marcus examinou o local, não havia a menor esperança de conseguir impressões digitais relevantes – era uma obra ao ar livre, com a interferência diária do tempo e dos operários.) O conhecimento de que precisávamos de mais do que dispúnhamos para construir um quadro detalhado do método do assassino só aumentava o clima de expectativa mórbida em nosso quartel-general. Embora absortos no trabalho, todos sabíamos que esperávamos que alguma coisa acontecesse.

E quando março virou abril, aconteceu. À 1h45 da madrugada de um sábado, eu cochilava em meu quarto, na casa de minha avó, com meu exemplar do segundo volume dos *Principles* do professor James pousado em meu rosto, de uma forma um tanto desconfortável. Iniciara naquela tarde um bravo esforço para absorver os pensamentos de James sobre “verdades necessárias e os efeitos da experiência”, no número 808 da Broadway, mas fora distraído pela entrada de Stevie Taggert, que recortara de uma edição vespertina do *Herald* uma lista dos páreos do dia seguinte no novo hipódromo de Aqueduct, em Long Island, e queria alguns conselhos meus

sobre *handicap*. Nos últimos dias, eu andava usando Stevie como mensageiro até meu agente de apostas (sem que Kreizler soubesse, é claro), e o garoto tomara gosto pelo esporte dos reis. Eu o encorajara a não apostar seu dinheiro, pelo menos até que soubesse realmente o que estava fazendo; mas, com seus antecedentes, isso não demoraria muito.

Quando o telefone tocou naquela noite, eu me encontrava no meio de um sono profundo provocado por horas de leitura pesada. Ergui-me no mesmo instante ao som da campainha, lançando o volume de James contra a parede oposta. O telefone tornou a tocar, ruidoso, enquanto eu vestia o robe, e mais uma vez, antes que atravessasse o corredor, meio trôpego, para atender.

– Página em branco – murmurei, ainda sonolento, presumindo que era Sara do outro lado da linha.

E era mesmo.

– Como? – Ela disse.

– O que conversamos esta tarde – expliquei, esfregando os olhos. – A mente é uma página em branco no nascimento ou possuímos um conhecimento inato de determinadas coisas? Aposto todo o meu dinheiro na página em branco.

– John, cale-se por um momento. – A ansiedade na voz de Sara era intensa. – Aconteceu.

Isso me deixou alerta no mesmo instante.

– Onde?

– Castle Garden. No Battery. Os Isaacsons estão aprontando suas câmeras e outros equipamentos. Precisam chegar antes de nós para dispensar o guarda, que foi o primeiro a chegar ao local. Theodore foi para lá a fim de arrumar tudo. Já telefonei para o dr. Kreizler.

– Certo.

– John...

– O que é?

– Eu nunca... sou a única que nunca... será horrível demais?

O que eu podia dizer? Só podíamos considerar os aspectos práticos.

– Vai precisar de sais de amônia. Mas tente não se preocupar demais. Estaremos todos lá. Passe por aqui com um fiacre e seguiremos juntos.

Ouvi-a respirar fundo.

– Está bem, John.


PARTE II
ASSOCIAÇÃO

O mesmo objeto externo pode sugerir qualquer uma de muitas realidades que antes lhe eram associadas – pois nas vicissitudes de nossa experiência externa somos constantemente propensos a encontrar a mesma coisa no meio de companheiros diferentes.

William James, *The Principles of Psychology*

O que eu julgava certo parecia ruim para outros;
o que me parecia errado
outros aprovavam.
Deparei-me com hostilidade onde quer que me encontrasse,
deparei-me com desfavor aonde quer que fosse;
se ansiava por felicidade, apenas aticei meu sofrimento;
e assim, tinha de ser chamado "Triste";
Tristeza é tudo o que possuo.

Wagner, *A Valquíria*

CAPÍTULO 14

Quando Sara e eu chegamos à Washington Square, em um fiacre, ela já se livrara de muitos de seus medos, substituindo-os por uma determinação inabalável. Aparentemente alheia às várias perguntas triviais que lhe fiz enquanto seguíamos pelo calçamento de blocos de granito da Broadway, ela manteve o olhar fixo para frente, impassível, olhando para... o quê? Sara não diria, e era impossível presumir com alguma certeza. Minha suspeita, no entanto, era de que ela se preocupava com aquele grande objetivo que orientava sua vida: provar que uma mulher podia ser uma agente policial capaz e eficiente. Cenas como aquela para a qual nos encaminhávamos, em plena madrugada, tornar-se-iam uma parte regular dos deveres profissionais de Sara se suas esperanças de carreira fossem um dia consumadas, e ela sabia disso muito bem. A submissão ao tipo de melindre que se esperava de seu sexo seria, assim, duplamente inadmissível e indesculpável, porque geraria implicações muito além de sua capacidade pessoal de suportar uma carnificina brutal. Era por isso que ela contemplava a traseira do cavalo e não disse uma única palavra, recorrendo a toda a energia mental que possuía para garantir que, quando chegasse o momento, haveria de se comportar como qualquer detetive calejado.

Tudo isso contrastava com minhas tentativas de atenuar as apreensões que sentia por meio de uma conversa ociosa. Ao alcançarmos a Prince Street, eu já me cansara de minha própria voz nervosa; e na altura da Broome, já estava pronto para renunciar a toda e qualquer tentativa de comunicação, preferindo observar as prostitutas e seus acompanhantes que saíam das boates. Em uma esquina, um marujo norueguês, tão embriagado que um rio de saliva escorria pela frente de seu uniforme, era amparado por duas dançarinas, enquanto uma

terceira, na maior desfaçatez, sem a mínima pressa, revistava os bolsos dele. Não era uma cena incomum; naquela noite, porém, semeou um pensamento em minha cabeça:

– Sara –, murmurei ao cruzarmos a Canal Street, na direção do prédio da prefeitura. – Já esteve no Shang Draper's?

– Não – ela respondeu, e sua respiração se condensava no ar frio.

Abril, como sempre acontecia em Nova York, não trouxera muito alívio do frio intenso de março. Não era grande coisa como abertura de conversa, mas procurei tirar o máximo proveito.

– Acontece que a prostituta média que trabalha em um bordel conhece mais meios de arrancar dinheiro de um otário do que eu seria capaz de relacionar... e as crianças que trabalham em um lugar como o Draper's, ou Paresis Hall, diga-se de passagem, são tão espertas quanto qualquer adulto. E se o nosso homem for um desses otários? Não podemos supor que ele tenha sido passado para trás em demasia, e que agora queira acertar as contas? Essa sempre foi uma das teorias nos crimes do Estripador.

Sara ajeitou a manta que cobria nossas pernas, e respondeu, ainda não exatamente o que eu chamaria de interessada.

– Suponho que é possível, John. O que o levou a pensar nisso agora?

Voltei-me para fitá-la.

– Os três anos transcorridos entre as crianças Zweig e nosso primeiro assassinato em janeiro. E se estiver errada a nossa teoria de que houve outros corpos que foram bem escondidos? E se ele não cometeu nenhum outro crime em Nova York... porque não estava aqui?

– Não estava aqui? – O tom de Sara ficou mais animado. – Porque fez uma viagem? Deixou a cidade?

– E se ele precisasse partir? Um marujo, por exemplo. Metade dos otários em lugares como o Draper's ou Paresis Hall é constituída por marujos. Se ele fosse um freguês regular, não despertaria suspeitas... poderia até conhecer os garotos.

Sara pensou a respeito por um momento; balançou a cabeça:

– Não é ruim, John. Sem dúvida, permitiria que ele entrasse e saísse sem ser notado. Vamos verificar o que os outros pensam disso quando... – sua voz se tornou um pouco estridente, ela voltou a olhar para a rua, nervosa. – Quando chegarmos lá.

E outra vez o silêncio prevaleceu dentro do fiacre.

Castle Garden fica no coração do Battery Park, e para chegar lá tínhamos de seguir até o início da Broadway e além. O que significava uma viagem rápida por meio do pasticho de estilos arquitetônicos que formavam os distritos editorial e financeiro de Manhattan naquele tempo. Ao primeiro olhar, era sempre um pouco estranho contemplar estruturas como o prédio do *World* e o edifício de doze andares do National Shoe and Leather Bank assomando (ou, pelo menos, na ocasião, antes das torres da Woolworth e Singer, *pareciam* assomar) sobre monumentos menores e totalmente ornamentados como o antigo escritório do Correio e a sede da Equitable Life Assurance Society. Quanto mais se ficava exposto à vizinhança, no entanto, mais se percebia uma qualidade comum a todos aqueles prédios; uma qualidade que prevalecia sobre as variações estilísticas: a riqueza. Eu passara boa parte de minha infância naquela parte de Manhattan (meu pai dirigia uma casa de investimentos de razoáveis proporções), e desde cedo me impressionara com a fantástica atividade que envolvia aquisição e guarda de dinheiro. Essa atividade podia ser alternadamente sedutora e repulsiva; mas, em 1896, era indiscutivelmente a mais forte razão de ser de Nova York.

Senti essa corrente de enorme poder outra vez naquela noite, embora o distrito se encontrasse às escuras e adormecido às duas e meia da madrugada; e ao passarmos pelo cemitério da Trinity Church – onde estava sepultado o pai do sistema econômico norte-americano, Alexander Hamilton –, descobri-me a sorrir, divertido, pensando que ele era ousado, isso não se podia negar. Quem quer que fosse nossa presa, e qualquer que fosse o turbilhão pessoal que o impulsionava, ele não mais confinava suas atividades às partes menos

respeitáveis da cidade. Aventurara-se naquela reserva da elite rica e se atrevera a deixar um corpo no Battery Park, à vista dos escritórios de muitos dos mais influentes anciãos financeiros da cidade. Isso mesmo: se nosso homem era de fato mentalmente são, como acreditava Kreizler com tanto vigor, aquele último ato era não apenas bárbaro, mas também audacioso, daquela maneira peculiar que sempre causava uma mistura de horror e relutante reconhecimento nos nativos desta cidade.

Nosso fiacre nos deixou no Bowling Green, e atravessamos a rua para entrar no Battery Park. A caleche de Kreizler se encontrava parada no meio-fio, com Stevie Taggert a bordo, encolhido sob uma enorme manta.

– Stevie – chamei –, está de olho no pessoal da delegacia?

Ele acenou com a cabeça e estremeceu.

– E para ficar longe daquilo – murmurou ele, balançando a cabeça na direção do interior do parque. – É uma coisa horrível, sr. Moore.

Dentro do parque, umas poucas lâmpadas de arco voltaico nos orientaram por um caminho reto que levava aos prodigiosos muros de pedra de Castle Garden. A estrutura era um antigo forte, chamado Castle Clinton, construído para proteger Nova York durante a Guerra de 1812, sendo depois entregue à prefeitura e convertida em um pavilhão coberto, que funcionara por anos como teatro lírico. Em 1855 passara por outra transformação, virando a estação de imigrantes de Nova York; e antes de a ilha Ellis usurpar essa função, em 1892, nada menos que sete milhões de almas transplantadas haviam passado pelo velho forte de pedra no Battery Park. Recentemente, as autoridades municipais haviam procurado uma nova utilização para o lugar, e decidiram alojar ali o New York Aquarium. A nova reforma estava sendo efetuada, e as placas que indicavam a obra receberam a Sara e a mim antes mesmo que pudéssemos divisar os muros do forte contra o céu noturno.

Foi ali que encontramos Marcus Isaacson e Cyrus Montrose, parados ao lado de um homem que usava um capote comprido e apertava nas mãos um chapéu de aba larga. Havia um distintivo pregado no capote do homem, mas,

no momento, ele podia parecer tudo, menos uma autoridade. Estava sentado em uma pilha de tábuas cortadas, com o rosto pálido sobre um balde e respirava com dificuldade. Marcus tentava interrogá-lo, mas era evidente que o sujeito se encontrava em algum tipo de choque. Cyrus e Marcus acenaram com a cabeça quando nos aproximamos.

– O vigia? – Indaguei.

– Isso mesmo – respondeu Marcus com voz firme, sob um controle tenso. – Ele descobriu o corpo por volta de uma hora da madrugada, no telhado. Ao que parece, faz a ronda de hora em hora.

Marcus se inclinou para o homem:

– Sr. Miller? Vou subir de novo. Não tenha pressa. Só volte quando estiver em condições. Mas não deve se retirar de jeito nenhum, combinado?

O homem o fitou com seu rosto escuro dominado pelo horror e balançou a cabeça, apático. Logo tornou a se inclinar para o balde, mas não vomitou.

Marcus se voltou para Cyrus:

– Pode cuidar para que ele permaneça aqui, Cyrus? Precisamos de muito mais respostas do que já obtivemos.

– Não se preocupe, sargento detetive – respondeu Cyrus.

Marcus, Sara e eu passamos pelos enormes portões pretos de Castle Garden.

– O homem ficou abalado – comentou Marcus, sacudindo a cabeça na direção do vigia. – Só consegui lhe arrancar uma declaração de que à meia-noite e quinze o corpo não estava no local, e que estas portas se encontravam trancadas. A situação é muito parecida com a do Paresis Hall, John. Não havia como entrar ou sair, mas, mesmo assim, alguém conseguiu.

A reforma do interior de Castle Garden ainda não terminara. No chão, entre ripas, gesso e tinta, havia uma série de enormes tanques de vidro, alguns sendo montados, outros já prontos, mas sem água, e alguns já alojando os ocupantes designados: várias espécies de peixes exóticos, cujos olhos arregalados e movimentos abruptos pareciam bastante apropriados, tendo em vista o que ocorrera ali naquela noite. Brilhos prateados e de cores diversas

refletiam a luz de umas poucas lâmpadas acesas, aumentando a estranha sensação de que os peixes constituíam uma audiência apavorada, à procura de uma saída daquele antro de morte, ansiosos por retornar às regiões profundas e escuras onde os homens e seus costumes brutais eram desconhecidos.

Subimos por uma escada em um dos muros do forte e alcançamos o telhado construído para cobrir o pátio central, antes aberto. Uma torre decagonal, com duas janelas em cada lado, destacava-se no centro do telhado, oferecendo uma vista ampla do porto de Nova York e da estátua ainda nova de Bartholdi, a Dama da Liberdade, na ilha de Bedloe.

Perto da beira do telhado, no ponto mais próximo da água, avistamos Roosevelt, Kreizler e Lucius Isaacson. Ao lado deles havia uma enorme câmera quadrada, montada sobre um tripé de madeira, e na frente, sob a luz de outra lâmpada, a causa de nossa presença ali. O sangue era visível até mesmo a distância.

A atenção de Lucius se concentrava no corpo, mas Kreizler e Roosevelt estavam virados para o outro lado, absortos em uma conversa acalorada. Ao nos ver sair da escada, Kreizler se adiantou, e Roosevelt o acompanhou, sacudindo a cabeça. Marcus encaminhou-se para a câmera, enquanto Laszlo se dirigia a Sara e a mim:

– Com base no estado do corpo, parece não haver a menor dúvida. É um trabalho do nosso homem.

– Um guarda da ronda da 27ª Delegacia foi o primeiro a chegar ao local – acrescentou Theodore. – Ele diz que se lembra de ter visto o garoto várias vezes no Golden Rule, mas não recorda o nome dele.

(O Golden Rule Pleasure Club era um bordel na 4th Street West, especializado em garotos prostitutos.)

Kreizler pôs as mãos nos ombros de Sara:

– Não é uma cena das mais agradáveis, Sara.

Ela balançou a cabeça.

– Nem eu esperava que fosse.

Laszlo estudava as reações dela atentamente.

– Gostaria que ajudasse o sargento detetive na autópsia; ele está a par de seu treinamento como enfermeira. Não vai demorar muito para a chegada dos investigadores da delegacia, e temos muito o que fazer antes disso.

Sara tornou a balançar a cabeça, respirou fundo uma vez e se afastou na direção de Lucius e do corpo. Kreizler passou a me falar, mas pedi que esperasse um momento e segui alguns passos atrás de Sara, a caminho do hemisfério brilhante de luz elétrica no canto do telhado.

O corpo era de um garoto de pele azeitonada, com delicadas feições semitas e uma massa de cabelos pretos no lado direito da cabeça. Uma parte grande de seu couro cabeludo fora arrancada, no lado esquerdo, revelando a superfície lisa do crânio. Afora isso, as mutilações pareciam idênticas às que haviam desfigurado Georgio Santorelli (apenas os ferimentos nas nádegas não se haviam repetido): faltavam os olhos, os órgãos genitais haviam sido cortados e enfiados na boca, o tronco era cruzado por lacerações profundas, os pulsos estavam amarrados, a mão direita fora cortada e aparentemente removida do local. Como dissera Kreizler, parecia não haver a menor dúvida sobre quem era o responsável. Era tão característico quanto uma assinatura. Aquela mesma terrível compaixão que eu experimentara na âncora da ponte de Williamsburg – instigada não apenas pela idade da vítima, mas também pela maneira cruel como o corpo fora amarrado e jogado no chão – ressurgiu para me deixar sem fôlego e sacudir todos os ossos de meu corpo.

Observei Sara se aproximar, pronto para ajudar se ela vacilasse, mas não querendo que percebesse minha atitude. Seus olhos se arregalaram ao se fixarem no corpo, e ela sacudiu a cabeça várias vezes. Cruzou as mãos, apertou-as com força, respirou fundo e se postou ao lado de Lucius

– Sargento detetive? O dr. Kreizler diz que devo ajudá-lo.

Lucius levantou os olhos, impressionado com o controle de Sara, e enxugou o suor da testa com um lenço.

– Obrigado, srta. Howard. Começaremos pela lesão no couro cabeludo...

Voltei para Kreizler e Roosevelt.

– Essa garota tem muita coragem – murmurei, balançando a cabeça.

Entretanto, nenhum dos dois reagiu ao comentário.

Kreizler bateu com um jornal em meu peito e falou, em tom amargurado:

– Seu amigo Steffens escreveu um artigo e tanto para a edição matutina do *Post*, John. Como alguém pode ser tão estúpido?

– Não há desculpa – interveio Roosevelt, sombrio. – Só posso pensar que Steffens considerou que não havia problema, desde que não mencionasse seu envolvimento no caso, doutor. Mas vou chamá-lo ao meu gabinete pela manhã, e serei bastante claro!

Em destaque, na primeira página do *Post*, havia a notícia de que "altas autoridades da Polícia" acreditavam agora que os assassinatos das crianças Zweig e de Santorelli haviam sido cometidos pelo mesmo homem. O artigo não ressaltava a natureza aparentemente insólita do assassino; em vez disso, destacava que a ligação com os Zweig demonstrava que o "demônio hediondo" não era atraído exclusivamente por crianças prostituídas. Era agora evidente, dizia Steffens, em seu melhor estilo de agitar as massas, que "nenhuma criança está segura". Havia ainda outros detalhes sensacionalistas: Santorelli fora "assaltado" antes de sua morte (na verdade, Kreizler não encontrara nenhum indício de violação sexual), e em alguns pontos da cidade os assassinatos já eram considerados como obra de alguma criatura sobrenatural... embora "o infame Ellison e sua tropa" fossem "suspeitos muito mais promissores".

Dobrei o jornal e bati com ele na perna.

– Isto é horrível.

– Horrível, mas está feito – disse Kreizler, controlando sua raiva. – E precisamos tentar desfazer. Moore, há alguma possibilidade de você persuadir seus editores a publicarem uma matéria no *Times* condenando toda essa especulação?

– É possível. Mas revelaria meu envolvimento na investigação. E

provavelmente mandariam alguém escavar mais fundo depois de saberem disso... a ligação com os Zweig vai deixar muitas pessoas bem mais interessadas no caso.

– Tem razão – concordou Theodore. – Se tentarmos anular isso, desconfio que agravaremos a situação. Devemos apenas pedir a Steffens para manter a discrição e torcer para que o artigo seja ignorado.

– Como é possível? – Explodiu Laszlo. – Mesmo que todas as outras pessoas nesta cidade deixem de prestar atenção, haverá alguém que vai ler com o maior interesse... e temo sua reação!

– E acha que não pensei nisso, doutor? – indagou Theodore – Eu sabia que a imprensa acabaria por interferir, e foi por esse motivo que o exortei a apressar seus esforços. Não se podia esperar que se passassem semanas sem que *alguém* mencionasse o assunto!

Theodore pôs as mãos nos quadris e Kreizler desviou os olhos, incapaz de dizer alguma coisa. Depois de certo tempo, Laszlo voltou a falar, já mais calmo:

– Está certo, comissário. Em vez de discutir, devemos aproveitar a oportunidade que temos agora. Mas, pelo amor de Deus, Roosevelt... se tem de partilhar as atividades oficiais com Riis e Steffens, faça disso uma exceção!

– Não precisa se preocupar com esse problema, doutor – disse Roosevelt em tom apaziguador. – Não é a primeira vez que Steffens me incomoda com suas especulações, mas será a última.

Kreizler sacudiu a cabeça, contrariado, mais uma vez, e deu de ombros.

– Muito bem, vamos ao trabalho.

Fomos nos juntar aos Isaacsons e Sara. Marcus estava tirando fotografias detalhadas do corpo, enquanto Lucius prosseguia na autópsia, enunciando as lesões em um fluxo de jargão médico e anatômico, com voz firme e determinada. Era incrível como os dois demonstravam tão pouco os maneirismos de comportamento que eram, em geral, causa de riso ou

consternação para os observadores: movimentavam-se no telhado em um acesso de inspiração cerebral, registrando detalhes que pareciam insignificantes, como cães treinados, assumindo o comando de tudo, como se fossem eles, e não Roosevelt ou Kreizler, que orientavam a investigação. Enquanto continuavam em seus esforços, todos nós, incluindo Theodore, tratamos de ajudar, por todos os meios possíveis, escrevendo anotações, segurando equipamentos e luzes, cuidando para que não houvesse nenhuma necessidade de os dois romperem sua concentração por um momento sequer.

Assim que terminou de fotografar o corpo, Marcus deixou Lucius e Sara concluindo seu trabalho macabro e começou a espalhar seus pós pelo telhado à procura de impressões digitais, usando os pequenos frascos que nos mostrara no Delmonico's. Roosevelt, Kreizler e eu procuramos superfícies bastante lisas e firmes que pudessem guardar as impressões: maçanetas de portas, janelas, até mesmo uma chaminé de cerâmica que parecia nova, ao lado da torre decagonal e a poucos passos do corpo. A chaminé era o lugar mais promissor, explicou Marcus, porque o vigia, em um acesso de indolência, deixara o fogo lá embaixo apagar, horas antes. Em uma área mais limpa da cerâmica vitrificada, no ponto em que um homem da altura suposta do assassino teria se apoiado, Marcus aproximou o rosto e se mostrou bastante agitado. Pediu a Theodore e a mim que segurássemos uma pequena lona, a fim de bloquear o vento que soprava da enseada. Depois, espalhou o pó de carvão sobre a chaminé com um delicado pincel de pelo de camelo e obteve – só se pode dizer em um golpe de mágica – um conjunto de impressões que pareciam borrões. A posição era coerente com a hipótese de o assassino se apoiar ali.

Marcus tirou do bolso do casaco a fotografia do polegar manchado de sangue de Sofia Zweig e levantou-a contra a chaminé. Laszlo se adiantou, observando todo o processo com a maior atenção. Os olhos escuros de Marcus se arregalaram ao estudar as impressões, e faiscavam quando ele se voltou para Laszlo e anunciou, controlando a voz:

– Parece que combinam.

Então, ele e Kreizler foram buscar a câmera grande, enquanto Theodore e eu continuávamos segurando a lona. Marcus tirou várias fotografias, e o clarão do *flash* iluminou toda a área do telhado; mas logo se dissipou na escuridão da enseada. Em seguida, Marcus pediu-nos que examinássemos a beira do telhado, sendo específico no que devíamos procurar:

– Qualquer sinal de alteração ou atividade... até mesmo as menores lascas, rachaduras ou buracos na alvenaria.

Um prédio de frente para a enseada de Nova York não poderia deixar de ter uma porção de lascas, rachaduras e buracos, mas nos empenhamos na tarefa, obedientes, Roosevelt, Kreizler e eu, cada um anunciando de vez em quando haver localizado algo que parecia acorde com nossas vagas instruções. Marcus, cuja atenção se concentrava em uma grade sobre a frente do telhado, corria para inspecionar cada uma dessas descobertas. A maioria era falsa; mas, no fundo do telhado, na parte mais escura e mais oculta da estrutura, Roosevelt encontrou algumas marcas que Marcus julgou possuírem enorme potencial.

Seu pedido seguinte foi um tanto esquisito. Ele pegou uma corda comprida, amarrou uma extremidade em torno de sua cintura e prendeu a outra na grade da frente. Pediu a Roosevelt e a mim que fôssemos baixando a corda, devagar, enquanto ele descia pelo muro dos fundos do forte. Perguntamos qual era o propósito, e Marcus se limitou a dizer que trabalhava em uma teoria sobre o método do assassino para alcançar lugares aparentemente inacessíveis. Tão grande era a fixação do sargento detetive em nosso trabalho, assim como nosso desejo de não o distrair, que não pedimos mais explicações.

Enquanto o baixávamos, Marcus emitia grunhidos ocasionais, indicando uma descoberta ou satisfação. Pediu-nos que o baixássemos ainda mais. Roosevelt e eu resfolegávamos no esforço de segurar a corda. No meio de tudo isso, aproveitei para relatar a Kreizler (que preferira não nos ajudar, por

causa de seu braço atrofiado) os pensamentos sobre ocupação e hábitos de nosso assassino que me haviam ocorrido no caminho. Ele ficou pensativo, embora confuso.

– Talvez haja alguma procedência nessa sua ideia de que ele pode ser um freguês regular nas casas em que os meninos trabalham, Moore. Mas, quanto a ser uma pessoa em trânsito...

Laszlo começou a se afastar para observar o trabalho de Lucius Isaacson, acrescentando:

– Lembre-se do que ele fez: largou seis corpos, ao que sabemos, em lugares cada vez mais públicos.

– O que sugere um homem que conhece bem a cidade – comentou Theodore, soltando um grunhido, enquanto baixávamos a corda mais um pouco.

– E como conhece! – Interveio Lucius, ao ouvir nossos comentários. – Não há nenhuma indicação de precipitação nestas lesões. Os cortes não são irregulares. Ou seja, é provável que ele não estivesse com pressa. Meu palpite seria que, neste caso, assim como em todos os outros, ele sabia exatamente de quanto tempo dispunha para o trabalho. É provável que escolha os locais de acordo com isso; o que combinaria com nossa suposição anterior de que ele é um competente planejador. E o trabalho com os olhos, mais uma vez, revela a mão firme e cuidadosa... assim como um bom conhecimento de anatomia

Kreizler refletiu a respeito por um momento.

– Quantos homens seriam capazes disso, sargento detetive?

Lucius deu de ombros.

– Temos várias opções, a meu ver. Um médico, é claro, ou pelo menos alguém com um treinamento médico mais que superficial. Talvez um hábil açougueiro, ou um caçador experiente. Alguém acostumado a aproveitar ao máximo uma carcaça, que saberia como remover não apenas as partes principais da carne, mas também as fontes secundárias de alimentação... olhos, tripas, pés e todo o resto.

– Mas, se ele é tão cuidadoso, por que comete essas atrocidades em lugares públicos? – Indagou Theodore. – Por que não procura um lugar mais escondido?

– A exposição – respondeu Kreizler, voltando para junto de nós. – Pensar que se encontra em um local de acesso público parece significar muito para ele.

– O desejo de ser pego? – Murmurei.

Kreizler balançou a cabeça.

– É o que parece. Em duelo com o desejo de escapar. – Voltou-se para a enseada. – E há outro aspecto que esses lugares têm em comum.

Foi nesse instante que ouvimos um grito alto de Marcus pedindo-nos para levantá-lo. Com a contribuição maior de Theodore, demos vários puxões na corda, e em pouco tempo levamos Marcus de volta ao telhado. Às perguntas de Kreizler sobre o que encontrara, Marcus respondeu que não desejava especular até contar com uma relativa certeza sobre sua teoria, e depois se afastou para escrever algumas anotações, enquanto Lucius gritava:

– Dr. Kreizler, eu gostaria que desse uma olhada nisto!

Kreizler encaminhou-se apressado para o corpo, mas Theodore e eu o seguimos com mais apreensão, pois havia um limite para o que olhos destreinados poderiam absorver. Até mesmo Sara, que começara com tanta bravura, agora desviava os olhos sempre que podia. A prolongada exposição dava a impressão de que cobrava um pesado tributo emocional.

– Quando examinou Georgio Santorelli, doutor – disse Lucius, enquanto removia o pequeno pedaço de corda que prendia os pulsos do garoto morto –, lembra-se de haver encontrado uma abrasão ou laceração nesta área?

Ele suspendeu a mão esquerda do garoto, indicando a base.

– Não – respondeu Kreizler. – Além do decepamento da mão direita, não havia nada apreciável.

– E nenhuma laceração ou equimose no antebraço? – Indagou Lucius.

– Nenhuma.

– Isso apoiaria a hipótese que já formulamos.

Lucius largou o braço morto e enxugou o suor da testa. Apontou para o pedaço de corda e em seguida para o pulso do garoto, acrescentando:

– Mesmo em uma breve luta, isso deveria deixar marcas significativas.

Sara olhou da corda para Lucius.

– Ou seja... não houve luta?

Havia uma tristeza profunda na maneira como falou; uma tristeza que reverberou em meu peito, pois as implicações eram óbvias. Lucius as expressou:

– Desconfio que o garoto permitiu que o assassino o amarrasse, e que não fez muitas tentativas de resistir, mesmo durante o estrangulamento. Talvez não tivesse muita noção do que estava acontecendo. Se houvesse ocorrido uma agressão e resistência de verdade, também encontraríamos cortes, ou pelo menos equimoses nos antebraços, feitos quando o garoto tentasse se proteger. Mas não há nada. Portanto –, ele levantou os olhos para nós. – Eu diria que o garoto conhecia o assassino. É possível até que já houvessem realizado o ritual de amarrar em outras ocasiões. Para propósitos sexuais, ao que tudo indica.

Theodore respirou fundo.

– Por Deus...

Tornei a observar o rosto de Sara e percebi um brilho nos cantos de seus olhos: lágrimas aflorando, e ela se apressou a pestanejar para reprimi-las.

– Essa última parte não passa de uma teoria, é claro – acrescentou Lucius. – Mas me sinto bastante confiante para dizer que o garoto o conhecia.

Kreizler balançou a cabeça devagar, estreitando os olhos, e disse com voz suave:

– Conhecia-o... e confiava nele.

Lucius por fim se levantou, dando as costas para o corpo.

– Isso mesmo – murmurou, apagando a luz.

Então, Sara também se levantou, e em um movimento repentino correu para

a beira do telhado, o mais longe possível do lugar em que estávamos. Trocamos olhares inquisitivos, e fui atrás dela. Aproximei-me devagar; constatei que Sara olhava para a Dama da Liberdade, e confesso que fiquei surpreso ao não a encontrar sacudida por soluços. Ela mantinha o corpo imóvel, rígido até. Sem se voltar, ela pediu:

– Por favor, John, não chegue mais perto. – Seu tom era frio, nada histérico. – Prefiro não ter homens perto de mim. Só por um momento.

Parei, contrafeito.

– Eu... desculpe-me, Sara. Só queria ajudar. Você passou por coisas demais esta noite.

Ela soltou uma risada amargurada.

– É verdade. Mas não há nada que você possa fazer para ajudar.

Sara fez uma pausa, mas não me afastei.

– E pensar que chegamos a cogitar que poderia ter sido uma mulher...

– Como assim? Pelo que sei, ainda não excluímos essa possibilidade.

– Talvez vocês ainda não tenham chegado a essa conclusão. E suponho que eu não deveria esperar que isso acontecesse. Afinal, nessa área, vocês estão em desvantagem.

Voltei-me ao sentir uma presença ao meu lado e me deparei com Kreizler se aproximando. Ele gesticulou para que eu ficasse em silêncio, enquanto Sara continuava:

– Mas posso lhe garantir, John, que foi um trabalho de homem. Nenhuma mulher que matasse o garoto... – ela hesitou, procurando as palavras. – Todos aqueles golpes de faca, a corda... nunca vou entender. Mas, não há como se enganar, depois... depois que se teve a experiência.

Ela soltou uma risada angustiada.

– E parece que sempre que começamos a confiar...

Houve outra pausa, constrangedora. Kreizler tocou meu braço, e com um movimento de cabeça disse-me que voltasse para o outro lado do telhado.

– Só quero que me deixe sozinha por alguns minutos, John – arrematou

Sara. – Logo estarei bem.

Kreizler e eu nos afastamos, em silêncio. Assim que chegamos a um ponto em que Sara não podia mais nos ouvir, Laszlo murmurou:

– Ela tem razão, sem dúvida. Jamais encontrei uma obsessão feminina, puerperal ou de outro tipo, que pudesse se comparar a isso. Mas é provável que tenhamos levado um tempo absurdamente longo para chegar a essa conclusão. Precisamos encontrar meios de aproveitar a perspectiva de Sara, John. – Ele olhou ao redor. – Mas, primeiro, temos de sair daqui.

Enquanto Sara permanecia na beira do telhado, começamos a recolher os equipamentos dos Isaacsons e a apagar todos os vestígios da nossa presença, basicamente as pequenas manchas de pó de alumínio e carvão. Enquanto o fazíamos, Marcus comentou que metade dos seis assassinatos que agora tínhamos certeza de que podíamos atribuir ao nosso assassino havia ocorrido em telhados: um fato significativo, pois os telhados na Nova York de 1896 eram caminhos urbanos secundários, mas bastante utilizados, equivalentes elevados das calçadas embaixo, com seus tipos de tráfego característicos. Em particular nos cortiços, havia ampla gama de pessoas que às vezes desempenhava suas atividades durante um dia inteiro sem jamais descer às ruas; não apenas credores em busca de pagamento, mas também assistentes sociais e religiosos, vendedores, enfermeiras e outros. Os aluguéis nos cortiços eram, em geral, determinados pela quantidade de esforço exigido para alcançar determinado apartamento e, assim, os moradores mais desafortunados ocupavam os últimos andares dos prédios. Os que tinham negócios com os mais pobres dos pobres, em vez de enfrentar as escadas íngremes e muitas vezes perigosas, preferiam se deslocar de um andar alto para outro pelos telhados. É verdade que ainda não sabíamos como nosso homem alcançava aqueles telhados, mas era evidente que, lá em cima, ele se deslocava com extrema habilidade. Por isso, valia a pena explorar a possibilidade de que ele outrora tivesse, ou continuasse a ter, um desses empregos em que se usavam os telhados.

– Qualquer que seja a ocupação dele – disse Theodore, enrolando a corda que usáramos para baixar Marcus –, seria preciso uma mente muito fria para planejar esse tipo de violência com tanta precisão e depois executá-la de forma tão meticulosa, sabendo que a possibilidade de captura nunca estaria muito distante.

– Tem razão – concordou Kreizler. – Não acha que quase sugere um espírito marcial, Roosevelt?

– Como assim? – Disse Theodore, voltando-se para Kreizler com uma expressão quase injuriada. – Marcial? Não foi isso que eu quis dizer, doutor, de jeito nenhum! Nunca me passaria pela cabeça chamar isso de trabalho de um soldado.

Laszlo sorriu, insinuante, sabendo que Theodore (que ainda se encontrava a anos de sua façanha em San Juan Hill) considerava as artes militares com a mesma reverência que demonstrara desde a infância.

– É possível – murmurou Kreizler, espicaçando ainda mais. – Mas ter uma cabeça fria para a violência planejada com todo cuidado... não é esse o empenho que incutem em todos os soldados?

Theodore limpou a garganta, bem alto, e se afastou, irritado, enquanto o sorriso de Kreizler se alargava.

– Tome nota disso, sargento detetive Isaacson! – Gritou Laszlo. – Devemos admitir a probabilidade de alguma experiência militar!

Theodore se voltou de olhos arregalados, mas só conseguiu berrar – Pelos céus, senhor! –, antes que Cyrus aparecesse no topo da escada, mais alarmado que em qualquer outra ocasião que eu já vira antes.

– Doutor! – Ele gritou. – Acho melhor sairmos logo daqui!

Cyrus ergueu um de seus braços enormes e apontou para o norte. Todos os olhos acompanharam a indicação.

À beira do Battery Park, perto dos vários pontos de entrada, multidões se reuniam; não das pessoas bem-vestidas e de comportamento polido que ocupavam a área durante o dia, mas de homens e mulheres maltrapilhos, em

quem a marca da miséria era evidente mesmo a distância. Alguns carregavam tochas, e vários eram acompanhados por crianças, que pareciam adorar aquela inesperada excursão na madrugada. Ainda não havia sinais de ameaça, mas tudo indicava uma turba incontrolável.

CAPÍTULO 15

Sara foi se postar ao meu lado.

– John, quem são eles?

– Como palpite – respondi, com uma preocupação muito diferente e mais vital que em qualquer outro momento daquela noite –, eu diria que a edição matutina do *Post* saiu às ruas.

– O que acha que eles querem? – Indagou Lucius, suando mais do que nunca, apesar do frio.

– Querem uma explicação, eu presumo – respondeu Kreizler. – Mas, como sabiam que deviam vir logo para cá?

– Um policial da 27ª Delegacia esteve aqui – informou Cyrus, ainda muito nervoso, pois fora uma turba como aquela que torturara e matara seus pais. – Ele foi conversar com dois homens e lhes explicou alguma coisa. Depois, os dois sujeitos foram para o meio da multidão e disseram que só estão matando os garotos estrangeiros pobres. Parece que a maioria desse pessoal vem do East Side.

– Só pode ter sido Barclay – disse Theodore, com a raiva que sempre lhe inspiravam os subordinados traiçoeiros. – Foi o único que esteve aqui antes.

– Lá vai Miller! – Gritou Marcus.

Olhamos para baixo e vimos o vigia, sem chapéu, fugindo na direção da estação das barcas da ilha Bedloe.

– Por sorte, fiquei com as chaves dele – acrescentou Marcus. – Miller dava toda a impressão de que não permaneceria aqui por muito tempo.

Foi nesse momento que o barulho do grupo maior, bem a nossa frente, visível por entre os galhos das árvores ainda desfolhadas do parque, começou a se tornar mais alto, pontilhado por gritos irados. Ouvimos o som de cascos

de cavalos e rodas de carruagem, e no instante seguinte a caleche de Kreizler apareceu, avançando pelo caminho principal do parque na direção do castelo. Stevie mantinha o chicote levantado e exigia o máximo de Frederick. Contornou o forte, seguindo para a entrada dos fundos.

– Stevie é sensacional! – Disse eu, voltando-me para os outros. – É nossa melhor saída... pelos fundos, pelo lado do parque que dá para o rio!

– Sugiro que andemos depressa – disse Marcus. – Estão se aproximando.

Com mais gritos, a multidão na entrada principal avançou pelo parque, e os grupos à direita e à esquerda também entraram em ação. Era evidente que mais pessoas estavam chegando à área provenientes das ruas ao redor – a turba muito em breve se elevaria a várias centenas. Alguém fizera um trabalho de perito na inflamação dos ânimos.

– O demônio! – Resmungou Theodore, furioso. – Onde se meteu o vigia noturno da 27ª? Vou fritá-los em carvões em brasa!

– É um plano ideal para a manhã – disse Kreizler, encaminhando-se para a escada. – No momento, porém, escapar parece imperativo.

– Mas este é o local de um crime! – Protestou Theodore, indignado. – Não permitirei a interferência de nenhuma turba, qualquer que seja sua queixa!

Ele correu os olhos pelo telhado e pegou um pedaço grosso de madeira cortada.

– Doutor, nenhum de vocês pode ser encontrado aqui. Pegue a srta. Howard e tratem de escapar. Os sargentos detetives e eu enfrentaremos essas pessoas no portão da frente.

– Nós vamos resistir?

As palavras saíram da boca de Lucius antes que ele pudesse se controlar.

– Tenha coragem – disse Roosevelt sorrindo, pondo a mão no ombro de Lucius e desferindo alguns golpes no ar noturno com seu pedaço de madeira. – Afinal, este forte nos defendeu do Império Britânico; pode muito bem resistir a uma turba do Lower East Side!

Esse era um daqueles momentos em que se tinha vontade de dar um tapa no

homem, mesmo que houvesse algum sentido em sua bazófia.

Para ocultar por completo a natureza de nosso trabalho, tínhamos de levar na caleche os equipamentos dos Isaacsons. Descemos, passamos entre os diversos aquários e pusemos as caixas na caleche. Voltei-me para desejar boa sorte aos Isaacsons. Marcus parecia procurar alguma coisa no chão, e Lucius, contrafeito, verificava um revólver oficial da Polícia.

– Talvez não consigam evitar uma luta – falei para os dois, com um sorriso que esperava ser tranquilizador –, mas não deixem que Roosevelt os force a brigar.

Lucius se limitou a soltar um resmungo, mas Marcus sorriu e apertou minha mão, murmurando:

– Voltaremos a nos encontrar no número 808.

Com isso, eles fecharam e trancaram a porta dos fundos do forte. Pulei para o estribo da caleche – Kreizler e Sara já ocupavam os dois assentos, e Cyrus se instalara em cima, ao lado de Stevie – e partimos com um solavanco pelo caminho que levava à beira da enseada e depois subia para o norte, ao longo do rio. O barulho da multidão diante de Castle Garden continuava a se avolumar, mas, ao passarmos diante do portão da frente do forte, os gritos irados se desvaneceram de repente. Virei a cabeça para avistar Theodore, diante do portal preto, segurando o porrete com uma das mãos, enquanto com a outra apontava para a beira do parque. O tolo obcecado por ação não fora capaz de ficar lá dentro, são e salvo. Os Isaacsons se encontravam no portão, atrás dele, prontos para fechá-lo e trancá-lo a qualquer momento, mas isso não parecia necessário; a multidão dava a impressão de acatar Theodore.

Ao nos aproximar da extremidade norte do parque, Stevie aumentou a velocidade, e quase atropelamos uma falange de uns vinte guardas que corriam na direção de Castle Garden. Viramos à esquerda na Battery Place, a fim de prosseguir pela beira da água, um local deserto àquela hora. Nesse instante, tive um vislumbre rápido, mas nítido, de uma berlinda de luxo estacionada na esquina, de onde se tinha uma vista ampla dos acontecimentos

no parque. Uma mão bem cuidada, com um anel de prata de bom gosto no dedo mínimo, apareceu na porta da berlinda, acompanhada pela parte superior do corpo de um homem. Mesmo na claridade difusa dos lampiões, pude perceber o brilho de um alfinete de gravata e logo divisar as feições morenas e atraentes de Paul Kelly. Gritei para que Kreizler olhasse, mas seguíamos muito depressa e não houve tempo. Quando relatei o que vira, no entanto, seu rosto indicou que ele já chegara à conclusão óbvia.

A multidão, portanto, fora obra de Kelly, talvez em reação aos comentários de Steffens sobre Biff Ellison no *Post.* Tudo se ajustava – Kelly era conhecido por não fazer ameaças vãs, e atiçar a fúria pelos assassinatos, entre um segmento da população sempre revoltado, seria brincadeira de criança para um homem tão insidioso. O movimento quase custara muito caro a nossa equipe, e eu receava que ainda pudesse nos afetar. E enquanto me segurava no estribo da caleche em alta velocidade, jurei que se algo acontecesse a Theodore e aos Isaacsons, consideraria o chefe dos Five Pointers pessoalmente responsável por isso.

Stevie não reduziu o galope de Frederick em nenhum momento do percurso, e ninguém lhe pediu que o fizesse, pois cada um de nós, por seus próprios motivos, queria aumentar a distância que nos separava de Castle Garden. Havia poças de água da chuva em muitos pontos das ruas mal pavimentadas do West Side e, ao chegarmos ao número 808 da Broadway, eu me encontrava salpicado de lama, com um frio intenso e pronto para encerrar a noite (ou a madrugada, pois o dia não tardava a raiar). Contudo, o trabalho de carregar os equipamentos para cima e registrar as opiniões sobre o assassinato enquanto ainda estavam frescas em nossa mente precisava ser realizado primeiro. Quando o elevador chegou ao sexto andar, Kreizler descobriu que esquecera sua chave, e eu lhe entreguei a minha, que tinha uma crosta de lama. Foi um pequeno bando enlameado e exausto que entrou em nosso quartel-general às 5h15 daquela manhã de sábado.

Por isso, minha surpresa e minha alegria foram ainda maiores quando a

primeira coisa que saudou meus sentidos foi o cheiro de bife e ovos fritando, misturado com o aroma de café fresco. Havia uma luz acesa na pequena cozinha no fundo do andar, e avistei Mary Palmer vestindo não seu uniforme azul, mas sim em uma linda blusa, branca, uma saia xadrez e um avental – trabalhando ali, em movimentos rápidos e eficientes.

Larguei as caixas que carregava.

– Deus nos mandou um anjo – murmurei, cambaleando para a cozinha.

Mary estremeceu ao ver meu vulto enlameado emergir das sombras, mas seus olhos azuis logo se acalmaram e ela exibiu um pequeno sorriso, oferecendo-me um bife espetado em um garfo comprido e, depois, uma xícara de café. Fiz menção de dizer "Mary, como você...", mas no mesmo instante desisti e me concentrei na comida deliciosa. Havia uma produção e tanto em andamento: uma legião incontável de ovos e bifes, fritando em pequenas frigideiras de ferro, que ela devia ter levado da casa de Kreizler para lá. Eu bem que poderia ficar ali por um longo tempo, deleitando-me com o calor e os aromas; mas acabei me voltando e me deparei com Laszlo parado atrás de mim, de braços cruzados e o cenho franzido.

– Creio que sei agora o que aconteceu com minha chave – comentou.

Presumi que sua advertência era um gracejo.

– Laszlo – murmurei, com um pedaço de carne na boca –, acho que posso até ressuscitar...

– Pode se retirar por um momento, Moore, para que Mary e eu tenhamos uma conversa? – Pediu Kreizler, no mesmo tom duro.

Pelo rosto de Mary, compreendi que ela sabia que Kreizler falava muito sério. Isso me pareceu muito estranho. No entanto, em vez de interrogá-lo, eu me servi mais ovos e carne, peguei a caneca de café e fui para minha escrivaninha.

Assim que saí da cozinha, ouvi Kreizler iniciar sua preleção para Mary em termos inequívocos. A pobre moça foi incapaz de oferecer uma resposta, exceto um não ocasional, um pequeno soluço aqui e ali. Não fazia sentido

para mim; afinal, ela só quisera ser prestativa, e Kreizler estava se mostrando inexplicavelmente mesquinho. Meus pensamentos, no entanto, foram logo desviados por Cyrus e Stevie, que ficaram olhando para meu prato com a boca escancarada.

– Calma, rapazes, calma – protestei, protegendo minha comida com os braços. – Não precisam avançar para cima de mim. Há muito mais na cozinha.

Os dois dispararam para o fundo, mas pararam ao encontrar Kreizler.

– Comam alguma coisa – disse Laszlo em tom brusco –, e depois, levem Mary de volta à 7th Street. Depressa.

Stevie e Cyrus murmuraram um assentimento e atacaram os bifes e os ovos. Kreizler puxou uma das cadeiras verdes do marquês Carcano entre a mesa de Sara e a minha e arriou nela, cansado.

– Não vai querer comer nada, Sara? – Ele perguntou.

Ela estava com a cabeça apoiada nos braços, em cima da mesa, mas levantou-a o suficiente para sorrir e dizer:

– Não, obrigada, doutor. Eu não poderia. E não creio que Mary aprecie minha presença na cozinha.

Kreizler balançou a cabeça. E eu disse, tão firme quanto podia, com a boca cheia de comida:

– Não acha que foi um pouco duro com a garota, Kreizler?

Ele suspirou e fechou os olhos.

– Terei de lhe pedir que não interfira, John. Posso parecer severo, mas não quero que Mary saiba nada sobre este caso. – E olhando na direção da cozinha. – Por várias razões.

Há momentos na vida em que parece que entramos no teatro errado no meio de uma apresentação. Subitamente, percebi que havia uma estranha química em ação entre Laszlo, Mary e Sara. Eu não a poderia definir, mesmo que fosse pago para isso; mas, ao pegar uma boa garrafa de conhaque francês na última gaveta de minha mesa e acrescentar algumas gotas ao café fumegante,

fui ficando cada vez mais consciente de que o ar ali estava carregado. Essa sensação instintiva se confirmou quando Mary, Stevie e Cyrus saíram da cozinha, e Kreizler pediu sua chave de volta. Mary a devolveu com evidente relutância, e depois a surpreendi lançando um olhar rápido para Sara, com certa raiva, antes de passar pela porta com os outros dois. Não restava a menor dúvida: havia alguma coisa por trás de toda aquela atividade.

Contudo, havia questões imediatas mais importantes, e depois que Mary, Stevie e Cyrus se foram, tínhamos toda a liberdade para trocar ideias a respeito. Kreizler foi até o quadro-negro, que dividira em três áreas gerais: INFÂNCIA no lado esquerdo, INTERVALO no meio, e ASPECTOS DO CRIME à direita. Nas áreas apropriadas, Laszlo começou a registrar as teorias que formuláramos no telhado de Castle Garden, deixando um pequeno espaço para quaisquer percepções relevantes que os Isaacsons pudessem haver obtido desde que os deixáramos. Kreizler recuou em seguida para avaliar a lista de detalhes; e embora oferecesse, em minha maneira de pensar, os indícios de um bom trabalho noturno, ele deu a impressão de que o considerava deficiente. Ficou brincando com o giz, deslocando o peso do corpo de um pé para outro, e acabou anunciando que havia mais um fator significativo que deveríamos levar em consideração: no canto superior direito do quadro-negro, sob o título de ASPECTOS DO CRIME, ele escreveu a palavra ÁGUA.

Isso me deixou desconcertado; Sara, porém, depois de pensar por um momento, ressaltou que cada um dos assassinatos, desde janeiro, ocorrera à vista de uma grande massa de água – e os Zweig haviam sido até deixados *dentro* de uma caixa-d’água. Quando indaguei se não seria apenas uma coincidência, Kreizler respondeu que duvidava que um planejador tão cuidadoso como nosso assassino pudesse deixar qualquer coisa ao acaso. Em seguida, foi até sua mesa e pegou um antigo volume encadernado com couro na pilha de livros. Enquanto ele acendia um pequeno abajur na mesa, preparei-me para uma longa citação técnica de alguém como o professor

Mosso, de Turim (que andava realizando, como eu descobrira pouco antes, uma pesquisa pioneira na avaliação de manifestações físicas de estados emocionais). No entanto, o que Laszlo leu, em voz baixa e cansada, foi muito diferente:

– "Quem pode entender seus erros? Expurga-me tu dos que me são ocultos."

Kreizler desligou o abajur e tornou a se a sentar. Arrisquei um palpite, dizendo que a citação era da Bíblia, e Laszlo anuiu com a cabeça, comentando que sempre se espantara com a quantidade de referências à purificação que se podia encontrar em obras religiosas. Apressou-se em acrescentar que não acreditava que nosso homem sofresse de obsessão ou demência religiosa (embora essas aflições caracterizassem mais assassinos múltiplos do que qualquer outra forma de distúrbio mental). Ele havia lido a citação para indicar, de forma um tanto poética, em que extensão o assassino era oprimido por sentimentos de pecado e culpa, para os quais a água era o antídoto metafórico habitual.

O comentário ficou atravessado na garganta de Sara. Com voz perturbada, um tanto impaciente, ela ressaltou que Kreizler sempre voltava, persistente, à noção de que o nosso assassino tinha conhecimento da natureza de suas ações e desejava a captura – o que não o impedia de continuar a massacrar jovens. Se aceitássemos a suposição de sua sanidade, restava-nos a questão angustiante de que possível satisfação ou benefício podia ele extrair de tanta chacina.

Antes de responder a essa observação oportuna, Laszlo fez uma pausa, considerando suas palavras com extremo cuidado. Sabia, tanto quanto eu, que fora uma noite longa e atordoante para Sara. Sabia também que, depois de ver um daqueles corpos, a última coisa que alguém queria ouvir era uma análise descritiva do contexto mental do responsável; a tristeza, a raiva e o horror eram grandes demais. Todavia, persistia o fato de que aquela análise era imperativa, ainda mais naquele momento vívido. Sara precisava ser levada de

volta à tarefa que tínhamos pela frente, um objetivo do qual Laszlo se aproximou por via indireta, formulando algumas perguntas gentis, que pareciam desconexas.

Imagine, disse ele, que você entra em um salão enorme, onde ecoa o som de pessoas murmurando, falando sozinhas, repetitivas. Ao seu redor, pessoas se prostram no chão, algumas choram. Onde está você? A resposta de Sara foi imediata: em um hospício. É possível, disse Kreizler, mas também poderia estar em uma igreja. No primeiro lugar, o comportamento seria considerado insano; no outro, não apenas são, como também tão respeitável quanto qualquer atividade humana pode ser. Kreizler continuou dando outros exemplos. Se uma mulher e seus filhos fossem ameaçados com todos os tipos de violência por um grupo de atacantes e a única arma à disposição da mãe fosse um cutelo de carne, Sara consideraria os esforços inevitavelmente sangrentos da mulher para repelir os homens como o trabalho de uma louca selvagem? Ou, se outra mãe descobrisse que o marido espancava os filhos e mantinha relações sexuais com eles e cortasse a garganta dele no meio da noite, isso poderia ser qualificado como uma brutalidade inaceitável? Sara disse que não tinha respostas para aquelas perguntas, mas também considerava que eram casos muito diferentes daquele que investigávamos. Isso provocou uma réplica de Laszlo: a única diferença, declarou ele, estava nas percepções de Sara dos diversos exemplos. Um adulto protegendo uma criança, ou uma criança se defendendo, parecia ser um contexto em que Sara poderia justificar a mais terrível violência; e se nosso assassino encarasse seu trabalho atual como esse tipo de proteção? Poderia Sara mudar seu ponto de vista o suficiente para compreender que cada vítima e a situação que levava ao assassinato relembravam ao assassino uma experiência distante de ameaça e violência, o que o impelia, por razões que ainda não podíamos definir, a tomar providências iradas, em sua própria defesa?

Sara permaneceu mais relutante que incapaz de acompanhar esse raciocínio; já eu, no entanto, surpreendi-me ao descobrir que meus pensamentos se

coadunavam com os de Kreizler. Talvez o conhaque projetasse minha mente além dos limites habituais; qualquer que fosse o caso, intervim para dizer que cada cadáver, à luz que Laszlo projetava, era uma espécie de espelho. Kreizler ergueu um punho, satisfeito, e disse que era isso mesmo – os corpos eram como uma imagem no espelho de algum conjunto de experiências brutais que constituíam a base da evolução da mente de nosso homem. Quer seguíssemos o curso biológico, e nos concentrássemos na formação daquilo que o professor James chamara de "caminhos neurais", quer o curso filosófico, que levaria a uma discussão sobre o desenvolvimento da alma, chegaríamos à mesma conclusão: a ideia de um homem para quem a violência não apenas era um comportamento profundamente arraigado, mas também o ponto de partida de suas experiências significativas. O que ele contemplava ao olhar para aquelas crianças mortas era apenas uma representação do que sentia que lhe haviam feito – mesmo que só fisicamente – em algum ponto profundo de seu passado. Já nós, com toda certeza, logo pensávamos, ao olhar para os corpos, em vingança pelos mortos e a proteção de futuras vítimas. Contudo, a profunda ironia era que nosso assassino acreditava que proporcionava isso a si mesmo: vingança pela criança que fora e proteção para a alma torturada em que se tornara.

Apesar do cuidado de Kreizler ao explicar tudo isso, o esforço não acarretou nenhuma mudança na atitude de Sara. Ainda era muito cedo para esperar que ela deixasse para trás a experiência de Castle Garden e voltasse a trabalhar com toda a objetividade. Sara se remexeu em sua cadeira, sacudindo a cabeça, e protestou dizendo que tudo que Kreizler dissera fora uma racionalização absurda; que Laszlo comparava as vicissitudes emocionais e físicas da infância com o pior tipo de sede de sangue de adulto, mas essa correlação não existia – os dois fenômenos eram desproporcionais. Kreizler respondeu que assim podia parecer, mas apenas porque a própria Sara definia as proporções, baseada no contexto de sua própria experiência. A raiva e o impulso destrutivo não eram os instintos que orientavam sua vida – mas o

que aconteceria se fossem, uma vez adquiridos muito antes de ela ser capaz de um pensamento consciente? Que mera ação física poderia satisfazer uma raiva tão enraizada? No caso de nosso homem, nem mesmo os brutais assassinatos podiam conseguir isso; se fosse esse o caso, ele continuaria a cometê-los com toda a discrição, esconderia os corpos, jamais cortejaria a descoberta.

Ao constatar que todos esses argumentos não surtiam muito efeito em nossa parceira intransigente, aproveitei a oportunidade para sugerir que todos tentássemos dormir um pouco. O sol já começara a se elevar sobre a cidade durante nossa conversa, trazendo aquele estado de extrema desorientação que costuma acompanhar a maioria das noites em claro. Tenho certeza de que Kreizler também sabia que o repouso contribuiria para acertar muitas coisas; mesmo assim, fez um último pedido, no momento em que Sara se preparava para sair comigo: que ela não permitisse que o horror e a raiva a levassem a se afastar demais do curso de nossa investigação. Naquela noite, o papel de Sara revelara ser ainda mais importante do que ele previra no início: nosso assassino passara a infância entre homens *e* mulheres, e tudo que pudéssemos supor sobre as mulheres envolvidas em suas experiências, todas as teorias que formulássemos, não passariam disso, meras suposições insuficientes. Caberia a Sara nos proporcionar uma perspectiva diferente, criar para nós uma mulher (ou uma série de mulheres) que pudesse haver contribuído para fomentar tanta raiva. Não poderíamos ter êxito sem isso.

Sara balançou a cabeça, cansada, ao pensar nessa nova responsabilidade, e compreendi que era melhor afastá-la logo de Kreizler, que podia ser extenuante mesmo depois de uma boa noite de sono. Abri a porta da frente e a escoltei até o elevador. Enquanto descíamos para o térreo, o único som audível era o zumbido tênue e estranhamente confortador do motor do elevador ecoando pelo poço escuro.

Embaixo, deparamo-nos com os Isaacsons, cujo retorno não fora protelado pela multidão em Castle Garden (que se dissipara logo depois de nossa

partida), mas por Theodore, que insistira que o acompanhassem a um de seus pontos prediletos no Bowery para um desjejum da vitória, de bife e cerveja. Os dois sargentos detetives pareciam tão exaustos quanto Sara e eu, e como ainda tinham de subir e apresentar seu relatório antes de poderem dormir, quase não conversamos. Marcus e eu combinamos de nos encontrar na tarde seguinte para uma visita ao Golden Rule Pleasure Club, e depois eles entraram no elevador, enquanto nós deixávamos o prédio à procura de um fiacre na Broadway quase deserta.

Não eram muitos os cocheiros que ousavam desafiar o ar frio da manhã, mas, por sorte, os poucos fiacres disponíveis se concentravam diante do St. Denis Hotel, do outro lado da rua. Ajudei Sara a embarcar em um deles, mas antes de indicar seu destino ao cocheiro, ela olhou para as janelas ainda iluminadas do sexto andar do número 808.

– Parece que ele nunca para – comentou. – É como... como se houvesse alguma coisa pessoal para ele em jogo.

– Muitas das ideias profissionais dele podem ser confirmadas pelo resultado – comentei, soltando um largo bocejo.

– Não, não é isso. É alguma outra coisa...

Também olhei para nosso quartel-general e decidi expressar uma preocupação minha:

– Eu gostaria de saber o que está acontecendo com Mary.

Sara sorriu.

– Você nunca foi um homem perceptivo em questões românticas, John.

– Como assim? – Indaguei, com uma surpresa genuína.

– Ela está apaixonada por Kreizler – explicou Sara, um tanto indulgente.

Enquanto eu ficava imóvel e boquiaberto, ela bateu na coberta do fiacre e acrescentou:

– Vamos para Gramercy Park, cocheiro. Adeus, John.

Sara ainda sorria quando o fiacre partiu, subindo pela Broadway. Dois outros cocheiros me perguntaram se eu não queria ir a algum lugar, mas

sacudi a cabeça, ainda atordoado com aquela última informação. Talvez uma caminhada – em passos trôpegos, devo ressaltar – me ajudasse a encontrar algum sentido, refleti; mas não poderia estar mais enganado. As implicações da declaração de Sara, assim como a expressão em seu rosto ao enunciá-la, eram bizarras demais para adquirirem o menor sentido durante uns poucos minutos de caminhada exausta. O exercício só serviu para me deixar ainda mais esgotado, e quando me meti entre os lençóis, na casa de minha avó, sentia o corpo fraco demais e o espírito muito perturbado para sequer remover as roupas enlameadas.

CAPÍTULO 16

Um ânimo dos mais desagradáveis me dominou durante o sono, e acordei ao meio-dia para descobrir que minha têmpera se encurtara a um ponto lamentável. A sombria perspectiva se aprofundou quando um mensageiro apareceu com um bilhete de Laszlo, escrito naquela manhã. Certa sra. Edward Hulse, de Long Island, fora presa durante a noite depois de tentar matar os filhos com um facão de cozinha. A mulher fora solta, entregue à custódia do marido, mas haviam pedido a Kreizler para avaliar sua condição mental, e ele convidara Sara a acompanhá-lo. Não havia a menor possibilidade de estabelecer uma ligação entre a sra. Hulse e nosso caso, explicava Laszlo; o interesse de Sara (revitalizado, com toda certeza, por várias horas de sono) era obter detalhes de caráter para as mulheres imaginárias que Laszlo lhe pedira para criar, como um meio adicional de compreender nosso homem imaginário. Nada disso era causa para irritação de minha parte; o que me desagradara, de fato, fora a maneira como Kreizler expressara tudo, como se ele e Sara fossem passar um dia agradável e estimulante juntos. Enquanto amassava o bilhete, desejei-lhes, com o maior azedume, um dia adorável: e creio que até cuspi na pia em seguida.

Um telefonema de Marcus Isaacson marcou nosso encontro para as cinco horas da tarde, na estação do elevado que ficava na esquina da 3th Avenue com a 4th Street. Eu me vesti, examinei as possibilidades para a tarde – pareciam poucas e desoladas. Ao sair do quarto, descobri que minha avó estava oferecendo um almoço; o grupo era formado por uma de suas sobrinhas obtusas, seu marido igualmente cativante (que era sócio de meu pai na firma de investimentos) e um dos meus primos em segundo grau. Os três convidados tinham muitas perguntas sobre meu pai, às quais eu não podia

responder, já que havia muitos meses que não mantínhamos nenhum contato. Também fizeram umas poucas perguntas polidas sobre minha mãe (que eu sabia que naquele momento viajava acompanhada pela Europa) e se esquivaram ao assunto de minha ex-noiva, Julia Pratt, que conheciam socialmente. Toda a conversa foi pontuada por sorrisos e risadinhas dissimuladas, e o efeito geral foi de me deixar ainda mais soturno.

A verdade é que fazia muitos anos que eu não conseguia ter uma conversa agradável com a maioria dos membros de minha família, por razões que, embora poderosas, não eram difíceis de explicar. Logo depois que saí de Harvard, meu irmão mais moço – cuja passagem para a vida adulta fora ainda mais conturbada que a minha – caíra de um barco, em Boston, e morrera afogado. Uma autópsia minuciosa revelara o que eu poderia dizer a qualquer um se me perguntasse: meu irmão fora um consumidor habitual de álcool e morfina. (Durante seus últimos anos de vida, tornara-se um companheiro de copo constante do irmão mais moço de Roosevelt, Elliot, cuja vida também seria encerrada pela dipsomania, alguns anos mais tarde.) O funeral fora marcado por tributos respeitosos, mas totalmente absurdos, com o objetivo de evitar o problema da batalha adulta de meu irmão com terríveis acessos de melancolia. Havia muitas causas para sua infelicidade, mas no fundo, como ainda acredito, era, acima de tudo, o resultado de crescer em uma família e em um mundo em que manifestações emocionais de qualquer tipo eram desaprovadas, na melhor das hipóteses, ou reprimidas, na pior. Infelizmente, enunciei essa opinião durante o funeral e quase fui internado em um hospício. Só minha avó, que adorava meu irmão, demonstrara alguma compreensão de meu comportamento e se mostrara disposta a me aceitar em sua casa e em sua vida. Os demais me consideraram como alguém que sofria um distúrbio mental, talvez até bastante perigoso.

Por todos esses motivos, a presença de meus parentes na Washington Square naquele dia foi uma espécie de golpe de misericórdia, e minha disposição não poderia ser pior quando saí de casa para o dia frio. Como não

tinha a menor ideia de algum lugar a que pudesse ir, eu me sentei nos degraus, faminto e gelado. E, de repente, descobri que estava com ciúme. A conclusão foi tão surpreendente que meus olhos cansados se esbugalharam. De alguma forma, meu inconsciente tirara algumas conclusões desagradáveis de informações que eu recebera na noite anterior: se Mary Palmer era de fato apaixonada por Kreizler, encarava Sara como uma ameaça; tanto Kreizler quanto Sara sabiam disso, e Kreizler, consequentemente, não queria a presença de Mary; mas não tinha nenhum escrúpulo em passar uma tarde de primavera na companhia de Sara. Ora, era mais que evidente que Sara se sentia fascinada pelo misterioso alienista; e o iconoclasta Kreizler, que só tivera um romance na vida, que eu soubesse, também se sentia atraído pelas atitudes independentes de Sara. Que não se pense que fui dominado por um ciúme do tipo romântico; afinal, eu só considerara uma ligação amorosa com Sara em uma ocasião, anos antes, e, mesmo assim, só por umas poucas horas de embriaguez. Nada disso. O que me deixava magoado era o pensamento de ter sido excluído. Em uma manhã assim (ou tarde), uma excursão a Long Island com amigos seria, sem dúvida, benéfica.

Passei vários minutos debatendo se deveria ou não telefonar para uma atriz com quem passara muitos dias (e ainda mais noites) desde o final do noivado com Julia Pratt; e depois, sem nenhum motivo que eu pudesse determinar, meus pensamentos se desviaram para Mary Palmer. Por pior que eu me sentisse, ela deveria estar ainda pior, se fosse verdade o que Sara me dissera. Por que não dar um pulo à Stuyvesant Park, refleti, e proporcionar à jovem uma tarde de folga? Kreizler poderia não aprovar; mas ele saíra para passear com uma jovem esplêndida, e, com isso, suas queixas não teriam a menor validade. (Foi assim que o rancor seguiu seu caminho inevitável em meus pensamentos.) Isso mesmo, pensei, enquanto passava pela arcada nova do Washington Square Park, achando a ideia era cada vez mais atraente. Entretanto, aonde eu poderia levá-la?

Na Broadway, abordei sete jornaleiros e os aliviei um pouco de sua carga.

Os acontecimentos da noite anterior em Castle Garden haviam recebido muita atenção nas primeiras páginas. Ao que parecia, havia uma crescente preocupação com os ânimos nos bairros de imigrantes. Estavam formando um comitê de cidadãos para ir à prefeitura manifestar a preocupação com os crimes, e ainda mais com seus possíveis efeitos na ordem civil. Naquele momento, isso significava muito pouco ou nada para mim. Abri nas páginas de espetáculos. As opções pareciam escassas e inadequadas, até que me deparei com um anúncio do Koster and Bial's Theater, na 23th Street. Além de cantores, ginastas comediantes e um palhaço russo, o Koster and Bial's oferecia um programa de projeção de filmes curtos, o primeiro desse tipo realizado em Nova York, segundo o texto. O preço era razoável, e a localização do teatro conveniente – perto da casa de Kreizler. Peguei o primeiro fiacre que apareceu.

Mary se encontrava sozinha na casa da 7th Street quando cheguei, e tão deprimida quanto eu imaginava. A princípio, resistiu bastante à sugestão de sairmos. Desviou os olhos de mim, sacudiu a cabeça vigorosamente, apontando os cômodos, como a indicar que as tarefas domésticas eram extensas demais para sequer considerar a ideia. Contudo, eu me sentia inspirado pela ideia de animar alguém; descrevi o programa no teatro com o maior entusiasmo, e aos seus olhares preocupados respondi que o passeio não seria mais que um agradecimento pelo excelente desjejum daquela manhã. Tranquilizada e já obviamente animada, Mary acabou cedendo; foi buscar o casaco e um chapéu preto. Nenhum som escapou de sua boca ao deixarmos a casa, mas ela sorria com uma expressão satisfeita e agradecida.

Para uma ideia que surgira de sentimentos tão questionáveis, essa acabou se tornando muito boa. Ao sentarmos no Koster and Bial's, um teatro médio, de capacidade apenas moderada, um grupo de comédia *music hall* encerrava sua apresentação. Chegamos a tempo de assistir aos palhaços russos, cujas brincadeiras mudas Mary apreciou muito. Os ginastas comediantes, que diziam piadas uns aos outros enquanto executavam algumas façanhas físicas

extraordinárias, também eram bons, mas eu teria dispensado os cantores franceses e a bailarina um tanto estranha que se apresentaram em seguida. O público era numeroso, mas alegre, e Mary parecia se divertir observando os outros espectadores, tanto quanto os números.

No entanto, não houve mais como desviar a atenção quando uma tela branca desceu sobre o proscênio, e a casa ficou completamente às escuras. Surgiu uma luz em algum lugar por trás de nós e, depois, houve quase pânico nas primeiras filas, quando nos defrontamos com a imagem de uma parede de água do mar azul parecendo se derramar no teatro. É claro que nenhum de nós estava familiarizado com o fenômeno de imagens projetadas, uma experiência que naquele caso fora aumentada pela pintura à mão do filme em preto e branco. Depois que a ordem foi restaurada no teatro e terminou a primeira parte, “Sea Waves”, assistimos a mais onze apresentações curtas, incluindo uma dupla de “boxeadores burlescos”, e imagens um pouco menos divertidas do *kaiser* alemão passando suas tropas em revista. Sentado ali, naquele teatro sem a menor importância, não se podia deixar de experimentar a sensação de que se testemunhava o advento de uma nova forma de comunicação e diversão, que em breve mudaria de maneira drástica, pelas mãos de mestres modernos, como D.W. Griffith, não apenas a cidade de Nova York, mas também o mundo. Contudo, eu me preocupava muito mais com o fato de que aquelas breves imagens trêmulas e pintadas haviam reunido a mim e Mary Palmer por um breve momento, aliviando a solidão, que para mim era transitória, e para ela um aspecto permanente da existência.

Só depois que saímos à rua foi que meu repouso mental se transformou em curiosidade irrequieta, graças ao treinamento que absorvera durante as últimas semanas. Enquanto observava minha companheira muito satisfeita e atraente desfrutando o sol frio da tarde, não pude deixar de especular: Como é possível que essa moça tenha matado o pai? Admito que há poucas coisas mais condenáveis que um homem violar a própria filha, mas outras moças suportaram a experiência sem acorrentar o culpado a uma cama e assá-lo

vivo. O que levara Mary a esse ato? Os primórdios de uma explicação, logo concluí, eram fáceis de perceber, mesmo depois de tantos anos. Enquanto Mary observava os cachorros e os pombos no Madison Square Park, ou quando seus olhos azuis se deixavam fascinar por tesouros deslumbrantes, como a enorme estátua dourada de Diana nua, no alto da torre do Madison Square Garden, seus lábios se mexiam, como se quisessem exprimir o prazer que ela sentia; e depois, suas mandíbulas se fecharam com força, seu rosto exibia o medo de que saíssem ruídos incoerentes e humilhantes caso tentasse falar. Lembrei que Mary fora considerada idiota na infância e na juventude; e a maioria das crianças é qualquer coisa, menos idiota. Além disso, a mãe achava que ela só era apta para os trabalhos de faxina mais subalternos. Assim, ao começarem os avanços sexuais do pai, Mary já devia se sentir tão frustrada e atormentada que estava prestes a explodir. A remoção de qualquer uma dessas desvantagens e experiências amargas poderia ter mudado o resultado de sua vida; juntas, criaram um padrão fatal.

Talvez a vida houvesse sido similar para nosso assassino, refleti, enquanto Mary e eu entrávamos no Madison Square Garden para tomar um chá no restaurante que ficava no telhado. A essa altura, eu já compreendera que falar demais só servia para deixar Mary consciente de sua incapacidade de participação verbal, e, por isso, passara a me comunicar por meio de gestos e sorrisos, prosseguindo em particular no que parecia ser uma fértil linha de raciocínio psicológico. Enquanto Mary tomava seu chá e esticava o pescoço para registrar todas as vistas disponíveis daquele excelente ponto de observação que era o telhado em arco do Garden, recordei o que Kreizler dissera na noite anterior: que a violência, para nosso assassino, fora o ponto de partida, na infância. Era bem provável que isso significasse surras aplicadas por adultos, o que se ajustaria à teoria de Laszlo de que havia instintos autoprotetores e vingativos em ação no homem. Todavia, milhares de garotos haviam passado por um tormento assim. O que empurrara aquele, como Mary, a transpor uma linha que parecia indefinível, embora fosse

bastante concreta, para a violência? Acaso ele também havia sofrido debilidade ou deformidade, que durante a infância o convertera em um alvo de desdém e escárnio, não apenas por parte de adultos, mas também de outras crianças? E além de suportar isso, também sofrera (outra vez como Mary) alguma espécie de assédio sexual afrontoso e degradante?

Ainda parece estranho que uma moça tão adorável como Mary pudesse me inspirar cogitações tão tétricas; mas, estranho ou não, senti que enveredara por um caminho que valia a pena ser explorado, e queria levar Mary de volta à casa de Kreizler a fim de poder me encontrar com Marcus Isaacson na hora marcada e partilhar meus pensamentos com ele. Senti-me um pouco contrafeito ao encerrar uma excursão que parecia proporcionar tanto prazer a Mary – ao alcançarmos o Stuyvesant Park, ela se mostrava absolutamente radiante –, no entanto, ela também tinha seus deveres a cumprir. E sua mente voltou a isso de súbito, como pude perceber, quando avistou a caleche de Kreizler estacionada diante da casa na 7th Street.

Stevie escovava o cavalo, Frederick, enquanto Kreizler fumava um cigarro na sacada com grade de ferro diante das portas de vidro do salão no segundo andar. Mary e eu nos preparamos para alguma repreensão ao entrarmos no pequeno jardim da frente, e por isso nos surpreendemos quando um sorriso genuíno aflorou no rosto de Kreizler. Ele tirou do bolso o relógio de prata, verificou a hora e disse, em um tom jovial:

– Vocês dois devem ter tido uma tarde e tanto. O sr. Moore foi um anfitrião satisfatório, Mary?

Ela sorriu, anuiu com a cabeça e correu para a porta da frente. Voltou-se ao chegar ali, tirou o chapeuzinho preto e murmurou “Obrigada” com um enorme sorriso e apenas um vestígio de dificuldade. Depois, desapareceu dentro da casa, enquanto eu levantava os olhos para Kreizler.

– Creio que a primavera pode chegar em breve, John – ele comentou, acenando com o cigarro para o Stuyvesant Park. – Apesar do frio, as primeiras folhas começam a surgir nas árvores.

– Pensei que ainda estivesse em Long Island.

Ele deu de ombros.

– Havia bem pouco que eu pudesse descobrir ali. Sara, em contrapartida, parecia fascinada pela atitude da sra. Hulse em relação às crianças, e, por isso, deixei-a conversando. Talvez seja muito útil para Sara, e ela pode pegar um trem para voltar esta noite.

Isso parecia bastante estranho, tendo em vista as teorias que eu formulara pouco antes; mas o comportamento de Kreizler era bastante normal.

– Não quer subir para tomar um drinque, John?

– Tenho de me encontrar com Marcus às cinco horas; vamos explorar o Golden Rule. Algum interesse?

– E muito, John. Mas será melhor se eu não for visto em tantos lugares associados ao caso. Confio que vocês dois tomarão copiosas anotações mentais. Não se esqueça: as chaves estarão nos detalhes.

– Por falar nisso, tenho algumas ideias que acho que podem ser úteis.

– Excelente! Vamos discuti-las no jantar. Telefone para mim no Instituto assim que acabar. Tenho algumas coisas a resolver ali.

Acenei com a cabeça e me voltei para partir; mas minha perplexidade era intensa demais para ficar sem um esclarecimento.

– Não está zangado por eu haver saído com Mary esta tarde, Laszlo?

Ele tornou a dar de ombros.

– Conversou com ela sobre o caso?

– Não.

– Nesse caso, ao contrário, fico agradecido. Mary não tem sido exposta a suficientes novas pessoas e experiências. Tenho certeza de que será excelente o efeito sobre sua disposição.

E ponto-final. Voltei-me, encaminhei-me para o portão, deixando para trás as suspeitas que formulara naquela manhã sobre o comportamento de meus amigos. Fui para a estação do elevado na esquina da 3th Avenue com a 18th Street e segui para o outro lado da cidade, tentando manter a distância os

pensamentos sobre as questões pessoais dos outros e me concentrar apenas no caso. Ao passar pela Cooper Square, já começara a ter êxito; e quando me encontrei com Marcus, na 4th Street, estava preparado para dispensar toda a atenção a suas mais recentes teorias sobre o método do assassino, um relato que consumiu a maior parte do tempo que gastamos no percurso até o Golden Rule Pleasure Club.

CAPÍTULO 17

A ideia de nosso assassino como um experiente montanhista e escalador de rochas ocorrera a Marcus, explicou ele, quando eu relatara a história do menino Sally que ouvira no Paresis Hall. Mas, quando ele tentara encontrar indícios dessa atividade, primeiro na âncora da ponte de Williamsburg, e depois no Hall, quase nada descobrira, e pensara em abandonar a ideia. Contudo, sua mente persistia em retomar a ideia devido à rapidez com que o homem transpusera alguns pontos perigosos, assim como pela ausência de escadas ou de outros meios mais convencionais de escalada. Não podia haver outra explicação, na opinião de Marcus: o assassino só podia estar usando técnicas avançadas de montanhismo para entrar e sair pelas janelas dos quartos de suas vítimas. O fato de o homem ser um perito era indicado por carregar os garotos ao deixar os prédios, já que era quase certo que nenhum deles sabia nada sobre escaladas. Tudo isso era coerente com a ideia, já enunciada pelos Isaacsons no Delmonico's, de que se tratava de um homem grande e forte. Diante dessas considerações, Marcus realizara uma pesquisa mais minuciosa sobre técnicas de escalada e voltara à ponte e ao Paresis Hall.

Dessa vez, seus olhos mais bem treinados haviam encontrado marcas nas paredes externas do estabelecimento de Ellison, que poderiam ter sido deixadas pelas botas de pregos de um montanhista, assim como por pitons, espigões de aço que os montanhistas cravam na rocha com martelos para apoiar mãos e pés, e também para prender cordas. As marcas não chegavam a ser conclusivas, e por isso ele não as mencionara em nenhuma de nossas reuniões. No entanto, Marcus descobrira em Castle Garden fibras de corda, inconfundíveis, na beira posterior do telhado – mais uma indicação de que o assassino era um montanhista. As fibras pareciam levar para a grade na frente

do telhado, presa com bastante solidez. Fora no ponto em que Marcus nos pedira para baixá-lo pela parede do fundo do forte que ele encontrara mais marcas que combinavam com as de Paresis Hall. A essa altura, Marcus começara a determinar uma possível sequência de eventos para o crime em Castle Garden.

O assassino, com sua última vítima nas costas, subira para o telhado do forte usando pitons. (O vigia não ouvira as marteladas porque, como Marcus descobrira, passava a maior parte do tempo dormindo. Marcus tinha certeza de que o assassino estava a par desse fato.) Uma vez no telhado, nosso homem cometera o assassinato, depois passara uma corda pela grade da frente e escorregara até o chão (Para descer pela encosta lisa de uma montanha por uma corda, passada por uma âncora firme e segura em cima, o montanhista usa as duas extremidades da corda, para poder puxá-la ao chegar embaixo.) À medida que baixava pelo muro, nosso assassino ia removendo os pitons que usara antes como pontos de apoio.

Convencido de seu raciocínio, Marcus tentara primeiro encontrar provas específicas no Paresis Hall, já que o assassinato do garoto Santorelli era um caso antigo e não parecia provável que se deparasse com algum policial no local. Depois, porém, concluíra que no Hall o assassino teria descido do telhado, em vez de subir do chão, e provavelmente nem usara pitons (as marcas que, no começo, Marcus julgara serem de pitons teriam sido, portanto, deixadas por outra coisa, talvez sem nenhuma relação com nosso caso). Marcus voltara a Castle Garden pouco antes de me encontrar e continuara a revistar a área, um trabalho que mal iniciara na noite anterior – eu acertara quando pensara que ele procurava alguma coisa, pouco antes de nossa partida precipitada. Os poucos guardas em Castle Garden naquela tarde não se postavam nas proximidades da entrada dos fundos do forte, e por isso Marcus tivera toda a liberdade para vasculhar o local.

A essa altura de seu relato, meu companheiro enfiou a mão no bolso do casaco e tirou um espigão de aço, de aparência inócua, que descobrira caído

na relva. Tinha um orifício em uma extremidade: para prender cordas, explicou Marcus. Ele procurara impressões digitais no espigão ao chegar a casa e encontrara um jogo que combinava com as que havíamos tirado da chaminé de cerâmica na noite anterior. Ao ouvir isso, não pude deixar de dar um tapinha de admiração em suas costas. Marcus era tão obstinado quanto qualquer detetive que eu conhecera durante os anos em que cobrira a Polícia, e muito mais inteligente. Não era de estranhar que não se desse bem com a velha guarda da Divisão de Detetives.

Pelo resto de nossa caminhada, Marcus explicou maiores implicações de sua descoberta. Embora não houvesse vingado como um tipo de recreação na América do Norte em 1896, o montanhismo tinha muitos adeptos na Europa. Ao longo do último século, equipes de especialistas naquele continente haviam conquistado picos nos Alpes e no Cáucaso, e um intrépido alemão até se aventurara pela África Oriental para escalar o monte Kilimanjaro. Quase todos esses grupos, disse-me Marcus, eram formados por ingleses, suíços ou alemães, e em seus países, escalar montanhas e rochas de natureza menos intimidadora se tornara uma forma de recreação bastante popular. Como nosso assassino exibia o que só se poderia chamar de competência, era provável que houvesse se dedicado ao esporte por longo tempo – talvez mesmo na juventude; e assim, era possível que sua família houvesse emigrado para a América proveniente de uma dessas nações europeias em um passado não muito distante. Isso podia não significar muito naquele momento; mas era fácil perceber que, quando se somava a outros fatores cruciais, talvez fosse bastante esclarecedor. Havia nesse conhecimento uma causa concreta para esperança.

Precisaríamos de uma reserva abundante dessa emoção específica durante a visita ao Golden Rule Pleasure Club, um buraco pestilento que não poderia ter um nome mais tristemente irônico. O Paresis Hall pelo menos tinha a vantagem de ficar acima da superfície e ser bem espaçoso; o Golden Rule ficava em um porão úmido e apertado, dividido em pequenos “quartos” por

tabiques da pior qualidade, onde as atividades de qualquer cliente eram conhecidas de todos os outros no local pelo som, se não mesmo pela vista. Dirigido por uma mulher enorme e repulsiva chamada Scotch Ann, o Golden Rule oferecia apenas garotos afeminados, que se pintavam, falavam em falsete e se tratavam por nomes de mulher, deixando as outras variações do comportamento homossexual masculino para espeluncas como a de Ellison. O Golden Rule adquirira notoriedade em 1892, quando o reverendo Charles Parkhurst, um pastor presbiteriano e líder da Sociedade de Prevenção do Crime, visitara o local, durante sua campanha para denunciar as ligações entre o submundo criminoso de Nova York e várias agências do governo municipal, em particular o Departamento de Polícia. Parkhurst, um sujeito forte, de aparência nobre, muito mais tolerável que a maioria dos cruzados contra o vício, recrutara um detetive particular, Charlie Gardner, como guia para a odisseia. Charlie era um velho amigo meu, e me convidara a acompanhá-los, prometendo que seria um passeio dos mais divertidos.

Em 1892, no entanto, o fogo de minha juventude começara a esfriar, e eu começara a fazer um esforço intenso para reparar meus hábitos de réprobo. Especulando que talvez fosse uma boa ideia levar uma existência estável e sossegada, tanto profissional quanto doméstica, eu fixara os olhos nos políticos de Washington e em Julia Pratt, e não me sentia disposto a arriscar minha posição jornalística e romântica ao me ligar a Charlie Gardner, mesmo que apenas por uma noite. Assim, minha única contribuição à aventura do reverendo Parkhurst, que em breve se tornaria famosa, foi uma curta lista de espeluncas e inferninhos que eu achava que o grupo deveria visitar. Foi o que eles fizeram, indo também a muitos outros centros de infâmia. E relatos escritos subsequentes sobre a exposição de Parkhurst ao reino do vício em geral – e ao Golden Rule em particular – haviam deixado a sociedade polida de cabelos arrepiados.

Foram as revelações de Parkhurst sobre como a vida se tornara degenerada em grande parte de Nova York, e quanto muitos membros do governo

municipal lucravam com essa degeneração, que levaram o Senado Estadual de Nova York a criar um comitê para investigar a corrupção oficial na cidade. Presidido por Clarence Lexow, o comitê acabara por fazer “um indiciamento contra o Departamento de Polícia da Cidade de Nova York como um todo”, e muitos membros da velha guarda da Polícia foram atingidos pela reforma. Como ressaltei antes, no entanto, a degeneração e a corrupção não são aspectos passageiros, mas sim características permanentes da vida em Nova York; e embora seja sempre agradável pensar, diante de oradores indignados como Parkhurst, Lexow, o prefeito Strong e até mesmo Theodore, que se está ouvindo a voz da sólida base da população da cidade, o ingresso em um lugar como o Golden Rule nunca deixa de nos lembrar que os impulsos e os desejos que geram tantas espeluncas – impulsos que acarretariam o ostracismo, e até mesmo a condenação, em outras partes dos Estados Unidos – têm pelo menos tantos discípulos e defensores quanto a “sociedade decente”.

É claro que os defensores da sociedade decente e os discípulos da degeneração são com frequência as mesmas pessoas, como ficou patente para Marcus ao passarmos pela pouco notável porta da frente do Golden Rule, no final daquela tarde de sábado. Quase no mesmo instante, deparamo-nos com um homem de meia-idade, barrigudo, usando um elegante traje noturno, que ocultou o rosto ao sair do lugar e se encaminhou, apressado, para uma carruagem de luxo que o esperava. Atrás dele andava um garoto de quinze ou dezesseis anos, tipicamente vestido para uma noite de trabalho e contando dinheiro com intensa satisfação. O garoto gritou alguma coisa para o homem, no habitual registro de falsete que era tão estranho e desconcertante para os não iniciados; e depois passou por nós, jovial, prometendo uma noite de grande diversão caso o escolhêssemos, em vez de seus companheiros. Marcus virou o rosto e olhou para o teto, mas eu disse ao garoto que não éramos fregueses e queríamos falar com Scotch Ann.

– Ahn... – murmurou o garoto, lânguido, com sua voz natural. – Mais tiras,

eu suponho. Ann!

Ele foi até uma sala grande, dentro do porão, da qual emanavam risadas estridentes.

– Há uns *cavalheiros* aqui querendo falar sobre o assassinato!

Seguimos o garoto por alguns passos e paramos na entrada da sala. Havia ali umas poucas peças de móveis outrora ostentosos, mas agora decrépitos, e um tapete persa surrado estendido sobre o chão frio e mofado. Um homem seminu, na casa dos trinta anos, acocorava-se no tapete e ria enquanto vários garotos, com trajes ainda mais sumários, pulavam por cima dele.

– Pula-carniça – murmurou Marcus, registrando a cena com um olhar nervoso. – Será que atraíram Parkhurst para algo parecido quando ele esteve aqui?

– Isso aconteceu na casa de Hattie Adams, em Tenderloin respondi. – Parkhurst não ficou muito tempo no Golden Rule; saiu no instante em que descobriu o que acontecia aqui.

Scotch Ann saiu da área dos fundos onde ficavam os quartos, bastante pintada, obviamente embriagada, e muito além da flor da idade, se é que alguma vez a tivera. Um vestido rosa quase transparente grudava em seu corpo coberto de pó de arroz (tão grande no peito que não se podia dizer se era mesmo uma mulher), com a cara amarrada e mortificada comum a proprietários de bordéis diante de uma visita inesperada da Polícia.

– Não sei o que vocês querem, rapazes – disse com uma voz áspera, destruída pelo álcool e o cigarro –, mas já pago quinhentos dólares por mês a dois capitães da delegacia para que me deixem funcionar. O que significa que não resta nada para os outros. E tudo o que sei sobre o assassinato já contei a um detetive.

– Que sorte – disse Marcus, mostrando seu distintivo e levando Ann pelo braço na direção da porta da frente. – Nesse caso, está tudo ainda fresco em sua mente. Mas não se preocupe, só queremos informações.

Um tanto aliviada por saber que seu relato nada lhe custaria, Scotch Ann

contou a história de Fatima, antes Ali ibn-Ghazi, um garoto sírio de quatorze anos que se encontrava na América havia pouco mais de um ano. A mãe de Ali morrera poucas semanas depois da chegada da família a Nova York, depois de contrair uma doença letal no gueto sírio perto do Washington Market. O pai do garoto, um trabalhador não qualificado, não conseguira mais nenhum emprego e passara a mendigar. Punha as crianças em exposição, a fim de despertar a generosidade dos passantes, e uma vez que Ali estava ali nessa condição, em uma esquina perto do Golden Rule, Scotch Ann o vira. As feições delicadas do garoto faziam que ele fosse, como expressou Ann, "natural para minha casa". Ela logo "chegou a um acordo" com o pai, em condições semelhantes a trabalhos forçados ou escravidão. Assim nascera "Fatima", e à menção do nome absurdo descobri que estava começando a perder a paciência, bem depressa, com a prática de rebatizar garotos para que pudessem ser oferecidos a homens adultos, que não tinham escrúpulos sobre quem molestavam e que se excitavam com as perversões mais ridículas.

– Ela era uma verdadeira mina de ouro – disse Scotch Ann.

Senti vontade de açoitar a mulher, mas Marcus prosseguiu o interrogatório com a maior calma, em uma atitude profissional. Ann nos forneceu mais alguns detalhes sobre Ali e se mostrou preocupada quando anunciamos que queríamos ver o quarto onde ele trabalhava, além de entrevistar os garotos mais ligados ao morto.

– Suponho que não eram muitos – comentou Marcus, em tom casual. – Ele devia ser um jovem difícil.

– Fatima? – Disse Ann, inclinando a cabeça para trás. – Se era, eu nunca soube. Podia bancar uma gata selvagem para os fregueses; vocês ficariam surpresos se soubessem quantos gostam disso. Mas nunca se queixou, e as outras meninas pareciam adorá-la.

Marcus e eu trocamos um olhar rápido e perplexo. A declaração não combinava com o padrão que passáramos a esperar nas vítimas. Ao

seguirmos Ann por um corredor estreito e sujo entre os quartos dos fundos, Marcus foi remoendo essa aparente incoerência. Então, balançou a cabeça e murmurou para mim:

– Você não se comportaria direito na presença da pessoa a quem houvesse sido vendido como escravo? Vamos esperar para ver o que as outras garotas contam. Quero dizer, *garotos.* – Ele sacudiu a cabeça. – Droga, até eu já estou pensando nesses termos!

Entretanto, os outros garotos que trabalhavam no Golden Rule não forneceram informações que contestassem sua cafetina. Em pé no estreito corredor, entrevistando um a um mais de uma dúzia de garotos pintados que saíam de seus quartos (e forçados, durante todo o tempo, a escutar os grunhidos obscenos, gemidos e declarações concupiscentes), Marcus e eu ouvimos sistematicamente um retrato de Ali ibn-Ghazi que carecia de quaisquer detalhes irados ou rebeldes. Era desconcertante, mas não tínhamos tempo para insistir no assunto, pois a claridade do dia começava a se desvanecer e ainda precisávamos examinar o exterior do prédio. Assim que o quarto que Ali costumava usar, que dava para uma viela atrás do clube, foi desocupado por dois homens furtivos e um garoto de aparência exausta, entramos no recinto, enfrentando a atmosfera quente e úmida e o cheiro de suor a fim de conferir a teoria de Marcus sobre o método de movimentação do assassino.

Ali, pelo menos, descobrimos o que procurávamos: uma janela suja que podia ser aberta, com quatro andares de parede lisa de alvenaria, levando ao telhado do prédio. Teríamos de dar uma olhada no telhado antes de o sol se pôr; apesar disso, ao deixarmos o cubículo, parei para perguntar a um garoto momentaneamente ocioso a que hora Ali deixara o Golden Rule na noite de sua morte. O garoto franziu o cenho, lutando com a memória, enquanto se contemplava em um espelho ordinário e imundo.

– É esquisito – ele murmurou, com um tom que parecia esgotado demais para sair de uma boca tão jovem. – Agora que você menciona, não me lembro

de tê-lo visto sair.

Ele ergueu uma das mãos, continuando a retocar a maquiagem, enquanto acrescentava:

– Mas eu devia estar ocupado na ocasião. Afinal, foi um fim de semana. Mas uma das outras garotas deve ter visto Fatima sair.

A mesma pergunta, porém, formulada a outros rostos pintados ao sairmos do clube, obteve respostas similares. Portanto, era quase certo que a saída de Ali ocorrera pela janela do quarto, e subindo a parede dos fundos do prédio. Marcus e eu deixamos o Golden Rule, fomos para a entrada da frente do prédio e subimos uma escada infestada de insetos, até uma escada preta que se abria para o telhado. Nossos movimentos rápidos eram inspirados por mais que a claridade minguante: ambos sabíamos que traçávamos os passos do assassino com mais precisão do que fôramos capazes antes, e o efeito era ao mesmo tempo aterrador e inebriante.

O telhado era como qualquer outro em Nova York, pontilhado de chaminés, dejetos de aves, um barracão com ferramentas, garrafas vazias e pontas de cigarro que indicavam a presença ocasional de pessoas. (Como a primavera mal começava e ainda fazia frio, não havia nenhum dos sinais de ocupação regular – cadeiras, mesas, redes – que apareceriam durante o verão.) Como um cão de caça, Marcus seguiu direto para o fundo do telhado um pouco inclinado, e ali, sem pensar na altura, inclinou-se para esquadrinhar a viela embaixo. Depois, tirou o casaco, estendeu-o no chão e deitou de barriga para baixo, com a cabeça pendendo além da beira do telhado. Um sorriso largo logo aflorou em seu rosto.

– As mesmas marcas – anunciou ele sem se voltar. – Tudo coerente. E aqui...

Ele focou os olhos em um ponto próximo e pegou alguma coisa, que era invisível para mim, em uma das muitas manchas de piche.

– Fibras de corda. Ele a deve ter prendido naquela chaminé.

Segui a direção apontada pelo dedo de Marcus e me deparei com uma

estrutura de tijolos quadrada, quase na frente do telhado.

– O que significa um bocado de corda. Além dos outros equipamentos. Ele precisaria de uma sacola para carregar tudo. Devemos mencionar isso ao interrogar as pessoas.

Estudei a monótona extensão dos outros telhados do quarteirão e comentei:

– Ele não deve ter subido pela escada do prédio; é esperto demais para isso.

– E sabe como circular pelos telhados – acrescentou Marcus enquanto se levantava, guardava as fibras de corda no bolso e tornava a vestir o casaco. – Creio que já podemos ter uma boa certeza de que ele passava muito tempo nos telhados, provavelmente exercendo alguma atividade profissional.

Balancei a cabeça, dizendo:

– Portanto, não seria difícil para ele avaliar todos os prédios do quarteirão, descobrir o que tivesse menos atividade e usar sua escada.

– Ou ignorar por completo a escada – ressaltou Marcus. – Lembre-se, é tarde da noite, ele poderia escalar as paredes sem que alguém o visse.

Olhei para oeste e constatei que a superfície do rio Hudson passava depressa do vermelho brilhante para o preto. Dei duas voltas completas na semiescuridão, contemplando toda a área com novos olhos.

– Controle – murmurei.

Marcus acompanhou meu pensamento.

– Isso mesmo. Aqui em cima é o mundo dele. Qualquer que seja o turbilhão mental que o dr. Kreizler veja nos corpos, isto é muito diferente. Nestes telhados, ele age com confiança absoluta.

Soltei um suspiro; estremeci quando uma brisa que soprava do rio nos atingiu.

– A confiança do próprio demônio – sussurrei.

E fiquei surpreso quando obtive uma resposta.

– Não do demônio, senhor – disse uma vozinha assustada proveniente de algum lugar além da porta da escada. – Um santo.

CAPÍTULO 18

Quem está aí? – indagou Marcus, ríspido, avançando na direção da voz com certa cautela. – Apareça, ou vou prendê-lo por interferir nas atividades da Polícia!

– Não, por favor! – respondeu a voz.

No momento seguinte, um dos garotos pintados do Golden Rule, que eu não me recordava de ter visto lá embaixo, saiu de trás da porta da escada. A maquiagem de seu rosto estava toda borrada, e ele tinha um cobertor nos ombros.

– Só quero ajudar – ele murmurou com voz patética, pestanejando seus olhos castanhos nervosos.

Com uma angústia profunda, percebi que ele não podia ter mais que dez anos de idade. Peguei o braço de Marcus, puxei-o para trás e exortei o menino a se aproximar.

– Sem problemas; sabemos disso. Só queremos que venha até aqui.

Mesmo na semiescuridão do telhado, pude ver que o rosto do menino, assim como o cobertor com que se agasalhava, estava todo sujo de fuligem e piche.

– Passou a noite inteira aqui? – Indaguei.

O menino balançou a cabeça.

– Desde que nos contaram. – Ele começou a chorar. – Isso não deveria acontecer!

– O que não deveria acontecer? O assassinato?

À menção da palavra, o menino tapou os ouvidos com suas mãos pequenas e sacudiu a cabeça, insistente.

– Ele devia ser bom, foi o que Fatima disse. Tudo devia dar certo!

Adiantei-me, passei o braço pelos ombros do menino e o levei para uma

mureta baixa, que separava o telhado em que nos encontrávamos do prédio ao lado.

– Está tudo bem agora– murmurei. – Não vai acontecer mais nada.

– Mas ele pode voltar! – protestou o menino.

– Quem?

– *Ele*... o santo de Fatima, o que deveria levá-lo embora!

Marcus e eu trocamos um olhar rápido: *Ele.*

– Comece me dizendo seu nome – pedi, gentilmente.

– Lá embaixo, eles me chamam de...

– Por enquanto, esqueça como o chamam lá embaixo. – disse eu, balançando um pouco seus ombros com meu braço. – Diga-me só seu nome de batismo.

O garoto hesitou, avaliando-nos com seus olhos grandes, cautelosos. Devo admitir que a situação era desconcertante também para mim; só pude pensar em tirar o lenço do bolso e começar a limpar a maquiagem do rosto do menino. Isso foi o gatilho.

– Joseph – murmurou.

– Muito bem, Joseph – murmurei, afável. – Meu nome é Moore. E este é o sargento detetive Isaacson. Agora, fale-nos sobre esse seu santo.

– Não era meu – respondeu Joseph. – Era de Fatima.

– Refere-se a Ali ibn-Ghazi?

Ele acenou com a cabeça.

– Ela... ele... Fatima vinha dizendo, acho que há duas semanas, que havia encontrado um santo. Não como um santo padroeiro, na igreja, não assim; só um homem que era bondoso, que ia tirá-lo de Scotch Ann para viver com ele.

– Entendo. Quer dizer que você conhecia Ali muito bem?

Outro aceno de cabeça.

– Ele era meu melhor amigo no clube. Todas as meninas gostavam dela, é claro, mas nossa amizade era especial.

Eu já limpara quase todo o rosto de Joseph, que era um menino bastante

bonito.

– Parece que Ali se dava bem com todo o mundo – comentei. – Até mesmo com os fregueses, suponho.

– Onde ouviu isso? – Perguntou Joseph, soltando as palavras cada vez mais depressa. – Fatima detestava trabalhar aqui. Sempre dava a Scotch Ann a impressão de que gostava, porque não queria voltar para o pai. Mas detestava, e quando ficava a sós com um freguês, podia se mostrar bastante furiosa. Mas alguns fregueses...

O menino desviou os olhos, com uma perplexidade evidente.

– Continue, Joseph – disse Marcus. – Está tudo bem.

– Bem... – Joseph tornou a nos fitar. – Alguns fregueses *gostam* quando você não gosta.

Ele baixou os olhos para os pés.

– Alguns até pagam mais por isso. Scotch Ann sempre pensou que Fatima fingia só para ganhar mais dinheiro. Porém ela realmente detestava.

Uma pontada intensa de repulsa física e de profunda compaixão me atingiu em algum lugar do abdome, e o rosto de Marcus deixou transparecer uma reação similar; mas tínhamos uma resposta para nossa indagação anterior.

– É isso – sussurrou Marcus. – Oculto, mas real.... ressentimento e resistência.

Em voz alta, ele acrescentou para Joseph:

– Algum freguês já se enfureceu com Fatima?

– Uma ou outra vez – respondeu o menino. – Mas, de modo geral, como eu disse, eles gostavam.

Houve um hiato na conversa; e depois, o trem elevado passando pela 3th Street me fez voltar ao trabalho, com um sobressalto.

– E esse santo dele... Isso é muito importante, Joseph. Você o viu?

– Não, senhor.

– Fatima alguma vez se encontrou com um homem no telhado? – Indagou Marcus. – Ou você notou alguma vez um homem carregando uma mala ou

sacola grande?

– Não, senhor.

Joseph parecia um pouco aturdido, mas logo se animou, tentando nos agradar.

– Mas sei que o homem veio mais de uma vez depois que Fatima o conheceu; mas ele nunca me disse quem era.

Marcus sorriu.

– Ou seja, um freguês – disse ele.

– E nunca adivinhou quem era? – Perguntei.

– Não, senhor. Fatima disse que se eu guardasse segredo, e fosse bom, talvez o homem também me levasse algum dia.

Tornei a passar o braço por seus ombros, apertando-os levemente, e corri os olhos pelos telhados.

– Você tem de torcer para que isso nunca mais aconteça, Joseph – murmurei, fazendo que seus olhos castanhos derramassem mais lágrimas.

O Golden Rule não proporcionou mais informações significativas naquela noite, nem os outros residentes do prédio e do quarteirão que interrogamos. Antes de deixar o local, no entanto, senti que deveria perguntar ao menino Joseph se queria deixar o emprego com Scotch Ann – ele parecia jovem demais para aquela atividade, até mesmo para os padrões dos bordéis, e achei que havia uma boa possibilidade de Kreizler o aceitar no Instituto, como um caso de caridade. No entanto, Joseph, órfão desde os três anos, já se cansara de institutos, orfanatos e lares adotivos (para não mencionar vielas e vagões de trem vazios), e meus argumentos de que o lugar de Kreizler era “diferente” não surtiram o menor efeito. O Golden Rule era o único lar que ele já conhecera onde não era mal alimentado e surrado – por mais repulsiva que pudesse ser, Scotch Ann tinha interesse em manter seus garotos relativamente saudáveis e livres de cicatrizes. Esse fato contava mais para Joseph que qualquer coisa que eu pudesse dizer sobre os males e os perigos do estabelecimento. Além disso, suas suspeitas sobre homens que prometiam

uma vida melhor em outro lugar haviam sido aguçadas pela saga de Ali ibn-Ghazi e seu “santo”.

Por mais triste que me deixasse, a decisão de Joseph era inapelável: em 1896, não havia como prevalecer sobre a determinação do menino e persuadir uma agência do governo (como as que foram criadas em anos recentes) a retirá-lo à força do Golden Rule. Na ocasião, a sociedade norte-americana, de modo geral, não reconhecia (como a maior parte ainda não reconhece) que as crianças não podiam ser plenamente responsáveis pelas próprias ações e decisões: a infância nunca foi considerada pela maioria dos norte-americanos como um estágio separado e especial do crescimento, diferente da vida adulta, com próprias regras e leis. As crianças eram e ainda são encaradas como adultos em miniatura, e segundo as leis de 1896, se quisessem entregar a vida ao vício, isso só dizia respeito a elas e aos adultos que tinham sua guarda. Assim, parecia não haver mais nada que eu pudesse fazer, a não ser me despedir daquele assustado menino de dez anos e especular se ele seria o próximo a cruzar o caminho do carniceiro que andava assombrando casas de má fama como o Golden Rule. Contudo, quando já começava a me retirar ocorreu me uma ideia, que achei que poderia ajudar a manter Joseph seguro e também adiantar nossa investigação.

– Joseph – murmurei, abaixando-me para falar com ele, na entrada do clube –, você tem muitos amigos que trabalham em outros lugares como este?

– Muitos? – Ele levou um dedo à boca, pensativo. – Deixe-me ver... acho que conheço alguns. Por quê?

– Quero que repita para todos o que vou lhe dizer. O homem que matou Fatima já matou outras crianças que fazem esse tipo de trabalho; quase sempre garotos, mas talvez não só. O principal é lembrar que, por algum motivo que ainda não compreendemos, todos vêm de casas como a sua. Por isso, quero que diga a seus amigos que, daqui por diante, todos devem tomar muito cuidado com seus fregueses.

Joseph reagiu a essa declaração um tanto premente recuando um passo e

olhando para um lado e outro da rua, amedrontado; mas não fugiu.

– Por que apenas lugares como este?

– Como eu disse, ainda não sabemos. Mas é provável que ele volte, por isso, diga a todos para ficar de olhos bem abertos. Procurem por alguém que fique zangado quando um de vocês se mostra... – procurei a palavra –... difícil.

– Quer dizer... arrogante? – Perguntou Joseph. – É assim que Scotch Ann diz: arrogante.

– Certo. Ele pode haver escolhido Fatima por causa disso. Não me pergunte o motivo, porque não sei. Fique atento. E, o mais importante, não vá a lugar nenhum com ninguém. Nunca saia do clube, por mais que o homem pareça bondoso, por mais dinheiro que ofereça. E seus amigos devem fazer o mesmo. Combinado?

– Bem... combinado, sr. Moore – respondeu Joseph, falando devagar. – Mas talvez... talvez o senhor e o sargento detetive Isaacson possam voltar, de vez em quando, para ver como estamos por aqui. Aqueles outros tiras, os que vieram aqui hoje de manhã, pareciam não se importar. Só mandaram que ficássemos de bico fechado sobre Fatima.

– Tentaremos fazer isso, Joseph. – Tirei uma caneta e um papel do bolso do casaco. – E se você algum dia tiver qualquer coisa que queira contar a alguém, qualquer coisa que considere importante, vá a este endereço durante o dia ou a este aqui à noite.

Entreguei-lhe não apenas o endereço de nosso quartel-general, mas também o da casa de minha avó, na Washington Square, e especulei por um instante como a velha reagiria se um dia aquele menino batesse à porta. Depois, pedi que me desse o telefone do Golden Rule.

– Não procure outros policiais, conte tudo primeiro a nós. E não revele aos outros policiais que estivemos aqui.

– Não se preocupe – declarou o menino. – Vocês são os dois únicos policiais que conheço com quem eu falaria.

– Deve ser porque não sou da polícia – comentei, sorrindo.

O sorriso foi retribuído, e com um sobressalto compreendi que via outra pessoa nas feições de Joseph.

– Foi o que pensei – disse ele, franzindo o cenho, interrogativo. – Então, por que está tentando descobrir quem matou Fatima?

Pus a mão na cabeça do menino.

– Porque queremos acabar com isso.

Nesse momento, o som estridente da voz de Scotch Ann passou pela porta da frente do Golden Rule, e acenei com a cabeça em sua direção.

– É melhor você ir agora. Não se esqueça do que eu disse – falei para Joseph.

Em passos rápidos e infantis, Joseph desapareceu no interior do clube, e eu me empertiguei, deparando-me com Marcus sorrindo.

– Você conduziu a entrevista muito bem – ele comentou. – Passou muito tempo convivendo com crianças?

– Um pouco – respondi, sem acrescentar mais nada.

Eu não tinha o menor desejo de revelar quanto os olhos e o sorriso de Joseph haviam me lembrado de meu irmão, morto naquela idade.

Ao voltarmos, Marcus e eu discutimos as novas circunstâncias. Já convencidos de que nosso homem conhecia muito bem lugares como Golden Rule e o Paresis Hall, tentamos determinar quem, além dos fregueses, poderia frequentar aqueles antros. A ideia de um repórter ou ensaísta social como Jake Riis – um homem empenhado em denunciar os males da cidade, e talvez levado à loucura pelo excesso de exposição ao vício – ocorreu-nos, mas, no mesmo instante, concluímos que ninguém ainda realizara uma grande cruzada na imprensa contra a prostituição infantil, e muito menos a prostituição homossexual infantil. Isso nos deixava com missionários e outros agentes da igreja, uma categoria que parecia mais promissora: recordando o que Kreizler dissera sobre a ligação entre obsessões religiosas e assassinatos múltiplos, especulei se não estaríamos lidando com alguém determinado a ser a mão de

um deus rancoroso neste mundo. Kreizler dissera que não considerava provável uma motivação religiosa, mas ele poderia estar enganado – afinal, missionários e agentes religiosos costumavam andar pelos telhados quando realizavam seu trabalho nos cortiços; mas, por fim, Marcus e eu acabamos rejeitando essa hipótese pelo que Joseph nos contara. O homem que matara Ali ibn-Ghazi ia ao Golden Rule regularmente, e suas visitas passavam despercebidas. Qualquer cruzado reformador de algum valor se esforçaria ao máximo para ser o centro das atenções.

– Quem quer que ele seja, ou o que quer que seja – anunciou Marcus ao nos aproximarmos do número 808 da Broadway –, sabemos de uma coisa: que ele pode entrar e sair despercebido. Parece que pertence por completo a essas casas.

– Tem toda razão – concordei. – O que nos leva de volta aos fregueses, e isso significa que ele pode ser praticamente qualquer um.

– Sua teoria sobre algum freguês furioso ainda pode funcionar. Mesmo que não seja alguém de passagem, talvez ele tenha se cansado de ser passado para trás.

– Não tenho tanta certeza. Já vi homens que foram roubados por prostitutas. Eles podem espancá-las até deixá-las completamente ensanguentadas, mas, o tipo de mutilações que vimos... Ele precisaria ser louco.

– Nesse caso, talvez estejamos de volta a uma das teorias sobre o Estripador – disse Marcus. – Talvez seu cérebro esteja se deteriorando por uma doença... uma doença que ele pegou em um lugar como a casa de Ellison ou o Golden Rule.

– Não – respondi, unindo as mãos a minha frente e tentando deixar tudo bem claro em minha mente. – O único fator constante a que pudemos nos agarrar até agora é ele não ser louco. Não podemos duvidar disso agora.

Marcus fez uma pausa antes de falar, com certo cuidado:

– John, já se perguntou o que aconteceria se alguma das suposições básicas de Kreizler estiver errada?

Respirei fundo, cansado.

– Já, sim.

– E qual foi sua resposta?

– Se estiverem erradas, vamos fracassar.

– E você se satisfaz com isso?

Chegamos à esquina sudoeste da 11th Street com a Broadway, onde os bondes e carruagens transportavam as pessoas que passeavam no fim de semana. A pergunta de Marcus ficou pairando no ar por um momento, fazendo que eu me sentisse muito desligado dos ritmos normais da vida da cidade e bastante apreensivo com o futuro imediato. Pois de que valeriam todos aqueles terríveis conhecimentos que estávamos adquirindo se as suposições básicas fossem erradas?

– É uma estrada escura, Marcus, mas é a única que temos.

CAPÍTULO 19

Caiu um pouco de neve naquela noite, e a manhã de Páscoa encontrou a cidade coberta por um tênue pó branco. Às nove horas da manhã, o termômetro ainda não subira além de 5 °C (subiria mais tarde, mas bem pouco, e só por alguns minutos), e me senti tentado a permanecer em casa, a não sair da cama. No entanto, Lucius Isaacson tinha uma importante notícia para todos nós; pelo menos foi o que disse em um telefonema. Assim, com os sinos da Grace Church repicando e dezenas de fiéis de cabeça coberta passando por suas portas, voltei a nosso quartel-general, de onde saíra apenas meia dúzia de horas antes.

Lucius passara a noite anterior entrevistando o pai de Ali ibn-Ghazi, com quem quase nada descobrira. O velho Ghazi se mostrara reticente, ainda mais depois que Lucius exibira seu distintivo. No começo, Lucius pensara que aquele comportamento não cooperativo era apenas o método habitual dos moradores dos cortiços de lidar com a Polícia; mas, depois o senhorio de Ghazi contara a Lucius, no momento em que ele deixava o prédio, que o pai de Ali recebera naquela tarde a visita de alguns homens – incluindo dois padres. Sua descrição combinava com a da sra. Santorelli; mas o senhorio notara também que um dos sacerdotes usava o anel de sinete da Igreja Episcopal. Isso significava, por mais improvável que pudesse parecer, que protestantes e católicos trabalhavam juntos, com algum objetivo. O senhorio não pudera ajudar a determinar esse objetivo, pois não sabia sobre o que os dois sacerdotes haviam conversado com Ghazi; mas, logo depois que eles foram embora, Ghazi acertara os aluguéis atrasados, pagando em notas grandes. Lucius poderia ter nos dado a notícia na noite anterior, mas resolvera, ao sair do gueto sírio, fazer uma visita – breve, esperava – ao

necrotério. Queria verificar se o corpo de Ali fora examinado por um legista; e, nesse caso, descobrir qual fora o laudo oficial. Contudo, tivera de esperar ali por quase três horas. Por fim, fora informado que o corpo de Ali já havia sido removido para sepultamento; e a única cópia do relatório do legista, que o oficial de plantão informara a Lucius ser excepcionalmente breve, fora despachada para o gabinete do prefeito Strong.

Era impossível dizer com precisão quais seriam as intenções dos dois sacerdotes, o legista, o prefeito ou qualquer outro envolvido nessas atividades; mas, o mínimo que se podia afirmar era que estava havendo encobrimento e supressão de fatos. O pressentimento de que enfrentávamos um desafio maior do que apenas capturar nosso assassino – um pressentimento que aflorara depois do assassinato de Georgio Santorelli – começava a crescer e a nos deixar exasperados.

Espicaçada por esse sinistro fator irritante, nossa equipe assumiu e manteve um ritmo acelerado durante a semana subsequente. Os locais dos crimes e os bordéis foram visitados e revisitados pelos Isaacsons, que passavam horas tentando descobrir novas pistas, e os dias tentando arrancar informações de qualquer um que pudesse ter visto ou ouvido alguma coisa importante. Entretanto, de modo geral, esbarravam no mesmo muro de interferência que silenciara o pai de Ali ibn-Ghazi. Marcus, por exemplo, estava ansioso para submeter o vigia de Castle Garden a uma pressão muito mais severa do que fora capaz de exercer na noite da morte de Ali – mas, quando voltara ao velho forte, fora informado de que o vigia largara o emprego e deixara a cidade, sem dar nenhuma indicação de seu destino. Era seguro presumir, concordamos todos, que o homem levara, ao desaparecer, maços do dinheiro que os dois sacerdotes não identificados andavam distribuindo pela cidade.

Kreizler, Sara e eu, enquanto isso, persistimos no trabalho de revestir nosso homem imaginário, usando pessoas presas por crimes similares como pontos de referência. O mais triste é que não havia escassez de gente assim; na verdade, o número aumentava à medida que o tempo melhorava. Pelo menos

um incidente, bastante bizarro, foi de fato inspirado pelo tempo: Kreizler e eu investigávamos o caso de certo William Scarlet, preso em sua casa quando tentava matar a filha de oito anos com uma machadinha. Um guarda chamado ao local fora o alvo seguinte de Scarlet, e toda a vizinhança da esquina da 32th Street com a Madison Avenue ficara acordada por horas devido aos delírios ensandecidos do atacante. Tanto a filha quanto o guarda haviam escapado sem ferimentos mais graves. Ao ser capturado, a única explicação de Scarlet fora que a tempestade que se abatera sobre a cidade na noite anterior o levara à loucura. Por mais surpreendente que possa parecer, Kreizler não encontrara muita coisa para contestar isso. Scarlet amava de fato a filha, e no passado sempre demonstrara o maior respeito pela lei. Embora Laszlo se sentisse propenso a considerar a ação como uma decorrência de alguma profunda distorção no desenvolvimento mental de Scarlet, a possibilidade de que o som das trovoadas o levasse à insanidade temporária não podia ser de todo excluída. Qualquer que fosse o caso, não restava a menor dúvida de que se tratava de um exemplo de paroxismo passageiro de violência e, assim, era de pouco proveito para nós.

No dia seguinte, Kreizler levou Sara para investigar o caso de Nicolo Garolo, um imigrante que vivia na Park Row e apunhalara a cunhada e a sobrinha de três anos, depois de a menina supostamente haver alegado que Garolo andava tentando “machucá-la”. Para Laszlo, “machucar” significava com certeza um atentado sexual; e também era intrigante o fato de todos os envolvidos serem imigrantes. A relação familiar, em última análise, limitava a relevância do crime para nosso trabalho, mas a cunhada de Garolo forneceu a Sara um material interessante para a construção de suas mulheres imaginárias.

Além de tudo isso, ainda tínhamos de examinar todos os jornais, duas vezes por dia, a fim de recolher as informações úteis publicadas. É verdade que se tratava de um processo indireto, já que os jornais de Nova York, um a um, haviam interrompido a cobertura dos assassinatos dos garotos prostitutos nos

dias seguintes ao crime em Castle Garden. Ainda por cima, o grupo de cidadãos que deveria estar se organizando para uma visita ao gabinete do prefeito em busca de informações nunca chegou a se viabilizar. Em suma, o breve lampejo de interesse pelo caso fora dos guetos de imigrantes, depois do assassinato de Ali ibn-Ghazi, já se extinguira, deixando os jornais diários sem nada para nos oferecer, a não ser as notícias de outros assassinatos por todo o país. Nós os estudávamos sempre, pacientemente, em um esforço para obter mais elementos que pudessem ser usados na elaboração de teorias.

Não era um trabalho dos mais animadores, pois embora Nova York pudesse ser o maior centro norte-americano de crimes violentos, em particular as variedades dirigidas contra crianças, o resto do país dava sua contribuição para manter bem altas as estatísticas nacionais. Havia, por exemplo, o vagabundo de Indiana (outrora internado em um hospício, mas pouco antes solto como são) que matara os filhos de uma mulher que o contratara para pequenos serviços; ou a menina de treze anos, em Washington, cuja garganta fora cortada no Rock Creek Park, sem nenhum motivo que alguém pudesse adivinhar; e o reverendo de Salt Lake City que assassinara sete meninas e incinerara os corpos em uma fornalha. Estudamos todos esses casos e muitos outros – para ser mais preciso, cada novo dia nos oferecia pelo menos um incidente ou criminoso para comparar com nosso retrato em desenvolvimento. Sem dúvida, a maioria desses exemplos envolvia um comportamento de natureza paroxística: eram acessos de raiva induzidos por álcool ou drogas, que passavam com o retorno da sobriedade, ou disfunções temporárias do cérebro (como em certos tipos raros de ataque epiléptico), que entravam em remissão sozinhas. De vez em quando, porém, havia um caso que envolvia premeditação cuidadosa; e quando eram publicadas as avaliações dos examinadores mentais nesses casos, ou saíam nos jornais os relatos dos julgamentos dos culpados, podíamos às vezes obter algumas percepções verdadeiras.

Até os empregados de Kreizler contribuíam para a busca de uma solução,

por meio do exemplo ou da participação direta. Já descrevi minhas especulações sobre Mary Palmer, e o possível paralelo entre seu caso e o nosso. Esses pensamentos foram devidamente avaliados, e seus aspectos relevantes registrados no quadro-negro; mas a própria Mary nunca foi consultada a respeito, pois Laszlo continuava a insistir que ela devia saber o mínimo possível sobre o caso. Cyrus, em contrapartida, conseguira pôr as mãos em grande parte do material de leitura que Kreizler nos indicara, e devorara tudo com a maior ansiedade. Não fazia comentários durante as reuniões, a não ser em resposta a perguntas, mas, nessas ocasiões, costumava provar que era bastante perceptivo. Em uma conferência à meia-noite, por exemplo, quando especulávamos sobre a condição mental e física de nosso assassino logo depois de cometer seus crimes, deparamo-nos de repente com o fato de que nenhum de nós jamais tirara a vida de outro ser humano. Sabíamos, é claro, que havia alguém na sala que já o fizera, mas ninguém sentia o menor desejo de pedir a Cyrus uma opinião abalizada – isto é, exceto Kreizler, que não viu problema em formular a pergunta de forma simples e direta. Cyrus respondeu da mesma maneira, confirmando que depois de seu ato de violência não seria capaz de nenhum planejamento elaborado, nem de um esforço físico mais extenso; mas todos nos surpreendemos quando ele acrescentou àquela declaração alguns pensamentos interessantes sobre Cesare Lombroso, o italiano que era às vezes considerado o pai da criminologia moderna.

Lombroso postulara a existência de um “tipo” criminoso de ser humano (em essência, um retrocesso ao homem selvagem primitivo), mas Cyrus declarou que considerava aquela teoria implausível, tendo em vista a ampla variedade de motivações e comportamentos que – como descobrira recentemente – podiam estar envolvidos nas ações criminosas – incluindo a sua. Um fato interessante era que o dr. H. H. Holmes, o assassino em massa que esperava o enforcamento na Filadélfia, declarara durante o julgamento que se considerava o representante do tipo criminoso de Lombroso. A degeneração

mental, moral e física explicava suas ações, alegara Holmes, e, por isso, a responsabilidade legal deveria ser reduzida. O argumento não fora aceito no tribunal; e depois de discutir o seu e outros casos, concluímos que o trabalho de nosso assassino não poderia ser atribuído a um retrocesso evolucionário, tanto quanto o de Holmes. Nos dois casos, a capacidade intelectual demonstrada era por demais expressiva.

E depois houve o dia em que o jovem Stevie Taggert me conduziu a um encontro com os Isaacsons sob a ponte do Brooklyn. Stevie continuava a levar meus "recados" regularmente, e o processo de manter essa atividade oculta de Kreizler forjara um vínculo entre nós, o que permitia uma comunicação franca. Seja como for, recebemos uma manhã o aviso de que duas meninas que brincavam na Rose Street, sob a arcada da ponte do Brooklyn, haviam encontrado uma carroça abandonada, cujo compartimento de carga continha um crânio humano, um braço e uma mão. Embora o crime não parecesse um trabalho de nosso assassino em termos de estilo, o fato de a carroça ter sido deixada sob uma ponte recordava a tendência de nosso homem para a água e estruturas próximas, e, por isso, achamos que valia a pena dar uma olhada. No entanto, as partes do corpo eram de um adulto, e impossíveis de identificar; e como Marcus não encontrasse na carroça impressões digitais que combinassem com as de nosso assassino, ele e Lucius liberaram o achado macabro, entregando-o ao legista da cidade. A fim de evitar perguntas, retirei-me na caleche antes da chegada dos homens do necrotério.

Durante o percurso de volta, Stevie me fez uma pergunta:

– Sr. Moore, sobre o homem que estão procurando... ouvi o dr. Kreizler comentar outro dia que nenhum dos garotos mortos havia sido... sabe como é, senhor, "assaltado". É verdade?

– É, sim, pelo menos até agora. Por que, Stevie?

– Isso me faz pensar, senhor. Não significa que ele não é veado?

Eu me aprumei diante da indagação abrupta; às vezes, era preciso fazer um

esforço para lembrar que Stevie só tinha doze anos.

– Não, isso não significa que ele não é... veado, Stevie. Mas, o fato de que suas vítimas fazem esse trabalho também não significa que ele não seja.

– Acha possível que ele apenas odeie veados?

– Pode ser algo assim.

Fomos avançando pelo tráfego intenso da Houston Street; Stevie ia absorto em sua linha de raciocínio, parecendo indiferente às prostitutas, aos viciados, aos traficantes e aos mendigos que enxameavam ao nosso redor.

– O que estou pensando, sr. Moore, é que talvez ele seja mesmo um veado, e talvez também *odeie* veados. Como aquele guarda que queria me pegar na ilha Randall.

– Não estou entendendo.

– No tribunal, quando eu estava sendo julgado por rachar a cabeça do sujeito, tentaram me fazer passar por louco dizendo que ele tinha esposa e filhos, essas coisas. Então, como podia gostar de homem? E no reformatório, quando ele pegava dois garotos se agarrando, agia com rigor. Não fui o primeiro com quem ele tentou. Pensei que talvez ele tivesse toda aquela maldade porque... porque nunca soube no fundo o que realmente era. Entende agora, sr. Moore?

O mais extraordinário era que eu entendia. Havíamos tido longas discussões no quartel-general sobre as tendências sexuais de nosso assassino, e haveria muitas outras antes que a investigação fosse encerrada; contudo, Stevie chegara perto de resumir todas as nossas conclusões em uma única declaração.

Não havia um só de nós cujo cérebro não estivesse funcionando sem parar em busca de ideias e teorias que impulsionassem a investigação; mas, como era de esperar, ninguém trabalhava com mais afinco que Kreizler. Na verdade, seus esforços se tornaram tão contínuos – e às vezes tão excessivos –, que comecei a me preocupar com sua saúde física e nervosa. Depois de passar vinte e quatro horas a sua mesa com uma pilha de almanaques e uma

folha de papel grande, com as quatro datas dos assassinatos recentes (1º de janeiro, 2 de fevereiro, 3 de março e 3 de abril), tentando elucidar o mistério de quando nosso homem escolhia matar, seu rosto era tão pálido e abatido que mandei Cyrus levá-lo para casa para descansar um pouco. Recordei o comentário de Sara: que Kreizler parecia ter algo pessoal em jogo no trabalho que realizávamos. E embora desejasse pedir a ela que se explicasse, receava que essa conversa só servisse para ressuscitar minha tendência a especular sobre o relacionamento pessoal dos dois, o que não era da minha conta, nem conduzia a um trabalho produtivo no caso.

Certa manhã, porém, a discussão se fez inevitável, quando Kreizler – revigorado por uma longa noite de sono no Instituto, onde havia tido problemas com um novo estudante e seus pais – empenhou-se sem pausa na avaliação da competência mental de um homem que esquartejara a esposa em um altar improvisado em casa. Nos últimos dias, Laszlo andava recolhendo evidências para apoiar a teoria de que nossos assassinatos eram conduzidos como rituais extravagantes, durante os quais o assassino – a exemplo de um dervixe maometano – usava uma ação física extremada, mas bastante formal, para alcançar o alívio psíquico. Kreizler baseava essa ideia em vários fatos: todos os garotos haviam sido estrangulados antes de ser mutilados, proporcionando ao assassino, assim, um controle absoluto da situação; além disso, as mutilações seguiam um padrão coerente, concentrado na remoção dos olhos; e, por fim, cada morte ocorrera perto da água, e em uma estrutura cuja função derivava da água. Sabia-se que outros assassinos consideravam seus feitos sangrentos como ritos pessoais, e Kreizler acreditava que se conseguisse falar com vários deles, começaria a compreender como interpretar quaisquer mensagens que pudessem estar contidas nas mutilações. Esse trabalho, no entanto, era muito exigente para os nervos, mesmo para um alienista experiente como Kreizler; acrescentemos a isso o estado geral de exaustão por excesso de trabalho e teremos uma fórmula para encrenca.

Na manhã em questão, Sara e eu – acabando de chegar ao número 808 da

Broadway, momento em que Kreizler saía – por acaso o observamos quando ele tentava embarcar na caleche, por pouco não desmaiando. Ele dissipou a vertigem com sais de amônia e uma risada, mas Cyrus nos informou que fazia dois dias que Kreizler não dormia de verdade.

– Ele vai se matar se não diminuir o ritmo – comentou Sara, enquanto a caleche partia e nos encaminhávamos para o elevador. – Ele vem tentando compensar a falta de pistas e fatos concretos com esforço. Como se pudesse forçar uma resposta.

– Ele sempre foi assim – respondi, sacudindo a cabeça. – Mesmo quando éramos meninos, Laszlo estava sempre empenhado em alguma coisa, e sempre levava tudo muito a sério. Naquele tempo, parecia engraçado.

– Mas acontece que agora ele não é mais um menino e precisa aprender a cuidar de si mesmo.

Era o lado duro de Sara falando; e foi em um tom diferente que ela indagou, com uma indiferença afetada, sem olhar para mim:

– Nunca houve nenhuma mulher na vida dele, John?

– Houve sua irmã – respondi, sabendo que não era isso o que ela queria saber. – Eram muito ligados, mas agora ela está casada com um inglês, baronete, ou algo parecido.

Com aparente esforço, Sara permaneceu imparcial.

– Mas ele não teve ligações com outras mulheres... em termos românticos?

– Ah, sim. Houve Frances Blake. Ele a conheceu em Harvard, e por uns dois anos todos pensavam que acabariam se casando. Mas eu nunca pensei isso; juro por meu dinheiro que ela era uma megera. O que não impedia que Laszlo a achasse encantadora.

Um sorriso malicioso surgiu no rosto de Sara, e ela contraiu o lábio superior.

– Talvez ela o fizesse lembrar alguém.

– A mim, só lembrava uma bruxa. Escute, Sara, o que queria dizer quando comentou que Laszlo parece ter algo pessoal em jogo? Pode explicar?

– Não sei direito, John – ela respondeu, enquanto entrávamos no quartel-general e encontrávamos os Isaacsons empenhados em uma veemente discussão sobre detalhes de provas. – Mas, uma coisa eu posso dizer...

Sara baixou a voz, indicando que não desejava falar a respeito na presença de outras pessoas, ao acrescentar:

– É mais do que apenas sua reputação, e mais do que apenas curiosidade científica. É algo antigo e profundo. Dr. Kreizler, seu amigo, é um homem muito profundo.

E então, Sara seguiu para a cozinha para fazer um chá, e me deixei envolver na discussão dos Isaacsons.

Assim passamos a maior parte de abril, com o tempo esquentando mais e mais, as pequenas informações sempre chegando, encaixando-se em seus lugares, e questões sobre os outros se aprofundando, sem serem tratadas abertamente. Haveria tempo para explorar essas questões mais tarde, repetia eu para mim mesmo – pois tudo o que importava nesse momento era o trabalho, a missão que assumíramos, e da qual dependiam muitas vidas. O foco era fundamental – o foco e a preparação, a disposição para enfrentar qualquer coisa que gerasse a mente do homem que procurávamos. Assumi uma atitude confiante, achando que depois de ver duas de suas vítimas já conhecia o pior que ele tinha a oferecer.

No entanto, um incidente no final do mês nos apresentou um novo tipo de horror – um horror que, a sua maneira, era tão terrível quanto qualquer outra coisa com que nos deparáramos até aquele momento.

CAPÍTULO 20

No final de uma tarde bastante agradável de quinta-feira, eu estava sentado a minha escrivaninha lendo uma reportagem no *Times* sobre certo Henry B. Bastian, de Rock Island, Illinois, que vários dias antes matara três garotos que trabalhavam em sua fazenda; retalhara os corpos e dera os pedaços de comer aos porcos. (Os moradores da cidade não podiam conceber nenhuma causa para o infame crime; e quando os agentes policiais locais foram prender Bastian, ele se matara, eliminando, assim, toda e qualquer possibilidade de o mundo jamais descobrir ou estudar seus motivos.) Sara saíra para uma de suas idas cada vez mais raras à Mulberry Street, e Marcus Isaacson também se encontrava lá. Ele costumava visitar a Chefatura fora do expediente, a fim de vasculhar sem ser perturbado os arquivos de antropometria; ele ainda tinha a esperança de que nosso assassino tivesse uma ficha criminal anterior. Lucius e Kreizler estavam ocupados com uma longa tarde no Lunatic Asylium da ilha de Ward, onde andavam estudando os fenômenos de personalidades secundárias e disfunção do hemisfério cerebral, a fim de determinar se alguma dessas patologias poderia caracterizar nosso assassino.

Kreizler considerava remotas essas possibilidades, para dizer o mínimo, essencialmente porque os pacientes afligidos com dupla personalidade (derivando de trauma psíquico ou físico) não exibiam, de modo geral, a capacidade para amplo planejamento que nosso assassino demonstrara. Entretanto, Laszlo estava determinado a investigar até mesmo as teorias mais improváveis. Além disso, ele apreciava aquelas excursões com Lucius, que lhe permitiam trocar informações de seu precioso conhecimento médico por valiosas lições de ciência criminal. Assim, quando Kreizler telefonou, por

volta das seis horas, para dizer que ele e o sargento detetive haviam concluído a pesquisa, não me senti muito surpreso ao perceber mais vigor em sua voz do que ouvira nos últimos dias; e respondi com igual energia quando ele sugeriu que nos encontrássemos para um drinque no Brübacher's Wine Garden, na Union Square, onde poderíamos comparar anotações sobre as atividades do dia.

Passei mais meia hora com os jornais vespertinos, depois escrevi um bilhete para Sara e Marcus dizendo-lhes que fossem se encontrar conosco no Brübacher's. Após prender o bilhete na porta da frente, peguei uma bengala no elegante móvel do marquês Carcano e saí andando pela noite quente, tão feliz, poderia apostar, quanto qualquer outro homem que passasse o dia imerso em sangue, mutilação e assassinato.

O ânimo na Broadway era festivo, as lojas abertas até tarde para as compras noturnas de quinta-feira. Ainda não escurecera, mas a McCreery's aparentemente persistia em seu horário de iluminação do inverno: as vitrines eram como faróis brilhantes, oferecendo o que parecia ser uma satisfação inevitável para as multidões de passagem. Os serviços vespertinos já haviam terminado na Grace Church, mas uns poucos fiéis ainda se concentravam do lado de fora. Seus trajes leves eram um testemunho da chegada da primavera, havia tanto aguardada, mas irreversível. Batendo com a bengala na calçada, segui para o Norte, disposto a passar pelo menos alguns minutos no mundo dos vivos e a caminho de um dos melhores lugares para fazer isso.

"Papa" Brübacher, um autêntico dono de restaurante *gemütlich*, que sempre se mostrava contente ao ver um freguês habitual, possuía uma das melhores adegas de vinho e cerveja de Nova York, e o terraço do estabelecimento, de frente para o lado leste da Union Square, era um lugar ideal para observar as pessoas passeando pelo parque enquanto o sol mergulhava além da extremidade oeste da 14th Street. Todavia, esse não era o principal motivo para que homens elegantemente vestidos como eu frequentassem o lugar. Quando os bondes surgiram na Broadway, um motorneiro desconhecido

metera na cabeça que se os trilhos sinuosos em torno da Union Square não fossem percorridos a toda velocidade, o bonde perderia seu cabo. Seus companheiros de linha aceitaram essa teoria jamais comprovada, e não demorara muito para que o trecho da Broadway ao longo do parque fosse apelidado de “Curva do Morto”, por causa da frequência com que pedestres e cocheiros de carruagens inocentes perdiam a vida ou algum membro por causa dos bondes a toda velocidade. O terraço do Brübacher’s oferecia uma vista completa de toda essa ação; e nas tardes e noites quentes eram costumeiras, quando se ouvia ou se via um bonde se aproximando, as apostas entre os fregueses sobre a probabilidade da ocorrência de um acidente. De vez em quando, essas apostas chegavam a ser consideráveis, e o sentimento de culpa experimentado pelos vencedores quando havia uma colisão não era suficiente para acabar com o jogo. Na verdade, a frequência de acidentes – e, com isso, o volume de apostas – alcançara tamanhas proporções que o Brübacher’s ganhara o apelido de “Monument House”, e era agora uma escala obrigatória para qualquer visitante de Nova York que aspirasse ao título de apreciador de jogos.

Ao atravessar a 14th Street para a pequena ilha a leste da Union Square, que abrigava a esplêndida estátua equestre do general Washington esculpida por Henry K. Brown, comecei a ouvir os gritos habituais – “Aposto vinte dólares que a velha não vai conseguir!”; “O sujeito só tem uma perna, não vai dar!” – emanando da casa de Papa Brübacher. O chamado do jogo acelerou meus passos. Ao chegar, pulei a grade coberta de hera que cercava o terraço e me instalei com dois antigos companheiros. Depois de pedir uma Würzburger, suave e escura, com uma espuma tão espessa que parecia creme batido, só me levantei pelo tempo suficiente para abraçar o velho Brübacher, e depois comecei a fazer minhas apostas, com uma fúria total.

Quando Kreizler e Lucius apareceram, pouco depois das sete horas, meus amigos e eu havíamos testemunhado dois quase-acidentes com babás empurrando carrinhos de bebê e o roçar de um bonde contra um elegante

landau. Seguiu-se um acalorado debate sobre se esse último contato podia ser considerado uma colisão, e me esquivei com prazer, retirando-me para um canto relativamente remoto do terraço em companhia de Lucius e Kreizler, que pediu uma garrafa de Didesheimer. O debate em que eles estavam empenhados, no entanto, sobre partes e funções do cérebro, também não era dos mais fascinantes. O som distante de um bonde se aproximando foi o sinal para uma nova rodada de apostas. Eu acabara de apostar todo o conteúdo de minha carteira na agilidade de um vendedor de frutas quando levantei os olhos e me deparei com Marcus e Sara.

Pensei em sugerir que eles também participassem, já que o carrinho do vendedor estava bastante carregado e as apostas estavam equilibradas. No entanto, quando me detive para observar o rosto e atitude deles – Marcus nervoso, os olhos faiscando, Sara pálida e atordoada –, compreendi que ocorrera alguma coisa extraordinária e guardei meu dinheiro.

– O que aconteceu com vocês dois? – Indaguei, pondo minha caneca de cerveja em uma mesa. – Sara, você está bem?

Ela balançou a cabeça sem muito ânimo, e Marcus se pôs a esquadrinhar o terraço, ansioso, enquanto mexia as mãos incontrolavelmente.

– Um telefone – ele murmurou. – Onde há um telefone aqui, John?

– Ali, logo depois da porta. Diga a Brübacher que você é meu amigo. Ele o deixará...

No entanto, Marcus já entrava no restaurante, enquanto Kreizler e Lucius, que haviam interrompido sua conversa, levantavam-se, aturdidos.

– Sargento detetive – disse Kreizler, quando Marcus passou por ele –, houve alguém...

– Com licença, doutor. Eu preciso... Sara trouxe uma coisa que precisa ver.

Marcus avançou até o telefone, encostou o receptor cônico no ouvido e bateu várias vezes no gancho. Brübacher fitou-o, surpreso, mas a um aceno de cabeça meu deixou que ele continuasse.

– Telefonista? Alô, telefonista? – Marcus começou a bater o pé direito,

impaciente. – Telefonista! Preciso fazer uma ligação para Toronto. Isso mesmo, Canadá.

– Canadá? – Repetiu Lucius, arregalando os olhos. – Ah, Deus... Alexander Macleod! Isso significa...

Ele olhou para Sara, dando a impressão de que subitamente compreendia tudo por que ela passara; e então, foi para junto do irmão. Levei Sara à mesa de Kreizler. Ela tirou um envelope da bolsa.

– Isto chegou ao apartamento dos Santorelli ontem – disse Sara com voz seca e angustiada. – A sra. Santorelli levou à Chefatura de Polícia esta manhã. Não conseguia ler, e queria ajuda. Ninguém a ajudou, mas ela se recusou a ir embora. Encontrei-a sentada nos degraus da frente. E traduzi a carta. Pelo menos a maior parte.

Sara pôs o envelope na mão de Laszlo e baixou a cabeça, antes de acrescentar:

– Ela não quis ficar com a carta, e como não tem utilidade para ninguém na Chefatura, Theodore me pediu que a trouxesse para lhe mostrar, doutor.

Lucius veio se juntar a nós, e ele e eu observamos, ansiosos, Kreizler abrir o envelope. Ao ler o conteúdo, Laszlo respirou fundo e balançou a cabeça.

– É isso – murmurou ele, em um tom que parecia insinuar que já esperava por algo assim.

Depois, todos nos sentamos, e Kreizler, sem nenhum preâmbulo, leu a carta em voz baixa (preservei a ortografia original do autor nesta transcrição):

Minha prezada sra. Santorelli:

Não sei qual é a fonte das vis MENTIRAS que lê nos jornais, ou se a Polícia *tá* por trás de tudo e os repórteres são parte de suas *maquinasões*, mas acho que pode ser bom para você se eu aproveitar a *ocazião* para *por* as coisas em pratos limpos.

Em algumas partes deste mundo de onde vieram imigrantes nojentos como você se come carne humana regularmente, *jaque* outras comidas são *escassa* e as pessoas iam passar fome sem isso. Li isso

pessoalmente e sei que é verdade. Claro que em geral são *criansas* que as pessoas comem pois a carne é mais macia e tem mais bom gosto, ainda mais o traseiro de uma *criansa* pequena.

Então essas pessoas que comem isso *vêm* para a América e cagam suas *criansinhas* por toda parte, e isso é sujo, mais sujo que um índio pele-vermelha.

No dia 18 de fevereiro vi seu filho se exibindo com a cara cheia de tinta e cinzas. Decidi esperar, e *vi ele* várias vezes antes de uma noite em que *levei ele* para AQUELE LUGAR. Um garoto atrevido, eu já sabia que devia comer ele. E por isso a gente foi direto para a ponte e *amarrei ele* e acabei com ele *depresa*. Tirei os olhos e a bunda, e foi minha comida por uma semana, com cebola e cenoura.

Mas nunca *fudi* ele, embora *pudese* fazer isso, e ele bem que queria que eu *fudesse ele* na ocasião. Ele morreu sem ser conspurcado por mim, e os jornais deviam falar isso.

– Não há encerramento, nem assinatura – arrematou Kreizler, com uma voz que era pouco mais que um sussurro. – O que é compreensível.

Ele se recostou, fitando a carta na mesa.

– Santo Deus! – Balbuciei, arriando na cadeira.

– É mesmo ele – disse Lucius, pegando a carta e examinando-a. – Essa parte sobre... sobre as nádegas nunca foi noticiada em nenhum jornal.

Ele largou a carta e voltou para junto de Marcus, que ainda berrava o nome de Alexander Macleod ao telefone. Sara estava atordoada, e murmurou, com voz quase inaudível:

– Eu não podia traduzir tudo para a pobre mulher. Mas disse o essencial.

– Fez bem, Sara – disse Kreizler, tranquilizador, agachando-se ao seu lado e tomando cuidado para não ser ouvido por nenhuma outra pessoa no terraço: – Se o assassino sabe da existência dela, é melhor que ela também saiba que ele existe, e o que pensa; mas não precisava tomar conhecimento dos detalhes.

Laszlo voltou a sua cadeira e disse, batendo com um dedo na carta.

– Parece que a oportunidade colocou um tesouro em nossas mãos. Sugiro que o aproveitemos.

– Aproveitar? – Murmurei, ainda em choque. – Laszlo, como pode...

Ele me ignorou, voltando-se para Lucius.

– Sargento detetive, posso perguntar com quem seu irmão está tentando entrar em contato?

– Alexander Macleod – respondeu Lucius. – É o melhor perito em caligrafia da América do Norte. Marcus estudou com ele.

– Excelente! – Exclamou Kreizler. – O ponto ideal para começar. Com base nessa análise, poderemos passar para uma discussão mais generalizada.

– Esperem um pouco.

Levantei-me, tentando ao mesmo tempo manter a voz baixa e evitar que todo o horror e repulsa que sentia pela carta aflorassem; apesar disso, estava aturdido com a atitude deles.

– Acabamos de descobrir que esse... que essa *pessoa* não apenas matou o garoto, mas também o devorou, pelo menos em parte. O que esperam saber de algum especialista em caligrafia? – Inquiri.

Sara me fitou, fazendo um esforço visível para manter o controle.

– Não, John, eles estão certos. Sei que é horrível, mas pense um pouco.

– É isso mesmo, Moore – acrescentou Kreizler. – O pesadelo pode ter aumentado para nós, mas imagine quanto mais se aprofundou para o homem que procuramos. A mensagem indica que seu desespero atingiu novas profundidades. É possível até que ele esteja ingressando em uma fase terminal de emoções autodestrutivas.

– Mas o que é isso? Desculpe-me, Kreizler, mas pode me explicar o que está querendo dizer?

Meu coração continuava disparado e minha voz tremia, no empenho de mantê-la um sussurro.

– Ainda insiste que ele é são, que deseja ser capturado? Pelo amor de Deus, ele está *comendo* a carne de suas vítimas! – Completei.

– Não podemos ter certeza – interveio Marcus, baixinho, mas firmemente, inclinando-se pela porta para o terraço e cobrindo o bocal do telefone com dois dedos.

– Exatamente – disse Kreizler, levantando-se e contornando a mesa em minha direção, enquanto Marcus voltava a falar ao telefone. – Ele pode ou não estar comendo partes de suas vítimas, John. Só temos certeza de que ele nos diz que está comendo, sabendo que essa declaração só vai nos chocar e fazer que redobremos o trabalho para encontrá-lo. Isso é uma ação de um homem são. Lembre-se de tudo que descobrimos: se ele fosse louco, mataria, cozinharia a carne, comeria, e só Deus sabe o que mais, sem nunca contar a ninguém. Pelo menos não a alguém que soubesse que procuraria as autoridades com a informação. E pegando meus braços e apertando-os com força: – Pense por um momento no que ele nos deu: não apenas a caligrafia, mas também informações, uma vasta quantidade de informações a serem interpretadas.

Foi nesse instante que Marcus gritou “Alexander!” de novo, só que, dessa vez, com mais satisfação, e sorriu ao acrescentar:

– Sou eu mesmo, Marcus Isaacson, de Nova York. Tenho um problema um tanto urgente e preciso esclarecer alguns detalhes...

Marcus baixou a voz em seguida, inclinando-se para um canto, com o irmão ao seu lado acompanhando a conversa.

A conversa de Marcus ao telefone durou outros quinze minutos. Enquanto isso, a carta ficou na mesa, tão tétrica e inacessível, a sua maneira, quanto os cadáveres que o assassino deixara por toda Manhattan. Na verdade, sob um aspecto, era ainda mais assustadora: pois o assassino, apesar da realidade macabra de seus atos, fora até agora para nós pouco mais que uma imaginária colcha de retalhos de características pessoais. No entanto, ouvir sua voz específica e autêntica mudava tudo de repente. Ele não mais podia ser *qualquer um* pelas ruas – *ele* era *ele*, a única pessoa cuja mente podia planejar aqueles atos, a única pessoa capaz de se expressar com aquelas palavras.

Olhando ao redor, para os apostadores que berravam no terraço e os transeuntes que passavam pela rua, senti subitamente que era muito mais provável agora que eu o reconhecesse se o encontrasse. Era uma sensação nova e angustiante, e tive dificuldade de absorvê-la; contudo, mesmo enquanto a enfrentava, já podia perceber que Kreizler tinha razão. Quaisquer que fossem os pensamentos terríveis e perturbadores que dominavam o assassino, aquela mensagem não podia ser descartada como os desvarios de um louco – era sem dúvida coerente, embora ainda me faltasse descobrir até que ponto ia essa coerência.

Assim que voltou do telefone, Marcus pegou a carta na mesa e estudou-a com extrema atenção por uns cinco minutos. Depois, começou a soltar pequenos grunhidos afirmativos, e todos nós o fitamos, expectantes. Kreizler tirou do bolso um bloco e uma caneta, pronto para anotar qualquer coisa de valor. Os gritos dos apostadores continuavam a irromper a intervalos de poucos minutos, e pedi que falassem um pouco mais baixo. Era um pedido que, em circunstâncias normais, teria produzido uivos de indignação e desdém; mas minha voz devia deixar transparecer um pouco da urgência do momento, porque meus amigos me atenderam. E depois, à claridade cada vez menor daquela bela e fragrante tarde de primavera, Marcus pôs-se a falar, em voz baixa, mas incisiva:

– Há duas áreas gerais envolvidas no estudo da caligrafia – disse ele com voz seca e entusiasmada. – Primeiro, temos o exame do documento no sentido legal tradicional... uma rigorosa análise científica, tendo em vista a comparação e a determinação da autoria; e segundo, um grupo de técnicas que são mais... *especulativas*, digamos assim. Esse segundo grupo não é considerado científico pela maioria das pessoas e não tem muito peso nos tribunais. Mas já se mostrou muito útil em várias investigações.

Marcus lançou um olhar para Lucius, que acenou com a cabeça, sem dizer nada.

– Assim, vamos começar pelo básico.

Marcus fez uma pausa bastante prolongada para pedir uma Pilsener, que evitaria que sua garganta se tornasse ressequida, e continuou:

– O homem... pois a agressão com a caneta, neste caso, é sem dúvida masculina... que escreveu esta mensagem teve pelo menos vários anos de aprendizado formal, desenvolvendo sua caligrafia. Esse aprendizado ocorreu nos Estados Unidos, há não mais de quinze anos.

Não pude evitar um olhar surpreso, ao que Marcus explicou:

– Há sinais claros de que ele foi treinado, com afinco e em termos regulares, no sistema Palmer de caligrafia. Esse sistema foi introduzido em 1880, e logo adotado por escolas de todo o país. Permaneceu dominante, pode-se dizer assim, até o ano passado, quando começou a ser substituído no Leste e em algumas grandes cidades do Oeste pelo método Zaner-Blosser. Podemos presumir que a instrução primária de nosso assassino terminou, o mais tardar, quando ele tinha quinze anos de idade, o que significa que não deve ter agora mais que trinta e um anos.

Parecia uma sólida linha de raciocínio, e Kreizler anotou os dados no bloco com uma série de pequenos rabiscos, que seriam mais tarde transferidos para o quadro-negro no número 808 da Broadway.

– Muito bem, vamos em frente – continuou Marcus. – Se presumirmos que nosso homem tem agora cerca de trinta anos de idade e que deixou a escola aos quinze, ou mais cedo, então, ele teve outros quinze anos para desenvolver tanto a caligrafia quanto a personalidade. Não parece ter sido um período dos mais agradáveis. Para começar, como já adivinhamos, ele é um mentiroso e maquinador inveterado. Na verdade, conhece gramática e ortografia, mas vai a extremos para tentar fazer que pensemos que é um ignorante. Vejam, aqui em cima, no alto da mensagem, ele escreveu “maquinasões” e “ocazião”. Teve a ideia de nos persuadir de que é semianalfabeto, mas sua memória o traiu, pois no final da carta escreveu de novo “ocasião”, sem erro.

– Ou seja – interveio Kreizler –, podemos presumir que no fim da mensagem ele estava mais preocupado com impor sua posição que com

joguinhos.

– Exatamente, doutor – confirmou Marcus. – Sua caligrafia é bastante fluente. O fato de que os erros de ortografia são intencionais é indicado também pela letra; as passagens falsas são muito mais hesitantes, sem a mesma firmeza do resto. Os erros gramaticais revelam a mesma coisa: em alguns pontos, ele tenta imitar a fala de um camponês ignorante, mas, depois, é capaz de produzir uma frase como esta: “Ele morreu sem ser conspurcado por mim, e os jornais deviam falar isso”. É totalmente incoerente... mas, presumindo que revisou a carta depois de escrevê-la, ele não foi capaz de perceber a incoerência. Isso indica que, embora não se possa questionar que é um planejador competente, ele pode ter uma opinião exagerada sobre a própria astúcia.

Depois de outro gole de Pilsener, Marcus acendeu um cigarro e continuou, só então deixando as palavras saírem em um ritmo mais descontraído:

– Até aqui, estamos pisando em terreno sólido. Tudo isso é boa ciência, e seria aceito em um tribunal. Idade em torno dos trinta anos, vários anos de boa instrução, uma tentativa deliberada de nos enganar... nenhum juiz rejeitaria isso. Mas, agora, as coisas ficam menos precisas. A caligrafia em si revela aspectos de caráter? Muitos analistas acreditam que todas as pessoas, não apenas os criminosos, revelam suas atitudes básicas durante o ato físico de escrever, independentemente do que as palavras expressem. O trabalho de Macleod nessa área é extenso, e creio que pode ser útil aplicar seus princípios no caso.

Um súbito grito – “Puxa vida, nunca vi um gordo se mexer assim em toda minha vida!” – emergiu do outro lado do terraço, e eu já ia pedir de novo para que falassem mais baixo quando meus amigos se anteciparam e tomaram a providência. Então, Marcus pôde continuar:

– Em primeiro lugar, a escrita transversal e a extrema angulação de muitas letras sugerem um homem que se encontra bastante atormentado; e ele está sob uma enorme tensão interior e não consegue encontrar nenhuma outra

maneira de descarregar sua raiva. Na verdade, os movimentos bruscos da mão... estão vendo aqui? São tão pronunciados que podemos presumir uma tendência para a violência, talvez até mesmo para o sadismo. Mas a coisa não é tão simples assim, porque há outros elementos contrastantes. No registro mais alto, que é chamado de “zona superior” da caligrafia, podemos observar esses pequenos floreios da caneta. Em geral, indicam uma pessoa dotada de imaginação. Nas partes inferiores, no entanto, também ocorre bastante confusão. É mais evidente na tendência de pôr as voltas de letras como *g* e *f* do lado errado da haste. Não acontece sempre, mas o fato de se repetir é importante, tendo em vista que ele foi treinado em caligrafia, e em todas as outras ocasiões é deliberado e calculista.

– Excelente! – Proclamou Kreizler, mas não pude deixar de notar que sua caneta não se movia. – Mas tenho de especular, sargento detetive, se esses últimos elementos não poderiam ter sido adivinhados pelo conteúdo da mensagem, assim como por sua análise inicial e um pouco mais científica da caligrafia.

Marcus sorriu e acenou com a cabeça.

– É bem provável. E isso demonstra por que a suposta arte de interpretar a personalidade pela caligrafia ainda não foi aceita como ciência. Mas pensei que seria útil incluir as observações, porque, no mínimo, demonstram que não há contradição entre o conteúdo e a caligrafia na mensagem. Se fosse falsa, é quase certo que se encontraria esse tipo de diferença.

Kreizler aceitou o comentário com um movimento de cabeça, embora continuasse sem anotar nada.

– Não tenho mais nada a falar sobre a caligrafia – concluiu Marcus, enquanto tirava do bolso o frasco com pó de carvão. – Agora, vou procurar impressões digitais nas bordas do papel, para ver se combinam com as que temos de nosso assassino.

Enquanto ele trabalhava, Lucius, que estivera examinando o envelope, falou:

– Não há nada de revelador no carimbo postal. A mensagem foi despachada do Old Post Office, ao lado do prédio da prefeitura, mas nosso homem deve ter viajado para ir até lá. Ele é cuidadoso o bastante para prever que o carimbo postal seria examinado. Mas, também, não podemos excluir a possibilidade de que ele more naquela área.

Marcus tirara do bolso um jogo de fotografias de impressões digitais e as comparou com a carta, já borrada.

– Hmm... – murmurou ele. – Há uma impressão igual.

Com isso, desvaneceu-se a esperança irrealista, mas persistente, de que a carta fosse uma falsificação.

– O que nos deixa a tarefa considerável de interpretar o conteúdo. – Disse Kreizler, tirando o relógio do bolso e verificando as horas: quase nove. – Seria melhor se estivéssemos com a mente descansada, mas...

– Tem toda razão – interveio Sara, com o equilíbrio já recuperado –, *mas.*

Todos nós sabíamos o que significava aquele "mas" – nosso assassino não daria tréguas para que seus perseguidores pudessem descansar. Com esse pensamento premente, levantamos para retornar ao número 808 da Broadway, onde tomaríamos um café. Quaisquer compromissos que algum de nós houvesse sido tolo o bastante para marcar à noite estavam implicitamente cancelados.

Ao deixarmos o terraço, Laszlo tocou em meu braço, indicando que queria uma conversa em particular.

– Eu esperava estar enganado, John – murmurou ele, enquanto os outros se adiantavam. – E ainda posso estar, mas... desconfiei desde o início que nosso homem vem observando nossos esforços. Se estiver certo, é bem provável que ele tenha seguido a sra. Santorelli até a Mulberry Street e verificado todas as pessoas que falaram com ela. Sara diz que traduziu a mensagem para a pobre coitada perto dos degraus da frente do prédio... o assassino, se lá se encontrava, teria visto a conversa. Pode ter seguido Sara até aqui e talvez esteja nos observando neste momento.

Voltei-me para observar a Union Square e as ruas ao redor, mas Kreizler me puxou para trás com um movimento brusco.

– Não... não seja tão óbvio. Também não quero que os outros desconfiem disso. Sara em particular. Pode afetar o trabalho deles. Mas você e eu devemos redobrar as precauções.

– Mas... *observando-nos?* Por quê?

– Vaidade, talvez – respondeu Laszlo. – Ou desespero.

Fiquei confuso.

– Você disse que desconfiava disso desde o início?

Kreizler balançou a cabeça, enquanto partíamos atrás dos outros.

– Desde que encontramos aquele trapo ensanguentado na caleche no primeiro dia. A página rasgada em que estava embrulhado era...

– Um artigo seu – arrematei. – Foi o que pensei.

– Isso mesmo. O assassino devia estar vigiando a âncora da ponte na ocasião em que visitei o local. Creio que a página foi o jeito que ele encontrou de demonstrar que *reconhecia* minha presença. E também de escarnecer de mim.

– Mas, como pode ter certeza de que foi mesmo o assassino que deixou aquilo? – Indaguei, procurando por uma maneira de evitar a angustiante conclusão de que estivéramos, pelo menos em caráter intermitente, sob o escrutínio de um assassino.

– O pedaço de pano – explicou Kreizler. – Embora ensanguentado e sujo, tinha uma grande semelhança com a camisa do garoto Santorelli; e você deve estar lembrado de que faltava uma manga.

A nossa frente, Sara começou a olhar para trás, inquisitiva, exortando Laszlo a andar mais depressa.

– Lembre-se, Moore – acrescentou ele. – Nem uma só palavra aos outros.

Kreizler se adiantou, apressado, ao encontro de Sara, deixando-me a lançar mais um olhar nervoso para as profundezas escuras do Union Square Park, do outro lado da 4th Avenue.

As apostas, como se costuma dizer, eram cada vez mais altas.

CAPÍTULO 21

Em primeiro lugar – anunciou Kreizler ao entrarmos em nosso quartel-general naquela noite e começarmos a nos acomodar em nossas respectivas escrivaninhas –, creio que podemos por fim descartar uma incerteza persistente.

No canto superior direito do quadro-negro, sob o título ASPECTOS DOS CRIMES, havia a palavra SOZINHO com um ponto de interrogação em seguida – que Laszlo então apagou. Já havia uma relativa certeza de que nosso assassino não tinha cúmplices: nenhuma dupla ou equipe de criminosos, havia sido nosso raciocínio, poderia se empenhar naquele comportamento por anos sem que alguém se revelasse. Durante a fase inicial da investigação, o único obstáculo a essa teoria fora a questão de como um único homem poderia se movimentar pelas paredes e telhados dos vários bordéis e locais dos crimes; Marcus, no entanto, resolvera esse problema. Assim, embora o uso da primeira pessoa do singular na carta não fosse conclusivo em si, parecia, quando considerado com os outros fatos, uma prova definitiva de que se tratava de um homem solitário. Todos nós balançamos a cabeça, concordando com esse raciocínio, e Kreizler continuou:

– Agora, vamos ao tratamento. Por que "*Minha prezada* sra. Santorelli"?

– Pode ser uma questão de hábito – respondeu Marcus. – Seria coerente com a instrução dele.

– "*Minha* prezada"? – Interveio Sara. – Na escola, as crianças não aprendem a dizer apenas "prezada"?

– Sara tem razão – disse Lucius. – É afetuoso e informal demais. Ele sabe que sua carta deixará a mulher arrasada, e gosta disso. Brinca com ela, sádico.

– Concordo – declarou Kreizler, sublinhando a palavra SADISMO, já escrita no lado direito do quadro-negro.

– E eu gostaria de ressaltar, doutor – acrescentou Lucius com convicção –, que isso demonstra ainda mais a natureza de sua caçada.

(Nos últimos dias, Lucius se convencera de que os aparentes conhecimentos anatômicos de nosso assassino derivavam do fato de ele ser um caçador consumado, por causa da natureza de muitas de suas atividades.)

– Já tratamos do aspecto da sede de sangue, mas isso confirma outra coisa, algo além até da caçada sangrenta. Trata-se de uma mentalidade esportiva – concluiu.

Laszlo avaliou a situação.

– Seu argumento tem procedência, sargento detetive – disse ele, escrevendo ESPORTIVO na área entre INFÂNCIA e INTERVALO. – Mas precisarei de algo um pouco mais convincente – fez um ponto de interrogação depois da palavra –, tendo em vista o requisito prévio e suas implicações.

O requisito prévio para o assassino ser um esportista, em termos simples, era certo tempo de lazer na juventude, quando ele poderia ter se empenhado em caçar não apenas pela sobrevivência, mas também pelo prazer. Isso, por sua vez, indicava que ele tinha uma criação urbana de classe superior (sendo a classe superior a única que dispunha de tempo para lazer naquela época, antes das leis sobre o trabalho infantil, quando até os pais de classe média tendiam a pôr sua prole para trabalhar por longas horas) ou que fora criado em uma região rural. Cada pressuposição teria restringido nossa busca de forma significativa, e Laszlo precisava ter certeza absoluta de nosso raciocínio antes de poder aceitar uma das duas opções.

– Quanto à declaração inicial – continuou Kreizler –, além da ênfase em “mentiras”...

– Essa palavra foi bastante ressaltada – interveio Marcus. Há muito sentimento por trás.

– Ou seja, mentiras não constituem um fenômeno novo para ele –

extrapolou Sara. – A impressão que se tem é de que ele está muito acostumado com desonestidade e hipocrisia.

– E, mesmo assim, mostra-se indignado – comentou Kreizler. – Alguma teoria?

– Isso está ligado aos garotos – sugeri. – Em primeiro lugar, eles se vestem como meninas: é uma forma de impostura. Além disso, também se prostituem, e devem ser dóceis. Mas sabemos que os que ele matou podiam ser rebeldes.

– Ótimo – disse Kreizler, com um aceno de cabeça. – Portanto, ele não gosta de embustes. Contudo, também é um mentiroso. Precisamos de explicações para isso.

– Ele aprendeu – propôs Sara. – Foi exposto à desonestidade, talvez cercado por todos os lados, e a odeia. Mas a absorveu como um método de conseguir o que quer.

– E esse tipo de aprendizado só precisa ser feito uma vez – acrescentei. – É como a violência: você viu, não gostou, mas aprendeu. A lei do hábito e interesse, como diz o professor James; nossa mente trabalha com base no autointeresse, na sobrevivência do organismo, e nossos meios habituais de perseguir esse interesse são definidos quando somos crianças e adolescentes.

Lucius pegara o primeiro volume dos *Principles*, de James, e abrira em uma página determinada.

– “O caráter foi moldado como argamassa” – citou ele, erguendo um dedo – “para nunca mais amolecer.”

– Ainda que... – estimulou Kreizler.

– Ainda que esses hábitos se tornem contraproducentes na vida adulta – respondeu Lucius no mesmo instante, virando uma página e esquadrinhando-a com um dedo. – Aqui está: “O hábito condena todos nós a travar a batalha da vida com base em linhas de nossa educação e opções iniciais, e tirar o melhor proveito de uma busca divergente, porque não há outra para a qual estejamos capacitados, e também é tarde demais para começar.”.

– Que leitura animadora, sargento detetive – comentou Kreizler –, mas precisamos de exemplos. Postulamos uma experiência ou experiências violentas originais, talvez de natureza sexual...

Laszlo fez uma pausa, indicando um pequeno quadrado em branco na seção INFÂNCIA do quadro-negro, abaixo do subtítulo MODELOS DE VIOLÊNCIA E/OU MOLESTAMENTO. Prosseguiu: –... que desconfiamos ser a base de sua compreensão e prática desse comportamento. Mas, o que dizer das fortes emoções baseadas na desonestidade? Podemos deduzir a mesma coisa?

Dei de ombros

– É óbvio que ele pode ter sido acusado disso. Injusta e provavelmente, com frequência.

– Procede – concordou Kreizler, escrevendo no lado esquerdo do quadro-negro a palavra DESONESTIDADE, e embaixo, CHAMADO DE MENTIROSO.

– Não esqueçamos a situação de família – acrescentou Sara. – Há muita mentira em uma família. O adultério é, provavelmente, a primeira coisa em que pensamos, mas...

– Mas não se coaduna com a violência – arrematou Kreizler. – E desconfio que deveria. Poderia a desonestidade se aplicar à violência, a incidentes violentos que foram deliberadamente ocultos e permaneceram sem ser admitidos, tanto dentro quanto fora da família?

– É claro – respondeu Lucius. – E seria ainda pior se a *imagem* da família fosse muito diferente.

Kreizler sorriu, com uma satisfação genuína.

– Exatamente. Portanto, se temos um pai que socialmente é respeitável, mas em casa espanca a esposa e os filhos...

O rosto de Lucius se contraiu levemente.

– Eu não me referia necessariamente a um pai. Poderia ser qualquer pessoa da família.

Laszlo o interrompeu.

– O pai seria a maior traição.

– Não a mãe? – Indagou Sara, cautelosa.

Havia mais na questão que apenas o assunto em discussão. Naquele momento, parecia que ela tentava interpretar Laszlo tanto quanto ao assassino.

– Não há literatura que sugira isso – explicou Kreizler. – As recentes descobertas de Breuer e Freud sobre a histeria apontam para o abuso sexual pré-adolescente praticado pelo *pai*, em quase todos os casos.

– Com o devido respeito, dr. Kreizler – protestou Sara –, Breuer e Freud parecem bastante confusos sobre o significado de suas descobertas. Freud começou por presumir o abuso sexual como a base para toda a histeria, mas, há pouco, ele parece ter mudado de opinião, e concluiu que as *fantasias* relativas ao abuso podem ser a causa, de fato.

– É verdade – reconheceu Kreizler. – Há muita coisa que permanece indefinida no trabalho deles. Eu mesmo não posso aceitar a ênfase invariável no sexo, com a exclusão até mesmo da violência. Mas, encare o problema de um ponto de vista empírico, Sara: quantas famílias que você conhece são regidas por mães dominadoras e violentas?

Sara deu de ombros.

– Há mais de uma espécie de violência, doutor; mas terei mais a dizer sobre isso quando chegarmos ao fim da carta.

Kreizler já escrevera PAI VIOLENTO, MAS RESPEITÁVEL FORA DE CASA no lado esquerdo do quadro-negro, e parecia disposto, ansioso até, a seguir adiante.

– Todo o primeiro parágrafo – disse ele, batendo com a mão na mensagem –, apesar dos erros deliberados de ortografia, possui um tom coerente.

– Percebe-se isso de imediato – assegurou Marcus. – Ele já concluiu em sua mente que há muita gente em seu encalço.

– Creio que sei onde está querendo chegar, doutor – disse Lucius, mais uma

vez vasculhando a pilha de livros e papéis em sua mesa. – Um dos artigos que nos deu para ler, um que traduziu pessoalmente... ah! – Ele tirou um maço de papéis da pilha. – Aqui está... dr. Krafft-Ebing. Ele analisa a "monomania intelectual", assim como o que os alemães chamam de "*primäre Verrücktheit*", e propõe a substituição dos dois termos por "paranoia".

Kreizler balançou a cabeça, escrevendo a palavra PARANOIDE na seção INTERVALO no quadro-negro.

– Sensação de perseguição, talvez até mesmo alucinações, que se enraizaram depois de alguma experiência ou conjunto de experiências emocionais traumáticas, mas que não resultam em demência: é a definição admiravelmente sucinta de Krafft-Ebing, e parece se ajustar. Duvido muito que nosso homem já se encontre em um estado de delírio, mas, mesmo assim, é bem provável que seu comportamento seja antissocial. O que não significa que procuramos um misantropo; isso seria simples demais.

– Os assassinatos não poderiam satisfazer esse impulso antissocial? – Perguntou Sara. – E deixá-lo, no resto do tempo, com um exterior normal e... ora, participativo, funcional?

– Talvez funcional *demais* – concordou Kreizler. – Ele não deve ser um homem que, na opinião dos vizinhos, seria capaz de chacinar crianças e comê-las.

Ele anotou essas ideias e se voltou de novo para nós.

– E assim, chegamos ao segundo e ainda mais extraordinário parágrafo.

– Uma coisa parece clara de imediato – proclamou Marcus. – Ele não tem viajado muito para exterior. Não sei o que ele anda lendo, mas o canibalismo disseminado não é comum na Europa nos últimos tempos. Eles são capazes de comer praticamente qualquer coisa, mas não uns aos outros. É verdade que nunca se pode ter muita certeza em relação aos alemães...

Marcus fez uma pausa, olhou para Kreizler e se apressou a acrescentar:

– Sem ofensas, é claro, doutor.

Lucius bateu com a mão na testa, mas Kreizler se limitou a exibir um

sorriso irônico. As idiossincrasias dos lsaacsons já não o deixavam perplexo.

– Não me senti ofendido, sargento detetive; e, na verdade, tem razão: nunca se pode ter certeza sobre os alemães. Mas, se aceitarmos que suas viagens se restringiram aos Estados Unidos, como fica sua teoria de que as habilidades do homem como montanhista indicam uma herança europeia?

Marcus deu de ombros.

– Primeira geração de norte-americanos. Os pais eram imigrantes.

Sara respirou fundo.

– Imigrantes nojentos!

O rosto de Kreizler assumiu outra vez uma expressão de satisfação.

– É verdade – disse ele, escrevendo PAIS IMIGRANTES no lado esquerdo do quadro-negro. – A frase irradia aversão, não é mesmo? É o tipo de ódio que, em geral, tem uma raiz específica, por mais obscura que possa ser. Neste caso, é provável que ele tivesse um relacionamento conturbado com um ou ambos os pais desde pequeno, acabando por desprezar tudo neles, incluindo sua herança.

– No entanto, é a herança dele também – comentei. – Isso pode explicar, em parte, sua selvageria com as crianças. É autoaversão, como se tentasse limpar a sujeira de si mesmo.

– Uma frase interessante, John– disse Kreizler. – E voltaremos a isso. Mas há uma questão mais prática a ser respondida aqui. Diante das habilidades de caçador e montanhista, e agora a suposição de que não anda viajando ao exterior, podemos dizer alguma coisa sobre suas origens geográficas?

– A mesma coisa de antes – respondeu Lucius. – Ou uma família urbana rica ou uma comunidade rural.

– Sargento detetive? – Disse Laszlo, olhando para Marcus. – Alguma região específica seria melhor que outra para esse treinamento?

Marcus sacudiu a cabeça.

– É possível aprender isso em qualquer lugar que tenha formações rochosas importantes, o que significa inúmeros lugares nos Estados Unidos.

– Entendo – concordou Laszlo, com certo desapontamento. – Isso não nos ajuda muito. Vamos deixar isso de lado por ora e passar para o segundo parágrafo. A linguagem parece confirmar sua teoria sobre os “floreios da parte superior” da caligrafia, Marcus. É, de fato, um relato imaginativo.

– E de uma imaginação infernal – murmurei.

– Tem razão, John – disse Kreizler. – Sem dúvida, excessiva e mórbida.

Lucius estalou os dedos.

– Esperem um instante – disse ele, tornando a examinar seus livros. – Estou me lembrando de uma coisa...

– Desculpe-me, Lucius – gritou Sara com um dos seus sorrisos insinuantes –, mas eu ganhei. – Ela levantou uma publicação médica aberta. – Isto se aplica à discussão sobre desonestidade, doutor. Em seu artigo “Um programa para o estudo de anormalidades mentais em crianças”, o dr. Meyer relaciona alguns dos sinais de alerta para prever um futuro comportamento perigoso; e o excesso de imaginação é um deles.

Sara leu um trecho do artigo publicado em *Handbook of the Illinois Society for Child-Study,* em janeiro de 1895:

– “Normalmente, as crianças podem reproduzir de forma voluntária todos os tipos de imagem mental no escuro. Isso passa a ser anormal quando as imagens mentais se tornam uma obsessão, isto é, não podem ser suprimidas. As imagens que geram medo e sentimentos desagradáveis, em particular, tendem a se tornar fortes demais.” – Sara enfatizou a frase final da citação: – “A imaginação excessiva pode levar à construção de mentiras e ao impulso irresistível de impingi-las aos outros.”.

– Obrigado, Sara – murmurou Kreizler.

IMAGINAÇÃO MÓRBIDA entrou no quadro-negro tanto na seção INFÂNCIA quanto em ASPECTOS, o que me deixou intrigado. Quando pedi uma explicação, Laszlo respondeu:

– Ele pode ter escrito esta carta na vida adulta, John, mas uma imaginação tão distintiva não surge na maturidade. Sempre esteve com ele... e isso

confirma o que diz Meyer, diga-se de passagem, pois essa criança se tornou, de fato, perigosa.

Marcus batia com um lápis na mão, pensativo.

– Alguma possibilidade de que a questão do canibalismo tenha sido um pesadelo da infância? Ele diz que leu sobre isso. Teria sido na infância? O efeito seria ainda maior.

– Formule a si mesmo uma pergunta mais básica – sugeriu Laszlo. – Qual é a força maior por trás da imaginação normal? A imaginação normal, mas também, e particularmente, a mórbida?

Sara não teve dificuldade para responder:

– O medo.

– O medo do que você vê – insistiu Laszlo – ou do que ouve?

– Dos dois – declarou Sara. – Mas, acima de tudo, do que você ouve... "nada é tão terrível na realidade" etc.

– Ler não é uma forma de audição? – Indagou Marcus.

– É, sim, mas até as crianças ricas só aprendem a ler depois de muitos anos de infância – respondeu Kreizler. – Apresento isso apenas como uma teoria, mas suponho que a questão do canibalismo foi antes o que é agora: uma ficção com a intenção de apavorar. Agora, porém, nosso homem, em vez de ser a parte aterrorizada, é o aterrorizador. Como o interpretamos até agora, acaso ele não consideraria isso bastante satisfatório, divertido até?

– Mas, quem disse isso a ele? – Perguntou Lucius.

Kreizler deu de ombros.

– Quem costuma aterrorizar as crianças com histórias?

– Os adultos que querem fazer que elas se comportem – apressei-me a responder. – Uma vez, meu pai contou uma história sobre a câmara de torturas do imperador japonês que me deixou muitas noites sem dormir imaginando cada detalhe...

– Excelente, Moore! É minha posição também.

– Mas, o que dizer sobre... – as palavras de Lucius tornavam-se um pouco

hesitantes. – O que dizer sobre... desculpem, mas ainda não sei como falar de certas coisas na presença de uma dama.

– Então, finja que não há nenhuma presente – sugeriu Sara, impaciente.

– Está bem – murmurou Lucius, ainda contrafeito. – O que dizer sobre o foco em... nádegas?

– Ah, sim – disse Kreizler. – Faz parte da história original, poderíamos pensar? Ou uma distorção inventada por nosso homem?

– Bem...

Havia me ocorrido uma ideia, mas, como Lucius, eu não sabia direito a melhor maneira de expressá-la na frente de uma mulher.

– As... ahn... referências não apenas a sujeira, mas também a... matéria fecal...

– Ele usa o verbo *"cagar"* – disse Sara bruscamente.

Todos na sala, até mesmo Kreizler, pareceram pular, sobressaltados, por um instante. Ela acrescentou, com certo desdém:

– Para ser franca, senhores, se eu soubesse que seriam tão recatados, eu teria me dedicado ao trabalho de secretária.

– Quem é recatado? – Repliquei, sem a veemência de outras vezes.

– *Você,* John Schuyler Moore. Por acaso, sei que de vez em quando você paga representantes do sexo feminino para passarem momentos de intimidade em sua companhia. Devo supor que *elas* ignoram esse tipo de linguagem?

– É claro que não! – Protestei, ciente de que meu rosto brilhava como um farol vermelho. – Elas não eram... não eram...

– Não eram o quê? – Insistiu Sara, solene.

– Não eram... ora, não eram damas!

Ao ouvir isso, Sara se levantou, pôs uma das mãos no quadril, e com a outra tirou sua pistola de alguma parte do vestido.

– Gostaria de avisar a todos neste momento que o próximo homem que usar a palavra "dama" nesse contexto em minha presença, passará a *cagar* por um buraco novo e artificial em suas tripas.

Então, guardou a arma e se sentou de novo.

A sala permaneceu silenciosa como um túmulo por meio minuto. Até que Kreizler murmurou:

– Estava falando sobre as referências a cagar, não é mesmo, Moore?

Lancei um olhar injuriado e indignado a Sara – que a miserável ignorou por completo –, e retomei meu pensamento:

– Parecem relacionadas... todas as referências escatológicas e a preocupação com essa parte da anato...

Pude sentir que os olhos de Sara abriam um buraco na lateral de minha cabeça, e arrematei, com o tom mais desafiador de que fui capaz: – e a preocupação com a bunda.

– Tem razão – concordou Kreizler. – Relacionadas em termos metafóricos, além de anatômicos. É desconcertante; e não há muita literatura sobre esses assuntos. Meyer especulou sobre possíveis causas e implicações da incontinência urinária noturna, e qualquer um que trabalhe com crianças encontra um paciente ocasional com uma fixação anormal por fezes. A maioria dos psicólogos e alienistas, no entanto, considera que se trata de uma forma de misofobia, medo mórbido de sujeira e contaminação, o que o nosso homem, sem dúvida, parece ter.

Kreizler escreveu a palavra MISOFOBIA no centro do quadro-negro, mas, depois, deu um passo atrás, observando-a, insatisfeito.

– Contudo, parece haver mais que apenas isso...

– Doutor – disse Sara –, tenho de lhe pedir mais uma vez para ampliar seus conceitos de pai e mãe neste caso. Sei que suas experiências com crianças além de certa idade são tão profundas quanto as de qualquer outra pessoa, mas já teve um envolvimento íntimo com os cuidados dispensados a um bebê?

– Só como médico – respondeu Kreizler. – E em raras ocasiões. Por que, Sara?

– Não é um momento da infância em que os homens costumem pensar, de

modo geral. Algum de vocês conhece homens que tivessem uma participação maior no cuidado a crianças menores de... digamos, três ou quatro anos de idade?

Todos nós sacudimos a cabeça. Desconfio que mesmo que alguém conhecesse um homem assim, trataria de negar, só para manter a pistola oculta. Sara se voltou para Laszlo de novo.

– E quando se encontram crianças com uma fixação anormal na defecação, doutor, que forma isso costuma assumir?

– Ou um impulso excessivo ou uma relutância mórbida. De modo geral.

– Impulso ou relutância a quê?

– A ir ao banheiro.

– E como aprenderam a ir ao banheiro? – Persistiu Sara.

– São ensinadas.

– Por homens, em geral?

Kreizler precisou fazer uma pausa. A linha de inquisição havia parecido obscura a princípio, mas agora todos podíamos perceber onde Sara queria chegar: se a preocupação um tanto excessiva de nosso assassino com fezes, nádegas e a mais generalizada "sujeira" (afinal, nenhuma outra coisa era mencionada com mais frequência na carta) houvesse sido incutida na infância, era provável que estivesse envolvido no processo o contato com uma mulher, ou mulheres – mãe, enfermeira, babás ou qualquer relacionamento parecido.

– Entendo – disse Kreizler, por fim. – Posso presumir, Sara, que observou pessoalmente o processo?

– Em algumas ocasiões. E tenho ouvido histórias. Uma mulher costuma ouvir, pois sempre se presume que vai precisar do conhecimento. Todo o processo pode ser surpreendentemente difícil... embaraçoso, frustrante, e às vezes até violento. Eu não levantaria o assunto, não fosse pela insistência das referências. Isso não sugere alguma coisa fora do normal?

Laszlo inclinou a cabeça para o lado.

– É possível, mas receio não poder considerar essas observações conclusivas.

– Não podemos pelo menos considerar a possibilidade de que uma mulher... talvez a mãe, mas não necessariamente... tenha desempenhado um papel mais sinistro do que você admitiu até agora?

– Espero não parecer refratário a toda e qualquer possibilidade – declarou Kreizler, voltando-se para o quadro-negro, mas sem escrever nada. – Mas receio que nos desviamos demais pelo reino do que é apenas plausível.

Sara se recostou, outra vez desapontada pelo resultado de suas tentativas de fazer Kreizler avistar outra dimensão na descrição imaginária de nosso assassino. E devo confessar que também me senti um pouco confuso; afinal, o próprio Kreizler havia pedido a Sara que aventasse essas teorias, sabendo que nenhum de nós poderia fazê-lo. Rejeitar as ideias dela dessa maneira parecia arbitrário, na melhor das hipóteses, ainda mais quando elas davam a impressão (para ouvidos semitreinados, pelo menos) de serem tão racionais quanto as hipóteses de Kreizler.

– O ressentimento contra os imigrantes se repete no terceiro parágrafo – continuou Kreizler. – E temos aqui uma referência a “pele-vermelha”. Além de outra tentativa de nos fazer pensar que ele não passa de um ignorante, que outras conclusões podemos tirar?

– A frase inteira parece importante – disse Lucius. – “Mais sujo que um índio pele-vermelha.” Ele procurava um superlativo, e foi isso o que encontrou.

Marcus pensou a respeito por um momento.

– Se presumirmos que o ressentimento do imigrante é baseado na família, então, ele próprio não é um índio; mas deve ter tido contato com índios.

– Por quê? – Indagou Kreizler. – O ódio racial não exige contatos.

– Não, mas as duas coisas costumam se acompanhar. – Insistiu Marcus. – E veja a frase em si: é bastante casual, como se ele naturalmente associasse sujeira com índios e presumisse que todo o mundo também faz o mesmo.

Anuí, balançando a cabeça.

– Isso só acontece no Oeste. Não é comum ouvir esse tipo de comentário no Leste; não porque sejamos mais esclarecidos, é claro, mas porque bem poucas pessoas partilham esse ponto de referência. O que estou querendo dizer é que se ele escrevesse “mais sujo que um negro”, poderíamos supor o Sul, certo?

– Ou a Mulberry Street – sugeriu Lucius.

– Ou alguém com excesso de imaginação – acrescentou Sara.

– Mas pode funcionar como uma indicação geral – insisti.

– É a implicação óbvia – comentou Kreizler, suspirando, e deixando-me um pouco irritado. – Mas alguém, em algum lugar, já disse que nunca devemos ignorar o óbvio. O que acha, Marcus? A ideia de que ele tenha sido criado na fronteira o atrai?

Marcus refletiu por um minuto.

– Tem seus atrativos. Em primeiro lugar, explica a faca, que é uma arma da fronteira. Também nos oferece os aspectos de caça, recreação e por aí afora, sem a necessidade de uma criação como rico. E embora haja muito terreno para a prática do montanhismo no Oeste, ele se concentra em áreas específicas, o que pode nos ajudar. Ainda por cima, há comunidades inteiras de imigrantes alemães e suíços por lá.

– Então, vamos marcar isso como uma possibilidade concreta, embora não possamos ir mais adiante no momento – disse Kreizler, fazendo a anotação no quadro-negro. – Isso nos leva ao parágrafo seguinte, quando nosso homem por fim se torna mais específico.

Kreizler tornou a pegar a carta, começando a massagear a nuca com a outra mão, devagar.

– No dia 18 de fevereiro ele avista o garoto Santorelli. Depois de ter passado mais tempo do que me agrada admitir estudando calendários e almanaques, posso lhes adiantar sem hesitação que o dia 18 de fevereiro deste ano foi a Quarta-feira de Cinzas.

– Ele menciona cinzas no rosto – acrescentou Lucius. – Isso significaria que o garoto foi à igreja.

– Os Santorelli são católicos – ressaltou Marcus. – Não há muitas igrejas nas proximidades do Paresis Hall, nem católicas nem de outras fés, mas podemos tentar uma investigação em uma área mais ampla. Talvez alguém se lembre de ter visto Georgio. Ele chamaria bastante atenção, ainda mais no cenário de uma igreja.

– E é sempre possível que o assassino o tenha avistado pela primeira vez perto da igreja – sugeri. – Ou mesmo lá dentro. Se tivermos sorte, alguém pode haver testemunhado o encontro.

– Parece que vocês dois já planejaram o fim de semana – disse Kreizler.

Compreendendo que havíamos acabado de propor a nós mesmos longas horas de andanças, Marcus e eu franzimos o cenho um para o outro.

– Mas o uso da palavra "exibindo" me faz duvidar que tenham se encontrado em uma casa de devoção, em particular em um lugar onde Georgio fosse apenas acompanhar o serviço religioso.

– Isso sugere que o garoto estava oferecendo sua mercadoria – comentei.

– Sugere muita coisa. – Laszlo pensou por um momento. – Exibindo... Pode se ajustar à sua ideia de que o homem sofre de alguma incapacidade ou deformidade, Moore. Há uma insinuação de inveja na palavra, como se ele próprio estivesse excluído de tal comportamento.

– Não vejo assim – interveio Sara. – Para mim, parece mais... desdenhosa. Pode ser apenas uma decorrência da ocupação de Georgio, é claro, mas não creio. Não há compaixão nem simpatia no tom, apenas rigor. E certo senso de familiaridade, como ocorre na referência a mentiras.

– Certo – concordei. – É o tom de sermão que se obtém de um mestre-escola que sabe quais são nossas intenções porque também já foi um menino.

– Ou seja, você está dizendo que ele despreza uma exibição ostensiva de comportamento sexual não por ter sido impedido de desempenhar essas atividades, mas sim porque já as realizou? – Perguntou Laszlo, inclinando a

cabeça para o lado, aturdido. – É possível. Mas os adultos da vida dele não teriam reprimido essas extravagâncias? E isso não nos leva de volta à ideia de inveja, mesmo que não haja nenhuma deformidade física?

– Mas, ainda assim, a questão deve ter causado uma cena, pelo menos uma vez – aventou Sara –, para que essas restrições fossem fixadas.

Laszlo pensou um pouco; balançou a cabeça.

– Seu argumento procede, Sara.

Isso a levou a exibir um sorriso rápido, mas satisfeito, enquanto Kreizler continuava:

– E quer ele desafiasse a proibição ou a ela se submetesse, a semente da dificuldade futura teria sido plantada. Ótimo.

Kreizler fez algumas anotações rápidas a respeito no lado esquerdo do quadro-negro.

– Muito bem, passemos para a tinta e as cinzas.

– Ele junta as duas coisas com a maior facilidade – disse Lucius –, mas, para o observador médio, pareceria haver uma incoerência. Posso apostar que o sacerdote da igreja pensou assim.

– É como se uma coisa não fosse melhor que a outra – acrescentou Marcus. – O tom permanece bastante depreciativo.

– E isso nos apresenta um problema. – Kreizler foi até sua mesa e pegou uma agenda encadernada, com uma cruz na capa. – Ele viu Georgio Santorelli pela primeira vez no dia 18 de fevereiro, e duvido muito que o encontro tenha sido acidental. A especificidade sugere que ele procurava por aquele tipo de garoto, naquele dia em particular. Temos de presumir, portanto, que o fato de ser Quarta-feira de Cinzas é significativo. Além disso, as cinzas, junto com a tinta, parecem ter intensificado sua reação, que foi essencialmente de raiva. Isso pode sugerir que ele se ressentia da presunção do prostituto ao participar de um ritual cristão. Contudo, como os sargentos detetives ressaltaram, na linguagem do homem não há nenhuma demonstração de reverência pelo ritual. Muito pelo contrário. Ainda não

admiti, até agora, que lidamos com um homem que sofre de uma obsessão religiosa. As características evangélicas e messiânicas que tendem a marcar essas patologias não se apresentam, nem mesmo nesta mensagem. E apesar de minha convicção sobre esse aspecto haver sido um pouco enfraquecida, admito, pela programação dos assassinatos, que as indicações continuam contraditórias. – Kreizler estudou o calendário. – Se houvesse algum significado para o dia em que Georgio foi morto...

Sabíamos a que ele se referia. Suas recentes investigações sobre as ocasiões dos assassinatos haviam revelado que todos, à exceção de um, podiam ser vinculados ao calendário cristão: 1º de fevereiro era o dia da circuncisão de Jesus e o Festival dos Tolos; 2 de fevereiro era a Purificação da Virgem Maria; e Ali ibn-Ghazi havia morrido na Sexta-feira Santa. Houve dias santificados em que não ocorreram assassinatos, é claro... a Epifania, por exemplo, transcorreu sem incidentes, assim como as Cinco Chagas de Cristo, em 20 de fevereiro. Entretando, se 3 de março, data da morte de Santorelli, tivesse alguma conotação cristã, poderíamos contar com relativa certeza de que havia algum tipo de elemento religioso relacionado com a escolha das datas por nosso homem. Contudo, não havia nenhuma conotação.

– Neste caso, estamos de volta à teoria do ciclo lunar – disse Marcus.

Era uma antiga sabedoria popular que passáramos algum tempo a debater, segundo a qual um comportamento como o de nosso assassino se relacionava com a lua cheia, transformando-o em um verdadeiro “lunático”.

– Ainda não me agrada – murmurou Kreizler, com um aceno de mão e os olhos ainda fixos no calendário.

– A Lua costuma ser relacionada a outras mudanças físicas e de comportamento – lembrou Sara. – Por exemplo, muitas mulheres acreditam que ela controla o ciclo menstrual.

– E os impulsos de nosso homem parecem obedecer a alguma espécie de ciclo – acrescentou Lucius.

– Tem razão – respondeu Kreizler. – Mas a sugestão dessa não provada

influência Astrológica sobre a Psicobiologia nos afasta da natureza ritualista do assassinato. O alegado canibalismo é um novo e aparentemente distinto elemento desses rituais, devo admitir, mas a selvageria vem crescendo de forma sistemática, e isso era quase previsível. Mas a ausência dessa característica em particular no assassinato de ibn-Ghazi sugere que ele pode ter se aventurado em uma área que, independentemente das declarações chocantes na mensagem, não era, de fato, de seu gosto.

Houve um hiato na conversa, e foi nesse momento que uma ideia começou a se formar em minha mente. Resolvi falar, avaliando cada palavra com o maior cuidado:

– Kreizler, vamos presumir por um instante que estamos certos quanto a todos esses aspectos. Você mesmo disse que isso parece reforçar ainda mais a ideia de que há um elemento religioso nos assassinatos.

Kreizler se voltou para mim. O cansaço começava a transparecer em seus olhos.

– Podemos encarar assim.

– Onde ficam nossos dois sacerdotes? Já concluímos que o comportamento deles pode muito bem ser considerado como uma tentativa de proteger alguém. Não podemos supor que seja um dos seus?

– Ah – murmurou Lucius –, está pensando em alguém como aquele reverendo de Salt Lake City, John?

– Exatamente. Um santo homem que degringolou. Um homem com uma segunda vida, uma vida secreta. Vamos supor que seus superiores tenham tomado conhecimento do que ele anda fazendo, mas não consigam localizá-lo por algum motivo; talvez ele esteja se escondendo. O potencial de escândalo seria enorme. E tendo em vista o papel que as Igrejas católica e episcopal desempenham na vida desta cidade, seus líderes poderiam, com a maior facilidade, recrutar a ajuda não apenas do gabinete do prefeito, mas também dos homens mais ricos de Nova York, para abafar o caso. Isto é, até que pudessem resolver tudo de forma privada.

Recostei-me, sentindo certo orgulho por essa dedução, mas à espera da reação de Kreizler. Seu silêncio persistente não parecia um bom sinal, por isso, acrescentei, um tanto contrafeito:

– É apenas uma ideia.

– E uma ideia danada de boa – avaliou Marcus, batendo com o lápis, entusiasmado, em sua mesa.

– Pode ser o elo para ligar muitas coisas – concordou Sara.

Kreizler por fim começou a reagir com um lento aceno de cabeça.

– Pode ser – murmurou ele, enquanto escrevia PADRE INCÓGNITO? no meio do quadro-negro. – As características de criação e personalidade que projetamos podem se ajustar a um homem do clero tanto quanto a qualquer outro. E o fato de ser um sacerdote oferece uma atraente alternativa a uma obsessão religiosa. Poderia haver conflitos pessoais se desenvolvendo de acordo com uma programação que parece natural para ele, até mesmo conveniente. Uma investigação mais profunda daqueles outros dois sacerdotes com toda certeza nos dará mais esclarecimentos sobre o assunto. – E voltando-se: – E isso...

– Já sei, já sei – murmurei, erguendo a mão. – Os sargentos detetives e eu.

– É ótimo quando se antecipam a nós da maneira correta – comentou Kreizler, rindo.

Enquanto Marcus e eu discutíamos por um instante nossas crescentes tarefas de investigação para os próximos dias, Lucius tornou a examinar a mensagem e anunciou:

– A linha seguinte parece nos levar de volta à ideia de sadismo. Ele decide esperar e vê o garoto várias vezes antes do assassinato. Mais uma vez, brinca com sua vítima, mas sabe todo o tempo o que vai fazer. É o caçador sádico.

– Mas receio que não haja nada de novo nessa frase, pelo menos até chegarmos ao final. – Disse Kreizler, batendo com o giz no quadro-negro. – “Aquele lugar”; a única expressão, além de “mentiras”, escrita em maiúsculas.

– Ódio de novo – disse Sara. – Contra o Paresis Hall, em particular, ou contra o tipo geral de comportamento praticado ali?

– Talvez as duas coisas – propôs Marcus. – Afinal, o Paresis Hall atende a uma clientela bastante específica: homens que querem meninos que se vistam como mulheres.

Kreizler continuou batendo no espaço abaixo de MODELOS DE VIOLÊNCIA E/OU MOLESTAMENTO.

– Voltamos à essência da questão. Não se trata de um homem que odeie todas as crianças, nem de um que odeie todos os homossexuais; nem mesmo, diga-se de passagem, de um homem que odeie todos os garotos prostitutos que se vestem como mulheres. É um homem de gostos bastante específicos.

– Mas ainda o considera homossexual, não é mesmo, doutor? – Perguntou Sara.

– Apenas no sentido em que o Estripador de Londres poderia ser chamado de heterossexual porque suas vítimas por acaso eram mulheres – respondeu Kreizler. – A questão é quase irrelevante; isso não prova muita coisa. Ele pode ser homossexual, como também pode ser pedófilo, mas o sadismo é a perversão predominante, e a violência parece ser muito mais característica de seus contatos íntimos que os sentimentos sexuais ou amorosos. É possível até que ele não seja capaz de distinguir entre violência e sexo. Com toda certeza, qualquer excitação parece depressa se traduzir em violência. E isso, estou certo, é um padrão que foi consolidado durante as experiências iniciais de sua formação. Os antagonistas nesses episódios eram, sem dúvida, do sexo masculino. Esse fato é mais manifesto que qualquer orientação homossexual genuína quando ele escolhe suas vítimas.

– Ou seja, foi um homem que cometeu esses primeiros atos? – Indagou Lucius. – Ou talvez outro menino?

Kreizler deu de ombros.

– Uma pergunta difícil. Mas sabemos de uma coisa: certos garotos inspiram no assassino uma raiva tão profunda, que ele desenvolveu toda sua existência

em torno dessa manifestação. Que garotos? Como Moore ressaltou, aqueles que são, aos olhos do assassino, ou de fato, enganadores, além de insolentes.

Sara indicou a carta com um aceno de cabeça.

– “Atrevido”...

– Isso mesmo – respondeu Kreizler. – Acertamos nessa suposição. Também postulamos que ele opta pela violência como forma de expressar sua raiva porque aprendeu a agir assim em algum tipo de cenário doméstico, provavelmente de um pai violento, cujas ações nunca eram admitidas nem punidas. Qual foi a causa dessa violência original, na medida em que nosso assassino compreendeu isso? Também já especulamos a respeito.

– Espere um pouco – disse Sara, em um momento de percepção. – Completamos o círculo, não é mesmo, doutor?

– Tem razão. – Kreizler traçou uma linha de um lado a outro do quadro-negro, das características do assassino às de suas vítimas. – Se nosso assassino foi, na juventude, um mentiroso, sexualmente precoce, ou em geral tão malcomportado que precisava ser aterrorizado, além de surrado, ele era, de alguma maneira fundamental, *muito parecido com os garotos que está matando agora.*

Isso, como dizem, era um pensamento. Se, ao cometer aqueles crimes, nosso assassino estivesse não apenas tentando destruir elementos intoleráveis do mundo ao seu redor, mas também, ainda mais fundamental, partes de si mesmo que não podia suportar, então Kreizler podia muito bem estar certo sobre seu ingresso em uma fase nova e mais autodestrutiva; na verdade, sob essa perspectiva, a autodestruição eventual parecia quase uma certeza. Afinal, por que, perguntei a Kreizler, o homem haveria de considerar tão intoleráveis esses aspectos de si mesmo? E se isso acontecia, por que simplesmente não mudá-los?

– Você mesmo explicou, Moore – respondeu Kreizler. – Só fazemos esse tipo de aprendizado uma vez. Ou, parafraseando nosso antigo mestre, esse assassino tira o melhor proveito de uma atividade de que discorda porque não

há outra para a qual seja capacitado, e é muito tarde para ele começar tudo de novo. No resto do quarto parágrafo, ele descreve o sequestro do garoto, usando um tom bastante imperativo. Menciona desejo? Não. Ele nos diz que "devia". E devia porque são essas as leis pelas quais seu mundo, por mais desagradável que seja, sempre funcionou. Ele se tornou o que o professor James chama de um "mero feixe ambulante de hábitos", e abandonar esses hábitos implicaria abandonar a si mesmo. Lembra-se do que falamos em uma ocasião sobre Georgio Santorelli, que ele passou a associar sua sobrevivência psíquica com as atividades que levavam o pai a espancá-lo? Nosso homem não é muito diferente. Não há dúvida de que ele gosta de seus assassinatos tão pouco quanto Georgio Santorelli apreciava seu trabalho. Para ambos, porém, essas atividades eram, e continuam a ser, vitais, apesar da autoaversão que podem gerar; e que você já percebeu nesta mensagem, Moore.

Preciso confessar que eu não tinha plena consciência de quantas declarações incisivas fizera naquela noite; mas já não tinha a menor dificuldade de acompanhar a maneira como Laszlo as desenvolvia.

– Ele volta a isso no final da carta – observei. – O comentário de que Georgio não fora "conspurcado" por ele; a sujeira que despreza está, na verdade, nele; é parte de si mesmo.

– E seria transmitida pelo ato sexual – acrescentou Marcus. – Tem razão, doutor, o sexo não é algo que ele valorize ou aprecie. Seu objetivo é a violência.

– Não é possível que talvez ele nem seja capaz de fazer sexo? – Indagou Sara. – Isto é, pela criação que estamos supondo. Em um dos tratados que nos deu, doutor, há uma dissertação sobre estímulo sexual e reações de ansiedade.

– Dr. Peyer, da Universidade de Zurique – disse Kreizler. – As observações derivaram de seu estudo mais amplo do *coitus interruptus.*

– Isso mesmo – confirmou Sara. – As implicações pareciam mais intensas para homens que provinham de vidas domésticas difíceis. A ansiedade persistente podia resultar em uma supressão pronunciada da libido, criando a

impotência.

– Nosso garoto é bastante escrupuloso nesse assunto – disse Marcus, pegando a mensagem e lendo um trecho: – “Mas nunca *fudi ele*, embora pudesse fazer isso.”.

– É verdade – concordou Kreizler, escrevendo IMPOTÊNCIA no centro do quadro-negro sem nenhuma hesitação. – O efeito seria apenas aumentar sua frustração e raiva, e produzir ainda mais carnificina. E essa carnificina emerge agora como nosso enigma mais difícil. Se essas mutilações são mesmo rituais pessoais, sem nenhuma relação com algum tema religioso definido, a não ser pelas datas, então, independentemente de ele ser sacerdote ou encanador, torna-se ainda mais importante compreender os detalhes, pois serão específicos do nosso assassino.

Kreizler deu uma olhada na carta.

– Este documento, receio, não nos oferece muita ajuda nesse sentido. – Ele esfregou os olhos e consultou seu relógio de prata. – E já é bem tarde. Sugiro que cheguemos logo a uma conclusão.

– Antes disso, doutor – interveio Sara com voz baixa, mas firme –, eu gostaria de retomar o ponto sobre os adultos no passado desse homem.

Kreizler balançou a cabeça, demonstrando pouco ou nenhum entusiasmo.

– A mulher envolvida – ele murmurou, suspirando.

– Exatamente – disse Sara, levantando-se, indo até o quadro-negro e apontando para as várias divisões. – Teorizamos que temos um homem que, quando ainda era criança, foi pressionado, embaraçado, culpado e por fim espancado. Não posso contestar a teoria de que as surras foram aplicadas por uma mão masculina. Mas a natureza íntima de vários outros aspectos parece-me sugerir a presença muito forte e um tanto sinistra de uma mulher. Prestem atenção no tom dele por toda a mensagem, que, no final das contas, é endereçada à sra. Santorelli, *expressamente*. É defensivo, angustiado, até lamuriento em alguns momentos, e obcecado por detalhes escatológicos e anatômicos. É a voz de um menino que foi interrogado e humilhado com

frequência, que foi obrigado a se sentir sujo, sem jamais conhecer um lugar ou uma pessoa em quem pudesse encontrar refúgio. Se seu caráter se formou de fato na infância, dr. Kreizler, então, devo repetir que a mãe seria a culpada mais provável, sob esse aspecto.

O rosto de Kreizler traía sua irritação.

– Se assim fosse, Sara, isso não teria gerado um ressentimento maciço? E as vítimas não seriam mulheres, como no caso do Estripador?

– Não contesto seu raciocínio em relação às vítimas – respondeu Sara. – Só estou pedindo uma investigação mais profunda em outra direção.

– Você parece pensar que tenho uma visão estreita das coisas – declarou Laszlo, um pouco exasperado. – Devo lembrá-la de que tenho *certa* experiência com essas coisas.

Sara o estudou em silêncio por um momento antes de perguntar:

– Por que resiste com tanta veemência à ideia do envolvimento ativo de uma mulher na formação dele?

Laszlo se levantou abruptamente, bateu com a mão em sua mesa e gritou:

– Porque o papel dela não pode ter sido ativo!

Marcus, Lucius e eu ficamos paralisados por um instante, e depois, trocamos olhares apreensivos. A explosão um tanto chocante, além de injustificada, não parecia fazer sentido, tendo em vista as opiniões profissionais de Laszlo. No entanto, ele prosseguiu:

– Se uma mulher estivesse *ativamente* envolvida na vida desse homem, em qualquer momento, nem sequer estaríamos aqui. Os crimes nunca teriam ocorrido! – Disse Kreizler, fazendo um esforço para recuperar o controle, mas só conseguindo em parte. – Toda a ideia é absurda, não há *nada* na literatura para sugeri-la! E, por isso, devo insistir, Sara: vamos presumir um registro de passividade feminina na formação e passar para a questão das mutilações! *Amanhã!*

Como já ficara patente àquela altura, Sara Howard não era o tipo de mulher que aceitasse ouvir algo assim de qualquer homem, mesmo de alguém que

admirasse, e talvez (em minha opinião, pelo menos) por quem acalentasse sentimentos ainda mais profundos. Ela apertou os olhos diante da explosão final de Laszlo e sua voz era gelada quando disse:

– Já que deve ter decidido essa questão há muito tempo, doutor, parece inútil que tenha me pedido para pesquisar o assunto.

Fiquei um pouco preocupado com a possibilidade de Sara pegar sua pistola; porém ela optou pelo casaco, acrescentando:

– Talvez tenha pensado que seria uma maneira divertida de me manter ocupada. Mas devo lhe dizer, agora, que não preciso ser divertida, adulada, ou de qualquer outra forma mimada por nenhum de vocês!

E, com isso, ela foi embora. Os Isaacsons e eu trocamos mais olhares perturbados, mas não havia necessidade de dizer coisa nenhuma. Todos nós sabíamos que Sara tinha razão, e que Kreizler, inexplicavelmente, insistia em um erro obstinado. Enquanto ele suspirava e arriava na cadeira, por um instante pareceu que havia percebido isso; mas ele nada mais disse além de nos pedir que também fôssemos embora, alegando cansaço. E então, fixou os olhos na carta à sua frente. Pegamos nossas coisas e saímos, desejando-lhe boa noite, mas não recebemos resposta.

Se o incidente não tivesse repercussões, eu mal o mencionaria aqui. É verdade que foi o primeiro momento de discórdia que experimentamos no número 808 da Broadway, mas era inevitável que ocorressem uns poucos, e, sem dúvida, logo superaríamos tudo isso. No entanto, aquele diálogo áspero entre Kreizler e Sara teve repercussões, e repercussões esclarecedoras, que não apenas revelaram muita coisa que era desconhecida, até mesmo para mim, sobre o passado de Kreizler, mas também iluminaram nosso caminho para um encontro frente a frente com um dos mais desconcertantes criminosos da história recente dos Estados Unidos.

CAPÍTULO 22

Pouco vimos Kreizler durante a semana subsequente, e mais tarde eu soube que ele passara quase todo o tempo nas cadeias da cidade e em uma variedade de bairros residenciais, entrevistando homens que haviam sido presos por violência doméstica, assim como as esposas e os filhos que haviam sofrido nas mãos deles. Ele só apareceu uma ou outra vez em nosso quartel-general, sem falar quase nada, mas recolhendo anotações e dados com uma determinação intensa, que raiava o desespero. Ele nunca conseguiu pedir desculpas a Sara; mas, embora as poucas palavras trocadas entre os dois fossem constrangidas e forçadas, ela se descobriu capaz de perdoar as declarações ásperas que ele fizera, atribuindo-as a uma combinação do crescente envolvimento emocional dele no caso com o nervosismo que todos passamos a experimentar com a mudança do mês. Qualquer que fosse o calendário que nosso assassino estivesse usando, ele atacaria de novo em breve se mantivesse seu padrão estabelecido. Na ocasião, a expectativa desse evento parecia uma explicação mais que adequada para o comportamento atípico de Kreizler; mas, essa expectativa, como se verificou mais tarde, era apenas parte do que tanto pressionava meu amigo.

De nossa parte, Marcus e eu decidimos, durante aqueles primeiros dias de maio, dividir as tarefas que nos propuséramos na noite em que chegara a mensagem do assassino. Marcus investigou todas as igrejas católicas do Lower East Side (assim como algumas fora desse distrito), na tentativa de encontrar alguém que pudesse ter notado a presença de Georgio Santorelli; enquanto eu assumia o encargo de descobrir mais sobre os dois sacerdotes. No entanto, depois de um fim de semana tentando obter novos detalhes sobre o proprietário do prédio em que o pai de Ali ibn-Ghazi morava, além de

conversar com a sra. Santorelli e outros ocupantes de seu cortiço (com Sara, mais uma vez, servindo de intérprete), tornou-se evidente que mais dinheiro fora distribuído, a fim de garantir o silêncio de mais pessoas. Por isso, fui forçado a transferir minhas atividades para as duas organizações religiosas envolvidas. Previmos que minha posição como repórter do *Times* me proporcionaria um acesso mais fácil e mais rápido nesse aspecto, e resolvi iniciar a investigação por cima: com visitas ao arcebispo católico romano de Nova York, Michael Corrigan, e ao bispo episcopal da cidade, Henry Codman Potter. Ambos residiam em casas aprazíveis perto da Madison Avenue, e calculei que poderia entrevistá-los no mesmo dia.

Potter foi o primeiro. Embora os episcopais de Nova York fossem apenas umas poucas dezenas de milhares naquele tempo, alguns pertenciam às famílias mais ricas da cidade; e a paróquia refletia esse fato, com igrejas e capelas luxuosas, várias propriedades imobiliárias e ampla participação nos negócios municipais. O bispo Potter – muitas vezes chamado de "primeiro cidadão" de Nova York – pessoalmente preferia as graciosas aldeias e igrejas do norte do estado, em vez da agitação, do barulho e da sujeira da cidade grande; mas sabia de onde a Igreja tirava a maior parte de seu dinheiro e se empenhava na expansão do rebanho em Nova York. Tudo isso serve para dizer que Potter era um homem com grandes ideias na cabeça.

Eu o aguardava na luxuosa sala de espera por mais tempo do que seria necessário para celebrar a missa, quando ele por fim apareceu, dizendo que só poderia me dispensar dez minutos de seu tempo.

Perguntei se sabia que um homem vestido de sacerdote, com um anel de sinete que tinha a grande cruz vermelha e a branca menor da Igreja Episcopal, andara procurando pessoas que tinham informações sobre recentes assassinatos de crianças e lhes pagando elevadas quantias em dinheiro para ficarem caladas. Se a pergunta o chocou, ele não deixou transparecer; frio como pedra, disse que o homem era, com certeza, um impostor ou um lunático, se não as duas coisas; que a Igreja episcopal não tinha o menor

interesse em interferir em nenhuma atividade da Polícia, muito menos em um caso de assassinato. Perguntei se um anel de sinete como o que fora avistado pelas testemunhas seria uma coisa fácil de obter. Ele deu de ombros, recostou-se, confortável, deixando que as dobras de seu pescoço caíssem sobre seu colarinho engomado branco e preto, e disse que não fazia a menor ideia. Supunha que qualquer joalheiro competente poderia fabricar um anel assim. Era óbvio que eu nada conseguiria arrancar do homem, mas, só para provocá-lo, resolvi perguntar se ele sabia da ameaça de Paul Kelly, consumada em parte, de promover distúrbios entre as comunidades de imigrantes por causa dos assassinatos. Potter respondeu que mal tinha conhecimento da existência do sr. Kelly, quanto mais de quaisquer ameaças que ele pudesse ter feito; como a Igreja episcopal tinha poucos membros entre os que Potter chamou de "cidadãos recém-chegados à cidade", ele próprio e seus subordinados não dariam muita atenção a esses problemas. Potter concluiu com a sugestão de que eu procurasse o arcebispo Corrigan, que tinha um contato maior com esses grupos e distritos. Informei que a residência de Corrigan era minha próxima parada, que logo estaria indo para lá.

Devo admitir que já me sentia um pouco desconfiado antes mesmo do encontro com Potter; mas sua falta de interesse, tão pouco religiosa, deixou-me ainda mais ressabiado. Onde estava o senso de preocupação pelas vítimas dos crimes? Onde estava a promessa de que se houvesse alguma coisa que ele pudesse fazer, eu só teria de pedir? Onde estava o desejo ansioso de que o brutal assassino fosse capturado?

Tudo isso, como logo descobri, encontrava-se na residência do arcebispo Corrigan, por trás da magnificência quase concluída da nova catedral de St. Patrick, na 5th Avenue, entre as 50th e 51th. A nova St. Pat era a prova incontestável de que o arquiteto, James Renwick, só estava se aquecendo quando projetara a igreja perto de nosso quartel-general, a Grace Church. As torres, arcadas, vitrais e portas de latão eram enormes, em uma escala inédita

até mesmo em Nova York; e a rapidez na construção também era inédita. E na boa tradição católica, todo o considerável trabalho fora pago não pelos empreendimentos comerciais grosseiros que abarrotavam os cofres da Igreja episcopal, mas sim por donativos dos fiéis – incluindo as sucessivas ondas de irlandeses, italianos e outros imigrantes católicos, cujo número vinha aumentando rapidamente o poder de uma religião que, nos primeiros dias da república, fora desdenhada por quase toda a população.

O arcebispo Corrigan se mostrou muito mais animado e bem-disposto que Potter. Um homem que vive de donativos – raciocinei, ao encontrá-lo – não tem outra opção. Ele me levou a uma breve excursão pela catedral, descreveu todo o trabalho que ainda tinha de ser feito: as estações da via-sacra ainda precisavam ser instaladas, a capela de Nossa Senhora ainda não fora construída, os carrilhões precisavam ser pagos, as torres concluídas. Comecei a pensar que ele ia me pedir uma contribuição; mas logo descobri que tudo isso era um preparativo para a visita à Sociedade Católica dos Órfãos, onde eu poderia verificar que a Igreja possuía outra faceta. A Sociedade ficava do outro lado da 51th Street, em um prédio de quatro andares, com um agradável pátio na frente, onde muitas crianças bem-comportadas brincavam. Corrigan explicou que me levara até ali porque queria que eu compreendesse a extensão do compromisso da Igreja com as crianças perdidas e abandonadas de Nova York; para ele, eram tão importantes quanto a vasta catedral a cuja sombra se situava a Sociedade dos Órfãos.

Tudo isso era ótimo – porém me ocorreu de repente que eu ainda não havia lhe perguntado coisa nenhuma. Aquele sujeito simpático, acolhedor e emotivo *sabia* a razão de minha presença ali, um fato que se tornou ainda mais patente depois que comecei a formular as mesmas perguntas que fizera a Potter. Corrigan respondeu como se houvesse ensaiado tudo com o maior cuidado: – Ah, sim, era uma coisa lamentável o assassinato daquelas crianças; horrível; ele não podia imaginar por que alguém se fazendo passar por um padre católico estaria interferindo (embora não parecesse muito

chocado com a sugestão); é claro que faria indagações, mas já podia me assegurar... E assim por diante. Acabei por poupá-lo de qualquer esforço adicional ao alegar um compromisso urgente, e fui pegar um fiacre na 5th Avenue.

Eu já tinha certeza de que não desenvolvera, nos últimos dias, o que o dr. Krafft-Ebing chamava de "paranoia": não podia haver a menor dúvida de que nos defrontávamos com uma espécie de conspiração, um esforço deliberado para esconder fatos relacionados com os assassinatos. E qual podia ser o motivo para que aqueles distintos cavalheiros envidassem tamanho esforço, pensei, com crescente excitação, que não o de se protegerem de um escândalo – o tipo de escândalo que surgiria se descobríssemos que o assassino era um dos seus?

Marcus concordou com meu raciocínio; e nos dois dias seguintes, começamos a bancar os advogados do diabo, na tentativa de encontrar falhas na teoria do sacerdote renegado. Nada do que argumentamos, porém, excluía a hipótese essencial. Talvez fosse improvável, por exemplo, que um sacerdote se tornasse um montanhista tão consumado; mas não era impossível. E quanto a seu comentário sobre "índio pele-vermelha", podia ser derivado de uma experiência missionária no Oeste. As habilidades de caçador podiam representar um problema, pois Lucius já postulara que o homem passara uma *vida inteira* caçando – mas nosso sacerdote imaginário poderia muito bem ter desenvolvido essa capacidade na infância. Afinal, ninguém nasce sacerdote. Todos os sacerdotes têm pais, famílias, passado, como as outras pessoas. E *isso,* por fim, significava que todas as especulações psicológicas de Kreizler podiam se aplicar ao nosso retrato, meu e de Marcus, tanto quanto a qualquer outro.

Durante o resto da semana, Marcus e eu procuramos mais detalhes para confirmar nosso trabalho. Raciocinamos que um sacerdote que possuísse o tipo de conhecimento extenso de telhados exibido por nosso assassino estaria, quase com certeza, associado ao trabalho missionário, por isso, investigamos

as agências católicas e episcopais que lidavam com os pobres. Deparamo-nos com muita resistência nessas investigações e obtivemos poucas informações. No entanto, nosso entusiasmo não arrefeceu; na verdade, na sexta-feira, sentíamos tanta confiança na teoria que decidimos expô-la a Sara e Lucius. Eles manifestaram certo reconhecimento por nossos esforços, mas também insistiram em ressaltar as pequenas incoerências que Marcus e eu menosprezáramos. E a teoria de uma formação militar, indagou Lucius, que explicaria a capacidade de nosso homem de tramar a violência com tanto cuidado e executá-la com tanta frieza, quando havia tanto perigo ao seu redor? Onde um sacerdote teria adquirido essa capacidade? Talvez, respondemos, ele tivesse servido como capelão em alguma unidade do Exército no Oeste. Isso nos daria não apenas a experiência militar, mas também as ligações com índios e a fronteira. Lucius respondeu que nunca havia ouvido falar que capelães fossem treinados para o combate; e, de qualquer maneira, acrescentou Sara, se nosso homem serviu por tantos anos na fronteira, e já sabíamos que não tinha mais que 31 anos de idade, então, quando encontrara tempo para conhecer tão bem a cidade de Nova York? Na infância, explicamos. Se isso fosse verdade, continuou Sara, então, teríamos de aceitar que ele vinha, de fato, de uma família rica, a fim de explicar as atividades esportivas e o montanhismo. Muito bem, ele era rico, admitimos. Havia ainda o fato de que católicos e protestantes trabalhavam juntos. Qualquer dos dois grupos, especulou Sara, não se mostraria muito feliz se o outro tivesse um sacerdote assassino em suas fileiras? Não podíamos responder a isso com qualquer coisa mais eficaz do que a alegação de que Sara e Lucius estavam só com inveja de nosso trabalho. Eles reagiram com certa irritação, declarando que apenas seguiam o procedimento normal ao levantar objeções e incoerências, cuidando, assim, para que nos mantivéssemos objetivos.

Kreizler apareceu por volta das cinco horas da tarde, mas não participou do debate. Chamou-me de lado, em tom de urgência, e disse que eu deveria

acompanhá-lo imediatamente à estação Grand Central. Apesar de não ter mantido muito contato com Laszlo nos últimos dias, eu não deixara de me preocupar com ele, e aquele aviso súbito e sigiloso de que íamos pegar um trem não me tranquilizou. Perguntei se precisaria arrumar uma valise, mas ele respondeu que não, seria uma breve viagem pela linha do rio Hudson para realizar uma entrevista em uma instituição no norte do estado, não muito longe. Ele explicou que decidira marcar a reunião para o final da tarde porque a maioria dos funcionários já teria se retirado a essa hora e poderíamos entrar e sair quase despercebidos. Isso era tudo o que ele estava disposto a me dizer, um fato que, na ocasião, me pareceu bastante misterioso; sabendo o que sei agora, no entanto, faz um sentido perfeito, pois se Kreizler me houvesse dito expressamente para onde íamos, e com quem nos encontraríamos, é quase certo que eu teria recusado.

Leva-se menos de uma hora de trem do centro de Manhattan à cidadezinha do rio Hudson batizada por um antigo mercador holandês com o nome da cidade chinesa de Tsing-sing; mas, tanto para os visitantes quanto para os presos, a viagem a Sing Sing é, em geral, divorciada do tempo real, parecendo ao mesmo tempo a mais curta e a mais longa jornada imaginável. Situado quase à beira d'água e oferecendo uma vista espetacular dos penhascos de Tappan Zee do outro lado do rio, o presídio de Sing Sing (originalmente conhecido como "Mt. Pleasant") foi inaugurado em 1827, entre alegações de que representava as ideias mais avançadas em penalística. E, de fato, naquela época em que os presídios eram pequenas fábricas, onde os presos produziam de tudo, de pentes a móveis e pedras cortadas, eles pareciam, sob muitos aspectos, em situação melhor (ou pelo menos mais ocupada) que setenta anos depois. É verdade que eram espancados e atormentados de forma implacável nas primeiras décadas do século, mas isso sempre acontecera, e ainda acontece; e o trabalho, como a maioria dirá, era preferível à "penitência", um estado, em grande parte, de ociosidade, com pouco a fazer além de remoer os atos que os levaram àquele lugar terrível –

isso e planos de vingança contra os responsáveis. Contudo, as fábricas penitenciárias acabaram com o advento do trabalho organizado, que não toleraria o aviltamento dos salários pela mão de obra barata dos condenados; e, por esse motivo, mais que qualquer outro, Sing Sing degenerara, em 1896, para um lugar sem sentido, onde os presos ainda usavam os uniformes listrados, ainda obedeciam à lei do silêncio e ainda marchavam a passos acorrentados, embora não tivessem mais em que trabalhar.

Por mais aterradora que fosse a perspectiva de uma visita a um lugar tão brutal e desesperançado, ela foi ofuscada pela profunda apreensão que experimentei quando Kreizler por fim me informou com quem íamos falar.

– Fui um tolo por não pensar nisso antes – comentou Kreizler enquanto o trem seguia pela beira do Hudson, oferecendo uma visão adorável do pôr do sol além das colinas viçosas a oeste. – É claro que já se passaram vinte anos, mas não parecia provável, na ocasião, que eu pudesse esquecer o sujeito. Eu deveria ter feito a ligação assim que vi os corpos.

– Laszlo – falei com firmeza, apesar de satisfeito por vê-lo recuperar a loquacidade –, agora que conseguiu me arrastar para esse serviço miserável, talvez possa esquecer o mistério. A quem vamos procurar?

– E estou ainda mais surpreso por você não ter pensado nisso, Moore – acrescentou, obviamente um pouco gratificado por meu constrangimento. – Afinal, ele era um dos seus personagens prediletos.

– *Quem?*

Seus olhos pretos se fixaram nos meus.

– Jesse Pomeroy.

À menção do nome, ambos mergulhamos em uma apreensão silenciosa, como se só isso pudesse levar o horror e a violência ao vagão quase vazio; e quando voltamos a falar, para revisar o caso, foi em voz baixa. Pois embora houvesse outros assassinos mais prolíficos que Jesse Pomeroy em nosso tempo, nenhum jamais fora tão perturbador. Em 1872, Pomeroy atraíra uma série de crianças pequenas para pontos remotos ao redor da pequena aldeia

suburbana em que vivia, despira-as, amarrara-as e as torturara com facas e chicotes. Acabara sendo preso e condenado; mas seu comportamento durante o encarceramento foi tão exemplar, que quando a mãe – abandonada pelo marido – fez um apelo emocionado pelo livramento condicional dele, apenas dezesseis meses após iniciado o cumprimento da sentença, Jesse foi solto. Quase imediatamente depois, ocorreu um novo e ainda mais horripilante crime nas proximidades da casa dos Pomeroy: um menino de quatro anos foi encontrado morto em uma praia com a garganta cortada e o corpo mutilado. Jesse foi o primeiro suspeito, mas não havia provas; várias semanas depois, porém, o corpo de uma menina de dez anos desaparecida foi descoberto no porão da casa dos Pomeroy. A menina também havia sido torturada e mutilada. Jesse foi detido, e nas semanas subsequentes reabriram-se todos os casos não esclarecidos de crianças desaparecidas na região. Nenhum deles jamais fora ligado diretamente a Pomeroy, mas as provas contra ele pelo assassinato da menina eram muito fortes. Os advogados de Jesse, como era compreensível, decidiram alegar insanidade. A tentativa, porém, estava fadada ao fracasso desde o início. Pomeroy acabou sendo condenado à forca, mas a sentença comutada para prisão perpétua em confinamento solitário, por causa de sua idade.

É que Jesse Pomeroy tinha apenas doze anos no início de sua terrível carreira; e ao ser trancafiado pelo resto da vida em uma solitária – a mesma em que ainda habita enquanto escrevo estas palavras –, não passava dos quatorze anos.

Kreizler se envolvera com aquele que a imprensa chamava de “o menino-demônio” pouco depois de os advogados de Pomeroy entrarem com a alegação de inocência por insanidade, no verão de 1874. Na ocasião, essas petições eram julgadas, como ainda ocorre hoje, segundo a “regra de M’Naghten”, o nome do desafortunado inglês que em 1843 ficara obcecado com a ideia de que o primeiro-ministro Robert Peel queria matá-lo. M’Naghten tentara evitar esse destino com a iniciativa de matar Peel; e

embora não conseguisse consumar seu intento, acabara matando o secretário do primeiro-ministro. Todavia, fora absolvido quando seus advogados alegaram, com êxito, que ele não compreendia a natureza ou erro de seu ato. Foi assim que se abriram as comportas da insanidade em tribunais do mundo inteiro; e trinta anos mais tarde, os defensores de Jesse Pomeroy contrataram uma bateria de especialistas mentais para avaliar seu cliente e proclamá-lo, assim esperavam, tão louco quanto M'Naghten. Um desses peritos era ainda muito jovem, o dr. Laszlo Kreizler, que considerara Pomeroy bastante são, como outros alienistas. O juiz concordara com esse grupo, mas fizera questão de ressaltar que considerara a explicação do dr. Kreizler sobre o comportamento do menino-demônio muito arcana e possivelmente obscena.

Essa declaração não era surpreendente, tendo em vista a ênfase que Laszlo dera à vida familiar de Pomeroy. Contudo, compreendi de repente, ao nos aproximarmos de Sing Sing, que era outra parte da investigação de vinte anos de Kreizler que tinha um significado particular para nossos propósitos atuais: Pomeroy nascera com lábio leporino, e durante a infância contraíra uma febre que o deixara com o rosto todo marcado e um dos olhos ulcerado e sem vida – o que parecia ainda mais sinistro. Mesmo na época não parecera coincidência o cuidado especial de Pomeroy ao mutilar os olhos das vítimas durante suas terríveis incursões; mas, durante o julgamento, ele sempre se recusara a falar sobre esse aspecto de seu comportamento, e, com isso, impedira que se tirassem quaisquer conclusões objetivas.

– Não estou entendendo, Kreizler – declarei quando o trem parou com um solavanco na estação de Sing Sing. – Você disse que não fez ligação entre Pomeroy e nosso caso; então, por que estamos aqui?

– Pode agradecer a Adolf Meyer – respondeu Kreizler, enquanto descíamos para a plataforma e éramos abordados por um velho com um gorro roído por traças que tinha uma charrete para alugar. – Falei hoje com ele pelo telefone, por várias horas.

– Com o dr. Meyer? E o que ele disse?

– Tudo. Minha confiança em Meyer é absoluta. Embora ele acredite que, em certas questões, estou em um caminho completamente errado. Meyer concorda com Sara, por exemplo, sobre o papel de uma mulher na formação da infância de nosso assassino. Para ser mais preciso, foi isso o que me levou a pensar em Pomeroy; além dos olhos.

– O papel de uma mulher?

Havíamos embarcado na charrete do velho e nos afastávamos da estação, a caminho da prisão.

– O que isso significa, Kreizler?

– Não importa, John. – disse Kreizler, olhando para os muros da prisão enquanto a claridade diminuía rapidamente. – Você vai descobrir muito em breve, e há coisas que precisa saber antes de entrarmos. Em primeiro lugar, o diretor só concordou com a visita depois que lhe ofereci um suborno considerável, mas ele não vai nos receber pessoalmente quando chegarmos. Só outro homem, um guarda chamado Lasky, sabe quem nós somos e qual o nosso propósito. Ele receberá o dinheiro e nos acompanhará na entrada e na saída... sem sermos notados, eu espero. Fale o mínimo possível e não diga nada a Pomeroy.

– Por que não? Ele não é nenhuma autoridade na prisão.

– É verdade – murmurou Laszlo, enquanto o prédio de mil celas de Sing Sing surgia a nossa frente. – Mas, embora eu acredite que Jesse possa nos ajudar na questão das mutilações, ele é pervertido demais para fazer isso se souber quais são nossas intenções. Assim, por uma variedade de motivos, não mencione seu nome, nem nosso trabalho, em nenhum momento. E não preciso lembrá-lo de....

Alcançamos o portão principal da prisão, e Laszlo baixou a voz para arrematar:

–... quantos perigos habitam este lugar.

CAPÍTULO 23

O bloco principal de Sing Sing era paralelo ao Hudson, com vários anexos, oficinas e a cadeia de duzentas celas para mulheres, perpendicular, estendendo-se na direção do rio. Uma série de chaminés altas se projetava de vários prédios no terreno, completando a imagem de uma fábrica sinistra, cujo principal produto, àquela altura de sua história, era o sofrimento humano. Os condenados partilhavam celas previstas para prisioneiros individuais, e o mínimo trabalho de manutenção realizado ali não era suficiente para contrabalançar as forças poderosas da decrepitude: os cheiros e as imagens de decadência prevaleciam por toda parte. Mesmo antes de passar pelo portão principal, Kreizler e eu pudemos ouvir o som monótono de pés marchando, ecoando no pátio, e embora aquela triste marcha não fosse mais pontuada pelo estalo do chicote – o açoite fora proibido em 1847 –, os ominosos porretes de madeira usados pelos guardas não deixavam a menor dúvida sobre o método de imposição da disciplina no lugar.

O guarda Lasky, enorme, de barba por fazer, com um temperamento belicoso – como não podia deixar de ser –, apareceu depois de algum tempo, e o seguimos por caminhos de pedra do pátio, entre a relva, entrando no bloco principal. Em um canto, perto da porta, vários presos usavam cangas de ferro e madeira, que mantinham seus braços levantados, longe do corpo, e eram repreendidos por alguns guardas, cujos uniformes escuros não pareciam mais asseados que o de Lasky, e cuja disposição parecia, se alguma diferença havia, ainda pior. Ao entrarmos no bloco, um grito de dor repentino provocou um sobressalto em Kreizler e em mim: lá dentro, em um dos pequenos cubículos de 1,20 m × 2,50 m, mais guardas trabalhavam em um preso com um “beija-flor”, um artefato elétrico que aplicava choques dolorosos. Tanto

Kreizler quanto eu já havíamos testemunhado tudo isso antes, mas o conhecimento não acarretava a aceitação. Enquanto seguíamos em frente, olhei para Laszlo uma vez e percebi minha própria reação refletida em seu rosto: diante de um sistema penal assim, o alto índice de reincidência em nossa sociedade não chegava a ser um mistério.

Jesse Pomeroy era mantido na outra extremidade do bloco, o que nos obrigou a passar por mais dezenas de celas, repletas de rostos que exibiam um vasto âmbito de emoções, da angústia e pesar mais profundos à raiva mais soturna. Como a lei do silêncio era imposta em todas as ocasiões, não ouvimos vozes humanas distintas, apenas sussurros ocasionais e o eco de nossos passos pelo bloco, combinado com o incessante escrutínio dos presos, que logo se tornou quase enlouquecedor. Por fim, entramos em um corredor pequeno e úmido que levava a uma pequena cela, sem janelas de verdade, apenas pequenas frestas abertas nas paredes de pedra, perto do teto. Jesse Pomeroy sentava-se ali, em uma estranha espécie de baia de madeira. Havia canos de água por cima da baia, mas o interior, até onde pude determinar, estava seco. Depois de uns poucos segundos de perplexidade, compreendi o que era: um infame “banho de água gelada”. No passado, os prisioneiros malcomportados eram molhados com água gelada sob pressão. O tratamento resultara em tantas mortes por choque térmico que fora proibido décadas antes. Ao que tudo indicava, porém, ninguém se dera ao trabalho de desmontar a engenhoca; e os guardas, com toda certeza, ainda constatavam que a mera ameaça do tormento já era eficaz.

Pomeroy tinha grilhões nos pulsos e uma “coleira de ferro” sobre os ombros, envolvendo-lhe a cabeça. Este último artefato, uma grotesca punição para os presos mais rebeldes, era uma gaiola de ferro de meio metro de altura, e seu peso, igual ao da cabeça do prisioneiro, proporcionava um desconforto interminável, que levava muitas vítimas à beira da loucura. Apesar dos grilhões e da coleira de ferro, no entanto, Jesse tinha um livro na mão e lia calmamente. Quando levantou os olhos para nós, registrei a pele bexiguenta

de seu rosto, a horrível desfiguração do lábio superior (que não chegava a ser escondida por um bigode ralo e irregular) e seu olho esquerdo leitoso e repulsivo. Era evidente o motivo de nossa presença.

– Muito bem! – Murmurou, levantando-se.

Embora já estivesse com trinta e poucos anos e usasse a gaiola de ferro na cabeça, Jesse ainda era baixo o bastante para poder ficar de pé na velha baia. Um sorriso aflorou em seu rosto horrendo, exibindo aquela estranha mistura de desconfiança, surpresa e satisfação, comum aos condenados que recebem visitantes inesperados.

– Dr. Kreizler, se não estou enganado.

Kreizler conseguiu mostrar um sorriso, que parecia autêntico.

– Já faz muito tempo, Jesse. Fico surpreso que ainda se lembre de mim.

– É claro que me lembro – respondeu Pomeroy, em um tom infantil que não minimizava o conteúdo ameaçador. – Eu me lembro de todos vocês.

Ele estudou Laszlo por mais um instante antes de se voltar abruptamente para mim.

– Mas nunca vi *você* antes.

– Não, não viu – disse Laszlo, antes que eu pudesse responder.

Ele se voltou para nosso guia, que observava a cena com evidente irritação.

– Muito bem, Lasky, pode esperar lá fora.

Kreizler entregou ao guarda um maço de dinheiro. O rosto de Lasky assumiu a expressão mais próxima de satisfação de que era capaz, mas ele murmurou apenas “Sim, senhor”, antes de se voltar para Pomeroy:

– Tome cuidado, Jesse. Por pior que tenha sido para você hoje, pode piorar.

Pomeroy não deu atenção ao comentário, apenas continuou a observar Laszlo enquanto Lasky se retirava.

– Não é fácil conseguir alguma instrução neste lugar – disse Jesse depois que a porta foi fechada. – Mas, estou tentando. Creio que foi nesse ponto que errei... não tinha instrução. Mas aprendi espanhol sozinho.

Ele continuava parecendo com o garoto que fora vinte anos antes. Laszlo

balançou a cabeça.

– Admirável. Vejo que está usando uma coleira de ferro.

Jesse riu.

– Ah, isso... eles *alegam* que queimei o rosto de um sujeito com um cigarro enquanto ele dormia. Dizem que passei a noite inteira acordado, fazendo um braço de arame, só para poder alcançá-lo com a ponta de cigarro através das barras. Mas, eu pergunto – ele se voltou para mim com seu olho leitoso flutuando a esmo na cabeça. – Isso parece um comportamento típico de minha parte?

Uma risadinha escapou de seus lábios, satisfeita e insidiosa – outra vez como um garoto.

– Nesse caso, suponho que se cansou de esfolar ratos vivos – disse Kreizler. – Quando estive aqui, há vários anos, soube que pedia a outros presos que os capturassem para você.

Outra risada, essa quase embaraçada.

– Ratos. Eles se contorcem, guincham. E também mordem, se não tomarmos cuidado.

Pomeroy mostrou as cicatrizes que tinha mãos, pequenas, mas horríveis. Laszlo balançou a cabeça.

– Tão furioso quanto era há vinte anos, hein, Jesse?

– Eu não era furioso há vinte anos – respondeu Pomeroy, sem perder o sorriso. – Eu era *louco.* Mas vocês foram estúpidos demais para perceber, só isso. Mas, o que está fazendo aqui, doutor?

– Pode chamar de uma reavaliação – respondeu Kreizler, astuto. – Às vezes, gosto de rever casos antigos para avaliar os progressos. E como eu tinha mesmo de tratar de outros assuntos na prisão...

Pela primeira vez a voz de Pomeroy ficou séria e fria:

– Não brinque comigo, doutor. Mesmo com estes grilhões, eu ainda poderia alcançar seus olhos antes que Lasky passasse por aquela porta.

O rosto de Kreizler se iluminou um pouco diante dessa ameaça, mas seu

tom permaneceu indiferente.

– Posso supor que você consideraria esse ato como outra demonstração de sua insanidade?

Jesse riu de novo.

– Você não consideraria também?

– Não foi o que fiz há vinte anos – respondeu Kreizler, dando de ombros. – Você mutilou os olhos de duas crianças que matou, assim como das várias que torturou. Mas não vi nenhuma loucura nisso; na verdade, era até bastante compreensível.

– É mesmo? – O tom de Pomeroy voltou a ser jovial. – Como assim?

Kreizler fez uma pausa, depois se inclinou para a frente.

– Ainda estou para conhecer um homem levado de fato à insanidade pela inveja, Jesse.

A expressão de Pomeroy ficou impassível, e ele levou a mão ao rosto tão depressa que bateu dolorosamente contra as barras da coleira de ferro. Fechou os punhos, e parecia que ia dar o bote, por isso me preparei para encrenca; mas, então, ele se limitou a soltar uma risada.

– Deixe-me dizer uma coisa, doutor. Se pagou por seus estudos, então foi enganado. Acha que só porque tenho um olho ruim sairia por aí liquidando pessoas com os dois olhos bons? Não é provável. Olhe para mim; sou um *catálogo* dos erros da Mãe Natureza. Por que jamais cortei a boca de alguém, nem abri buracos na pele do rosto de ninguém?

Foi a vez de Jesse se inclinar para frente e acrescentar:

– E se é apenas inveja, doutor, por que você não costuma cortar os braços das pessoas?

Voltei-me para Kreizler e percebi que ele não estava preparado para aquele comentário. No entanto, havia muito tempo meu amigo aprendera a controlar suas reações a qualquer coisa que um paciente pudesse dizer, e apenas pestanejou uma ou duas vezes, sem desviar os olhos de Pomeroy. Jesse, no entanto, foi capaz de interpretar as piscadelas e tornou a sentar-se, com um

sorriso satisfeito.

– Você é mesmo esperto – murmurou ele, rindo.

– Portanto, a mutilação dos olhos nada significou – disse Kreizler, manobrando com cuidado, como pude perceber ao observá-lo de novo. – Meros atos casuais de violência.

– Não ponha palavras em minha boca, doutor. – Disse Pomeroy, de novo em um tom ameaçador. – Já passamos por isso há muito tempo. Só estou dizendo que não tinha uma razão salutar para fazer isso.

Kreizler inclinou a cabeça para o lado, pensativo.

– Talvez. Mas como você não se mostra disposto a enunciar o motivo que tinha, a discussão é inútil. – Laszlo se levantou. – E como preciso pegar um trem para Nova York...

– *Sente-se!*

A violência projetada na ordem era quase palpável; mesmo assim, Kreizler deliberadamente demonstrou indiferença. Isso deixou Pomeroy inquieto.

– Só lhe direi isto uma vez – continuou Jesse, em tom premente. – Eu era louco naquele tempo, mas não sou mais. O que significa que quando penso a respeito agora, posso ver tudo com bastante clareza. Não havia nenhum motivo saudável para fazer o que fiz com as crianças. Apenas... apenas era mais do que eu podia suportar, só isso, e eu precisava pôr um fim naquilo.

Laszlo sabia que estava bem perto. Prosseguindo na indução, ele se recostou e perguntou suavemente:

– Pôr um fim em que, Jesse?

Pomeroy levantou os olhos para a pequena fresta na parede preta de pedra, através da qual umas poucas estrelas eram visíveis.

– Os olhares – murmurou ele, em um tom de voz diferente, isento. – A observação. Durante todo o tempo, a observação. Isso tinha de parar.

Ele nos fitou de novo, e parecia haver lágrimas em seu olho bom; mas sua boca se contraíra outra vez em um sorriso.

– Sabe, eu costumava ir ao zoológico da cidade. Eu era muito pequeno

naquela época. E pensava que as pessoas observavam tudo o que aqueles animais faziam. Ficavam olhando, com aqueles rostos vazios, estúpidos, os olhos esbugalhados, boquiabertas... em particular as crianças, porque eram estúpidas demais para compreender direito. E aqueles animais desgraçados olhavam também, dava para ver que eram loucos. Ferozes é a palavra certa. Só queriam dilacerar aquelas pessoas, estraçalhá-las. Andavam de um lado para o outro pensando que se pudessem sair dali por um minuto que fosse, mostrariam às pessoas o que elas merecem quando não dão um instante de sossego a uma coisa. Eu podia não estar em uma jaula, doutor, mas aqueles olhos estúpidos estavam por toda parte, ao meu redor, desde que podia me lembrar. Olhando, observando o tempo todo, por toda parte. E quando cresci o bastante e via um daqueles pequenos miseráveis parado ali, lambendo um picolé, com os olhos esbugalhados... ora, doutor, o fato é que eu não estava em uma jaula naquele tempo e, assim, não havia nada que me impedisse de fazer o que tinha de ser feito.

Pomeroy não fez nenhum movimento depois que parou de falar; permaneceu imóvel, à espera da reação de Kreizler.

– Você diz que sempre foi assim, Jesse – murmurou Laszlo. – Por tanto tempo quanto pode lembrar? Com todo o mundo que conhecia?

– Menos com meu pai – respondeu Pomeroy, com uma risada sem humor, quase lamentável. – Ele deve ter ficado tão cansado de olhar para mim que resolveu fugir. Não que eu saiba... não me lembro dele nem um pouco. Mas foi o que calculei, baseado na maneira como mamãe costumava agir.

Houve outro brilho de expectativa nos olhos de Laszlo, pelo mais breve dos instantes.

– E como era essa maneira?

– Era... *assim!*

Subitamente, Jesse se levantou e levou a cabeça a poucos centímetros do rosto de Laszlo. Também me levantei, mas Jesse não fez mais nenhum movimento para frente.

– Diga a seu guarda-costas que pode sossegar, doutor – ele murmurou, sem desviar o olho bom de Kreizler. – Estou apenas fazendo uma demonstração. Era sempre assim. A cada minuto me observando, não sei dizer para quê. Para meu próprio bem, ela dizia, mas não era assim que agia.

A coleira de ferro pesava bastante no pescoço esticado de Jesse, e ele acabou se voltando.

– É isso; ela tinha o maior interesse por este meu velho rosto. – Sua risada sem humor se ouviu de novo. – Mas nunca queria me beijar, posso lhe garantir!

Alguma coisa lhe passou pela cabeça e ele fez uma pausa, voltando a olhar para a fresta na parede.

– Aquele primeiro menino que peguei... eu o obriguei a me dar um beijo. Ele não queria, mas depois que eu... ora, ele acabou me beijando.

Laszlo esperou alguns segundos antes de perguntar:

– E o homem cujo rosto você queimou hoje?

Jesse cuspiu no chão por entre as barras do colar de ferro.

– Aquele idiota... a mesma coisa! Ele não conseguia desviar os olhos; eu disse vinte vezes...

Controlando-se, Pomeroy se voltou para Kreizler com medo genuíno no rosto; mas o medo se desvaneceu em um instante, e o sorriso letal voltou.

– Parece que despejei tudo, não é? Bom trabalho, doutor.

Laszlo se levantou.

– Não foi obra minha, Jesse.

– Sei disso. – Pomeroy riu. – Talvez tenha razão. Enquanto eu viver, nunca saberei como me levou a falar assim. Se eu tivesse um chapéu, trataria de tirá-lo para você. Mas, como não tenho...

Em um movimento rápido, Pomeroy se inclinou, tirou um objeto reluzente da botina e o estendeu em nossa direção, ameaçador. Ficou na ponta dos pés, pronto para se lançar para frente. Em uma reação instintiva, recuei para a parede atrás de mim, e Kreizler fez a mesma coisa, só que mais devagar.

Enquanto uma sucessão de risadas úmidas saía da boca de Pomeroy, olhei mais atentamente e vi que sua arma era um caco de vidro, comprido e grosso, com um trapo ensanguentado enrolado em uma das pontas.

CAPÍTULO 24

Mais depressa do que a maioria dos homens poderia conseguir mesmo sem estar agrilhoada, Pomeroy chutou longe o banco em que se sentava e o prendeu sob a maçaneta da porta, impedindo a entrada pelo corredor.

– Não se preocupem – disse ele, ainda sorrindo. – Não tenho o menor desejo de cortar vocês dois. Só quero me divertir um pouco com aquele idiota lá fora!

Ele se voltou, soltou uma risada e gritou:

– Ei, Lasky! Está preparado para perder seu emprego? Quando o diretor descobrir o que fiz com estes dois, não vai deixar você guardar nem a latrina!

Lasky praguejou e começou a esmurrar a porta. Pomeroy mantinha a lasca de vidro apontada na direção de nossa garganta, mas não fez nenhum outro movimento mais ameaçador. Apenas ria cada vez mais alto, enquanto a raiva do guarda aumentava. Não demorou muito para que a porta começasse a se soltar das dobradiças, e pouco depois o banco se desprendeu da maçaneta. Em uma explosão ruidosa, Lasky irrompeu na sala; a porta caiu no chão com um estrondo. Depois de se levantar – com certo esforço –, ele constatou que Kreizler e eu continuávamos ilesos, e, a seguir, percebeu que Pomeroy estava armado. Então pegou o banco de madeira e avançou para Pomeroy, que não se empenhou muito em resistir.

Durante tudo isso, Kreizler não exibiu nenhum medo aparente por nossa segurança; apenas sacudiu a cabeça, devagar, como se soubesse exatamente o que estava acontecendo. Lasky logo tirou o caco de vidro da mão de Pomeroy e se pôs a socá-lo, implacável, com seus punhos enormes. A impossibilidade de atingir o rosto de Pomeroy parecia apenas enfurecê-lo ainda mais, e os

golpes no corpo do prisioneiro se tornaram cada vez mais brutais. Entretanto, Pomeroy, mesmo enquanto gritava de dor, continuava a rir – uma risada desvairada, cheia de abandono e, de alguma maneira distorcida, de satisfação. Fiquei aturdido e paralisado, mas Kreizler, depois de vários minutos desse espetáculo, adiantou-se e puxou os ombros de Lasky.

– Pare com isso! – Gritou para o guarda. – Lasky, pelo amor de Deus, pare com isso, seu tolo!

Ele continuou a empurrar e puxar, mas o imenso Lasky era alheio a seus esforços.

– Lasky! Pare com isso, homem! Não percebe que faz justamente o que ele quer? *Pomeroy está gostando!*

O guarda continuou a bater, até que Kreizler, dominado pelo que parecia ser certo desespero, usou todo o peso de seu corpo para afastá-lo de Pomeroy. Surpreso e furioso, Lasky se levantou e desferiu um soco violento em direção à cabeça de Laszlo, que se esquivou com facilidade. Como era evidente que o guarda tencionava persistir no ataque, Kreizler fechou a mão direita e acertou vários golpes rápidos em Lasky, reminiscentes de sua memorável atuação contra Roosevelt, quase vinte anos antes. Enquanto Lasky cambaleava e caía de costas, Kreizler avançou em sua direção.

– Eu mandei parar, Lasky!

Sua voz era tão veemente que tratei de me interpor entre ele e o guarda prostrado para evitar que continuasse a agredi-lo. Pomeroy estava caído no chão, contorcendo-se agônico, tentando comprimir as costelas com as mãos agrilhoadas e ainda soltando sua risada grotesca. Kreizler se voltou para ele com a respiração entrecortada, e repetiu em voz baixa:

– Eu mandei parar!

A cabeça de Lasky se desanuviou, e seus olhos se fixaram Kreizler.

– Seu filho da puta!

Ele tentou se levantar, mas não conseguiu.

– Socorro! – Balbuciou, cuspindo um pouco de sangue no chão. – Socorro!

Guarda em perigo! – Sua voz ecoava pelo corredor. – Na velha sala do chuveiro! Socorro!

Ouvi passos correndo e tive a impressão de que provinham da outra ponta do prédio.

– Laszlo, precisamos sair daqui! – Eu disse depressa.

Eu sabia que nossa situação era difícil. Lasky não parecia um homem capaz de renunciar à vingança, ainda mais se contasse com a ajuda de cúmplices. Kreizler continuava a olhar para Pomeroy, e tive de arrastá-lo para fora da sala.

– Mas, que droga, Laszlo! Vamos acabar sendo mortos. Mexa-se, trate de correr!

Ao passarmos pela porta, Lasky ainda tentou se projetar em nossa direção, mas só conseguiu se jogar no chão outra vez. Passamos por mais quatro guardas no corredor entre as celas, e lhes contei, apressado, que houvera um problema entre Pomeroy e Lasky, e que este saíra ferido. Os guardas viram que Laszlo e eu estávamos ilesos e continuaram a correr. Nós seguimos em frente, passando por outro grupo de guardas uniformizados parados no portão da frente, confusos. Não demorou muito para que os guardas de dentro tomassem conhecimento da verdade da situação, e logo se pusessem a proferir ameaças, partindo em nosso encalço. Por sorte, o velho que contratáramos ainda estava diante do portão da prisão com sua charrete, e quando os guardas que nos perseguiam apareceram, já nos encontrávamos a várias centenas de metros da penitenciária, a caminho da estação ferroviária, e – em meu caso, pelo menos – rezando para não termos de esperar muito ao chegar lá.

O primeiro trem a surgir era de uma linha local e faria uma dúzia de paradas antes de chegar à Grand Central; na situação crítica em que estávamos, porém, aceitamos o prolongamento da viagem e tratamos de embarcar. Os vagões estavam repletos de viajantes de cidades pequenas, e logo ficou patente que estavam chocados com nossa aparência; e devo admitir que se a

nossa aparência era – ainda que só parcialmente – de criminosos, como eu achava que era, a interpretação daquela boa gente estava plenamente justificada. A fim de atenuar a ansiedade dos passageiros, Kreizler e eu fomos para o último vagão, passamos pela porta traseira e ficamos na plataforma de observação. Observamos os muros e as chaminés escuras de Sing Sing desaparecerem entre os bosques do vale do Hudson, enquanto nos afastávamos a toda velocidade. Tirei do bolso um frasco de uísque, e tomamos alguns goles profundos. Quando por fim não podíamos mais avistar nenhuma parte da prisão, voltamos a respirar com certa facilidade.

– Você tem muito a explicar – declarei a Laszlo.

O ar quente que provinha da locomotiva nos envolvia. Minha sensação de alívio era tão intensa que não pude suprimir um sorriso, embora muito seriamente quisesse obter respostas.

– E pode começar pelo motivo para virmos até aqui – sentenciei.

Kreizler tomou outro gole de uísque e ficou estudando o frasco.

– É uma mistura das mais bárbaras, Moore – ele comentou, procurando se esquivar ao meu pedido de informações. – Estou um tanto chocado...

Tratei de me empertigar.

– *Kreizler*...

– Já sei, John, já sei – disse, com um sinal para que eu me calasse. – Você tem direito a algumas respostas. Mas, por onde começar?

Com um suspiro, Laszlo tomou outro gole.

– Como lhe disse antes, conversei com Meyer hoje. Fiz um relato completo de nosso trabalho até agora. E falei sobre... meu diálogo com Sara. – Laszlo soltou um grunhido, constrangido, e deu um chute na grade da plataforma. – Devo pedir desculpas a ela.

– Deve mesmo – concordei. – O que Meyer disse?

– Que achava bem procedentes os argumentos de Sara sobre o papel de uma mulher na formação da personalidade – respondeu Kreizler, ainda um pouco contrito. – E, de repente, eu me encontrei discutindo com ele como discutira

com Sara.

Mais um gole de uísque, outro grunhido, e Kreizler murmurou:

– A falácia, que droga...

– Como? – Indaguei, aturdido.

– Nada – respondeu Kreizler, sacudindo a cabeça. – Uma aberração em meu pensamento que me levou a desperdiçar dias preciosos; mas não tem mais importância agora. O importante é que repassei toda a questão durante a tarde e concluí que Meyer e Sara tinham razão; havia indícios muito fortes de que uma mulher desempenhara um papel sinistro na formação de nosso assassino. A dissimulação obsessiva, o tipo específico de sadismo, todos esses fatores apontavam para as conclusões delineadas por Sara. Como eu disse, tentei argumentar com Meyer como argumentara com Sara, mas ele lembrou o caso de Jesse Pomeroy e usou minhas próprias palavras para contestar o que eu dizia. Afinal, Pomeroy nunca sequer conheceu o pai, nem jamais sofreu, até onde pude determinar, uma punição física excessiva quando criança. Contudo, sua personalidade era... e continua a ser, sob muitos aspectos, parecida com a do homem que procuramos. Como sabe, Pomeroy foi inabalável em sua recusa a discutir as atividades mutiladoras na ocasião de sua captura. Só me restava torcer para que o tempo e o confinamento solitário afrouxassem sua determinação. Tivemos sorte nesse ponto.

Balancei a cabeça, recordando as declarações de Pomeroy.

– O que ele disse sobre as mães, as outras crianças, o escrutínio permanente a que era submetido... acha que isso é realmente crucial?

– Acho, sim – respondeu Laszlo, e suas palavras começavam a sair em um ritmo mais rápido e incisivo, como lhe era característico. – E é bastante pronunciada sua ênfase na relutância que as pessoas que habitavam seu mundo tinham a tocá-lo. Lembra o que ele disse sobre a mãe hesitando em beijar seu rosto? É bem provável que o único contato físico com outros que ele já experimentou tenha sido de natureza escarninha ou atormentadora. E podemos traçar disso uma linha direta para sua violência.

– Como assim?

– Posso lhe oferecer mais uma declaração do professor James, Moore. É um conceito que ele abordava com frequência em suas aulas, nos velhos tempos, e que me atingiu como um raio na primeira vez que o li, em *Principles*.

Laszlo olhou para o céu, empenhando-se em recordar as palavras exatas.

– "Se todas as coisas fossem úmidas, e todas as coisas úmidas, frias; se todas as coisas duras espetassem nossa pele, e nenhuma outra coisa o fizesse, seria provável que pudéssemos distinguir entre frieza e umidade, dureza e aspereza?" Como sempre, James não levaria essa ideia a sua conclusão lógica no reino dinâmico do comportamento. Ele falava apenas sobre as funções, como paladar e tato; mas, tudo o que tenho observado até agora indica que se trata de uma operação dinâmica. Imagine só, Moore. Suponha que você jamais conheceu, por causa de uma desfiguração, crueldade ou outro infortúnio, nenhum contato humano que não fosse severo ou até mesmo brutal. Como se sentiria em relação a isso?

Dei de ombros, acendi um cigarro.

– Muito mal, eu suponho.

– É possível. Mas tudo indica que *não* sentiria que era extraordinário. Pense da seguinte maneira: se eu lhe digo a palavra "mãe", sua mente no mesmo instante projeta um conjunto de associações inconscientes, mas familiares, com base em sua experiência. E o mesmo acontecerá com a minha. E nossas associações, com toda certeza, serão uma mistura de bom e ruim, como as de quase todas as pessoas. Mas, quantas pessoas terão um conjunto de associações tão uniformemente negativas como sabemos que ocorre com Jesse Pomeroy? Na verdade, no caso de Jesse, podemos ir além do conceito limitado de mãe, até a ideia de humanidade em geral. Diga a ele a palavra "pessoas" e sua mente só projetará imagens de humilhação e sofrimento rotineiro, como se eu lhe dissesse "trem" e você respondesse com "movimento".

– Era isso o que queria dizer quando declarou a Lasky que Pomeroy estava

gostando da surra que levava?

– Sim. Talvez tenha notado que Jesse deliberadamente provocou o incidente. Não é difícil perceber o motivo. Durante toda a sua infância, ele se viu cercado por algozes, e nos últimos vinte anos, quase só teve contato com homens como Lasky. Suas experiências, na prisão e fora dela, levaram-no a acreditar que a interação com sua própria espécie só pode ser adversa e violenta; até se compara, em uma reação de empatia, a um animal em um zoológico. É a realidade dele. Diante de suas circunstâncias atuais, ele sabe que será espancado e repreendido; só lhe resta tentar determinar as condições do abuso, manipular os participantes, como outrora ele manipulava as crianças que torturava e matava. É o único tipo de poder ou satisfação... o único método de garantir sua sobrevivência psíquica que ele já conheceu, e é por isso que o emprega.

Enquanto fumava e analisava essa ideia, pus-me a andar de um lado para o outro da plataforma.

– Mas não há alguma coisa... ora, alguma coisa dentro dele, dentro de qualquer pessoa, que repudiaria esse tipo de situação? Ou seja, não haveria tristeza ou desespero, nem mesmo por sua *mãe?* O *desejo* de ser amado, pelo menos? Cada criança não nasce com...

– Tome cuidado, Moore – advertiu Kreizler, acendendo um cigarro também. – Você ia sugerir que nascemos com conceitos específicos, *a priori*, de necessidade e desejo; um pensamento compreensível, talvez, se houvesse alguma evidência para sustentá-lo. O organismo conhece um impulso desde o início: sobrevivência. E, para a maioria de nós, esse impulso liga-se intimamente à noção de uma mãe. Mas, se nossas experiências fossem muito diferentes, se o conceito de mãe sugerisse frustração, e mais tarde perigo, em vez de amparo e carinho, o instinto de sobrevivência nos levaria a estruturar nossa perspectiva de outra maneira. Foi o que Jesse Pomeroy experimentou. E creio, agora, que isso também aconteceu com *nosso* assassino.

Laszlo deu uma tragada funda antes de acrescentar:

– Devo agradecer a Pomeroy por isso. A Meyer também. Mas, acima de tudo, devo agradecer a Sara. E é o que tenciono fazer.

Kreizler cumpriu sua promessa. Em uma das pequenas estações por que passamos, na volta à Grand Central, ele perguntou ao atendente se não poderia enviar um telegrama urgente para Nova York. O homem concordou, e Kreizler escreveu a mensagem, pedindo a Sara que se encontrasse conosco no Delmonico's às onze horas.

Laszlo e eu não tivemos tempo de trocar de roupa antes do jantar ao chegarmos à cidade, mas Charlie Delmonico já nos vira em condições muito piores e nos ofereceu a mesma recepção calorosa quando entramos em seu restaurante na Madison Square.

Ela esperava a uma mesa no salão principal, de frente para o parque, do outro lado da 5th Avenue, tão distante dos outros grupos presentes no restaurante quanto era possível. Manifestou sua preocupação por nossa segurança – o telegrama a deixara apreensiva –, e depois, ao verificar que estávamos ilesos, demonstrou uma intensa curiosidade pela viagem. Sua atitude para com Kreizler, antes mesmo que ele formulasse as desculpas prometidas, era bastante simpática, e por isso mesmo estranha: eu não diria que Sara fosse o tipo de pessoa que acalentasse ressentimentos, mas, depois de ser ofendida, ela costumava se mostrar bastante cautelosa com a parte culpada. No entanto, procurei ignorar a insólita química entre os dois e mantive a atenção focada no trabalho.

Sara comentou que, tendo em vista o que aprendêramos na visita a Pomeroy, podíamos agora supor, com certa segurança, que nosso homem era muito sensível em relação a sua aparência física, como Jesse. Essa sensibilidade, disse ela, mais do que explicava a profundidade da ira contra as crianças: ser sempre escarnecido e rejeitado durante os primeiros anos, obviamente, produziria uma fúria que só o tempo não conseguiria curar. Kreizler também pendia para a teoria de que nosso homem tinha alguma deformidade física. Todavia, eu, depois de ser o primeiro a propor a teoria,

várias semanas antes, adverti a ambos que tivessem cautela. Já sabíamos que o homem que procurávamos tinha mais de 1,80 de altura, podia subir e descer pelas paredes de um prédio com uma simples corda carregando um garoto adolescente; se ele fosse deformado, não poderia ser nos braços ou pernas, ou em qualquer outro lugar que não fosse o rosto. E isso restringiria bastante nossa busca. Kreizler declarou que, tendo em vista essa consideração, sentia-se propenso a reduzir o âmbito ainda mais, com a conclusão de que a deformidade se localizava nos olhos do assassino. O homem se concentrava nos órgãos oculares das vítimas de uma maneira mais cuidadosa e sistemática até que Pomeroy, um fato que Kreizler considerava mais que significativo: era decisivo, em sua opinião.

Durante a refeição, Kreizler encorajou Sara a explicar que tipo de mulher achava que poderia ter desempenhado um papel sinistro na vida do assassino, como ela postulara uma semana antes. Sara não hesitou em dizer que só uma mãe seria capaz de ter aquela espécie de impacto profundo evidente no caso. Uma babá abusiva ou parente do sexo feminino podiam ser algozes de uma criança, mas se essa criança tivesse a possibilidade de recorrer à mãe natural em busca de proteção e conforto, o efeito teria uma drástica redução. Era evidente para Sara que nosso homem jamais conhecera esse recurso, uma circunstância que poderia ser explicada de diversas maneiras; mas a teoria preferida de Sara era que a mulher, em primeiro lugar, não desejara ter filhos. Isso só acontecera, especulava Sara, porque engravidara ou porque não lhe fora oferecido nenhum outro papel socialmente aceitável a desempenhar no mundo particular em que vivia. O resultado final de tudo isso seria o ressentimento da mulher contra os filhos que gerasse, e, por esse motivo, Sara achava que havia uma grande possibilidade de que o assassino fosse filho único ou tivesse bem poucos irmãos: o parto não seria uma experiência que a mãe gostaria de repetir várias vezes. Qualquer deformidade física em um dos filhos, é claro, aguçaria os sentimentos já negativos da mãe em relação à criança; mas Sara não acreditava que só a deformidade fosse suficiente para

explicar esse relacionamento. Kreizler concordou com ela nesse ponto, comentando que embora Jesse Pomeroy atribuísse todas as dificuldades com a mãe a sua aparência, havia também, com toda certeza, fatores adicionais e mais profundos envolvidos.

Uma conclusão ia ficando cada vez mais clara: era improvável que estivéssemos lidando com pessoas que desfrutavam os benefícios da riqueza. Em primeiro lugar, os pais ricos raramente são obrigados a lidar com filhos que considerem importunos ou indesejáveis. Além disso, uma jovem de recursos na década de 1860 (o período durante o qual nascera nosso assassino, como desconfiávamos) poderia devotar sua vida a outros interesses que não apenas a maternidade – embora essa opção acarretasse mais críticas e comentários desfavoráveis naquela época que trinta anos depois. É claro que uma gravidez acidental poderia acontecer com qualquer uma, rica ou pobre; mas as extremas fixações sexuais e escatológicas exibidas por nosso assassino sugeriam a Sara um escrutínio intenso e humilhação frequente, o que indicava uma vida em alojamentos apertados – o tipo de vida decorrente da pobreza. Sara ficou muito satisfeita ao saber que o dr. Meyer expressara as mesmas opiniões durante sua conversa com Kreizler no início do dia; e se mostrou ainda mais satisfeita quando Kreizler apresentou um cumprimento solene a seus esforços, enquanto tomávamos as últimas taças de Porto.

No entanto, esse momento descontraído de satisfação durou pouco. Kreizler tirou do bolso seu caderninho de anotações e lembrou-nos que faltavam apenas cinco dias para a Festa da Ascensão, a próxima data significativa no calendário cristão. Chegara o momento, disse ele, de nossa investigação abandonar a atitude de pura pesquisa e análise e passar a uma postura de atuação ativa. Adquiríramos uma boa noção geral da aparência do assassino, e também de como, onde e quando ele tornaria a atacar. Estávamos preparados para tentar antecipar e evitar seu próximo movimento. Ao ouvir isso, experimentei um súbito fluxo de ansiedade no fundo do estômago, e Sara deu a impressão de sentir o mesmo. Ambos sabíamos que essa evolução

era inevitável; mais que isso, estávamos trabalhando ativamente para chegar a ela desde o início. E assim, reforçamos nossa determinação ao sair do restaurante sem deixar transparecer nenhum tipo de apreensão.

Na calçada, Sara puxou meu braço com força. Voltei-me para descobrir que ela não me fitava, mas sua atitude indicava claramente que queria conversar comigo. Kreizler se ofereceu para partilhar um fiacre com ela até Gramercy Park, mas Sara recusou. Assim que ele foi embora, ela me levou ao Madison Square Park, e paramos sob um lampião a gás.

– O que é? – Indaguei, notando que estava um pouco agitada. – É melhor que seja importante, Sara. Foi uma noite infernal, e...

– É importante. – Sara tirou um papel dobrado da bolsa. – Quer dizer, acho que é importante.

Ela franziu as sobrancelhas, e parecia avaliar algo com o maior cuidado antes de me mostrar o papel.

– John, até que ponto você conhece o passado de dr. Kreizler? Ou seja, a família dele.

O tópico me surpreendeu.

– A família dele? Tanto quanto qualquer outra pessoa, suponho. Eu os visitei algumas vezes, quando era pequeno.

– E eles... eles pareciam felizes?

Dei de ombros.

– Sempre me pareceu que sim. E por bons motivos. Os pais constituíam o casal socialmente mais bem-sucedido na cidade. Mas você não imaginaria isso se os visse agora. O pai de Laszlo sofreu um derrame há cerca de dois anos, e a família ficou um tanto reclusa. Moram em uma casa na esquina da 14th Street com a 5th Avenue.

– Sei disso – respondeu Sara, surpreendendo-me de novo.

– Naquela época, eles costumavam dar grandes festas e apresentavam luminares de toda a Europa à sociedade de Nova York. Era um espetáculo excepcional... todos adorávamos ir a essas festas. Mas, por que pergunta,

Sara? Qual é o problema?

Ela fez uma pausa, suspirou e me estendeu o papel.

– Passei a semana inteira tentando compreender por que ele se atinha de forma tão obstinada à ideia de que um pai violento e uma mãe passiva criaram nosso assassino. Desenvolvi uma teoria e examinei os registros da 15ª Delegacia para confirmá-la. Foi isso o que encontrei.

Era um relatório apresentado por um guarda de ronda chamado O'Bannion, que em uma noite de setembro de 1862 – quando Laszlo era um menino de apenas seis anos – investigara um distúrbio doméstico na casa dos Kreizler. O relatório amarelado continha poucos detalhes: falava do pai de Laszlo, aparentemente embriagado, passando a noite na delegacia sob a acusação (mais tarde retirada) de agressão, e de um médico local sendo levado à casa para tratar de um menino cujo braço esquerdo fora bastante lesionado.

Não era difícil tirar as conclusões; mas, diante de meu relacionamento desde pequeno com Laszlo, no entanto, assim como da imagem que eu sempre tivera de sua família, minha mente resistiu. Dobrei o documento, murmurando:

– Fomos informados de que ele sofrera uma queda...

Sara deixou escapar um longo suspiro.

– Ao que parece, não foi o que aconteceu.

Durante uma pausa prolongada, corri os olhos pelo parque, um tanto atordoado. As concepções familiares não morrem facilmente, e sua passagem pode ser desconcertante; por alguns momentos, as árvores e os prédios da Madison Square pareciam estranhamente diferentes. Depois, uma imagem de Laszlo quando menino aflorou de repente em minha mente, acompanhada por outra, de seu pai enorme, que parecia tão gregário, e da mãe exuberante. Ao contemplar aqueles rostos e formas, recordei o comentário que Jesse Pomeroy fizera durante nossa visita a Sing Sing sobre decepar os braços das pessoas, e daí, minha mente saltou para as palavras sem sentido pronunciadas pelo próprio Laszlo, no trem, durante a viagem de volta.

– A falácia, que droga...

– O que disse, John? – Murmurou Sara.

Sacudi a cabeça com vigor, tentando desanuviá-la.

– Uma coisa que Kreizler mencionou esta noite. Sobre quanto tempo desperdiçou nos últimos dias. Ele falou em “falácia”, mas não entendi a referência Agora, no entanto...

Sara também se mostrou aturdida ao compreender a resposta.

– A falácia do psicólogo – ela murmurou. – Em *Principles,* de James.

Balancei a cabeça.

– O problema de o psicólogo misturar o próprio ponto de vista com o do paciente. Era isso que o dominava.

Mais alguns momentos de silêncio transcorreram. Baixei os olhos para o relatório, experimentando um repentino senso de urgência prática, que me levou a suspender a tarefa quase impossível de absorver todas as implicações do documento.

– Sara, você conversou sobre isso com mais alguém?

Ela sacudiu a cabeça em negativa.

– E na Chefatura sabem que você pegou o relatório?

Outro movimento de cabeça.

– Mas, você compreendeu o que sugere?

Ela fez que sim com a cabeça, e repeti o gesto; depois, em um gesto lento e determinado, rasguei o documento em pedacinhos e larguei-os na relva.

Tirei do bolso uma caixa de fósforos, risquei um e comecei a queimar os pedaços de papel, ao mesmo tempo em que acrescentava, com voz firme:

– Ninguém deve saber nada a respeito. Sua curiosidade foi satisfeita, e se o comportamento de Laszlo se tornar insólito outra vez, saberemos o motivo. Além disso, porém, nada de bom resultará dessa informação. Concorda?

Sara agachou-se ao meu lado, balançando a cabeça.

– Eu já havia decidido o mesmo.

Em silêncio, observamos os fragmentos de papel se transformar em cinzas,

ambos torcendo para que fosse a última vez que precisássemos falar daquele assunto; o comportamento de Laszlo não deveria nunca mais justificar uma investigação de seu passado. No entanto, a história lamentável delineada de forma tão superficial naquele relatório, agora incinerado, tornaria a aflorar, em uma etapa posterior da investigação, levando-nos a uma crise terrível – e quase fatal.

CAPÍTULO 25

A ideia de pôr sob vigilância os principais centros de prostituição de meninos de Nova York naqueles dias, quando pensávamos que nosso assassino poderia atacar, partiu de Lucius Isaacson. Não havia como negar que seria um trabalho difícil. Cada um daqueles bares e bordéis poderia esperar uma perda significativa de fregueses se fosse divulgado que estavam sendo vigiados. Por isso, a cooperação dos proprietários era bastante improvável: teríamos de nos posicionar de maneira que nos esquivássemos da atenção deles, e também de nosso assassino. Lucius logo admitiu que não tinha a experiência necessária nessas operações para definir um curso prudente, e resolvemos convocar o único membro de nosso grupo que achávamos que poderia fornecer conselhos objetivos: Stevie Taggert. Stevie passara boa parte de sua carreira criminosa roubando casas e apartamentos e conhecia todos os esquemas de vigilância sub-reptícia. Creio que o jovem desconfiou que estava metido em alguma encrenca quando entrou em nosso quartel-general, naquela tarde de sábado, e nos encontrou sentados em um semicírculo, a fitá-lo com a maior ansiedade. E como Kreizler dissera muitas vezes a Stevie que devia tentar esquecer seus hábitos criminosos, foi ainda mais difícil convencer o desconfiado rapaz a falar a respeito. Contudo, depois que se convenceu de que precisávamos de sua ajuda, ele se empenhou na conversa com verdadeira satisfação.

Pensáramos, no início, em pôr um membro de nossa equipe diante de cada uma das casas em que seria mais provável uma visita: Paresis Hall, Golden Rule, Shang Draper’s, em Tenderloin, o Slide, na Bleecker Street, e o Black and Tan, de Frank Stephenson, também na Bleecker, uma espelunca que oferecia mulheres e crianças brancas a homens negros e orientais. No entanto,

esse plano, assegurou-nos Stevie enquanto mastigava ruidosamente uma bala de alcaçuz, era falho. Em primeiro lugar, sabíamos que o assassino circulava pelos telhados: teríamos mais garantia de sucesso, e menos probabilidade de despertar suspeitas, se tentássemos interceptá-lo em uma dessas arenas elevadas. Além disso, mesmo descartando a oposição física que poderíamos enfrentar por parte dos zeladores dos prédios no curso de nossos esforços, havia o fato de que o homem que esperávamos capturar era grande e forte: poderia com a maior facilidade inverter a situação e levar a melhor sobre nós, ainda mais com seu conhecimento de navegação nos telhados. Stevie recomendou a colocação de dois agentes em cada local, o que significava que não apenas teríamos de recrutar mais três participantes (Cyrus, Roosevelt e o próprio Stevie acabaram completando a lista), mas também eliminar uma locação. Segundo Stevie, esse último problema poderia ser resolvido sem maiores dificuldades; ele achava bastante improvável que nosso assassino se arriscasse em Tenderloin, uma área ruidosa, sempre apinhada, muito iluminada, com enorme chance de ser visto ou capturado. Despreocupado, pegando um cigarro na caixa em minha mesa e acendendo-o, Stevie disse que poderíamos dispensar o Shang Draper’s; e enquanto soprava anéis de fumaça, recomendou que ganhássemos o acesso aos vários telhados envolvidos, sob falsos pretextos, por meio de prédios adjacentes. Isso ajudaria a garantir que a situação parecesse normal ao assassino, quando e se ele aparecesse. Kreizler anuiu com a cabeça, e então, arrancou o cigarro da boca de Stevie e o esmagou com o pé no chão. Desapontado, o rapaz voltou à bala de alcaçuz.

Quando iniciar e concluir a vigilância foi a questão tratada em seguida. O assassino visitaria a casa de tolerância escolhida na véspera do Dia da Ascensão e mataria sua vítima durante a madrugada da festa, ou esperaria até a noite seguinte? Seu padrão sugeria a segunda possibilidade, provavelmente porque, explicou Kreizler, a raiva que sentia (por qualquer de muitos motivos) aumentava durante as horas do dia, nos feriados religiosos selecionados, talvez enquanto observava as pessoas entrando e saindo das

igrejas. Qualquer que fosse o gatilho específico, a noite guardava uma explosão incontrolável. Nenhum de nós podia contestar esse raciocínio; e assim, ficou decidido que assumiríamos nossas posições na noite de quinta-feira.

Com o plano completo, peguei meu casaco e encaminhei-me para a porta. Marcus perguntou qual era meu destino, e informei que ia ao Golden Rule para falar com o menino Joseph e fornecer-lhe os detalhes sobre a aparência e método do assassino.

– Isso é sensato? – Indagou Lucius, preocupado, enquanto ajeitava alguns papéis em sua mesa. – Faltam apenas cinco dias para pormos o plano em execução, John. Não seria bom fazer algo que complicasse a situação, mudando a rotina desses lugares.

Sara ficou perplexa.

– Não há nada de errado em dar aos meninos uma chance de evitar o perigo.

– É claro que não – concordou Lucius. – Não estou sugerindo expor alguém a mais perigo do que podemos evitar. Acontece apenas que... bem, temos de preparar a armadilha com todo o cuidado.

– Como sempre, o sargento detetive tem um ponto positivo – interveio Kreizler, pegando-me pelo braço e acompanhando-me até a porta. – Tome cuidado com o que vai dizer a seu jovem amigo, Moore.

– Tudo o que peço é que não revele a data provável do próximo ataque – acrescentou Lucius. – Nem sequer temos certeza de que será mesmo nesse dia; mas, se for e os meninos estiverem alertados, é quase certo que o assassino perceberá alguma coisa. Pode dizer a ele qualquer outra coisa que julgar necessária.

– É um acordo razoável – concluiu Kreizler, acenando com a mão para Lucius.

Depois, enquanto eu entrava no elevador, Laszlo baixou a voz para acrescentar:

– E não esqueça, John, que na tentativa de ajudar o garoto, há uma boa

possibilidade de expô-lo a um grande risco se alguém o vir em sua companhia. Evite isso, se puder.

Fui ao Golden Rule e combinei um encontro com Joseph em um pequeno salão de bilhar logo depois da esquina. Quando ele chegou, notei que tinha um rosto rosado depois de removida a maquiagem habitual. Esse fato me comoveu. Recordei que nossa primeira interação envolvera uma limpeza similar de seu rosto; e me ocorreu que ele não queria também dessa vez que eu o visse todo maquiado. Na verdade, sua atitude ao tratar comigo não parecia a de um garoto prostituto, mas sim a de um jovem que precisava desesperadamente de um amigo mais velho; ou seria *eu* que sofria agora da famosa falácia do professor James, deixando que o fato de Joseph me recordar meu irmão influenciasse minha interpretação de seu comportamento?

Joseph pediu uma cerveja, de uma maneira que sugeria que já fizera isso muitas vezes antes (e que excluía minha presunção de lhe passar um sermão sobre os perigos do álcool). Enquanto dávamos umas tacadas nas bolas de marfim, em torno de uma das mesas, expliquei a Joseph que tinha novas informações sobre o homem que matara Ali ibn-Ghazi e pedi que prestasse muita atenção, a fim de poder transmitir tudo a seus amigos. Depois, lancei-me a uma descrição física.

O homem era alto, falei, em torno de um metro e oitenta, e muito forte. Apesar do tamanho e da força, porém, havia alguma coisa errada nele, algo sobre o qual era muito sensível. Devia ser alguma parte do rosto; talvez os olhos. Podiam ser lesionados, cercados de cicatrizes, ter algum tipo de deformidade. Qualquer que fosse o problema, ele não gostava que as pessoas o mencionassem, nem que o observassem de modo ostensivo. Joseph disse que nunca notara ninguém assim no Golden Rule, mas que muitos fregueses escondiam o rosto ao entrar. Eu lhe disse para ficar atento, no futuro, e passei para os possíveis trajes do homem. Nada de espalhafatoso, ressaltei, porque ele não quer atrair atenção. Era provável que não tivesse muito dinheiro, o

que significava que não poderia usar roupas dispendiosas. Era possível, como Marcus dissera a Joseph em nossa última visita, que ele carregasse uma bolsa grande; dentro dessa bolsa estariam os acessórios que ele usava para subir e descer pelas paredes para alcançar os quartos dos meninos sem ser percebido.

E chegou a parte mais difícil: informei a Joseph que o homem era bastante cuidadoso para evitar ser visto, porque já estivera antes em todas as casas como o Golden Rule, e poderia ser fácil para alguns (talvez a maioria) dos meninos identificá-lo. Podia ser até alguém que eles conheciam, em quem confiavam, alguém que os ajudara, que tentara lhes mostrar como construir uma vida nova. Um agente social, quem sabe – talvez até mesmo um sacerdote. O principal era que não parecia nem falava como alguém capaz de fazer as coisas que andava fazendo.

Joseph registrou todos esses detalhes, contando-os nos dedos. Balançou a cabeça quando terminei e disse:

– Muito bem, já gravei tudo. Mas, importa-se se eu lhe perguntar uma coisa, sr. Moore?

– Pode falar.

– Ahn... como sabe de todas essas coisas sobre o sujeito?

Soltei uma risada.

– Às vezes também fico um pouco confuso com isso. Por que pergunta?

Joseph sorriu, mas sacudiu as pernas, nervoso.

– Apenas porque... bem, muitos amigos meus não acreditaram quando contei o que me disse na última vez. Não entendiam como alguém podia saber. Acharam que eu estava inventando. E há também uma porção de gente que anda dizendo por aí que nem é uma pessoa que está fazendo essas coisas. Que é... algum fantasma, ou algo assim. É o que dizem algumas pessoas.

– Também já ouvi isso. Mas você estará prestando um favor a si mesmo se ignorar essas histórias. Há um homem por trás de tudo isso, sem a menor dúvida. Posso garantir, Joseph. – Esfreguei as mãos uma na outra. – E agora, que tal uma partida?

Ao longo dos anos, tenho ouvido pessoas comentar que o jogo de bilhar é nada mais, nada menos, que um caminho rápido para um jovem encontrar o diabo. Entretanto, em minha opinião, uma carreira como jogador profissional – um pesadelo para tantas mães e pais nesta cidade – seria apenas um degrau para aquele garoto; e, por isso, durante a hora seguinte, ensinei-lhe a maioria dos truques de bilhar que eu conhecia. Foi um momento agradável, prejudicado apenas pela recordação ocasional do lugar para onde Joseph iria ao nos separarmos. Não havia nada, porém, que eu pudesse fazer quanto a isso: garotos assim eram donos da vida deles.

Já era quase noite quando voltei ao nosso quartel-general, que ainda fervilhava de atividade. Sara falava ao telefone com Roosevelt, tentando explicar que não havia mais ninguém em quem pudéssemos confiar para preencher o oitavo lugar na equipe de vigilância na noite de quinta-feira, e por isso ele teria de nos ajudar. Em circunstâncias normais, Theodore não precisaria dessa exortação; mas seus problemas na Mulberry Street haviam se multiplicado nos últimos dias. Dois dos homens que integravam com ele a Junta de Comissários, ao lado do chefe de Polícia, haviam decidido se aliar a Platt e às forças contra a reforma. Roosevelt estava sendo vigiado mais do que nunca por seus inimigos, na esperança de que cometesse alguma indiscrição que justificasse sua demissão. Por fim, ele concordou em integrar a equipe de vigilância, mas com uma apreensão compreensível.

Kreizler e os Isaacsons, enquanto isso, empenhavam-se em outra discussão animada sobre a escolha do momento de nosso assassino. Lucius argumentava que a única incoerência na programação do assassino – o assassinato de Georgio Santorelli, em 3 de março – poderia ser explicada pela frase enganadoramente insignificante “decidi esperar” no bilhete para a sra. Santorelli. Era bem possível, alegou o Isaacson mais jovem, que a seleção de uma vítima fosse tão crucial para o assassino, a sua maneira, quanto a satisfação psíquica do ato de matar. Kreizler aprovou essa teoria e acrescentou que enquanto o homem não se deparasse com alguma

interferência em seu objetivo visado – matar o garoto –, poderia até extrair um prazer sádico do adiamento. Isso significava que a morte de Santorelli podia se ajustar ao padrão de tempo geral, porque o evento mental crítico ocorrera na Quarta-feira de Cinzas.

Laszlo e os Isaacsons, no entanto, divergiram quanto ao fato de o homem atacar em alguns dias santos, mas não em outros, além de só se enfurecer com certos eventos e mitos religiosos. Kreizler não gostava dessa ideia, porque levava de volta à noção de um maníaco religioso, um homem demente e obcecado, absorto nos arcanos da fé cristã. Laszlo ainda estava disposto a considerar a possibilidade de que o homem fosse (ou houvesse sido, em algum momento da vida) um sacerdote; mas não podia ver nenhum motivo para que, por exemplo, a história dos Três Homens Sábios não proporcionasse causa suficiente para matar, ao passo que a purificação da Virgem Maria aparentemente constituía uma razão. Marcus e Lucius protestaram, dizendo que devia haver *algum* motivo para que apenas determinados dias santos fossem escolhidos, e Kreizler concordou; mas insistiu que ainda não encontráramos a chave contextual para esclarecer essa parte específica do enigma.

Como não havia garantias de que nosso plano de vigilância para o Dia da Ascensão produziria resultados, todos mantivemos linhas de investigação alternativas nos dias anteriores. Marcus e eu continuamos a pesquisar a teoria do sacerdote, com a maior diligência, enquanto Kreizler, Lucius e Sara empenhavam-se em uma nova e promissora atividade: investigar hospícios em nosso estado e em outras partes do país, por telegrama ou pessoalmente, a fim de verificar se nos últimos quinze anos algum deles tratara de um paciente que correspondesse ao retrato emergente do nosso assassino. Apesar de sua firme convicção de que o assassino era são, Kreizler admitia que as idiossincrasias do homem poderiam ter causado sua internação em algum momento anterior de sua vida. Talvez, quando seu gosto secreto por sangue aflorou pela primeira vez, ele houvesse cometido alguma imprudência, que

uma pessoa comum (para não dizer o diretor de um hospício) presumiria ser um sintoma de insanidade. Quaisquer que fossem as circunstâncias exatas, os hospícios costumavam manter registros meticulosos, e verificá-los parecia ser um investimento oportuno de tempo e energia.

Na véspera da Ascensão, distribuímos as responsabilidades para a noite seguinte: Marcus e Sara – ela com suas armas de fogo – assumiriam a vigilância no telhado do Golden Rule; Kreizler e Roosevelt iriam para o Paresis Hall, onde a autoridade de Theodore seria suficiente para manter Biff Ellison na linha se surgisse alguma encrenca; Lucius e Cyrus cobririam o Black and Tan – a cor de Cyrus proporcionaria uma conveniente explicação para a presença dos dois ali, caso fosse necessário; e Stevie e eu nos instalaríamos na Bleecker Street, no alto do Slide. Nas proximidades desses prédios estariam postados vários conhecidos de Stevie, garotos que viviam nas ruas, que não seriam informados dos detalhes da operação, mas que poderiam ser despachados para pedir ajuda nas outras locações, caso acontecesse alguma coisa. Roosevelt achava que essa tarefa poderia ser desempenhada melhor por policiais, mas Kreizler se opôs com veemência a essa ideia. Em particular, Laszlo me disse que desconfiava que qualquer contato entre agentes da lei e o assassino resultaria na morte rápida do último, apesar das ordens expressas de Theodore. Já experimentáramos, àquela altura, interferências misteriosas em quantidade suficiente para saber que havia forças muito mais poderosas que Roosevelt em ação, e essas forças, sem a menor dúvida, tinham como objetivo a supressão completa do caso. Era óbvio que esse resultado poderia ser alcançado com a morte imediata do suspeito capturado, o que evitaria um julgamento público, com toda a publicidade consequente. Kreizler estava determinado a impedir que isso acontecesse, não apenas porque seria um ato criminoso, mas também porque eliminaria qualquer possibilidade de o assassino ser interrogado para descobrir suas motivações.

Contudo, toda a nossa ansiosa expectativa sobre o que poderia acontecer no

Dia da Ascensão foi em vão, pois a noite transcorreu sem incidentes. Ocupamos as posições de vigilância e passamos a longa noite, até seis horas da manhã, sem batalhar contra outro inimigo que não o tédio. Em consequência, os dias que se seguiram foram dominados por mais discussões inúteis sobre o motivo pelo qual o assassino decidiria matar na Sexta-feira Santa, mas não no Dia da Ascensão. Havia uma crescente impressão, expressa primeiro por Sara, de que a coincidência dos assassinatos com os dias santos não fosse mais que isso; mas Marcus e eu continuamos convencidos de que havia alguma relação entre o calendário do nosso assassino e o da fé cristã, já que essa teoria reforçava nossa hipótese de que o culpado era um sacerdote extraviado ou que abandonara o hábito. Insistimos que a vigilância se repetisse no próximo dia santo significativo – Pentecostes, apenas onze dias depois da Festa da Ascensão –, e que tentássemos aproveitar o tempo até lá da forma mais produtiva possível. É triste dizer, no entanto, que Marcus e eu esbarramos em um muro de tijolos em nossa pesquisa sobre um sacerdote; e já começava a parecer que toda a teoria não passava de um desperdício de tempo bem argumentado.

Nossos companheiros, em contrapartida, efetuaram algum progresso durante a semana anterior a Pentecostes: começaram a chegar respostas aos telegramas e às cartas enviados por Sara, Lucius e Kreizler para quase todos os hospícios conceituados do país. A maioria era negativa, mas umas poucas ofereciam alguma esperança, informando que um homem – ou homens – com a estatura física descrita por Kreizler, e com pelo menos alguns dos sintomas mentais indicados, haviam sido internados ali em algum momento dos últimos quinze anos. Algumas instituições até enviaram cópias das fichas médicas; e embora nenhuma dessas, ao final, tivesse algum valor, houve uma mensagem remetida de Washington D.C. que criou o maior rebuliço certa tarde.

Nesse dia, eu por acaso estava olhando quando Lucius atravessou a sala carregando uma batelada de cartas e fichas médicas enviadas por hospícios.

Ele folheava os documentos quando parou de repente, voltou-se e olhou para a mesa de Kreizler. Arregalou os olhos por um momento, e quase no mesmo instante o suor aflorou em sua testa. Então, tirou um lenço do bolso e começou a enxugar o suor, mas manteve a voz firme:

– Doutor... – disse ele a Kreizler, que se encontrava na porta, falando com Sara. – Este bilhete do superintendente do St. Elizabeth... por acaso o examinou?

– Só dei uma olhada rápida – respondeu Kreizler, aproximando-se de Lucius. – Parecia não ter muito a oferecer.

– Foi o que também pensei. – Lucius ergueu a carta. – A descrição é bastante vaga; a referência a "uma espécie de tique facial", por exemplo, pode abranger muita coisa.

Kreizler estudou Lucius.

– *Mas,* sargento detetive...

– Mas – Lucius tinha certa dificuldade com seu pensamento. – É o carimbo postal, doutor. St. Elizabeth é a principal instituição para insanos do governo federal, certo?

Kreizler ficou imóvel por um momento, e logo seus olhos negros se agitaram.

– Sim! – Exclamou em tom de urgência. – Mas como não mencionaram os antecedentes do homem, eu não... – Ele bateu com o punho na testa. – Mas que idiota!

Laszlo correu para o telefone, e Lucius o seguiu.

– Tendo em vista a situação legal na capital – murmurou Lucius –, não representaria um caso excepcional.

– Você é um mestre da subestimação, sargento detetive – disse Kreizler. – Há vários casos assim, *todos* os anos, na capital.

Sara se adiantou, atraída pelo excitamento.

– O que foi, Lucius?

– O carimbo postal – repetiu Lucius, batendo com a outra mão na carta. –

Há um dispositivo polêmico nas leis de Washington que tratam da insanidade e da internação involuntária de pacientes em hospícios. Se o paciente não foi julgado insano no Distrito de Colúmbia, mas confinado em uma instituição de Washington, pode solicitar um *habeas corpus*, e as chances de ser solto são de quase cem por cento.

– E por que isso é tão importante? – Indaguei.

– Porque muitos pacientes naquela cidade – explicou Lucius, enquanto Kreizler tentava fazer uma ligação para Washington –, especialmente no St. Elizabeth, foram enviados para lá de outras partes do país.

– É mesmo? – Foi a vez de Marcus se aproximar. – E por que isso acontece?

Lucius respirou fundo, cada vez mais excitado.

– Porque o St. Elizabeth é o hospital para soldados e marinheiros que foram julgados incapacitados para o serviço militar. Incapacitados por causa de alguma doença mental.

A maneira lenta e hesitante com que Sara, Marcus e eu nos aproximávamos de Lucius e Kreizler se transformou quase em um estouro de boiada.

– Não nos ocorreu a princípio – acrescentou Lucius, esquivando-se do tropel – porque não há menção aos antecedentes do homem na carta. Apenas a descrição de sua aparência e sintomas: delírios de perseguição e crueldade persistente. Mas se o homem de fato prestou serviço militar e foi despachado para o St. Elizabeth, há uma possibilidade, mínima, é verdade, mas mesmo assim concreta, de que seja...

Lucius fez uma pausa, parecendo receoso de dizer a palavra, mas logo arrematou:

– *Ele.*

A perspectiva parecia excepcional; mas nossa esperança foi logo destruída pelo telefonema de Kreizler. Depois de esperar por algum tempo, ele conseguiu falar com o superintendente do St. Elizabeth, mas este recebeu com total desprezo o pedido de Laszlo por informações adicionais. Ao que

parecia, ele sabia tudo sobre o notório dr. Kreizler e reagiu como muitos outros diretores de hospícios em relação a meu amigo. Kreizler perguntou se não havia outro membro da equipe do hospital que pudesse fazer um levantamento do caso, mas o superintendente respondeu que seu pessoal já estava com excesso de trabalho e já prestara uma ajuda "extraordinária". Se Kreizler quisesse examinar os registros do hospital, teria de ir a Washington e fazê-lo pessoalmente.

O problema era que Kreizler não podia largar tudo e viajar para a capital – nenhum de nós podia se afastar, pois estávamos a poucos dias de Pentecostes. Não havia nada a fazer além de pôr a viagem a Washington no alto da lista de providências para depois da vigília noturna em Pentecostes, reprimir o excitamento e concentrarmo-nos com a necessária paciência no trabalho imediato. Entretanto, por causa da ausência de resultados de nossos esforços no Dia da Ascensão, eu não podia deixar de sentir que mais uma vez seria tudo em vão.

Mesmo assim, quando chegou o domingo de Pentecostes (que celebra a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos), todos nós voltamos aos diversos postos de vigilância e esperamos de novo que nosso assassino aparecesse. Não posso dizer qual era o ânimo nos outros três telhados; mas para mim e Stevie, no alto do Slide, o tédio começou cedo. Como era uma noite de domingo, havia bastante agitação na Bleecker Street, enquanto o grunhido e o zunido do trem elevado passando pela 6th Avenue evoluíam em qualidade do monótono para o embalador. Não demorou muito para que eu sentisse a maior dificuldade em permanecer acordado.

Por volta de meia-noite e meia, virei o rosto para me deparar com Stevie distribuindo um baralho em treze pilhas no piche a sua frente.

– Paciência? – Sussurrei.

– Faraó judeu – respondeu ele.

Era o nome que a classe criminosa dava ao jogo de *stuss*, um método tenebroso e complicado de enganar otários que eu jamais conseguira

compreender direito.

Era uma oportunidade de preencher um vácuo em meus conhecimentos de jogo, e fui sentar-me ao lado de Stevie. Durante quase uma hora, ele tentou me explicar como era o jogo. Não absorvi nada; no fim, frustrado, além de entediado, levantei-me e corri os olhos pela cidade ao nosso redor.

– É inútil – murmurei. – Ele nunca vai aparecer.

Voltei-me para olhar através da Cornelia Street.

– Gostaria de saber como os outros estão se saindo.

O prédio que alojava o Black and Tan – onde Cyrus e Lucius montavam guarda – ficava naquela direção, e divisei a calva de Lucius refletida ao luar. Ri baixinho e chamei a atenção de Stevie.

– Ele deveria usar um chapéu – comentou Stevie, rindo também. – Se podemos vê-lo, outras pessoas também podem.

– Tem razão.

Nesse momento, a cabeça calva se deslocou para outro ponto do telhado e logo desapareceu. Franzi o cenho, perplexo.

– Lucius *cresceu* desde que iniciamos a investigação?

– Ele devia estar em cima de alguma coisa – respondeu Stevie, voltando a se concentrar em suas cartas.

É por meios tão inócuos que se pressagiam os desastres. Mais quinze minutos transcorreram antes que uma série de gritos urgentes – reconheci a voz de Lucius – ressoasse pela Cornelia Street; e quando olhei, a urgência e o medo no rosto do sargento detetive foram suficientes para me fazer agarrar Stevie pelo colarinho e correr para a escada. Era evidente, até para meu cérebro cansado e entediado, que havíamos feito nosso primeiro contato com o assassino.

CAPÍTULO 26

Assim que chegamos à calçada, Stevie e eu despachamos nosso contingente de garotos à espera para chamar Kreizler, Roosevelt, Sara e Marcus, e depois atravessamos correndo a Cornelia Street na direção do Black and Tan. Seguindo em linha reta para a porta da frente do prédio, esbarramos com Frank Stephenson, que fora atraído de seu infame bordel pelos gritos por socorro de Lucius. Como a maioria dos homens em sua profissão, Stephenson empregava muitos capangas, e alguns deles se encontravam parados ao seu lado sob a marquise, bloqueando nossa passagem. Só que eu não sentia a menor disposição de me empenhar no jogo habitual de ameaça e contra-ameaça com aquela gente: simplesmente anunciei que estávamos a serviço da Polícia, que havia um policial no telhado, e que o presidente da Junta de Comissários de Polícia chegaria em breve. A ladainha foi suficiente para que Stephenson e seus rapazes saíssem da frente, e em poucos segundos Stevie e eu chegamos ao telhado.

Encontramos Lucius debruçado sobre Cyrus, que fora atingido com um violento golpe no crânio. Uma pequena poça de sangue brilhava no piche, por baixo da cabeça de Cyrus, enquanto ele revirava os olhos entreabertos de uma maneira assustadora, e de sua boca saíam ofegos tensos. Sempre cauteloso, Lucius levara consigo algumas ataduras de gaze, e estava enfaixando a cabeça de Cyrus, em uma tentativa de estabilizar o que era, no mínimo, uma terrível concussão.

– A culpa é minha – disse Lucius, antes que Stevie e eu fizéssemos qualquer pergunta.

Apesar da firme concentração no que fazia, havia um profundo remorso na voz de Lucius.

– Eu estava com dificuldade de permanecer acordado e fui tomar um café. Esqueci que era domingo, e levei mais tempo do que imaginava para encontrar um café aberto. Devo ter me ausentado por mais de quinze minutos – explicou.

– Quinze minutos? – Murmurei, correndo para o fundo do telhado. – Teria sido tempo suficiente?

Olhei para a viela nos fundos do prédio, mas não avistei nenhum sinal de atividade.

– Não sei – respondeu Lucius. – Precisamos ver o que Marcus pensa.

Marcus e Sara chegaram poucos minutos depois, logo seguidos por Kreizler e Theodore. Marcus só se deteve o tempo suficiente para verificar o estado de Cyrus; depois, pegou uma lanterna e uma lente de aumento e começou a examinar várias partes do telhado. Explicou que quinze minutos seria tempo suficiente para um hábil escalador subir e descer pelo lado do prédio, e continuou a procurar, até que encontrou algumas fibras de corda, que poderiam ou não ser uma prova da presença de nosso assassino. A única maneira de ter certeza era averiguar com Frank Stephenson se algum dos seus "empregados" desaparecera. Acompanhado por Theodore, Marcus desceu, enquanto os demais se agrupavam em torno de Lucius e Kreizler, que cuidavam da cabeça de Cyrus. Kreizler mandou Stevie dizer aos garotos que nos ajudavam que fossem chamar uma ambulância no Hospital St. Vincent, que ficava nas proximidades. Apesar de que havia certa dúvida de que seria seguro transportar um homem nas condições de Cyrus. Depois de fazê-lo recuperar os sentidos com sais de amônia, no entanto, Kreizler pôde constatar que Cyrus ainda tinha sensibilidade e movimentos em todos os membros. Assim, Laszlo teve certeza de que a viagem aos solavancos até o hospital na 7th Avenue, embora desconfortável, não causaria lesões adicionais.

A preocupação de Kreizler com a segurança de Cyrus era profunda; mesmo assim, antes de deixá-lo recair na semi-inconsciência, ainda fez com que ele cheirasse mais sais de amônia e perguntou se conseguira ver quem o atingira.

Cyrus se limitou a sacudir a cabeça e soltou um gemido angustiante, levando Lucius a comentar que era inútil Kreizler insistir: o ferimento na cabeça de Cyrus indicava que ele fora golpeado por trás, e, por isso, era provável que nem houvesse percebido o que acontecera.

A ambulância do St. Vincent demorou meia hora para chegar, tempo suficiente para que descobríssemos que um garoto de quatorze anos do Black and Tan não estava em seu quarto. Os detalhes eram de um tipo que, àquela altura, já havia se tornado lugubremente familiar para nós: o garoto desaparecido era um imigrante alemão recém-chegado, chamado Ernst Lohmann, não fora visto deixando o prédio e trabalhava em um quarto cuja janela se abria para a viela dos fundos. Segundo Stephenson, o garoto pedira o quarto especialmente para aquele dia; assim, tudo indicava que o assassino planejara o golpe em sua vítima involuntária com antecedência – embora quanto tempo havia, horas ou dias, fosse impossível determinar. Eu dissera a Marcus, antes que ele descesse, que o Black and Tan não era conhecido por oferecer garotos prostitutos que se vestiam como mulher. Ele interrogara Stephenson a respeito, e o único garoto da casa que atendia a esses pedidos era Ernst Lohmann.

Depois de um longo tempo, dois atendentes de ambulância uniformizados do St. Vincent apareceram no telhado, carregando uma maca dobrável. Enquanto desciam com Cyrus e o colocavam em uma sinistra ambulância preta puxada por um cavalo também sinistro, de olhos injetados, compreendi que começaria uma terrível vigília de morte: não por Cyrus, que embora bastante ferido, haveria de se recuperar por completo, quase com certeza; mas pelo jovem Ernst Lohmann. Depois que a ambulância partiu, com Kreizler e Sara acompanhando Cyrus ao hospital, Roosevelt se voltou para mim, e percebi que ele chegara à mesma conclusão.

– Não estou interessado no que Kreizler diz, John – anunciou Theodore, erguendo o queixo e cerrando os punhos. – Trata-se, agora, de uma corrida contra o tempo e a brutalidade, e usarei toda a força sob meu comando.

Segui-o, enquanto ele se afastava apressado pela 6th Avenue à procura de um fiacre.

– A 9ª Delegacia é a mais próxima. Tomarei todas as providências de lá. – Ele avistou um carro vazio e se encaminhou para ele. – Conhecemos o padrão básico: ele vai para algum lugar perto da água. Mandarei destacamentos revistarem...

– Roosevelt, espere! – Consegui segurá-lo pelo braço, detendo-o, no momento em que ia embarcar no fiacre. – Compreendo seus sentimentos, mas, pelo amor de Deus, não revele os detalhes a seus homens.

– Não revelar... por Deus, John! – Seus dentes batiam alto e seus olhos dançavam com raiva por trás dos óculos. – Não percebe o que está acontecendo? Neste exato momento...

– Sei de tudo isso, Roosevelt. Mas não vai ajudar se contar tudo ao departamento. Basta dizer que houve um sequestro, e que tem motivos para supor que os criminosos vão tentar deixar a cidade de barco ou por uma ponte. É a melhor maneira de cuidar da situação. Por favor, acredite em mim.

Theodore respirou fundo, aspirando uma enorme quantidade de ar para dentro de seu peito largo, e balançou a cabeça uma só vez.

– Talvez você esteja certo. – Bateu com um punho na outra mão. – Toda essa interferência é uma coisa terrível! Mas farei como você diz, John, desde que fique de lado e me deixe cuidar do caso!

Roosevelt entrou no fiacre, o cocheiro estalou o chicote e partiu pela 6th Avenue. Voltei para diante do Black and Tan. Havia ali uma pequena multidão, já revoltada, ouvindo o relato dos acontecimentos da boca de Frank Stephenson. Em termos técnicos, o Black and Tan ficava no território dos Hudson Dusters, e Stephenson não devia fidelidade a Paul Kelly; mas os dois se conheciam, e o trabalho que Stephenson fazia, atiçando a pequena multidão diante de sua casa naquela noite, deixou-me desconfiado de que Kelly previra a possibilidade de que um dos seus garotos fosse sequestrado ou morto e lhe pagara muito bem para explorar ao máximo o incidente.

Stephenson deixou escapar uma porção de comentários irados, dizendo que a Polícia estivera no local, mas não tomara nenhuma providência preventiva. A vítima era pobre demais, disse ele, e, ainda por cima, um estrangeiro, para justificar o interesse da Polícia; se as pessoas em distritos assim queriam evitar aquelas coisas, precisavam cuidar de tudo diretamente. Marcus, é claro, já se identificara para Stephenson como um agente policial; e enquanto o ânimo da multidão se tornava cada vez mais soturno, com olhares ameaçadores lançados em nossa direção, os Isaacsons, Stevie e eu decidimos bater em retirada para nosso quartel-general, de onde tentaríamos nos manter a par dos eventos durante o resto da noite, pelo telefone.

O que foi muito mais difícil do que parecia. Não havia ninguém para quem pudéssemos ligar – Theodore jamais atenderia a um telefonema nosso enquanto estivesse em companhia de policiais regulares –, e não era provável que alguém entrasse em contato conosco. Por volta das quatro horas da madrugada recebemos uma ligação de Kreizler, que disse que Sara instalara Cyrus em um confortável quarto particular no St. Vincent, e os dois voltariam em breve ao quartel-general. Lucius, embora bastante aliviado com o telefonema de Kreizler, ainda assim se sentia por demais culpado pelo que acontecera e andava de um lado para o outro, um tanto frenético. Se não fosse por Marcus, creio que todos nós poderíamos ter enlouquecido pouco a pouco, sentados ali, sem nada para fazer. Mas o Isaacson mais alto concluiu que, se não podíamos empregar nosso corpo na busca, poderíamos pelo menos usar nossa mente. Apontou para um mapa grande de Manhattan e sugeriu que tentássemos antecipar para onde o assassino iria dessa vez para realizar seu macabro ritual.

Contudo, mesmo que não estivéssemos transtornados pelo pensamento de que os eventos se sucediam sem que fôssemos capazes de afetá-los, duvido que conseguíssemos ir muito longe nesse empenho. É verdade que tínhamos alguns pontos de partida bastante sólidos: primeiro, a suposição de que o profundo ódio do assassino a imigrantes resultara em crimes em Castle

Garden e na barca da ilha Ellis; e segundo, a convicção de que sua preocupação com o poder purificador da água o levara a escolher duas pontes e uma caixa-d'água como locais para os outros assassinatos. No entanto, como podíamos extrapolar esses elementos para descobrir o lugar que ele escolheria em seguida? Uma sugestão foi que ele iria para outra ponte; e se presumíssemos que não haveria uma repetição, então restavam a High Bridge, sobre o East River, na extremidade norte de Manhattan (um aqueduto que levava a água do reservatório de Croton para a cidade), e a ponte de Washington, mais próxima, inaugurada poucos anos antes. Marcus, no entanto, concluiu que o assassino provavelmente sabia que seus perseguidores estavam cada vez mais próximos. Com base no momento de seu ataque a Cyrus, por exemplo, parecia certo que fora *ele* quem nos vigiara, desde o início da noite, em vez do contrário. Seria provável que um homem que prestava tanta atenção às atividades de seus antagonistas calculasse que previámos seu retorno a um tipo de local predileto, e, por isso, iria para um ponto diferente. Marcus disse que podia apostar que o ódio do assassino a imigrantes é o que oferecia a melhor chance de revelar o local provável do próximo crime; e seguindo essa linha de raciocínio, o sargento detetive argumentou que o homem procuraria algum lugar como as docas das linhas de transatlânticos que transportavam enormes quantidades de estrangeiros desesperados em seus conveses inferiores, trazendo-os para a América.

Quando por fim obtivemos uma resposta a esse tétrico enigma, ela era tão óbvia que todos nos sentimos envergonhados. Por volta das quatro e meia da madrugada, no momento em que Kreizler entrava em nosso quartel-general, Sara telefonou da Mulberry Street, aonde fora para descobrir o que estava acontecendo.

– Acabam de receber uma mensagem da ilha de Bedloe – informou ela assim que atendi. – Um dos guardas noturnos na Estátua da Liberdade... encontrou um corpo.

Senti um frio no coração; não fui capaz de falar nada.

– Alô? – disse Sara. – Ainda está na linha, John?

– Estou, sim, Sara.

– Pois então, escute com atenção. Não posso falar por muito tempo. Já há uma porção de policiais se aprontando para ir até lá. O comissário vai acompanhá-los, mas disse que não devemos aparecer. Avisou que tudo que ele pode fazer, nas circunstâncias, é tentar impedir que legistas examinem o corpo antes que ele seja enviado para o necrotério. Tentará dar um jeito para que possamos examiná-lo ali.

– Mas o local do crime, Sara...

– Por favor, John, não seja obtuso. Não há nada que alguém possa fazer. Tivemos nossa chance esta noite e a perdemos. Agora, temos de nos contentar com o que pudermos, quando pudermos, fazer no necrotério. Enquanto isso...

Subitamente, ouvi vozes altas ao fundo, do outro lado da linha: reconheci uma delas como a de Theodore; a outra era, sem dúvida, de Link Steffens, e mais algumas que não pude identificar.

– Preciso desligar agora, John. Estarei aí assim que receber as notícias da ilha.

Transmiti os detalhes aos outros, e vários minutos se passaram antes que todos nós absorvêssemos o fato de que, apesar de nossas semanas de pesquisa e dias de preparativos, não conseguíramos evitar outro assassinato. Lucius foi o que mais se angustiou, considerando-se responsável não apenas pelo crânio fraturado de um amigo, mas também pela morte de um garoto. Marcus e eu tentamos ser compassivos, mas não era possível consolá-lo. Kreizler, no entanto, assumiu uma postura desprovida de emoção, e disse a Lucius que se o assassino andava observando nossos esforços, não havia muita dúvida de que ele acabaria encontrando um meio de desfechar um ataque bem-sucedido, se não naquela noite, então em outra. Tínhamos sorte, declarou Laszlo, que a concussão de Cyrus fosse nossa única baixa – Lucius poderia ter sido também agredido naquele telhado e vítima de mais que uma pancada na

cabeça. Não havia tempo para autorrecriminações, concluiu Kreizler; a mente arguta e os conhecimentos de Lucius, não afetados pela culpa, eram mais do que necessários. Esse pequeno discurso pareceu significar muito para Lucius, tanto pelo autor quanto pelo conteúdo, e ele logo se controlou o suficiente para se juntar aos nossos esforços de tabular o que aprendêramos naquela noite – se é que aprendêramos alguma coisa.

Cada movimento do assassino confirmara nossas teorias sobre a natureza e os métodos – mas o aspecto mais importante de seu comportamento, na opinião de Kreizler, era a atenção aos nossos esforços e o ataque a Cyrus. Por que ele decidira sequestrar Ernst Lohmann mesmo sabendo que vigiávamos o local? E depois de optar por esse perigoso curso de ação, por que apenas deixara Cyrus inconsciente, em vez de matá-lo? Afinal, já era certo que seria condenado à morte se capturado, e só poderia ser enforcado uma vez. Por que correra o risco de Cyrus oferecer resistência, talvez vislumbrar-lhe o rosto, e sobreviver para nos contar? Kreizler não tinha certeza de que poderíamos encontrar respostas definitivas para essas questões, mas, pelo menos, era evidente que o homem apreciara a sensação de risco aumentado naquela noite. E como sabia que chegávamos cada vez mais perto, talvez deixar Cyrus viver fosse sua maneira de nos provocar: um desafio, assim como uma súplica desesperada.

Por mais importante que fosse tudo isso, sem dúvida, eu não pude evitar que minha mente vagueasse, enquanto Kreizler falava, para o que ocorrera em Bedloe naquela noite. Sob a grande estátua feita por Bartholdi – que simbolizava a liberdade para tantos, mas que era, agora, em minha mente, um símbolo irônico da escravidão de nosso assassino a uma obsessão fatal –, outro garoto encontrara um fim horrível e imerecido. Tentei reprimir a imagem vaga, mas poderosa, de um jovem que nunca vira, amarrado e de joelhos, à sombra da Dama da Liberdade, confiando no homem que estava prestes a torcer seu pescoço e depois sentindo um súbito, breve e profundo horror à descoberta de que depositara sua confiança de maneira insensata e

que pagaria o mais alto preço possível por seu erro. Depois, em rápida sucessão, outras imagens afloraram em minha mente: primeiro a faca, aquele instrumento assustador, criado para enfrentar os perigos de um mundo muito diferente de Nova York; em seguida, os longos, lentos e meticulosos movimentos daquela lâmina através da carne, os golpes firmes pelo corpo; o sangue, não mais impelido pelo coração, correndo para a relva e as pedras aos borbotões; e o rangido angustiante do aço contra as órbitas oculares no crânio... Não havia nada que se assemelhasse a justiça nem humanidade nisso. Independentemente do modo como Ernst Lohmann ganhava a vida, independentemente de seu erro de confiar em um estranho, a penalidade era severa demais, o preço abominavelmente alto.

Quando minha atenção retornou à conversa, ouvi Kreizler dizer com urgência, frustrado:

– Alguma coisa... tem de haver *alguma coisa* nova que aprendemos esta noite!

Nem Marcus, nem Lucius, nem eu falamos; mas Stevie fitou a cada um de nós, indeciso, dando a impressão de que tinha algo a dizer, e acabou murmurando:

– Há uma coisa, doutor.

Kreizler olhou para ele, expectante, e Stevie acrescentou:

– Ele está perdendo os cabelos.

E foi nesse instante que me lembrei da cabeça que pensáramos pertencer a Lucius, mas que se alojava no topo de um corpo muito alto para pertencer ao sargento detetive.

– É isso mesmo! – Exclamei. – Nós o vimos... por Deus, Stevie, naquele instante estávamos olhando para *ele!*

– E que mais? – Insistiu Kreizler. – Devem ter notado mais alguma coisa!

Olhei para Stevie, que apenas deu de ombros. Vasculhando a memória, procurei por um detalhe esquecido, um momento ignorado em que o vira com nitidez – nada. A parte posterior de uma cabeça calva. Não houvera mais

nada visível. Kreizler suspirou, profundamente desapontado.

– Calvo, hein? – Ele murmurou, enquanto escrevia a palavra no quadro-negro. – Suponho que é mais do que sabíamos ontem.

– Não parece muita coisa – comentou Lucius – em comparação com a vida de um garoto.

Sara por fim tornou a telefonar, poucos minutos mais tarde. O corpo de Ernst Lohmann se achava a caminho do necrotério. O guarda que o encontrara, como era esperado, não testemunhara nenhuma parte do crime, mas ouvira um som pouco antes de encontrar o cadáver, que poderia ter sido de uma lancha a vapor se afastando da ilha. Roosevelt dissera a Sara que precisaria de algum tempo para se livrar dos policiais que o cercavam; mas achava que se o encontrássemos no Bellevue às seis e meia, poderia providenciar para que examinássemos o corpo sem interferências. Só restava uma hora; decidi ir para casa, tomar um banho e trocar de roupa, antes de me juntar aos outros no necrotério.

Cheguei à Washington Square para encontrar minha avó, por sorte, ainda adormecida. Harriet, porém, já se levantara e se ofereceu para preparar meu banho. Enquanto subíamos a escada, comentei sobre o sono profundo de minha avó.

– É verdade, senhor – disse Harriet. – Ela tem se mostrado muito mais tranquila desde a notícia.

– Que notícia? – Indaguei, cansado e confuso.

– Ainda não soube, senhor? Sobre aquele horrível dr. Holmes. Saiu em todos os jornais ontem. Creio que ainda temos o *Times*. Se quiser dar uma olhada, eu posso...

– Pode deixar – falei, detendo-a quando ela já começava a descer. – Eu mesmo vou buscar. Basta que me prepare o banho, e lhe serei grato pelo resto da vida.

– Não se preocupe com isso, sr. John.

Encontrei o *Times* do dia anterior na mesinha de cobre e vidro ao lado da

poltrona predileta de minha avó. A notícia era apregoada em manchete na primeira página: HOLMES, FRIO ATÉ O FIM. O infame “médico torturador” fora executado na forca na Filadélfia, depois de confessar sem nenhum remorso que matara mais 27 pessoas, quase todas mulheres que namorara e roubara. A execução ocorrera às dez e doze da manhã, e vinte minutos mais tarde ele fora declarado morto. Como precaução adicional – o jornal não explicava contra o quê –, haviam enchido o caixão de cimento, despejado sobre o corpo de Holmes. Depois que o caixão fora baixado para uma cova de três metros de profundidade, em um cemitério não revelado, haviam despejado mais uma tonelada de cimento.

Minha avó ainda não despertara quando saí de casa a caminho do Bellevue; e eu soube mais tarde, por intermédio de Harriet, que ela dormira até depois de dez horas.

CAPÍTULO 27

Ao final, a maior dificuldade em nossa excursão ao necrotério, no início da manhã de segunda-feira, não resultou de nenhuma confrontação com os funcionários. Eram todos novos no emprego (haviam substituído pouco antes um grupo que fora demitido por vender corpos a anatomistas, a cento e cinquenta dólares cada um) e muito inseguros de sua autoridade para se opor a Roosevelt. Nada disso. Nosso problema foi apenas o de entrar no prédio, pois quando lá chegamos, outra turba do Lower East Side já se concentrara no local, exigindo uma explicação para a chacina de suas crianças sem que um único suspeito fosse detido. O ânimo daquela multidão era não apenas mais furioso que o do grupo que se reunira em Castle Garden, mas também muito mais indignado. Não houve nenhuma menção à profissão de Ernst Lohmann ou ao lugar em que morava (ele não tinha família; ou, pelo menos, não conseguimos localizá-la); o garoto era apregoado como um inocente abandonado, à mercê de um departamento de Polícia, um governo municipal e uma classe social superior que não se importavam como ele vivia – ou, no caso de sua morte, com quem fora o responsável. Essa representação muito mais sistemática, para não falar política, do problema de Lohmann – e das comunidades de imigrantes em geral – podia ser uma decorrência da presença de inúmeros alemães na multidão; mas desconfiei que tinha muito mais a ver com a permanente influência de Paul Kelly, embora eu não o visse em nenhum lugar nas proximidades do necrotério enquanto contornávamos a multidão.

Entramos no sinistro prédio de tijolos vermelhos por uma porta preta de ferro nos fundos, Sara, os Isaacsons e eu cercando Laszlo para que ninguém pudesse ver seu rosto. Roosevelt, que nos esperava junto à porta, dispensou

dois atendentes que queriam saber o que fazíamos ali e nos levou para uma sala de autópsia. O cheiro de formol e decomposição era tão intenso que parecia até arrancar o papel amarelado das paredes. Havia mesas com corpos cobertos por lençóis em cada canto, jarros lascados com vários pedaços de corpos humanos dispostos em prateleiras, em uma macabra exposição. Uma enorme lâmpada elétrica pendia do centro do teto, e por baixo havia uma mesa de operações toda amassada e enferrujada, que em algum momento do passado distante devia ter parecido com as que Laszlo mantinha no porão do Instituto. Em cima dessa mesa havia um corpo, coberto por um lençol úmido e sujo.

Lucius e Kreizler se encaminharam no mesmo instante para a mesa, e o primeiro puxou o lençol, aparentemente querendo enfrentar o mais depressa possível o garoto por cuja morte sentia tamanha responsabilidade. Marcus os seguiu, mas Sara e eu permanecemos junto da porta, pois não queríamos nos aproximar do corpo, se pudéssemos evitar. Kreizler tirou o caderninho de anotações do bolso e iniciou o relato habitual, enquanto Lucius relacionava as lesões que o garoto sofrera, com uma voz monótona, mas também, paradoxalmente, arrebatada:

– Corte da genitália completa na base; corte da mão direita pouco acima da articulação do pulso; tanto a ulna quanto o rádio cortados. Lacerações laterais da cavidade abdominal, com lesão consequente no intestino delgado. Lesão maciça em todo o sistema arterial, dentro do tórax, com aparente remoção do coração. Remoção do olho esquerdo, com lesão consequente no malar e supraorbital nesse lado. Remoção do couro cabeludo sobre os ossos occipital e parietal do crânio.

Era um relato macabro, sem dúvida, e tentei não escutar; mas um dos últimos itens atraiu minha atenção, e o interrompi:

– Com licença, Lucius; você disse remoção do olho esquerdo?

– Isso mesmo.

– *Só* do olho esquerdo?

– Exatamente – respondeu Kreizler. – O olho direito continua intacto.

Marcus ficou excitado.

– Ele deve ter sido interrompido.

– Parece a explicação mais plausível – disse Kreizler. – É provável que ele tenha percebido a aproximação do guarda.

Laszlo apontou para o meio do peito antes de acrescentar:

– A coisa do coração é novidade, sargento detetive.

Marcus foi até a porta e disse:

– Comissário Roosevelt, pode nos dar mais 45 minutos aqui?

Roosevelt consultou seu relógio.

– Não sei se teríamos esse tempo todo. O novo diretor e seu pessoal costumam chegar às oito horas. Por que, Isaacson?

– Preciso de uma parte de meu equipamento... para uma experiência.

– Experiência? Que tipo de experiência?

Para Theodore, um eminente naturalista, a palavra “experiência” tinha quase tanto poder quanto “ação”.

– Alguns especialistas acreditam que o olho humano, no momento da morte, registra em caráter permanente a última imagem que vê – explicou Marcus. – Há quem ache que essa imagem pode ser fotografada usando-se o próprio olho como uma espécie de lente. Eu gostaria de fazer uma tentativa.

Theodore avaliou a proposta por um momento.

– Acha que o garoto pode ter morrido olhando para o assassino?

– Há uma possibilidade.

– E o legista que examinar o corpo poderá constatar que você fez essa tentativa?

– Não, senhor.

– Hum... Boa ideia. Vá em frente. – Disse Theodore, decidido, balançando a cabeça. – Pegue seu equipamento. Mas devo adverti-lo de uma coisa, sargento detetive: sairemos daqui às sete e quarenta e cinco de qualquer maneira.

Marcus saiu em disparada pela porta dos fundos do prédio. Lucius e Kreizler continuaram a examinar o corpo, e acabei arriando no chão, exausto e desanimado, a tal ponto que as pernas já não podiam mais me sustentar. Olhei para Sara na esperança de encontrar alguma compaixão em seu rosto, porém ela observava fixamente a extremidade da mesa de autópsia.

– Doutor – ela murmurou depois de um longo momento –, qual é o problema com o pé do garoto?

Laszlo se voltou, fitou Sara e depois acompanhou seu olhar para o pé direito do garoto, que pendia da extremidade da mesa. Parecia inchado e tinha um ângulo estranho em relação à perna; mas, como se tratava de um detalhe de pouca relevância em comparação com as demais lesões do corpo, não era de admirar que Lucius não houvesse percebido. Kreizler pegou o pé e o estudou com toda a atenção.

– *Talipes varus* – anunciou ele por fim. – O garoto tinha o pé torto.

Isso despertou meu interesse.

– Pé torto?

– Pé torto – confirmou Kreizler.

Suponho que era prova da maneira rigorosa como nossa mente havia sido treinada nas últimas semanas o fato de ainda podermos, mesmo exaustos, extrapolar importantes implicações de uma deformidade física bastante comum como a que afligia a última vítima. Começamos a discutir essas implicações enquanto Marcus voltava com seu equipamento e se preparava para bater as fotografias experimentais. O interrogatório subsequente dos que haviam conhecido o garoto Lohmann, no Black and Tan, confirmou nossas especulações, e, por isso, vale a pena mencioná-las.

Sara sugeriu que o assassino poderia ter sido atraído originalmente para Lohmann por causa de uma identificação com o problema físico dele. Entretanto, se o garoto se ressentisse de qualquer alusão a sua deformidade – uma forte possibilidade em um rapaz de sua idade e ocupação –, reagiria de maneira adversa a expressões de compaixão. Essa reação, por sua vez,

desencadearia a ira usual do assassino para com os jovens rebeldes. Kreizler concordou com tudo isso e ainda explicou que a traição inerente na recusa de Lohmann à empatia do assassino teria provocado uma nova e ainda mais profunda ira no homem. Isso poderia explicar o desaparecimento do coração: o assassino, aparentemente, tencionava levar suas mutilações a um novo extremo, mas fora interrompido pelo guarda. Todos nós sabíamos que isso acarretaria muitos problemas – não estávamos lidando com um homem que reagiria bem à interrupção de seus momentos íntimos, por mais repulsivos que pudessem ser.

A essa altura da discussão, Marcus anunciou que estava pronto para iniciar a experiência. Kreizler deu alguns passos para trás, afastando-se da mesa de autópsia, a fim de permitir que os equipamentos de Marcus fossem colocados perto do corpo. Depois de pedir que a lâmpada elétrica pendente do teto fosse apagada, Marcus solicitou ao irmão que lentamente levantasse da órbita o olho restante de Ernst Lohmann. Assim que Lucius o atendeu, Marcus ajeitou uma pequena lâmpada incandescente por trás do olho, no qual focalizou sua câmera. Expôs duas chapas a essa imagem e em seguida ativou dois pequenos fios, com as extremidades à mostra. Ligou esses fios aos nervos do olho e expôs várias outras chapas. Como providência final, desligou a lâmpada incandescente e bateu mais duas chapas do olho sem iluminação, mas ainda ativado eletricamente. Tudo aquilo parecia bizarro demais (eu soube mais tarde que o escritor francês Júlio Verne descrevera esse procedimento em uma de suas histórias mais extravagantes); mas Marcus estava bastante esperançoso, e ao acender de novo a lâmpada do teto, expressou sua determinação em voltar a seu laboratório o mais depressa possível.

Já arrumáramos todos os equipamentos de Marcus e estávamos quase prontos para ir embora, quando percebi que Kreizler observava o rosto de Lohmann com muito menos isenção do que demonstrara durante o exame do corpo. Sem olhar para o cadáver mutilado, adiantei-me e pus a mão no ombro de Laszlo, sem dizer nada.

– O reflexo de um espelho – murmurou Kreizler.

A princípio, pensei que ele se referia a alguma parte do procedimento de Marcus; mas, logo recordei a conversa que tivéramos semanas antes, quando comentáramos que a condição dos corpos das vítimas era um reflexo concreto da devastação psíquica que perpetuamente corroía nosso assassino. Roosevelt também se adiantou, com os olhos fixos no corpo.

– É uma visão ainda pior neste lugar – comentou. – Frio. Totalmente desumanizado...

– Mas, por que isso? – Indagou Kreizler, sem se dirigir a ninguém em particular. – Por que exatamente *isso?*

Ele estendeu a mão para o corpo, e eu sabia que falava das mutilações.

– Só o diabo sabe – respondeu Theodore. – Nunca vi nada assim, a não ser de um pele-vermelha.

Laszlo e eu ficamos paralisados por uma fração de segundo antes de nos voltarmos para Roosevelt ao mesmo tempo. Nosso olhar devia ser muito intenso, pois Theodore se mostrou nervoso.

– O que deu em vocês? – Perguntou ele, meio indignado. – Posso saber?

– Roosevelt – murmurou Laszlo, dando um passo à frente –, incomoda-se de repetir o que acabou de dizer?

– Já fui acusado de muitas coisas quando falo – declarou Theodore –, mas nunca de balbuciar. Creio que fui bastante claro.

– É claro que foi.

Os Isaacsons e Sara haviam se aproximado, pressentindo alguma coisa no fogo que incendiara o rosto antes desolado de Kreizler, que acrescentou:

– Mas o que queria dizer exatamente com isso?

– Pensei apenas na única outra violência desse tipo que já testemunhei – explicou Roosevelt, meio na defensiva. – Foi nas Badlands de Dakota. Vi vários corpos de brancos que haviam sido mortos pelos índios, como uma advertência a outros colonos. Os cadáveres estavam retalhados, de uma forma bem parecida com esta... em uma tentativa, suponho, de apavorar os outros.

– Era o que se poderia naturalmente supor – disse Laszlo, tanto para si mesmo quanto para Theodore. – Mas, será que foi esse mesmo o propósito?

Kreizler pôs-se a andar em torno da mesa de autópsia, esfregando o braço esquerdo devagar, balançando a cabeça.

– Um modelo... ele precisa de um modelo. É muito coerente, muito ponderado, muito... estruturado. Ele copia alguma coisa...

Laszlo olhou para seu relógio e se voltou para Roosevelt.

– Por acaso sabe a que horas abre o Museu de História Natural?

– Não poderia deixar de saber – respondeu Theodore, orgulhoso –, já que meu pai foi um dos fundadores, e eu mesmo estou envolvido...

– A que horas, Roosevelt?

– Nove horas.

Kreizler balançou a cabeça.

– Excelente! Venha comigo, Moore. Quanto aos outros... Marcus, vá para seu laboratório e verifique se essa sua experiência teve algum resultado. Sara, você e Lucius devem voltar para o número 808 e entrar em contato com o Departamento de Guerra, em Washington. Descubram se eles mantêm registros de soldados afastados por doença mental. Digam que só estamos interessados em soldados que serviram ao Exército no Oeste. Se não conseguirem falar pelo telefone, mandem um telegrama.

– Conheço muita gente no Departamento de Guerra – acrescentou Roosevelt. – Se puder ajudar...

– Pode sim, e muito – disse Laszlo. – Sara, anote os nomes. Vamos logo!

Enquanto Sara e os Isaacsons se retiravam, levando os equipamentos de Marcus, Kreizler tornou a se voltar para nós.

– Já entendeu o que estamos procurando, Moore?

– Já, sim – respondi. – Mas, por que exatamente o museu?

– Um velho amigo meu, Franz Boas. Se mutilações como estas têm algum significado cultural entre as tribos indígenas, ele poderá nos dizer. E se for esse o caso, Roosevelt, teremos de lhe dar os parabéns.

Kreizler puxou o lençol sujo sobre o corpo de Ernst Lohmann.

– Infelizmente, deixei Stevie voltar para casa com a caleche, por isso, teremos de pegar um fiacre. Podemos deixá-lo em algum lugar, Roosevelt?

– Não é necessário – respondeu Theodore. – É melhor eu ficar aqui e encobrir as pistas. Pode haver muitas perguntas, considerando a multidão lá fora. Mas eu lhes desejo uma boa caçada, senhores!

O número de pessoas revoltadas diante do necrotério aumentara bastante durante o tempo em que examináramos o corpo de Lohmann. Sara e os Isaacsons aparentemente haviam atravessado a multidão sem incidentes, pois não vimos sinal deles. Kreizler e eu, no entanto, não tivemos tanta sorte. Só conseguimos chegar à metade do caminho do portão do hospital, com a multidão observando, desconfiada, cada passo nosso, antes de sermos bloqueados por um homem corpulento, de cabeça quadrada, empunhando um velho cabo de machado. O homem fixou um olhar frio de reconhecimento em Kreizler. Virei o rosto e constatei que Laszlo parecia conhecê-lo também.

– Ah! – Exclamou o homem, do fundo de sua considerável barriga. – Então, chamaram o famoso *herr doktor* Kreizler!

O sotaque indicava um alemão de classe baixa.

– *Herr* Höpner – disse Laszlo, em um tom firme, mas cauteloso, que sugeria que o homem podia saber como usar o cabo de machado. – Lamento, mas meu colega e eu temos negócios urgentes a tratar em outro lugar. Queira fazer o favor de sair de nossa frente.

– E o que me diz do garoto Lohmann, *herr doktor?* – disse Höpner, sem se mexer. – Tem alguma coisa a ver com esse caso?

Umas poucas pessoas próximas ecoaram a indagação.

– Não faço ideia do que está falando, Höpner – respondeu Kreizler friamente. – Por favor, saia da frente.

– Não faz ideia, hein? – Höpner pôs-se a bater com o pedaço de madeira na palma da mão. – Devo duvidar disso. Vocês conhecem o bom doutor, *meine Freunden?*

A indagação foi dirigida à multidão, e ele continuou:

– É o famoso alienista que destrói famílias, que rouba crianças de suas casas!

Houve manifestações chocadas por todos os lados.

– Quero saber qual é sua participação em tudo isso, *herr doktor!* Sequestrou o garoto Lohmann de seus pais, assim como me tirou minha filha?

– Já lhe disse uma vez – respondeu Laszlo, começando a ranger os dentes. – Não sei nada sobre nenhum garoto Lohmann. Quanto a sua filha, *herr* Höpner, foi ela quem pediu para ser retirada de sua casa, porque você não parava de espancá-la... com um porrete muito parecido com o que segura agora.

A multidão prendeu a respiração, e Höpner arregalou os olhos.

– O que um homem faz em sua própria casa – berrou ele –, com sua própria família, não é da conta de mais ninguém!

– Sua filha pensava de maneira diferente – disse Kreizler. – E agora, pela última vez, *raus mit dir!*

Era uma ordem para o homem sair da frente, como a que se dava a um criado ou a qualquer outro subalterno. Foi como se Höpner houvesse levado uma cusparada na cara. Ergueu o cabo do machado e deu um passo na direção de Kreizler; mas parou de repente quando surgiu uma comoção em algum lugar atrás de nós. Voltei-me para olhar e avistei a cabeça de um cavalo e o teto de uma carruagem avançando em nossa direção. E avistei também um rosto que conhecia: Jack McManus. Ele se pendurava na lateral do veículo, balançando aquele enorme braço direito que o convertera em um dos grandes nomes do ringue durante dez anos, antes que abandonasse o boxe para virar leão de chácara – para Paul Kelly.

A elegante carruagem preta de Kelly, com lanternas de latão em cada lado, abriu caminho pela multidão até nós. O homem pequeno e vigoroso no assento do cocheiro estalou seu chicote, como uma advertência geral, e a multidão, sabendo quem se encontrava dentro da carruagem, tratou de dar

passagem sem dizer nada. Jack McManus saltou no instante em que a carruagem parou, olhou para a multidão com um ar ameaçador e ajeitou seu gorro de mineiro. Depois, abriu a porta da carruagem.

– Sugiro que entrem logo, cavalheiros! – Disse uma voz divertida no interior, e o rosto bonito de Kelly surgiu na porta. – Sabem que as turbas podem escapar ao controle.

CAPÍTULO 28

Ah, olhem só para eles! – A exultação de Kelly era ostensiva, enquanto ele observava a multidão durante nossa fuga aos solavancos do Bellevue. – Os porcos deixaram de ficar de joelhos pela primeira vez! O que deve causar umas poucas noites insones em Mansion Mile, não é mesmo, Moore?

Eu me sentava ao lado de Kreizler, de frente para Kelly. O gângster se voltou para nós, bateu com a bengala de castão de ouro no chão e soltou outra risada.

– Não vai durar muito, é claro... todos voltarão a pôr seus filhos nas fábricas a um dólar por semana antes mesmo de o garoto Lohmann ser metido em um caixão. Será preciso muito mais que apenas outro garoto prostituto morto para fazê-los seguir adiante. Mas, por enquanto, que cena gloriosa!

Kelly estendeu a mão direita, com muitos anéis, para Kreizler.

– Como tem passado, doutor? É um verdadeiro privilégio.

Laszlo apertou a mão estendida, hesitante.

– Sr. Kelly... Pelo menos *alguém* acha essa situação divertida.

– Pois eu acho, doutor, eu acho, e foi por isso que a provoquei!

Nem Kreizler, nem eu fizemos nenhum comentário, e Kelly tratou de acrescentar:

– Ora, cavalheiros, não pensam que pessoas assim seriam capazes de se erguer por si mesmas, sem nenhum impulso, não é? E um pouco de dinheiro, nos lugares certos, também não faz mal a ninguém. Mas devo dizer que nunca imaginei esbarrar com o eminente dr. Kreizler em uma situação assim!

A surpresa de Kelly era obviamente falsa.

– Posso deixá-los em algum lugar, cavalheiros?

Voltei-me para Kreizler:

– Bem que poderíamos poupar a despesa de um fiacre.

Laszlo balançou a cabeça, e acrescentei para Kelly:

– Pode nos deixar no Museu de História Natural. Fica na 77th Street com...

– Sei onde fica, Moore.

Kelly bateu com a bengala no teto da carruagem e ordenou com voz ríspida e autoritária:

– Jack! Mande Harry nos levar à 77th Street com Central Park West! E depressa! – Seu charme sinistro voltou. – Estou um pouco surpreso de também encontrá-lo aqui, Moore. Pensei que perderia o interesse por esses assassinatos depois de sua confrontação com Biff.

– Será preciso muito mais que Ellison para me fazer perder o interesse – declarei, esperando parecer mais desafiador do que me sentia.

– Pois posso lhe oferecer mais.

Kelly sacudiu a cabeça na direção de Jack McManus. A pontada de apreensão que senti nas entranhas deve ter transparecido em meu rosto, porque Kelly soltou uma gargalhada.

– Relaxe. Eu disse que não faria nada contra você enquanto mantivesse meu nome fora do caso, e até agora tem jogado limpo. Gostaria que seu amigo Steffens tivesse o mesmo juízo. Por falar nisso, Moore, você não anda escrevendo muito sobre coisa nenhuma ultimamente, não é? – Disse Kelly, com um sorriso insinuante.

– Estou recolhendo todos os fatos antes de publicar.

– Posso imaginar. E seu amigo doutor está apenas esticando as pernas, não é?

Laszlo se remexeu, inquieto, mas falou calmamente:

– Sr. Kelly, já que nos ofereceu esta carona tão oportuna, gostaria de saber se posso lhe fazer uma pergunta.

– É claro, doutor. Talvez ache difícil acreditar, mas tenho muito respeito por sua pessoa... e certa vez, até li uma monografia que escreveu. – Kelly riu. –

Isto é, uma grande parte.

– Fico satisfeito por isso – respondeu Kreizler. – Mas, diga-me uma coisa: embora eu saiba bem pouco sobre os assassinatos a que se refere, ainda assim, estou curioso quanto ao seu motivo para inflamar, e talvez pôr em perigo, pessoas que nada têm a ver com o caso.

– Acha mesmo que estou expondo aquela gente ao perigo, doutor?

– Deve compreender que um comportamento como o seu só pode levar a uma escalada de distúrbio civil e violência. Muitos inocentes podem sair feridos ou até encarcerados.

– É isso mesmo, Kelly – acrescentei. – Em uma cidade como esta, o que você provoca pode escapar ao controle em um instante.

Kelly pensou a respeito por um momento, sem perder o sorriso.

– Deixe-me perguntar uma coisa a *você*, Moore. As corridas de cavalos acontecem todos os dias, mas o sujeito comum só se interessa pelo cavalo em que aposta. Por quê?

– Por quê? – Repeti, um pouco confuso. – Ora, se você não tem nada em jogo...

– Aí está! – Exclamou Kelly, rindo. – Vocês dois se sentam aqui e ficam falando sobre a cidade, distúrbio civil e todas essas coisas, mas que interesse *eu* tenho nisso? Que me importa se Nova York queimar por completo? Quem sobreviver ainda vai querer um trago, e alguém para lhe fazer companhia por uma hora, e eu estarei aqui para atender a essas necessidades.

– Nesse caso – insistiu Kreizler –, por que se preocupar com o assunto?

– Porque me *irrita* – respondeu, Kelly, pela primeira vez assumindo uma expressão séria. – É isso mesmo, doutor, irrita. Aqueles porcos lá atrás são alimentados pelos rapazes da 5th Avenue com todas as porcarias sobre a sociedade assim que desembarcam do navio, e o que fazem? Destroem-se na tentativa de engolir tudo. É uma aposta de otário, um jogo de cartas marcadas, como preferir chamar, e há uma parte de mim que não se importaria de ver a situação invertida por algum tempo.

Seu sorriso amável voltou de repente.

– Ou talvez haja razões mais profundas para minha atitude, doutor. Talvez o senhor pudesse encontrar alguma coisa no *contexto* de minha vida que explicasse tudo, se tivesse acesso a esse tipo de informação.

O comentário me causou uma surpresa considerável, e percebi que Kreizler também não o esperava. Havia alguma coisa intimidadora na rude agilidade intelectual de Kelly, na ideia de que se tratava de um homem que poderia representar uma grave ameaça em vários aspectos.

– Mas, quaisquer que sejam as razões – continuou nosso anfitrião, jovial, olhando pela janela da carruagem –, estou gostando *imensamente* de toda essa história.

– O suficiente para dificultar uma solução? – Indagou Kreizler.

– Doutor! – Disse Kelly, fingindo-se chocado –, estou quase me sentindo insultado.

O gângster levantou uma tampa no castão da bengala, revelando um pequeno compartimento onde havia um pó cristalino.

– Cavalheiros? – Ofereceu-nos, mas Laszlo e eu recusamos. – Faz o organismo funcionar a esta hora ímpia do dia.

Kelly derramou um pouco de cocaína no pulso e a aspirou.

– Não me agrada dar a impressão de ser um viciado, mas não sou grande coisa pela manhã. Seja como for, doutor – Ele limpou o nariz com um lenço de seda e fechou a tampa da bengala –, eu não sabia que estava havendo alguma tentativa séria de resolver esse caso. – Fez uma pausa, fitando Kreizler nos olhos. – Sabe de alguma coisa que eu ignore?

Nem Kreizler nem eu respondemos à pergunta, o que impeliu Kelly a continuar discorrendo, sarcástica, mas longamente, sobre a lamentável ausência de qualquer esforço oficial sério para esclarecer os assassinatos. A carruagem parou com um solavanco no lado oeste do Central Park. Laszlo e eu saltamos no cruzamento da 77th Street, esperando que Kelly nos deixasse em paz; mas, quando chegamos à calçada, o gângster esticou a cabeça pela

janela da carruagem, atrás de nós.

– Foi uma honra para mim, doutor Kreizler! – Gritou. – Sua companhia também, escriba, mas tenho uma pergunta final: vocês não imaginam que os graúdos vão deixá-los *concluir* sua pequena investigação, não é?

A indagação me pegou de surpresa, e não fui capaz de responder; mas Kreizler se ajustou depressa à situação e disse:

– Só posso responder a essa pergunta com outra: *você* tenciona nos deixar concluir?

Kelly levantou os olhos para o céu da manhã.

– Para ser franco, eu ainda não havia pensado nisso. Achei que não precisava. Esses assassinatos têm sido muito úteis para mim, como eu disse. Se puserem em risco essa utilidade... ora, mas o que estou dizendo? Com o que vocês têm de enfrentar, terão muita sorte se conseguirem escapar da prisão. – Ele ergueu sua bengala. – Bom dia, cavalheiros. Harry! Vamos voltar ao New Brighton!

Observamos a carruagem se afastar. Jack McManus continuava pendurado nela como se fosse um macaco enorme e malevolente. A seguir, voltamo-nos para entrar no Museu de História Natural.

Embora ainda não tivesse trinta anos, o museu já alojava uma coleção de peritos de primeira classe e um vasto e extravagante sortimento de ossos, pedras, animais empalhados e insetos espetados. Contudo, entre todos os departamentos instalados no prédio que parecia um castelo, nenhum era mais renomado, ou mais iconoclástico, que o de Antropologia, e eu soube mais tarde que o homem que íamos encontrar naquele dia, Franz Boas, era o principal responsável por isso.

Ele era mais ou menos da idade de Kreizler; nascera na Alemanha, onde estudara Psicologia experimental antes de passar para a Etnologia. Assim, havia razões circunstanciais óbvias para que Boas e Kreizler se conhecessem antes da emigração do primeiro para os Estados Unidos; mas nenhuma delas era tão importante para a amizade entre os dois quanto a profunda

semelhança de ideias profissionais. Kreizler apostara sua reputação na teoria do contexto, na ideia de que não se pode compreender a personalidade de nenhum adulto sem primeiro entender os fatos de sua experiência individual. O trabalho antropológico de Boas representava, sob muitos aspectos, a aplicação dessa teoria em uma escala maior: a culturas inteiras. Enquanto realizava pesquisas pioneiras com as tribos de índios do noroeste dos Estados Unidos, Boas chegara à conclusão de que a história é a principal força que molda as culturas, em vez de raça ou ambiente geográfico, como antes se presumia. Em outras palavras, grupos étnicos diferentes comportam-se de uma maneira específica não por causa da biologia ou das forças climáticas (havia exemplos demais de grupos que contradiziam essa teoria para permitir que Boas a aceitasse), mas sim porque *aprenderam.* Todas as culturas são igualmente válidas quando consideradas sob esse ângulo; e a seus muitos críticos, que diziam que era evidente que certas culturas haviam feito mais progressos que outras, e podiam, assim, ser consideradas superiores, Boas respondia que "progresso" era um conceito relativo.

Boas dinamizara o departamento de antropologia do Museu de História Natural com novas ideias, desde a sua nomeação, em 1895; e quando se passava pelas salas de exposição do departamento, como fizemos naquela manhã, não se podia evitar a sensação de vitalidade e excitamento intelectual. Essa reação, é claro, podia ser desencadeada pela visão dos rostos ferozes esculpidos em uma dúzia de enormes postes totêmicos ao longo das paredes; ou pela enorme canoa com índios de gesso – moldados de espécimes vivos – que remavam por uma massa de água imaginária no centro do corredor principal; ou os sucessivos mostruários de armas, máscaras rituais, trajes e outros artefatos, que ocupavam o resto do espaço do andar. Qualquer que fosse a causa, quem quer que entrasse naquelas salas experimentava a sensação de que passara da elegante Manhattan para algum canto do globo que todos os que não tinham maiores conhecimentos logo classificariam de selvagem.

Kreizler e eu encontramos Boas em um escritório atravancado, em uma das torres do museu que dava para a 77th Street. Ele era um homem pequeno, com um nariz grande e arredondado, um enorme bigode e cabelos ralos. Em seus olhos castanhos ardia o mesmo fogo de expedicionário que caracterizava o olhar de Kreizler; e os dois trocaram um aperto de mãos com o vigor e a afeição que só são partilhados por espíritos afins. Boas estava obviamente afobado: preparava uma grande expedição para o Pacífico Noroeste, a ser paga pelo financista Morris K. Jesup. Por isso, Kreizler e eu tivemos de expor depressa nosso problema. Fiquei chocado pela franqueza com que Kreizler revelou nosso trabalho; e a história também chocou Boas, a julgar pela maneira como se levantou, fitou-nos muito sério e foi fechar a porta de sua sala.

– Kreizler – disse ele, com um forte sotaque, tão acentuado quanto o de Laszlo, embora um pouco mais gentil –, tem alguma ideia do risco a que está se expondo? Caso isso se torne conhecido e você venha a fracassar... o risco é atroz!

Boas levantou os braços e, a seguir, pegou um pequeno charuto.

– Sei de tudo isso, Franz – respondeu Kreizler –, mas o que queria que eu fizesse? Afinal, são crianças, mesmo que párias e desafortunadas, e as mortes vão continuar. Além do mais, há enormes possibilidades de *não* fracassarmos.

– Posso compreender o envolvimento de um *jornalista* – disse Boas, acenando com a cabeça para mim enquanto acendia o charuto –, mas seu trabalho, Kreizler, é importante. Você já tem a desconfiança do público, além de muitos de seus colegas... caso tudo saia errado nesse caso, você será ridicularizado e repudiado por eles!

– Como sempre, você não está me escutando – comentou Kreizler, indulgente. – Pode presumir que já analisei essas considerações muitas e muitas vezes. E a questão é que o sr. Moore e eu nos encontramos sob a pressão do tempo, tanto quanto você. Portanto, devo lhe perguntar de uma

forma brusca: pode nos ajudar ou não?

Boas soprou a fumaça do charuto, observando-nos com toda a atenção por um momento e sacudindo a cabeça.

– Quer informações sobre as tribos das Grandes Planícies?

Laszlo balançou a cabeça, e Boas continuou:

– Muito bem, mas uma coisa é *strengt verboten* – apontou um dedo para Kreizler. – Não admitirei que os costumes tribais desses povos sejam responsáveis pelo comportamento de um assassino nesta cidade.

Laszlo suspirou.

– Franz, por favor...

– Sobre você, não tenho a menor dúvida. Mas nada sei sobre as pessoas com quem trabalha. – Boas tornou a me fitar, mais do que um pouco desconfiado. – Já temos dificuldades suficientes no esforço de mudar a opinião pública sobre os índios. Assim, você deve assumir esse compromisso comigo, Laszlo.

– Prometo, em nome de meus colegas e meu.

Boas soltou um grunhido desdenhoso.

– Colegas... – Ele folheou alguns papéis em sua mesa, contrariado. – Meus conhecimentos das tribos em questão são insuficientes, mas acabei de contratar um jovem que poderá ajudá-los.

Ele se levantou, foi até a porta, abriu-a e gritou para uma secretária:

– Srta. Jenkins! Por favor, onde está o dr. Wissler?

– Lá embaixo, doutor. Estão arrumando a exposição dos blackfeet.

– Ahn... – Boas voltou a sua mesa. – A montagem da exposição já está atrasada. Terão de conversar com ele lá embaixo. Não se deixe iludir pela juventude de Wissler, Kreizler. Ele percorreu um longo caminho em poucos anos e testemunhou muita coisa.

A atitude de Boas se abrandou quando ele contornou a mesa e se aproximou de Laszlo, com a mão estendida.

– Muito parecido com outros eminentes especialistas que conheço.

Os dois sorriram um para o outro por um instante, mas o rosto de Boas retomou a expressão desconfiada quando ele apertou minha mão. A seguir, ele nos conduziu à porta do escritório.

Descemos a escada apressados, passamos pelo corredor onde estava a enorme canoa e pedimos orientação a um guarda. Ele indicou outra sala de exposição, cuja porta estava trancada. Kreizler bateu algumas vezes, mas não houve resposta. Podíamos ouvir marteladas e vozes lá dentro, e depois, uma sucessão de gritos assustadores, como os que de fato se poderiam ouvir na fronteira.

– Por Deus! – Murmurei. – Não vão apresentar índios vivos na exposição, não é?

– Não seja ridículo, Moore.

Kreizler tornou a bater na porta, até que a abriram. Deparamo-nos com um jovem de cabelos crespos, em torno dos 25 anos, bigodinho, rosto de querubim, olhos azuis irrequietos. Vestia colete e gravata, e um cachimbo professoral pendia de sua boca; mas tinha na cabeça um enorme e meio assustador cocar de guerra, composto com penas de águia, pelo que presumi.

– Pois não? – Ele murmurou com um sorriso cativante. – Em que posso ajudá-los?

– Dr. Wissler? – Indagou Kreizler.

– Clark Wissler, isso mesmo.

O homem percebeu de repente que usava o cocar e se apressou em removê-lo.

– Desculpem-me. Estamos montando uma exposição, e estou bastante preocupado com esta peça. Vocês são...

– Meu nome é Laszlo Kreizler, e este é...

– *Doutor* Kreizler? – Disse Wissler, esperançoso, abrindo a porta mais um pouco.

– Isso mesmo. E este...

– Mas que prazer! – Wissler estendeu a mão e apertou a de Kreizler com o

maior vigor. – Uma honra! Creio que já li tudo o que escreveu, doutor. Mas acho que deveria escrever mais. A Psicologia precisa de mais trabalhos como o seu!

Enquanto entrávamos na grande sala, totalmente desarrumada, Wissler continuou no mesmo tom, fazendo uma breve pausa apenas para me apertar a mão. Parecia que ele também estudara primeiro Psicologia, antes de passar para a Antropologia; e mesmo em seu trabalho atual, focalizava os aspectos psicológicos dos sistemas de valores das diferentes culturas, como eram expressos por meio da mitologia, obras de arte, estruturas sociais, e assim por diante. Foi uma circunstância afortunada. Assim que o afastamos de um grupo de mulheres e o levamos a um canto da sala, revelando em confidência qual era nosso trabalho, Wissler manifestou uma preocupação ainda mais intensa que a de Boas sobre os efeitos potenciais de ligar atos tão abomináveis quanto os de nosso assassino a qualquer cultura indígena. Todavia, depois que Kreizler lhe ofereceu a mesma garantia que já dera a Boas, a admiração irrestrita de Wissler por Laszlo permitiu que a confiança florescesse. Ele reagiu a nossa descrição meticulosa das mutilações envolvidas nos assassinatos com uma análise rápida e penetrante, de um tipo que eu raramente ouvira de alguém tão jovem.

– Posso entender por que vieram nos procurar – disse ele.

Ainda com o cocar de guerra nas mãos, Wissler olhou ao redor, procurando um lugar para deixá-lo, mas só viu os detritos das obras na sala.

– Desculpem-me, senhores, mas – ele tornou a pôr o cocar na cabeça – devo manter esta peça limpa até que a exposição esteja montada. Muito bem; as mutilações descritas, ou pelo menos algumas, possuem certa semelhança com atos cometidos nos corpos de inimigos mortos por várias tribos das Grandes Planícies, em particular os dakotas, ou sioux, mas há diferenças importantes.

– E chegaremos a elas – disse Kreizler. – Mas, vamos agora às semelhanças. Por que fazem essas coisas? E são feitas apenas em cadáveres?

– De modo geral – respondeu Wissler. – Apesar do que pode ter lido, os

sioux não apresentam uma propensão acentuada para a tortura. Há alguns rituais de mutilação, é verdade, que envolvem pessoas vivas; um homem capaz de provar que sua esposa lhe foi infiel, por exemplo, pode cortar o nariz dela a fim de caracterizá-la como adúltera. Mas esse comportamento obedece a normas estritas. A maioria das coisas terríveis que se podem encontrar só acontece com os inimigos da tribo que estão mortos.

– Por quê?

Wissler reacendeu seu cachimbo, tomando o cuidado de manter o fósforo bem longe das penas de águia.

– Os sioux possuem um complexo conjunto de mitos sobre a morte e o mundo espiritual. Ainda estamos coletando dados e exemplos, e tentando compreender toda a estrutura de suas crenças. Mas, basicamente, o *nagi* de cada homem, seu espírito, é afetado não apenas pela maneira como ele morre, mas também pelo que aconteceu a seu corpo logo depois da morte. É que o *nagi*, antes de iniciar sua longa jornada para a terra dos espíritos, perdura perto do corpo por algum tempo, preparando-se para a viagem, poderíamos dizer. O *nagi* tem permissão para levar quaisquer implementos úteis que o homem possuiu em vida, a fim de ajudá-lo na viagem e enriquecer sua vida posterior. Mas o *nagi* também assume a forma que o corpo tinha no momento da morte. Se um guerreiro matou um inimigo a quem admirava, necessariamente não mutilaria seu corpo, porque, segundo outra parte do mito, esse inimigo morto deve servir ao guerreiro na terra dos espíritos. E quem ia querer um servo mutilado? Mas, se o guerreiro odiava o inimigo e não queria que ele desfrutasse todos os prazeres da terra dos espíritos, poderia fazer algumas das coisas que vocês descreveram. A castração, por exemplo. Porque, na versão dos sioux da vida posterior, os espíritos masculinos podem copular com os femininos sem que estes engravidem. Cortar os órgãos genitais do morto, obviamente, significa que ele não será capaz de aproveitar esse aspecto muito atraente da terra dos espíritos. Há também jogos e competições de força; um *nagi* sem uma das mãos, ou sem um órgão vital,

não poderia se sair bem nessas atividades. Já vimos muitos exemplos de mutilações assim em campos de batalha.

– E o que me diz dos olhos? – Indaguei. – O conceito é o mesmo nessa área?

– A questão dos olhos é um pouco diferente. A jornada do *nagi* para a terra dos espíritos envolve um teste bastante perigoso: ele deve atravessar um imenso rio mítico em uma piroga muito estreita. Se o *nagi* tiver medo desse teste, ou se fracassar, terá de voltar a nosso mundo e vaguear pela eternidade como um fantasma perdido e desamparado. Um espírito que não pode ver não tem a menor chance de realizar a grande viagem, e seu destino é predeterminado. Os sioux levam isso muito a sério. Há poucas coisas que temem mais do que ficar perdidos neste mundo na vida posterior.

Kreizler registrava tudo isso em seu caderninho de anotações, e pôs-se a balançar a cabeça ao chegar a esse último conceito.

– E as diferenças entre as mutilações sioux e as que descrevemos?

– Bem – Wissler soltou uma baforada do cachimbo, pensando por um momento. – Há alguns aspectos importantes, assim como alguns detalhes que tornam os exemplos que estão me dando diferentes dos costumes sioux. Os mais importantes são as lesões nas nádegas e a alegação de canibalismo. Os sioux, como a maioria das tribos indígenas, têm horror ao canibalismo. É uma das coisas que eles mais desprezam nos brancos.

– Nos brancos? – Murmurei. – Mas nós não somos... ora, sejamos justos, nós não somos canibais.

– Não, em geral – respondeu Wissler. – Mas houve algumas exceções notáveis, de que os índios tomaram conhecimento. Lembram-se da Caravana Donner, em 1847? Eles ficaram retidos por meses em um desfiladeiro nas montanhas, coberto de neve, e alguns devoraram os outros. Isso gerou muitas histórias entre as tribos do Oeste.

– Mas... – Senti a necessidade de insistir no protesto –, não podemos basear nosso julgamento de toda uma cultura no que umas poucas pessoas fazem.

– É claro que podemos, Moore – interveio Kreizler. – Não se esqueça do princípio que estabelecemos para nosso assassino: por causa de suas experiências passadas, os contatos iniciais com uma quantidade relativamente pequena de pessoas, ele cresceu para encarar o mundo inteiro de maneira distintiva. Podemos dizer que é uma visão equivocada, mas ele não pode fazer de outra forma, tendo em vista seu passado. O mesmo princípio se aplica aqui.

– As tribos do Oeste não tiveram contato com uma parte mais favorável da sociedade branca, sr. Moore – concordou Wissler. – E há, também, os mal-entendidos que reforçam essas impressões originais. Quando o líder sioux Touro Sentado jantou com vários brancos, há alguns anos, por exemplo, serviram-lhe porco. Como ele nunca havia visto aquela carne, mas conhecia a história da Caravana Donner, presumiu no mesmo instante que era carne humana branca. De modo geral, é essa a lamentável maneira pela qual as culturas passam a se conhecer.

– Quais são as outras diferenças? – Perguntou Kreizler.

– Há a questão de enfiar na boca os órgãos genitais; isso é gratuito, e não faria sentido para os sioux. O espírito do homem já foi emasculado; enfiar seus órgãos genitais na boca não serviria a nenhum propósito prático. Mas, acima de tudo, há o fato de que as vítimas são crianças. Garotos.

– Ei, espere um pouco! – Interrompi de novo. – Tribos indígenas têm massacrado crianças, e todo o mundo sabe disso.

– É verdade – confirmou Wissler. – Mas eles não cometeriam esse tipo de mutilação ritual contra crianças. Pelo menos, nenhum sioux que se respeitasse faria isso. Essas mutilações são executadas contra inimigos para que eles nunca alcancem a terra dos espíritos ou não possam desfrutá-la quando lá chegarem. Fazer isso com uma criança... ora, seria admitir que a criança era considerada uma ameaça; alguém de mesmo nível. Seria covardia, e os sioux são muito suscetíveis em relação à covardia.

– Quero lhe fazer uma pergunta, dr. Wissler – disse Kreizler depois de

consultar suas anotações. – O comportamento que descrevemos seria coerente com alguém que houvesse testemunhado mutilações de índios, mas que ignorasse seu significado cultural, e, por isso, interpretasse-as como mera selvageria? E que, ao imitá-las, poderia pensar que *mais* selvageria faria que suas ações parecessem *mais* com as de um índio?

Wissler avaliou a ideia, balançou a cabeça, bateu o cachimbo para remover o tabaco queimado.

– Sim, Dr Kreizler. Seria mais ou menos essa minha opinião.

E foi nesse instante que Laszlo assumiu uma expressão diferente; uma expressão que dizia que tínhamos de sair dali, pegar um fiacre e voltar ao nosso quartel-general. Ele alegou problemas urgentes para Wissler, que queria continuar a conversa, e prometeu voltar em outra ocasião, muito em breve. Depois, encaminhou-se para a porta, deixando-me a pedir desculpas adicionais pela partida abrupta – com a qual Wissler parecia não se importar, o que não era de surpreender. A mente dos cientistas parece pular de um ponto para outro como sapos apaixonados, mas também parecem aceitar esse comportamento nos outros.

Quando alcancei Kreizler, na rua, ele já fizera sinal para um fiacre e embarcava. Pensei que havia uma boa possibilidade de ele me deixar para trás se não me apressasse, por isso corri até o meio-fio e tratei de entrar no fiacre.

– Número 808 da Broadway, cocheiro! – Gritou Laszlo.

Ele se pôs a sacudir o punho cerrado enquanto me dizia:

– Está vendo, Moore? Está vendo? Ele esteve por lá; nosso homem... ele testemunhou essas coisas! Define esse comportamento como horrível e sujo... sujo como um pele-vermelha; mas também se considera cheio de sujeira. Combate esses sentimentos com ira e violência, mas quando mata, só afunda mais, até um nível que despreza intensamente, até o comportamento mais vil, mais animal que pode imaginar. Modelado no dos índios, mas, em sua mente, ainda mais índio que um índio.

– Ou seja, ele esteve na fronteira – comentei, pois era tudo o que significava para mim.

– Só pode ser isso – disse Laszlo. – Ou quando era criança, ou como soldado. E vamos torcer para que nossas investigações em Washington revelem alguma coisa. Podemos ter fracassado ontem à noite, John, mas, hoje, estamos mais perto!

CAPÍTULO 29

Podíamos estar mais perto, mas não, lamentavelmente, tão perto quanto Laszlo esperava. Sara e Lucius, como descobrimos ao voltar ao quartel-general, não haviam conseguido nada com o Departamento de Guerra, apesar dos contatos de Theodore. Todas as informações referentes a soldados hospitalizados ou dispensados do serviço por razões de distúrbios mentais eram confidenciais e não podiam ser discutidas por telefone. Uma viagem a Washington parecia ter dupla importância agora; na verdade, todas as pistas, pelo menos até o momento, haviam nos levado para longe de Nova York. E se nosso assassino fora criado na fronteira do Oeste ou servira em uma das unidades militares que patrulhavam a região, alguém devia ir até lá para verificar se existia ou não alguma trilha.

Passamos o resto da manhã pesquisando possíveis pontos, tanto na época quanto no mapa, por onde poderíamos iniciar a busca por essa trilha. Por fim, definimos duas áreas gerais. O assassino, quando criança, testemunhara as brutais campanhas contra os sioux que resultariam na morte do general Custer em Little Big Horn, em 1876, ou participara como soldado da violenta repressão às tribos sioux insatisfeitas, que culminara na batalha de Wounded Knee Creek, em 1890. De qualquer forma, Kreizler estava ansioso para que alguém partisse para o Oeste imediatamente: pois, como nos disse, desconfiava agora que o assassinato das crianças Zweig não fora o primeiro gosto de sangue que o assassino sentira. E se o homem cometera algum assassinato no Oeste – antes ou durante seu serviço militar –, haveria um registro do caso em algum lugar. É verdade que um crime desses teria permanecido insolúvel nos anos transcorridos desde que fora cometido; e era bem possível que houvesse sido atribuído a índios em uma expedição de

pilhagem. Mas, mesmo assim, haveria documentos com o relato, em Washington ou em algum escritório administrativo no Oeste. E mesmo que nenhuma morte desse tipo houvesse ocorrido, ainda precisaríamos ter agentes por lá para seguir as pistas descobertas na capital. Somente visitando as localidades envolvidas, poderíamos saber com precisão o que acontecera com nosso homem, o que nos permitiria prever de forma mais acurada seus futuros movimentos.

Kreizler planejava ir pessoalmente a Washington; e quando eu lhe disse que ainda conhecia diversos jornalistas e funcionários do governo na capital – incluindo um excelente contato na Divisão de Assuntos Indígenas do Departamento do Interior –, ele achou que minha companhia seria aconselhável. Com isso, restavam Sara e os Isaacsons, todos ávidos pela viagem ao Oeste. Alguém, no entanto, deveria permanecer em Nova York, a fim de coordenar os vários esforços. Depois de muita discussão, ficou decidido que Sara era a escolha óbvia para essa função, já que ainda fazia – e deveria continuar fazendo – visitas ocasionais à Chefatura de Polícia, na Mulberry Street. Embora sentisse um amargo desapontamento por perder a viagem ao Oeste, Sara tinha uma firme noção da situação e aceitou sua incumbência de bom grado.

Roosevelt era a pessoa óbvia para pôr os Isaacsons em contato com guias nos estados do Oeste; e quando lhe telefonamos relatando o projeto, ele demonstrou o maior entusiasmo e até ameaçou acompanhar pessoalmente os dois detetives. No entanto, ressaltamos que a imprensa o seguia por toda parte, e a atenção seria ainda maior se fosse para o Oeste. Histórias de suas expedições de caça e fotografias suas com o traje de pele de gamo franjado eram uma garantia de venda de exemplares para qualquer jornal e revista em que fossem publicadas, e seriam inevitáveis as indagações sobre seus companheiros de viagem. Não podíamos permitir esse tipo de publicidade. Além do mais, com a luta pelo poder na Mulberry Street prestes a entrar em uma nova fase, talvez decisiva, o principal expoente da reforma no

Departamento de Polícia não podia desaparecer no Oeste.

Os Isaacsons iriam sozinhos; e argumentamos que, se partissem logo, poderiam estar no local quando Laszlo e eu descobríssemos informações úteis, que lhes seriam passadas pelo telégrafo de Washington. Por isso, foi um choque e tanto para Marcus – quando chegou ao número 808 da Broadway depois de revelar as fotografias do globo ocular (um retumbante fracasso, diga-se de passagem, apesar das assertivas de *monsieur* Júlio Verne) – descobrir que partiria na manhã seguinte para Deadwood, Dakota do Sul. De lá, ele e o irmão viajariam para o Sul, até a Reserva e Agência Sioux de Pine Ridge, onde começariam a investigar os assassinatos com mutilações dos últimos dez a quinze anos que ainda não estivessem esclarecidos. Enquanto isso, eu usaria meus contatos na Divisão de Assuntos Indígenas para efetuar a mesma pesquisa em Washington. Kreizler, por sua vez, pressionaria o Departamento de Guerra e o Hospital St. Elizabeth em busca de informações sobre soldados do Oeste dispensados por instabilidade mental, ao mesmo tempo que faria pesquisas adicionais sobre o indivíduo a respeito do qual o pessoal do hospital nos escrevera.

Ao terminarmos de definir tudo isso, já era o final da tarde, e o peso de uma noite insone começava a pressionar todos nós. Ainda por cima, havia providências domésticas a serem tomadas, e era preciso arrumar as malas. Resolvemos que nosso dia seria encerrado mais cedo. Houve trocas de despedidas, mas a exaustão obscureceu a verdadeira importância do momento – na verdade, creio que os Isaacsons ainda não haviam absorvido o fato de que se levantariam na manhã seguinte para pegar um trem que os levaria por metade do continente. Não que Kreizler e eu estivéssemos em melhores condições: ao sair, Sara anunciou que tencionava nos buscar com um fiacre no dia seguinte e nos levar à estação. No entanto, a expressão de quase morte no rosto de todos nós a levou a duvidar de que fôssemos capazes de acordar, quanto mais de pegar um trem.

No momento em que Kreizler e eu deixávamos o número 808, Stevie

apareceu. Já reconstituíra suas forças depois de várias horas de sono. Ele nos lembrou que Cyrus passara o dia inteiro sozinho em um quarto de hospital; estava com a caleche e se propunha a nos levar ao Hospital St. Vincent para uma visita a nosso companheiro ferido. Embora extenuados, nem Kreizler nem eu podíamos recusar; e recordando a péssima qualidade da comida de hospital em Nova York, decidimos procurar primeiro Charlie Delmonico e pedir-lhe que mandasse seu pessoal preparar uma refeição de primeira ordem que pudéssemos levar ao St. Vincent.

Encontramos Cyrus todo enfaixado, quase adormecido, às seis e meia. Ele ficou na maior satisfação pela refeição, não se queixou de nada, nem mesmo do fato de as enfermeiras do hospital haverem objetado a cuidar de um negro. Kreizler protestou com dois administradores do hospital a respeito, mas, afora isso, passamos uma hora bastante agradável no quarto de Cyrus, cuja janela oferecia uma excelente vista da 7th Avenue, Jackson Square e o sol poente além.

Já estava quase escuro quando descemos para a 10th Street. Eu disse a Stevie que tomaríamos conta da caleche por alguns minutos, a fim de que ele pudesse subir para visitar Cyrus. O garoto entrou logo no hospital, na maior ansiedade. Kreizler e eu nos preparávamos para arriar os ossos cansados no macio estofamento de couro da caleche, quando uma ambulância se aproximou, ruidosa, a uma considerável velocidade, e parou ao nosso lado. Se eu estivesse um pouco menos exausto, poderia ter notado que o rosto do motorista da ambulância não me era de todo estranho; mas limitei-me a focalizar o mínimo de atenção de que era capaz nas portas do veículo, que foram abertas abruptamente, dando passagem a um segundo homem. Reconheci-o no mesmo instante – ele não se parecia em nada com um atendente de hospital –, com um arrepio de medo.

– Mas o que é isso? – Balbuciei, enquanto o homem me fitava, sorrindo.

– Connor! – Exclamou Laszlo, chocado.

O ex-sargento detetive alargou seu sorriso desdentado e deu alguns passos à

frente, ameaçador.

– Quer dizer que se lembra de mim, hein? Tanto melhor. – Ele sacou um revólver de baixo do casaco puído. – Entrem na ambulância, os dois.

– Não seja absurdo! – Protestou Laszlo, ríspido, apesar da arma.

Tentei uma abordagem diferente, pois conhecia muito melhor que Kreizler o homem com quem lidávamos.

– Connor, guarde essa arma. Isso é uma loucura. Você não pode...

– Loucura? – Repetiu Connor, furioso. – De jeito nenhum. Estou apenas realizando meu novo trabalho. Perdi o antigo, devem estar lembrados. Seja como for, recebi ordem de buscar vocês dois; embora preferisse deixá-los mortos na calçada. Vamos logo!

É estranho como o medo pode curar a exaustão. Senti, de repente, um novo ímpeto de energia, que se concentrou em meus pés. Contudo, a fuga seria impossível – Eu tinha certeza de que Connor falava sério sobre sua disposição de atirar em nós. Por isso, arrastei Kreizler, que se debatia e protestava, para a traseira da ambulância. Ao embarcar, levantei os olhos o suficiente para verificar que o cocheiro do veículo era um dos homens que haviam tentado atacar a Sara e a mim no apartamento dos Santorelli. Os fios soltos começavam a se juntar.

Connor trancou as portas da ambulância por fora e subiu para o lado do cocheiro. Partimos à mesma velocidade vertiginosa da chegada, embora fosse impossível determinar, pela pequena janela gradeada na traseira do veículo, para onde seguíamos.

– Parece que vamos para a zona norte – comentei, enquanto éramos jogados de um lado para o outro no compartimento escuro.

– *Sequestrados?* – Disse Kreizler, mantendo o irritante tom de isenção que costumava assumir em momentos de perigo. – Ou será a estranha ideia de humor de alguém?

– Não é uma brincadeira – garanti, enquanto tentava abrir a porta, só para descobrir que se achava bem trancada. – Afinal, quase todos os policiais se

encontram a apenas três passos de virarem criminosos. Eu diria que Connor deu esses passos.

O espanto de Laszlo era total.

– Nunca sabemos o que dizer em uma situação assim. Tem alguma confissão horrível que gostaria de fazer, Moore? Não sou um clérigo, é claro, mas...

– Kreizler, ouviu o que eu acabei de dizer? Não é uma brincadeira!

Viramos uma esquina nesse momento e fomos jogados com violência para a lateral da ambulância.

– Bem – murmurou Kreizler, empertigando-se e verificando se sofrera algum ferimento –, estou começando a entender seu ponto de vista.

A corrida desabalada terminou quinze minutos depois. Qualquer que fosse o bairro em que estávamos, era bastante quieto. O silêncio era rompido apenas pelos grunhidos e imprecações dos homens que haviam nos sequestrado. Connor foi abrir a porta, e saltamos para a, como reconheci, Madison Avenue, no distrito de Murray Hill. Um lampião próximo tinha uma placa que indicava "36th Street", e diante de nós se erguia uma casa enorme, mas de bom gosto, com duas colunas nas laterais da porta da frente e janelas grandes que se projetavam para a rua. Kreizler e eu trocamos um olhar de reconhecimento imediato.

– Ora, ora – murmurou Kreizler, intrigado, talvez um pouco reverente.

Mas eu me sentia quase arrasado.

– Mas, o que significa isso? – Sussurrei. – Por quê...

– Andem! – Gritou Connor, indicando a porta da frente, mas permanecendo junto da ambulância.

Kreizler tornou a olhar para mim, deu de ombros e começou a subir os degraus da frente.

– Sugiro que entremos logo, Moore. Ele não é um homem acostumado a esperar.

Um mordomo muito inglês abriu a porta da casa na Madison Avenue, 219,

cujo interior refletia a mesma combinação excepcional – extrema riqueza e um gosto refinado – que caracterizava a fachada. Um piso de mármore sob nossos pés, uma escada branca simples, mas espaçosa, subindo para os andares superiores. Nosso destino, no entanto, era bem à frente. Passamos por esplêndidos quadros europeus, assim como esculturas e peças de cerâmica – tudo elegante, exibido com simplicidade, sem o efeito de amontoado que tanto fascinava famílias como os Vanderbilts –, e continuamos a avançar para os fundos da casa. Ali, o mordomo abriu uma porta almofadada, que dava para uma sala enorme, pouco iluminada. Laszlo e eu entramos.

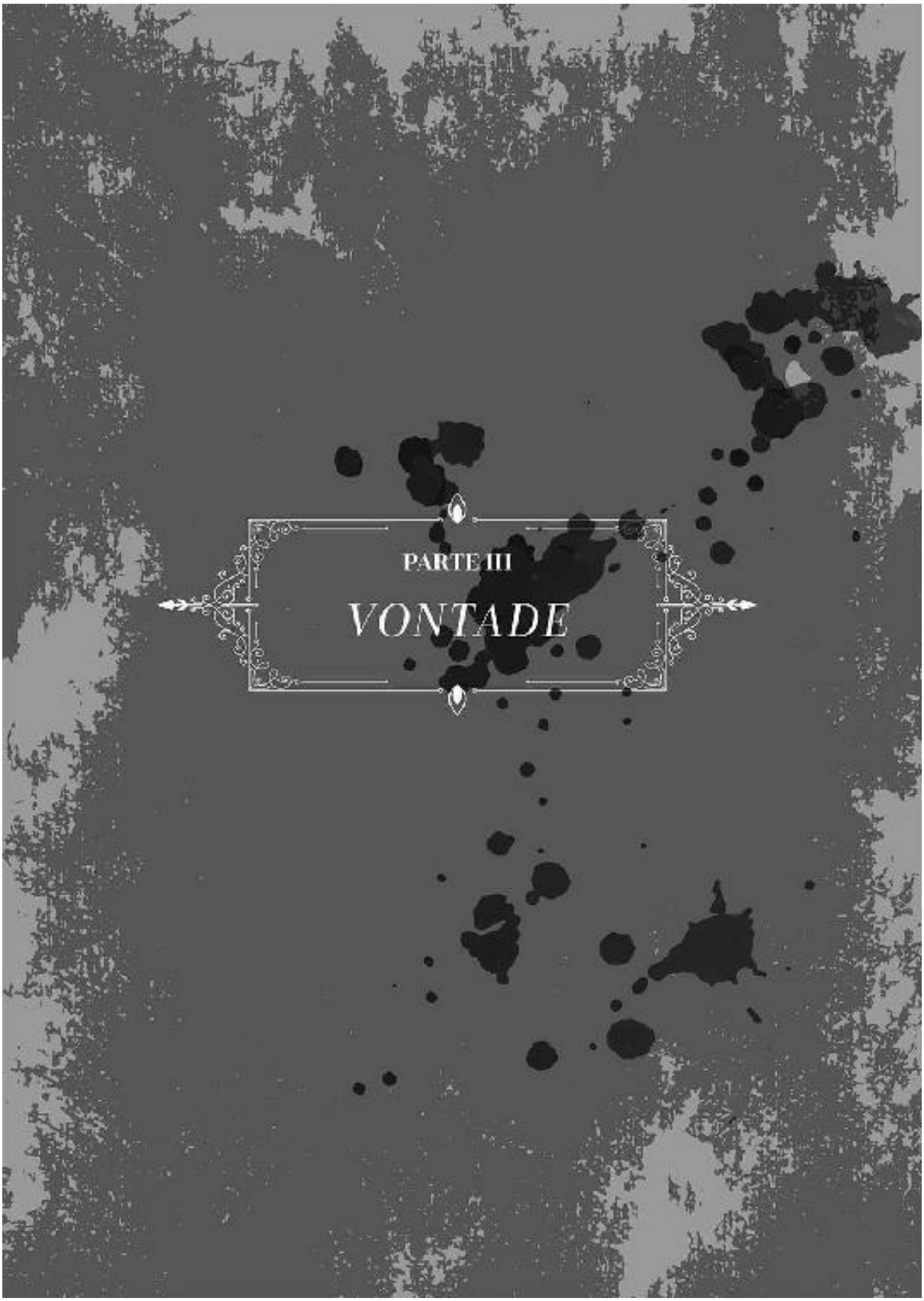
As paredes altas da sala eram revestidas com mogno Santo Domingo, quase preto; para ser mais preciso, a sala era conhecida pelos empregados da casa, e também pela mitologia de Nova York, como a "Biblioteca Negra". Tapetes luxuosos cobriam o chão e havia uma enorme lareira em uma parede. Mais telas europeias, com molduras douradas, estavam penduradas nas paredes, e as altas estantes continham esplêndidas raridades encadernadas com couro, colecionadas ao longo de dezenas de viagens através do Atlântico. Algumas das reuniões mais importantes na história de Nova York – mais que isso, na história dos Estados Unidos – haviam ocorrido naquela sala; e embora esse fato pudesse nos levar a especular ainda mais sobre o que fazíamos ali, o conjunto de rostos que nos fitavam, quando entramos, logo serviu para esclarecer a situação.

O bispo Henry Potter estava sentado em um sofá ao lado da lareira, enquanto o arcebispo Michael Corrigan ocupava um assento similar do outro lado. Por trás de cada um havia um sacerdote em pé: o de Potter era alto e magro, de óculos; o de Corrigan, baixo e rotundo, com enormes suíças brancas. Em pé, na frente da lareira, postava-se um homem que reconheci como Anthony Comstock, o notório censor dos correios dos Estados Unidos. Comstock passara vinte anos usando os poderes delegados pelo Congresso (e inconstitucionais, na opinião de muitos) para perseguir com o maior afinco todos aqueles que lidavam com artefatos anticoncepcionais, abortos, literatura

e fotografias pornográficas, e qualquer outra coisa que se enquadrasse em sua definição um tanto ampla de “obsceno”. Não era de surpreender que seu rosto fosse duro e mesquinho; mas não chegava a ser tão desconcertante quanto o do homem que se encontrava ao seu lado. O ex-inspetor Thomas Byrnes tinha sobrancelhas altas e espessas, formando arcos por cima de seus olhos penetrantes e vigilantes; contudo, ao mesmo tempo, o enorme bigode de pontas caídas tornava muito difícil a interpretação de seu ânimo e pensamentos. Ao nos adiantarmos pela sala, Byrnes se voltou para nós, arqueando as sobrancelhas ainda mais, de uma forma enigmática; depois, inclinou a cabeça na direção de uma enorme escrivaninha de nogueira, no centro da sala. Meus olhos seguiram sua indicação.

Sentado à escrivaninha, estudando alguns papéis, de vez em quando fazendo uma anotação, estava um homem cujo poder era maior que o de qualquer outro financista que o mundo já conhecera; um homem cujas feições bonitas eram desfiguradas por um nariz rachado, inchado e deformado pela *acne rosacea*. Todos tinham de tomar todo cuidado para não olhar de forma ostensiva para aquele nariz, pois era provável que pagasse pelo fascínio mórbido de muitas mais maneiras do que poderia imaginar.

– Ah! – Exclamou o sr. John Pierpont Morgan, erguendo os olhos dos papéis e levantando-se em seguida. – Entrem, senhores, e vamos resolver esse problema.


PARTE III
VONTADE

A* fons et origo** ***de toda realidade, quer do ponto de vista absoluto quer do prático, é assim subjetiva, está em nós mesmos. Como meros pensadores lógicos, sem reação emocional, damos realidade a qualquer objeto em que pensamos; pois são realmente fenômenos, ou objetos de nosso pensamento passageiro, se nada mais. Mas como pensadores com reação emocional, concedemos o que nos parece um grau ainda maior de realidade a quaisquer coisas que escolhemos e enfatizamos, no qual nos concentramos COM VONTADE.

William James, *Principles of Psychology*

Don Giovanni, para jantar contigo me convidou: e eu vim.

Da Ponte, do *Don Giovanni* de Mozart

CAPÍTULO 30

Encaminhei-me, apreensivo, para um par de suntuosas poltronas estofadas, perto da escrivaninha de Morgan, de frente para a lareira. Kreizler, no entanto, permaneceu imóvel, rígido, sustentando o olhar implacável do financista.

– Antes de me sentar em sua casa, sr. Morgan – disse Laszlo –, posso perguntar se é de seu costume compelir o comparecimento de pessoas com armas de fogo?

Em um movimento brusco, Morgan voltou sua enorme cabeça para Byrnes, que se limitou a dar de ombros, despreocupado. Os olhos cinzentos do ex-policial faiscaram um pouco, como se dissessem: Quando se deita com cães, sr. Morgan... Morgan balançou a cabeça para cima e para baixo, devagar, com leve repulsa.

– Não é meu costume, nem foram minhas instruções, dr. Kreizler – disse ele, estendendo um braço para as poltronas. – Espero que aceite minhas desculpas. Este caso parece ter despertado emoções fortes em todas as pessoas que dele tomaram conhecimento.

Kreizler soltou um grunhido, baixinho, apenas parcialmente satisfeito, e depois nos sentamos nas poltronas. Morgan também se sentou, e houve breves apresentações (à exceção dos dois sacerdotes por trás dos sofás, cujos nomes jamais descobri). Ao final, Morgan acenou com a cabeça para Anthony Comstock, que deslocou seu corpo franzino, sem nada de imponente, para o centro da sala. A voz que saiu daquele corpo era tão desagradável quanto o rosto.

– Doutor, sr. Moore, vamos ser francos. Estamos a par de sua investigação e, por uma variedade de razões, queremos interrompê-la. Se não

concordarem, há certas questões que terão de ser impostas.

– Impostas? – Repeti, com a confiança proporcionada pela aversão imediata ao censor postal. – Este não é um caso de moral, sr. Comstock.

– Agressão é uma acusação *criminal,* Moore – interveio o inspetor Byrnes, olhando para as estantes. – Temos um guarda em Sing Sing que perdeu alguns dentes. E há também a associação com chefes de quadrilhas...

– Ora, Byrnes, não me venha com essa!

O inspetor e eu tivéramos diversas confrontações ao longo dos meus anos no *Times* e, embora ele me deixasse bastante nervoso, eu sabia que seria uma tolice permitir que isso transparecesse.

– Nem mesmo você pode classificar uma carona de carruagem como "associação" – argumentei.

Byrnes não deu atenção ao comentário e continuou.

– Por fim, temos o abuso de funcionários e recursos do Departamento de Polícia.

– Nossa investigação não é oficial – respondeu Kreizler, bastante calmo.

Um sorriso pareceu se expandir sob o bigode de Byrnes.

– Muito esperto, doutor. Mas todos nós sabemos de seu acordo com o Comissário Roosevelt.

Kreizler não demonstrou nenhuma emoção.

– Tem alguma prova, inspetor?

Byrnes tirou um volume fino de uma prateleira, dizendo:

– Em breve.

– Calma, senhores, calma – disse o arcebispo Corrigan, com seu jeito afável. – Não há motivo para nos precipitar a posições opostas.

– Isso mesmo – concordou o bispo Potter, sem muito entusiasmo. – Tenho certeza de que poderemos chegar a uma solução mais cordial depois que compreendermos os pontos de vista uns dos outros.

Pierpont Morgan não disse nada.

– O que compreendo é que fomos sequestrados sob a mira de uma pistola –

declarou Laszlo, especialmente para nosso silencioso anfitrião – e ameaçados de um indiciamento criminal apenas porque tentamos elucidar um abominável caso de assassinato que até agora tem frustrado a Polícia.

Kreizler tirou a cigarreira do bolso, pegou um cigarro e pôs-se a batê-lo, de forma ruidosa e furiosa, no braço da poltrona.

– Mas, talvez, haja elementos mais sutis nesse episódio, para os quais estou cego.

– Tem razão, doutor, está mesmo cego – disse Anthony Comstock, no tom irritante de um fanático. – Mas não há nada de sutil no caso. Por muitos anos tentei suprimir as obras escritas de homens como o senhor, mas uma interpretação absurdamente ampla de nossa Primeira Emenda da parte de supostos servidores públicos tornou isso impossível. Mas se acredita por um momento sequer que ficarei de braços cruzados, assistindo a seu envolvimento ativo em assuntos cívicos...

Um lampejo de irritação surgiu no rosto de Morgan, e notei que o bispo Potter percebeu. Como um lacaio submisso – pois Morgan era um dos principais benfeitores da Igreja Episcopal –, o bispo se apressou a interromper Comstock:

– O sr. Comstock possui a energia e a brusquidão dos justos, dr. Kreizler. Contudo, receio que seu trabalho perturbe o repouso espiritual de muitos cidadãos de nossa cidade e solape a força de nossa estrutura social. Afinal, a santidade e a integridade da família, junto com a responsabilidade de cada indivíduo diante de Deus e da lei pelo próprio comportamento, são os pilares de nossa civilização.

– Lamento pela falta de repouso de nossos cidadãos – respondeu Kreizler, um tanto ríspido, acendendo o cigarro. – Mas sete crianças, ao que sabemos, talvez muitas outras, foram assassinadas brutalmente.

– Trata-se de um problema da Polícia, sem dúvida –, declarou o arcebispo Corrigan. – Por que envolver no caso um trabalho tão questionável quanto o seu?

– Porque a Polícia não é capaz de resolver – interferi, antes que Laszlo pudesse responder.

Eram as críticas comuns ao trabalho de meu amigo, mas, mesmo assim, estavam se tornando um pouco veementes.

– E nós podemos elucidar tudo usando as ideias do dr. Kreizler – concluí.

Byrnes deixou escapar uma risada quase inaudível, enquanto o rosto de Comstock ficava vermelho.

– Não acredito que seja sua verdadeira motivação, doutor. Creio que tenciona, com a ajuda do sr. Paul Kelly e de todos os outros socialistas ateus que puder encontrar, espalhar a inquietação e o tumulto, desacreditando os valores da família e da sociedade norte-americanas!

Se parece surpreendente que Kreizler e eu não tenhamos rido dos comentários daquele homenzinho grotesco, nem nos levantado para socá-lo, devo lembrar que Anthony Comstock, por mais inócua que pudesse ser a impressão dada pelo título de “Censor Postal”, exercia enorme poder político e administrativo. Antes do final de sua carreira de quarenta anos, ele se gabaria de ter levado mais de uma dúzia de seus inimigos ao suicídio; e muitos mais tiveram a vida e a reputação arruinadas pelas obsessões implacáveis de Comstock. Laszlo e eu sabíamos que podíamos ser seu alvo no momento, mas ainda não havíamos entrado nas fileiras das fixações permanentes de Comstock; e se nesse momento o forçássemos a concentrar em nós sua atenção desequilibrada, poderíamos um dia voltar aos nossos locais de trabalho habituais para nos descobrir sob um indiciamento federal por alguma suposta violação da moral pública. Por esse motivo, eu não disse nada em resposta a suas erupções, enquanto Kreizler se limitou a fumar, cansado.

– E por que eu desejaria espalhar essa inquietação, senhor? – Perguntou Laszlo.

– Vaidade, senhor! Para promover suas nefandas teorias e conquistar a atenção de um público ignorante e confuso!

– Parece-me que o dr. Kreizler já recebe mais atenção do público do que poderia desejar, sr. Comstock – interveio Morgan com voz suave, mas firme.

Nenhum dos outros sequer tentou concordar ou discordar dessa declaração. Morgan repousou a cabeça em sua mão enorme e acrescentou, para Laszlo:

– Mas essas acusações são sérias, doutor. Se não fossem, eu não teria pedido sua presença nesta reunião. Posso presumir que não está em conluio com o sr. Kelly?

– O sr. Kelly tem umas poucas ideias que não são de todo improcedentes – respondeu Kreizler, sabendo que o comentário irritaria ainda mais o grupo ao nosso redor. – Mas é essencialmente um criminoso, e não tenho utilidade para ele.

– Fico contente em saber disso. – Morgan parecia sinceramente satisfeito com a resposta. – E o que me diz das outras questões, sobre as implicações sociais de seu trabalho? Devo admitir que não estou muito a par desses assuntos. Mas, como pode saber, pertenço ao conselho da Igreja de St. George, que fica em frente a sua casa, no Stuyvesant Park.

Morgan ergueu uma de suas sobrancelhas pretas como carvão antes de arrematar:

– Nunca o vi na congregação, doutor.

– Minhas opiniões religiosas são uma questão particular, sr. Morgan – respondeu Laszlo.

– Mas, pode compreender, dr. Kreizler – interveio o arcebispo Corrigan, cauteloso –, que as diversas organizações religiosas de nossa cidade são vitais para a manutenção da ordem cívica?

Enquanto essas palavras saíam da boca de Corrigan, descobri-me a olhar para os dois sacerdotes que continuavam parados como estátuas atrás de seus respectivos bispos – e, de repente, tive uma ideia do motivo de nossa presença naquela biblioteca, conversando com aqueles homens. Esse germe de compreensão pôs-se a crescer assim que aflorou em meu cérebro, mas não falei nada, pois qualquer comentário só serviria para acarretar mais

divergência. Apenas me recostei e deixei meus pensamentos vaguearem, sentindo-me mais tranquilo ao reconhecer que Laszlo e eu não corríamos tanto perigo quanto eu pensara no início.

– "Ordem" é uma palavra passível de interpretação, arcebispo – disse Kreizler. – Quanto às *suas* preocupações, sr. Morgan, se desejava conhecer meu trabalho, creio que eu poderia sugerir um método mais fácil que o sequestro.

– Sem dúvida – murmurou Morgan, contrafeito. – Mas, já que estamos aqui, doutor, talvez possa me favorecer com uma resposta. Esses homens vieram solicitar minha ajuda para pôr um paradeiro em sua investigação. Eu gostaria de ouvir os dois lados da questão antes de decidir como agir.

Kreizler deixou escapar um suspiro profundo, mas continuou:

– A teoria do contexto psicológico individual que desenvolvi...

– Determinismo chocante! – Exclamou Comstock, incapaz de se conter. – A ideia de que o comportamento de cada um é moldado de forma decisiva na infância e na juventude vai contra a liberdade, contra a responsabilidade! Mais que isso, eu digo que é antiamericana!

Sob outro olhar irritado de Morgan, o bispo Potter pôs a mão no braço de Comstock, e o censor postal recaiu em um silêncio descontente.

– Jamais argumentei contra a ideia de que cada homem é responsável perante a lei por suas ações – disse Kreizler, com os olhos fixos em Morgan –, salvo em casos que envolvem os doentes mentais. E se consultar meus colegas, sr. Morgan, creio que descobrirá que minha definição de doença mental é mais conservadora que a da maioria. Quanto ao que o sr. Comstock chama, um tanto airosamente, de liberdade, não tenho nada contra seu conceito político ou legal. Já o debate psicológico em torno do conceito de *livre-arbítrio* é uma questão muito mais complexa.

– E quais são suas opiniões sobre a família como uma instituição, doutor? – Indagou Morgan, firme, mas sem nenhum vestígio de censura. – Ouvi estes e muitos outros homens de bem falarem com alarme a respeito.

Kreizler deu de ombros, apagando o cigarro.

– Tenho bem poucas opiniões sobre a família como uma instituição social, sr. Morgan. Meus estudos focalizaram a grande quantidade de pecados que podem ser ocultos pela estrutura familiar. Tenho tentado denunciar esses pecados e lidar com seus efeitos sobre as crianças. Não pedirei desculpas por isso.

– Mas, por que se concentrar nas famílias *desta* sociedade? – Protestou Comstock. – Há regiões do mundo em que crimes muito piores...

Morgan levantou-se subitamente.

– Obrigado, senhores – disse ele ao censor postal e aos religiosos, com uma voz que prometia medidas severas se houvesse mais discussão. – O inspetor Byrnes os acompanhará até a saída.

Comstock se mostrou um tanto perplexo, mas era evidente que Potter e Corrigan já haviam experimentado antes uma dispensa assim e trataram de deixar a biblioteca com uma extraordinária rapidez. Só com Morgan na sala, senti um profundo alívio e tive a impressão de que o mesmo aconteceu com Kreizler. Apesar de todo o imenso e misterioso poder do homem (afinal, apenas um ano antes, sozinho, ele salvara o governo dos Estados Unidos da ruína financeira), havia alguma coisa confortadora em sua cultura óbvia e visão profunda.

– O sr. Comstock é um homem temente a Deus – disse Morgan ao se sentar de novo –, mas não é possível conversar com ele. Já o senhor, doutor... Embora eu compreenda muito pouco do que me falou, tenho a impressão de que é um homem com quem posso lidar.

Ele esticou a sobrecasaca, ajeitou o bigode e se recostou.

– O clima nesta cidade é volátil, senhores. Mais volátil, desconfio, do que imaginam – arrematou.

Chegara o momento, concluí, de partilhar minhas percepções, e comentei:

– Então, é por isso que os bispos estavam aqui. Tem havido mais problemas nos cortiços e nos guetos. Muito mais. E eles estão preocupados com seu

dinheiro.

– Dinheiro? – Repetiu Kreizler, aturdido.

Voltei-me para ele.

– Eles não davam cobertura ao assassino. Nunca se preocuparam com o assassino. Era a reação entre os imigrantes que os assustava. Corrigan receia que eles fiquem furiosos o bastante para escutar Kelly e seus amigos socialistas; furiosos o bastante para deixar de comparecer à igreja aos domingos e de contribuir com o pouco dinheiro de que dispõem. Basicamente, o homem tem medo de não conseguir concluir sua maldita catedral e todos os outros pequenos projetos sagrados que planejou.

– E o que me diz de Potter? – Indagou Kreizler. – Você mesmo disse que os episcopais não têm muitos adeptos entre os imigrantes.

– É verdade – confirmei, sorrindo. – Não têm mesmo. Mas eles contam com algo ainda mais lucrativo, e sou um idiota por não ter me lembrado. Talvez o sr. Morgan esteja disposto a lhe dizer...

Voltei-me para a enorme escrivaninha de nogueira e descobri que Morgan me observava de uma maneira desconfortável, enquanto acrescentava:

– ... quem é o maior senhorio de cortiços da cidade de Nova York.

Kreizler respirou fundo.

– Já entendi. A Igreja Episcopal.

– Não há nada de ilegal em nenhuma das operações da igreja – apressou-se Morgan a declarar.

– Não, não há – respondi. – Mas eles ficariam em uma posição difícil se os moradores dos cortiços se revoltassem em massa e exigissem melhores condições de moradia, não é mesmo, sr. Morgan?

O financista desviou os olhos, sem dizer nada.

– Mas, ainda não compreendo – murmurou Kreizler, perplexo. – Se Corrigan e Potter têm tanto medo dos efeitos desses crimes, por que obstruir uma solução?

– Fomos informados de que uma solução é impossível – explicou Morgan.

– Mas, por que tentar frustrar uma *tentativa?* – Insistiu Kreizler.

– Porque, senhores – disse uma voz suave por trás de nós –, enquanto o caso for considerado insolúvel, ninguém pode ser culpado por não o esclarecer.

Era Byrnes, que voltara à sala sem que ouvíssemos sua aproximação. O homem era mesmo enervante.

– O populacho será convencido de que essas coisas acontecem – continuou ele, tirando um charuto de uma caixa na mesa de Morgan. – Não é culpa de ninguém. Os garotos se dedicam a uma atividade criminosa e morrem. Quem os mata? Por quê? Impossível determinar. E também não há necessidade. Em vez disso, fixamos a atenção do público na lição mais básica.

Byrnes riscou um fósforo no sapato e acendeu o charuto; a chama subiu, alta.

– Obedeçam à lei acima de tudo, e nada de mau ocorrerá.

– Mas podemos resolver o caso, Byrnes – declarei –, se vocês não atrapalharem. Ainda ontem à noite, eu mesmo...

Kreizler me deteve, apertando meu pulso com força. Byrnes se adiantou até minha poltrona lentamente, inclinou-se e soprou em meu rosto a fumaça do charuto.

– Ontem à noite você o quê, Moore?

Era impossível não lembrar, em um momento assim, que eu estava lidando com um homem que espancara pessoalmente dezenas de suspeitos e criminosos *de facto,* deixando-os sem sentidos – um estilo de interrogatório que se tornara conhecido em Nova York e no resto do país pelo nome que o próprio Byrnes lhe dera: “o terceiro grau”. Ainda assim, tentei assumir uma atitude de desafio.

– Não me ameace com violência, Byrnes. Você não tem mais autoridade. Nem sequer tem seus capangas para ajudá-lo.

Vislumbrei seus dentes por trás do bigode.

– Gostaria que eu chamasse Connor?

Não falei nada, e Byrnes soltou uma risada.

– Você sempre teve a boca grande, Moore. Ah, os repórteres! Mas, vamos fazer o jogo a sua maneira. Conte ao sr. Morgan como vão resolver o caso. Seus princípios de investigação. Explique tudo.

Voltei-me para Morgan.

– Não faz sentido para homens como o inspetor Byrnes, e talvez o senhor também não os compreenda, mas adotamos o que se poderia chamar de procedimento invertido de investigação.

Byrnes riu de novo, dizendo:

– O que se poderia chamar de rabo na frente!

Compreendi meu equívoco e tentei outro caminho.

– Isto é, começamos pelas características proeminentes dos crimes, assim como pelos dados de personalidade das vítimas, e com base nisso, determinamos que tipo de homem *pode* ser o responsável. Depois, usando evidências que de outra forma pareceriam insignificantes, começamos a fechar o cerco.

Eu sabia que me encontrava em terreno precário, por isso, fiquei aliviado quando Kreizler interveio, repisando o ponto:

– Há alguns precedentes, sr. Morgan. Esforços similares, embora mais rudimentares, foram efetuados durante os assassinatos do Estripador, em Londres, há oito anos. E a Polícia francesa procura no momento seu próprio Estripador, e usa algumas técnicas que não são muito diferentes das nossas.

Byrnes o interrompeu:

– O Estripador de Londres não foi preso, que eu saiba, não é mesmo, doutor?

Kreizler franziu o rosto.

– Não.

– E a Polícia francesa, usando essa *antroporcaria*, conseguiu fazer algum progresso no caso?

A carranca de Laszlo se intensificou.

– Muito pouco.

Byrnes nos fez o favor de encerrar o capítulo.

– Dois exemplos e tanto, senhores.

Houve um momento de silêncio, durante o qual senti que nossa posição enfraquecia. E tratei de declarar, imprimindo uma nova determinação a minhas palavras:

– O fato que persiste...

Byrnes me interrompeu, tornando a se aproximar de nós, mas dirigindo-se a Morgan:

– O fato que persiste é que se trata de um exercício intelectual, que não oferece a menor esperança de solucionar o caso. Tudo o que essa gente faz é dar a cada pessoa entrevistada a ideia de que é possível uma solução. E como eu disse, isso não apenas é inútil, mas também perigoso. A única coisa que se deve dizer aos imigrantes é que eles e seus filhos devem obedecer às leis desta cidade. Se não o fizerem, ninguém mais poderá ser responsabilizado pelo que acontecer. Talvez eles descubram esse ponto difícil de engolir. Mas aquele idiota do Strong e seu comissário de Polícia caubói vão cair fora muito em breve. E poderemos, então, restaurar as antigas técnicas de pressão. Bem depressa.

Morgan balançou a cabeça devagar, olhando de Byrnes para Kreizler.

– Já disse o que pensava, inspetor. Agora, pode nos deixar a sós?

Em contraste com Comstock e os religiosos, Byrnes parecia quase divertido pela brusca dispensa de Morgan. Ao deixar a biblioteca, pôs-se a assoviar baixinho. Assim que a porta se fechou, Morgan se levantou e olhou pela janela. Era como se verificasse que Byrnes estava mesmo saindo de sua casa.

– Posso lhes oferecer alguma coisa para beber, senhores? – Indagou depois de um longo momento.

Kreizler e eu recusamos; nosso anfitrião pegou um dos charutos na caixa em sua mesa, acendeu-o e pôs-se a andar de um lado para o outro do tapete grosso.

– Concordei em receber a delegação que acabou de nos deixar por

deferência ao bispo Potter – anunciou ele –, e porque não tenho o menor desejo de ver a continuação das recentes eclosões de distúrbio civil.

– Com licença, sr. Morgan – murmurei, um pouco espantado com seu tom –, mas, por acaso, esse assunto foi alguma vez *discutido* com o prefeito Strong?

Morgan passou a mão rapidamente pela frente do rosto.

– É certo o que o inspetor Byrnes falou sobre o coronel Strong. Não tenho interesse em tratar com um homem cujo poder é limitado por eleições. Além do mais, Strong não tem disposição para lidar com um caso dessa natureza.

Morgan continuou a andar de um lado para o outro, a passos pesados, determinados, e Kreizler e eu permanecemos em silêncio. A biblioteca pouco a pouco ficou impregnada da fumaça do charuto; e quando Morgan por fim parou e falou de novo, mal consegui divisá-lo por entre o nevoeiro.

– Pelo que vejo, senhores, há apenas dois caminhos aconselháveis: o de vocês, e o defendido por Byrnes. Precisamos ter ordem. Ainda mais agora.

– Por que agora? – Indagou Kreizler.

– Provavelmente não está em posição de saber, doutor – respondeu Morgan, com evidente cuidado –, que nos encontramos em uma encruzilhada, tanto em Nova York quanto no país como um todo. A cidade está mudando, e de maneira drástica. Não me refiro apenas à população, com o fluxo de imigrantes. É toda a cidade. Há vinte anos, Nova York era antes de tudo um porto, e o porto era a nossa principal fonte de negócios. Hoje, com outros portos desafiando nossa preeminência, o embarque e o desembarque de mercadorias foram ofuscados pelas atividades industriais e bancárias. A indústria, como sabem, exige operários, e outras nações do mundo menos afortunadas os têm fornecido. Os líderes do trabalho organizado alegam que os operários são tratados de maneira injusta aqui. Verdade ou não, o fato é que eles continuam a vir, porque esta situação é melhor do que a que deixam para trás. Noto por seu sotaque que é de origem estrangeira, doutor. Passou muito tempo na Europa?

– O suficiente para entender seu argumento – respondeu Kreizler.

– Não somos obrigados a proporcionar uma vida boa a todas as pessoas que chegam a este país – prosseguiu Morgan. – Somos obrigados apenas a lhes oferecer uma oportunidade de alcançar essa vida por meio da disciplina e trabalho árduo. Essa oportunidade é mais do que encontram em qualquer outro lugar. É por isso que continuam a vir.

– Tem razão – confirmou Kreizler, começando a transparecer a impaciência em sua voz.

– Não teremos condições de oferecer essa oportunidade no futuro se nosso desenvolvimento econômico nacional, que se acha no momento em um estado de crise profunda, for retardado por ideias políticas absurdas, nascidas nos guetos da Europa.

Morgan pôs o charuto em um cinzeiro, foi até o aparador e serviu três copos com o que constatei ser um excelente uísque. Sem indagar uma segunda vez se Laszlo queria, ele nos entregou os copos.

– Quaisquer eventos que possam ser deturpados para servir aos propósitos dessas ideias devem ser suprimidos. É por isso que o sr. Comstock estava aqui. Ele acha que ideias como as suas, doutor, podem ser deturpadas. Caso seja bem-sucedido em sua investigação, o sr. Comstock considera que suas ideias poderiam adquirir maior credibilidade. Portanto, deve compreender...

Morgan tornou a pegar o charuto e aspirou uma enorme quantidade de fumaça.

– Vocês fizeram uma ampla gama de inimigos poderosos.

Kreizler se levantou devagar.

– Precisamos incluí-lo também entre esses inimigos, sr. Morgan?

A pausa que se seguiu parecia interminável, pois da resposta de Morgan dependia qualquer esperança de nosso êxito. Caso ele decidisse que Potter, Corrigan, Comstock e Byrnes estavam certos e que nossa investigação representava uma ameaça a nossa cidade que não poderia ser tolerada, teríamos de levantar nosso acampamento e voltar para casa. Morgan podia

providenciar a compra ou a venda de qualquer pessoa ou qualquer coisa em Nova York, e a interferência que já experimentáramos nada seria em comparação com o que enfrentaríamos se contássemos com sua oposição. Entretanto, se ele indicasse aos demais ricos e poderosos da cidade que nosso esforço deveria ser, se não ativamente encorajado, pelo menos tolerado, poderíamos seguir adiante sem interferências mais severas que as já tentadas por nossos oponentes.

Por fim, Morgan deixou escapar um profundo suspiro.

– Não, senhor, não é necessário – murmurou ele, apagando o charuto. – Como eu disse, não compreendo tudo o que explicaram sobre Psicologia ou investigação criminal. Mas faço questão de conhecer os homens. E nenhum dos dois me parece ter os piores interesses da sociedade no coração.

Kreizler e eu balançamos a cabeça calmamente, insinuando o enorme alívio que sentíamos.

– Ainda enfrentarão muitos obstáculos – acrescentou Morgan, em um tom mais suave que antes. – Creio que será possível persuadir os religiosos que estiveram aqui a não atrapalhar, mas Byrnes continuará a persegui-los, em um esforço para preservar os métodos e a organização que passou tantos anos a instituir. E terá o apoio de Comstock.

– Temos prevalecido sobre eles até agora, e creio que poderemos continuar a fazê-lo – respondeu Kreizler.

– É claro que não posso lhes oferecer apoio público – disse Morgan, indicando a porta da biblioteca e nos acompanhando até lá. – Seria muito... complicado.

O que significava que Morgan, apesar de toda sua perspicácia intelectual superior e erudição pessoal, era, no fundo, um verdadeiro hipócrita de Wall Street, um homem que publicamente se manifestava por Deus e a família, mas em particular mantinha seu iate abastecido de amantes e desfrutava a estima de homens que viviam por regras similares. Com toda a certeza, ele perderia um pouco dessa estima se os outros pensassem que estava associado

a Kreizler.

– Contudo – ele continuou, enquanto nos levava até a porta da frente –, como uma solução rápida do caso atende aos melhores interesses de todos, se por acaso precisarem de recursos...

– Obrigado, mas não há necessidade – disse Kreizler ao sairmos. – Seria melhor não haver uma ligação financeira entre nós, sr. Morgan. Deve pensar em sua posição.

Morgan se irritou com a acidez do comentário, murmurou um boa-noite apressado e fechou a porta sem apertar nossas mãos.

– Não acha que seu comentário foi um tanto gratuito, Laszlo? – Indaguei enquanto descíamos a escada. – O homem apenas tentava nos ajudar.

– Não seja ingênuo, Moore. Homens assim só são capazes de fazer o que atende a seus interesses pessoais. Morgan aposta que é mais provável descobrirmos o assassino do que Byrnes e companhia manterem a ira da população de imigrantes sob controle por um período indefinido. E ele está certo. Sabe, John, quase valeria a pena fracassar, só para observar as consequências para esses homens.

Eu me sentia cansado demais para escutar mais uma das tiradas de Laszlo, e me apressei a esquadrinhar a Madison Avenue.

– Podemos pegar um fiacre no Waldorf – sugeri, não avistando nenhum nas proximidades.

Havia bem pouca atividade na avenida durante nossa descida pela Murray Hill, e Laszlo acabou parando de condenar as iniquidades do grupo com que terminámos de nos encontrar. Enquanto continuávamos a andar e o silêncio e o cansaço aumentavam, toda a reunião na Biblioteca Negra começou a assumir uma qualidade irreal.

– Acho que nunca me senti tão cansado – murmurei, bocejando, ao alcançarmos a 34th Street. – Sabia, Kreizler, que por um momento, assim que nos deparamos com Morgan, pensei que *ele* podia ser o assassino?

Laszlo soltou uma gargalhada.

– E eu também! A deformidade no rosto, Moore, e aquele nariz. Aquele nariz! Uma das únicas locações possíveis para a deformidade que nunca discutimos!

– Imagine se fosse ele. As coisas já são bastante perigosas sem esses problemas adicionais.

Encontramos um fiacre diante do elegante Waldorf Hotel, cuja estrutura gêmea, o Astoria, estava sendo construída na ocasião.

– E vão piorar ainda mais. Morgan tem razão nesse ponto. Byrnes é um terrível inimigo, e Comstock me parece um desequilibrado.

– Eles podem nos ameaçar quanto quiserem – respondeu Kreizler, feliz, ao embarcarmos no fiacre. – Sabemos agora quem são, e a defesa deve ser mais fácil. Além do mais, seus ataques se tornarão cada vez mais difíceis, pois, nos próximos dias, nossos oponentes vão descobrir que, misteriosamente...

Laszlo abriu os dedos no ar, à sua frente, enquanto arrematava:

–... *desaparecemos por completo!*

CAPÍTULO 31

Sara se apresentou à porta da casa de minha avó às nove e meia da manhã seguinte; embora eu houvesse dormido mais de dez horas, ainda me sentia desorientado, totalmente exausto. Um exemplar do *Times* que Sara tinha debaixo do braço me informou que era dia vinte e seis de maio, e a intensa claridade do sol que me agrediu quando saí para embarcar no fiacre me revelou, de forma incontestável, que a primavera continuava em sua marcha para o verão. Entretanto, eu podia muito bem estar no planeta Marte (que descobri, por uma leitura semiconsciente da primeira página do jornal, ser o alvo dos estudos de um recém-formado grupo de eminentes astrônomos de Boston, que acreditavam que a chamada "estrela vermelha da guerra" era "habitada por seres humanos"). Sara deu boas risadas de meu estado um tanto ridículo durante a primeira etapa da viagem, até a casa de Kreizler; mas, quando me pus a relatar detalhes de nossa inesperada visita à casa de Pierpont Morgan, ela era toda seriedade.

Encontramos Kreizler sentado em sua caleche, na 17th Street, com Stevie no banco do cocheiro. Transferi meu pequeno saco de viagem do fiacre para a caleche e embarquei com Sara. No instante em que partimos, levantei os olhos para avistar Mary Palmer na pequena sacada da sala de estar de Kreizler. Ela nos observava, ansiosa, e a distância parecia haver manchas de lágrimas brilhando em suas faces. Voltei-me para Laszlo e descobri que ele também a observava; e quando meu amigo tornou a se voltar para frente, um sorriso aflorou em seu rosto. Parecia uma estranha reação à aflição da moça, para dizer o mínimo. Pensei que talvez Sara tivesse alguma coisa a ver com aquilo; mas, quando a fitei, verifiquei que ela olhava deliberadamente para o Stuyvesant Park, do outro lado da rua. Irritado por todas aquelas novas

indicações de complexidades pessoais entre meus amigos, tratei de me recostar e deixei que o sol da primavera me esquentasse o rosto enquanto seguíamos estrepitosamente para leste.

Contudo, a viagem para a estação Grand Central não tinha previsão de ser realizada calmamente. Na esquina da 18th Street com a Irving Place, Stevie parou na frente de uma taberna. Kreizler, pegando meu saco de viagem, assim como o dele, disse a Sara e a mim que o acompanhássemos para o interior. Obedecemos, eu com alguns resmungos. Momentos depois de entrarmos no lugar escuro e enfumaçado, olhei para fora e pude ver dois outros homens e uma mulher, com o rosto meio oculto por um chapéu cada um, embarcarem na caleche e partirem com Stevie. Assim que eles sumiram de vista, Kreizler saiu para a rua, fez sinal para um fiacre e depois acenou para que Sara e eu entrássemos. Aquele pequeno e incômodo exercício, explicou Laszlo, destinava-se a enganar os agentes que o inspetor Byrnes deveria ter destacado para nos vigiar. Era uma providência oportuna, sem dúvida, mas me deixou ainda mais impaciente para chegar logo ao trem, onde, assim esperava, poderia voltar a dormir.

Mais um mistério, no entanto, interpunha-se entre mim e o doce repouso. Quando chegamos, Sara nos acompanhou pela Grand Central até a plataforma em que o trem para Washington aguardava, fumegando, pronto para partir. Kreizler cumulou-a com instruções de última hora sobre comunicações e não sei mais o quê, além de avisos sobre a maneira de tratar com Stevie durante nossa ausência e o que fazer quando Cyrus deixasse o hospital. Depois, o apito alto da locomotiva ressoou pela plataforma, e o silvo menor, do chefe do trem, gemeu, avisando-nos que chegara o momento de embarcar. Virei as costas a meus companheiros, esperando que ocorresse uma cena de despedida um pouco embaraçosa; Kreizler e Sara, porém, limitaram-se a trocar um aperto de mão, como colegiais. Depois, Laszlo passou apressado por mim e subiu no trem. Fiquei imóvel por um momento, com a boca entreaberta, o que provocou uma risada de Sara.

– Pobre John – ela murmurou, dando-me um abraço afetuoso. – Ainda tentando entender as coisas. Não se preocupe, tudo ficará esclarecido um dia. E não se aflija demais por descobrir que sua teoria do sacerdote estava errada. Você terá outra ideia muito em breve.

Com isso, ela me empurrou para o trem no instante em que a locomotiva arrancava para sair da estação.

Kreizler reservara um compartimento na primeira classe. Assim que ajeitamos a bagagem, estiquei-me em um dos bancos, com o rosto virado para a janela pequena, disposto a sufocar com o sono qualquer curiosidade que pudesse ter sobre o comportamento dos meus amigos. Laszlo, por sua vez, pegou um exemplar de *The Moonstone,* de Wilkie Collins, emprestado por Lucius, e pôs-se a ler com evidente satisfação. Ainda mais aborrecido, virei de lado, puxei o gorro sobre o rosto e comecei a roncar, deliberadamente, antes mesmo de pegar no sono.

Permaneci inconsciente por mais de duas horas e despertei para avistar as exuberantes pastagens verdes de Nova Jersey passando pela janela. Espreguicei-me e constatei que o mau humor da manhã já passara: estava com fome, mas, afora isso, sentia-me bastante satisfeito com a vida. Um bilhete de Kreizler, no banco oposto, avisava que ele fora para o vagão-refeitório, a fim de garantir uma mesa para o almoço. Tratei de dar um jeito em minha aparência e me encaminhei para lá, disposto a ser mais sociável.

O resto da viagem foi maravilhoso. As terras agrícolas do nordeste nunca se apresentam tão espetaculares quanto no final de maio, e formavam um esplêndido pano de fundo para uma das melhores refeições que eu já fizera em um trem. Kreizler continuava muito animado, e excepcionalmente estava disposto a conversar sobre outros assuntos que não o caso. Falamos sobre as iminentes convenções políticas nacionais (os republicanos se reuniriam em junho, em St. Louis, e os democratas em Chicago, no final do verão), e depois sobre uma matéria do *Times* sobre tumultos na Harvard Square depois de uma vitória do time de beisebol de nossa universidade sobre Princeton.

Durante a sobremesa, Kreizler quase engasgou com a notícia de que Henry Abbey e Maurice Grau, os gerentes do Metropolitan Opera, haviam anunciado o fracasso de sua companhia, com dívidas em torno de quatrocentos mil dólares. Recuperou em parte a compostura com a informação adicional de que um grupo de "financiadores particulares" (com toda certeza liderados por nosso anfitrião da noite anterior) se organizava para proporcionar uma base sólida à companhia. O primeiro passo nesse processo seria uma apresentação beneficente, a preços elevados, de *Don Giovanni,* em vinte e um de junho. Kreizler e eu decidimos que era um evento que não poderíamos perder, independentemente da posição de nossa investigação na ocasião.

Chegamos à bela Union Station, em Washington, no final da tarde, e na hora do jantar já nos encontrávamos instalados em dois quartos confortáveis no imponente prédio vitoriano na esquina da Pennsylvania Avenue com a 14th Street, conhecido como Willard Hotel. Ao nosso redor, visíveis das janelas do quarto andar, situavam-se as casas do governo da nação. Em poucos minutos, eu poderia caminhar até a Casa Branca e perguntar a Grover Cleveland qual era a sensação de renunciar àquela residência em duas ocasiões diferentes. Não via a capital desde os términos simultâneos de minha carreira como repórter político e de meu noivado com Julia Pratt; e só quando parei em meu quarto no Willard, contemplando o lindo panorama de Washington ao final de uma tarde de primavera, foi que compreendi quanto me distanciara de minha vida anterior. Foi, de certa forma, uma descoberta um tanto melancólica, e não muito ao meu gosto; para neutralizá-Ia, procurei no mesmo instante um telefone e fiz uma ligação para Hobart Weaver, meu antigo companheiro de farras, agora um funcionário de alto nível na Divisão de Assuntos Indígenas. Encontrei-o ainda no escritório, e combinamos de nos reunir naquela noite no restaurante do hotel.

Kreizler jantou conosco. Hobart era corpulento, de óculos, meio tolo, e adorava desfrutar comida e bebida grátis. Ao lhe proporcionar as duas coisas

em abundância, eu poderia garantir que ele não apenas seria discreto, mas também não faria perguntas sobre os motivos de nosso interesse. Ele informou que a divisão mantinha registros sobre os assassinatos que se sabia – ou que se presumia – terem sido cometidos por índios. Explicamos que só queríamos saber dos casos não resolvidos; e quando ele indagou em que parte do país, Kreizler só pôde responder: “as regiões de fronteira durante os últimos quinze anos”. Cobrir uma faixa tão ampla, ressaltou Hobart, envolveria um extenso exame dos arquivos, uma tarefa que ele e eu teríamos de realizar de forma sub-reptícia: o chefe de Hobart, o secretário do Interior Michael Hoke Smith, partilhava a aversão do presidente Cleveland a repórteres, ainda mais a repórteres bisbilhoteiros. Todavia, enquanto abarrotava seu corpo baixo e redondo com mais ave e vinho, Hobart foi se convencendo de que seríamos capazes de cumprir a missão (embora permanecesse completamente indiferente ao nosso propósito); e apenas para consolidar sua determinação, levei-o depois do jantar a um *saloon* na parte sudeste da cidade, onde a diversão era o que se poderia chamar de variedade imodesta.

Kreizler e eu tomamos o desjejum juntos na manhã seguinte. Previámos que os Isaacsons, viajando o mais depressa possível, alcançariam Deadwood, Dakota do Sul, no final da tarde de quinta-feira. Haviam sido instruídos a procurar alguma comunicação nossa no escritório da Western Union Telegraph naquela cidade assim que chegassem. Kreizler enviou o primeiro telegrama logo depois do desjejum, na manhã de quarta-feira. Informava aos irmãos que, por razões que seriam explicadas mais tarde, o sacerdócio fora eliminado como uma provável profissão de nossa presa. Novas possibilidades seriam transmitidas assim que as formulássemos. Depois, Laszlo foi para o Hospital St. Elizabeth, enquanto eu subia na maior animação pela F Street, até o prédio do Escritório de Patentes, que alojava a maior parte do pessoal e de arquivos do Departamento do Interior.

O enorme prédio, em estilo grego, fora concluído em 1867, e sua arquitetura

estava se tornando a norma para todas as construções oficiais na capital: retangular, com um espaço aberto no meio, tão monótono por dentro quanto por fora. Ocupava dois quarteirões, entre as ruas 7th e 9th, e constatei, ao entrar para procurar a sala de Hobart, que não tinha nada de pequeno. Aquela vastidão, porém, acabou se revelando uma bênção, pois minha presença não despertou comentários: havia centenas de funcionários públicos federais vagueando pelos corredores das quatro alas do prédio, a maioria ignorando a identidade e função uns dos outros. Hobart, sem exibir nenhum efeito das atividades da noite anterior, já localizara uma pequena mesa para meu uso, no canto de uma das salas de arquivos no porão, e também providenciara a primeira batelada de pastas que eu teria de examinar: relatórios de vários fortes e centros administrativos na fronteira que descreviam incidentes violentos entre colonos e as várias tribos sioux, desde 1881.

Durante os dois dias seguintes quase não vi Washington, além de meu cantinho na sala de arquivos empoeirada. Como costuma acontecer durante períodos prolongados de pesquisa em recintos fechados, sem janelas, minha mente logo começou a perder o controle sobre a realidade, e as descrições terríveis que examinava de massacres, assassinatos e represálias, assumiram uma vividez que não teriam se eu as lesse, por exemplo, em um dos parques da cidade. Como era inevitável, deixei-me absorver por histórias que sabia que não ofereciam nenhuma promessa para nós – assassinatos havia muito esclarecidos ou cujas características predominantes não combinavam com nosso caso –, mas que possuíam tamanho fascínio mórbido por si mesmas que eu precisava descobrir o desenlace. Havia alguns relatos terríveis, mas previsíveis, envolvendo homens, mulheres e crianças que tinham estabelecido uma vida árdua e solitária em regiões ermas, assassinados a sangue-frio pelos habitantes nativos da terra. Essas mortes, de modo geral, eram em retaliação pelo rompimento de tratados e outros acordos legais, cujas negociação e violação não tinham nenhuma participação dos colonos. Ainda bem que eram poucas. A maioria dos relatos era de atos de vingança dos sioux, que podiam

parecer muito severos, mas eram pelo menos compreensíveis em comparação com a abominável traição dos soldados brancos, agentes indígenas (a Divisão de Assuntos Indígenas era a agência mais corrupta em um departamento de notória corrupção) e negociantes de armas de fogo e uísque, contra os quais haviam sido cometidos. Ao ler as histórias, recordei a preocupação com que Franz Boas e Clark Wissler haviam encarado nossa investigação: o cidadão branco comum dos Estados Unidos nutria profunda desconfiança pelas tribos indígenas e ignorava por completo registros como os que eu estava examinando, desconhecendo, assim, a verdadeira situação das relações entre brancos e índios. A maioria não precisaria de mais que uma sugestão de vínculo entre qualquer grupo indígena e o tipo de comportamento que nosso assassino exibira para considerar confirmadas suas opiniões desinformadas.

Na tarde de quarta-feira, depois da conclusão de meu primeiro longo dia no porão do Departamento do Interior, Kreizler e eu nos reunimos em seu quarto no Willard para comparar anotações. O superintendente do St. Elizabeth se mostrara tão difícil em pessoa quanto o fora pelo telefone, obrigando Kreizler a recorrer a Roosevelt – que, por sua vez, pedira a um amigo seu no gabinete do procurador-geral que desse um telefonema ao homem – a fim de obter o acesso aos registros do hospital. O processo consumira quase a maior parte do dia de Kreizler, e embora ele tivesse conseguido uma lista considerável de soldados que haviam servido no Oeste e, mais tarde, enviados ao St. Elizabeth por causa de dúvidas sobre sua estabilidade mental, o ânimo geral de Laszlo quando nos encontramos era de intenso desapontamento; por um motivo: o homem que fora o alvo da carta original do St. Elizabeth era, de fato, um soldado, mas, aparentemente, também nascera e fora criado no Leste, e nunca servira em nenhum lugar a oeste de Chicago.

– Não há mais bandos de índios saqueadores vagueando na área de Chicago, não é mesmo? – Falei, enquanto Laszlo olhava para o papel que detalhava os antecedentes e o serviço militar do homem.

– Não, não há, o que é uma pena – murmurou Kreizler. – Há muitos outros

detalhes que recomendariam o sujeito.

– É melhor não perder muito tempo com isso – sugeri. – Temos muitos outros candidatos. Até agora, Hobart e eu encontramos quatro casos de assassinatos com mutilações nas Dakotas e em Wyoming, todos cometidos quando grupos de sioux e unidades do Exército se achavam nas proximidades.

Kreizler largou seu papel com grande esforço e me fitou.

– Algum envolvia crianças?

– Dois dos quatro. No primeiro, duas meninas foram mortas, junto com os pais, e no segundo, uma menina e um menino órfãos morreram com o avô, que era o guardião. O problema é que nos dois casos apenas os adultos do sexo masculino foram mutilados.

– E formularam alguma teoria?

– Os dois casos foram atribuídos a ataques de represália de bandos em guerra. Mas há um detalhe interessante no caso que envolveu o avô. Ocorreu no final do outono de 1889, perto do Forte Keough, durante o período em que a última grande reserva foi instalada. Havia muitos sioux descontentes, quase todos seguidores de Touro Sentado e outro chefe, chamado – esquadrinhei minhas anotações com o dedo – Nuvem Vermelha. Uma pequena unidade de cavalaria encontrou a família assassinada, e o tenente no comando inicialmente atribuiu o crime a alguns dos subordinados mais belicosos de Nuvem Vermelha. Mas, um dos soldados mais velhos na companhia disse que o bando de Nuvem Vermelha não realizava nenhuma expedição de guerra havia bastante tempo, e que o avô morto tinha uma história de confrontações com agentes do Serviço de Assuntos Indígenas e homens do Exército em outro forte... Robinson, se não me engano. Ao que parece, o homem acusara um sargento de cavalaria em Robinson de tentar molestar sexualmente seu neto. Por acaso, a unidade desse sargento estava no Forte Keough na ocasião em que a família foi assassinada.

Kreizler não prestara muita atenção até esse ponto, mas o último fato o fez

levantar a cabeça.

– Sabemos o nome do soldado?

– Não constava do arquivo. Hobart vai tentar descobri-lo amanhã no Departamento de Guerra.

– Ótimo. Mas, pela manhã, trate de transmitir as informações de que já dispomos aos sargentos detetives. Os detalhes podem seguir depois.

Analisamos em seguida os outros casos que eu recolhera e acabamos por descartá-los, por vários motivos. Depois, examinamos os nomes que Kreizler obtivera no St. Elizabeth, e durante as horas seguintes conseguimos eliminar quase todos, à exceção de uns poucos. Já passava de uma hora da madrugada quando fui para o meu quarto, onde me servi de uma boa dose de uísque com soda; só tomara a metade antes de pegar no sono, todo vestido.

Na manhã de quinta-feira, voltei à mesa no Departamento do Interior e me perdi em mais mortes na fronteira jamais esclarecidas. Perto do meio-dia, Hobart voltou de sua breve excursão ao Departamento de Guerra, onde descobrira um fato desapontador: o sargento de cavalaria envolvido na história do avô assassinado tinha 45 anos na ocasião do incidente. Ou seja, teria 52 anos em 1896: velho demais para se ajustar ao retrato que pintáramos de nosso assassino. Ainda assim, parecia válido anotar o nome do homem e seu último paradeiro conhecido (ele abrira um armarinho em Cincinnati depois de sair do Exército), apenas para o caso de haver um erro com relação à idade em nossa hipótese.

– Lamento não ter trazido notícias melhores – disse Hobart enquanto eu anotava os detalhes. – Algum interesse em almoçar?

– E muito – respondi. – Venha me buscar dentro de uma hora. Até lá, já terei chegado aos casos de 1892.

– Combinado.

Ele começou a se afastar, mas logo tocou no bolso do paletó, parecendo se lembrar de alguma coisa.

– Ah, John, eu queria lhe fazer uma pergunta: essa busca se limita a estados

e territórios da fronteira, não é mesmo?

Hobart tirou um papel dobrado do bolso.

– Sim. Por quê?

– Nada. É só uma história estranha. Deparei-me com ela ontem à noite, depois que você saiu. – Ele jogou o papel em cima da mesa. – Mas não interessa, aconteceu no Estado de Nova York. Costeletas?

Peguei o papel e comecei a ler.

– Como?

– Para o almoço. Costeletas? Há um restaurante novo maravilhoso na Hill. E que também serve uma excelente cerveja.

– Está certo.

Hobart partiu apressado para alcançar uma jovem e linda arquivista que acabara de passar por minha mesa. Logo em seguida, provindo da direção de uma escada próxima ouvi um gemido de mulher, o som de um tapa e um grito de dor de Hobart. Ri baixinho pela inépcia do sujeito, recostei-me na cadeira e examinei o documento que ele me deixara.

Relatava a estranha história de um ministro religioso chamado Victor Dury e sua esposa, que em 1880 haviam sido assassinados em sua modesta casa nos arredores de New Paltz, no Estado de Nova York. Segundo o documento, os corpos haviam sido "retalhados da maneira mais sórdida e selvagem". O reverendo Dury fora missionário em Dakota do Sul, onde, aparentemente, fizera inimigos entre as tribos indígenas; a Polícia de New Paltz concluíra que os assassinatos eram um ato de vingança de vários índios furiosos, enviados ao Leste por seu chefe com esse propósito expresso. Esse trabalho de "detetive" fora o resultado de um bilhete dos assassinos encontrado no local, explicando o crime e enunciando que o filho adolescente do casal estava sendo levado para viver entre os índios, como um dos seus. Era uma história macabra, que seria de grande utilidade para nós caso o cenário fosse mais para oeste. Larguei o papel, mas, poucos minutos depois, tornei a pegá-lo, especulando se não haveria pelo menos uma possibilidade de estarmos

errados sobre as origens geográficas de nosso assassino. Acabei decidindo que era melhor conversar a respeito com Kreizler e guardei o documento no bolso.

O resto do dia ofereceu apenas dois casos que continham alguma esperança de fazer avançar nossa investigação. O primeiro envolvia um grupo de crianças e sua professora, massacradas em sua escola isolada; e o segundo era de outra família da pradaria chacinada depois de uma violação de tratado. Concluí que os dois relatos eram uma escassa recompensa para um dia inteiro de trabalho e concentrei minhas esperanças no Willard Hotel, torcendo para que Laszlo tivesse tido melhor sorte em seu segundo dia de pesquisa. No entanto, Laszlo descobrira apenas uns poucos nomes adicionais de soldados que haviam servido no Oeste durante o período de quinze anos que investigávamos, que depois foram internados na capital por causa de comportamento violento e instável e sofriam de alguma forma de desfiguração facial. Entre esses poucos, apenas um se enquadrava na faixa etária que nos interessava (em torno dos trinta anos). Ao nos sentarmos para jantar no restaurante do hotel, Kreizler entregou-me a pasta sobre esse homem, e ofereci-lhe o documento que contava a história do reverendo Dury.

– Nascido e criado em Ohio – foi meu primeiro comentário sobre a descoberta de Laszlo. – Ele precisaria passar bastante tempo em Nova York depois da baixa.

– Tem razão – murmurou Kreizler, enquanto desdobrava o papel que eu lhe dera e se preparava para tomar, sem muito ânimo, uma sopa de caranguejo. – O que acarreta um problema: ele só deixou o St. Elizabeth na primavera de 1891.

– Um conhecimento rápido da cidade – comentei, com um aceno de cabeça. – Mas é possível.

– Também não me sinto muito animado com sua desfiguração: uma longa cicatriz na face direita e lábios.

– Qual é o problema com isso? Parece bastante repulsiva.

– Mas sugere um ferimento de guerra, Moore, o que exclui a aflição na infância por causa...

Kreizler arregalou os olhos subitamente, largou a colher devagar e terminou de ler o documento que eu lhe dera. Fitou-me em seguida e disse, em um tom de excitamento contido:

– Onde conseguiu isto?

– Hobart – respondi, largando a pasta do soldado de Ohio. – Ele o encontrou ontem à noite. Por quê?

Em um movimento rápido, Kreizler tirou mais alguns papéis dobrados do bolso interno do paletó. Alisou-os em cima da mesa e depois estendeu a pilha em minha direção.

– Nota alguma coisa?

Levei um ou dois segundos para perceber. No topo do primeiro papel, que era outro formulário do Hospital St. Elizabeth, havia um espaço com a indicação de LOCAL DE NASCIMENTO.

Nesse espaço haviam escrito as palavras “New Paltz, Nova York”.

CAPÍTULO 32

Esse é o homem sobre o qual originalmente nos escreveram? – Indaguei.

Kreizler balançou a cabeça, ansioso.

– Guardei a ficha comigo. De modo geral, não gosto de pressentimentos, mas não pude evitar esse. Há tantos detalhes que combinam... a criação pobre, uma família estritamente religiosa e um único irmão. Lembra-se da ideia de Sara sobre o homem ser de uma família pequena, porque a mãe detestava a gestação?

– Kreizler... – Murmurei, tentando acalmá-lo.

– E aquela referência irresistível a “um tique facial”, que mesmo no registro do hospital não é explicado com mais detalhes, além de “uma intermitente e violenta contração dos músculos oculares e faciais”, sem explicações sobre o motivo.

– Kreizler...

– E há, ainda, a ênfase acentuada ao sadismo no relatório do alienista que o admitiu no hospital, além de informações sobre o incidente que causou sua internação...

– Kreizler! Quer fazer o favor de se calar e me deixar dar uma olhada nisso?

Ele se levantou de repente, no maior excitamento.

– É claro, claro. E enquanto você faz isso, vou verificar na agência de telégrafos se há alguma mensagem dos sargentos detetives.

Laszlo largou o documento na mesa e arrematou:

– Estou com um pressentimento muito forte, Moore!

Enquanto ele deixava o restaurante, comecei a examinar a primeira folha do relatório do hospital.

Cabo John Beecham, internado no hospital St. Elizabeth em maio de 1886;

a informação da época dizia que ele nascera em New Paltz, uma cidadezinha a oeste do rio Hudson, a cerca de cento e dez quilômetros de Nova York, onde o casal Dury fora assassinado. A data específica do nascimento registrada era 19 de novembro de 1865. Os pais eram identificados apenas como “falecidos”, e ele tinha um irmão, oito anos mais velho.

Peguei o documento do Departamento do Interior que falava sobre o casal assassinado. Os crimes tinham sido cometidos em 1880, e existia a informação de que as vítimas tinham um filho adolescente, sequestrado pelos índios. Um segundo filho, mais velho, Adam Dury, aparentemente se encontrava em sua casa, nos arredores de Newton, Massachusetts, na ocasião dos assassinatos.

Peguei outra folha do relatório do hospital e passei os olhos pelas anotações do alienista que examinara John Beecham na admissão, na tentativa de descobrir a causa específica da internação do cabo. Apesar do desleixo da letra do médico, logo encontrei o que procurava.

“O paciente integrava a força militar que, a pedido do governador de Illinois, reprimiu os distúrbios decorrentes das greves na área de Chicago, a partir de 1º de maio (distúrbios em Haymarket etc.). Durante a ação contra os grevistas em 5 de maio, no norte de Chicago, os soldados receberam ordem para abrir fogo; posteriormente, o paciente foi encontrado apunhalando o cadáver de um grevista morto. O tenente M... pegou o paciente em flagrante*;* o paciente alega que M sempre ‘foi contra ele’ etc., e que constantemente o ‘vigiava’; M ordenou que o paciente fosse afastado do dever, e o médico do regimento mais tarde o considerou incapacitado para o serviço militar.”

Seguiam-se os comentários sobre sadismo e mania de perseguição sobre os quais Kreizler já me falara. Encontrei ainda mais relatórios de outros alienistas, escritos durante os quatro meses de permanência de Beecham no St. Elizabeth, e os examinei em busca de referências adicionais sobre seus pais. Não havia nenhuma menção à mãe, e muito pouco sobre sua infância em geral; mas, uma das avaliações finais, escrita pouco antes de Beecham ser

solto, continha o seguinte parágrafo:

"O paciente solicitou h.c. *(habeas corpus)* e continua a alegar que não há nada errado ou criminoso em seu comportamento; diz que a sociedade deve ter leis, e homens para impor seu cumprimento; o pai era um homem de bem, que enfatizava a importância das regras e a punição dos violadores. Recomendado um aumento da dosagem de c. hidrato."

Foi nesse momento que Kreizler retornou à mesa, a passos rápidos, e sacudiu a cabeça.

– Nada. Eles devem ter se atrasado na viagem. – Ele indicou os vários papéis que eu segurava. – E então, Moore, o que acha disso?

– As datas combinam – murmurei. Assim como as locações.

Kreizler cruzou as mãos e se sentou.

– Eu nunca teria *sonhado* com essa possibilidade. Quem sonharia? Sequestrado por índios? É quase absurdo.

– Pode ser mesmo um absurdo. Pelo que li nos últimos dois dias, não tive a impressão de que os índios tomavam muitas crianças como cativos, muito menos um rapaz de dezesseis anos.

– Pode ter certeza disso?

– Não. Mas Clark Wissler talvez possa. Telefonarei para ele amanhã de manhã.

– Faça isso. – Kreizler pegou de volta o documento do Departamento do Interior, tornando a estudá-lo. – Precisamos de mais detalhes.

– Foi o que também me ocorreu. Posso telefonar para Sara e pedir a um amigo meu do *Times* que a deixe entrar no necrotério.

– Necrotério?

– É onde são guardados os números atrasados. Ela pode encontrar a matéria. Deve ter saído nos jornais de Nova York.

– Tem razão.

– Enquanto isso, Hobart e eu tentaremos descobrir quem é o "tenente M" e se ele continua ou não no Exército. Talvez ele possa fornecer mais detalhes.

– E eu voltarei ao St. Elizabeth, conversarei com alguém que tenha conhecido pessoalmente o cabo John Beecham. – Kreizler levantou seu copo de vinho com um sorriso. – Muito bem, Moore, a uma nova esperança!

A expectativa e a curiosidade tornaram meu sono difícil naquela noite, mas a manhã chegou com a boa notícia de que os Isaacsons haviam por fim chegado a Deadwood. Kreizler os instruíra por telegrama para que esperassem ali até um novo contato nosso, naquela tarde ou no início da noite. Fui para o saguão a fim de fazer minhas ligações para Nova York. Levei algum tempo para conseguir falar com o Museu de História Natural, e localizar Clark Wissler foi um desafio ainda maior; mas, quando ele atendeu, mostrou-se não apenas prestativo, mas até entusiasmado – em grande parte, creio, por poder declarar, com absoluta confiança, que a história descrita no documento do Departamento do Interior era quase certamente uma invenção. A ideia de que algum chefe índio despacharia assassinos até New Paltz – e que eles alcançariam seu destino sem incidentes – já era bastante estranha; mas os dados adicionais, de que os índios, depois de cometerem os assassinatos, deixaram um bilhete explicativo, sequestrado em vez de matar o filho adolescente das vítimas e atravessado o país de volta sem ser notados, eram forçados demais para sequer ser cogitados. Alguém, Wissler tinha certeza, armara uma encenação não muito esperta para as autoridades obviamente obtusas de New Paltz. Agradeci com vigor a ajuda, e depois liguei para o número 808 da Broadway.

Sara atendeu com certo nervosismo. Houvera grande demonstração de interesse por nosso quartel-general nas últimas quarenta e oito horas, da parte de elementos suspeitos. A própria Sara fora seguida com alguma constância, tinha certeza disso; e embora nunca saísse desarmada, a vigilância a estava deixando nervosa. O tédio agravava a situação. Como Sara tinha pouco a fazer desde nossa partida, sua mente se encontrava livre para focar ainda mais os assustadores espiões. Por esse motivo, a ideia de uma atividade, mesmo que apenas uma pesquisa no *Times*, agiu como um tônico em seu espírito, e

ela absorveu com satisfação os detalhes sobre nossa última teoria. Perguntei quanto tempo ela achava que se passaria antes que Cyrus pudesse acompanhá-la pela cidade. Sara respondeu que ele tivera alta do hospital, mas ainda estava muito fraco para deixar a cama, na casa de Kreizler.

– Eu ficarei bem, John – ela insistiu, embora suas palavras carecessem um pouco da convicção habitual.

– Tenho certeza disso, Sara. Duvido que a metade dos criminosos de Nova York ande tão bem armada. Ou mesmo a Polícia, diga-se de passagem. Ainda assim, peça a Stevie para acompanhá-la. Ele é bom de briga, apesar do tamanho.

– Está certo – ela respondeu com uma risada tranquilizadora. – Stevie tem sido muito prestativo, sempre me leva à casa todas as noites. Fumamos juntos; mas você não precisa dizer isso ao dr. Kreizler.

Especulei por um instante por que Sara persistia em chamá-lo de "Dr. Kreizler", mas havia outros problemas mais prementes a tratar.

– Preciso desligar agora, Sara. Telefone assim que souber de alguma coisa.

– É claro. E vocês dois devem tomar todo o cuidado, John.

Desliguei e fui à procura de Kreizler.

Ele ainda se encontrava na agência de telégrafos, escrevendo as últimas palavras de uma mensagem para Roosevelt. Em frases um tanto vagas (e sem assinatura no telegrama), Laszlo pedia a Theodore para entrar em contato com o gabinete do prefeito de New Paltz, em uma tentativa de descobrir se uma família ou uma pessoa chamada Beecham vivera naquela cidade em algum momento dos últimos vinte anos; e também com as autoridades de Newton, Massachusetts, para verificar se certo Adam Dury ainda residia ali. Por mais ansiosos que estivéssemos para receber as respostas a essas indagações, sabíamos que exigiriam algum tempo e que ainda tínhamos muito trabalho a fazer no St. Elizabeth e no Departamento do Interior. Com alguma relutância, deixamos a agência de telégrafos e saímos para outra radiante manhã de primavera.

Embora houvesse muitos detalhes a ser tratados naquele dia, era impossível para mim evitar que minha mente vagueasse de volta aos mistérios ligados a John Beecham e Victor Dury, e tenho certeza de que Kreizler também experimentava o mesmo sentimento. Várias questões assumiam uma persistência excessiva. Se a história sobre os assassinos índios era de fato falsa, quem a inventara? Quem cometera os assassinatos, e o que acontecera com o Dury mais jovem? Por que quase não havia referências nos registros do hospital à infância e à adolescência de John Beecham, e nenhuma menção a sua mãe? E onde estava agora esse homem obviamente perturbado?

O trabalho do dia não forneceu respostas a essas perguntas. Nem o Departamento do Interior nem o Departamento de Guerra puderam fornecer informações adicionais sobre a morte do casal Dury ou a vida de John Beecham antes de sua internação no St. Elizabeth. Kreizler não obteve melhores resultados no hospital e me disse naquela noite que a direção do St. Elizabeth não era obrigada nem tinha o direito de verificar para onde um paciente ia depois que recebia alta por meio de um *habeas corpus.* Além disso, nenhum dos outros membros da equipe não médica do hospital se lembrava de nenhuma outra coisa sobre o homem além de seus espasmos faciais. Ao que parecia, tratava-se de um homem banal em sua atitude exterior – um fato que podia ser frustrante em termos dos nossos propósitos atuais, mas que combinava com a ideia de que nosso assassino não era alguém que atraísse atenção, a não ser no momento de seus atos violentos.

A única informação proveitosa que surgiu naquela sexta-feira foi levada ao Willard no final da tarde por Hobart Weaver. Segundo os registros do Departamento de Guerra, o tenente que afastara John Beecham do serviço militar em 1886 era um tal Frederick Miller, atualmente promovido a capitão e servindo no Forte Yates, Dakota do Norte. Laszlo e eu sabíamos que uma entrevista com esse homem poderia ser valiosa; contudo, uma viagem a Yates levaria os irmãos Isaacson na direção oposta do destino original, a Agência de Pine Ridge. Ainda assim, era a pista mais sólida que conseguíramos obter,

e parecia que o desvio valeria a pena. Às seis horas da tarde, Kreizler e eu enviamos um telegrama para Deadwood dizendo aos sargentos detetives que seguissem imediatamente para o Norte.

Quanto às mensagens a nossa espera, havia um telegrama de Roosevelt confirmando que havia em Newton, Massachusetts, um homem chamado Adam Dury. Theodore ainda não recebera notícias de New Paltz sobre um homem ou uma família com o nome de Beecham, mas insistira na indagação. Não nos restava muito a não ser esperar e torcer para termos mais notícias de Roosevelt ou Sara ainda naquele dia. Depois de informar ao recepcionista que estaríamos no bar, Laszlo e eu entramos naquela sala escura de paredes ricamente cobertas por lambris, procuramos um ponto isolado no balcão comprido, com um corrimão de latão, e pedimos dois coquetéis.

– Enquanto esperamos, Moore – disse Kreizler, tomando um gole do seu xerez com cerveja escura –, você poderia me falar sobre os distúrbios trabalhistas que levaram à internação de John Beecham. Tenho uma vaga recordação, mas não mais que isso.

Dei de ombros.

– Não há muito o que explicar. Em 1886, a Knights of Labor organizou greves em todas as grandes cidades do país no dia 1º de maio. A situação em Chicago escapou ao controle rapidamente; os grevistas brigaram com os fura-greve, a Polícia atacou os grevistas, uma confusão total. No quarto dia, uma enorme multidão de grevistas se concentrou na Haymarket Square, e a Polícia apareceu para manter a ordem. Alguém, ninguém sabe quem, jogou uma bomba nas fileiras da Polícia. Alguns homens morreram. Pode ter sido um grevista, ou um anarquista tentando provocar uma crise, ou um agente dos donos de fábricas querendo desacreditar os grevistas. Seja como for, o governador teve uma boa desculpa para convocar a milícia e algumas tropas federais. No dia seguinte à explosão da bomba, houve um comício dos grevistas em uma fábrica em um subúrbio no norte da cidade. Os soldados apareceram, e seu comandante alegou mais tarde que ordenara que os

grevistas se dispersassem. Os líderes grevistas afirmam que nunca ouviram essa ordem. De qualquer forma, os soldados abriram fogo. Foi uma cena terrível.

Kreizler balançou a cabeça, revisando as informações em sua mente.

– Chicago... a cidade tem uma grande população de imigrantes, não é mesmo?

– Sim. Alemães, escandinavos, poloneses, e por aí afora.

– Haveria uma porção deles entre os grevistas, não acha?

Levantei a mão.

– Sei aonde está querendo chegar, Kreizler, mas isso não significa necessariamente coisa nenhuma. Havia imigrantes envolvidos em todas as greves no país na ocasião.

Laszlo franziu o cenho.

– Acho que tem razão. Ainda assim...

Nesse momento, um jovem empregado do hotel, com um uniforme vermelho de botões dourados, entrou no bar, gritando meu nome. Levantei-me de um pulo e fui até o rapaz, que informou que o recepcionista desejava me falar. Kreizler me seguiu. O recepcionista me entregou o telefone, e ouvi a voz excitada de Sara no instante em que atendi:

– É você, John?

– Eu mesmo, Sara. Pode falar.

– Trate de sentar. Podemos ter descoberto algo importante.

– Não quero sentar. O que aconteceu?

– Encontrei a história do assassinato Dury no *Times*. Houve reportagens grandes durante uma semana, e notícias menores depois. Praticamente tudo o que você poderia querer saber sobre a família está lá.

– Espere um pouco. Conte tudo a Kreizler, para que ele possa fazer anotações.

Laszlo pôs seu caderninho de anotações em cima do balcão, deixando o recepcionista contrariado, e levou o fone ao ouvido. Essa é a história que ele

ouviu e que reproduzo de suas anotações:

O pai do reverendo Victor Dury fora um huguenote que fugira da França no início do século, a fim de evitar a perseguição religiosa (os huguenotes eram protestantes, e a maioria de seus conterrâneos era católica). Fora para a Suíça, mas a fortuna da família não florescera ali. Seu filho mais velho, Victor, ministro da Igreja Reformada, decidira tentar a sorte na América. Chegara em meados do século e fora para New Paltz, uma cidadezinha fundada por protestantes holandeses no século XVIII, que mais tarde se tornara o lar de dezenas de imigrantes huguenotes franceses. Ali, Dury iniciara um pequeno movimento evangélico, financiado por pessoas da cidade, e um ano depois, mudara-se, com a esposa e o filho pequeno, para Minnesota, com a intenção de disseminar a fé protestante entre os sioux que viviam ali (os referidos índios ainda não haviam sido empurrados para oeste, até os Dakotas). Dury não era um missionário dos mais eficientes: era ríspido e autoritário, e suas descrições veementes da ira que Deus lançaria sobre os incrédulos e transgressores não persuadiram os sioux a aceitar as vantagens de uma vida cristã. O grupo de New Paltz que o financiava já se encontrava prestes a chamá-lo de volta quando irrompeu o grande levante sioux de 1862, um dos mais brutais conflitos entre brancos e índios da história.

Durante esse evento, a família Dury só escapou por um triz do destino macabro que se abatera sobre muitos dos brancos em Minnesota. Apesar de tudo, a experiência proporcionou ao reverendo uma ideia que, em sua opinião, garantiria o permanente financiamento de sua missão. Ele providenciou um daguerreótipo e pôs-se a tirar fotografias de brancos massacrados; ao voltar a New Paltz, em 1864, tornou-se famoso – na verdade, infame – por mostrar as imagens aos mais prósperos cidadãos locais. Era uma tentativa clamorosa de assustar aquelas pessoas austeras e gordas, levando-as a fornecer mais recursos. Contudo, o tiro saiu pela culatra; as fotografias de cadáveres mutilados eram tão horripilantes, e o

comportamento de Dury durante as apresentações tão febril, que começaram a questionar a sanidade do reverendo. Ele acabou se tornando uma espécie de pária social, incapaz de encontrar nenhum posto religioso. No fim, foi reduzido ao trabalho de agente funerário em uma igreja reformada holandesa. A chegada inesperada de um segundo filho, em 1865, agravou ainda mais sua situação financeira, e a família foi obrigada a se mudar para uma pequena casa nos arredores da cidade.

Conhecendo bem a história agitada e o comportamento perturbado de Dury, e não mais informados sobre os hábitos dos índios do que qualquer comunidade branca média do leste dos Estados Unidos, a maior parte dos cidadãos de New Paltz jamais questionou a ideia de que seu assassinato, em 1880, fora causado pelo rancor que provocara entre os sioux de Minnesota durante sua estada lá, quase vinte anos antes. Ainda assim, houve alguns comentários dispersos (seus iniciadores, anônimos, como não podia deixar de ser) sobre as péssimas relações entre os Dury e seu filho mais velho, Adam, que se mudara para Massachusetts para ser lavrador muitos anos antes dos assassinatos. Começaram a circular rumores de que Adam poderia ter ido ao estado de Nova York e liquidado os pais – embora ninguém explicasse qual poderia ser o motivo preciso –, mas nunca foram encarados pela Polícia como outra coisa que não intrigas; e embora jamais se encontrasse nenhum vestígio do filho mais novo, Japheth, a ideia de que fora sequestrado, para se tornar um guerreiro índio se ajustava por completo a tudo que os cidadãos de New Paltz imaginavam sobre os selvagens que habitavam os territórios do Oeste.

E assim terminava a saga da família Dury; a pesquisa de Sara, no entanto, não se limitara a essa história. Ela se lembrou de que conhecera algumas pessoas de New Paltz durante a juventude (embora a cidade, como Sara disse, “ficasse no lado errado do rio”), e fizera algumas ligações sociais, depois de sair do *Times,* para verificar se um desses conhecidos sabia mais alguma coisa sobre os assassinatos. O único conhecido que encontrara em casa não

sabia de nada. No entanto, Sara pedira uma descrição da vida cotidiana em New Paltz, e, dessa forma, tropeçara com um fato eletrizante: New Paltz fica no sopé das Montanhas Shawangunk, uma cordilheira conhecida por suas formações rochosas enormes e escarpadas. Quase com receio da resposta que poderia obter, Sara indagara em seguida se os cidadãos locais gostavam de escalar as montanhas como passatempo. – É claro que sim – disse-lhe o conhecido, era um esporte bastante popular – em particular entre os residentes que haviam chegado pouco antes da Europa.

Tanto Kreizler quanto eu ficamos atordoados com essa última informação e precisávamos de tempo para absorvê-la, assim como ao resto da história. Laszlo disse a Sara que telefonaríamos mais tarde, e voltamos ao bar do hotel para analisar a situação.

– E então? – Murmurou Kreizler, em um tom meio abafado, depois que pedimos uma nova rodada de drinques gelados. – O que acha?

Respirei fundo.

– Vamos começar pelos fatos. O garoto Dury mais velho testemunhou algumas das mais horrendas atrocidades imagináveis antes de ter idade suficiente para encontrar algum sentido naquilo tudo.

– É verdade. E seu pai era sacerdote. O calendário religioso, Moore. A família devia ser regulada por isso.

– O pai parece ter sido também um homem muito rigoroso, para não dizer peculiar... embora socialmente fosse respeitável, pelo menos no início.

Kreizler mapeava seus pensamentos no balcão com um dedo.

– Portanto, podemos presumir um padrão de violência doméstica que começa cedo e se prolonga sem trégua por vários anos, semeando um impulso de vingança que cresce sem parar.

– Tem razão – concordei. – Não há escassez de motivos, mas Adam é mais velho do que calculamos.

Kreizler balançou a cabeça.

– Enquanto o mais moço, Japheth, teria a mesma idade de Beecham. Mas se

ele cometeu os assassinatos, depois forjou o bilhete e desapareceu, assumindo um nome diferente...

– Mas não foi ele quem testemunhou os massacres e as mutilações – ressaltei. – Ele ainda nem havia nascido.

Kreizler cerrou um punho em cima do balcão.

– É verdade. Ele não teria experiência da fronteira.

Deixei que os fatos se reagrupassem de diversas maneiras em minha cabeça e tentei encontrar uma nova interpretação, mas sem êxito. Tudo o que pude dizer, depois de vários minutos, foi o seguinte:

– Ainda não sabemos nada sobre a mãe.

– Não, não sabemos. – Kreizler batia com os nós dos dedos no balcão. – Mas era uma família pobre, vivia em acomodações apertadas. Isso ocorreria ainda mais no período em Minnesota, que seria o tempo mais vívido na memória do filho mais velho.

– Certo. Se ao menos ele fosse mais jovem...

Laszlo suspirou e sacudiu a cabeça.

– Uma porção de perguntas... e desconfio que as respostas só podem ser encontradas em Newton, Massachusetts.

– Vamos até lá para descobri-las?

– Quem sabe? – Kreizler tomou um gole de seu coquetel, com um nervosismo visível. – Confesso que me sinto desorientado, Moore. Não sou um detetive profissional. O que fazemos agora? Continuamos sentados aqui, tentando obter mais informações sobre Beecham, ao mesmo tempo que investigamos novas pistas que possam surgir? Ou vamos para Newton? Quando é que alguém pode saber que chegou o momento de parar de examinar todas as possibilidades e se concentrar em apenas um curso?

Pensei a respeito por um momento.

– Não podemos saber – foi a conclusão a que cheguei. – Não temos experiência nisso. Mas...

Levantei-me e segui para a agência de telégrafos.

– Moore? – Chamou Kreizler. – O que vai fazer?

Levei apenas cinco minutos para condensar os dados essenciais da pesquisa de Sara em um telegrama, que despachei para o Forte Yates, Dakota do Norte. Encerrei a mensagem com um pedido simples: ACONSELHEM CURSO.

Kreizler e eu passamos o resto da noite no restaurante do Willard, até que os empregados nos informaram que iam embora. Àquela altura, sem nenhuma perspectiva de o sono chegar, saímos para dar uma volta pelos arredores da Casa Branca, fumando e aventando todas as possibilidades concebíveis na história, ao mesmo tempo que procurávamos por um meio de ligar tudo ao cabo John Beecham. Investigar a pista Dury exigiria bastante tempo, pelo menos isso parecia óbvio; e embora nenhum dos dois o dissesse, ambos sabíamos que se houvesse algum desperdício de tempo, no momento de seu próximo atentado não estaríamos mais preparados para deter o assassino do que nos encontrávamos em Pentecostes. Dois cursos de ação, ambos com inúmeros riscos, aguardavam nossa decisão. Kreizler e eu, passeando a esmo pela noite de Washington, estávamos, para todos os efeitos, paralisados.

Por isso, foi uma sorte que, ao voltarmos ao Willard, o recepcionista nos entregasse um telegrama. Provinha do Forte Yates, e devia ter sido remetido momentos depois de os Isaacsons terem chegado lá. Era curto, mas sem a menor hesitação: PISTA É SÓLIDA. SIGAM-NA.

CAPÍTULO 33

O amanhecer nos encontrou em um trem, de volta a Nova York, onde planejávamos dar um pulo ao número 808 da Broadway antes de seguir para Newton, Massachusetts. Teria sido impossível fazer qualquer coisa construtiva em Washington – nem mesmo dormir – depois que fora confirmada nossa disposição de seguir a pista Dury; a viagem de trem para o Norte, no entanto, pelo menos satisfaria o anseio de ação e permitiria que descansássemos com certa facilidade por várias horas. Era essa minha esperança quando embarcamos; mas eu não cochilava havia muito tempo no compartimento escuro quando uma profunda inquietação me despertou. Risquei um fósforo a fim de verificar se havia alguma base racional para o medo, e deparei-me com Kreizler, sentado a minha frente, olhando pela janela para a paisagem escura.

– Laszlo – murmurei, estudando seus olhos arregalados à luz alaranjada da chama. – O que foi? O que aconteceu?

Ele esfregou a boca com a articulação do dedo indicador esquerdo.

– A imaginação mórbida...

Soltei uma súbita exclamação quando a chama me queimou os dedos. Deixei o fósforo cair no chão e se apagar.

– Que imaginação? – Indaguei, de novo na escuridão. – Do que está falando?

– Eu a li pessoalmente, e sei que é verdade – disse ele, referindo-se à carta do assassino. – Aquela parte do canibalismo. Postulamos uma imaginação mórbida e impressionável como explicação.

– E não é?

– As fotografias, John – respondeu Laszlo.

E embora eu não pudesse ver seu rosto (ou qualquer outra coisa no compartimento), percebi que sua voz era tensa quando prosseguiu:

– As fotografias dos colonos massacrados. Presumimos que nosso homem devia ter estado na fronteira em algum momento da vida, que apenas a experiência pessoal poderia proporcionar um modelo para suas atuais abominações.

– Está querendo dizer que as fotografias de Victor Dury podem ter servido a esse propósito?

– Não para qualquer um, mas para esse homem, que se tornou impressionável por uma infância de violência e medo. Lembre-se do que comentamos sobre o canibalismo; foi uma coisa sobre a qual ele leu, ou talvez ouviu, provavelmente quando criança. Uma história assustadora, que deixou uma impressão permanente. E fotografias não produziriam um resultado muito mais profundo em uma pessoa caracterizada por uma imaginação tão obsessiva e mórbida?

– Creio que é possível. Está pensando no irmão desaparecido?

– Isso mesmo. Japheth Dury.

– Mas, por que alguém mostraria coisas assim a uma criança?

Kreizler respondeu, distraído:

– Mais sujo que um pele-vermelha...

– Como?

– Não tenho certeza, John. Talvez ele as tenha descoberto por acaso. Ou talvez fossem usadas como um instrumento disciplinador. Mais respostas a ser encontradas em Newton, espero.

Pensei a respeito por um momento, mas logo senti minha cabeça arriando no assento em que me deitava. Cedi ao embalo e murmurei:

– Se não descansar um pouco, você não vai conseguir conversar com ninguém em Newton nem em nenhum outro lugar.

– Sei disso – respondeu Kreizler, remexendo-se no banco. – Mas ocorreu-me que...

A próxima coisa que eu soube foi que estávamos na Grand Central, quando fui despertado de forma abrupta pelas batidas das portas dos compartimentos e o barulho das malas contra as paredes. Com a aparência ainda mais prejudicada pela noite agitada, Kreizler e eu desembarcamos e saímos da estação para uma manhã nublada e escura. Como Sara ainda não devia ter chegado ao número 808, decidimos passar por nossas respectivas casas e depois nos encontrarmos no quartel-general, quando nos sentíssemos (e talvez parecêssemos) um pouco mais humanos. Dormi por mais duas horas e tomei um banho maravilhoso na casa de minha vó, e tomei o desjejum com ela. Como notei durante a refeição, a tranquilidade mental que a envolvera depois da execução do dr. H. H. Holmes já começava a se dissipar: ela examinou as últimas páginas do *Times* no maior nervosismo, à procura da próxima ameaça mortal com que se preocupar à noite. Tomei a liberdade de ressaltar a futilidade daquela atitude, apenas para ser informado, em um tom um tanto brusco, que ela não tinha a menor intenção de aceitar conselhos de alguém que cometia um suicídio social, não apenas em uma, mas em duas cidades, ao ser visto em público com “aquele dr. Kreizler”.

Harriet me aprontou uma valise para a viagem a Newton, e às nove horas da manhã eu me encontrava no elevador do número 808 da Broadway, cheio de café e transbordando de energia. Já de volta, tinha a sensação de que me ausentara de nosso quartel-general por mais de quatro dias e ansiava rever Sara, com imenso entusiasmo. Quando alcancei o sexto andar, encontrei-a em conversa com Kreizler; mas, determinado agora a ignorar qualquer coisa que houvesse entre os dois, adiantei-me, apressado, e dei-lhe um abraço apertado.

– John, seu tolo! – Ela disse com um sorriso. – Não me interessa se é primavera. Lembra o que aconteceu na última vez que foi tão atrevido comigo?

– Ah, não! – Exclamei, largando-a depressa. – Uma vez naquele rio é suficiente por toda uma vida. E então? Laszlo já lhe informou as últimas novidades?

– Já, sim – respondeu Sara, ajeitando seu coque, com um brilho desafiador em seus olhos verdes. – Vocês dois têm ficado com toda a diversão, e acabei de comunicar ao dr. Kreizler que se pensam que continuarei sentada aqui por mais um minuto enquanto partem para outra aventura, estão muito enganados.

Animei-me um pouco.

– Pretende ir a Newton?

– Eu disse que queria aventura – ela declarou, batendo de leve em meu nariz com um papel. – E ficar trancada em um trem com vocês dois não é o que estou pensando. De jeito nenhum. O dr. Kreizler diz que outra pessoa terá de ir a New Paltz.

– Roosevelt telefonou há poucos minutos – interveio Laszlo. – Ao que consta, o nome Beecham aparece em vários registros naquela cidade.

– Ahn – murmurei. – Nesse caso, parece que Japheth Dury *não* se transformou em John Beecham.

KreizIer deu de ombros.

– É uma complicação adicional, a única coisa de que podemos ter certeza neste momento, e exige uma investigação. Você e eu, no entanto, precisamos ir a Newton o mais depressa possível. E com os sargentos detetives ainda viajando, só resta Sara. É o território dela, afinal de contas. Sara foi criada na região, e, sem dúvida, sabe como conquistar as boas graças das autoridades locais.

– Quanto a isso, também tenho certeza – concordei. – E quem vai coordenar as coisas aqui?

– Esse é um trabalho superestimado, se já houve algum – comentou Sara. – Stevie pode cuidar disso até que Cyrus tenha condições de se levantar. Além do mais, não devo me ausentar por mais de um dia.

Lancei-lhe um olhar insinuante.

– E até que ponto meu apoio é valioso nesse esquema?

Sara se voltou para mim.

– John, você é mesmo um cabeçudo. Dr. Kreizler já concordou.

– Entendi. Muito bem, então está resolvido, eu suponho. Minha opinião não vale o ar que consome para ser expressa.

E foi assim que Stevie Taggert ficou livre para vasculhar nosso quartel-general em busca de cigarros. A partir do meio-dia, o rapaz assumiu o comando do lugar, e ao nos despedirmos, seu rosto me deu a impressão de que ele fumaria até o estofamento das cadeiras do marquês Carcano, se não pudesse encontrar nada melhor. Stevie prestou a maior atenção às instruções de Laszlo sobre como entrar em contato conosco, mas, quando a fala se transformou em um discurso de advertência sobre os males da nicotina, o garoto pareceu ficar surdo. Laszlo, Sara e eu mal começáramos a descer pelo elevador quando se tornou audível lá em cima o som de gavetas e portas sendo abertas e fechadas. Kreizler limitou-se a suspirar, consciente de que no momento tínhamos um peixe maior a fritar; mas eu sabia que assim que o caso fosse encerrado, haveria muitas e longas preleções sobre uma vida limpa na casa da 17th Street.

Paramos por um instante em Gramercy Park, para que Sara pudesse pegar algumas coisas (na eventualidade de sua visita a New Paltz durar mais que o previsto) e, em seguida, usamos o mesmo tipo de subterfúgio a que Laszlo recorrera antes de nossa viagem a Washington. Chegamos à Grand Central. Sara foi comprar sua passagem na Linha Hudson, enquanto Kreizler e eu nos encaminhamos para o guichê da Linha New Haven. Como na segunda-feira, as despedidas foram breves, sem revelar coisa nenhuma sobre a ligação entre Sara e Kreizler; eu já começava a pensar que me enganara a respeito, assim como me enganara sobre a possibilidade de um sacerdote extraviado ser o responsável pelos assassinatos. Nosso trem para Boston partiu no horário, e não demorou muito para atravessarmos a parte leste do condado de Westchester, entrando em Connecticut.

A diferença entre nossa viagem a Washington, no início da semana, e a viagem atual a Boston, na tarde de sábado, foi mais ou menos a diferença

entre as duas paisagens ao redor, assim como entre as pessoas que habitavam as respectivas regiões. No sábado, não havia as colinas verdejantes e ondulantes de New Jersey e Maryland; em vez disso, contemplávamos a paisagem agreste de Connecticut e Massachusetts, estendendo-se até o estreito de Long Island, com o mar além fazendo pensar na vida árdua que tornara tão soturnos e belicosos os camponeses e mercadores da Nova Inglaterra. Não que fosse necessária essa indicação indireta de como era a vida naquela parte do país; os exemplos humanos sentavam-se ao nosso redor. Kreizler não comprara poltronas de primeira classe, um erro que só ficou evidente quando o trem adquiriu velocidade e os companheiros de viagem ergueram suas vozes ríspidas e arrastadas para se sobrepor ao barulho dos vagões. Durante horas, Kreizler e eu tivemos de suportar conversas sobre pescaria, política local e a vergonhosa situação econômica dos Estados Unidos. Apesar do barulho, no entanto, conseguimos formular um plano objetivo para lidar com Adam Dury, se e quando o encontrássemos.

Desembarcamos do trem na estação Back Bay, em Boston, diante da qual nos deparamos com um bando de cocheiros com charretes para alugar. Um alto e esquelético, com olhos pequenos e insidiosos, aproximou-se quando nos adiantamos com nossa bagagem.

– Newton? – Indagou Laszlo.

O homem inclinou a cabeça para o lado e espichou o lábio inferior para baixo.

– Uns bons quinze quilômetros – calculou ele. – Não voltarei antes de meia-noite.

– Pois então, dobre seu preço – declarou Laszlo, peremptório, pondo seu saco de viagem no banco da frente da charrete um tanto avariada.

Embora parecesse um pouco desapontado por perder a oportunidade de barganhar o preço da viagem, o cocheiro reagiu à oferta de Laszlo com satisfação, subindo para seu banco e empunhando o chicote. Tive de me apressar para embarcar, e logo partimos, sob os resmungos dos outros

cocheiros que diziam só um tolo ofereceria o dobro do preço por uma viagem a Newton. Depois disso, houve silêncio por um longo tempo.

Um pôr do sol perturbado, que parecia conter a promessa de chuva, projetava-se sobre o leste de Massachusetts, enquanto os subúrbios de Boston eram substituídos por quilômetros intermináveis de campos monótonos e pedregosos. Já escurecera quando chegamos a Newton, e o cocheiro propôs nos levar a uma estalagem, afirmando ser a melhor da cidade. Kreizler e eu sabíamos que isso significava que o lugar devia ser operado por alguém da família do homem, mas estávamos cansados, com fome, em território desconhecido: não nos restava alternativa além de concordar. Enquanto passávamos pelas ruas de Newton, uma comunidade tão pitoresca e monótona quanto qualquer uma que se podia encontrar na Nova Inglaterra, comecei a experimentar a sensação desconcertante e familiar de estar acuado por ruas estreitas e mentes tacanhas, uma ansiedade que me consumira com frequência durante o tempo que passara em Harvard. A “melhor estalagem de Newton” em nada contribuiu para aliviar essa inquietação: como se podia esperar, era um prédio de madeira, meio desconjuntado, com poucos móveis, e um cardápio que se resumia a coisas cozidas. O único momento animador ocorreu durante o jantar, quando o estalajadeiro (primo de segundo grau do cocheiro) disse que poderia nos informar como chegar à fazenda de Adam Dury; e ao saber que Kreizler e eu precisaríamos de uma condução pela manhã, o homem que nos levara a Newton se ofereceu para passar a noite ali e nos prestar o serviço. Acertados esses detalhes, fomos para nossos quartos baixos e escuros, com camas pequenas e duras, e deixamos que nosso estômago cuidasse da melhor forma possível do carneiro e batatas cozidas que jantáramos.

Levantamos cedo na manhã seguinte. Laszlo e eu bem que tentamos, mas não conseguimos evitar o desjejum de panquecas duras e grossas, acompanhadas por café, que o estalajadeiro nos ofereceu. O céu se abrira, sem chegar a derramar nenhuma chuva, e diante da estalagem deparamo-nos

com a velha charrete e o cocheiro já a bordo, pronto para a partida. Na viagem para o Norte, avistamos poucos sinais de atividade humana por quase meia hora; e depois, surgiu um rebanho de gado leiteiro, em um pasto esburacado, cheio de pedras, além do qual havia algumas construções, entre uns poucos carvalhos. Ao nos aproximar dessas estruturas – uma casa e dois estábulos –, divisei o vulto de um homem afundado até os tornozelos em estrume e tentando, com óbvia dificuldade, ferrar um velho e cansado cavalo.

O homem – notei no mesmo instante – tinha cabelos ralos, e seu couro cabeludo brilhava ao sol da manhã.

CAPÍTULO 34

A julgar pelo estado dilapidado de seus estábulos, cercas e carroças, assim como pela ausência de ajudantes ou animais de aparência saudável, Adam Dury não prosperara muito com sua pequena criação de gado leiteiro. Poucas pessoas vivem em maior proximidade com as realidades mais sombrias da vida que os fazendeiros pobres, e o ambiente nesses lugares era inevitavelmente moderador. Meu excitamento e o de Kreizler por nos deparar com o homem em cuja procura percorrêramos uma distância tão grande foram no mesmo instante arrefecidos por uma avaliação de suas circunstâncias. Saltamos da charrete, pedimos ao cocheiro para esperar e nos aproximamos de Adam Dury devagar, com certa cautela.

– Com licença, sr. Dury? – Murmurei, enquanto o homem continuava a lutar com a perna esquerda dianteira do velho cavalo.

O animal castanho, infestado de moscas, sem pelo em alguns pontos, onde uma canga devia pousar, parecia não ter o menor interesse em facilitar o trabalho de seu dono.

– Sou eu – respondeu o homem, ainda não nos mostrando mais que a parte posterior de sua cabeça calva

– Sr. Adam Dury? – Acrescentei, tentando induzi-lo a se virar.

– Deve saber disso, se veio me procurar – murmurou Dury, por fim baixando a perna do cavalo, com um grunhido.

Ele se empertigou em seus mais de um metro e oitenta de altura e deu um tapa no pescoço do cavalo, meio de raiva, meio afetuoso.

– Este aqui pensa que vai morrer antes de mim – murmurou, ainda virado para o cavalo. – Sendo assim, por que deveria cooperar? Mas, ainda teremos muito mais anos pela frente, seu velho...

Dury se voltou, então, revelando uma cabeça com a pele tão repuxada que parecia pouco mais que uma caveira cor de carne. Enormes dentes amarelados enchiam-lhe a boca, e seus olhos amendoados eram de um azul sem nenhum lustro. Seus braços eram musculosos, e os dedos das mãos, que ele limpou no macacão surrado, pareciam muito compridos e grossos. Ele nos avaliou com uma careta de olhos semicerrados que não era nem amigável nem hostil.

– E então? O que posso fazer por vocês dois?

Fui direto – e de uma forma cortês, se posso dizer assim – para o subterfúgio que Laszlo e eu acertáramos durante a viagem de trem para Boston.

– Este é o dr. Laszlo Kreizler, e meu nome é John Schuyler Moore. Sou repórter do *New York Times.*

Tirei a carteira do bolso e mostrei minha identificação.

– Um repórter policial, para ser mais preciso. Meus editores me incumbiram de investigar alguns dos... para ir direto ao ponto, alguns dos casos mais importantes de assassinatos não esclarecidos em décadas recentes.

Dury balançou a cabeça, um pouco desconfiado.

– E vieram me perguntar sobre meus pais.

– Isso mesmo – confirmei. – Não tenho a menor dúvida, sr. Dury, de que já ouviu falar das recentes investigações sobre a conduta do Departamento de Polícia da cidade de Nova York.

Dury estreitou seus olhos ainda mais.

– O caso não era da conta deles.

– Tem razão. Mas meus editores estão preocupados com o fato de que existiam tantos casos importantes nunca solucionados pela Polícia em *todo* o Estado de Nova York. Decidimos recordar alguns e verificar o que aconteceu ao longo dos anos desde a ocorrência. Por acaso se importaria de repassar conosco os fatos básicos da morte de seus pais?

As feições de Dury pareceram se alterar e se reagrupar em uma espécie de

onda, como se um tremor de dor o percorresse. Quando ele tornou a falar, o tom de desconfiança desaparecera de sua voz, sendo substituído apenas por resignação e pesar.

– Quem poderia ter algum interesse agora? Já se passaram mais de quinze anos.

Tentei demonstrar compaixão, além de indignação moral.

– O tempo justifica a falta de uma solução, sr. Dury? E o senhor não é o único; lembre-se, outros já viram atos brutais ficarem sem solução e sem vingança, e gostariam de saber por quê.

Dury avaliou a questão por outro momento e, então, sacudiu a cabeça.

– Isso é problema deles. Não tenho o menor desejo de falar a respeito.

Ele começou a se afastar. Mas, conhecendo muito bem os habitantes da Nova Inglaterra, eu já previra essa reação.

– Haveria, é claro, um pagamento de honorários – acrescentei, bem calmo.

Foi o suficiente; ele parou, voltou-se e tornou a me fitar.

– Honorários?

Ofereci-lhe um sorriso cordial.

– Honorários de consultoria. Nada excessivo, é verdade... cem dólares, está bem?

Ciente de que essa quantia significava muito para um homem em sua situação crítica, não fiquei surpreso quando os olhos de Dury quase saltaram das órbitas.

– Cem dólares? – Ele repetiu, incrédulo. – Para *falar?*

– Isso mesmo, senhor.

Tirei o dinheiro da carteira. Dury pensou mais um pouco, mas acabou aceitando. Virou-se para o cavalo, deu-lhe um tapa na garupa e o despachou para pastar na pouca relva que havia perto do pátio.

– Vamos conversar no estábulo. Tenho trabalho a fazer, e não posso ignorá-lo por causa de – ele deu alguns passos para fora do mar de estrume – histórias de fantasmas.

Kreizler e eu o seguimos, bastante aliviados pelo aparente sucesso do suborno. A preocupação, no entanto, ressurgiu quando Dury se voltou, na porta do estábulo.

– Só um instante – disse ele. – Você disse que esse homem é doutor. Qual é o interesse dele?

– Estou realizando um estudo sobre o comportamento criminoso, sr. Dury – respondeu Laszlo –, e também sobre os métodos da Polícia. O sr. Moore me pediu para fornecer conselhos de perito para suas reportagens.

Dury aceitou isso, mas deu a impressão de não gostar muito do sotaque de Kreizler.

– Você é alemão – ele comentou. – Ou suíço.

– Meu pai era alemão – explicou Kreizler. – Mas fui criado neste país.

Dury parecia insatisfeito com a informação e entrou em silêncio no estábulo.

O cheiro de estrume era mais intenso ali dentro, aliviado apenas pelo doce aroma do feno; havia um depósito disso no paiol acima de nós. As tábuas do prédio outrora haviam sido caiadas, mas a maior parte da tinta já se soltara, deixando à mostra a madeira granulada. Via-se um galinheiro por uma abertura de pouco mais de um metro, e o barulho de suas ocupantes flutuava até nós. Havia arreios, foices, pás, enxadas, marretas e baldes por toda parte, pendurados nas paredes, no teto baixo, ou espalhados pelo chão de terra. Dury foi direto para um velho espalhador de estrume, cujo eixo estava apoiado em uma pilha de pedras. Pegou uma marreta e bateu na roda, soltando-a da montagem. Assobiando, irritado, pôs-se a trabalhar na extremidade do eixo.

– Muito bem – disse ele, pegando um balde com graxa, sem olhar para nós. – Podem fazer as perguntas.

Kreizler acenou com a cabeça para mim, indicando que seria melhor se eu assumisse o comando do interrogatório.

– Lemos as notícias que saíram nos jornais na ocasião – informei. –

Gostaria de saber se poderia nos contar...

– As notícias dos jornais! – Resmungou Dury. – Suponho que também leram que os idiotas desconfiaram de mim por algum tempo.

– Lemos que houve esse rumor – comentei. – Mas a Polícia garantiu que nunca...

– Acreditou? Não muito, é verdade. Só o suficiente para mandar dois de seus homens até aqui para pressionar minha esposa e a mim por três dias!

– É casado, sr. Dury? – Indagou Kreizler.

Por um ou dois segundos, Dury fitou Laszlo, outra vez ressentido.

– Sou, sim. Há dezenove anos. Não que isso seja da sua conta.

– Filhos? – Insistiu Kreizler, no mesmo tom cauteloso.

– Não. Nós... isto é, minha esposa... eu... não... Não temos filhos.

– Mas presumo que sua esposa pôde testemunhar que o senhor estava aqui quando... o terrível incidente ocorreu, não? – Perguntei.

– O que não significou muito para aqueles idiotas. O testemunho de uma esposa conta pouco ou nada em um tribunal. Tive de pedir a um vizinho, um homem que vive a quinze quilômetros daqui, para vir confirmar que estávamos arrancando um cepo juntos no dia em que meus pais foram assassinados.

– Sabe por que foi tão difícil convencer a Polícia? – Indagou Kreizler.

Dury bateu com a marreta no chão.

– Tenho certeza de que leu sobre *isso* também, *doutor*. Não era segredo. Meus pais e eu passamos muitos anos brigados.

Levantei a mão para deter Kreizler.

– É verdade, lemos uma referência a isso. Mas os relatos da Polícia foram muito vagos e confusos, e ficou difícil tirar conclusões. O que pareceu estranho, tendo em vista que essa questão era vital para a investigação. Não poderia nos fornecer mais alguns detalhes?

Dury levou a roda do espalhador de estrume para uma bancada e recomeçou a trabalhar nela.

– Meus pais eram pessoas duras, sr. Moore. Tinham de ser, para suportar a viagem a este país e sobreviver à vida que escolheram. Mas, embora possa dizer isso agora, essas explicações estavam além da compreensão de um menino pequeno, que...

Uma explosão de palavras parecia prestes a escapar do homem, mas ele se conteve, com um esforço óbvio.

– Que apenas ouve uma voz fria. E apenas sente uma correia grossa.

– Ou seja, que era espancado – comentei, recordando as especulações originais, minhas e de Kreizler, depois das primeiras informações sobre os assassinatos Dury que recebêramos em Washington.

– Eu não estava me referindo a mim mesmo, sr. Moore. Mas Deus sabe que nem meu pai nem minha mãe jamais se abstiveram de me punir quando eu fazia alguma coisa errada. Mas não foi isso que causou nossa... desavença.

Dury olhou por uma janela pequena e suja durante um momento, antes de tornar a martelar a roda.

– Eu tinha um irmão. Japheth.

Kreizler balançou a cabeça, enquanto eu dizia:

– Lemos a respeito dele. Trágico. Meus sentimentos.

– Sentimentos? Pode ser. Mas uma coisa lhe digo, sr. Moore: o que quer que os selvagens tenham feito com ele, não foi mais trágico que o que ele sofreu nas mãos de seus próprios pais.

– Ele sofreu crueldades?

Dury deu de ombros.

– Algumas pessoas podem não chamar assim. Mas eu chamava, e ainda chamo. Ele era um garoto estranho, é verdade, sob alguns aspectos, e a maneira como meus pais reagiam a seu comportamento podia parecer... natural para alguém de fora. Mas não era. De jeito nenhum. Havia o demônio em tudo aquilo, em algum lugar...

Dury desviou sua atenção por um instante, mas logo voltou a se concentrar.

– Desculpem-me. Queriam saber sobre o caso.

Passei a meia hora seguinte fazendo algumas perguntas óbvias sobre o que acontecera naquele dia de 1880, pedindo esclarecimentos sobre detalhes que no fundo não eram tão confusos, tudo para esconder nosso verdadeiro interesse. Depois, com perguntas sobre os possíveis motivos dos índios para matar seus pais, consegui levá-lo a um relato mais detalhado sobre a vida em sua casa durante os anos em Minnesota. A partir daí, não foi difícil estender a conversa a uma história geral das relações familiares. Enquanto Dury falava, Laszlo tirou discretamente do bolso seu caderninho de anotações e pôs-se a registrar o relato, em silêncio.

Embora nascido em New Paltz em 1865, as lembranças mais antigas de Adam Dury só começavam em seu quarto ano de vida, quando a família se mudou para o Forte Ridgely, Minnesota, um posto militar dentro da reserva sioux naquele estado. Os Dury residiam em uma cabana de troncos de um só cômodo, a cerca de um quilômetro e meio do forte, o tipo de habitação que oferecia ao pequeno Adam um excelente ponto de observação para estudar os pais e seu relacionamento. O pai, como Kreizler e eu já sabíamos, era um religioso rigoroso, que não fazia a menor tentativa de adoçar os sermões que pronunciava para os curiosos sioux que iam ouvi-lo. Contudo, Laszlo e eu ficamos surpresos ao saber que, apesar da rigidez vocacional, o reverendo Victor Dury não era muito cruel ou violento com o filho mais velho; ao contrário, Adam disse que suas recordações mais antigas do pai eram felizes. É verdade que o reverendo podia aplicar punições dolorosas, quando necessário; mas, em geral, era a sra. Dury quem assumia essa função.

Enquanto falava sobre a mãe, a expressão de Adam Dury se tornou mais sombria, a voz mais hesitante, como se até a recordação possuísse um imenso poder ameaçador sobre ele. Fria e rigorosa, a sra. Dury não oferecera muita coisa ao filho em termos de conforto e acalento durante seus primeiros anos; e escutando sua descrição da mulher, não pude deixar de pensar em Jesse Pomeroy.

– Por mais que me afligisse ser escorraçado por ela – disse Dury, enquanto

tentava ajustar a roda já consertada no espalhador de estrume –, creio que seu espírito distante magoava ainda mais a meu pai, pois nunca foi uma esposa de verdade. É claro que realizava todas as tarefas domésticas, mantinha a casa arrumada, apesar de nossas condições de penúria. Mas quando sua família mora em um pequeno cômodo, senhores, não se pode deixar de perceber a dimensão mais íntima do casamento de seus pais. Ou sua ausência.

– Está dizendo que eles não eram próximos? – Perguntei.

– Estou dizendo que não sei por que ela se casou com meu pai – respondeu Dury, ríspido, descarregando sua tristeza e sua raiva no eixo e na roda. – Ela não suportava o menor contato dele, muito menos suas... suas tentativas de construir uma família. Meu pai queria filhos. Tinha ideias, sonhos, para ser mais preciso, de mandar os filhos e filhas para o Oeste, a fim de expandir e continuar seu trabalho. Mas, minha mãe... cada tentativa era uma provação para ela. Ela suportava algumas, mas a outras resistia. Para ser sincero, não entendo por que ela se casou. Só se mostrava interessada quando ele pregava. Meu pai era um orador e tanto, à sua maneira, e minha mãe comparecia a quase todos os serviços que ele celebrava. Parecia gostar dessa parte de sua vida, por mais estranho que possa parecer.

– E depois que voltaram de Minnesota?

Dury sacudiu a cabeça, amargurado.

– Depois que voltamos de Minnesota as coisas se deterioraram por completo. Ao perder seu emprego, meu pai perdeu também a única ligação humana que tinha com minha mãe. Nos anos subsequentes quase nunca se falavam, e jamais se tocavam; pelo menos é o que posso recordar. – Olhou de novo para a janela suja. – Exceto uma vez...

A pausa se prolongou por vários segundos, e instei-o a continuar, murmurando:

– Japheth?

Dury acenou com a cabeça, saindo devagar de seu triste devaneio.

– Eu costumava dormir ao ar livre quando fazia calor. Perto das montanhas,

as Shawangunks. Meu pai aprendera montanhismo na Suíça, com o pai dele, e as Shawangunks eram um lugar ideal para praticar e me transmitir as técnicas. Eu nunca fui muito bom nisso, mas sempre o acompanhava, porque eram momentos mais felizes... longe de casa e daquela mulher.

Se as palavras fossem explosivas, acho que seu impacto não atingiria a Kreizler e a mim com mais força. O braço esquerdo atrofiado de Laszlo disparou e sua mão apertou meu ombro com uma força surpreendente. Dury não percebeu e continuou, alheio ao efeito de suas palavras:

– Mas, durante os meses mais frios não havia como evitar a permanência dentro de casa, a menos que eu preferisse morrer de frio. E me lembro de uma noite de fevereiro, quando meu pai... talvez ele tivesse bebido, mas isso só acontecia raramente. Sóbrio ou não, ele começou por fim a se rebelar contra o comportamento inumano de minha mãe. Falou dos deveres de uma esposa, das necessidades de um marido, e tentou agarrá-la. Minha mãe gritou em protesto, disse que ele estava se comportando como os selvagens que deixáramos para trás em Minnesota. Mas meu pai não poderia ser detido naquela noite. E apesar do frio, fugi de casa por uma janela e dormi no velho estábulo de um vizinho. Mesmo a distância, eu ainda podia ouvir os gritos e soluços de minha mãe.

Mais uma vez, Dury pareceu perder toda a noção do presente e falou com uma voz desconectada, quase sem vida:

– Eu gostaria de dizer que esses sons me horrorizaram, mas não foi o que aconteceu. Na verdade, lembro claramente que exortei meu pai a...

Sua mente voltou ao presente. Um pouco embaraçado, ele pegou a marreta e voltou a bater na roda.

– Não tenho a menor dúvida de que os choquei, senhores. Se assim foi, peço desculpas.

– É claro que não! – Apressei-me a responder. – Está apenas nos dando uma compreensão maior dos antecedentes.

Dury lançou outro olhar rápido e cético para Laszlo.

– E qual é sua opinião, doutor? Também compreende? Não tem falado muito.

Kreizler se manteve calmo sob o escrutínio de Dury. Eu sabia que não havia quase nenhuma possibilidade de aquele homem simples abalar um conhecedor de hospícios como Kreizler.

– Eu estava absorto demais para comentar – murmurou Laszlo. – Se me permite dizer, sr. Dury, fala muito bem.

Dury soltou uma risada, mas sem humor.

– Para um fazendeiro? É verdade, e isso foi obra de minha mãe. Ela nos obrigava a estudar as lições da escola por horas a fio, todas as noites. Eu já sabia ler e escrever antes dos cinco anos.

Kreizler inclinou a cabeça.

– Louvável.

– Meus dedos não pensavam assim – respondeu Dury. – Ela batia em meus dedos com uma vara quando... mas, outra vez estou desviando do assunto. Vocês queriam saber o que aconteceu com meu irmão, certo?

– Isso mesmo – confirmei. – Mas, antes disso, diga-nos: que tipo de menino ele era? Disse que ele era estranho, mas, de que maneira?

– Japheth?

Depois de prender a roda no eixo, Dury se levantou e pegou um cabo comprido.

– Como ele era? Suponho que não se podia esperar muito de uma criança nascida da ira, indesejada pelo pai e pela mãe. Para minha mãe, ele era um símbolo da selvageria e luxúria de meu pai. E para meu pai... para meu pai, por mais que ele quisesse aumentar a prole, Japheth sempre foi um símbolo de sua degradação, daquela noite terrível em que o desejo o transformara em um animal.

Usando o cabo comprido, Dury derrubou as pedras empilhadas sob o eixo do espalhador de estrume, e a máquina caiu no chão de terra do estábulo, rolando alguns centímetros. Satisfeito com seu trabalho, Dury pegou uma

enxada, enquanto continuava a falar:

– O mundo é cheio de armadilhas para um garoto entregue à própria sorte. Tentei dar a Japheth toda a ajuda que podia, mas, quando ele teve idade suficiente para fazer amigos de verdade, fui trabalhar em uma fazenda próxima e quase não o via. Sabia que ele sofria tudo que eu suportara naquela casa, e ainda mais. E sempre desejei ter podido ajudá-lo mais.

– Alguma vez ele lhe contou o que acontecia? – Perguntei.

– Não. Mas eu vi muita coisa. – Dury começou a empurrar a máquina pelo estrume nas baias. – E, aos domingos, eu tentava passar algum tempo com ele, mostrava-lhe que ainda havia muita coisa que ele poderia aproveitar na vida, independentemente do que ocorresse em casa. Eu o ensinei a escalar montanhas, e passávamos dias e noites lá em cima. Mas, no fim... no fim, acho que ninguém conseguiria anular a influência de minha mãe.

– Ela era... violenta?

Dury sacudiu a cabeça e falou em um tom que parecia ponderado e sincero:

– Creio que Japheth não sofreu mais que eu dessa maneira. Uma surra de correia no traseiro aplicada por meu pai, de vez em quando, não mais que isso. Mas eu achava naquela ocasião, e ainda tenho certeza agora, que os métodos de minha mãe eram muito mais... insidiosos.

Dury largou a máquina e se sentou em uma das pedras que a sustentavam, tirando do bolso um cachimbo e um saco de fumo.

– Creio que, de certa forma, fui mais afortunado que Japheth, só porque os sentimentos de minha mãe em relação a mim assumiram a forma de total indiferença. Mas Japheth... não parecia suficiente para ela apenas privá-lo de amor. Ela discordava de cada ação de meu irmão, de cada movimento, por mais insignificante que fosse. Mesmo quando ele era bebê, mesmo antes de ter alguma percepção ou controle sobre si mesmo, ela o atormentava por tudo o que fazia.

Kreizler se inclinou para frente, oferecendo um fósforo que Dury só aceitou com relutância.

– O que está querendo dizer com “tudo”, sr. Dury? – Indagou Laszlo.

– O senhor é médico, doutor. Acho que pode adivinhar.

Ele fumou por alguns segundos, deixando o cigarro em brasa, antes de sacudir a cabeça e acrescentar, enfurecido:

– Aquela vaca cruel! Palavras duras, eu sei, para um homem usar para se referir à própria mãe falecida. Mas, se pudessem vê-la, senhores... e a ele, sempre ele! Quando Japheth se queixava, chorava ou tinha um acesso de raiva, minha mãe dizia palavras desprezíveis que eu jamais esperara ouvir, nem mesmo dela.

Dury se levantou, pegou a pá e continuou a remover o estrume.

– Ela dizia que ele não era seu filho. Que era filho de índios, selvagens asquerosos, canibais, que o haviam deixado em nossa porta. O pobre coitado até acreditava.

As peças iam se ajustando em seus lugares a cada minuto que passava; e à medida que isso acontecia, ficava cada vez mais difícil controlar uma sensação profunda e crescente de descoberta e triunfo. Quase desejei que Dury concluísse logo seu relato, só para sair correndo do estábulo e bradar aos céus que Kreizler e eu, apesar de toda oposição, conseguiríamos pegar nosso homem. Entretanto, eu sabia que o autocontrole era mais importante naquele momento que em qualquer outra ocasião anterior, e tentei seguir o exemplo de comedimento de Kreizler.

– E o que aconteceu quando seu irmão ficou um pouco mais velho? – Perguntou Laszlo. – Isto é, com idade suficiente para...

De uma forma súbita, selvagem e aterradora, Adam Dury gritou algumas palavras incompreensíveis e jogou a pá contra a parede dos fundos do estábulo. As galinhas se agitaram, cacarejaram assustadas, adejaram as asas. Ao ouvi-las, Dury tirou o cachimbo da boca e fez um esforço para recuperar o controle. Kreizler e eu não fizemos nenhum movimento, mas percebi que meus olhos estava arregalados de choque.

– Acho que é melhor que todos nós sejamos francos! – Exclamou Dury.

Kreizler não disse nada, mas minha voz tremia um pouco quando murmurei:

– Francos, sr. Dury? Posso lhe assegurar...

– Mas que droga! – Berrou Dury, batendo o pé na terra.

Ele esperou alguns segundos, até ser capaz de falar com um pouco mais de calma:

– Acham que não se falou sobre isso na ocasião? Imaginam que só porque sou fazendeiro, também sou idiota? Sei o que vieram descobrir aqui!

Eu já me dispunha a apresentar mais protestos quando Kreizler tocou meu braço, dizendo:

– O sr. Dury tem sido excepcionalmente franco conosco, Moore. Creio que lhe devemos a mesma cortesia.

Dury balançou a cabeça; sua respiração foi ficando quase regular enquanto Kreizler acrescentava:

– É verdade, sr. Dury. Achamos que há grandes possibilidades de seu irmão ter assassinado seus pais.

Um som desesperado, meio soluço, meio ofego, escapou de nosso anfitrião.

– E ainda estar vivo? – Indagou ele, e quase todos os vestígios de raiva desapareceram de sua voz.

Kreizler confirmou com a cabeça, e Dury levantou os braços, desamparado.

– Mas, por que isso teria importância agora? Foi há muito tempo... já acabou. Se meu irmão continua vivo, nunca entrou em contato comigo. Por que eu deveria me importar?

– Quer dizer que também desconfiou? – Disse Kreizler, evitando a pergunta do outro, enquanto tirava do bolso um frasco de uísque e o entregava a Dury.

Dury tomou um gole, sem demonstrar mais o ressentimento que exibira antes contra Laszlo. Eu pensei que a atitude anterior era uma decorrência do sotaque de Kreizler, mas compreendi que fora gerada pela desconfiança de Dury de que a visita – de um médico muito esquisito, do seu ponto de vista – pudesse chegar àquele resultado.

– É claro que desconfiei – respondeu Dury, depois de um longo momento. – Deve estar lembrado, doutor, que vivi entre os sioux quando era pequeno. Eu tinha vários amigos nas aldeias. Testemunhei o levante de 1862. Sabia que a explicação que a Polícia acabou aceitando sobre a morte de meus pais era quase com certeza uma mentira. E mais que isso, eu conhecia meu irmão.

– E sabia que ele era capaz daquele ato – murmurou Kreizler, manobrando com extremo cuidado, como fizera com Jesse Pomeroy.

Ele mantinha a voz calma, mas as perguntas se tornaram cada vez mais incisivas:

– Como, sr. Dury? Como sabia?

Senti uma pontada de genuína compaixão quando uma lágrima surgiu na face de Dury.

– Quando Japheth tinha uns nove ou dez anos – disse ele, depois de tomar outro gole de uísque –, passamos alguns dias nas Shawangunks. Caçando, preparando armadilhas para pequenos animais, esquilos, gambás, guaxinins, e tal. Eu o ensinara a atirar, mas ele não era muito bom. Em contrapartida, sabia fazer armadilhas como ninguém. Passava um dia inteiro procurando pela toca ou ninho de um animal, ficava à espreita por horas, sozinho, no escuro, pronto para acioná-la. Um talento inato. Mas, um dia, quando caçávamos separados... eu seguira os rastros de um lince... ouvi um grito estranho e terrível ao voltar para o acampamento. Um gemido. Estridente e fraco, mas assustador. Ao entrar no acampamento, deparei-me com Japheth. Ele capturara um gambá, e estava... estava retalhando a pobre criatura ainda viva. Corri no mesmo instante, disparei uma bala no cérebro do gambá e empurrei meu irmão de lado. Ele tinha um brilho diabólico nos olhos, mas, depois que berrei por alguns minutos, desatou a chorar; parecia arrependido. Pensei que havia sido um incidente isolado, o tipo de coisa que um garoto poderia fazer por desinformação, e que não repetiria depois de saber que era errado.

Dury pôs-se a cutucar seu cachimbo, que se apagara. Kreizler lhe ofereceu

outro fósforo.

– Mas não era – murmurou.

– Não, não era – confirmou Dury. – Aconteceu várias outras vezes durante os anos seguintes... várias vezes, que eu soubesse. Ele nunca se metia com os animais grandes, o gado e cavalos das fazendas ao redor. Eram sempre... sempre as pequenas criaturas que pareciam atraí-lo. E continuei a tentar impedi-lo, até que...

Sua voz definhou; Dury se sentou olhando para o chão, dando a impressão de que relutava em continuar. Kreizler, porém, tratou de estimulá-lo gentilmente:

– Até que aconteceu algo pior?

Dury tirou uma baforada do cachimbo, balançando a cabeça.

– Mas eu não o considerei responsável, doutor. E creio que vai concordar que eu estava certo em não o fazer. – Ele fechou uma das mãos em punho, batendo-a com força na coxa. – Mas minha mãe, maldita seja, considerou como outro exemplo do comportamento diabólico de Japheth. Alegou que ele próprio atraíra aquilo, como se algum menino fosse capaz de tal coisa!

– Terá de explicar tudo, sr. Dury – murmurei.

Ele tomou um último gole de uísque antes de devolver o frasco a Kreizler.

– Tem razão. Desculpe-me. Deixe-me ver... aconteceu durante o verão de... foi pouco antes de eu ir embora, o que significa que deve ter sido no verão de 1875. Japheth tinha onze anos. Um novo homem acabara de ser contratado na fazenda em que eu trabalhava, só poucos anos mais velho. Era um sujeito simpático e parecia ter muito jeito com as crianças. Ficamos amigos, e, um dia, eu o convidei para uma caçada. Ele se interessou muito por Japheth, e meu irmão gostava dele, a tal ponto que o chamamos para mais algumas expedições. Japheth e ele saíam para montar armadilhas juntos, enquanto eu caçava animais maiores. Eu havia explicado àquele... àquela coisa que eu pensava ser um homem, que Japheth deveria ser desencorajado a torturar os animais que pudessem capturar. Ele pareceu compreender bem a situação.

Confiei nele, entendem, para cuidar direito de meu irmão.

Houve um baque surdo na parede externa do estábulo.

– E ele traiu minha confiança – disse Dury, levantando-se. – Da pior maneira que um homem poderia fazê-lo.

Dury foi abrir a janela imunda, esticou a cabeça para fora e gritou:

– Saia daí! Agora! Já mandei... saia daí!

Ele voltou, coçando os poucos fios de cabelo na cabeça.

– Cavalo idiota. Fica cheio de carrapichos tentando alcançar os trevos que crescem atrás do estábulo, e não consigo... Desculpem-me, senhores. Certa noite, encontrei Japheth no acampamento, seminu e chorando, sangrando pelo... bem, sangrando. O desgraçado com quem eu o deixara havia desaparecido. Nunca mais o vimos.

O mesmo baque surdo tornou a soar no exterior do estábulo, o que levou Dury a pegar uma vara comprida e fina e se encaminhar para a porta.

– Se me derem licença por um minuto, senhores...

– Sr. Dury? – chamou Kreizler.

Nosso anfitrião parou na porta do estábulo e se voltou.

– Esse sujeito que trabalhava na fazenda... lembra-se do nome dele?

– É claro que lembro, doutor. O sentimento de culpa o gravou em minha memória. Beecham. George Beecham. Com licença.

O nome me atingiu com um impacto maior do que qualquer outra informação que nos fora revelada até aquele momento, e transformou em confusão a exultação triunfante que eu sentia.

– *George Beecham*? – Sussurrei. – Mas, se Japheth Dury é, na verdade...

Kreizler ergueu um dedo, urgente, para me silenciar.

– Guarde suas indagações, Moore, e lembre-se de uma coisa: se for possível, vamos esconder desse homem nosso verdadeiro objetivo. Já sabemos quase tudo que necessitamos saber. Agora, arrume uma desculpa e vamos embora.

– Tudo que necessitamos... ora, você pode saber de tudo que precisa saber,

mas eu ainda tenho mil perguntas! E por que deveríamos esconder? Ele tem o direito...

– De que adiantaria para ele? – Sussurrou Kreizler, ríspido. – O homem tem sofrido e se angustiado por todos esses anos. De que serviria, para ele ou para nós, contar que consideramos seu irmão responsável não apenas pelo assassinato dos pais, mas também pela morte de meia dúzia de crianças?

Isso me deu o que pensar; pois se Japheth Dury continuava mesmo vivo, mas nunca tentara entrar em contato com o irmão Adam, não havia a menor possibilidade de aquele fazendeiro angustiado nos prestar mais alguma ajuda na investigação. E revelar a ele nossas suspeitas antes mesmo de serem confirmadas, parecia o auge da crueldade mental. Por todos esses motivos, quando Dury voltou depois de disciplinar seu cavalo, segui as instruções de Kreizler e inventei uma história sobre uma viagem de trem de volta a Nova York, prazos improrrogáveis que haviam de ser cumpridos, usando todas as desculpas que empregara mil vezes em minha carreira de jornalista para escapar de situações similares.

– Mas, preciso que me respondam a uma coisa, com toda a sinceridade, antes de irem embora – disse Dury, enquanto nos acompanhava até a charrete. – Essa história de escrever uma reportagem sobre casos que ficaram sem solução... há alguma verdade nisso? Ou pretendem reabrir só este caso e especular sobre o envolvimento de meu irmão, usando minhas informações?

– Posso lhe assegurar, sr. Dury – respondi, e a verdade me permitia falar com convicção – que não haverá nenhuma matéria no jornal sobre seu irmão. O que nos contou hoje permite ver como a investigação policial do caso saiu errada, e mais nada. Tudo será tratado da maneira como prometemos: em caráter confidencial.

Isso fez Dury me dar um firme aperto de mão.

– Obrigado, senhor.

– Seu irmão sofreu muito – acrescentou Kreizler, também apertando a mão de Dury. – E desconfio que seu sofrimento continuou nos anos que se

seguiram à morte de seus pais... se é que ele continua vivo. Não nos cabe julgá-lo, nem tirar proveito de seu sofrimento.

A pele esticada do rosto de Dury ficou ainda mais repuxada enquanto ele fazia um esforço para controlar suas emoções.

– Só tenho mais uma ou duas perguntas – murmurou Laszlo –, se não se importa.

– Se eu souber as respostas, doutor, direi tudo.

Kreizler inclinou a cabeça em um gesto de agradecimento.

– Seu pai. Muitos ministros da Igreja Reformada não dão muita ênfase aos dias santos, mas, estou certo ao presumir que não era o caso dele?

– É verdade. Os dias santos eram as únicas ocasiões agradáveis em nossa casa. Minha mãe protestava, é claro. Pegava sua Bíblia e explicava por que aquelas celebrações equivaliam a papismo, e que punições os celebrantes podiam esperar. Mas meu pai insistia, e fazia alguns dos seus melhores sermões nos dias santos. Mas, não entendo como isso...

Os olhos negros de Kreizler faiscavam quando ele ergueu a mão.

– É um ponto insignificante, eu sei, mas eu estava curioso.

Ao subir na charrete, Laszlo pareceu se lembrar de mais uma coisa:

– Ah, sim, gostaria de saber outro detalhe. Dury levantou os olhos, expectante, enquanto eu embarcava também.

– Seu irmão Japheth... quando foi que ele desenvolveu o problema no rosto?

– Os espasmos? – Respondeu Dury, outra vez perplexo com a pergunta. – Ele sempre os teve, pelo que me lembro. Talvez não quando era bebê, mas logo depois disso, e pelo resto de sua... ora, por todo o tempo que o conheci, pelo menos.

– Eram constantes?

– Eram – murmurou Dury, vasculhando a memória e sorrindo. – Exceto, é claro, nas montanhas. Quando ele montava suas armadilhas, seus olhos ficavam serenos como um açude.

Eu não tinha certeza de quantas outras revelações poderia ouvir sem

explodir, mas Kreizler absorvia tudo com a maior calma.

– Um garoto triste, mas extraordinário sob muitos aspectos – ele comentou. – Por acaso tem uma fotografia de seu irmão?

– Ele sempre se recusou a ser fotografado, doutor; o que era compreensível.

– Acho que tem razão. Bem, adeus, sr. Dury.

Deixamos a fazenda. Voltei-me para observar Adam Dury voltar ao estábulo com suas pernas compridas e musculosas, os pés metidos em botas que ainda afundavam no lodo que cercava o prédio. Logo depois de entrar, ele parou e se voltou rapidamente na direção da estrada.

– Kreizler – murmurei –, Sara mencionou que o tique constava das reportagens do jornal sobre a família?

– Não, pelo que me lembro – respondeu Kreizler, sem se voltar. – Por quê?

– Porque, a julgar pela expressão de Adam Dury neste momento, eu diria que o assunto *nunca* foi mencionado; e ele acaba de compreender isso. Vai passar muito tempo tentando imaginar como descobrimos.

Embora meu entusiasmo fosse crescente, fiz o maior esforço para me controlar enquanto me voltava e dizia:

– Pelo amor de Deus! Diga-me, Kreizler, diga-me que o pegamos! Muito do que o homem disse me deixou confuso, mas, por favor, *por favor*, diga que temos uma solução!

Kreizler se permitiu um sorriso e ergueu o punho direito.

– Temos as peças do quebra-cabeça, John, disso tenho certeza. Talvez não *todas* as peças ainda, e talvez não dispostas da maneira correta, mas temos a maior parte! Cocheiro, leve-nos direto para a estação de Back Bay! Há um trem para Nova York às seis e cinco, pelo que me lembro. Precisamos pegá-lo!

Talvez durante quilômetros exibimos expressões pouco coerentes de triunfo e alívio; e se eu soubesse quão breve seria esse sentimento, poderia saboreá-lo ainda mais. No entanto, cerca de uma hora depois da metade do caminho de volta à estação de Back Bay, um som não muito diferente do estalo seco

de um galho de árvore partido ecoou na distância, acabando com toda a exultação. Ainda me lembro com nitidez que o estalo foi seguido por um zunido, e depois alguma coisa atingiu o cavalo que puxava a charrete, causando um esguicho de sangue de seu pescoço e derrubando-o no chão, morto. Antes que o cocheiro, Kreizler ou eu pudéssemos reagir, houve outro estampido, um zunido, e dois ou três centímetros de carne foram arrancados da parte superior do braço direito de Laszlo.

CAPÍTULO 35

Com um grito curto e uma longa imprecação, Kreizler se voltou para o piso da charrete. Como eu sabia que ainda nos encontrávamos expostos demais, forcei-o a saltar da charrete e rastejar para baixo dela, onde ambos nos comprimimos contra a terra. O cocheiro, porém, saiu andando, com o propósito ostensivo de examinar o cavalo morto. Exortei-o a se jogar no chão; mas a perda evidente de receita futura o deixara cego para a segurança no presente, e ele continuou se oferecendo como um alvo tentador – até que se ouviu outro estampido e uma bala se cravou no chão, perto de seus pés. Ele levantou os olhos, compreendendo de repente o perigo em que se encontrava, e saiu correndo para uma mata espessa, cerca de cinquenta metros atrás de nós, do outro lado da estrada, quase em frente às árvores que pareciam ser o abrigo de nosso atacante.

Enquanto continuava a esbravejar, furioso, Kreizler também conseguiu tirar o casaco e me deu instruções sobre como cuidar de seu ferimento. Não parecia muito grave – a bala apenas beliscara os músculos da parte superior do braço –, e a coisa mais importante no momento era conter a hemorragia. Tirei meu cinto, moldei-o em um torniquete, que ajeitei um pouco acima do ferimento que sangrava, e apertei com força. Rasguei a camisa de Laszlo, improvisei uma atadura e logo o fluxo vermelho se desvaneceu. Mas, quando uma bala acertou uma roda da charrete, partindo um dos raios, lembrei-me de que dali a pouco poderíamos ter outros ferimentos para cuidar.

– Onde ele está? – Perguntou Kreizler, esquadrinhando as árvores a nossa frente.

– Vi um pouco de fumaça à esquerda daquela bétula – respondi, apontando. – Mas, o que quero saber é *quem* é ele.

– Receio que haja possibilidades demais para escolhermos – comentou Kreizler, apertando um pouco a atadura e gemendo. – Nossos adversários de Nova York seriam a escolha mais óbvia. A autoridade e influência de Comstock são *nacionais.*

– Só que o estilo de Comstock não parece ser de assassinos a longa distância. Nem o de Byrnes, diga-se de passagem. O que acha de Dury?

– Dury?

– Talvez a compreensão sobre o tique tenha mudado sua atitude; ele pode pensar que tencionamos traí-lo.

– Mas acha que ele parecia um assassino, apesar de toda sua conversa violenta? – Indagou Kreizler, enquanto dobrava e aninhava o braço. – Além do mais, ele me deu a impressão de que seria um bom atirador, ao contrário desse sujeito.

E isso me deu uma ideia.

– Quem sabe se não é... *ele?* Nosso assassino! Ele poderia ter nos seguido desde Nova York. E se é mesmo Japheth Dury, lembre que Adam disse que ele nunca foi um bom atirador.

Kreizler considerou a possibilidade, enquanto continuava a esquadrinhar as árvores; mas sacudiu a cabeça.

– Você está sendo fantasioso, Moore. Por que ele nos seguiria até aqui?

– Porque sabia para onde íamos. Sabe onde o irmão mora, e tinha certeza de que uma conversa com Adam nos ajudaria a identificá-lo.

Laszlo continuou a sacudir a cabeça.

– Isso é fantástico demais. É Comstock, posso garantir.

Outro estampido ecoou pelo ar, e uma bala arrancou enormes fragmentos de madeira na lateral da charrete.

– Bom argumento – murmurei, em resposta à bala. – Podemos discutir a respeito mais tarde.

Voltei-me para as árvores atrás de nós.

– Parece que o cocheiro conseguiu alcançar aquela mata. Acha que pode

correr com o braço assim?

Kreizler soltou um grunhido, irritado.

– Com a mesma facilidade com que posso continuar deitado aqui!

Peguei o casaco de Laszlo e recomendei:

– Ao sair a campo aberto, tente não correr em linha reta.

Ambos nos viramos e rastejamos para o outro lado da charrete.

– Mantenha seus movimentos irregulares. Vá na frente; eu o seguirei, caso tenha algum problema.

– Tenho o pressentimento um tanto inquietante de que o problema, neste caso, pode ser permanente – murmurou Kreizler, esquadrinhando os cinquenta metros de espaço aberto.

Esse pensamento pareceu causar um grande impacto em Laszlo. No momento em que ia começar a correr, ele hesitou. Tirou o relógio de prata e o estendeu para mim.

– Escute, John; caso alguma coisa... ora, quero que dê isto a...

Sorri e empurrei o relógio de volta para ele.

– Que grande sentimental! Como sempre desconfiei. Vá em frente, você mesmo pode entregá-lo a ela. Corra!

Cinquenta metros de terreno supostamente plano no Nordeste podem parecer muito mais difíceis de percorrer do que se imagina quando as apostas em jogo são mortais. Cada pequeno buraco aberto por um roedor, sulco, poça, raiz e pedra entre a carruagem e a mata tornou-se um obstáculo quase intransponível. Meu coração disparado privava minhas pernas e pés da agilidade habitual. Calculo que Kreizler e eu levamos menos de um minuto para percorrer os cinquenta metros até a segurança; e embora, ao que tudo indicava, estivéssemos ameaçados por um único pistoleiro apenas, que não era muito bom de mira, a sensação foi de que nos encontrávamos em uma batalha em larga escala. O ar em torno de minha cabeça parecia repleto de balas, mas não creio que mais de três ou quatro tiros foram disparados contra nós; e quando completei a fuga, com os galhos batendo em meu rosto

enquanto me embrenhava mais e mais pela escuridão do bosque, estive mais próximo da incontinência que em qualquer outro momento de minha vida, e espero nunca mais chegar àquele ponto.

Encontrei Kreizler encostado em um enorme abeto. A atadura e o torniquete haviam afrouxado, permitindo que um novo fluxo de sangue escorresse por seu braço. Tornei a ajeitá-lo e pus o casaco em seus ombros, pois tinha a impressão de que ele começava a sentir frio e perdia a cor.

– Vamos ficar paralelos à estrada – murmurei –, até avistarmos algum tráfego. Não estamos longe de Brooldine e podemos pegar uma carona até a estação de lá.

Fomos andando pela mata, sempre de olho na estrada a fim de não a perder de vista. Ao divisar os prédios de Brooldine, calculei que era seguro deixar o bosque e continuar pela estrada a passos mais acelerados. Pouco depois, uma carroça fechada de gelo se aproximou; o cocheiro parou, saltou e perguntou o que nos acontecera. Inventei uma história sobre um acidente de charrete, o que levou o homem a nos oferecer uma carona até a estação de Back Bay. O que foi uma sorte dupla, pois vários pedaços de gelo do estoque da carroça ajudaram a atenuar a dor no braço de Kreizler.

Já eram quase cinco e meia quando alcançamos a estação de Back Bay, e a luz do sol assumira uma tonalidade âmbar, meio nebulosa. Pedi ao cocheiro que nos deixasse junto de alguns pinheiros esparsos, a cerca de duzentos metros da estação. Depois de agradecer pela carona e pelo gelo, que estancara quase por completo o sangramento do braço de Kreizler, levei Laszlo para as sombras por baixo dos galhos verdes.

– Sou apaixonado pela natureza, Moore – disse Kreizler, confuso. – Mas este não parece o momento apropriado. Por que não seguimos direto até a estação?

– Se foi mesmo um dos homens de Comstock e Byrnes lá atrás – respondi, escolhendo um ponto entre os pinheiros que oferecia uma boa vista da estação –, é bem provável que ele calcule que esse será nosso próximo

movimento. E pode estar a nossa espera.

– Ah, já entendi! – Laszlo se agachou sobre as agulhas de pinheiro e pôs-se a ajustar a atadura. – Por isso, esperamos aqui e embarcamos no trem sem sermos vistos, assim que ele parar na estação.

– Isso mesmo.

Kreizler tirou o relógio de prata do bolso.

– Falta meia hora.

Fitei-o, firmemente, exibindo um sorriso.

– Tempo suficiente para você explicar aquele gesto de colegial lá atrás.

Kreizler virou o rosto, e me surpreendi pelo grande embaraço que o comentário lhe causara.

– Não há a menor possibilidade de você esquecer o incidente, não é mesmo? – Indagou, retribuindo meu sorriso com certa relutância.

– Absolutamente nenhuma.

Ele balançou a cabeça.

– Foi o que pensei.

Sentei-me perto dele.

– E então, Laszlo? Vai se casar com a moça?

Ele deu de ombros.

– Ando considerando a possibilidade.

Deixei minha cabeça pender, com uma risada curta.

– Por Deus, casamento! Você já... sabe como é... já pediu sua mão?

Laszlo sacudiu a cabeça, e acrescentei:

– Talvez queira esperar até a conclusão da investigação. Será mais provável que ela concorde.

Kreizler se mostrou surpreso.

– Por quê?

– Ora, ela terá mostrado seu valor, se é que me entende. E estará mais suscetível à ideia de se amarrar.

– Valor? – Repetiu Kreizler. – Que valor?

– Laszlo – respondi, assumindo um tom meio professoral –, caso ainda não tenha percebido, todo este caso significa muito para Sara.

– *Sara?* – Ele murmurou, aturdido.

E pela maneira como pronunciou o nome, compreendi que eu me enganara desde o início.

– Ah, não! – Soltei um suspiro. – *Não* é Sara...

Kreizler fitou-me em silêncio por mais alguns segundos, e então, inclinou-se para trás, abriu a boca e deixou escapar uma gargalhada mais profunda do que eu jamais ouvira dele. Mais profunda e irritantemente longa.

– Kreizler! – Exclamei, contrito, depois de um minuto inteiro desse tratamento. – Por favor, espero que você...

Só que ele não parou, e a irritação se insinuou em minha voz.

– Kreizler! Kreizler! Está certo, banquei o asno. E agora, quer ter a decência de parar de rir?

No entanto, ele continuou. Outro meio minuto, e a risada começou a definhar; mas só porque causava certa dor em seu braço direito. Segurando o braço ferido, ele riu mais um pouco, e lágrimas afloravam em seus olhos.

– Desculpe-me, Moore, mas o que você pensou...

E mais uma rodada de riso doloroso.

– Mas, o que eu deveria pensar? – Indaguei. – Você passou bastante tempo a sós com ela. E você mesmo disse...

– Mas Sara não tem o menor interesse por casamento – explicou Kreizler, por fim recuperando o controle. – Mais que isso, ela tem pouco interesse em homens. Ela construiu toda a sua vida em torno da ideia de que uma mulher pode levar uma existência independente e satisfatória. Você deveria saber disso.

– Passou-me pela cabeça – menti, em uma tentativa de salvar um mínimo de dignidade. – Mas, a maneira como vocês agiam, dava a impressão... ora, não sei que impressão dava!

– Essa foi uma das primeiras conversas que tive com ela – informou

Kreizler. – Não haveria complicações, garantiu Sara, tudo seria estritamente profissional.

Laszlo me estudou com toda a atenção, enquanto eu fazia cara de amuado. E então, acrescentou, com outra risada:

– Deve ter sido muito difícil para você.

– E foi mesmo – declarei, petulante.

– Você poderia simplesmente *perguntar*.

– Sara não era a única que tentava ser profissional! – Protestei, batendo o pé. – Mas percebo agora que eu não deveria me incomodar com...

Fiz uma pausa abrupta e baixei o volume da voz ao continuar:

– Espere um minuto. Só um minuto. Se não é Sara, então quem...

Virei o rosto lentamente para Laszlo, depois baixei os olhos para o chão, também devagar: a explicação estava estampada no rosto de meu amigo.

– Ah, Deus! – Balbuciei. – É Mary, não é?

Laszlo olhou para a estação, e depois a distância, na direção pela qual viria o trem, como se procurasse alguma salvação do interrogatório. Entretanto, não houve nenhuma.

– É uma situação complicada, John. Devo lhe pedir que compreenda e respeite isso.

Chocado demais para fazer qualquer comentário, permaneci calado durante a explicação subsequente de Laszlo sobre a "situação complicada". Era evidente que havia aspectos que o perturbavam bastante: afinal, Mary fora uma paciente sua, e sempre havia o perigo de que o que ela julgasse uma afeição por Laszlo pudesse ser apenas uma espécie de gratidão, ou, pior ainda, de respeito. Por esse motivo, explicou-me Laszlo com extremo cuidado, ele tentara com empenho não a encorajar, nem se permitira emoções recíprocas quando se tornara evidente, quase um ano antes, o que ela sentia. Ao mesmo tempo, mostrou-se ansioso em me fazer compreender que a atração mútua entre ele e Sara crescera de primórdios que, sob muitos aspectos, eram bem naturais.

Ao começar a trabalhar com Mary, analfabeta, uma pessoa que supostamente nada compreendia, Kreizler logo concluíra que não seria capaz de se comunicar com ela, a menos que pudesse estabelecer um vínculo de confiança. E tratara de forjar esse vínculo, revelando a ela o que chamava agora, de modo um tanto ambíguo, de sua "história pessoal". Sem saber que eu conhecia muito mais de sua história pessoal do que ele jamais me contara, Kreizler não podia perceber quão bem eu compreendia suas palavras. Especulei que Mary devia ter sido a primeira pessoa que já ouvira o relato do relacionamento aparentemente violento entre Laszlo e o pai. Essa revelação difícil gerara confiança, e muito mais: embora Laszlo tencionasse apenas encorajar Mary a contar a própria história, acabara plantando as sementes de uma intimidade excepcional. Essa intimidade persistira quando Mary fora trabalhar para ele, tornando a vida na 17th Street muito mais interessante, para não dizer desconcertante, do que jamais fora antes. Quando se tornara impossível para Kreizler, primeiro, negar que os sentimentos de Mary por ele se estendiam além da mera gratidão, e segundo, que ele experimentava uma atração similar, ele iniciara um longo período de autoanálise, tentando determinar se o que sentia não era, no fundo, uma espécie de compaixão pela criatura desafortunada e solitária que acolhera sob seu teto. Só se convencera plenamente de que não era isso poucos dias antes de nossa investigação irromper em sua vida. O caso o forçara a adiar uma decisão para sua situação pessoal; mas, em contrapartida, também o ajudara a esclarecer que forma essa decisão poderia assumir. Pois, quando se tornara óbvio que não apenas os membros da equipe corriam um perigo físico, mas também seus empregados, Kreizler experimentara um desejo de proteger Mary que ia muito além dos deveres normais de um benfeitor. A essa altura, ele decidira que Mary deveria ter o mínimo conhecimento possível do caso e nenhuma participação em seu desenrolar. Sabendo que os inimigos poderiam atingi-lo por meio das pessoas que prezava, Laszlo esperava salvaguardar Mary, providenciando para que, na possibilidade remota de alguém de fora conseguir se comunicar com a

moça, ela não tivesse nenhuma informação útil para divulgar. Só na manhã de nossa partida para Washington foi que Kreizler concluíra que talvez fosse o momento de seu relacionamento com Mary “evoluir”, como ele disse, meio constrangido. Informara-a dessa decisão; e Mary o observara partir com lágrimas nos olhos, com medo de que alguma coisa lhe acontecesse durante a viagem, o que impediria que se tornassem mais que patrão e empregada.

Enquanto Kreizler terminava seu relato, ouvi o primeiro apito do trem de Nova York, a leste. Ainda atordoado, comecei a repassar em minha mente os acontecimentos da última semana, tentando determinar em que ponto errara em minha interpretação.

– Foi Sara – acabei murmurando. – Desde o início, ela vem se comportando como... ora, não sei direito como vem se comportando, mas tem andado muito estranha. Ela sabe?

– Tenho certeza que sim, embora eu nunca tenha lhe contado – respondeu Kreizler. – Sara parece considerar tudo ao seu redor como um teste para suas habilidades de detetive. Creio que esse pequeno enigma foi um passatempo para ela.

– Passatempo – murmurei, grunhindo. – E eu pensei que era amor. Aposto que Sara sabia que eu enveredara pelo caminho errado. É o tipo de coisa que ela faria, deixar-me dando voltas, a pensar... Ela vai ver só quando voltarmos. Vou lhe mostrar o que acontece quando se brinca assim com John Schuyler.

Parei de falar quando o trem de Nova York apareceu nos trilhos, a cerca de um quilômetro e meio, a nossa esquerda, avançando depressa para a estação.

– Podemos continuar a conversa a bordo – sugeri, ajudando Kreizler a levantar. – E tenha certeza de que vamos mesmo continuar!

Depois de esperar fora da estação que o trem parasse, com um solavanco, Kreizler e eu saímos correndo pelo campo cheio de pedras e valas, na direção do último vagão. Subimos pela plataforma de observação, entramos furtivamente e sentamos em um banco no fundo. Ainda não havia sinal do condutor, e aproveitamos os poucos minutos antes da partida para ajeitar a

atadura no braço de Kreizler, assim como nossa aparência geral. A intervalos de poucos segundos, eu olhava para a plataforma da estação tentando reconhecer alguém cujo comportamento pudesse denunciá-lo como um assassino. Todavia, as únicas outras pessoas que embarcaram ali foram uma idosa de aparência próspera, com uma bengala, e sua enfermeira, uma mulher corpulenta e um tanto aflita.

– Parece que podemos ter uma trégua – comentei, parado no corredor. – Vou dar uma olhada lá na frente e...

Minha voz congelou quando olhei para a porta no fundo do vagão. Dois vultos enormes haviam surgido do nada na plataforma de observação; e embora a atenção deles não se concentrasse no trem – discutiam com um funcionário da estação –, pude reconhecer os dois capangas que haviam atacado a mim e a Sara no apartamento dos Santorelli.

– O que foi, Moore? – Indagou Kreizler. – O que aconteceu?

Eu sabia que Laszlo, em seu estado atual, não seria muito bom em nenhum tipo de confrontação. Tentei sorrir e sacudi a cabeça, dizendo:

– Nada, absolutamente nada. Não precisa ficar tão nervoso, Kreizler.

Ambos nos viramos ao som da idosa e sua enfermeira embarcando pela porta da frente do vagão. Meu estômago estava embrulhado de medo, mas minha mente trabalhava de forma confiável.

– Voltarei em um instante – murmurei.

Aproximei-me das duas mulheres e disse, sorrindo e me esforçando ao máximo para ser cativante:

– Com licença. Posso ajudá-la a se acomodar, madame?

– Pode, sim – respondeu a velha, em um tom que indicava que estava acostumada a ser servida. – Esta minha maldita enfermeira é uma inútil!

– Ora, não é possível!

Olhei para a bengala em que a mulher se apoiava: tinha um pesado castão de prata, moldado na forma de um cisne. Peguei a velha pelo braço e levei-a até um banco, surpreso com seu peso e falta de jeito. Acrescentei:

– Mas há limites para a capacidade até da melhor enfermeira.

A enfermeira me recompensou com um sorriso, e aproveitei a oportunidade para me apoderar da bengala.

– Se me permite segurar isto, madame, creio que poderemos... pronto!

Com um resmungo alto, o assento recebeu a ocupante, que deixou escapar um suspiro.

– Ah! – Exclamou a velha. – Assim é melhor. Obrigada, o senhor é um cavalheiro.

Tornei a sorrir.

– Foi um prazer – murmurei, afastando-me.

Quando passei por Kreizler, ele me lançou um olhar espantado.

– Moore, o que...

Fiz um sinal para que ele se calasse e me aproximei da porta do fundo do vagão, mantendo o rosto de lado, para não ser visto pelo lado de fora. Os dois homens ainda discutiam com o funcionário da estação, e não dava para saber sobre o quê; mas, quando olhei para baixo, constatei que um deles segurava uma caixa de rifle.

– Esse vai ter de ir primeiro – murmurei para mim mesmo.

Antes de fazer qualquer movimento, esperei que o trem deixasse a plataforma. Quando isso aconteceu, ouvi os dois homens lá fora gritarem insultos para o funcionário da estação: em segundos, eles se virariam para entrar no vagão. Respirei fundo e abri a porta depressa, sem fazer barulho.

Não fora à toa que eu passara tantas temporadas acompanhando as desventuras e atribulações do Giants, o time de beisebol de Nova York. Durante muitas tardes no Central Park, eu desenvolvera uma vigorosa batida na bola, que passei a exercitar com a bengala da velha, acertando o pescoço e o crânio do bandido que segurava a caixa do rifle. O homem gritou, mas antes mesmo de poder levar a mão ao ferimento, empurrei-o pelas omoplatas por cima da grade da plataforma de observação. Embora o trem ainda andasse bastante devagar, não havia a menor possibilidade de o homem voltar a bordo

– mas eu ainda tinha de enfrentar o segundo bandido, que gritou, voltando-se para mim:

– Mas, o que é isso?

Desconfiei que seu instinto seria partir para minha garganta, por isso, eu me agachei, batendo com o cisne de prata em sua virilha. O homem se dobrou por um instante, e quando tornou a se levantar, parecia mais enfurecido que incapacitado. Ele desferiu um golpe que passou raspando por minha cabeça, enquanto eu me inclinava sobre os trilhos para evitá-lo. O trem, adivinhei por um olhar rápido e um tanto estonteante para baixo, começava a adquirir velocidade. Desajeitado até por seu tamanho, o rufião cambaleara ao errar o golpe. Enquanto ele tentava recuperar o equilíbrio, eu acertei seu rosto com o cisne. A pancada não foi das mais fortes e não impediu que ele me atacasse de novo. Ergui a bengala, segurando-a com as duas mãos, mas meu oponente, antecipando outro golpe, levantou seus braços grossos para proteger as laterais da cabeça. Então, sorriu, brutal, e se adiantou.

– Agora vou acabar com você, seu merda! – Grunhiu, atacando-me.

Só me restava uma coisa a fazer: apontei a bengala para sua garganta e acertei a extremidade em seu pomo de adão, produzindo um grito súbito e abafado e paralisando-o momentaneamente. Larguei a bengala no mesmo instante, agarrei-me no teto do vagão, ergui o corpo e acertei o bandido com os dois pés. O golpe o arremessou por cima da grade, e ele caiu na beira dos trilhos. Rolou por um instante e parou, ainda segurando a garganta.

Abaixei-me, respirei fundo algumas vezes, e depois, levantei os olhos, deparando-me com Kreizler passando pela porta.

– Moore! – Exclamou, agachando-se ao meu lado. – Você está bem?

Balancei a cabeça, ainda respirando com certa dificuldade, enquanto Laszlo olhava na distância o rastro do trem.

– Sua condição, com toda certeza, parece preferível ao estado em que se encontram *aqueles dois*. Mas, se puder andar, sugiro que entremos no vagão. Aquela velha ficou histérica. Acha que você roubou sua bengala e ameaça

chamar a Polícia na próxima estação.

Com a pulsação começando a normalizar, ajeitei minhas roupas, peguei a bengala e entrei no vagão. Encaminhei-me para a velha, cambaleando um pouco.

– Aqui está, madame – murmurei, cordial, embora um pouco ofegante.

Ela se encolheu de medo.

– Eu só queria admirar sua bengala à luz do sol – eu disse.

Ela aceitou a bengala sem dizer nada; mas, enquanto eu voltava para meu banco, ouvi-a gritar, estridente:

– Não! Fique com ela! Está suja de sangue!

Arriei no banco, gemendo. Kreizler se sentou ao meu lado, oferecendo seu frasco.

– Só posso supor que aqueles *não* eram homens com quem você tinha uma dívida de jogo.

Sacudi a cabeça, tomando um trago.

– Não – balbuciei. – Eram homens de Connor. Mais que isso, não sei dizer.

– Acha que eles tencionavam mesmo nos *matar?* – Especulou Laszlo. – Ou só nos assustar?

Dei de ombros.

– Duvido que algum dia venhamos a saber. E, para ser franco, prefiro não falar a respeito no momento. Além do mais, estávamos no meio de uma importante conversa antes que eles se intrometessem.

O condutor logo apareceu; pagamos duas passagens até Nova York e voltei a interrogar Laszlo sobre o caso de Mary Palmer; não porque eu tivesse dificuldade de acreditar – ninguém que conhecesse a moça teria a menor dificuldade para acreditar –, mas porque, por um lado, isso ajudava a me acalmar, e, por outro, desarmava Kreizler, de uma maneira total e revigorante. Todos os perigos que enfrentáramos naquele dia – mais que isso, todo o horror de nossa investigação – perdiam o significado enquanto Laszlo revelava suas esperanças pessoais para o futuro. Era o tipo de conversa a que

ele não estava acostumado, e bastante difícil, sob muitos aspectos; mas eu nunca o vira falar e parecer tão completamente humano quanto naquela viagem de trem.

E nunca mais tornaria a vê-lo assim.

CAPÍTULO 36

Nosso trem, local, foi terrivelmente lento, de modo que quando desembarcamos na Grand Central, os primeiros indícios da claridade do amanhecer já surgiam no céu a leste. Depois de concordarmos que a interpretação das informações fornecidas por Adam Dury poderia esperar até a tarde, Kreizler e eu pegamos fiacres separados e seguimos para nossas respectivas casas, a fim de dormir um pouco. Tudo parecia sossegado na casa de minha avó quando cheguei à Washington Square, e acalentei a esperança de poder me esgueirar para meu quarto antes do início das atividades matutinas. Quase consegui; mas, no momento em que me preparava para tirar a roupa, depois de conseguir subir a escada sem fazer barulho, soou uma batida de leve na porta. Antes que eu pudesse responder, Harriet esticou a cabeça para dentro do quarto.

– Ah, senhor, dez horas! – Exclamou ela, visivelmente perturbada. – Graças a Deus!

Ela entrou no quarto ajustando o roupão sobre o corpo.

– É a srta. Howard, senhor. Ela telefonou durante toda a tarde de ontem, e à noite também.

– Sara? – Murmurei, alarmado pela expressão no rosto de Harriet, em geral jovial. – Onde ela está?

– Na casa do dr. KreizIer. Ela disse que o senhor a encontraria ali. Houve uma espécie de... não sei direito, senhor, ela não explicou, mas aconteceu alguma coisa terrível, pude notar por sua voz.

Tornei a calçar os sapatos, apressado.

– Na casa do dr. Kreizler? – Repeti, com o coração já disparado. – O que ela está fazendo ali?

Harriet retorcia as mãos, aflita.

– Como eu disse, senhor, ela não me contou. Mas, por favor, apresse-se, pois ela telefonou mais de uma dúzia de vezes!

Disparei de volta à rua. Sabia que não encontraria um fiacre mais próximo que na 6th Avenue, por isso segui para oeste a passos rápidos, não parando até encontrar um carro estacionado sob os trilhos do trem elevado. Dei ao cocheiro o endereço de Kreizler, disse que o caso era urgente, e ele empunhou o chicote e partiu a toda velocidade. Meio atordoado de medo, muito cansado e desconcertado para encontrar algum sentido nas palavras de Harriet, comecei a sentir respingos ocasionais no rosto. Inclinei-me para fora do fiacre a fim de espiar o céu: pesadas nuvens pairavam sobre a cidade, bloqueando a claridade do amanhecer e molhando as ruas com uma chuva incessante.

O cocheiro não diminuiu a velocidade por um instante sequer durante o percurso até Stuyvesant Park, e em um tempo incrivelmente curto me encontrei parado na calçada diante da casa de Kreizler. Dei ao cocheiro uma quantia generosa, sem pedir troco, o que o fez anunciar que me esperaria ali, desconfiando que eu solicitaria outra corrida muito em breve e não querendo perder um passageiro tão bom àquela hora de pouco movimento. Avancei cauteloso, mas rapidamente, até a porta da frente, que foi aberta por Sara. Ela parecia ilesa, pelo que me senti grato o bastante para lhe dar um abraço apertado.

– Graças a Deus! – Exclamei. – Pelo jeito como Harriet falou, tive medo...

Recuei abruptamente quando avistei um homem parado atrás de Sara: cabeça branca, distinto, de sobrecasaca, com uma maleta Gladstone. Tornei a fitar Sara e percebi que havia tristeza e exaustão em seu rosto.

– Este é o dr. Osborne, John – murmurou Sara. – Um colega do dr. Kreizler. Ele mora aqui perto.

– Como tem passado? – O dr. Osborne não esperou por uma resposta. – Espero ter sido bastante claro, srta. Howard. O rapaz não deve ser movido ou

perturbado de jeito nenhum. As próximas 24 horas serão cruciais.

Sara balançou a cabeça, com um cansaço evidente.

– Certo, doutor. E obrigada por ser tão atencioso. Se não tivesse vindo...

– Só gostaria de poder fazer mais.

Osborne pôs a cartola, acenou com a cabeça para mim e foi embora. Sara me puxou para dentro.

– O que aconteceu? – Indaguei, enquanto a seguia pela escada. – Onde está Kreizler? E que história é essa de um rapaz? Stevie está ferido?

– Fale baixo, John! Temos de manter tudo quieto nesta casa. – Ela se encaminhou para a sala de estar. – O dr. Kreizler... saiu.

– Saiu? – Repeti. – Saiu para onde?

Sara entrou na sala, foi até um abajur, mas mudou de ideia e desistiu de acendê-lo. Arriou em um sofá, pegando um cigarro na caixa em cima da mesa.

– Sente-se, John.

Alguma coisa nas emoções contidas nessas poucas palavras – resignação, pesar, raiva – me fez obedecer no mesmo instante. Estendi um fósforo para seu cigarro e esperei que ela continuasse.

– O dr. Kreizler está no necrotério – anunciou Sara depois de um longo momento, soprando a fumaça.

Respirei fundo.

– No *necrotério?* O que aconteceu, Sara? Stevie está bem?

Ela balançou a cabeça.

– Vai ficar. Está lá em cima, com Cyrus. Temos, agora, dois crânios rachados para cuidar.

– Crânios rachados? Mas, como – Senti um calafrio súbito e agoniado, enquanto corria os olhos pela sala e o corredor além. – Espere um instante. Por que você está aqui? E por que abre a porta para as pessoas entrarem e saírem? Onde está Mary?

Sara não respondeu de imediato, apenas esfregou os olhos, devagar, e deu

outra tragada no cigarro. Sua voz foi estranhamente fraca quando ela tornou a falar:

– Connor esteve aqui na noite de sábado, com dois capangas. – A contração em meu estômago aumentou ainda mais, enquanto Sara continuava: – Haviam perdido a pista de vocês, e devem ter sofrido maior pressão de seus superiores, pela maneira como agiam.

Sara se levantou, foi até as portas de vidro da sacada e abriu apenas uma fresta.

– Eles forçaram a entrada na casa e trancaram Mary na cozinha. Cyrus estava na cama, e assim, só restava Stevie. Perguntaram a ele onde você e o dr. Kreizler estavam, mas... você conhece Stevie. Ele jamais diria.

Balancei a cabeça e murmurei:

– Stevie diria “Vão à merda”.

– Exato – confirmou Sara. – Por isso, começaram a espancá-lo. Além do crânio, ele tem algumas costelas quebradas, e seu rosto ficou todo arrebentado. Mas é a cabeça que... ora, ele vai sobreviver, só não sabemos ainda em que condições. Tudo deve ficar mais claro amanhã. Cyrus tentou se levantar para ajudar, mas só conseguiu cair no corredor lá em cima, e bateu a cabeça de novo.

Embora com medo, não pude deixar de perguntar:

– E Mary?

Sara ergueu os braços, resignada.

– Ela deve ter ouvido Stevie gritar. Não posso imaginar que outro motivo a levaria a agir de forma tão... precipitada. Ela pegou uma faca e conseguiu sair da cozinha. Não sei o que pensava fazer, mas... a faca acabou no flanco de Connor. E Mary no pé da escada, com o pescoço...

Sara não foi capaz de terminar.

– Quebrado – concluí por ela, em um sussurro, horrorizado. – Ela morreu?

Sara balançou a cabeça, e limpou a garganta para falar de novo.

– Stevie deu um jeito de chegar ao telefone e chamou o dr. Osborne. Vim

para cá assim que cheguei de New Paltz, ontem à noite, e tudo estava... providenciado. Stevie disse que foi um acidente. Que Connor não teve a intenção de matá-la. Mas quando Mary o esfaqueou, ele se voltou e...

Por longos segundos minha visão se apagou; tudo ao redor se fundiu em um cinza vago; e depois, ouvi um som que já captara na âncora da ponte de Williamsburg, na noite em que Georgio Santorelli fora assassinado – a intensa agitação de meu próprio sangue. Minha cabeça começou a tremer, e quando ergui as mãos para imobilizá-la, notei que tinha as faces úmidas. As lembranças que costumam acompanhar a notícia de uma tragédia – rápidas, fora de sequência, algumas tolas – afloraram em minha mente, e quando tornei a ouvir minha voz, não sabia de onde provinha:

– Não é possível. Não pode ser. A coincidência não faz sentido... Sara, Laszlo acabou de me contar...

– Eu sei. Ele também me contou.

Levantei-me, sentindo os pés trôpegos, e fui me postar diante das portas de vidro, ao lado de Sara. As nuvens escuras no céu da manhã continuavam a impedir que a claridade do dia se espalhasse sobre a cidade.

– Filhos da puta! – Sussurrei. – Nojentos filhos... Pegaram Connor?

Sara jogou a ponta de cigarro pela abertura da porta, sacudindo a cabeça.

– Theodore saiu com alguns detetives. Estão procurando nos hospitais e em todos os abrigos conhecidos de Connor. Mas, tenho a impressão de que não vão encontrá-lo. Como os homens de Connor descobriram que vocês haviam ido a Boston ainda é um mistério, mas é provável que tenham verificado nos guichês de passagens na estação.

Sara pôs a mão em meu ombro, ainda olhando para fora.

– Sabe, John, desde o momento em que entrei nesta casa, Mary teve medo de que alguma coisa acontecesse com ele ao se ausentar. Tentei ajudá-la a compreender que essa alguma coisa não seria eu. Mas, ao que parece, Mary nunca perdeu o medo.

Sara se voltou, atravessou a sala e tornou a se sentar.

– Talvez ela fosse mais esperta que todos nós.

Levei a mão à testa.

– Não pode ser... – balbuciei de novo.

Em um nível mais profundo, porém, eu sabia que podia ser, e até com certa facilidade, tendo em vista as forças que enfrentávamos, e que seria melhor me ajustar à realidade daquele pesadelo. Simulei um pouco de força em minha voz para indagar:

– Kreizler... Kreizler foi para o necrotério?

– Foi. – Sara pegou outro cigarro. – Não pude contar a ele o que aconteceu... foi o dr. Osborne quem contou. Ele disse que tinha prática.

Rangi os dentes para suprimir um novo ímpeto de remorso, cerrei os punhos e me encaminhei para a escada.

– Preciso ir até lá.

Ela me pegou pelo braço.

– John, tome cuidado.

Balancei a cabeça.

– Tomarei.

– Cuidado de verdade, John. Com ele. Se eu estiver certa, os efeitos serão muito piores do que você pode imaginar. Ele ficará arrasado.

Tentei sorrir, e pus minha mão sobre a dela; e então segui em frente, desci a escada e saí pela porta.

O fiacre ainda me esperava, e quando apareci, o cocheiro subiu para seu banco. Mandei que me levasse ao Bellevue o mais depressa possível, e partimos no mesmo ritmo acelerado. A chuva aumentava, soprada por um vento forte e quente que provinha do oeste. Ao subir pela 1st Avenue, tirei o gorro e tentei usá-lo para proteger o rosto da água que caía do teto do fiacre. Não me lembro de ter pensamentos objetivos durante aquela viagem; houve mais algumas imagens rápidas de Mary Palmer, a moça retraída e bonita, com admiráveis olhos azuis, que no prazo de umas poucas horas passara em minha mente de criada a futura esposa de um amigo querido, e nada mais. Não havia

sentido no que acontecera, absolutamente nenhum, e ainda menos em tentar criar algum; apenas deixei que as imagens se sucedessem.

Ao chegar ao necrotério, encontrei Laszlo diante da enorme porta de ferro do fundo, a mesma que usáramos para entrar no prédio quando examináramos o corpo de Ernst Lohmann. Ele estava encostado no prédio, de olhos arregalados, vazios, e tão escuros quanto os buracos que nosso assassino deixara na cabeça de suas vítimas. A chuva caía de uma calha na beira do telhado, encharcando-o. Tentei afastá-lo dali, mas seu corpo estava rígido, inamovível.

– Laszlo – murmurei –, venha comigo. Entre no fiacre.

Puxei-o mais algumas vezes, sem nada conseguir, até que ele falou, com voz rouca e monótona:

– Não vou deixá-la.

Balancei a cabeça.

– Está certo. Mas, pelo menos fique parado aqui, para não se molhar.

Só seus olhos se deslocaram para suas roupas; então, ele balançou a cabeça uma única vez, e foi cambaleando comigo para o abrigo mínimo da entrada. Ficamos ali por um longo tempo, até que ele falou, com a mesma voz apática:

– Você sabia... meu pai...

Fitei-o. Meu coração estava a ponto de explodir pela angústia que via em seu rosto.

– Eu o conheci, Laszlo.

Kreizler sacudiu a cabeça.

– Não. Você sabia o que meu pai sempre me dizia quando eu era criança?

– Não. O quê?

– Que... – sua voz ainda era rouca, entrecortada, como se exigisse um esforço intenso; mas as palavras saíram mais depressa. – Que eu não sabia tanto quanto pensava que sabia. Que eu pensava que sabia como as pessoas deviam se comportar, que eu pensava que era uma pessoa melhor que ele. Mas, um dia... um dia, disse ele, eu saberia que não era. E então, eu não seria

mais que um... impostor.

Mais uma vez, não pude encontrar uma maneira de dizer a Laszlo que entendia muito bem o que ele dizia, à luz da descoberta de Sara; por isso, limitei-me a pôr a mão em seu ombro ileso, enquanto ele começava a ajeitar as roupas, distraído.

– Eu... tomei as providências necessárias. O agente funerário chegará em breve. Depois, preciso voltar para casa. Stevie e Cyrus...

– Sara está cuidando deles.

Sua voz se tornou subitamente forte, até veemente:

– *Eu* tenho de cuidar deles, John! – Kreizler sacudiu o punho a sua frente. – *Eu* levei aquelas pessoas para minha casa. Eu era responsável pela segurança de todos. Olhe para eles agora, veja o que aconteceu! Dois quase mortos, e uma... uma...

Kreizler ofegou, olhando para a porta de ferro como se pudesse avistar do outro lado uma mesa de metal enferrujada, sobre a qual estava estendido o corpo da moça que personificara sua esperança de uma vida nova. Apertei seu ombro com mais força.

– Theodore está procurando...

– Não estou mais interessado nas ações do comissário de Polícia – respondeu Kreizler com voz ríspida. – Nem nas atividades de nenhuma outra pessoa daquele departamento.

Ele fez uma pausa; estremeceu ao mexer o braço direito, tirou minha mão de seu ombro e desviou os olhos.

– Acabou, John. Esse negócio miserável e sangrento, essa... *investigação.* Acabou.

Fiquei sem saber o que dizer. Ele parecia falar sério. Acabei murmurando:

– Kreizler, descanse por uns dois dias antes de...

– Antes de quê? Antes de fazer que um de vocês também seja morto?

– Você não é responsável por...

– Não me diga que não sou responsável por isso! – Exclamou em uma

explosão de raiva. – Quem mais poderia ser, se não eu? Foi minha própria vaidade, como disse Comstock. Fui dominado por uma fúria cega, tentando provar meus preciosos argumentos, alheio aos perigos que isso poderia acarretar. E o que eles queriam? Comstock? Connor? Byrnes, aqueles homens no trem? Queriam me deter. Mas *eu* pensei que tudo que fazia era importante demais para me preocupar com essas coisas. Pensei que sabia mais! Temos caçado um assassino, John, mas o assassino não é o perigo real... eu é que sou! – Kreizler rangeu os dentes. – Pois já chega. Se sou o perigo, então, vou me afastar. Que esse homem continue a matar. É isso que eles querem. Ele é parte da ordem deles, da preciosa ordem social deles. Sem criaturas assim, eles não têm bodes expiatórios para a própria brutalidade! Quem sou eu para interferir?

– Kreizler – murmurei, ainda mais preocupado, pois não restava agora a menor dúvida de que ele falava sério –, pense no que está dizendo. É contra tudo...

– Não! Vou me afastar! Voltarei para meu Instituto, para minha casa vazia e morta, esquecerei este caso. Cuidarei para que Stevie e Cyrus nunca mais precisem enfrentar atacantes desconhecidos por causa de meus vaidosos planos. E essa sociedade miserável que eles construíram para si mesmos pode seguir pela trilha que planejaram, até apodrecer!

Recuei dois ou três passos, sabendo que, no fundo, era inútil argumentar com ele; mas, mesmo assim, espicaçado por sua atitude.

– Muito bem. Se autocompaixão é sua solução...

Kreizler desferiu um golpe contra mim com o braço esquerdo, mas errou.

– Vá para o inferno, Moore! – Ele gritou, respirando em espasmos curtos e rápidos. – Para o inferno, você e todos eles!

Laszlo abriu a porta de ferro e parou por um instante para recuperar o controle da respiração. Ele tornou a arregalar os olhos, horrorizado, enquanto olhava para o corredor escuro a sua frente.

– E eu também – sussurrou ele, e a pressão em seu peito começou por fim a

diminuir. – Vou entrar agora. Agradeceria se você fosse embora. Providenciarei para que minhas coisas sejam retiradas do número 808. Eu... sinto muito, John.

Kreizler entrou no necrotério e fechou a porta de ferro com um estrondo. Continuei parado ali por mais um instante, com as roupas encharcadas grudadas no corpo. Olhei para a praça, para os prédios ao redor, e depois para o céu. O vento oeste carregava mais nuvens, aumentando a intensidade da chuva. Em um súbito impulso, abaixei-me, arranquei um pouco de relva e terra do chão e arremessei contra a porta preta.

– Que vão todos para o inferno, então! – Berrei, erguendo o punho sujo de lama.

Contudo, não houve alívio nessa exclamação. Baixei a mão devagar, limpei a água da chuva do rosto e cambaleei de volta ao fiacre.

CAPÍTULO 37

Sem querer estar ou falar com ninguém depois que deixei o necrotério, mandei que o cocheiro me levasse ao número 808 da Broadway. O prédio estava quase deserto, e quando entrei em nosso quartel-general, o único som era o da chuva batendo contra as janelas góticas. Arriei no divã do marquês Carcano e olhei para o enorme quadro-negro, coberto de anotações, o que me deixou ainda mais deprimido. A dor e a desesperança acabaram cedendo lugar à exaustão, por sorte, e dormi durante a maior parte daquele dia sombrio. No entanto, por volta de cinco horas da tarde, levantei-me de um pulo ao ouvir batidas firmes na porta da frente. Cambaleei até lá, abri a porta e me deparei com um garoto da Western Union, todo molhado, com um envelope encharcado na mão. Peguei o telegrama, mexendo os lábios como um idiota enquanto o lia:

> CAPITÃO MILLER, FORTE YATES, CONFIRMA CABO JOHN BEECHAM TINHA ESPASMO FACIAL. USAVA FACA SIMILAR. CONHECIDO POR ESCALAR MONTANHAS DURANTE FOLGAS. AGUARDAMOS INSTRUÇÕES.

Ao terminar de ler a mensagem pela terceira vez, notei que o mensageiro dizia alguma coisa e fitei-o, aturdido.

– O que é?

– A resposta, senhor – disse o garoto, impaciente. – Quer enviar uma resposta?

– Ah... – pensei por um momento, tentando decidir o que seria melhor, à luz dos acontecimentos da manhã. – Ah... é claro.

– Terá de escrever em um papel seco. Meus formulários se molharam.

Fui até minha mesa, peguei uma folha de papel em branco e escrevi uma mensagem curta: VOLTEM PRIMEIRO TREM MAIS DEPRESSA POSSÍVEL. O mensageiro leu o texto e deu o preço da transmissão. Tirei algum dinheiro do bolso e o entreguei a ele, sem contar. A atitude do garoto melhorou no mesmo instante, pelo que adivinhei que lhe dera uma polpuda gorjeta. Ele voltou ao elevador.

Parecia não haver sentido em manter os Isaacsons em Dakota do Norte se nossa investigação estava prestes a ter uma conclusão abrupta. Na verdade, se Kreizler falava sério ao dizer que abandonaria o jogo, não havia outra coisa que pudéssemos fazer além de recolher nossas fichas e voltar cada um a suas ocupações cotidianas. Qualquer ideia que Sara, os Isaacsons e eu tínhamos do assassino era uma decorrência da orientação de Laszlo. Enquanto eu contemplava a Broadway debaixo da chuva, por onde alguns compradores furtivos se empenhavam da melhor forma possível em evitar as carruagens e as carroças de entregas, refleti que não havia a menor possibilidade de alcançarmos algum êxito sem sua liderança.

Eu acabara de aceitar essa conclusão quando ouvi uma chave girando na porta. Sara entrou, carregando um guarda-chuva e pacotes de mercearia. Seus movimentos e a atitude eram muito diferentes do que eu havia visto pela manhã. Ela andava e falava depressa, até com certa jovialidade, como se nada houvesse acontecido.

– É um dilúvio, John! – Ela anunciou, sacudindo o guarda-chuva, para depois largá-lo em um vaso grande de cerâmica, tirar o casaco e levar os pacotes para a pequena cozinha. – Mal se consegue atravessar a pé a 14th Street, e é uma aventura tentar encontrar um fiacre.

Olhei pela janela e murmurei:

– Serve para limpar as ruas.

– Quer comer alguma coisa? – Sara gritou. – Vou fazer um café, e trouxe comida. Mas você terá de preparar os sanduíches.

– Sanduíches? – Repeti, sem muito entusiasmo. – Não poderíamos sair para

comer em algum lugar?

– Sair? – Sara voltou da cozinha, aproximando-se. – Não, não podemos sair. Precisamos...

Ela parou de falar ao ver o telegrama dos Isaacsons. Pegou-o com extremo cuidado.

– O que é isto?

– De Marcus e Lucius. Eles obtiveram uma confirmação sobre John Beecham.

– Mas, isso é sensacional, John! Agora, podemos...

– Já mandei uma resposta – interrompi-a, perturbado com sua atitude. – Disse para voltarem assim que puderem.

– Tanto melhor. Duvido que haja muito mais para eles descobrirem por lá, e vamos precisar dos dois aqui.

– Vamos precisar deles?

– Temos muito trabalho a fazer.

Deixei cair os ombros ao compreender que a preocupação com a atitude dela era procedente.

– Sara, Kreizler me disse esta manhã que...

– Eu sei. Ele também me disse a mesma coisa. E daí?

– E daí? Ora, acabou tudo. Como poderíamos continuar sem ele?

Sara deu de ombros.

– Do mesmo modo como poderíamos continuar com ele. – Sara me segurou pelos ombros, levou-me até minha mesa e me obrigou a sentar. – Sei o que pensa, mas está enganado. Somos bastante bons sem ele. Podemos concluir a investigação.

Comecei a sacudir a cabeça antes mesmo que ela terminasse de falar.

– Sara, pense bem... não temos o treinamento necessário, não temos a experiência...

– Não precisamos de mais do que temos, John. Lembre-se do que o próprio Kreizler nos ensinou: o contexto. Não precisamos saber tudo sobre

Psicologia, alienismo, ou a história de todos os casos similares para levar a investigação até o final. Tudo o que precisamos conhecer é *esse* homem, seu caso *específico*... e agora já conhecemos. Na verdade, quando juntarmos o que descobrimos durante a última semana, aposto que o conheceremos tão bem quanto ele próprio se conhece... talvez até melhor. O dr. Kreizler era importante, mas agora se afastou, e não precisamos de sua ajuda. Você não pode largar a investigação agora. Não deve.

Havia algumas verdades inegáveis no que ela dizia, e levei um minuto para digeri-las; mas, depois, tornei a sacudir a cabeça.

– Sei quanto esta oportunidade significa para você, Sara. Sei quanto pode ajudá-la a convencer o departamento...

Calei-me no instante em que ela bateu com o punho em meu ombro direito.

– Não me insulte, John! Acha mesmo que estou fazendo isso só pela oportunidade? Faço porque quero dormir tranquila de novo um dia. Ou suas pequenas viagens de um lado para o outro da Costa leste o fizeram esquecer?

Ela foi pegar algumas fotografias na mesa de Marcos.

– Lembra-se disto, John?

Olhei de relance, sabendo o que ela me mostrava: as fotografias de várias cenas de crimes.

– Acredita mesmo que vai passar muitas horas tranquilas se parar agora? E o que acontecerá quando o próximo garoto morrer? Como vai se sentir nesse momento?

– Sara – protestei, erguendo a voz também –, não estou falando sobre o que eu *prefiro!* Falo sobre o que é *prático!*

– Até que ponto é prático largar tudo? Kreizler só está fazendo isso porque tem de fazer... foi ferido, o mais profundamente possível, e é a única maneira que ele tem de reagir. Mas isso é *ele*, John. *Nós* podemos continuar! E devemos continuar!

Sara baixou os braços, respirou fundo várias vezes, alisou o vestido, atravessou a sala e apontou para o lado direito do quadro-negro.

– Pelo que vejo – ela disse com voz calma outra vez –, temos três semanas para nos preparar. Não podemos desperdiçar um minuto sequer.

– Três semanas? Por quê?

Ela foi até a mesa de Kreizler e pegou o pequeno volume com a cruz na capa.

– O calendário cristão – disse Sara, levantando-o. – Posso presumir que descobriram por que ele o está seguindo?

Dei de ombros.

– É bem possível. Victor Dury era reverendo. E, por isso, o... o... – Tentei encontrar um termo apropriado e acabei me fixando em um que poderia ter sido usado por Kreizler. – Os ritmos da casa Dury, o ciclo da vida familiar, tudo coincidia com o calendário cristão.

Sara contraiu os lábios em um sorriso.

– Está vendo, John? Você não se enganou de todo sobre o envolvimento de um sacerdote.

– E há mais uma coisa – acrescentei, recordando a pergunta que Kreizler fizera a Adam Dury pouco antes de deixarmos a fazenda. – O reverendo gostava dos dias santos; ao que parece, eram as ocasiões em que fazia seus melhores sermões; mas sua esposa...

Bati com um dedo em minha mesa, devagar, avaliando a ideia; e depois, compreendendo sua importância, levantei os olhos, dizendo:

– A esposa era o principal algoz de Japheth, segundo o irmão, e transformava a vida dos meninos em um verdadeiro inferno nos feriados religiosos.

Sara parecia bastante gratificada.

– Lembra-se do que falamos sobre o assassino detestar desonestidade e hipocrisia? Pois se o pai pregava uma coisa em seus sermões, mas ao mesmo tempo, em casa...

– Tem razão – murmurei. – Percebo tudo agora.

Sara voltou ao quadro-negro e fez uma coisa que me surpreendeu: pegou

um pedaço de giz, e sem a menor hesitação, anotou a informação que eu lhe dera no lado esquerdo. Sua letra não era tão precisa quanto a de Kreizler, mas, ainda assim, parecia se integrar com perfeição ali.

– Ele reage a um ciclo de crises emocionais que existiu por toda sua vida – declarou Sara, confiante, largando o giz. – Às vezes, as crises são tão severas que ele mata; e a que alcançará dentro de três semanas poderá ser a pior de todas.

– Você já disse isso, Sara. Mas não me lembro de nenhuma data religiosa significativa no fim de junho.

– Pode não ser significativa para todos – ela disse, abrindo o calendário –, mas é para ele.

Sara estendeu o livro, indicando a página. Olhei para ver a anotação do dia 21 de junho, domingo: Dia de São João Batista. Meus olhos se esbugalharam.

– A maioria das igrejas não dá muito destaque hoje em dia – acrescentou Sara –, mas...

– São João Batista – murmurei. – Água!

Ela acenou com a cabeça.

– Água.

– Beecham – sussurrei, fazendo uma ligação que talvez fosse um tiro no escuro, mas que, mesmo assim, parecia óbvia. – *John Beecham*...

– Como assim? – indagou Sara. – O único Beecham que descobri ter vivido em New Paltz foi um tal de George.

Foi minha vez de ir ao quadro-negro e pegar o giz. Bati com ele na coluna VIOLÊNCIA E/OU MOLESTAMENTO e expliquei tudo, falando bem depressa:

– Quando Japheth Dury tinha onze anos, foi molestado... estuprado por um homem que trabalhava com seu irmão. Um homem de quem ele se tornara amigo, em quem confiava. O nome desse homem era *George* Beecham.

Um sonzinho angustiado saiu de Sara, e ela levou uma das mãos à boca.

– E se Japheth Dury assumiu o nome de Beecham depois dos primeiros

assassinatos a fim de iniciar uma nova vida...

– Mas é claro! – Exclamou Sara. – Ele se tornou o algoz!

Balancei a cabeça, solene.

– E por que o nome John?

– John... João, o Batista – respondeu Sara. – O purificador!

Soltei uma risada e anotei essas conclusões no lugar apropriado do quadro-negro.

– É apenas especulação, mas...

– John – ressaltou Sara, em um tom jovial –, tudo o que está aí é apenas especulação. Mas funciona.

Larguei o giz e me voltei, para me deparar com Sara absolutamente radiante.

– Percebe agora, não é mesmo, John? Precisamos fazer isso; temos de continuar!

E é claro que continuamos.

Começaram assim os vinte dias mais extraordinários e difíceis de minha vida. Como sabíamos que os Isaacsons não voltariam a Nova York antes da noite de quarta-feira, Sara e eu nos empenhamos na tarefa de partilhar, interpretar e registrar todas as informações recolhidas durante a semana anterior a fim de aprontar tudo para que os sargentos detetives assimilassem todos os dados com rapidez ao chegar. Passamos a maior parte dos dias subsequentes juntos, no número 808, analisando os fatos e – de uma maneira menos óbvia, jamais admitida –, reformulando a atmosfera, para evitar que a ausência de Kreizler nos paralisasse. Todos os sinais e os lembretes óbvios da presença de Laszlo foram postos de lado ou removidos, e empurramos sua mesa para um canto, ajeitando as outras quatro em um círculo menor (ou, como eu preferia pensar, mais íntimo). Nem Sara nem eu nos sentimos felizes ao fazer isso, mas também tentamos não nos mostrar tristes ou sentimentais. Como sempre, o chave era o foco: mantendo nossa visão fixa nos alvos – prevenir outra morte e capturar o assassino –, descobrimos que podíamos

superar até mesmo os momentos mais dolorosos e desorientadores da transição.

Não que simplesmente eliminássemos Kreizler de nossa mente; ao contrário, Sara e eu falávamos dele com certa constância, no esforço de compreender as reviravoltas de sua mente depois da morte de Mary. Como era natural, essas conversas envolviam certa discussão sobre o passado de Laszlo; e ao pensar na lamentável realidade da criação de Kreizler, enquanto eu conversava com Sara se dissipou minha raiva por ele abandonar a investigação, a tal ponto que na manhã de terça-feira voltei à casa dele, sem dizer nada a Sara.

Fiz a viagem, em parte, para saber como estavam Stevie e Cyrus, mas também para atenuar os abalos causados por nossa separação no Bellevue. Constatei, agradecido, que meu velho amigo estava ansioso para endireitar as coisas, embora ainda determinado a não retomar a investigação. Ele falou sobre a morte de Mary com calma, permitindo-me avaliar quanto seu espírito fora devastado pelo incidente. Mais que isso, porém, creio que era a destruição de sua confiança que o impedia de retomar a caçada. Pois apenas pela segunda vez em sua vida, pelo que eu pudesse recordar (a primeira ocorrera durante a semana anterior à visita a Jesse Pomeroy), Laszlo parecia duvidar do próprio julgamento. E embora eu não concordasse com essa autoindiciação, também não podia culpá-lo. Cada ser humano deve encontrar o próprio caminho para lidar com uma perda profunda, e a obrigação de um verdadeiro amigo é facilitar qualquer método que o outro escolha. No fim, apertei a mão de Laszlo e aceitei sua determinação de se manter afastado de nosso trabalho, muito embora isso me afligisse profundamente. Depois que nos despedimos, especulei mais uma vez como poderíamos continuar sem ele; mas, antes mesmo de atravessar o pátio na frente da casa, meus pensamentos já se concentravam de novo no caso.

A viagem de Sara a New Paltz, como descobri durante aqueles três dias antes da chegada dos Isaacsons, confirmou muitas de nossas hipóteses sobre

a infância do assassino. Ela conseguira localizar vários contemporâneos de Japheth Dury, e todos admitiram – com certo pesar, a bem da verdade – que o menino sofrera muitas zombarias por causa de seus violentos espasmos faciais. Ao longo dos anos escolares (e, como Marcus especulara, a escola de New Paltz ensinava o sistema de escrita Palmer na ocasião), assim como nas ocasiões em que acompanhava os pais à cidade, Japheth era frequentemente assediado por bandos de crianças que competiam para ver quem conseguia imitar melhor o tique do menino. Não era uma contração comum, como os cidadãos já adultos de New Paltz haviam assegurado a Sara: era tão intensa, que os olhos e a boca de Japheth quase se estendiam até a lateral da cabeça, como se ele sofresse uma dor profunda e estivesse prestes a se desmanchar em lágrimas. Ao que tudo indicava – e era muito estranho –, ele nunca revidava quando atacado pelas crianças de New Paltz, e nunca respondia com rancor aos provocadores; sempre seguia seu caminho em silêncio, e, por isso, depois de alguns anos, as crianças da cidade se cansaram de atormentá-lo. Esses poucos anos, no entanto, pareciam ter sido suficientes para envenenar o espírito de Japheth, pois cumulavam a coexistência por toda sua vida com alguém que nunca se cansara de pressioná-lo: a própria mãe.

Sara não se gabou em excesso por ter conseguido prever o caráter daquela mãe, mas Deus sabia que teria justificativa para tanto. Suas entrevistas em New Paltz haviam lhe proporcionado apenas uma descrição geral da sra. Dury, mas Sara interpretara o suficiente das generalizações para ficar bastante animada. A mãe de Japheth era bem lembrada na cidade, em parte por sua defesa ardorosa do trabalho missionário do marido, mas ainda mais por seu comportamento frio e ríspido. Na verdade, as outras matronas de New Paltz acreditavam que os espasmos faciais de Japheth Dury eram o resultado dos implacáveis tormentos da mãe (assim, demonstrando que a sabedoria popular pode, às vezes, alcançar a posição de percepção psicológica). Por mais encorajador que tudo isso fosse, proporcionou a Sara apenas uma fração da satisfação oferecida pelo relato de Adam Dury. Quase

todas as hipóteses dela – de a mãe de nosso assassino ser uma esposa relutante, de sua aversão a ter filhos e a pressão escatológica contra o filho desde o início – haviam sido confirmadas pelo que Laszlo e eu ouvíramos naquele estábulo; Adam até nos contara que a mãe dizia com frequência a Japheth que ele era um pele-vermelha sujo; e apesar de ser a mão do reverendo que aplicava as punições na família, o comportamento da sra. Dury parecia ter representado outro tipo de punição para os filhos, igualmente vigorosa. Por isso, Sara e eu nos sentimos bastante confiantes ao comentar que se um dos pais de Japheth tivesse sido a vítima "primária" de sua fúria assassina, quase certamente teria sido a mãe.

Em suma, agora parecia indiscutível que lidávamos com um homem cuja amargura fantástica contra a mulher mais influente de sua vida o levara a se abster da companhia das mulheres em geral. Isso nos deixava o problema de determinar por que ele escolhera matar garotos que se vestiam e se comportavam como mulheres, em vez de liquidar mulheres *de facto.* À procura de uma resposta para esse enigma, Sara e eu voltamos à teoria anterior de que todas as vítimas possuíam traços de caráter que não eram muito diferentes dos do assassino. Raciocinamos que o abominável relacionamento entre Japheth Dury e a mãe devia ter se transformado em ódio contra si mesmo também – afinal, como qualquer menino desprezado pela mãe poderia deixar de questionar o próprio valor? Portanto, a ira de Japheth Dury cruzara as linhas sexuais, tornando-se uma espécie híbrida, ou mestiça; e só encontrara uma vazão na destruição dos garotos que personificavam, em seu comportamento, uma ambiguidade similar.

O passo final em nosso processo de montar as pistas recém-coletadas foi a definição sobre a transformação do nosso assassino de Japheth Dury em John Beecham. Sara descobrira pouco sobre George Beecham em New Paltz – ele residira na cidade por apenas um ano, e só aparecia nos registros locais porque votara na eleição do congresso de 1874 –, mas, mesmo assim, tínhamos certeza de que entendíamos a escolha do nome. Desde o início da

investigação, ficara patente para todos nós que lidávamos com uma personalidade sádica; cada ação sua revelava um desejo obsessivo de mudar seu papel na vida, passando de vítima a algoz. Assim, era lógico que, como um meio de iniciar e simbolizar essa transformação, ele alterasse seu nome para o do homem que outrora o traíra e violara; e também era lógico que mantivesse esse nome ao começar a assassinar garotos que aparentemente confiavam nele, da mesma forma como outrora confiara em George Beecham. Havia uma noção evidente de que o assassino, por mais cuidadoso que sem dúvida fosse ao cultivar essa confiança, também desprezava suas vítimas por serem tolas o bastante para confiar nele. Outra vez, ele esperava, com isso, erradicar um elemento intolerável na própria personalidade, erradicando os reflexos da criança que ele fora outrora.

E assim, Japheth Dury se tornara John Beecham, que, segundo as avaliações de seu médico no Hospital St. Elizabeth, era bastante sensível a qualquer tipo de escrutínio e também acalentava fortes sentimentos (se não até mesmo ilusões ostensivas) de perseguição. Era improvável que essas características de personalidade houvessem melhorado depois de sua alta do St. Elizabeth, no fim do verão de 1886, já que fora obtida por meio do aproveitamento de um detalhe técnico legal, contra a vontade dos médicos; e se de fato John Beecham era nosso assassino, sua desconfiança, sua hostilidade e sua violência só haviam se agravado com a passagem dos anos. Sara e eu concluímos que para adquirir o extenso conhecimento de Nova York que ele demonstrava, Beecham devia ter chegado à cidade logo depois de sair do St. Elizabeth, ali permanecendo desde então. Havia motivo para esperança nessa suposição, porque era provável que ele tivesse entrado em contato com muitas pessoas durante esses dez anos e se tornado familiar em algum bairro ou categoria social. É claro que não sabíamos exatamente como ele era; mas, partindo das características físicas que teorizáramos desde o início, refinadas pelo uso de Adam Dury como modelo, achávamos que poderíamos formular uma descrição que, aliada ao nome John Beecham, tornaria a identificação

mais ou menos fácil. É verdade que não havia nenhuma garantia de que ele ainda usava o nome de John Beecham; mas tanto Sara quanto eu tínhamos certeza de que, tendo em vista tudo que o nome significava, ele continuara e continuaria a usá-lo, até ser forçado a parar.

Isso foi tudo o que pudemos formular enquanto aguardávamos o retomo dos Isaacsons. Contudo, no final da tarde de quarta-feira, ainda não havíamos recebido nenhuma notícia dos sargentos detetives, e, por isso, decidimos cuidar de outra tarefa desagradável: convencer Theodore a nos permitir continuar na investigação apesar do afastamento de Kreizler. Ambos desconfiávamos que não seria fácil. Fora apenas o profundo respeito de Roosevelt por Kreizler que lhe permitira, em primeiro lugar, considerar a ideia (isso, e mais sua propensão para as soluções heterodoxas). Depois de passar o início da semana procurando por Connor, além de participar da batalha incessante entre as forças da reforma e da corrupção na Chefatura de Polícia, Roosevelt ainda não fora informado dos acontecimentos em nossa investigação até o final da tarde de quarta-feira; mas, sabendo que ele acabaria descobrindo por intermédio de Kreizler ou dos Isaacsons, Sara e eu decidimos pegar o touro à unha, contando-lhe tudo nós mesmos.

Preocupados em evitar uma nova rodada potencialmente perigosa de especulações entre jornalistas e detetives na Chefatura, resolvemos procurar Theodore em sua casa. Ele e a esposa, Edith, haviam alugado pouco antes uma casa na Madison Avenue, 689, que pertencia à irmã de Theodore, Bamie. Era uma casa confortável e bem mobiliada, mas, ainda assim, inadequada para abrigar as extravagâncias dos cinco filhos do casal. (Cabe lembrar, por uma questão de justiça, que a própria Casa Branca também se tornaria em breve inadequada.) Como sabíamos que Theodore costumava jantar em casa com a prole, Sara e eu pegamos um fiacre na esquina da Madison Avenue com a 63th Street por volta das seis horas da tarde e subimos os degraus do número 689 ao pôr do sol.

Antes mesmo de eu bater à porta, pudemos ouvir lá dentro os sons de

turbulência infantil. A porta acabou sendo aberta pelo segundo filho de Theodore, Kermit, na ocasião com seis anos de idade. Ele usava a tradicional camisa branca, calção e cabelos compridos de um menino de sua idade naquela época; mas no punho direito mantinha, um tanto agourento, o que calculei ser o chifre de um rinoceronte africano, montado em um pesado pedestal. Sua expressão era de desafio.

– Olá, Kermit – falei, com um sorriso. – Seu pai está em casa?

– *Ninguém passará!* – Gritou o menino, fitando-me nos olhos.

Perdi o sorriso.

– O que disse?

– Ninguém passará! – Ele repetiu. – Eu, Horatio, guardarei esta ponte!

Sara deixou escapar uma risadinha, e balancei a cabeça.

– Ah, sim, Horatio na ponte. Muito bem, Horatio, se não se incomoda...

Dei um ou dois passos para dentro da casa, e Kermit levantou o chifre de rinoceronte e golpeou com uma força surpreendente os dedos de meu pé direito. Soltei um grito de dor, o que levou Sara a rir ainda mais, enquanto Kermit tornava a declarar:

– *Ninguém passará!*

Foi nesse momento que a voz doce, mas firme, de Edith Roosevelt soou de algum lugar nos fundos da casa:

– Kermit! O que está acontecendo aí?

Os olhos de Kermit se arregalaram de súbita apreensão; ele se voltou e seguiu para a escada, berrando: “Recuar! Recuar!”. Com a dor no pé começando a diminuir, observei a aproximação de uma menina de aparência séria, em torno dos quatro anos: a filha mais nova de Theodore, Ethel. Ela carregava um livro enorme, com ilustrações zoológicas, e caminhava com evidente determinação; mas, quando nos avistou, e depois viu Kermit subindo a escada, parou e brandiu um polegar na direção do irmão.

– Horatio na ponte – murmurou a menina, revirando os olhos e sacudindo a cabeça.

Depois, tornou a baixar o rosto para o livro e prosseguiu em seu avanço pelo vestíbulo.

Subitamente, uma porta a nossa direita foi aberta e vimos uma criada rotunda, uniformizada, com uma expressão apavorada. (Havia poucos criados na casa: o pai de Theodore, um prodigioso filantropo, doara a maior parte da fortuna da família, e meu amigo sustentava a sua com seus escritos e seu minguado salário.) A criada se mostrou alheia a nossa presença enquanto atravessava o vestíbulo para se refugiar por trás da porta da frente, aberta.

– Não! – Ela gritou, sem que víssemos a quem se dirigia. – Não, mestre Ted, não farei isso!

A porta pela qual a criada saíra logo despejou um garoto em torno dos oito anos, de terno cinza e óculos, muito parecido com Theodore. Era Ted, o filho mais velho, cuja posição como herdeiro da família era demonstrada não apenas por sua aparência, mas também por uma coruja um tanto intimidadora empoleirada em seu ombro, assim como um rato morto que ele segurava pelo rabo com a mão enluvada.

– Patsy, você está sendo ridícula – disse Ted à criada. – Se não ensinarmos a ele qual é sua presa natural, nunca poderemos soltá-lo de novo na floresta. Basta segurar o rato acima de seu bico...

Ted parou de falar ao perceber, por fim, que havia dois visitantes parados junto à porta.

– Ah! – Exclamou, com seus olhos faiscando por trás dos óculos. – Boa noite, sr. Moore.

– Boa noite, Ted – respondi, procurando me afastar da coruja.

O garoto se voltou para Sara.

– É a srta. Howard, não é mesmo? Encontrei-a no escritório do meu pai.

– Muito bem, mestre Roosevelt – disse Sara. – Parece que tem uma boa memória para os detalhes... um cientista precisa disso.

Ted sorriu, contrafeito, e logo se lembrou do rato em sua mão.

– Sr. Moore – ele disse, com um renovado entusiasmo –, acha que poderia

segurar este rato aqui pelo rabo, e mantê-lo dois ou três centímetros acima do bico de Pompey? Ele não está acostumado à visão da presa, e às vezes se assusta. Tem vivido de pedaços de carne crua. Preciso da mão livre para impedir que ele voe.

Uma pessoa menos acostumada à vida na casa dos Roosevelt poderia se paralisar diante daquele pedido; mas eu já testemunhara muitas cenas assim, por isso, limitei-me a suspirar, peguei o rato pelo rabo e o suspendi para a posição indicada por Ted. A coruja virou a cabeça para um lado e outro, de forma um tanto bizarra; depois, abriu as enormes asas e as sacudiu, visivelmente confusa. Ted, que segurava suas garras com a mão enluvada, pôs-se a assoviar e emitiu alguns grunhidos, o que acalmou a ave. Pompey acabou esticando seu pescoço extraordinariamente flexível, com o bico virado para o teto, abocanhou o rato pela cabeça e tratou de engoli-lo em meia dúzia de movimentos horríveis. Ted sorriu.

– Bom menino, Pompey! É melhor que carne velha, não acha? Agora, tudo o que deve fazer é aprender a pegá-los sozinho, e depois, poderá partir ao encontro de seus amigos. – Ted se voltou para mim. – Nós o encontramos em uma árvore oca no Central Park; a mãe fora abatida por um tiro, e os outros filhotes já haviam morrido, mas ele está indo bem.

– *Cuidado aí embaixo!*

O grito repentino proveio do alto da escada. No rosto de Ted vimos certa ansiedade, e ele tratou de sair do vestíbulo com sua coruja. A criada tentou segui-lo, mas ficou paralisada pela visão de uma enorme massa branca que descia do segundo andar pelo corrimão da escada como uma bala. Incapaz de decidir para que lado corria, a criada acabou arriando no chão e cobriu a cabeça, com um grito estridente, evitando por um triz o que poderia ser uma terrível colisão com a srta. Alice Roosevelt, de doze anos. Pulando do corrimão para o tapete no chão com uma habilidade nascida da prática, e uma risada, Alice se levantou de um pulo, ajeitou o vestido branco e estendeu um dedo para a criada, zombeteira.

– Patsy, sua gansa enorme! – Ela exclamou, com outra risada. – Já disse para você nunca ficar parada! Tem de escolher uma direção e correr!

Alice virou seu rosto delicado e bonito, que em poucos anos partiria o coração dos solteiros mais cobiçados de Washington como uma foice em um trigal, olhou para mim e para Sara, sorriu e fez uma ligeira mesura.

– Olá, sr. Moore – disse, com a confiança de uma menina que conhece, mesmo aos doze anos, o poder de seu charme. E acrescentou, mais excitada: – E essa é mesmo a srta. Howard? Uma das mulheres que trabalham na Chefatura?

– É, sim – confirmei. – Sara, quero lhe apresentar Alice Lee Roosevelt.

– Como vai, Alice? – Disse Sara, estendendo-lhe a mão.

Alice era toda confidencialidade madura ao apertar a mão de Sara e responder:

– Sei que muitas pessoas acham escandaloso uma mulher trabalhar na Chefatura, srta. Howard, mas eu acho *sensacional*!

Ela mostrou um pequeno saco, cujo cordão estava preso em seu pulso, e acrescentou:

– Gostaria de ver minha cobra?

Antes que Sara, um tanto surpresa, pudesse responder, Alice tirou do saco uma cobra que se contorcia – não venenosa –, com uns sessenta centímetros de comprimento.

– Alice!

Era de novo a voz de Edith, e dessa vez eu me voltei para vê-la avançar pelo vestíbulo, graciosa, em nossa direção.

– Alice – ela repetiu, com a voz cuidadosa, mas autoritária, que usava com a menina, única criança da casa que não era sua –, eu acho, querida, que podemos deixar as visitas tirar seus agasalhos e se sentar antes de apresentar os répteis. Olá, srta. Howard, John.

Edith tocou de leve na testa de Alice.

– É com *você* que eu conto para um comportamento civilizado, sabe disso.

Alice sorriu para Edith e se voltou para Sara, tornando a guardar a cobra no saco.

– Desculpe-me, srta. Howard. Não gostaria de ir à sala de visitas e se sentar? Tenho uma porção de perguntas a lhe fazer!

– E eu adoraria respondê-las algum dia – disse Sara, amável. – Mas, neste momento, precisamos conversar com seu pai por alguns minutos.

– Não sei por quê, Sara! – trovejou Theodore, saindo de seu gabinete. – Vai descobrir que as crianças são as verdadeiras autoridades nesta casa. É melhor falar com elas.

Ao som da voz do pai, as outras crianças Roosevelt que já encontráramos logo reapareceram, cada uma gritando os eventos de seu dia, no esforço de obter seu conselho e sua aprovação. Sara e eu observamos a cena com Edith, que se limitava a sacudir a cabeça e suspirar, incapaz de compreender (como qualquer outra pessoa que convivesse com a família) o milagre do relacionamento de seu marido com os filhos.

– É melhor vocês interferirem, e depressa – disse-nos Edith, depois de um longo momento ainda observando sua família –, se quiserem interromper o poder desse *lobby*.

Ela se voltou para nós com evidente compreensão em seus olhos faiscantes e um tanto exóticos.

– Mas eu compreendo que tudo o que fazem hoje em dia é premente.

Balancei a cabeça, e Edith bateu palmas:

– Muito bem, minha terrível tribo! Agora que vocês quase certamente despertaram Archie de seu cochilo, que tal se lavarem para o jantar?

(Archie, aos dois anos, era o caçula da família; o jovem Quentin, cuja morte em 1918 teria um efeito tão catastrófico na saúde emocional e física de Theodore, ainda não havia nascido em 1896.)

– E nada de convidados que não sejam humanos esta noite – acrescentou Edith. – E falo sério, Ted. Pompey ficará perfeitamente bem na cozinha.

Ted sorriu.

– *Patsy* não ficará.

Relutantes, mas sem maiores protestos, as crianças se dispersaram, enquanto Sara e eu seguíamos Theodore para seu gabinete cheio de livros. As obras em andamento cobriam várias escrivaninhas e mesas naquela ampla sala, com uma pletora de volumes de referências abertos e enormes mapas. Theodore tirou as coisas de duas cadeiras junto de uma escrivaninha particularmente grande e atravancada, ao lado da janela, e nos sentamos. Não mais na presença das crianças, Roosevelt assumiu um ar desanimado, o que me pareceu estranho, tendo em vista os acontecimentos na Chefatura nos últimos dias: o prefeito Strong pedira a um dos principais inimigos de Theodore na Junta de Comissários que renunciasse, e embora o homem se recusasse a sair pacificamente, havia uma impressão geral de que Roosevelt estava ganhando a luta. Dei-lhe os parabéns por isso, mas ele apenas acenou com a mão, menosprezando o assunto.

– Não sei bem se isso vai significar alguma coisa no final, John – disse ele, sombrio. – Há ocasiões em que sinto que o trabalho que empreendemos não pode ser realizado apenas no nível metropolitano. A corrupção nesta cidade é como a besta mítica, porém, em vez de sete cabeças, gera mil para cada uma que é cortada. Não sei se esta administração tem o poder de promover uma mudança realmente significativa.

Todavia, esse não era o tipo de ânimo que Roosevelt seria capaz de tolerar por muito tempo. Ele pegou um livro, fechou-o e olhou para nós, cativante, através do pincenê.

– Mas isso não é da conta de vocês. Digam-me, quais são as novidades?

Não foi muito fácil transmitir nossas notícias; e assim que Sara e eu terminamos, Theodore arriou na cadeira e recostou-se, confirmando seu ânimo melancólico.

– Eu me preocupei com a reação de Kreizler a essa atrocidade – murmurou ele. – Mas confesso que não pensei que ele abandonaria o esforço.

A essa altura, decidi contar a Theodore toda a história do relacionamento

entre Kreizler e Mary Palmer, em uma tentativa de fazê-lo compreender como fora devastador o efeito da morte da moça. Recordando que Theodore também suportara a perda trágica e prematura de uma pessoa muito amada – sua primeira esposa –, eu esperava que ele reagisse com empatia. O que aconteceu; mas, mesmo assim, um vinco de dúvida persistiu em sua testa.

– E está dizendo que desejam continuar sem ele? – Indagou Theodore. – Acham que podem levar o caso à conclusão?

– Sabemos o suficiente – respondeu Sara. – Isto é, saberemos o suficiente quando o assassino atacar de novo.

Theodore se mostrou surpreso.

– E quando será isso?

– Daqui a dezoito dias – informou Sara. – Em 21 de junho.

Roosevelt cruzou as mãos atrás da cabeça, pôs-se a balançar lentamente para frente e para trás, enquanto estudava Sara. Voltou-se para mim.

– Não é apenas a dor que o fez se afastar, não é mesmo?

Sacudi a cabeça.

– Não. Ele está cheio de dúvidas sobre seu julgamento e sua capacidade. Jamais compreendi antes como Laszlo é torturado pela dúvida a respeito de si mesmo. Ela fica oculta durante a maior parte do tempo, mas remonta...

– Eu sei – murmurou Roosevelt, acenando com a cabeça. – Ao pai.

Sara e eu trocamos um olhar apressado, ambos sacudindo a cabeça para indicar que não revelâramos a história. Theodore sorriu, gentilmente.

– Lembra-se de minha briga com Kreizler, no Ginásio Hemenway, Moore? E na noitada que tivemos em seguida? Em determinado momento, quando discutíamos a questão do livre-arbítrio... com a maior cordialidade, é claro... ele me perguntou quando eu aprendera a lutar boxe. Contei como meu querido pai me construíra um pequeno ginásio quando eu era menino e me ensinara que o exercício vigoroso representava a melhor oportunidade de superar a doença e a asma. Kreizler indagou se, como uma experiência, eu achava que poderia me forçar a levar uma vida sossegada. Eu respondi que

tudo o que já aprendera e prezava me levava a ser um homem de ação. Não compreendi na ocasião, mas eu provara seu argumento. Depois, por curiosidade, interroguei-o sobre seu pai, de quem eu ouvira frequentes menções em Nova York. Seu aspecto mudou, e de uma forma drástica. Jamais esquecerei. Laszlo desviou os olhos, e pela primeira vez parecia ter receio de me fitar. E a seguir, pôs a outra mão em seu braço atrofiado. Havia alguma coisa tão instintiva na maneira como ele fez isso, à mera menção do pai, que comecei a desconfiar da verdade. Desnecessário dizer que fiquei totalmente consternado ao pensar como fora sua vida. E, ao mesmo tempo, também me senti fascinado... fascinado pela diferença entre aquela vida e a minha. E me vi a especular: Como é o mundo para um jovem cujo pai é seu inimigo?

Nem Sara nem eu podíamos oferecer resposta a essa pergunta. Por vários minutos, nós três permanecemos em silêncio; e depois, lá de fora, ouvimos os gritos veementes de Alice:

– Não me importo se ele é um *Strix varia varia,* Theodore Roosevelt Junior! Ele não vai comer minha cobra!

Isso provocou risos entre nós, e voltamos a tratar do problema imediato.

– Muito bem – disse Theodore, fechando outro livro em cima da mesa. – A investigação. Quero saber uma coisa: agora que temos um nome e uma descrição aproximada, por que não promover uma caçada humana normal e deixar que meus homens revirem a cidade pelo avesso?

– E o que fariam quando o encontrassem? – Indagou Sara. – Efetuariam uma prisão? Com que provas?

– Ele é muito esperto – acrescentei. – Não temos testemunhas, e nenhuma prova que fosse aceitável no tribunal. Especulações, impressões digitais, uma mensagem sem assinatura...

– E que contém pelo menos vários sinais de escrita disfarçada – informou Sara.

– E só Deus sabe o que ele fará se for capturado e em seguida solto –

continuei. – Os Isaacsons disseram desde o início que este deve ser um caso de *flagrante delicto.* Temos de pegá-lo no ato.

Theodore aceitou isso com vários acenos de cabeça.

– Receio que isso nos acarrete novos desafios – ele disse. – O afastamento de Kreizler da investigação, e talvez se surpreendam ao saber, não vai facilitar as coisas para mim. O prefeito Strong tomou conhecimento do vigor com que tenho procurado por Connor, e por quê. Ele considera essa busca como outro meio de ligar o departamento a Kreizler e pediu-me que não pusesse em risco minha posição, ao permitir que meu relacionamento pessoal com o doutor se tornasse ostensivo demais. Também ouviu rumores de que os irmãos Isaacson vêm realizando uma investigação independente sobre o assassino dos garotos prostitutos e me ordenou não apenas que os contivesse, se os rumores fossem verdadeiros, mas também que tratasse do caso em geral com extrema cautela. É bem provável que vocês ainda não saibam do problema que tivemos ontem à noite.

– Ontem à noite? – repeti.

Roosevelt balançou a cabeça.

– Houve uma reunião no 11º Distrito, supostamente em protesto contra a maneira como estamos tratando dos assassinatos. Foi organizada por alguns alemães, alegando ser um evento político, mas correu uísque suficiente para fazer flutuar um pequeno navio.

– Kelly? – Perguntou Sara.

– Talvez – respondeu Roosevelt. – O que é certo é que eles já haviam escapado ao controle quando foram dispersados. As implicações políticas desse caso estão se tornando mais sérias a cada dia que passa, e o prefeito Strong, receio, chegou ao estado deplorável em que a preocupação com as consequências das ações leva à paralisia. Ele não quer nenhum tipo de medida precipitada.

Theodore fez uma pausa, fitando Sara com o rosto meio franzido, só meio sério.

– Ele também ouviu rumores, Sara, de que você tem trabalhado com os Isaacsons; e, como sabe, muitos protestarão com veemência se descobrirem que uma mulher está ativamente envolvida em uma investigação de assassinato.

– Então, redobrarei meus esforços para esconder esse envolvimento – respondeu Sara, com um sorriso tímido.

– Hum... está certo – murmurou Theodore, ainda em dúvida.

Ele nos estudou por mais alguns segundos, e balançou a cabeça.

– Eis aqui o que posso lhes oferecer: aproveitem os próximos dezoito dias. Descubram tudo o que puderem. Mas, quando chegar o dia 21, quero que me contem tudo o que souberem, para que eu possa postar policiais de confiança em todos os possíveis locais de um crime e nas rotas de fuga.

Roosevelt bateu com seu punho enorme na outra mão e arrematou:

– Não vou admitir outra chacina.

Voltei-me para Sara, que considerou a proposta por um instante e balançou a cabeça em concordância.

– Podemos manter os sargentos detetives? – Indaguei.

– É claro – respondeu Roosevelt.

– Combinado.

Estendi a mão. Theodore apertou-a, tirando o pincenê do nariz.

– Espero que descubram o suficiente – disse ele, voltando-se para apertar a mão de Sara. – A perspectiva de deixar meu cargo sem resolver esse caso não me agrada nem um pouco.

– Planeja cair fora, Roosevelt? – Perguntei. – Platt por fim deixou as coisas quentes demais para você?

– Não é nada disso – respondeu ele, ríspido, para em seguida revelar sua legião de dentes. – Mas as convenções são iminentes, Moore, e depois as eleições. McKinley será o homem do nosso partido, a menos que eu esteja muito enganado, enquanto os democratas dão a impressão de que serão bastante tolos para escolher Bryan. E, com isso, a vitória será nossa neste

outono.

Balancei a cabeça.

– Vai entrar na campanha?

Theodore deu de ombros, modesto.

– Disseram-me que posso prestar alguma ajuda, tanto em Nova York quanto nos estados do Oeste.

– E se McKinley ficar agradecido por sua ajuda...

– Ora, John! – Interveio Sara, sarcástica. – Sabe como o comissário se sente em relação a essas especulações.

Roosevelt arregalou os olhos.

– *Você,* minha jovem, tem passado tempo demais longe da Chefatura. Que atrevimento! – Depois, relaxou e gesticulou na direção da porta. – E agora, saiam. Tenho uma pilha de documentos oficiais a verificar, pois parece que alguém roubou minha secretária.

Já eram quase oito horas quando Sara e eu tornamos a sair para a Madison Avenue; mas entre a exultação pela permissão para continuar a investigação e o calor da noite clara de primavera, nenhum dos dois tinha vontade de ir para casa. Também não sentíamos ânimo para nos trancar em nosso quartel-general e esperar que os Isaacsons aparecessem, apesar de ansiosos para falar com eles assim que voltassem. Enquanto seguíamos a pé para o centro, ocorreu-me um feliz meio-termo: poderíamos jantar em uma das mesas ao ar livre no terraço do St. Denis Hotel, em frente ao número 808. Assim postados, poderíamos ver os sargentos detetives quando chegassem. A ideia agradou Sara; e enquanto continuávamos nossa marcha pela avenida, ela ia ficando mais satisfeita do que eu jamais vira. Havia pouco da habitual intensidade impaciente em sua atitude, embora sua mente permanecesse focada e seus pensamentos fossem perceptivos e relevantes. A explicação para isso, quando me surgiu durante o jantar, não era das mais complicadas: apesar do que Theodore dissera sobre a possível reação oficial e pública a seu envolvimento na investigação, Sara era, no momento, uma detetive

profissional – de fato, embora não no nome. Nos dias subsequentes, enfrentaríamos muitas provações e frustrações, e eu teria motivos para me sentir grato pela crescente animação de Sara – pois foi ela, mais que qualquer outra coisa, a força propulsora por trás da continuação do nosso trabalho.

Meu consumo de vinho naquela noite foi tão grande que, no fim do jantar, a sebe que separava nossa mesa no terraço do St. Denis da calçada mostrou-se insuficiente para conter minhas ardentes atenções às muitas mulheres adoráveis que eram inocentemente atraídas para as vitrines ainda iluminadas da McCreery's. Sara ficou bastante irritada com meu comportamento, e já estava prestes a me deixar entregue a meu próprio destino quando avistou alguma coisa do outro lado da rua. Segui sua indicação e me voltei para ver parar diante do número 808 um fiacre, do qual desembarcaram Marcus e Lucius Isaacson, parecendo exaustos. Talvez fosse o vinho ou os eventos dos últimos dias, ou até mesmo o tempo, mas o fato é que senti a maior alegria ao vê-los. Pulei por cima da sebe e atravessei a Broadway correndo para apresentar meus cumprimentos efusivos. Sara me seguiu a passos mais racionais. Tanto Lucius quanto Marcus pareciam ter tomado muito sol durante a estada nas Grandes Planícies, pois a pele dos dois escurecera de forma considerável, o que lhes proporcionava uma aparência saudável. Demonstraram muita alegria por voltar; mas eu duvidava que continuariam assim depois de saber que Kreizler se retirara da investigação.

– É uma terra impressionante aquela – comentou Marcus, enquanto retirava a bagagem do fiacre. – Proporciona uma perspectiva muito diferente sobre a vida nesta cidade, posso lhes garantir. – Fez uma pausa, farejando o ar. – E o cheiro é muito melhor.

– Fomos alvejados durante uma viagem de trem, e uma bala atravessou meu chapéu! – disse Lucius, enfiando um dedo no buraco. – Marcus diz que não eram índios...

– Não eram índios – interveio Marcus.

– Ele diz que não eram índios, mas não tenho tanta certeza, e o capitão

Miller, do Forte Yates, garantiu...

– O capitão Miller estava apenas sendo polido – interveio Marcus de novo.

– É possível – admitiu Lucius –, mas ele disse...

– O que ele disse sobre Beecham? – Indagou Sara.

– Ele disse que embora a maioria dos grandes bandos de índios tenha sido derrotada...

Sara o agarrou pelo braço.

– Lucius! O que ele disse sobre Beecham?

– Sobre Beecham? – Repetiu Lucius. – Ah, sim. Muita coisa.

– Muita coisa que se resume a uma só – acrescentou Marcus, fitando Sara. Fez uma pausa, com seus enormes olhos castanhos cheios de determinação. – Ele é nosso homem; tem de ser.

CAPÍTULO 38

Por mais que eu tivesse bebido, as notícias dos Isaacsons, relatadas durante um jantar no St. Denis, deixaram-me sóbrio em um instante.

O capitão Frederick Miller, já com quarenta e poucos anos, fora destacado para o quartel-general do Exército do Oeste, em Chicago, como um jovem e promissor tenente no início da década de 1870. Acabara se impacientando com o tédio da vida burocrática e pedira sua transferência mais para oeste, onde esperava participar do serviço ativo. O pedido fora atendido, e ele partira para as Dakotas, onde sofrera ferimentos em duas ocasiões; na segunda, perdera um braço. Voltara a Chicago, mas recusara-se a assumir de novo uma função burocrática, preferindo comandar parte das forças de reserva, que eram mantidas sempre disponíveis para emergências civis. Fora nessa função que, em 1881, conhecera um jovem soldado chamado John Beecham.

Beecham dissera ao oficial de recrutamento em Nova York que tinha dezoito anos no momento em que se alistara, mas Miller duvidava que isso fosse verdade; mesmo quando o soldado inexperiente chegara a Chicago, seis meses depois, ainda parecia mais jovem que isso. Contudo, os jovens muitas vezes mentiam sobre a idade a fim de ingressar no serviço militar, e Miller não se preocupara com isso, pois Beecham demonstrara ser um bom soldado, disciplinado, atento aos detalhes e bastante eficiente para ser promovido a cabo em dois anos. É verdade que seus pedidos insistentes de ser transferido mais para oeste, a fim de combater os índios, haviam irritado seus superiores em Chicago, que não queriam perder seus melhores homens para a fronteira; mas, de modo geral, o tenente Miller não tivera motivos para não se sentir satisfeito com o desempenho do jovem cabo, até 1885.

Nesse ano, porém, uma sucessão de incidentes nos bairros mais pobres de Chicago haviam revelado uma faceta desconcertante da personalidade de Beecham. Nunca um homem de muitos amigos, ele adquirira o hábito de ir aos bairros de imigrantes, em suas folgas, e oferecer seus serviços a organizações beneficentes que cuidavam de crianças, interessado em particular nos órfãos. A princípio, parecera uma maneira admirável de um soldado aproveitar seu tempo – muito melhor que as bebedeiras e brigas usuais com os residentes locais –, e o tenente Miller não se preocupara com o assunto. Vários meses mais tarde, no entanto, ele percebera uma mudança no ânimo de Beecham, uma propensão inequívoca para a taciturnidade. Ao interrogar o cabo a respeito, Miller não recebera uma explicação satisfatória; mas, pouco depois, um diretor de uma das organizações beneficentes aparecera no hospital querendo conversar com um oficial. O homem pedira a Miller que o cabo Beecham fosse proibido de voltar a seu orfanato. Quando indagado a respeito do motivo, o homem limitara-se a dizer que Beecham "incomodara" várias crianças. Miller chamara Beecham, que inicialmente se mostrara furioso e indignado, declarando que o homem do orfanato tinha apenas ciúme, porque as crianças gostavam mais dele e confiavam mais nele. No entanto, o tenente Miller percebera que havia algo mais, e pressionara Beecham; o cabo acabara ficando bastante agitado e culpara Miller e os demais superiores pelo que acontecera, fosse o que fosse. (Miller jamais descobrira a natureza exata dos incidentes.) Todos os problemas poderiam ser evitados, dissera Beecham, se os oficiais houvessem atendido a seus pedidos de transferência. Miller achara o comportamento de Beecham, durante essa licença, alarmante o suficiente para justificar uma longa licença. Beecham passara a licença escalando montanhas no Tennessee, em Kentucky e na Virgínia Ocidental.

Ao voltar a sua unidade, no início de 1886, Beecham parecia muito melhor. Era outra vez o soldado obediente e eficiente que Miller conhecera no início. Contudo, essa imagem, como logo se comprovou, não passava de ilusão; e

fora destruída durante a violência que se seguira aos distúrbios de Haymarket, na área de Chicago, durante a primeira semana de maio. Sara e eu já sabíamos que Beecham fora enviado para o Hospital St. Elizabeth depois que Miller o encontrara “esfaqueando” (como disseram os médicos) o cadáver de um grevista morto no conflito de 5 de maio, em um subúrbio no norte da cidade; e descobrimos então, por meio dos Isaacsons, que esse “esfaqueamento” assumira uma assustadora semelhança com as mutilações nos pais de Japheth Dury e nas crianças mortas em Nova York. Revoltado e horrorizado por se deparar com Beecham encharcado de sangue, ao lado de um cadáver retalhado, cujos olhos haviam sido arrancados com uma enorme faca, Miller não hesitara em suspender o cabo. O tenente já vira homens sendo levados a cometer atos sangrentos no Oeste, mas aquele comportamento era sempre atribuído a anos de confrontos selvagens e brutais com as tribos indígenas. Beecham, porém, não tivera essa experiência, e não havia nenhuma racionalização para suas ações. O médico do regimento examinara Beecham depois do incidente e o declarara inapto para o serviço militar; e Miller acrescentara sua veemente aprovação ao relatório médico, o que provocara a ida imediata de Beecham para Washington.

Assim terminava a história que os Isaacsons traziam das Dakotas. Fazendo o relato sem nenhuma pausa, os irmãos não haviam podido comer, e agora se concentravam no jantar com a maior voracidade, enquanto Sara e eu os informávamos de tudo que descobríramos durante a ausência deles. Até que veio o momento da notícia sobre Kreizler e Mary Palmer. Ainda bem que Marcus e Lucius já haviam quase terminado de comer, pois a história destruiu o que restava do apetite dos dois. Ambos se mostraram obviamente apreensivos com a perspectiva de continuar a investigação sem Laszlo; mas Sara interveio, com uma conversa ainda mais convincente que a que tivera comigo, e em vinte minutos persuadiu os sargentos detetives de que não havia alternativa que não a de prosseguir com nosso trabalho. O relato dos Isaacsons proporcionava a ela mais munição para sua campanha, pois não

restava muita dúvida em nossa mente de que agora conhecíamos a identidade e os antecedentes de nosso assassino. A questão era só uma: poderíamos formular e executar um método para encontrá-lo?

Ao deixar o restaurante, por volta das três horas da madrugada, estávamos convencidos de que era possível. No entanto, ainda era uma missão desanimadora, e não seríamos capazes de tomar nenhuma providência se não dormíssemos um pouco. Seguimos direto para nossas respectivas casas, saboreando a perspectiva do repouso. E, às dez horas da manhã de quinta-feira, retornamos ao número 808 da Broadway, prontos para idealizar uma nova estratégia. Marcus e Lucius se mostraram um pouco desorientados pelo encolhimento do círculo de mesas, de cinco para quatro, assim como pelo aparecimento de uma nova letra no quadro-negro; mas, afinal de contas, eram detetives experientes, e quando concentraram sua atenção no caso, todos os fatores irrelevantes se tornaram apenas isso.

– Se ninguém mais tem um ponto de partida específico em mente – anunciou Lucius, enquanto verificava o material em sua mesa –, eu gostaria de sugerir um.

Todos nós murmuramos assentimentos, e Lucius apontou para o lado direito do quadro-negro, indicando a palavra TELHADOS.

– Lembra-se do que disse sobre o assassino, John, depois que foi com Marcus ao Golden Rule, naquela primeira vez?

Vasculhei as recordações da visita.

– Controle – respondi, repetindo a palavra que me ocorrera com extrema nitidez na noite em que subíramos ao telhado do antro sórdido de Scotch Ann.

– Isso mesmo – acrescentou Marcus. – Ele sistematicamente demonstrou nos telhados uma autoconfiança absoluta.

Lucius se levantou e foi até o quadro-negro.

– Minha ideia é a seguinte: passamos muito tempo compreendendo os pesadelos desse homem; o pesadelo real que era seu passado e os horrores

mentais que o atormentam agora. Mas, quando ele planeja e comete os assassinatos, não se comporta como uma alma atormentada e assustada. É agressivo, determinado. Está *agindo*, não *reagindo*. E, como pudemos constatar por sua carta, ele se impressiona com a própria astúcia. De onde ele tirou isso?

– Tirou o quê? – Indaguei, um pouco confuso.

– A confiança – respondeu Lucius. – É claro que podemos explicar a astúcia; para ser mais preciso, já o fizemos.

– É uma questão de sinuosidade – disse Sara. – Do tipo que costuma ser desenvolvido por crianças perseguidas.

– Exatamente. – disse Lucius.

E balançou sua cabeça meio calva, tirando um lenço do bolso para enxugar o suor sempre presente em sua testa. E fiquei satisfeito por testemunhar de novo esse seu pequeno movimento nervoso.

– E a confiança? De onde um garoto com seu passado a tirou? – Ele prosseguiu.

– O Exército lhe proporcionaria um pouco – sugeriu Marcus.

– É verdade, um pouco – concordou Lucius, saboreando com evidente prazer seu novo papel de orientador. – Mas parece-me que é uma coisa mais antiga. Adam Dury não contou, John, que as únicas ocasiões em que os espasmos faciais do irmão se acalmavam era quando ele ia caçar nas montanhas?

Confirmei que Dury nos dissera isso, e Lucius continuou:

– Ao que tudo indica, ele só consegue aliviar seu tormento e sua angústia com essas atividades. E agora, passou a realizá-las nos telhados.

Marcus fitou o irmão, aturdido, e sacudiu a cabeça.

– Quer explicar logo o que está querendo dizer? Uma coisa era brincar de gato e rato com dr. Kreizler, mas...

– Se me derem um minuto, por gentileza, ficarei agradecido. – Lucius levantou um dedo. – O que estou querendo dizer é que a maneira de descobrir

o que ele faz com a sua vida *agora* é seguir a trilha do que faz que se sinta seguro, em vez da trilha de seus pesadelos. Ele caça e mata nos telhados, e suas vítimas são crianças; tudo isso sugere que ter controle sobre as situações é a coisa mais vital para ele. Sabemos de onde vem a obsessão com as crianças. Sabemos sobre as caçadas e as armadilhas. Mas, e os telhados? Até 1886, ele não passara muito tempo, se é que passara algum, em uma cidade grande. Agora, porém, já a domina de forma tão completa que conseguiu enganar até a nós. Esse tipo de conhecimento exigiria algum tempo para ser desenvolvido.

– Espere um instante – interveio Sara. – Começo a compreender seu argumento, Lucius. Ele deixa o St. Elizabeth e quer ir para um lugar em que possa ser anônimo. Nova York é uma opção provável. Mas, quando chega aqui, descobre que desconhece por completo como a vida se desenrola nas ruas... as multidões, o barulho, a agitação. É tudo muito estranho, talvez até mesmo intimidador. Então, ele descobre os telhados. É um mundo diferente lá em cima, mais sossegado, menos agitado, com menos pessoas. Mais parecido com o mundo a que estava acostumado. E ele descobre, também, que há muitos empregos que exigem que se passe boa parte do tempo nesses telhados, quase nem precisa descer às ruas.

– Exceto à noite – ressaltou Lucius, levantando de novo o dedo –, quando a cidade se encontra muito menos apinhada e ele pode conhecê-la em seu próprio ritmo. Lembrem-se, ele ainda não matou durante o dia. Conhece muito bem os ritmos noturnos, mas, durante o dia... durante o dia, sou capaz de apostar que ele passa quase o tempo todo lá em cima.

A testa de Lucius continuava a suar, enquanto ele voltava a sua mesa e pegava algumas anotações.

– Conversamos sobre a possibilidade de um emprego durante o dia que o mantivesse nos telhados depois do assassinato de Ali ibn-Ghazi, porém não nos aprofundamos no assunto. Mas repassei tudo, e creio que essa é a melhor pista para procurá-lo no momento.

Soltei um resmungo de protesto.

– Por Deus, Lucius, compreende o que está sugerindo? Teríamos de investigar todas as sociedades beneficentes e missionárias, todas as companhias que usam vendedores externos, os jornais e os serviços médicos. Deve haver um meio de reduzir as possibilidades.

– Há um – garantiu Marcus, em tom um pouco mais entusiasmado que o meu. – Mas, ainda assim, implicaria muito trabalho.

Ele se levantou, foi até o mapa grande da ilha de Manhattan e apontou para os alfinetes ali espetados, que indicavam os locais de sequestro e assassinato.

– Nenhuma das atividades ocorreu acima da 14th Street, o que sugere que ele possui um conhecimento maior do Lower East Side e Greenwich Village. É bem provável que resida e trabalhe em uma dessas duas áreas. Nossa teoria de que não dispõe de muito dinheiro ajusta-se a isso. Portanto, podemos restringir nossa busca às pessoas que trabalham nessas áreas.

– Certo – concordou Lucius, e tornou a apontar para o quadro-negro. – E não vamos esquecer todo o trabalho que já realizamos. Se estivermos certos... se o assassino começou sua vida como Japheth Dury e depois se tornou John Beecham, ele não se candidataria a nenhum tipo de emprego. Por seu caráter e antecedentes, algumas coisas seriam muito mais atraentes que outras. Por exemplo, você mencionou companhias que usam vendedores externos, John; mas, acha mesmo que o homem que temos estudado daria um bom vendedor ou tentaria obter um emprego assim?

Eu já ia alegar que qualquer coisa era possível quando, de repente, algo me disse que Lucius tinha razão. Passáramos meses acrescentando detalhes de personalidade e comportamento à vaga imagem de nosso assassino, e "qualquer coisa", com toda certeza, *não* era possível. Com uma estranha pontada de temor e excitação, compreendi que agora conhecia aquele homem bastante bem para dizer que ele não procuraria um emprego que lhe exigisse adular os imigrantes moradores dos cortiços ou apregoar as mercadorias ordinárias de fabricantes e gerentes de lojas, aos quais consideraria, sem

nenhuma dúvida, pessoas de inteligência inferior.

– Concordo, Lucius, mas isso ainda nos deixa com um excesso de possibilidades; agentes religiosos, o pessoal de caridade e colonização, repórteres, serviços médicos...

– Podemos reduzir essa lista também, John, se pensarmos um pouco – insistiu Lucius. – Veja o caso dos repórteres que cobrem os cortiços; você conhece pessoalmente a maioria. Acha mesmo que Beecham é um membro desse grupo? Quanto aos serviços médicos... com os antecedentes de Beecham? Quando ele teria recebido treinamento?

Considerei tudo isso, depois dei de ombros.

– Muito bem. Portanto, as chances são que ele esteja envolvido em alguma obra de caridade ou missionária.

– Seria fácil para ele – comentou Sara. – Ele conheceria toda a base e a terminologia religiosa dos pais; e não podemos esquecer que o pai era um vigoroso orador.

– Concordo – declarei. – Mas, mesmo que a busca se reduzisse a esse ponto, ainda teríamos muita dificuldade para verificar todos até 21 de junho. Marcus e eu levamos uma semana e só conseguimos investigar uma fração. É completamente inviável.

Podia ser inviável, mas não havia como evitar. Passamos o resto do dia compilando uma lista de todas as organizações caritativas e religiosas que atuavam no Lower East Side e em Greenwich Village, e depois a dividimos em quatro grupos regionais. Cada um de nós ficou com uma dessas sublistas e iniciou a investigação na manhã seguinte. Não era mais prático trabalhar em duplas se quiséssemos verificar as dezenas de organizações. Nos primeiros lugares que visitei, naquela sexta-feira, tive uma recepção menos que calorosa; e embora não esperasse nada diferente, mesmo assim, a experiência me incutiu certa apreensão para os dias, talvez semanas, subsequentes. Não adiantaram muito os reiterados lembretes que fiz a mim mesmo de que o trabalho tedioso de bater perna é o fardo frequente do detetive: eu já efetuara

esse serviço no início da investigação (um esforço que envolvera viagens a alguns dos lugares que eu tornava a visitar agora, embora com um propósito diferente), e sair outra vez pelas calçadas apinhadas só fixou mais ainda minha atenção no relógio que batia inexorável a caminho do dia de São João Batista – dali a apenas dezesseis dias.

Um aspecto dessa nova busca, no entanto, proporcionava-me certo otimismo: não tive a menor impressão de que era seguido. E também constatei, ao voltar ao nosso quartel-general no final do dia, que nenhum dos outros notara nenhum tipo suspeito a acompanhar seus passos. Não podíamos ter certeza, é claro, mas a explicação lógica parecia ser que nossos inimigos não acreditavam que pudéssemos ter êxito sem Kreizler. Ao longo do fim de semana não vimos sinal de Connor nem de seus cúmplices, nem de mais ninguém que desse a impressão de trabalhar para Byrnes ou Comstock. Se tínhamos de realizar um trabalho tedioso, mas mesmo assim enervante, era preferível fazê-lo sem a necessidade de olhar para trás a todo instante. No entanto, acho que nenhum de nós deixou de olhar.

Esperávamos que John Beecham houvesse trabalhado para uma das organizações de caridade de nossa lista em algum momento dos últimos dez anos, mas não pensávamos que ele necessariamente visitara em caráter oficial alguma das casas de tolerância envolvidas nos crimes. Era muito mais provável, em nossa opinião, que ele passasse a conhecer esses lugares como freguês. Assim, apesar de meu roteiro incluir as organizações que ajudavam pobres e desencaminhados no West Side entre as ruas Houston e 14th, não investiguei os bordéis de garotos naquela área. Mas dei um pulo ao Golden Rule, só pelo tempo suficiente para passar as novas informações sobre o assassino a meu jovem amigo Joseph. Houve um momento constrangedor quando cheguei, pois nunca antes vira o garoto exercendo seu ofício. Ao me avistar, Joseph desapareceu no mesmo instante em um quarto vazio, e por um momento cheguei a pensar que ele não voltaria; mas Joseph retornou, depois de remover a maquiagem do rosto. Sorriu e acenou, jovial, e escutou com

atenção as notícias. No fim, eu lhe pedi que transmitisse tudo a seus amigos. Concluída minha missão ali, e ansioso para visitar os muitos escritórios na área que me propusera investigar naquele dia, tratei de me despedir e me voltei para ir embora. Entretanto, Joseph me alcançou na porta e perguntou se não poderíamos jogar bilhar de novo algum dia. Concordei, efusivo; e com a tênue relação entre nós um pouco reforçada, o garoto desapareceu nos fundos do Golden Rule, deixando-me a sentir o remorso habitual por sua ocupação; mas parti apressado, sabendo que ainda tinha muito trabalho a fazer e pouco tempo para remoer coisas inúteis.

Para cada vício concebível, ao que parecia, havia uma sociedade em Nova York dedicada a sua prevenção. Algumas tinham uma visão geral, como a Sociedade para a Prevenção do Crime, ou as várias sociedades missionárias, católica, presbiteriana, batista e outras. Algumas, como a Missão Noturna, optavam por fazer que sua acessibilidade permanente fosse o foco em discursos e panfletos distribuídos por seus agentes nos guetos; outras, como a Missão Bowery, eram apenas regionais. Umas poucas, como a Sociedade de Ajuda aos Cavalos e a Sociedade para a Prevenção da Crueldade com os Animais, nem se preocupavam com os seres humanos. (Quando me deparei com o nome dessas organizações, não pude deixar de pensar na tortura e na mutilação de animais de Japheth Dury; achei que organizações que ofereciam tanto contato com animais indefesos, embora não usassem visitas pelos telhados, poderiam atrair a natureza sádica de nosso homem. Contudo, as entrevistas com seus dirigentes não produziram resultados.) Havia, ainda, quantidade e variedade aparentemente infinitas de orfanatos, todos empregando agentes ambulantes, sempre à procura de crianças abandonadas. Cada uma dessas instituições deveria ser verificada com um cuidado especial, tendo em vista a predileção que John Beecham demonstrara em Chicago por esses lugares.

Era o tipo de trabalho que absorvia horas, e depois dias, sem oferecer nenhuma sensação profunda de satisfação, ou a garantia de que fazíamos tudo

o que era possível para evitar outro assassinato. Quantos religiosos e religiosas devotados, para não falar de seus equivalentes civis, Sara, os Isaacsons e eu tivemos de entrevistar, e por quantas horas tediosas? Seria impossível dizer, e também não haveria nenhum sentido em revelar os números, mesmo que eu os conhecesse – pois nada descobrimos. Ao longo da semana seguinte, cada um de nós se obrigou a efetuar, muitas e muitas vezes, um procedimento similar: entrávamos na sede de alguma organização, onde a pergunta simples: se certo John Beecham, ou alguém com uma aparência e atitude parecidas, já havia trabalhado ali, era respondida com depoimentos longos e pomposos sobre seus louváveis funcionários e objetivos. Só depois os arquivos eram consultados, e chegava a resposta negativa firme, quando o desafortunado membro de nossa equipe podia por fim escapar do lugar.

Se pareço hostil ou cético ao recordar essa fase específica de nossa investigação, talvez seja por causa de uma constatação que me ocorreu no final da segunda semana de junho: que o único grupo de párias da cidade que não contava com sociedades de financiamento particular e títulos nobres dedicadas a sua ajuda e reforma era justamente o que corria agora tão grande perigo – o das crianças prostituídas. À medida que isso se tornou mais e mais patente para mim, não pude deixar de pensar em Jake Riis – um homem enaltecido nos círculos filantrópicos de Nova York – e em sua recusa categórica a admitir ou noticiar os fatos do assassinato de Georgio Santorelli. A miopia deliberada de Riis era partilhada por todas as autoridades com quem eu falava, um fato que me causava mais e mais irritação cada vez que o confrontava. Ao voltar quase me arrastando para nosso quartel-general, no número 808 da Broadway, no final da tarde de segunda-feira, eu me sentia tão enojado dos presunçosos hipócritas que constituíam a comunidade de caridade de Nova York que despejei um fluxo de imprecações um tanto violentas. Pensava que o lugar se achava vazio no momento em que entrei, e, por isso, voltei-me em choque quando ouvi a voz de Sara:

– Que linguagem adorável, John; mas, devo dizer que se ajusta muito bem

ao *meu* ânimo neste momento.

Ela fumava um cigarro e olhava alternadamente para o mapa de Manhattan e o quadro-negro.

– Estamos na pista errada – concluiu Sara, consternada, enquanto jogava a ponta de cigarro por uma janela aberta.

Arriei em um divã, soltando um gemido.

– Você é quem quer ser detetive, Sara. Deveria saber que poderíamos continuar assim por meses antes de descobrir qualquer coisa.

– E não dispomos de meses. Só temos até o *domingo*. – Ela continuou a olhar para o mapa e o quadro-negro, sacudindo a cabeça. – E não é apenas a monotonia que me faz sentir assim.

Sara inclinou a cabeça para o lado, tentando determinar o que se agitava em sua mente.

– Já lhe ocorreu, John, que nenhuma dessas organizações parece *saber* muita coisa sobre as pessoas que tentam ajudar?

Soergui-me, apoiado em um cotovelo.

– O que está querendo dizer com isso?

– Não tenho certeza. Apenas parece que elas não têm o menor conhecimento. O que não combina.

– Não combina com o quê?

– Com ele, Beecham. Pense no que ele faz. Insinua-se na vida dos garotos, convence-os a confiar nele... e não se esqueça de que são garotos muito desconfiados e céticos.

Pensei no mesmo instante em Joseph.

– Por fora, talvez. Por dentro, rezam por um amigo de verdade.

– Está certo – disse Sara, admitindo meu argumento. – E Beecham faz todas as coisas necessárias para estabelecer essa amizade. Como se soubesse do que os garotos precisam. Mas esse pessoal da caridade não tem nada dessa qualidade. É por isso que acho que estamos na pista errada.

– Sara, seja realista – falei, levantando-me e indo para junto dela. – Que tipo

de organização porta a porta que lida com muitas pessoas dispõe de tempo para descobrir essas informações pesso...

E, de repente, fiquei paralisado. Paralisado de verdade. Congelado. A verdade pura e simples, como recordei abruptamente, era que havia uma organização que se empenhava em descobrir o tipo de informação pessoal a que Sara se referia. Uma organização por cuja sede eu passara todos os dias durante a última semana, sem jamais fazer uma ligação – e uma organização cujas centenas de agentes eram bem conhecidos por circularem sobre os telhados.

– Mas, que diabos! – Exclamei.

– O que foi? – Indagou Sara, premente, percebendo que eu descobrira alguma coisa. – O que deu em você, John?

Desviei os olhos para o lado direito do quadro-negro, fixando-os nos nomes BENJAMIN e SOFIA ZWEIG.

– É claro – sussurrei. – O ano de 1892 pode ter sido um pouco tarde, mas é provável que ele os conhecesse em 1890. Ou talvez durante as revisões, já que os erros foram tão grandes.

– Afinal, John, do que está falando?

Peguei a mão de Sara.

– Que horas são?

– Quase seis. Por quê?

– Talvez ainda haja alguém lá. Vamos!

Puxei Sara na direção da porta sem dar mais explicações. Ela continuou a berrar perguntas e protestos, mas recusei-me a responder, enquanto descíamos pelo elevador e depois seguíamos pela Broadway até a 8th Street. Virei à esquerda, levei Sara para o número 135. Parei diante da porta da escada que levava ao segundo e ao terceiro andares do prédio e deixei escapar um suspiro de alívio ao verificar que ainda se achava aberta. Voltei-me para Sara e a descobri a olhar com um sorriso para a pequena placa de latão aparafusada na fachada do prédio, ao lado da porta:

AGÊNCIA DO CENSO DOS ESTADOS UNIDOS
CHARLES H. MURRAY, SUPERINTENDENTE

CAPÍTULO 39

Entramos em um mundo de fichas.

Os dois andares ocupados pela Agência do Censo eram revestidos de arquivos de madeira, do chão ao teto, bloqueando todas as janelas. Escadas móveis corriam sobre trilhos ao longo das paredes das quatro salas de cada andar, com uma mesa no meio de cada sala. Lâmpadas elétricas fortes, com copas de metal, pendiam do teto, projetando sua claridade intensa sobre os assoalhos de madeira exposta. Era um lugar sem nenhum tipo de impressão ou personalidade – um abrigo à altura, em suma, de estatísticas frias e inumanas.

A primeira mesa ocupada que Sara e eu encontramos ficava no terceiro andar. A ela sentava-se um jovem com uma pala de bancário e um terno barato, mas bem passado. O paletó pendia no encosto reto da cadeira. Protetores de punho cobriam a parte inferior das mangas de sua camisa branca engomada, de onde se projetavam mãos frias e pálidas, atacando uma pasta cheia de formulários.

– Com licença? – Murmurei, aproximando-me devagar da mesa.

O homem levantou os olhos, contrariado.

– O expediente já terminou.

– Sei disso – respondi sem hesitar, capaz de reconhecer um burocrata incorrigível quando o encontrava. – Se fosse um assunto oficial, eu viria em uma hora mais conveniente.

O homem me fitou de alto a baixo, e olhou para Sara.

– O que deseja?

– Somos da imprensa. Do *Times*, para ser mais preciso. Meu nome é Moore, e esta é a srta. Howard. O sr. Murray ainda está no escritório?

– O sr. Murray nunca vai embora antes das seis e meia.

– Ah, então ele ainda está aqui.

– Mas talvez não queira recebê-los – declarou o jovem. – Os membros da imprensa não nos ajudaram muito da última vez.

Pensei em sua declaração por um momento e perguntei:

– Refere-se a 1890?

– É claro – respondeu o jovem, como se todas as organizações do mundo operassem segundo uma programação de dez anos. – Até o *Times* fez alegações absurdas. Afinal, não podemos ser responsabilizados por todos os subornos e relatórios falsificados, não é mesmo?

– É evidente que não. O sr. Murray poderia...

– O superintendente Porter, nosso chefe nacional, teve de pedir demissão em 1893 – disse o homem, ainda me presenteando com um olhar injuriado e acusador. – Sabia disso?

– Para ser franco, sou um repórter policial.

Ele retirou os protetores de punhos. Seus olhos ardiam no centro da sombra projetada em seu rosto pela viseira. Acrescentou:

– Só menciono isso para mostrar que os principais problemas estavam em Washington, não aqui. Ninguém nesta agência precisou pedir demissão, sr. Moore.

– Desculpe-me – murmurei, sendo cada vez mais difícil manter a paciência –, mas estamos com pressa. Por isso, se puder me indicar onde o sr. Murray...

– Eu sou Charles Murray – anunciou o jovem, incisivo.

Sara e eu trocamos um olhar apressado, e deixei escapar um suspiro – talvez não muito político – ao compreender o que enfrentávamos ali.

– Entendo. Eu gostaria de saber, sr. Murray, se poderíamos examinar seus registros de funcionários, à procura de um homem que estamos tentando encontrar.

Murray fitou-me nos olhos.

– Identificação?

Entreguei-lhe alguns documentos, e ele os examinou a poucos centímetros dos olhos, como se verificasse notas de dinheiro falsas.

– Hum... Acho que está certo. Todo cuidado é pouco. Qualquer um pode entrar aqui e alegar que é jornalista. – Ele me devolveu os documentos, voltando-se para Sara. – Srta. Howard?

Sara empalideceu, enquanto tentava achar uma resposta.

– Lamento, sr. Murray, mas não tenho credenciais. Meu trabalho é de secretária.

Murray não se mostrou muito satisfeito com isso, mas balançou a cabeça e tornou a me fitar.

– Muito bem. O que deseja?

– O homem que procuramos chama-se John Beecham.

O nome não provocou mudança nenhuma na expressão impassível de Murray. Acrescentei:

– Ele tem mais de um metro e oitenta de altura, cabelos ralos e um pequeno tique facial.

– Pequeno? – Repetiu Murray, calmamente. – Se o que ele tem é um pequeno tique facial, sr. Moore, eu não gostaria de ver um *grande.*

Experimentei outra vez a sensação que me dominara no estábulo de Adam Dury: o calor intenso e exultante que acompanhara a compreensão de que estávamos na pista certa, e que ainda era quente. Lancei um olhar rápido para Sara, notando que sua primeira experiência com essa sensação era tão difícil de controlar quanto fora a minha.

– Quer dizer que conhece Beecham? – Indaguei com voz meio trêmula.

Murray balançou a cabeça.

– Para ser mais preciso, conhecia.

Um frio desapontamento se despejou sobre minha ardente sensação de triunfo.

– Ele não trabalha aqui?

– Trabalhava, mas o dispensei. Em dezembro último.

A esperança tornou a aflorar.

– Ah... E por quanto tempo ele trabalhou aqui?

– Beecham se meteu em alguma encrenca? – Perguntou Murray.

– É claro que não!

Só então compreendi que, em meu entusiasmo, eu não me dera o trabalho de forjar uma história plausível para minhas perguntas.

– Eu... o problema é com o irmão dele. Talvez esteja envolvido em uma... em um escândalo de especulação de terra. Pensei que o sr. Beecham poderia nos ajudar a localizá-lo, ou pelo menos fazer uma declaração.

– Irmão? Ele nunca mencionou um irmão.

Eu já ia responder a esse comentário com outra invenção, quando Murray continuou:

– Não que isso queira dizer alguma coisa. John Beecham nunca foi de falar muito. Eu nunca soube muita coisa a seu respeito, e nada sobre seus assuntos particulares. Foi sempre uma pessoa correta e respeitável, por isso achei tão extraordinário...

A voz de Murray definhou. Ele bateu com um dedo comprido e fino na cadeira por alguns segundos, enquanto tornava a fitar a Sara e a mim. Por fim se levantou, foi até uma das escadas móveis e a mandou para o outro lado da sala com um súbito e forte empurrão.

– Ele foi contratado na primavera de 1890 – informou Murray, enquanto seguia a escada e subia nela.

Ele puxou uma gaveta de madeira perto do teto, e examinou as fichas.

– Beecham solicitou um emprego de enumerador.

– Como?

– Enumerador – repetiu Murray, descendo da escada com um envelope grande na mão. – Os homens que fazem a contagem e entrevistas para o censo. Contratei novecentos em junho e julho de 1890. Duas semanas de trabalho, a vinte e cinco dólares por semana. Cada um deveria preencher um formulário.

Murray abriu o envelope, tirou um papel dobrado e o estendeu para mim.

– Aqui está o de Beecham.

Tentei disfarçar minha ansiedade e esquadrinhei o documento, enquanto Murray o resumia:

– Ele era bastante qualificado, justamente o tipo de homem que procuramos. Educação universitária, solteiro, boas referências; as melhores recomendações.

E seriam mesmo, refleti, enquanto examinava o documento, se fossem sequer remotamente legítimas. As informações diante de meus olhos representavam uma ladainha de mentiras, um conjunto impressionante de falsificações; isto é, desde que não existissem dois John Beecham com espasmos faciais crônicos vivendo nos Estados Unidos. (Especulei por um momento como o sistema de antropometria de Alphonse Bertillon calcularia essa possibilidade.) Sara olhava para o formulário por cima de meu ombro, e quando me voltei, ela acenou com a cabeça, como a indicar que também tirara a conclusão óbvia: que em 1890, assim como antes e depois daquele ano, Beecham aguçara seu talento para a fraude elaborada.

– Pode ver o endereço no alto do formulário – disse Murray. – Na ocasião em que o dispensei, ele ainda vivia no mesmo lugar.

No alto do formulário estava escrito, com uma letra que reconheci ser a mesma da mensagem que estudáramos semanas antes, “Bank Street, 23”, perto do centro de Greenwich Village.

– Isso é ótimo – murmurei. – Obrigado.

Um tanto perturbado pela persistência de nosso interesse no formulário, Murray arrancou-o de minhas mãos e tornou a guardá-lo no envelope.

– Mais alguma coisa? – Ele indagou.

– Mais? Ah, não, acho que não. Foi muito prestativo, sr. Murray.

– Nesse caso, boa noite – disse ele, tornando a se sentar e ajustando os protetores de punhos.

Sara e eu nos encaminhamos para a porta.

– Ah, sim – acrescentei, fazendo um esforço para dar a impressão de que se tratava de uma coisa que só nesse momento me ocorrera. – Disse que dispensou Beecham, sr. Murray. Posso perguntar por quê, se ele era tão qualificado?

– Não me envolvo em mexericos, sr. Moore – respondeu Murray friamente. – Além do mais, seu interesse é pelo irmão dele, não é mesmo?

Tentei outro caminho.

– Posso presumir que ele não fez nada de inconveniente enquanto trabalhava no 13º Distrito?

Murray soltou um grunhido.

– Se houvesse feito, eu o passaria de enumerador a escriturário e o manteria aqui por mais cinco anos – Murray fez uma pausa, levantando a cabeça abruptamente. – Espere um pouco. Como sabe que ele trabalhava no 13º Distrito?

Sorri.

– Isso não tem importância. Obrigado, sr. Murray, e boa noite.

Peguei Sara pelo pulso e descemos a escada apressados. Pude ouvir a cadeira de Murray sendo empurrada para trás, e então, ele apareceu na porta da escada.

– Sr. Moore! – Ele gritou, furioso. – Pare, senhor! Exijo que me diga como soube dessa informação! Sr. Moore...

Mas já estávamos na calçada. Continuei a segurar o pulso de Sara enquanto seguíamos para oeste, embora não houvesse mais necessidade de puxá-la – ela andava em um ritmo acelerado e exuberante, e ao chegarmos à 5th Avenue, já desatara a rir. Paramos, e enquanto esperávamos uma pausa no tráfego, Sara subitamente me enlaçou pelo pescoço.

– John! – Ela exclamou. – Ele é *real*, está *aqui*... Ah, Deus, sabemos onde ele *vive!*

Retribuí o abraço, mas havia certa cautela em minha voz.

– Sabemos onde ele *vivia*. Estamos em junho, ele foi dispensado em

dezembro. Seis meses sem emprego podem ter mudado muitas coisas. Sua capacidade de pagar aluguel em um bairro decente, por exemplo.

– Mas ele pode ter arrumado outro emprego – disse Sara, mas sua exultação diminuiu um pouco.

– Esperemos que sim – respondi, enquanto surgia uma abertura no tráfego a nossa frente. – Vamos embora.

– Mas, como? – Indagou Sara, enquanto atravessávamos a avenida. – Como se lembrou disso? E qual é a história do 13º Distrito?

Enquanto continuávamos a seguir para oeste, a caminho da Bank Street, expliquei minha linha de raciocínio. O censo de 1890, que eu recordava pelos relatos de amigos que haviam feito a cobertura, fora, de fato, a causa de um grande escândalo em Nova York (e na nação em geral), e fora realizado no verão e outono daquele ano. As causas principais do referido escândalo tinham sido – e não havia nada de surpreendente nisso – os líderes políticos da cidade, cujo poder podia ser afetado pelos resultados da contagem, e, por isso, tentaram interferir em todos os estágios do processo. Muitos dos novecentos homens que compareceram ao escritório de Charles Murray na 18th Street solicitando emprego de enumeradores em julho de 1890 eram agentes de Tammany Hall ou de Boss Platt, instruídos por seus superiores a manipular os resultados para garantir que os distritos eleitorais leais a seus respectivos partidos não fossem alterados, evitando, assim, uma perda de poder na política estadual e nacional. Às vezes isso implicava aumentar a contagem de determinado distrito, o que significava a fabricação de estatísticas vitais e antecedentes de cidadãos inexistentes. Pois os enumeradores, ao que parecia, eram mais que simples contadores: o trabalho exigia entrevistas minuciosas com uma parcela dos habitantes a fim de determinar não apenas quantos cidadãos a nação tinha, mas também que tipo de vida levavam. Essas entrevistas incluíam perguntas pessoais, que podiam, como um dos meus colegas do *Times* dissera em um artigo, “em outras circunstâncias, ser bastante impertinentes”. O fluxo de informações pessoais

que chegara ao gabinete do superintendente Murray, enviado por agentes democratas e republicanos, fora imaginativo e muitas vezes difícil de distinguir dos resultados reais. Esse comportamento não fora limitado a Nova York, como eu disse, mas essa cidade, como sempre, indicara a tendência para extremos quase absurdos. Em consequência, o trabalho de compilar o resultado final, em Washington, atrasara bastante. O diretor original do projeto (o superintendente Potter, mencionado por Murray) renunciara ao cargo em 1893, e o censo fora concluído por seu sucessor, C. D. Wright – mas não havia como determinar, mesmo nos dias de hoje, até que ponto o produto final era confiável.

Os enumeradores haviam sido distribuídos de acordo com os distritos eleitorais, que em Nova York equivaliam aos bairros. Minha pergunta a Murray sobre Beecham e o 13º Distrito, eu disse a Sara, fora um palpite; eu sabia que Benjamin e Sofia Zweig viviam naquele distrito e me baseava na teoria de que Beecham os conhecera enquanto trabalhava na área; talvez até mesmo houvesse entrevistado a família para o censo. Por sorte, meu palpite fora confirmado, embora ainda não soubéssemos por que Murray dispensara nosso homem.

– Não parece provável que Beecham estivesse envolvido na fabricação de resultados – comentou Sara, enquanto subíamos pela Greenwich Avenue, a caminho da Bank Street. – Ele não é do tipo que se mete em política. E, além do mais, o censo já havia sido concluído. Mas, se não for isso, o que é?

– Podemos mandar os Isaacsons voltarem lá amanhã. Murray parece o tipo de homem que responde a tudo diante de um distintivo. Mas, se me pedisse para determinar as chances agora, eu apostaria doze contra um como tem algo a ver com crianças. Talvez alguém tenha apresentado uma queixa... não necessariamente algo violento, mas, ainda assim, desagradável.

– É o que parece mais provável – concordou Sara. – Lembra-se do comentário de Murray quando disse que Beecham parecia muito respeitável? E que isso o levou a achar “extraordinário” o que aconteceu, seja lá o que

for?

– Tem toda a razão. Há alguma história desagradável por trás de tudo isso.

Chegamos à Bank Street e viramos à esquerda. Uma série de quarteirões típicos de Greenwich Village estendia-se a nossa frente; casas e árvores que iam até o rio Hudson, onde predominavam garagens de caminhões e armazéns. Os frontões e as cornijas das casas eram uma imagem de curiosa monotonia, mas nem por isso nossas esperanças deixaram de crescer enquanto percorríamos a distância. Ao chegarmos ao prédio, no entanto, surgiu o desapontamento.

Em um canto da janela da sala havia uma placa pequena, de bom gosto: ALUGA-SE QUARTO. Sara e eu trocamos um olhar desolado e subimos os degraus até a estreita porta da frente. Havia um pequeno cabo de latão, de uma sineta, no lado direito, e puxei-o. Em silêncio, Sara e eu esperamos por vários minutos; depois, ouvimos passos arrastados e uma voz de velha:

– Não, não, não. Vão embora, agora.

Era difícil determinar se a ordem se dirigia ou não a nós; mas, quando várias trancas da porta foram removidas ruidosamente, comecei a desconfiar que não era. A porta foi aberta e nos deparamos com uma velha enrugada, miúda, de cabeça branca, usando um vestido azul desbotado, em um estilo que remontava à década de 1870. Faltavam-lhe vários dentes, e pelos grossos e brancos se projetavam de vários pontos de seu queixo. Seus olhos eram vivos, embora não indicassem uma mente das mais lúcidas. Ela já ia nos dizer alguma coisa, quando um pequeno gato alaranjado surgiu a seus pés. A velha empurrou o animal de volta para dentro com o pé.

– Não, eu já disse! – Censurou a velha. – Essas pessoas nada têm a dizer a você... a nenhum de vocês!

Foi nesse instante que ouvi miados altos no interior da casa – pelos meus cálculos, obra de meia dúzia de gatos, no mínimo. A mulher levantou os olhos para mim, jovial.

– O que deseja? Veio perguntar pelo quarto?

A pergunta me deixou momentaneamente desorientado; por sorte, Sara interveio, apresentando-se, e depois a mim.

– O quarto, madame? – Continuou Sara depois das apresentações. – Não exatamente. Isto é, seu antigo ocupante, o sr. Beecham, se não me engano, mudou-se, não é mesmo?

– Ah, sim.

Outro gato apareceu à porta, cinza, listrado, e saiu para o alpendre. A velha gritou:

– Peter! Ah, sr. Moore, pode pegá-lo, por favor?

Abaixei-me, peguei o gato e cocei-lhe o queixo antes de devolvê-lo à mulher.

– Gatos! – Ela exclamou. – Ninguém imaginaria como eles são ansiosos para desaparecer!

Sara limpou a garganta.

– É verdade, senhora... Senhora?

– Piedmont – respondeu a mulher. – E só deixo entrar oito na casa. Os outros quinze são obrigados a ficar no quintal, ou logo me zango com eles.

– Posso compreender, sra. Piedmont – disse Sara. – Apenas oito; um número razoável.

A sra. Piedmont balançou a cabeça, satisfeita, e Sara acrescentou:

– Quanto ao sr. Beecham...

– Sr. Beecham? – Murmurou a velha. – Ah, sim. Muito educado. Muito prestativo. E nunca bebia. Não era muito fã de gatos. De fato, não era um homem dedicado a animais, mas...

– Por acaso ele deixou o endereço para onde foi? – Sara interrompeu.

– Não podia – explicou a sra. Piedmont. – Ele não sabia aonde iria. Talvez para o México, ou América do Sul. Ele disse que havia ali grandes oportunidades para homens de iniciativa.

A velha parou de falar, abrindo a porta mais um pouco.

– Desculpem-me. Entrem, por favor.

Revirei os olhos e passei pela porta, atrás de Sara, sabendo que cada fragmento de informação que pudéssemos extrair da simpática sra. Piedmont seria acompanhado por cinco ou dez minutos de conversa inútil. Meu entusiasmo arrefeceu ainda mais quando ela nos levou a uma sala de visitas bem decorada, mas envelhecida e empoeirada. Tudo ali, de cadeiras e divãs a uma grande coleção de quinquilharias vitorianas, parecia prestes a se desintegrar. Além disso, o odor inconfundível de urina e fezes de gato impregnava a casa inteira.

– Gatos! – Disse a sra. Piedmont, divertida, enquanto se sentava em uma cadeira de braços altos. – Companheiros maravilhosos, mas gostam de fugir. Desaparecem de mansinho, sem dizer nada!

– Sra. Piedmont – disse Sara, indulgente –, estamos ansiosos por encontrar o sr. Beecham. Somos velhos amigos dele, entende?

– Não podem ser – murmurou a sra. Piedmont, franzindo um pouco o cenho. – O sr. Beecham não tinha amigos. Foi o que ele mesmo disse. O que sempre dizia. “Viaja mais depressa quem viaja sozinho, sra. Piedmont”, dizia-me ele pela manhã, antes de sair para o escritório da companhia de navegação.

– Companhia de navegação? – Repeti. – Mas, com certeza...

Sara tocou minha mão para me silenciar, e sorriu quando vários gatos entraram na sala.

– É claro, a companhia de navegação – ela disse. – Um homem empreendedor.

– É verdade. Ei, lá está Lysander! – Disse a sra. Piedmont para um dos gatos, que não parava de miar. – Eu não o via desde sábado. Gatos! Eles desaparecem...

– Sra. Piedmont – interveio Sara, ainda demonstrando uma extraordinária paciência –, por quanto tempo o sr. Beecham morou aqui?

– Quanto tempo? – A velha ficou mastigando o dedo enquanto pensava. – Ora, quase três anos, no total. Nunca se queixou, sempre em dia com o

aluguel. – Fez uma pausa, franziu o cenho. – Mas era um homem meio sombrio. E jamais comia! Isto é, que eu visse. Sempre trabalhando, dia e noite. Mas devia comer em algum momento, não é mesmo?

Sara tornou a sorrir, balançando a cabeça.

– E sabe por que ele foi embora?

– Foi por causa da *falência.*

– Falência? – Murmurei, esperando por uma pista.

– De sua companhia de navegação. A grande tempestade ao largo da costa da China. Ah, aqueles pobres marujos! O sr. Beecham deu todo o dinheiro que lhe restava às famílias. – Ela ergueu a mão ossuda, adotando um tom confidencial. – Se encontrar uma gata malhada por aí, srta. Howard, trate de me avisar. Ela não apareceu no desjejum, e os gatos costumam desaparecer.

Por mais terrível que pudesse parecer, a essa altura eu sentia vontade de torcer o pescoço da sra. Piedmont e também de seus malditos gatos; mas Sara manteve a calma e perguntou, afável:

– Quer dizer que pediu ao sr. Beecham para ir embora?

– Devo dizer que não. Ele partiu por sua própria vontade. Disse que não tinha dinheiro para pagar o aluguel e não tencionava ficar onde não pudesse pagar seu sustento. Ofereci algumas semanas de graça, mas ele não aceitou. Lembro-me muito bem desse dia, uma semana antes do Natal. Foi mais ou menos na ocasião em que o pequeno Jib desapareceu.

Resmunguei baixinho, enquanto Sara indagava:

– Jib? Um gato?

– Isso mesmo – Confirmou a sra. Piedmont, sonhadora. – Simplesmente desapareceu. Sem dar notícias. Eles têm de cuidar de seus próprios problemas.

Corri os olhos pelo chão e notei que mais vários pupilos da sra. Piedmont haviam entrado na sala sem fazer barulho, e que um deles cuidava de seus próprios problemas em um canto escuro. Cutuquei Sara, indicando o segundo andar, impaciente.

– Será que poderíamos dar uma olhada no quarto? – Sara perguntou.

A sra. Piedmont voltou de seu devaneio com um sorriso e fitou-nos como se houvéssemos acabado de entrar.

– Então, é no quarto que estão interessados?

– Pode ser.

Isso desencadeou uma nova rodada de conversa, enquanto saíamos da sala e subíamos a escada, cujo velho papel de parede verde estava descascado e rasgado. O quarto alugado por Beecham ficava no terceiro andar, e subindo no ritmo da sra. Piedmont, levamos uma eternidade para alcançá-lo. Ao chegar lá, todos os oito gatos da casa haviam se agrupado em torno da porta e miavam sem parar. A sra. Piedmont destrancou a porta e entramos.

A primeira coisa que me ocorreu foi que os gatos não nos seguiram. Assim que a porta foi aberta, pararam de miar e se sentaram na soleira, parecendo por um momento preocupados, antes de descerem pela escada. Com a partida dos bichos, voltei-me para examinar o quarto e logo senti alguma coisa no ar: cheiro de decomposição. Não era nada como o fedor de dejetos felinos, nem combinava com os aromas familiares de velhice e antiguidade da sala de visitas. Era bem mais pungente. Um camundongo morto, ou algo assim, acabei concluindo; e quando Sara torceu o nariz, repugnada, percebi que ela também sentira. Não pensei mais a respeito no momento e concentrei minha atenção no quarto.

Eu não precisaria perder meu tempo. Estava vazio; tinha uma janela que dava para a Bank Street. O mobiliário se resumia a uma cama de baldaquino, um velho armário e uma cômoda, sobre a qual havia uma bacia e um jarro; afora isso, não havia mais nada ali.

– Assim como o encontrou, assim o deixou – comentou a sra. Piedmont. – O sr. Beecham era assim.

Sob a alegação de decidir se queríamos ou não alugar o quarto, Sara e eu revistamos o armário e a cômoda, sem encontrar o menor vestígio de atividade humana. Não havia nada nos três metros por seis do quarto que

indicasse já ter sido habitado por alguém, muito menos por uma alma torturada, que desconfiávamos haver liquidado pelo menos meia dúzia de crianças de uma maneira bizarra e brutal. E o cheiro persistente de decomposição no ar só reforçava essa conclusão. Sara e eu acabamos dizendo à sra. Piedmont que era, sem dúvida, um quartinho adorável, mas pequeno demais para nossas necessidades. E nos voltamos para descer.

Sara e a velha, outra vez falando sobre gatos, já haviam alcançado a escada quando notei uma coisa logo depois da porta do quarto de Beecham: umas poucas manchinhas no papel de parede listrado. A tonalidade era marrom, e tinha um padrão que indicava que a substância, qualquer que fosse – e podia muito bem ser sangue –, atingira a parede com certo impacto. Segui a trilha das manchas e cheguei à cama; ao verificar que a sra. Piedmont se encontrava fora de vista, levantei o colchão para dar uma olhada.

Um fedor me atingiu com uma tremenda força. Era idêntico ao que eu detectara ao entrar no quarto, apenas mais intenso, e me levou a fechar os olhos e tapar a boca, com vontade de vomitar. Já ia largar o colchão quando meus olhos tornaram a se abrir, só pelo tempo suficiente para divisar um pequeno esqueleto. Havia uma pelagem estendida sobre os ossos, embora em alguns pontos houvesse apodrecido, revelando os restos ressequidos de órgãos internos. Um cordão velho envolvia as quatro pernas do esqueleto, à altura das patas, e perto das pernas traseiras havia diversas secções de ossos articulados, quase como vértebras – um rabo, compreendi, cortado em pedaços. Tanto o colchão quanto o estrado abaixo exibiam manchas grandes, de uma cor que combinava com os salpicos na parede.

Larguei o colchão, fui para o corredor, tirei o lenço do bolso e enxuguei o rosto. Resisti a mais um impulso de vomitar, respirei fundo várias vezes. Parei por um momento no alto da escada, procurando determinar se tinha condições de descer.

– John? – Chamou Sara lá de baixo. – Não vai descer?

O primeiro lance de escada foi um pouco difícil, mas me saí melhor no

segundo; e quando alcancei a porta da frente da casa, onde a sra. Piedmont se postava no meio de seus gatos, segurando a mão de Sara, até consegui oferecer um sorriso. Agradeci à sra. Piedmont e tratei de sair para a noite sem nuvens, cujo ar parecia especialmente limpo depois do que eu respirara lá dentro.

Sara seguiu-me, ainda falando com a sra. Piedmont, e depois o mesmo gato cinza listrado saiu para o alpendre.

– Peter! – Gritou a sra. Piedmont. – Srta. Howard, poderia...

Sara já tinha o animal nos braços e entregou-o à velha, sorrindo.

– Gatos! – Exclamou a sra. Piedmont mais uma vez, para depois gritar mais despedidas e fechar a porta.

Sara desceu os degraus e se juntou a mim. Seu sorriso murchou ao estudar meu rosto.

– John? – Murmurou. – Você está muito pálido. O que aconteceu?

Ela parou e pegou meu braço.

– Descobriu alguma coisa lá em cima... o que foi?

– Jib – respondi, tornando a enxugar o rosto com o lenço.

Sara contraiu o rosto.

– Jib? O *gato?* Mas, do que está falando?

– Deixe-me explicar da seguinte maneira – respondi, pegando seu braço e começando a andar na direção da Broadway. – Independentemente do que a sra. Piedmont possa dizer, gatos *não* desaparecem simplesmente.

CAPÍTULO 40

Sara e eu voltamos ao número 808 da Broadway apenas uns poucos minutos antes dos Isaacsons, cujo ânimo, ao entrar, era pouco melhor que o nosso algumas horas antes. Relatamos aos sargentos detetives nossas aventuras naquela noite, enquanto Sara escrevia os detalhes dos encontros no quadro-negro. Tanto Lucius quanto Marcus se mostraram profundamente encorajados por termos conseguido descobrir pelo menos alguns dos movimentos de John Beecham, embora as visitas à Agência do Censo e à casa da sra. Piedmont tivessem nos deixado – à minha maneira de pensar, pelo menos – na mesma posição em que nos encontrávamos pela manhã: sem nenhuma ideia do lugar em que Beecham residia agora ou do que fazia.

– É verdade, John – admitiu Lucius –, mas sabemos muito mais sobre o que ele *não* está fazendo. Nossa ideia de que ele podia aproveitar o conhecimento que adquiriu por ter um reverendo como pai parece estar errada; e provavelmente há uma razão para isso.

– Talvez a amargura seja forte demais – sugeriu Marcus, avaliando a questão. – Talvez ele não possa aceitar o que o pai representava, nem mesmo para arranjar um emprego.

– Por causa da hipocrisia de sua família? – Indagou Sara, ainda escrevendo no quadro-negro.

– Isso mesmo – respondeu Marcus. – Toda a ideia de igreja e trabalho missionário pode o haver tornado instintivamente violento, e ele não é capaz de persistir porque não tem autoconfiança para manter as aparências.

– Ótimo – disse Lucius, balançando a cabeça. – Assim, ele pega o emprego na Agência do Censo, que não o põe em perigo de se revelar, de forma acidental ou não. Afinal, muitos homens que se empregaram como

enumeradores mentiram em seus formulários, sem que ninguém descobrisse.

– O emprego também satisfaz um grande anseio do homem – acrescentei. – Permite o acesso à casa das pessoas, e às crianças, que pode conhecer sem parecer interessado. O que acaba representando um problema para ele.

Marcus continuou:

– Porque, depois de algum tempo, ele começa a sentir impulsos que não pode controlar. Mas, como ficam os garotos? Ele não os conheceu em suas casas, pois não viviam com suas famílias. E, de qualquer maneira, Beecham já fora despedido àquela altura.

– Tem razão – concordei. – É uma questão em aberto. Mas, para onde quer que ele fosse depois da Agência do Censo, haveria de querer continuar a ter acesso à vida particular das pessoas. E talvez a visitar as famílias em suas casas a fim de pesquisar suas vítimas. Dessa maneira, mesmo que os meninos vivessem em casas de tolerância, ele poderia demonstrar simpatia e compaixão por suas situações específicas; o que seria um modo bastante eficaz de conquistar a confiança deles.

– E é esse o elemento que falta nos agentes de caridade que entrevistamos – comentou Sara, afastando-se do quadro-negro.

– Exatamente – murmurei, antes de ir abrir as janelas para deixar o ar noturno entrar em nosso quartel-general um pouco abafado.

– Mas, ainda não sei como isso nos ajuda a descobrir onde ele se encontra *agora* – disse Marcus. – Não quero parecer nervoso, amigos, mas só faltam *seis dias* para o próximo ataque.

Isso acarretou alguns minutos de silêncio, durante os quais nossos olhos desviaram-se para a pilha de fotografias na mesa de Marcus. Essa pilha cresceria, como todos nós sabíamos, se falhássemos. Por fim, Lucius falou, com uma voz sombria e determinada:

– Devemos ficar com o que temos aqui... seguir seu lado confiante e agressivo. Ele não demonstrou medo ou pânico em seu relacionamento com a Agência do Censo e com a sra. Piedmont. Inventou mentiras elaboradas e

viveu de acordo com elas por períodos prolongados, sem perder o controle. Não podemos saber se continuou a matar durante esse tempo ou se a demissão provocou uma nova onda de violência. Mas posso apostar que sua confiança ainda não se esgotou, mesmo que parte dele queira a captura. Vamos presumir isso, de qualquer maneira. Vamos presumir também que conseguiu arrumar outro emprego que lhe proporciona o que deseja: o uso dos telhados e uma maneira de circular entre a população dos cortiços, sem a obrigação de tentar ajudar. Alguma ideia?

Não foi fácil testemunhar a morte de um veio de pensamento criativo e da boa sorte, mas foi o que aconteceu conosco naquele momento. Talvez todos nós precisássemos nos distanciar do problema por umas poucas horas, ou talvez nos sentíssemos intimidados pela lembrança de que faltava menos de uma semana para o prazo fatal, literalmente; seja como for, mentes e bocas sofreram uma paralisia coletiva. É verdade que ainda tínhamos mais um trunfo a jogar na Agência do Censo: Marcus e Lucius visitariam Charles Murray na manhã seguinte e tentariam descobrir o que provocara a demissão de Beecham em dezembro. Afora isso, no entanto, foi difícil discernir quais deveriam ser nossos próximos passos; e foi com um ânimo de extrema incerteza que por fim encerramos aquele longo dia, às dez horas da noite.

Na entrevista com Murray, na terça-feira, os Isaacsons descobriram (como contaram a Sara e a mim ao voltarem ao número 808, no final da tarde) que Beecham fora despedido por dispensar uma atenção excessiva e desconcertante a uma criança: uma menina chamada Ellie Leshka, que vivia em um cortiço na Orchard Street, pouco depois da Canal. O endereço ficava no 13º Distrito, não muito longe do lugar em que as crianças Zweig outrora viviam; nada disso alterava o fato de que assediar uma menina que não era prostituta (se é que fora isso mesmo que Beecham fizera com Ellie Leshka) era uma atividade na qual ele não se empenhava desde o assassinato de Sofia Zweig, de acordo com tudo o que sabíamos. Marcus e Lucius esperavam esclarecer o assunto com uma visita à jovem Ellie e seus pais, mas a sorte

quis que a família tivesse deixado Nova York pouco antes – e ido logo para Chicago.

Segundo Murray, os Leshka não haviam falado em violência ao apresentar queixa contra Beecham. Aparentemente, ele nunca ameaçara Ellie – ao contrário, fora até muito gentil. A menina, porém, acabara de completar doze anos, e o pai e a mãe sentiam uma preocupação compreensível pelo fato de a filha passar tanto tempo em companhia de um homem desconhecido e solitário, muito mais velho. Charles Murray informou aos Isaacsons que não teria necessariamente despedido Beecham só por isso. Fizera-o porque Beecham obtivera acesso à casa dos Leshka dizendo que era um agente do Censo, sendo que a família não fora selecionada para uma entrevista. A experiência de Murray o tornava determinado a evitar qualquer coisa que sequer cheirasse a escândalo.

Sara ressaltou que, além de Ellie Leshka ser uma menina de boa reputação, havia outro aspecto insólito em seu caso: ela sobrevivera à relação com Beecham. Nessas circunstâncias, Sara achava que era possível que Beecham nunca tencionasse matá-la. Talvez fosse um exemplo de uma tentativa genuína de sua parte de estabelecer um relacionamento com outro ser humano; se assim fosse, era a primeira vez em sua vida adulta, pelo que sabíamos, salvo por seu comportamento furtivo nos orfanatos de Chicago. Também era possível que a insistência dos Leshka em mantê-lo afastado de sua filha, e mais a partida abrupta da família, tivessem contribuído para a ira de Beecham; mais uma vez, tivemos de lembrar que os recentes assassinatos de garotos prostitutos haviam começado logo depois dos eventos de dezembro.

Foram essas todas as informações e especulações que conseguimos extrair da ligação com a Agência do Censo. Concluímos o processo por volta das cinco e meia da terça-feira, e depois, Sara e eu apresentamos aos Isaacsons os resultados de nosso trabalho do dia: uma curta lista de ocupações que achávamos que poderiam ter atraído Beecham depois de sua dispensa.

Levando em consideração todos os fatores que julgávamos confiáveis – o ressentimento de Beecham contra os imigrantes, a aparente incapacidade de se relacionar com as pessoas (ou pelo menos com adultos), a necessidade de estar nos telhados e a hostilidade para com organizações religiosas de qualquer tipo –, Sara e eu reduzíramos a relação inicial de possibilidades a duas áreas básicas de emprego: a cobrança de contas e a entrega de intimações. Eram atividades seculares que não apenas manteriam Beecham nos telhados (as portas da frente costumavam ficar trancadas para esses personagens indesejáveis), mas também lhe proporcionariam certa sensação de poder – e controle. Ao mesmo tempo, esses empregos lhe dariam um aceso contínuo a informações privadas sobre muitas pessoas, assim como um motivo para procurá-las em suas casas. Por último, no final da tarde Sara lembrara uma coisa que parecia confirmar nossa especulação: ao ser internado no Hospital St. Elizabeth, Beecham falara sobre a necessidade que a sociedade tinha de leis, e de homens para impor seu cumprimento. Os devedores e as pessoas envolvidas em atividades ilegais (mesmo que de forma tangencial) despertariam certamente seu desprezo, e a perspectiva de acossá-los provavelmente o atrairia.

Marcus e Lucius concordaram com o nosso raciocínio, embora soubessem, tanto quanto Sara e eu, que acarretaria uma nova rodada de andanças. Entretanto, havia motivos para acalentarmos certa esperança: a lista de órgãos oficiais e agências de cobrança que empregavam pessoas do tipo que descreveríamos seria muito mais acessível que a longa relação de organizações de caridade que já investigáramos. Sabendo que secretárias da Polícia – como Sara – e repórteres – como eu – jamais conseguiriam arrancar informações de qualquer entidade oficial, os Isaacsons assumiram a tarefa de investir contra essas burocracias. Sara e eu, em contrapartida, dividimos uma lista de agências de cobrança particulares, outra vez focando as que atuavam no Lower East Side e Greenwich Village em geral, e no 13º Distrito em particular. E na manhã de quarta-feira, todos tornamos a sair às ruas.

Se investigar as organizações de caridade da cidade fora uma missão que despertara nossa fúria moral, enfrentar os chefes das agências de cobrança mostrou ser uma atividade fisicamente intimidadora. Estabelecidas, de modo geral, em escritórios pequenos e sujos, nos últimos andares dos prédios, essas agências eram quase sempre comandadas por homens que haviam tido experiências infelizes em alguma área vagamente relacionada – trabalho policial e judicial, vigarices diversas, e até mesmo caça a recompensas. Não eram uma espécie que deixasse escapar informações com facilidade, e a mera promessa de recompensa fazia-os abrir a boca. Com bastante frequência, essas "recompensas" eram exigidas de antemão e retribuídas com informações obviamente falsas ou de uma utilidade para nossa investigação que só o autor podia adivinhar.

Mais uma vez, o trabalho árduo e enfadonho consumiu horas (e, na manhã de quinta-feira, dava a impressão de que consumiria dias inteiros), sem produzir resultados. Como os Isaacsons descobriram, a cidade mantinha registros meticulosos dos homens que empregava para entregar intimações, mas nenhum John Beecham constava dos arquivos que examinaram nas primeiras vinte e quatro horas. O dia e meio de trabalho de Sara com as agências de cobrança em nada resultara, a não ser cantadas vulgares; quanto a mim, a tarde de quinta-feira me encontrou de volta ao nosso quartel-general, concluída a lista das agências que eu deveria investigar, desorientado, sem ter a menor ideia do que fazer em seguida. Sozinho, olhando pela janela do número 808 na direção do rio Hudson, fui de novo dominado pela familiar sensação de medo, o que me dizia que não estaríamos preparados quando chegasse o momento. A noite de domingo chegaria e Beecham, agora ciente de que estaríamos vigiando as casas de tolerância que ofereciam garotos prostitutos, escolheria uma vítima de um novo local, seguiria para algum lugar desconhecido, e mais uma vez cumpriria seu macabro ritual. Tudo de que precisávamos, pensei, era um endereço, uma ocupação, qualquer coisa que nos permitisse localizá-lo a fim de poder interferir no momento crucial

para acabar com seu barbarismo e sofrimento, com o tormento implacável que o compelia a agir. Era estranho, depois de tudo que eu testemunhara, ainda pensar no tormento dele. Todavia, o sentimento existia, e era uma decorrência da compreensão do contexto de sua vida que o levara àquela situação: entre os muitos objetivos que Kreizler delineara no início da investigação, pelo menos alcançáramos esse...

Fui atraído de volta ao trabalho imediato pelo som do telefone. Ao atender, ouvi a voz de Sara.

– John? O que está fazendo?

– Nada. Acabei minha lista, e não tenho mais aonde ir.

– Pois então venha ao número 967 da Broadway. Segundo andar. Depressa.

– Nove-meia-sete... fica depois da 20th Street.

– Isso mesmo. Entre a 22th e a 23th, para ser mais precisa.

– Mas, está fora de nossa área.

– Tem razão. Às vezes eu também não faço minhas orações à noite. – Ela soltou um suspiro. – Fomos muito estúpidos... deveria ser óbvio. *Venha logo!*

Sara desligou antes que eu pudesse responder. Peguei o paletó, vesti-o e escrevi um bilhete para os Isaacsons, para o caso de voltarem antes de nós. Eu já ia sair quando o telefone tornou a tocar. Voltei para atender e ouvi a voz de Joseph:

– Sr. Moore?

– Joseph? O que aconteceu?

– Nada, mas – seu tom era de perplexidade. – Tem certeza sobre as coisas que me disse? Isto é, sobre o homem que está procurando?

– Tanta certeza quanta se pode ter sobre qualquer coisa nesse assunto. Por quê?

– É que... encontrei um amigo meu ontem à noite; ele trabalha na rua, não está vinculado a nenhuma casa, e disse uma coisa que me fez lembrar do que me falou.

Por mais pressa que eu tivesse, encontrei tempo para me sentar e pegar um

lápis e papel.

– Continue, Joseph.

– Ele disse que um homem prometeu aquilo que o senhor me havia falado: levá-lo embora, e tal. Disse que ele moraria em um grande... não sei direito... um grande castelo, de onde poderia ver toda a cidade e rir de todas as pessoas que já lhe haviam feito alguma coisa errada. Por isso eu me lembrei do que o senhor me disse, e perguntei se o homem tinha alguma coisa errada no rosto. Meu amigo disse que não. Tem certeza dessa coisa no rosto?

– Tenho, sim. Neste momento...

– Ah, não! – Interrompeu Joseph. – Scotch Ann está gritando. Parece que tenho um freguês. Preciso desligar.

– Espere um instante, Joseph. Diga-me apenas...

– Desculpe-me, mas não posso falar mais. Podemos nos encontrar? Talvez esta noite, mais tarde.

Minha vontade era pressioná-lo para obter mais informações, mas eu conhecia sua situação, por isso não o fiz.

– Está certo. O mesmo lugar. Às dez horas?

– Combinado. – Ele parecia feliz. – Até lá.

Desliguei e saí em disparada de nosso quartel-general.

Pulei na traseira de um bonde que passava pela frente do número 808 e cobri o percurso até a 22th Street em poucos minutos. Ao saltar para a calçada de pedras que margeava os trilhos naquele trecho da avenida, olhei para um grupo triangular de prédios, cobertos por enormes cartazes publicitários, anunciando tudo, de dentista sem dor a óculos e passagens de navio. Espremido entre os cartazes, pintado nas janelas do segundo andar do número 967, havia um grupo de letras douradas, de bom gosto (e por isso distinto): MITCHELL HARPER, COBRANÇA DE CONTAS. Esperei uma brecha no tráfego, atravessei a avenida e me encaminhei para o prédio.

Encontrei Sara em conversa particular com o sr. Harper, em uma salinha. Nem o homem nem a sala combinavam com o letreiro dourado nas janelas.

Se o sr. Harper utilizava um serviço de faxina, não dava para perceber, pela fuligem que cobria os poucos móveis do escritório. Suas roupas ordinárias e seu enorme charuto só eram superados por seu rosto barbudo e seus cabelos desgrenhados. Sara nos apresentou, mas Harper não estendeu a mão.

– Leio muito sobre Medicina, sr. Moore – explicou ele com voz áspera, enganchando os polegares em seu colete sujo. – Micróbios, senhor! Os micróbios são responsáveis pelas doenças e transmitidos pelo contato!

Por um instante, pensei em dizer ao homem que um banho poderia dar algum motivo para os micróbios se preocuparem; mas me limitei a balançar a cabeça e me voltei para Sara, indagando com minha expressão por que ela me obrigara a ir a um lugar como aquele.

– Deveríamos ter pensado nisso logo no começo – ela sussurrou, para depois acrescentar, erguendo a voz: – O sr. Harper foi contratado pelo sr. Lanford Stern, da Washington Street, em fevereiro, para cobrar algumas dívidas atrasadas.

Ao perceber que isso nada despertava em minha memória, Sara explicou, em tom confidencial:

– O sr. Stern, como deve recordar, possui alguns prédios na área de Washington Market. Um de seus inquilinos é certo sr. Ghazi.

– Mas é claro! – Exclamei. – Por que não disse logo...

Sara me deteve com um toque em meu braço, obviamente não querendo que Harper soubesse da verdadeira natureza de nosso interesse.

– Estive com o sr. Stern esta manhã – ela disse, incisiva.

Por fim compreendi por que deveríamos ter pensado em voltar ao sr. Stern no início dessa fase de nossa busca: o velho Ghazi estava com o aluguel atrasado havia vários meses na ocasião da morte do filho. Sara continuou:

– Falei sobre o homem que estamos procurando, aquele que achamos que trabalha como cobrador, e cujo irmão morreu e lhe deixou uma fortuna.

Balancei a cabeça e sorri ao ver que Sara desenvolvia seu talento pessoal para falsidades improvisadas.

– É claro, claro...

– O sr. Stern me informou que todos os seus aluguéis atrasados eram encaminhados ao sr. Harper – acrescentou Sara. – E...

– E como eu disse à srta. Howard – interveio Harper –, se há uma herança envolvida, quero saber qual será minha parte antes de revelar mais alguma coisa.

Fitei o homem; aquilo seria uma brincadeira de criança.

– Sr. Harper, sinto-me confiante em afirmar que se puder nos informar o paradeiro do sr. Beecham, pode contar com uma generosa porcentagem. São os honorários do descobridor, como se diz. Cinco por cento?

O charuto todo babado de Harper quase caiu de sua boca.

– Cinco por... puxa, mas isso é mesmo generoso, senhor! Cinco por cento!

– Cinco por cento de toda a herança. Tem a minha palavra. Mas, diga-me, sabe onde está o sr. Beecham?

O homem se mostrou inseguro por um instante.

– Bem... isto é, sei *mais ou menos, sr.* Moore. Sei onde se pode encontrá-lo... pelo menos quando ele tem sede.

Lancei-lhe um olhar duro.

– Posso levá-lo até lá, juro por Deus! É uma pequena espelunca que vende cerveja, lá na Mulberry Bend, onde o conheci. Gostaria de poder lhe dizer para esperá-lo aqui, mas a verdade é que tive de dispensá-lo há cerca de duas semanas.

– Dispensou-o? Por quê?

– Sou um homem respeitável, e este é um negócio respeitável. Mas... ora, senhor, a verdade é que, de vez em quando, devemos usar um pouco de força. É um trabalho de persuasão. Quem vai pagar suas contas sem um pouco de persuasão? Contratei Beecham porque ele era um sujeito grandalhão e forte. E ele me disse que podia se dar bem em uma briga. E o que ele faz? Conversa com as pessoas. É só isso, conversa e conversa, não faz mais nada. É uma merda, senhor... Ah, desculpe, senhorita! Mas não se consegue arrancar

dinheiro de ninguém só com conversa. Muito menos dos imigrantes. Se dermos uma chance, eles falam e falam até a sepultura. O tal de Ghazi foi um bom exemplo. Mandei Beecham a sua casa três vezes, e ele nunca conseguiu arrancar nem um único centavo do homem.

Harper queria nos contar mais coisas, mas não precisávamos ouvi-las. Depois de lhe pedir que escrevesse o endereço da cervejaria que mencionara, Sara e eu informamos que verificaríamos a pista naquela mesma noite, e que se levasse mesmo a Beecham, ele poderia contar com seu dinheiro muito em breve. Ironicamente, aquele homenzinho ganancioso nos fornecera a primeira informação gratuita em dois dias – e a única que estava fadada a representar alguma coisa.

CAPÍTULO 41

Ao sairmos do prédio de Harper, esbarramos com os Isaacsons, que haviam encontrado meu bilhete. Fomos para o Brübacher's Wine Garden e analisamos o que o cobrador de contas dissera. Depois, formulamos um plano para a noite. Nossas opções eram bastante claras: se localizássemos Beecham, não o confrontaríamos; em vez disso, telefonaríamos para Theodore e pediríamos que enviasse vários detetives – homens cujo rosto seria desconhecido para Beecham –, que passariam a segui-lo. Havia uma alternativa: se conseguíssemos descobrir onde Beecham morava, e por algum motivo ele não estivesse ali, revistaríamos o lugar à procura de provas que pudessem permitir uma prisão imediata. Isso acertado, esvaziamos nossos copos, e por volta das oito e meia pegamos um bonde, iniciando nossa expedição a Five Points.

O efeito desse bairro lendário sempre foi difícil de descrever para os não iniciados. Mesmo em uma aprazível noite de primavera como aquela quinta-feira, o lugar exalava uma sensação profunda de ameaça mortal; contudo, nem sempre essa ameaça era exibida de forma ostensiva ou agressiva, como ocorria em algumas outras partes sinistras da cidade. Em Tenderloin, por exemplo, prevalecia um clima geral de embriaguez, desafiadora, tornando uma rotina as confrontações com os arruaceiros bêbados empenhados em demonstrar suas proezas. Entretanto, em geral, não passavam de manifestações ruidosas, e um assassinato em Tenderloin era ainda um evento digno de nota. Five Points era completamente diferente. Havia gritos e tumultos por lá, é verdade; mas tendiam a sair dos prédios, ou, se ocorriam nas ruas, eram logo abafados. Para ser mais objetivo, creio que a coisa mais desconcertante na área em torno de Mulberry Bend (os poucos quarteirões de

Bend estavam sendo demolidos nessa ocasião, graças à campanha incansável de Jake Riis) era o nível surpreendentemente reduzido de atividade externa. Os moradores do bairro passavam a maior parte do tempo espremidos nos miseráveis barracos e cortiços que margeavam as ruas, ou, com mais frequência, atulhados nas espeluncas que ocupavam o porão ou o andar térreo de muitos daqueles prédios sórdidos. A morte e o desespero realizavam seu trabalho sem alarde por ali, e era muito trabalho: só andar por aquelas ruas desertas e decrépitas era suficiente para fazer que a alma mais exultante especulasse sobre o supremo valor da vida humana.

Percebi que era isso que Lucius fazia ao alcançarmos o endereço que Harper nos fornecera, o número 119 da Baxter Street. Uns poucos degraus de pedra, sujos, cobertos de urina, ao lado da entrada do prédio, desciam para uma porta que, a julgar pelas risadas e pelos resmungos que soavam do outro lado, devia ser a espelunca que Beecham frequentava. Voltei-me para Lucius e o descobri a esquadrinhar, ansioso, as ruas escuras ao nosso redor.

– Lucius, você e Sara ficam aqui – murmurei. – Precisaremos dos dois para vigiar.

Ele balançou a cabeça, tirou o lenço do bolso e pôs-se a enxugar a testa.

– Ótimo. Quero dizer, está bem.

– E se houver algum problema, *não* mostre seu distintivo – acrescentei. – Por aqui, serviria apenas como um convite ao assassinato.

Antes de Marcus e eu nos encaminharmos aos degraus, fitei Lucius mais uma vez e depois sussurrei no ouvido de Sara:

– Cuide dele, está bem?

Sara sorriu; e embora desse para perceber que ela também se sentia apreensiva, eu sabia que sua mira permaneceria firme, independentemente do que acontecesse. Marcus e eu entramos.

Não sei exatamente como eram as cavernas que os homens pré-históricos habitavam, mas as espeluncas medianas de Five Points não podiam representar um grande progresso – e aquela em que entramos naquela noite

devia estar abaixo da média. A altura do chão imundo ao teto era de pouco mais de dois metros, uma vez que o lugar fora originalmente projetado como um porão para a loja acima. Não havia janelas: a iluminação era proporcionada por quatro lampiões a querosene, pendurados acima de uma quantidade igual de mesas baixas e compridas. A essas mesas viam-se fregueses sentados ou dormindo, e as diferenças de idade, sexo e vestimenta eram mais que superadas pela aparência de demência alcoólica comum a todos. Havia cerca de vinte pessoas ali naquela noite, mas apenas três – dois homens e uma mulher, a qual gemia e cacarejava diante das palavras incompreensíveis de seus companheiros – apresentavam sinais autênticos de vida. Eles nos examinaram com expressões de ódio quando entramos. Marcus inclinou a cabeça para mim e sussurrou:

– Acho que o segredo aqui é se mexer devagar.

Balancei a cabeça e fomos para o "bar" – uma tábua apoiada sobre dois barris, do outro lado da sala. No mesmo instante, dois copos com substâncias repugnantes foram postos a nossa frente. A cerveja era uma mistura horrível dos restos recolhidos de dezenas de barris de casas só um pouco mais respeitáveis. Paguei os drinques, mas não fiz nenhuma menção de pegar o meu, enquanto Marcus empurrava seu copo para o lado.

O atendente diante de nós tinha pouco mais de um metro e meio de altura, cabelos castanho-amarelados, um bigode da mesma cor e uma expressão típica de ressentimento um tanto ensandecido.

– Não querem os drinques? – Perguntou.

Sacudi a cabeça.

– Informações. Sobre um freguês.

– Vá se foder – resmungou o homem. – Caia fora.

Tirei mais dinheiro do bolso.

– Só umas poucas perguntas.

O homem olhou ao redor, nervoso. Constatou que o trio de fregueses relativamente *compos mentis* não mais nos observava e embolsou o dinheiro.

– O que quer saber?

Enunciei o nome Beecham e não obtive reação nenhuma; mas, quando descrevi um homem alto, com uma contração facial, percebi pelo aumento do brilho nos olhos doentios do homem que nosso amigo Mitchell Harper jogara limpo conosco.

– Um quarteirão acima – murmurou o atendente. – Número 155. Último andar. Nos fundos.

Marcus fitou-me, em dúvida, e o atendente notou.

– Eu o vi pessoalmente! – Ele insistiu. – Você é da família da garota?

– Garota?

O atendente balançou a cabeça.

– Há uma garota lá em cima. A mãe pensou que ela havia sido sequestrada. Só que ele não a machucou; mas quase matou um sujeito que a mencionou aqui.

Avaliei a informação.

– Ele bebe muito?

– Não bebia. Nunca entendi o que ele fazia aqui quando apareceu pela primeira vez. Mas, agora, anda bebendo mais.

Olhei para Marcus, que me fez um rápido gesto com a cabeça. Deixei mais algum dinheiro no bar e nos voltamos para ir embora. No entanto, o atendente me agarrou pelo braço.

– Vocês não ouviram nada de mim. É perigoso irritar o homem. – Ele exibiu vários dentes amarelados e cinzentos. – A lâmina que ele carrega não é de brincadeira.

Marcus e eu recomeçamos a nos afastar, deixando o atendente a esvaziar os dois copos de cerveja choca que nos servira. Mais uma vez, tivemos todo o cuidado ao passar pelos corpos quase mortos às mesas. Perto da porta, um homem se voltou e começou a urinar no chão, alheio a nossa passagem; mas não parecia haver nada pessoal no ato.

Ao passar por cima da poça de urina, Marcus murmurou:

– Então, Beecham anda bebendo.

– É verdade – respondi, abrindo a porta da frente. – Lembro-me de Kreizler comentar que o homem poderia estar entrando em uma fase autodestrutiva final. E quem bebe em uma espelunca como esta faz isso, sem a menor dúvida.

Saímos para encontrar Sara e Lucius na mesma ansiedade com que os deixáramos.

– Vamos embora – murmurei, seguindo para o norte. – Temos um endereço.

O número 155 da Baxter Street era um típico cortiço de Nova York. Em qualquer outro bairro, mulheres e crianças às janelas naquela noite amena estariam rindo, cantando ou, no mínimo, gritando umas com as outras. Ali, apenas se sentavam com a cabeça nas mãos. As mais jovens pareciam tão vividas e cansadas quanto as mais velhas, e ninguém demonstrava o menor interesse pelo que ocorria na rua. Um homem que situei em torno dos trinta anos estava sentado no alpendre, balançando um cassetete que parecia ser da Polícia. Não foi difícil adivinhar, depois de um rápido vislumbre de suas feições deformadas por um golpe e de seu sorriso sinistro, como ele se apoderara do troféu. Subi os degraus, e a ponta do cassetete cutucou meu peito com força suficiente para me obrigar a parar.

– Qual é o negócio? – Perguntou o homem de cara torta, com um bafo de álcool misturado com cânfora.

– Viemos procurar um morador – respondi.

O homem riu.

– Não brinque comigo. Negócio?

Fiz uma pausa antes de responder:

– Quem é você, afinal?

O riso morreu.

– Eu sou quem toma conta do prédio para o senhorio. Por isso, não brinque comigo, se não quiser experimentar isto aqui.

Ele falava com uma voz arrastada, ao melhor estilo do Bowery, havia muito

imortalizado pelos rufiões – e, por isso, difícil de ser levado a sério. Ainda assim, não me agradou a aparência do cassetete e tornei a tirar a carteira do bolso.

– Último andar – anunciei, estendendo um pouco de dinheiro. – Nos fundos. Alguém em casa?

O sorriso do homem reapareceu.

– Ah! – Ele recolheu o dinheiro. – Está falando...

Subitamente, o homem começou a piscar e a contorcer de forma cômica a parte direita do queixo, face e olho. Talvez insatisfeito com os resultados da *performance*, ele aumentou o efeito, puxando a cabeça com as duas mãos. Feliz com esse esforço adicional, ele soltou uma gargalhada.

– Não, ele não está. Nunca fica aqui à noite. Durante o dia, às vezes, mas não à noite. Pode dar uma olhada no telhado, talvez o encontre lá em cima. O garoto gosta lá de cima.

– E o apartamento? – Indaguei. – Poderíamos esperar por ele lá.

– Deve estar trancado. – O sujeito sorriu, e lhe dei mais dinheiro. – Talvez não esteja.

Ele se encaminhou para a porta do prédio.

– É da Polícia?

– Não estou pagando para você me fazer perguntas.

O homem soltou um grunhido que quase parecia de consideração e balançou a cabeça.

– Está bem. Venham comigo; mas não façam barulho, certo?

Seguimos o homem para dentro do prédio. A escada comprida e escura recendia a lixo e dejetos humanos, como sempre. Parei na base, a fim de deixar Sara passar na frente.

– A um mundo de distância da casa da sra. Piedmont – ela sussurrou.

Subimos os seis lances de escada sem nenhum incidente, e então, nosso guia bateu em uma das quatro portas do patamar. Não houve resposta, e ele ergueu um dedo.

– Esperem aqui um minuto.

O homem subiu o último lance de escada, até o telhado. Voltou em poucos segundos, parecendo mais relaxado.

– Tudo limpo – anunciou, tirando um molho de chaves do bolso de trás da calça e destrancando a porta em que batera. – Eu tinha de verificar se ele não estava por perto. É meio melindroso, o velho...

Em vez de dizer um nome, o homem se pôs a contorcer o rosto de novo, o que lhe provocou outro acesso de riso. Entramos no apartamento.

Havia um lampião a querosene em uma prateleira, ao lado da porta. Tratei de acendê-lo. O espaço que pouco a pouco se tornava visível era essencialmente um corredor estreito, talvez com dez metros de extensão, no meio do qual fora instalado um pequeno tabique, com uma porta e uma trave acima. Duas fendas recém-abertas nas paredes laterais eram as únicas conexões do apartamento com o mundo exterior, oferecendo vistas limitadas e desoladas de poços de ventilação estreitos e fendas similares nas paredes dos apartamentos vizinhos. Havia um pequeno fogão encostado no tabique, mas, aparentemente, nenhuma instalação sanitária afora um balde enferrujado. Da porta da frente, só dava para ver uns poucos móveis: uma escrivaninha simples e uma cadeira daquele lado do tabique, e do outro, o pé de uma cama. Camadas grossas de uma tinta ordinária se descascavam nas paredes, revelando umas às outras e criando a impressão geral de uma enorme mancha marrom, como a que se pode encontrar no fundo de uma cômoda.

Era ali que vivia o ser que fora outrora Japheth Dury, agora o assassino John Beecham; e dentro daquele buraco mínimo, deveria haver pistas, por mais difícil que fosse encontrá-las. Sem falar, indiquei o outro lado do apartamento para os Isaacsons; eles acenaram com a cabeça e passaram além do tabique. Sara e eu demos um passo hesitante na direção da escrivaninha, enquanto nosso guia permanecia na porta, alerta.

Toda nossa busca não poderia demorar mais que cinco minutos, de tão

pequeno e pouco mobiliado que era o apartamento. A velha escrivaninha tinha três gavetas, que Sara se pôs a revistar na semiescuridão, para não perder nada. Por cima da escrivaninha, pregado na parede, havia um mapa. Apoiei-me na mesa e me inclinei para examiná-lo, e notei uma sensação peculiar sob minhas mãos. Levantei-as e descobri que no tampo da mesa havia sido profundamente esculpida uma série de sulcos monótonos, sem nenhum adorno. Tornei a baixar as mãos, olhando para o mapa. Reconheci os contornos de Manhattan, mas as marcas ali desenhadas me eram estranhas: uma série de linhas retas, cruzadas, com números e símbolos arcanos inscritos em diversos pontos. Eu já ia estender a cabeça mais um pouco quando Sara disse:

– Aqui, John.

Vi-a remover uma caixinha de madeira da gaveta do fundo. Sara pôs a caixa no tampo da mesa cheia de sulcos, um tanto apreensiva, e recuou em seguida.

Fixado na tampa havia um velho daguerreótipo, muito parecido em estilo e composição com a obra da Guerra Civil do eminente fotógrafo Mathew Brady. Com base na condição envelhecida e amassada da foto, calculei que devia ser da mesma época da obra de Brady. Era a imagem de um homem branco morto: escalpelado, eviscerado e emasculado, com flechas se projetando de seus braços e pernas. Seus olhos haviam sido removidos. Não havia sinais de identificação, mas não restava a menor dúvida de que era uma das criações do reverendo Victor Dury.

A caixa em que o daguerreótipo fora afixado era bem vedada, mas um cheiro emanava do interior – o mesmo tipo de cheiro que impregnava o quarto de Beecham na casa da sra. Piedmont: carne animal apodrecida. Senti um frio no coração ao pôr a mão na caixa, mas, antes que pudesse abri-la, ouvi a voz de Marcus:

– Ah, não! Por Deus, *como*...

Houve um barulho, e Marcus cambaleou até o lugar onde Sara e eu nos encontrávamos. Mesmo à luz do lampião, pude perceber que ele estava muito

pálido – uma condição surpreendente, uma vez que eu o observara examinar calmamente fotografias que teriam embrulhado o estômago da maioria das pessoas. Lucius o seguiu alguns segundos depois, carregando alguma coisa nos braços.

– John! – Ele chamou com voz baixa e urgente. – John, é a prova! Ah, Deus, acho que temos agora uma investigação de homicídio pura e simples!

– Mas, que merda! – Exclamou o homem à porta. – Quer dizer que vocês são mesmo da Polícia?

Sem responder, risquei um fósforo e o levantei, aproximando-me de Lucius. No instante em que foquei o objeto em seus braços, Sara soltou um grito, levou a mão à boca e se voltou.

Lucius segurava um enorme jarro de vidro. Dentro, preservados em uma substância que eu só poderia supor ser formol, havia olhos humanos. Alguns ainda tinham gânglios de nervos óticos, outros eram redondos; alguns haviam sido extraídos havia pouco tempo, outros eram leitosos, obviamente antigos; alguns eram azuis, uns castanhos, outros cinza ou verdes. No entanto, não fora a descoberta ou a condição dos olhos, como compreendo agora, que deixara Marcus atordoado. Fora a quantidade. Pois não eram apenas os dez olhos de nossos cinco garotos assassinados, nem mesmo os quatorze, para incluir as crianças Zweig; havia dezenas – isso mesmo, *dezenas* – de olhos, de mais de vinte vítimas. E todos nos fitavam através do vidro curvo como se nos acusassem em silêncio, patéticos, querendo saber por que havíamos demorado tanto.

Meus olhos voltaram à caixinha que Sara encontrara, que estava sendo aberta, devagar. O cheiro de decomposição não era tão forte quanto eu esperara, o que permitiu me examinar sem dificuldade o estranho conteúdo. Contudo, não entendi o que era: um pedaço pequeno, preto-avermelhado, do que parecia ser borracha ressecada.

– Lucius? – Murmurei, estendendo a caixa em sua direção.

Ele largou o jarro na mesa, levou a caixa até a porta da frente e a examinou

sob o lampião a querosene. Nosso guia olhou por cima do ombro do sargento detetive enquanto este estudava o conteúdo.

– Merda? – Indagou o homem com o cassetete. – Tem cheiro de merda.

– Não – respondeu Lucius, calmo, com os olhos fixos na caixa. – Acho que é um coração humano.

Isso era suficiente para impressionar até mesmo um rufião de Five Points, e nosso guia se voltou para o outro lado com uma expressão de absoluta consternação.

– Afinal, quem são vocês? – Ele balbuciou.

Continuei a fitar Lucius.

– Um coração? Seria do garoto Lohmann?

Ele sacudiu a cabeça.

– Velho demais para isso. Está aqui há muito tempo. E dá a impressão de que foi coberto por alguma coisa, talvez um verniz.

Voltei-me para Sara, que respirava fundo, apertando o estômago com os braços. Toquei seu ombro.

– Você está bem?

Ela balançou a cabeça.

– Estou.

Olhei para Marcus.

– E você?

– Acho que sim. Pelo menos ficarei.

– Lucius, alguém precisa verificar aquele fogão. Pode fazer isso?

Lucius inclinou a cabeça, anuindo: embora se mostrasse apreensivo na rua, naquela situação ele era um profissional.

– Empreste-me um fósforo.

Tirei a caixa do bolso e a entreguei a ele. Ficamos em silêncio, enquanto Lucius se encaminhava para o sombrio fogão de ferro, todo preto, encostado no tabique. Havia uns poucos pedaços de lenha em uma caixa ao lado, e uma frigideira engordurada em cima. Parecia que alguém andara cozinhando ali.

Lucius riscou um fósforo, respirou fundo, mas calmo. Então, abriu a porta do forno. Fechei os olhos quando ele estendeu o fósforo para o interior; mais quinze segundos, e ouvi a porta ser fechada com um estrépito.

– Nada – anunciou Lucius. – Gordura, uma batata queimada, mais nada.

Deixei escapar um profundo suspiro e bati no ombro de Marcus.

– O que você acha disso? – Indaguei, apontando para o mapa de Manhattan.

Marcus estudou o mapa com total atenção.

– Manhattan... – Alguns segundos transcorreram. – Parece um mapa de agrimensor.

Ele examinou os pontos em que o mapa fora pregado na parede, e retirou as tachas.

– O reboco não descoloriu. Eu diria que foi pregado aqui há pouco tempo.

Lucius se juntou a nós, e formamos um círculo apertado, longe da caixa e do jarro, em cima da mesa.

– Isso é tudo o que havia lá atrás? – Perguntei aos Isaacsons.

– Sim – respondeu Marcus. – Não havia roupas, mais nada. Se quer saber minha opinião, ele foi embora.

– Foi embora? – Repetiu Sara.

Marcus balançou a cabeça, desapontado.

– Talvez soubesse que estávamos fechando o cerco, mas parece quase certo que não pretende voltar.

– Mas, por que ele iria embora – insistiu Sara – sem levar tudo isso... *as provas?*

Marcus sacudiu a cabeça.

– Talvez ele não considere isso provas. Ou talvez estivesse com pressa. Ou talvez...

– Ou talvez ele quisesse que nós encontrássemos – murmurei, expressando o que todos pensávamos.

Enquanto permanecíamos parados absorvendo essa ideia, notei que nosso guia se esforçava para dar uma olhada no jarro, e me desloquei para bloquear

sua visão com meu corpo. Lucius falou:

– É possível que sim, mas, de qualquer maneira, devemos vigiar este lugar, para o caso de ele resolver voltar. Podemos pedir ao comissário para enviar outros homens, porque, como eu disse, podemos agora tratar o caso como uma investigação de homicídio pura e simples.

– Acha que há provas suficientes para uma acusação formal? – Indagou Sara. – Sei que parece horrível, mas esses olhos não são necessariamente os de nossas vítimas.

– Tem razão – respondeu Lucius. – Mas, a menos que ele tenha alguma explicação muito convincente para esses olhos, acho que qualquer júri da cidade vai condená-lo. Ainda mais se relatarmos os antecedentes que conhecemos.

– Muito bem – intervim. – Sara e eu iremos à Mulberry Street e pediremos a Roosevelt que destaque homens para vigiar este prédio dia e noite. Lucius, você e Marcus terão de ficar aqui até os substitutos chegarem. Estão armados?

Marcus disse que não, mas Lucius mostrou o mesmo revólver com que eu o vira em Castle Garden depois do assassinato de ibn-Ghazi.

– Ótimo. Enquanto esperam, Marcos, tente tirar alguma conclusão desse mapa. E, lembrem-se de uma coisa – Baixei a voz, sussurrando. Nada de distintivos. Pelo menos não até receberem reforços. Há bem pouco tempo a Polícia nem entrava neste bairro, visto que as chances de sair eram mínimas.

Os Isaacsons balançaram a cabeça, e Sara e eu fomos para o corredor, parando quando o homem do cassetete se postou a nossa frente.

– E agora, podem me dizer que investigação é essa? Vocês são da Polícia, ou o quê?

– É um assunto particular. Meus amigos vão ficar esperando o morador.

Em um gesto automático, tirei a carteira do bolso e peguei dez dólares.

– E você, pode agir como se nunca os tivesse visto.

– Por dez dólares? Ora, por dez dólares eu esqueceria até a cara de minha

mãe! – Ele soltou uma risada. – Não que eu me lembre, na verdade!

Sara e eu deixamos o prédio e fomos andando para o norte apressados, depois para oeste, esperando pegar um bonde na Broadway sem maiores problemas. Essa era a parte mais perigosa de nossa jornada, mas eu não disse isso a Sara: éramos apenas dois nesse momento, e um era mulher. Qualquer quadrilha de Five Points poderia me imobilizar e fazer o que bem quisesse com Sara antes de nos afastarmos um quarteirão da Baxter Street. Por isso, rezei para que pudéssemos passar despercebidos, contando com o fato de a dissipação ter substituído a violência como o principal passatempo do lugar nos últimos anos.

Por mais extraordinário que possa parecer, conseguimos escapar ilesos. Às nove e quarenta e cinco estávamos subindo a Broadway; nosso bonde cruzou a Houston Street em poucos minutos e saltamos. Sem que nos preocupássemos com a possibilidade de alguém nos ver juntos na Chefatura, Sara e eu entramos correndo no prédio e subimos para a sala de Theodore, que estava vazia. Um detetive nos informou que ele fora jantar em casa, mas era esperado em breve – e a espera de meia hora que se seguiu foi angustiante. Theodore se mostrou um pouco alarmado ao nos encontrar ali quando chegou, mas se animou ao ouvir nosso relato e pôs-se a gritar ordens pelo corredor do segundo andar. Enquanto isso, um pensamento me ocorreu, e gesticulei para Sara, indicando a escada.

– O bilhete – expliquei, enquanto descíamos e nos encaminhávamos para a porta. – A carta para a sra. Santorelli... se pudermos confrontar Beecham com ela, talvez isso ajude a fazê-lo perder o controle.

Sara gostou da ideia. Saímos para a Mulberry Street, pegamos um fiacre e partimos para o número 808 da Broadway. Eu não chamaria nosso ânimo de exuberante enquanto seguíamos para o norte, mas estávamos alertas a todas as possibilidades do momento; o suficiente para que a viagem de fiacre parecesse levar uma eternidade.

Ao entrar no número 808, eu andava tão depressa que não notei um saco de

aniagem grande e quase tropecei nele. Alguém o deixara no vestíbulo. Abaixei-me e vi uma etiqueta pregada no topo fechado do saco: Nº 808 B'WAY – 6º ANDAR. Olhei para Sara e vi que ela também examinava o saco e a etiqueta.

– Andou encomendando alguma coisa, John? – Indagou, irônica.

– Não diga bobagens. Deve ser alguma coisa para Marcus e Lucius.

Avaliei o saco por mais alguns segundos, dei de ombros e me inclinei para soltar o cordão que fechava a abertura. Mas estava preso com um nó complexo, e por isso tirei um canivete do bolso e cortei o saco de alto a baixo.

E caiu no chão, como se fosse uma posta de carne, o corpo de Joseph. Não havia marcas óbvias em seu corpo, mas a palidez da pele deixou claro no mesmo instante que ele estava morto.

CAPÍTULO 42

No necrotério de Bellevue, o legista levou mais de seis horas para determinar que a vida de Joseph fora encerrada quando alguém enfiara uma faca bem fina, como um estilete, ou uma agulha comprida na base de seu crânio, atingindo até o cérebro. Uma noite passada fumando um cigarro atrás do outro e andando pelos corredores do necrotério em nada contribuiu para minha capacidade de encontrar algum sentido nessa informação, quando por fim a recebi. Pensei por um instante em Biff Ellison e na maneira discreta e eficiente com que muitas vezes ele acertara suas contas usando uma arma similar; mesmo no choque e na dor, porém, eu não podia imaginar Ellison como o responsável. Joseph não era um dos seus garotos, e embora Biff estivesse interessado em nossa investigação, esse ato assassino teria sido certamente precedido por uma enfática advertência. Portanto, a menos que Byrnes e Connor tivessem coagido Ellison a ajudá-los (uma possibilidade tão improvável que era inadmissível), eu não podia pensar em nenhuma outra explicação, ou culpado, que não fosse Beecham. De alguma forma, ele encontrara um meio de se aproximar do garoto, apesar de todos os meus avisos.

Meus avisos... Enquanto o corpo de Joseph saía de maca de uma das salas de autópsia do necrotério, ocorreu-me, talvez pela milésima vez, que fora o fato de me conhecer que levara o garoto a um fim tão terrível. Eu tentara prepará-lo para todos os perigos possíveis – mas, como poderia prever que o maior desses perigos seria falar comigo? E agora ali estava eu, no necrotério, dizendo ao legista que providenciaria o funeral, que tudo seria cuidado de forma apropriada, como se fizesse alguma diferença enterrar o corpo do garoto em uma bela sepultura no Brooklyn ou jogá-lo na correnteza do East

River para ser levado até o mar. Vaidade, arrogância, irresponsabilidade – durante toda a noite minha mente voltara ao que Kreizler dissera depois do assassinato de Mary Palmer: que em nosso ímpeto para derrotar o mal, só conseguíramos abrir um caminho mais amplo para que ele seguisse seu curso deplorável.

Perdido em pensamentos sobre Kreizler ao sair do necrotério para o amanhecer, talvez eu tenha ficado menos surpreso do que ficaria de outra forma ao me deparar com meu velho amigo, sentado em sua caleche descoberta. Cyrus Montrose sentava-se no lugar do cocheiro e me ofereceu um pequeno e simpático aceno de cabeça. Laszlo sorriu, descendo da caleche.

– Joseph – murmurei, com a voz rouca pelos cigarros e o silêncio angustiado da noite.

– Eu sei – disse Laszlo. – Sara me telefonou, e pensei que você poderia precisar de um desjejum.

Balancei a cabeça e embarcamos na caleche. Cyrus exortou Frederick a partir estalando a língua, e logo seguíamos para oeste, pela 26th Street, bem devagar, embora fosse mínimo o tráfego àquela hora.

Depois de vários minutos, recostei-me, ajeitei a cabeça na coberta dobrada e deixei escapar um suspiro profundo, olhando para o céu nublado.

– Só pode ter sido Beecham – murmurei.

– Sim – disse Laszlo.

Voltei a cabeça para ele.

– Mas não houve mutilação. Não pude sequer perceber como ele morreu, de tão pouco sangue. Só havia um pequeno furo na base do crânio.

Laszlo estreitou os olhos.

– Foi um serviço rápido e limpo; não um dos seus rituais. Ele foi pragmático. Matou o garoto para se proteger, e para mandar um recado.

– Para mim?

Kreizler confirmou com um aceno de cabeça.

– Por mais desesperado que esteja, ele não vai se entregar com facilidade.

Comecei a sacudir a cabeça, lentamente.

– Mas, como... *como?* Falei com Joseph, contei tudo o que havíamos descoberto. Ele *sabia* como identificar Beecham. Até me ligou ontem à tarde para conferir os detalhes.

Kreizler elevou sua sobrancelha direita.

– É mesmo? Por quê?

– Não sei – respondi, transtornado, pegando outro cigarro. – Um amigo dele foi abordado por um homem que queria levá-lo embora. Para um castelo acima da cidade, alguma coisa assim. Poderia ser Beecham, mas o homem não tinha espasmos faciais.

Laszlo desviou os olhos e falou com todo o cuidado:

– Quer dizer que não se lembra?

– Não me lembro de quê?

– Adam Dury. Ele nos disse que os espasmos faciais de Japheth cessavam durante uma caçada. Desconfio que ao espreitar os garotos – Kreizler interrompeu sua explicação ao perceber o efeito que suas palavras causavam em mim. – Sinto muito, John.

Joguei o cigarro apagado na rua e apertei a cabeça com as mãos. É claro que ele tinha razão. Caçar, espreitar a presa, montar a armadilha, matar – tudo isso acalmava o espírito de Beecham, e a calma se refletia em seu rosto. Quem quer que fosse o garoto que trabalhava nas ruas, aquele a quem Joseph se referira, poderia ter sido mesmo abordado por nosso homem. O próprio Joseph também fora. Tudo porque eu esquecera um detalhe.

Kreizler pôs a mão em meu ombro, enquanto a caleche rodava. Quando tornei a levantar os olhos, estávamos parados diante do Delmonico’s. Eu sabia que o restaurante só abriria dali a uma ou duas horas, mas também sabia que se alguém podia conseguir uma refeição fora de hora, era Kreizler.

Cyrus desceu de seu assento e me ajudou a sair da caleche, murmurando:

– Pronto, sr. Moore; trate de comer um pouco.

Descobri minhas pernas andando e segui Laszlo pela porta da frente, aberta

por Charlie Delmonico. Alguma coisa em seus olhos enormes me disse que ele estava a par de todos os detalhes.

– Bom dia, doutor – ele disse, no único tom de voz que eu seria capaz de suportar naquele momento. – Sr. Moore. Fiquem à vontade, senhores. E se houver alguma coisa que eu possa fazer...

– Obrigado, Charles – respondeu Kreizler.

Toquei no cotovelo do homem e consegui sussurrar, antes de entrarmos na sala:

– Obrigado, Charlie.

Com uma percepção psicológica infalível, Kreizler escolhera para o desjejum o único lugar em Nova York onde eu poderia recuperar o controle ou comer alguma coisa. Sozinhos no salão principal do Del's, com a suave claridade que entrava pelas janelas permitindo que meus nervos se acalmassem, consegui consumir uma boa quantidade de carne com pepino, ovos Creole e pombo cozido. Entretanto, ainda mais importante, descobri que era capaz de falar.

– Sabe – murmurei, logo depois que sentamos –, estive pensando... ontem eu ainda podia sentir compaixão pelo homem, apesar de tudo que ele fez. Por causa do contexto de sua vida... Cheguei a pensar que por fim o conhecia.

Kreizler sacudiu a cabeça

– Não pode, John. Não tão bem assim. Talvez possa se aproximar o suficiente para se antecipar, mas no final, nem você, nem eu, nem nenhuma outra pessoa poderá ver o que ele vê quando olha para as crianças; nem sentir *exatamente* as emoções que o levam a empunhar a faca. A única maneira de aprender essas coisas seria – Kreizler se voltou para a janela com uma expressão distante – ... Seria perguntar a ele.

– Encontramos seu apartamento.

– Sara me contou. Você fez um trabalho brilhante, John. Todos vocês.

Não pude deixar de escarnecer.

– Brilhante? Marcus acha que Beecham não voltará ao apartamento, e agora

tenho de concordar. O miserável sanguinário esteve sempre um passo a nossa frente, durante todo o percurso.

Kreizler deu de ombros.

– Talvez.

– Sara lhe falou sobre o mapa?

– Falou – respondeu Laszlo, enquanto um garçom nos servia dois copos com suco de tomate. – E Marcus identificou-o; é uma planta do sistema de abastecimento de água da cidade. Ao que parece, toda a rede foi reformada nos últimos dez anos. É provável que ele tenha roubado o mapa do Gabinete de Registros Públicos.

Tomei um gole do suco.

– O sistema de abastecimento de água? O que isso quer dizer?

– Sara e Marcus têm algumas ideias – informou Kreizler, servindo-se de batatas *sautées*, alcachofras e trufas de uma pequena travessa. – Tenho certeza de que lhe contarão.

Fitei seus olhos negros.

– Quer dizer que não pretende voltar?

Kreizler desviou os olhos, evasivo.

– Não é possível, John. Ainda não. – Laszlo tentou se animar quando chegaram os ovos Creole. – Já formularam o plano para o domingo... o Dia do Batista?

– Já.

– Será uma noite importante para ele.

– Acho que sim.

– O fato de ele deixar para trás seus... seus troféus indica uma espécie de crise. Por falar nisso, o coração na caixa... É da mãe, desconfio.

Limitei-me a dar de ombros, e Laszlo continuou:

– Está lembrado de que domingo é a noite beneficente no Metropolitan?

Entreabri a boca e apertei os olhos, incrédulo.

– Como?

– A festa beneficente – disse Kreizler, quase jovial. – A bancarrota destruiu a saúde do pobre Abbey. Por esse motivo, mesmo que não houvesse nenhum outro, nós devemos comparecer.

– *Nós?* Pelo amor de Deus, Kreizler, precisamos caçar um assassino!

– Tem razão, mas isso pode ficar para depois. Beecham nunca atacou antes da meia-noite, até agora. Não há motivo para pensar que o fará no domingo. Portanto, por que não tornar a espera o mais agradável possível, e ao mesmo tempo ajudar Abbey e Grau?

Larguei o garfo.

– Eu sei... estou perdendo o juízo. *Você* está de fato dizendo isso, não pode ser...

– Maurel vai cantar Giovanni – disse Kreizler, insinuante, levando à boca um pouco de pombo com ovos. – Edouard de Reszke será Leporello, e mal ouso lhe dizer quem vai fazer Zerlina...

Bufei, indignado, mas indaguei:

– Frances Saville?

– A das pernas compridas – respondeu Kreizler com um aceno de cabeça. – Anton Seidl será o maestro. E Nordica canta Donna Anna.

Não havia a menor dúvida; ele acabara de descrever o que seria uma noite memorável na ópera, e me deixei distrair por um momento pela perspectiva; mas, logo senti uma pontada de angústia violenta, enquanto uma imagem de Joseph aflorava em minha mente, acabando com todas as fantasias sobre noites agradáveis.

– Kreizler – declarei friamente –, não sei o que aconteceu que lhe permite se sentar aqui nessa calma toda, falando sobre ópera de forma casual, como se pessoas que *ambos* conhecemos não...

– Não há nada de *casual* no que estou dizendo, Moore. – Seus olhos pretos se apagaram, e uma determinação implacável endureceu sua voz. – Farei um trato com você: vá comigo ao *Giovanni* e voltarei à investigação. E poderemos concluir o caso.

– Voltará? – perguntei, surpreso. – Quando?

– Não antes da ópera. – Laszlo levantou a mão quando fiz menção de protestar. – Não posso ser mais específico que isso, John, portanto, não deve me perguntar. Apenas me responda: aceita?

É evidente que aceitei – o que mais podia fazer? Apesar de tudo que os Isaacsons, Sara e eu conseguíramos nas últimas semanas, o assassinato de Joseph me deixara com uma dúvida profunda sobre nossa capacidade de levar a investigação a termo. A perspectiva do retorno de Kreizler era um grande incentivo para seguir em frente, e me permitiu devorar um pombo inteiro antes de deixarmos o Del's. Ele estava sendo misterioso, é verdade, mas não era caprichoso nessas coisas, e minha intuição me dizia que ele tinha bons motivos para ocultar suas intenções. E assim, prometi mandar limpar minhas roupas para a ópera, e trocamos um aperto de mãos para consumar o acordo; mas, quando comentei que estava ansioso para contar aos outros assim que voltasse ao número 808 da Broadway, Kreizler me pediu que não o fizesse. Acima de tudo, eu não deveria dizer nada a Roosevelt.

– Não peço isso por amargura – explicou Laszlo quando saltei da caleche, no lado norte da Union Square. – Theodore tem sido muito decente e gentil nos últimos dias, diligente na busca por Connor.

– Contudo, ainda não há sinal do homem – comentei, recordando a informação que o próprio Roosevelt me dera.

Laszlo desviou os olhos, parecendo estranhamente desligado.

– Desconfio que ele vai aparecer muito em breve. Enquanto isso – Kreizler fechou a porta da caleche – há outras coisas para tratar. Vamos embora, Cyrus.

A caleche partiu, e eu segui a pé para o centro.

Ao chegar a nosso quartel-general, encontrei um bilhete de Sara e dos Isaacsons em minha mesa com o aviso de que iam para casa dormir um pouco e depois planejavam se juntar à equipe de detetives que Theodore designara para vigiar o prédio de Beecham. Aproveitei a ausência deles para

me esticar no divã e tentar também descansar um pouco, pois precisava muito. Entretanto, o estado em que mergulhei não poderia ser chamado de sono profundo. Ainda assim, por volta de meio-dia eu já me sentia bastante melhor para voltar à Washington Square, tomar um banho e trocar de roupa. Depois, telefonei para Sara. Ela informou que o encontro na Baxter Street 155, estava marcado para o pôr do sol, e que o próprio Roosevelt tencionava participar da vigilância por algumas horas. Sara acrescentou que me buscaria com um fiacre, mas, até lá, deveríamos descansar mais um pouco.

No fim, Marcus acertara em sua previsão sobre Beecham: por volta das três horas da madrugada de sábado, ainda não havia sinal do homem, e todos começamos a compreender que era quase certo que ele não voltaria ao apartamento. Comentei com os outros o que Kreizler dissera sobre os "troféus" de Beecham – que se ele os deixara para trás, isso indicava que se aproximava depressa um clímax para sua carreira criminosa –, e essa ideia realçou para todos a importância de formular um plano para a noite de domingo. Nos termos de nosso acordo de várias semanas antes, Roosevelt foi incluído nessas deliberações na tarde de sábado, no número 808.

Roosevelt nunca estivera antes em nosso quartel-general, e observá-lo a registrar todas as suas estranhezas intelectuais e decorativas fez-me lembrar da manhã em que eu despertara ali, depois de ser drogado por Biff Ellison. Como sempre acontecia com Theodore, a curiosidade logo prevaleceu sobre a perplexidade. Ele se pôs a fazer perguntas tão minuciosas sobre cada coisa – do enorme quadro-negro à pequena cozinha –, que só começamos a trabalhar de fato quase uma hora depois de sua chegada. A sessão foi similar a qualquer uma das dezenas que a haviam precedido: todos nós aventamos ideias para ser avaliadas e (em geral) rejeitadas, sempre tentando montar hipóteses sólidas com base em especulações. Dessa vez, porém, descobri-me a acompanhar o processo pelos olhos de Roosevelt, a princípio aturdidos, logo fascinados, o que me proporcionou uma nova perspectiva. E quando ele começou a bater com os punhos nos braços de uma das cadeiras do marquês

Carcano, soltando exclamações de aprovação a cada vez que nos convencíamos de que algum raciocínio era procedente, adquiri um novo reconhecimento pelo trabalho realizado por nossa equipe.

Todos nós concordamos em um ponto essencial: que o mapa do sistema de abastecimento de água da cidade de Nova York de Beecham possuía alguma relevância não para seus assassinatos passados, mas sim para o iminente. Enquanto esperava pelos detetives de Theodore na noite em que descobríramos o apartamento de Beecham, Marcus confirmara, por análises comparativas do reboco em diferentes partes do apartamento, sua teoria inicial de que o mapa fora mesmo pregado na parede pouco antes. Levando em consideração elementos como calor, umidade e fuligem, Marcus se convencera por completo de que o mapa não se encontrava na parede até a noite do assassinato de Ernst Lohmann.

– Esplêndido! – Exclamou Theodore, fazendo uma saudação para Marcus. – Foi por isso que eu trouxe vocês para a força. Métodos modernos!

A conclusão de Marcus era confirmada por diversos outros fatores. Primeiro, era difícil determinar que ligação poderia haver entre a ilha de Bedloe, a Estátua da Liberdade de Bartholdi ou qualquer outro local dos assassinatos até então, com o sistema de abastecimento de água da cidade. Além disso, a ideia geral daquele sistema, que tinha entre seus propósitos primários o de facilitar o banho, podia ser relacionada, na mente de Beecham, em termos metafóricos, com a figura de João Batista. Acrescente-se a isso o fato de que Beecham parecia ao mesmo tempo estar zombando e suplicando ao deixar o mapa, e nos sentimos confiantes para proclamar que a coisa se encontrava de alguma forma ligada, em termos conceituais, ao próximo assassinato. Esses detalhes foram registrados no quadro-negro por Lucius.

– Bravo! – Proclamou Theodore enquanto Lucius escrevia. – Bravo! É assim que eu gosto... um tratamento científico!

Nenhum de nós teve o ânimo de dizer a Roosevelt que aquela parte específica era muito menos científica do que podia parecer. Pegamos todos os

livros de que dispúnhamos relacionados com os serviços públicos e os prédios de Manhattan e iniciamos uma excursão pelo sistema de abastecimento de água da ilha.

Todos os assassinatos de Beecham em 1896 haviam ocorrido à margem de um rio, pelo que já deduzíramos que a visão de uma grande massa de água se tornara um componente emocional vital de seus rituais assassinos. Portanto, era importante focar nossa atenção nos elementos do sistema de abastecimento de água posicionados nas proximidades dos rios e do mar. Isso não nos deixava muitas opções. Na verdade, achávamos que era só uma: o aqueduto e torre de High Bridge, cujas tubulações de três metros levavam água do norte do Estado de Nova York para Manhattan, através do East River desde a década de 1840. É verdade que se Beecham houvesse escolhido High Bridge, seria seu primeiro assassinato ao norte da Houston Street; contudo, o simples fato de que limitara seus crimes a Lower Manhattan não significava necessariamente que desconhecia por completo a parte norte da ilha. E era sempre possível que Beecham, na verdade, tencionasse visitar algum ponto menos imponente de seu mapa – talvez um entroncamento de tubulações, ou algo parecido –, esperando que nos lançássemos à interpretação mais óbvia e dramática de High Bridge.

– Mas, o que pensar da história do garoto? – Indagou Theodore, frustrado por não estar mais envolvido no processo especulativo. – O “castelo que paira sobre a cidade”, e não sei mais o quê? Isso não confirma a hipótese?

Sara ressaltou que poderia confirmar a hipótese (pois a torre de High Bridge, construída para nivelar a pressão nos reservatórios de Manhattan, assemelhava-se a uma torre de castelo), mas essa confirmação não significava necessariamente que Beecham tencionava levar sua vítima para lá. Lidávamos com uma mentalidade excessivamente distorcida e insidiosa, explicou Sara a Theodore, alguém que se achava a par de nossas atividades e que sentiria um intenso prazer de nos guiar por uma pista falsa. De qualquer forma, era duvidoso que Beecham soubesse de nossa compreensão de sua

necessidade da proximidade da água – mais do que isso, talvez ele próprio ignorasse essa necessidade, e assim, a torre de High Bridge ainda era o local mais promissor.

Roosevelt absorveu essa informação com intenso interesse, balançou a cabeça, coçou o queixo e acabou batendo palmas, estrondoso.

– Muito bom, Sara! – Exclamou. – Não sei o que sua família diria se pudesse ouvir esta conversa, mas eu sinto orgulho de você!

As palavras de Roosevelt eram tão repletas de afeição e admiração autênticas que Sara perdoou seu ar um tanto condescendente e se voltou com um sorriso de satisfação.

Roosevelt ficou mais envolvido na discussão quando chegou o momento de planejar a disposição das forças policiais na noite de domingo. Disse que queria escolher pessoalmente os homens que vigiariam a torre de High Bridge, reconhecendo que seria um trabalho que exigiria muito tato, pois qualquer sinal de atividade policial, como todos sabíamos, poderia fazer que Beecham escapasse. Além da vigilância em High Bridge, Roosevelt tencionava postar homens em todas as pontes e estações de barcas, e destacar patrulhas extras para a beira d'água nos lados leste e oeste de Manhattan, em intervalos regulares. Também enviaria unidades de detetives para todas as casas de tolerância que vigiáramos na noite da morte do garoto Lohmann, embora tivéssemos bons motivos para acreditar que Beecham sequestraria sua vítima em outro local.

Só restava determinar que papel Sara, os Isaacsons e eu desempenharíamos no drama. A escolha óbvia era participarmos da equipe de vigilância na torre de High Bridge, e, a essa altura precisa, anunciei que só chegaria lá mais tarde, pois pretendia comparecer à ópera com Kreizler. Isso provocou expressões imediatas de incredulidade no rosto de meus companheiros; mas, como eu concordara que não revelaria os termos de meu acordo com Laszlo, não pude oferecer nenhuma explicação plausível para meu comportamento. Por sorte, antes que Sara e os Isaacsons pudessem se manifestar com mais

veemência, recebi ajuda de uma fonte inesperada: Theodore, que também pretendia assistir ao espetáculo beneficente. Roosevelt explicou que era improvável que o prefeito Strong autorizasse a mobilização de um grande contingente policial para uma noite de trabalho nos assassinatos dos garotos prostitutos. Todavia, a presença de Roosevelt em um evento social bastante divulgado, que também contaria com a presença do prefeito e de outros membros da Junta de Comissários, ajudaria a evitar que as atividades daquela noite se tornassem o foco de uma atenção inoportuna. Theodore apoiou a ideia de minha ida à ópera também, argumentando que contribuiria para atenuar a possível curiosidade oficial; além disso, acrescentou ele, repetindo a lógica de Kreizler, Beecham nunca atacara antes da meia-noite, e eu poderia muito bem aderir à caçada depois da ópera.

Diante dessa atitude da autoridade superior do departamento, os Isaacsons aquiesceram, embora com certa relutância. Sara, porém, fitou-me desconfiada e me levou para um canto quando os outros passaram a discutir detalhes adicionais da disposição das unidades policiais.

– Ele está planejando alguma coisa, John? – Ela perguntou, em um tom que indicava que não admitiria nenhuma evasiva àquela altura do jogo.

– Quem? Kreizler? – Indaguei, esperando que soasse melhor do que me parecia. – Não, acho que não. Já havíamos combinado em ir à ópera há bastante tempo.

Fiz uma pausa e resolvi acrescentar uma artimanha:

– Se você acha realmente que é uma má ideia, Sara, posso dizer a Kreizler...

– Não – ela interrompeu-me, mas sem parecer convencida. – Faz sentido o que Theodore disse. E, de qualquer maneira, estaremos na torre, e não vejo necessidade de sua presença também.

O comentário me deixou um pouco irritado, mas a discrição exigia que eu não deixasse transparecer nenhum desagrado.

– Ainda assim – continuou Sara –, depois de três semanas sem dar notícias, é estranho que ele escolha a noite de amanhã para reaparecer.

Ela correu os olhos pela sala, enquanto sua mente avaliava as possibilidades.

– Só quero que nos avise se achar que ele tem algum plano.

– É claro. – Ela me fitou com uma expressão cética, e arregalei os olhos. – Ora, Sara, por que não lhe contaria?

Ela não podia responder a isso; nem eu mesmo podia. Só uma pessoa conhecia as razões para que eu mantivesse sigilo – e não mostrava disposição para revelá-las.

Por mais importante que fosse estarmos todos bem descansados para o trabalho no domingo, ainda assim, achei que era indispensável retornarmos às ruas mais uma vez na noite de sábado, a fim de efetuar pelo menos um esforço mínimo para localizar o garoto que Joseph mencionara. As possibilidades de encontrá-lo, sem um nome ou descrição, eram quase inexistentes; e à medida que a noite passava, diminuíam ainda mais. Além de vasculhar os quarteirões do Lower East Side, Greenwich Village e Tenderloin que abrigavam esses tipos, voltamos às casas de tolerância que ofereciam garotos prostitutos. No entanto, em todos os lugares nos deparamos com a mesma reação aturdida, e quase sempre de repúdio. Procurávamos por um garoto, dizíamos; um garoto que trabalhava nas ruas; um garoto que podia estar planejando sair do esquema em breve (embora soubéssemos que se Beecham houvesse mantido seu padrão, teria pedido ao garoto para não contar a ninguém); um garoto que era amigo de Joseph, do Golden Rule – isso mesmo, o garoto que fora assassinado. Qualquer chance mínima que pudesse haver de encontrarmos alguma pista era destruída por essa declaração. Todas as pessoas entrevistadas pensavam no mesmo instante que procurávamos pelo assassino de Joseph, e ninguém queria se envolver de jeito nenhum. Por volta de meia-noite, tivemos de admitir que se encontrássemos o garoto, seria em companhia de Beecham, e só nos restava torcer para que isso acontecesse antes que ele fosse assassinado.

Esse pensamento foi suficiente para fazer que todos nós voltássemos a

nossas respectivas casas. Era patente que havia algo muito diferente nesta última perspectiva de confrontar Beecham, e não era apenas pelo fato de sabermos seu nome e muita coisa de sua história pessoal: era o pressentimento inevitável de que a confrontação iminente – planejada, mesmo que de modo inconsciente, pelo próprio Beecham – poderia ser bem mais perigosa do que jamais suspeitáramos. Era verdade que presumíramos desde o início que um intenso desejo de ser detido era evidente no comportamento de Beecham; mas agora compreendíamos que havia nesse desejo um lado cataclísmico, até mesmo apocalíptico, e que o processo de "detê-lo" poderia acarretar uma grande violência para os que desempenhassem o serviço. Estaríamos armados, sem dúvida, e acompanhados por auxiliares oficiais, em grande superioridade numérica, de dezenas – talvez mesmo centenas – contra um; mesmo assim, sob muitos aspectos, aquele homem enfrentara desvantagens maiores em sua vida de pesadelo, e conseguira – pela mera sobrevivência – superá-las. Além disso, as cotações em qualquer corrida não são determinadas apenas pelos registros estatísticos; levam-se em consideração os imponderáveis de criação e treinamento. Se incluíssemos esses fatores em nosso atual empreendimento, a perspectiva mudaria de maneira drástica, mesmo com a superioridade em números e armamentos do nosso lado – na verdade, eu não tinha muita certeza de que, assim calculadas, as chances não se inclinavam a favor de Beecham.

CAPÍTULO 43

Nunca é mais fácil compreender a mente de um anarquista com uma bomba na mão que no momento em que se está parado entre um bando de damas e cavalheiros que têm o dinheiro e a temeridade de se intitular a "Sociedade de Nova York". Em roupas impecáveis, cobertas de joias, perfumadas, as lendárias Quatrocentas famílias mais importantes da cidade, com seus vários aparentados e parasitas, podem tripudiar, intrigar e se empanturrar com uma desenvoltura que o espectador divertido talvez ache fascinante, mas que o intruso desafortunado não julgará menos que deplorável. Eu era um desses intrusos na noite de domingo, 21 de junho. Kreizler me pedira (o que parecera estranho, mesmo na ocasião) para encontrá-lo não em sua casa, na 17th Street, mas direto em seu camarote no Metropolitan, antes do espetáculo beneficente, o que me obrigou a pegar um fiacre para a "cervejaria amarela" e depois lutar para subir sozinho pela estreita escada. Absolutamente nada desperta tanto o instinto assassino na camada superior da Sociedade de Nova York quanto um espetáculo de caridade; e enquanto eu me espremia e esforçava-me para passar pelo vestíbulo, tentando provocar algum movimento entre as *grandes dames,* cujas roupas e proporções físicas eram apropriadas apenas a atividades estacionárias, vez por outra esbarrava em pessoas que conhecera durante a infância, amigos de meus pais que agora se apressavam a desviar os olhos ao me ver, ou se limitavam a uma reverência mínima que dizia de uma maneira inequívoca: "Por favor, poupe-me o embaraço de ter que falar com você". Tudo isso não tinha a menor importância para mim, a não ser pelo fato de que aquelas pessoas não recuavam para me dar passagem. Ao chegar ao segundo andar do prédio, meus nervos, assim como as roupas, já estavam em

desordem, enquanto meus ouvidos retiniam com a algazarra de milhares de conversas totalmente idiotas. Havia, porém, um remédio disponível: abri caminho até um bar sob uma escada, entornei depressa uma taça de champanhe, peguei mais duas e segui direto e determinado para o camarote de Kreizler.

Encontrei-o já ali, examinando o programa da noite, sentado em uma das cadeiras ao fundo.

– Por Deus! – Exclamei, arriando na cadeira ao seu lado sem derramar uma única gota de champanhe. – Não vejo nada parecido desde que Ward McAllister morreu! Não acha que ele se levantou da sepultura, não é mesmo?

(Em benefício de meus leitores mais jovens, Ward McAllister foi a *éminence grise* social da sra. Vanderbilt, o homem que criara o sistema das Quatrocentas, baseando-o na quantidade de pessoas que cabiam com relativo conforto no salão de baile dessa grande dama.)

– Vamos torcer para que não – respondeu Laszlo, voltando-se para mim com um sorriso de boas-vindas... e bem-vindo. – Mas nunca se pode ter muita certeza em relação a criaturas como McAllister.

Ele largou o programa e esfregou as mãos, continuando a parecer muito mais feliz e saudável que em nossos últimos encontros. Ele olhou para minhas taças de champanhe.

– Você parece estar bem preparado para uma noite entre os lobos.

– E todos saíram esta noite, não é mesmo? – Murmurei, esquadrinhando o teatro.

Comecei a me encaminhar para um assento na frente, mas Kreizler me deteve.

– Se não se importa, Moore, eu preferia que sentássemos aqui atrás esta noite.

Diante de meu olhar inquisitivo, ele acrescentou:

– Não estou com ânimo para ser examinado.

Dei de ombros, acomodei-me ao seu lado e continuei a investigar a

audiência, logo me fixando no camarote 35.

– Ah, vejo que Morgan trouxe a esposa. Desconfio que alguma pobre atriz ficará sem uma pulseira de diamantes esta noite. – Olhei para o mar de cabeças balançando lá embaixo. – Onde será que vão meter todas as pessoas que ainda estão lá fora? Os lugares da orquestra já foram ocupados.

– Será um milagre se sequer conseguirmos ouvir alguma coisa – comentou Kreizler, com uma risada que me surpreendeu, pois não era o tipo de coisa que ele costumava achar divertido. – O camarote Astor está tão apinhado que dá a impressão de que vai desabar, e os garotos Rutherford, às sete e meia, já estavam bêbados demais para ficar de pé!

Eu tirara do bolso meu binóculo dobrável e inspecionava o outro lado da ferradura.

– Um bando de garotas no camarote dos Clew – murmurei. – E não parece que vieram ouvir Maurel. Caça a marido, seria meu palpite.

– Os guardiões da ordem social – disse Kreizler, estendendo a mão direita na direção da audiência e suspirando. – Em desfile; e não é uma vista das mais agradáveis!

Lancei um olhar aturdido para Laszlo.

– Você está com um ânimo um tanto estranho. Andou bebendo?

– Tão sóbrio quanto um juiz. Não que algum dos juízes *aqui* esteja sóbrio. E deixe-me acrescentar, Moore, em resposta a essa sua expressão tão preocupada, que também não perdi o juízo. Ah, lá está Roosevelt!

Kreizler ergueu o braço para acenar, estremecendo um pouco.

– Ainda o incomoda? – Indaguei.

– Só de vez em quando. Não foi um tiro dos mais precisos. Terei de acertar contas com o homem – Kreizler se controlou, fitou-me e se mostrou deliberadamente mais animado. – Algum dia. E agora, diga-me, John: onde estão os outros membros da equipe neste momento?

Senti que a expressão “tão preocupada” persistia em meu rosto, mas acabei dando de ombros e informei:

– Foram para High Bridge com os detetives, para assumirem posições bem cedo.

– High Bridge? – Repetiu Kreizler, com certa ansiedade. – Estão esperando o ataque na torre de High Bridge?

Balancei a cabeça.

– Foi essa nossa interpretação.

Os olhos de Kreizler, irrequietos e elétricos a essa altura, tornaram-se brilhantes de excitação.

– Isso mesmo, é claro... era a única outra opção inteligente.

– Outra?

Ele se apressou a sacudir a cabeça.

– Nada importante. Não contou a eles sobre nosso acordo, não é?

– Eu disse aonde ia – respondi, um pouco na defensiva –, mas não expliquei por quê.

– Excelente! – Kreizler se recostou, parecendo bastante satisfeito. – Então, não há a menor possibilidade de Roosevelt saber...

– Saber o quê? – Indaguei, começando a experimentar aquela sensação familiar de que entrara no teatro errado no meio de um espetáculo.

– Hein? – Murmurou Kreizler, como se mal tivesse noção de minha presença. – Ah, sim... explicarei mais tarde.

Ele apontou para o poço da orquestra e acrescentou:

– Esplêndido! Lá está Seidl!

Anton Seidl, de perfil nobre, cabelos compridos, outrora secretário particular de Richard Wagner, agora o melhor maestro de Nova York, aparecera no pódio. De nariz aquilino, ornamentado por um pincenê que de alguma forma conseguia se equilibrar no alto durante os vigorosos movimentos que caracterizavam seu estilo de conduzir a orquestra, Seidl impôs um respeito imediato no poço; e quando voltou seu olhar severamente para a audiência, muitas das pessoas da sociedade absortas em conversas também se calaram, apreensivas, por vários minutos. Não demorou muito

para que as luzes se apagassem, e Seidl iniciou a impressionante abertura de *Don Giovanni*. O barulho nos camarotes recomeçou a aumentar; logo alcançou um nível mais irritante que nunca; Kreizler, no entanto, mantinha uma expressão de absoluta serenidade.

Por dois atos e meio, Kreizler suportou com uma tranquilidade desconcertante a ignorância daquela audiência bronca sobre o milagre musical que ocorria no palco. O canto e a representação de Maurel foram brilhantes como sempre, e o elenco de apoio – Edouard de Reszke em particular, como Leporello – foi magnífico; o único reconhecimento, porém, foi uma ou outra rodada de aplausos, sem que jamais cessassem as conversas na audiência. A Zerlina de Frances Saville foi um prazer total, embora seu talento como cantora não impedisse que os embriagados rapazes Rutherford gritassem de uma maneira que indicava, sem a menor dúvida, que não a diferenciavam da bailarina média de um *concert hall* do Bowery. Durante os intervalos, a multidão se comportava, de modo geral, da mesma forma que durante a apresentação – como uma grande manada de bestas selvagens –, e quando Vittorio Arimondi, representando o falecido Commendatore, pôs-se a bater na porta de Don Giovanni, eu me sentia repugnado pelo clima predominante na audiência, e ainda sem entender por que Kreizler me pedira para ir.

No entanto, logo tive os primórdios de uma resposta. Assim que Arimondi avançou pelo palco e apontou um dedo firme para Maurel, com Seidl levando a orquestra em um crescendo que eu raramente ouvira, nem mesmo no Metropolitan, Laszlo se levantou com a maior calma, respirou fundo, satisfeito, e tocou em meu ombro, sussurrando:

– Muito bem, Moore. Vamos embora?

– Embora? – Repeti, também me levantando e acompanhando-o para os recessos mais escuros do camarote. – Para onde? Eu deveria me encontrar com Roosevelt depois do espetáculo.

Kreizler não respondeu, apenas abriu a porta para o corredor, de onde

surgiram Cyrus Montrose e Stevie Taggert. Vestiam roupas que pareciam com a de Kreizler e a minha. Fiquei surpreso e muito feliz ao vê-los, Stevie em particular. O garoto parecia recuperado da surra que levara de Connor, embora estivesse obviamente constrangido naquele traje e um tanto infeliz por ir à ópera.

– Não se preocupe, Stevie – murmurei, pondo a mão em seu ombro. – Pelo que se sabe, jamais alguém morreu por isso.

Stevie enfiou um dedo no colarinho e tentou afrouxá-lo um pouco com alguns puxões.

– O que eu não daria por um cigarro – sussurrou ele. – Não tem nenhum, sr. Moore?

– Ora, ora, Stevie – interveio Kreizler em tom firme, pegando seu casaco. – Já conversamos sobre isso.

Ele se voltou para Cyrus e acrescentou:

– Lembra-se do que tem de fazer?

– Sim, senhor. No final da ópera, o sr. Roosevelt vai perguntar para onde o senhor foi. Devo dizer que não sei. E depois, levaremos a caleche ao lugar que indicou.

– De que maneira?

– Seguindo por um caminho indireto, para o caso de sermos seguidos.

Laszlo balançou a cabeça.

– Ótimo. Vamos embora, Moore.

Ao sairmos, compreendi que nenhuma outra pessoa na audiência perceberia a troca; era evidente que fora por isso que Laszlo sugerira que nos sentássemos no fundo do camarote. Olhei para Stevie, que continuava a se remexer sob o jugo do traje a rigor, e tive outra percepção: a presença dos dois ali, oferecendo silhuetas vagamente familiares, daria a impressão de que Kreizler e eu continuávamos no teatro. Afinal, com que propósito? E para onde Kreizler tencionava ir? As perguntas proliferavam em minha cabeça, mas o homem com as repostas já se encaminhava para a saída do prédio; e

assim, com Don Giovanni berrando horrorizado enquanto descia para o inferno, acompanhei Kreizler pelas portas do Metropolitan para a Broadway. Seu ânimo, quando o alcancei, era de determinação, exultante.

– Vamos seguir a pé – ele declarou ao porteiro, que em seguida acenou em negativa para um bando de cocheiros ansiosos.

– Mas que droga, Kreizler! – Exclamei, exasperado, enquanto seguíamos para a esquina da Broadway. – Poderia pelo menos me dizer para onde estamos indo?!

– Eu esperava que, a esta altura, você já tivesse chegado a essa conclusão – ele respondeu. – Vamos procurar Beecham.

As palavras me atingiram com tremendo impacto, e Laszlo teve de me segurar pelas lapelas para que eu o acompanhasse. Enquanto esperávamos no meio-fio para atravessar, Laszlo soltou uma risada.

– Não se preocupe, John. São apenas uns poucos quarteirões. Mas deve nos dar tempo suficiente para responder a todas as suas perguntas.

– Uns poucos quarteirões? – Repeti, tentando desanuviar a cabeça, enquanto nos esgueirávamos entre o estrume e os veículos, cruzando para o outro lado da avenida. – Até a torre de High Bridge! Mas são *quilômetros!*

– Receio que Beecham não irá à torre de High Bridge esta noite, Moore. Nossos amigos estão fadados a uma vigília um tanto frustrante.

Fomos caminhando pela 39th Street, e o barulho da Broadway pouco a pouco se desvaneceu. Nossas vozes passaram a ressoar entre as fileiras de casas às escuras, enquanto seguíamos para a 6th Avenue.

– Então, para onde ele irá?

– Você mesmo pode determinar isso – respondeu Kreizler, acelerando o passo. – Lembra-se do que ele deixou no apartamento?

– Laszlo, não estou aqui para brincadeiras! – Protestei, furioso, segurando-o pelo braço. – Você me faz abandonar pessoas com quem venho trabalhando há meses, para não falar em Roosevelt. Portanto, pare um pouco e me diga logo para onde ele vai!

Por um momento, Kreizler conseguiu trocar seu entusiasmo por compaixão.

– Lamento pelos outros, John, com toda a sinceridade. Se eu pudesse pensar em outro meio... Mas não há nenhum. Por favor, compreenda, se a Polícia for envolvida, o resultado será a morte de Beecham, com tanta certeza quanto posso ter de qualquer coisa. Não estou querendo insinuar que haveria uma participação direta de Roosevelt, mas, durante a viagem até Tombs, ou depois que ele for encerrado em sua cela, haverá algum incidente. Um detetive, talvez um carcereiro, ou mesmo outro preso, provavelmente alegando legítima defesa, acabará com esse enorme problema que você e eu passamos a conhecer como John Beecham.

– Mas, Sara e os Isaacsons? – Insisti. – Sem dúvida, eles merecem...

– Eu não poderia correr esse risco – declarou Kreizler, continuando a seguir para leste a passos firmes. – Os três trabalham para Roosevelt, devem seus cargos a ele. Eu não podia correr o risco de que revelassem meus planos. E também não podia sequer contar a *você*, pois sei que assumiu o compromisso de partilhar tudo que soubesse com Theodore. E você não é homem de quebrar a palavra empenhada.

Isso me apaziguou um pouco, devo admitir; mas, enquanto me esforçava para acompanhá-lo, continuei a pressionar por detalhes.

– Mas, o que planejou? E há quanto tempo vem planejando?

– Desde a manhã seguinte à morte de Mary – respondeu ele com certa amargura.

Paramos de novo na esquina da 6th Avenue e Kreizler se voltou para mim, com seus olhos pretos ainda faiscantes. – Meu afastamento inicial da investigação foi uma reação puramente emocional, e precisei reconsiderá-la depois de algum tempo. Mas, naquela manhã, eu compreendi uma coisa: como *eu* me tornara o principal foco da atenção de nossos antagonistas, meu afastamento proporcionaria a vocês certa liberdade para agir.

Refleti a respeito e concluí, depois de uns poucos segundos:

– E foi o que aconteceu. Nunca mais tornamos a ver os homens de Byrnes.

– Mas *eu* os vi. E ainda os vejo. Diverti-me bastante, levando-os a circular pela cidade. Foi um absurdo, sem dúvida, mas persisti, confiando em que vocês, por meio da combinação de seus talentos naturais com o que aprenderam durante o tempo que passamos juntos, seriam capazes de encontrar pistas que permitissem uma previsão do próximo movimento de Beecham.

Enquanto atravessávamos a 6th Avenue, Laszlo levantou a mão direita, enumerando suas considerações.

– Eu já fizera as mesmas suposições que vocês sobre o dia 21 de junho, Dia de São João Batista. Com isso, dependia de vocês a determinação da vítima e do local. Eu tinha muita esperança de que seu jovem amigo Joseph nos prestasse uma ajuda no primeiro caso...

– Foi o que quase aconteceu – murmurei, sentindo outra vez uma pontada de culpa e angústia. – No fim, ele nos forneceu apenas uma ideia de quem *não* seria a vítima; sabíamos que não seria de uma das casas de tolerância, e sim de um garoto que trabalhava nas ruas.

– Isso mesmo – disse Laszlo ao alcançarmos o lado leste da avenida. – O garoto prestou um grande serviço, e sua morte foi uma tragédia.

Ele soltou um suspiro de profundo remorso e continuou:

– Há momentos em que todo este caso, tudo e todos que mantêm algum contato com a vida de John Beecham, parecem propensos a um fim trágico – A determinação de Kreizler voltou no mesmo instante. – Seja como for, o que Joseph disse sobre um “castelo”, de onde a vítima visada veria toda a cidade, foi de uma ajuda inestimável. Isto é, quando avaliado em conjunto com o que vocês encontraram no apartamento de Beecham. Diga-se de passagem, foi um trabalho magnífico a descoberta do apartamento.

Limitei-me a anuir, com um sorriso de gratidão. A essa altura, eu desistira de qualquer tentativa de questionar as ações de Kreizler, que, obviamente, armara tudo para aquela noite. Se essa aquiescência um tanto rápida parece surpreendente, cabe lembrar que por semanas eu trabalhara sem o benefício

da amizade e da orientação de Laszlo, e que sua ausência fora sentida com frequência. Caminhar outra vez ao seu lado, ouvindo-o dissecar o caso de uma maneira tão confiante e decidida, e acima de tudo saber que Sara, os Isaacsons e eu, assim como a investigação, havíamos permanecido em seus pensamentos durante todo o tempo que passáramos separados, tudo isso me proporcionava muita alegria e alívio. Eu sabia que Kreizler agora trabalhava em um curso um tanto diferente do adotado pelo resto da equipe; e era fácil perceber que seu entusiasmo continha um elemento imprevisível, talvez incontrolável; mas essas considerações pareciam contar bem pouco enquanto avançávamos pela 39th Street. Estávamos na pista certa, disso eu tinha certeza, e meu excitamento logo prevaleceu sobre a vozinha da prudência no fundo de minha mente que me dizia que seríamos apenas nós dois para uma tarefa que fora planejada para dezenas de homens.

Lancei um olhar conspirador para Kreizler:

– Quando Roosevelt descobrir que deixamos a ópera, vai desmontar a cidade a nossa procura.

Laszlo deu de ombros.

– Será melhor se ele usar a cabeça. Ele tem as pistas de que precisa para determinar nosso paradeiro.

– As pistas? Refere-se às coisas no apartamento de Beecham? – Voltei a ficar perplexo. – Mas foi o que encontramos ali que nos levou a optar pela torre de High Bridge. Além da história do castelo.

– Não, John – respondeu Kreizler, gesticulando com as mãos enquanto falava. – Foi *parte* do que vocês encontraram no apartamento de Beecham que os levou a essa conclusão. Pense de novo. O que ele deixou para trás?

Repassei tudo mentalmente.

– A coleção de olhos, o mapa, e a caixa com o daguerreótipo.

– Correto. Agora, pense nas considerações conscientes ou inconscientes que o levaram a deixar apenas essas coisas. Os olhos dizem, sem a menor sombra de dúvida, que se trata do homem certo. O mapa fornece uma ideia geral do

ponto em que ele atacará em seguida. E a caixa...

– A caixa nos diz a mesma coisa. O daguerreótipo confirma que encontramos Japheth Dury.

– É verdade – confirmou Kreizler, enfático. – E a coisa que estava dentro da caixa?

Eu não entendia mais nada.

– O coração? – Murmurei, confuso. – Era um coração velho e ressecado; você achou que era da mãe de Dury.

– Isso mesmo. Agora, junte o mapa e o conteúdo da caixa.

– O sistema de abastecimento de água da cidade... e o coração...

– Acrescente o que Joseph disse.

– Um castelo ou um forte – respondi, ainda sem entender. – Um lugar de onde se pode ver toda a cidade.

– E? – pressionou Kreizler.

Ao virarmos a esquina, começando a subir pela 5th Avenue, a resposta me atingiu com o impacto de uma carroça cheia de tijolos. Estendendo-se por dois quarteirões para o norte e um para oeste, com muros altos como os prédios ao redor, e tão fabulosos quanto os da lendária cidade de Troia, ali estava o reservatório Croton. Construído no estilo de um mausoléu egípcio, era, de fato, uma fortaleza parecida com um castelo, sobre cujos baluartes os nova-iorquinos costumavam passear, desfrutando as esplêndidas e panorâmicas vistas da cidade (e também o lago artificial no interior) que a estrutura oferecia. Além disso, Croton era o principal reservatório de distribuição de água para toda Nova York; em suma, era o *coração* do sistema de abastecimento de água da cidade, o centro para onde convergiam todos os aquedutos, e do qual saíam as tubulações principais.

Atônito, voltei-me para Kreizler.

– Isso mesmo, John – disse ele, sorrindo, ao nos aproximarmos do reservatório. – *Aqui.*

Laszlo me puxou para junto dos muros do reservatório, deserto àquela hora

da noite, e acrescentou, em voz baixa:

– Vocês, com toda certeza, discutiram a possibilidade de que Beecham saberia que nossa primeira reação seria vigiar as áreas à beira d'água; mas, na ausência de uma alternativa apropriada, haveriam de se concentrar em locais como este.

Kreizler levantou os olhos, e pela primeira vez naquela noite exibiu certa apreensão.

– Se meu palpite estiver correto, ele se encontra lá em cima neste momento.

– Tão cedo? – Indaguei. – Pensei que você havia dito...

– Esta noite é muito diferente, John. Ele resolveu preparar a mesa mais cedo, à espera de seus convidados. – Kreizler enfiou a mão no bolso interno do paletó e tirou um revólver Colt. – Pode ficar com isto, John? Mas não o use, a menos que seja necessário. Tenho muita coisa para perguntar ao homem.

Kreizler se encaminhou para o enorme portão principal e a escada do reservatório, que lembravam os de um templo egípcio dedicado aos mortos. Tendo em vista nosso propósito naquela noite, a semelhança me provocou um calafrio. Detive Laszlo ao nos aproximar da entrada e sussurrei:

– Só mais uma coisa. Você disse que os homens de Byrnes o seguiram. Como sabe que não estão nos vigiando neste momento?

Havia alguma coisa inquietante na maneira impassível como ele me fitou: como um homem que adivinhou seu destino e não tem a menor intenção de tentar evitá-lo.

– Não sei se isso acontece ou não – respondeu Kreizler, bastante calmo. – Para ser franco, conto com o fato de estarem nos vigiando.

E, com isso, Laszlo passou pelos portões e começou a subir a escada larga e escura que levava ao passeio no alto dos muros. Dei de ombros, sem entender suas palavras enigmáticas, e já ia segui-lo quando um brilho de metal, em algum lugar no outro lado da 5th Avenue, atraiu minha atenção. Parei no mesmo instante, tentando localizar a fonte.

Na 41th Street, sob uma árvore frondosa que oferecia um refúgio eficaz dos lampiões da rua, estava parada uma elegante charrete preta, cujas lanternas faiscavam de um jeito quase imperceptível. Tanto o cavalo quanto o cocheiro pareciam adormecidos. Por um momento, o medo que eu sentia de subir pelos muros do reservatório foi aguçado de forma dramática; mas logo sacudi a cabeça e me apressei para alcançar Kreizler, dizendo a mim mesmo que havia muitas pessoas em Nova York que possuíam elegantes charretes pretas além de Paul Kelly.

CAPÍTULO 44

Assim que alcançamos o topo dos muros do reservatório, compreendi o erro potencialmente desastroso de permitir que Kreizler me persuadisse a ir sozinho com ele àquele lugar. O passeio de dois metros e meio de largura no alto dos muros, com cercas de ferro de um metro e vinte de altura nas laterais, situava-se a cerca de seis andares do solo. Ao olhar para baixo, avistei as ruas de um ângulo que no mesmo instante me recordou todo o trabalho nos telhados que realizáramos nos últimos meses. Esse lembrete já era bastante assustador por si só. Contudo, quando olhei para a frente e ao redor, divisando as superfícies alcatroadas e as incontáveis chaminés dos prédios em torno ao reservatório, refleti que podíamos não estar em um telhado propriamente dito, mas que, mesmo assim, reingressáramos no reino elevado em que John Beecham era um mestre consumado. Estávamos outra vez em seu mundo, mas agora o alcançáramos por um convite indireto, e enquanto caminhávamos em silêncio para a lateral dos muros que davam para a 40th Street – as águas do reservatório se estendiam para a direita, refletindo uma lua brilhante que aparecera de repente, ainda a subir pelo céu claro da noite –, tornou-se evidente que nossa posição de caçadores corria sério perigo: estávamos prestes a virar presas.

Imagens familiares, mas nem por isso menos perturbadoras, começaram a aflorar em minha mente, como os filmes projetados a que eu assistira com Mary Palmer no teatro de Koster e Bial: os garotos mortos, todos retalhados; a faca comprida e terrível que efetuara as mutilações; os restos do gato retalhado na casa da sra. Piedmont; o sinistro apartamento de Beecham em Five Points, e o fogão em que ele alegara haver cozinhado as nádegas tenras de Georgio Santorelli; o corpo sem vida de Joseph; e, por fim, uma imagem

do assassino, formada por todas as pistas e teorias que acumuláramos durante a investigação – mas, ainda assim, apesar de todo nosso trabalho, não mais que uma vaga silhueta. O céu escuro infinito e as inúmeras estrelas por cima do reservatório não ofereciam nenhum conforto nem refúgio a essas visões terríveis, e a civilização, quando tornei a olhar para as ruas embaixo, parecia muito distante. Cada passo cuidadoso nosso irradiava a mensagem de que alcançáramos um lugar da morte, à margem da lei, um lugar onde a implacável invenção humana em minha mão talvez fosse uma defesa insuficiente; um lugar em que as respostas a mistérios maiores que aqueles que passáramos as últimas semanas tentando decifrar se tornariam evidentes, com uma finalidade brutal. Apesar de todos esses pensamentos angustiantes, no entanto, nunca pensei em voltar por um instante sequer. Talvez fosse contagiante a convicção de Laszlo de que encerraríamos o caso ali em cima naquela noite; qualquer que fosse o motivo, não saí de seu lado, embora soubesse, com tanta certeza quanto jamais sentira, que havia enorme possibilidade de nunca mais voltarmos às ruas lá embaixo.

Ouvimos os soluços antes de ver o garoto. Não havia luzes no passeio, apenas a lua para nos guiar, e quando entramos na lateral da 40th Street, assomou a nossa frente, espectral, a estrutura de pedra de um andar que fora construído no alto do muro para alojar os mecanismos de controle do reservatório. Os soluços – estridentes, desesperados, mas, ainda assim, um tanto abafados – pareciam vir de algum lugar nas proximidades. Quando chegamos a cerca de quinze metros da estrutura, tive um vago vislumbre de carne humana refletindo ao luar. Demos mais alguns passos e divisei com nitidez a figura de um garoto nu, ajoelhado. Tinha as mãos atadas às costas, a cabeça encostada no passeio de pedra, os pés também amarrados. Uma mordaça envolvia sua cabeça, mantendo sua boca pintada aberta em um ângulo doloroso. Seu rosto brilhava devido às lágrimas; mas ele estava vivo, e também, surpreendentemente, sozinho.

Em um reflexo, dei um passo à frente, apressado, com a intenção de ajudar

o desafortunado jovem. Kreizler me agarrou pelo braço, contendo-me, e sussurrou em tom de urgência:

– Não, John! É exatamente isso que ele quer que você faça!

– O quê? – Sussurrei. – Como sabe que ele...

Kreizler acenou com a cabeça, indicando o alto da casa de controle.

Logo acima do telhado, refletindo a suave claridade da lua, avistei a mesma cabeça calva que divisara acima do Black and Tan de Stephenson na noite em que Cyrus fora atacado. Senti meu coração disparar, mas tratei de respirar fundo, tentando me acalmar.

– Ele nos viu? – Sussurrei para Kreizler.

Laszlo apertou os olhos, mas não deixou transparecer nenhuma outra reação à cena.

– Com toda certeza. A questão é outra: ele sabe que *nós* o vimos?

A resposta foi imediata: a cabeça desapareceu, como um animal na selva costuma fazer – por completo, com uma rapidez impressionante. A essa altura, o garoto amarrado já nos vira, e seus soluços abafados passaram a sons mais enfáticos e palavras incompreensíveis, mas óbvios apelos por ajuda. Outra imagem de Joseph aflorou em minha cabeça, redobrando meu desejo já impetuoso de me adiantar para ajudar o garoto marcado como a próxima vítima. No entanto, Kreizler continuou a segurar meu braço.

– Espere, John – sussurrou ele. – Espere.

Havia um pequeno vão de porta na parede da casa de controle, e Kreizler o indicou.

– Eu estive aqui esta manhã. Só há duas saídas daquela estrutura: de volta ao passeio, ou por uma escada até a rua. Se ele não aparecer...

Mais um minuto inteiro se passou sem nenhum sinal de vida no vão ou no telhado da casa de controle. Kreizler parecia perplexo.

– É possível que ele tenha fugido?

– Talvez o risco de ser apanhado tenha sido grande demais para ele – murmurei.

Kreizler avaliou a possibilidade, e então, observou o garoto suplicante.

– Muito bem – decidiu ele, por fim. – Vamos nos aproximar, mas bem devagar. E mantenha esse revólver pronto para disparar.

Os primeiros passos que pudemos dar por aquele trecho do passeio foram rígidos e difíceis, como se nosso corpo conhecesse e rejeitasse o perigo que nossa mente já havia aceitado. Contudo, depois de percorrermos uns três metros sem nenhum vislumbre do antagonista, passamos a andar com mais liberdade, e eu me convencia cada vez mais de que Beecham se sentira intimidado pela perspectiva de captura e fugira para a rua. Experimentei uma súbita e intensa alegria ao pensar que iríamos evitar um assassinato, e me permiti um pequeno sorriso.

Excesso de confiança e arrogância, como dizem. No momento em que a sensação de triunfo fez que minha pressão no revólver diminuísse um pouco, um vulto escuro pulou por cima da cerca de ferro no lado externo (o que dava para a rua) e me acertou um soco atordoante no queixo. Ouvi um som trovejante, que sei agora que foram os ossos de meu pescoço quando minha cabeça foi arremessada para trás, e depois, tudo era escuridão.

Não devo ter ficado inconsciente por muito tempo, pois as sombras projetadas pela lua não haviam avançado de maneira significativa quando despertei; mesmo assim, sentia a cabeça tonta, como se não dormisse havia dias. Enquanto minha visão desanuviava, tomei conhecimento de várias dores, algumas intensas, outras amortecidas. Havia o queixo, é claro, e o pescoço. Meus pulsos ardiam, meus ombros doíam demais; mas o desconforto mais penetrante provinha de baixo da língua. Gemi ao tentar desalojar alguma coisa dessa área, e então, cuspi no chão um dente canino, junto com o que parecia ser um litro de saliva e sangue. Minha cabeça parecia um sólido bloco de aço de Pittsburgh, e não consegui erguê-la mais que uns poucos centímetros. Por fim, constatei que isso era em decorrência de algo mais além do golpe que recebera: meus pulsos estavam amarrados no alto da grade de ferro, no lado interno do passeio, e meus tornozelos atados à parte

inferior, fazendo que minha cabeça e meu corpo pendessem para fora. Por baixo de meu rosto, na superfície do passeio, estava o revólver Colt.

Gemi de novo, tentei erguer a cabeça. E consegui fazê-lo o suficiente para avistar Kreizler. Ele estava amarrado da mesma maneira, mas parecia consciente e ileso. Ofereceu-me um sorriso.

– Já se recuperou, John?

– Humm, humm – balbuciei. – Onde...

Com certo esforço, Kreizler acenou com a cabeça na direção da casa de controle.

O garoto amarrado continuava no lugar em que o víramos pela primeira vez, mas seus gritos urgentes haviam se transformado em lamúrias apavoradas. À sua frente postava-se um vulto enorme, vestindo uma roupa preta comum, de costas para Kreizler e para mim. O homem tirou as roupas devagar, ajeitando-as com extremo cuidado no lado do passeio. Ficou completamente nu em poucos minutos, revelando mais de um metro e oitenta de músculos poderosos. Aproximou-se do garoto – que, a julgar pelas linhas adultas que começavam a surgir em seu rosto e corpo, devia ter uns doze anos – e ergueu-lhe a cabeça pintada pelos cabelos.

– Chorando? – Disse o homem em voz baixa, sem a menor emoção. – Um garoto como você deve mesmo chorar...

O homem largou a cabeça do garoto e se voltou para fitar a Kreizler e a mim. Sua musculatura anterior era tão desenvolvida quanto a posterior – dos ombros para baixo, era um espécime físico extraordinário. Estiquei o pescoço para olhar seu rosto, franzindo a testa. Não sei exatamente o que esperava, mas certamente não estava preparado para a banalidade daquelas feições. Havia alguma coisa de Adam Dury na pele repuxada do crânio do homem, assim como em seus cabelos ralos. Seus olhos também eram como os do irmão, pequenos demais para a cabeça grande de ossos salientes. O lado direito de seu rosto pendia um pouco, mas naquele momento não sofria espasmos, e seu queixo grande se projetava com firmeza; mas, em tudo e por

tudo, era um rosto comum, sem nenhuma insinuação do terrível turbilhão que fervilhava sem trégua no interior daquela cabeça enorme. Até parecia que aquela cena horrenda não era muito diferente da contagem de cabeças para o censo.

Esse fato, como compreendi de repente, era a coisa mais assustadora que eu já descobrira sobre John Beecham. Com uma atitude profissional, ele se abaixou, pegou uma imensa faca entre as roupas e se aproximou de Kreizler e de mim. Quase não havia pelos em seu corpo, que refletia o luar. Ele parou, inclinou-se, examinou o rosto de Kreizler e depois o meu.

– Só dois – murmurou ele, sacudindo a cabeça. – Isso foi estupidez, muita estupidez.

O homem ergueu a faca, parecida com a que Lucius nos mostrara no Delmonico's, e comprimiu o lado da lâmina contra a face direita de Kreizler, passando-a devagar pelas linhas de seu rosto. Laszlo observou a mão de Beecham se mexer, e murmurou, cauteloso:

– Japheth...

Beecham soltou um grunhido furioso e bateu com o dorso da mão esquerda na cabeça de Laszlo.

– Não diga esse nome!

Ele parecia ferver de raiva. Deslocou a faca para baixo de um dos olhos de Laszlo, e apertou o suficiente para arrancar uma gota de sangue.

– Não diga esse nome.

Beecham se empertigou, respirando fundo, como se achasse que aquela explosão fora indigna.

– Vocês têm procurado por mim. – Pela primeira vez, ele exibiu um sorriso, mostrando seus dentes grandes e amarelados. – Tentaram me vigiar, mas eu é que vigiei vocês.

Seu sorriso desapareceu tão depressa quanto surgira.

– Queriam observar? – Disse Beecham, indicando com a faca o garoto. – Pois então, observem. Ele morre primeiro. Uma morte limpa. O que não

acontecerá com vocês. Seus estúpidos imprestáveis, não foram capazes sequer de me deter. Animais estúpidos e imprestáveis, vou esfolá-los *vivos.*

Enquanto ele voltava para junto do garoto, sussurrei para Kreizler:

– O que ele pretende fazer?

Laszlo ainda sentia os efeitos do golpe.

– Creio que tenciona matar o garoto, e deseja que observemos. Depois...

Vi um filete de sangue escorrer pela face e queixo de Kreizler.

– Você está bem? – Indaguei.

– É a estupidez que mais dói – respondeu Laszlo, demonstrando uma incrível falta de preocupação com nosso possível destino.– Perseguimos um homem que é um montanhista experiente e nos deixamos surpreender quando ele passou por um simples muro de pedra para nos pegar pelas costas.

Beecham se agachara diante do garoto amarrado.

– Por que ele tirou as roupas? – Perguntei.

Laszlo estudou nosso atacante por um momento antes de responder:

– O sangue. Ele quer evitar que respingue em suas roupas.

Beecham largou a faca por um momento e se pôs a passar as mãos pelo corpo do garoto, que se contorcia.

– Mas terá sido esse o único motivo? – Acrescentou Laszlo, deixando transparecer certa surpresa na voz.

O rosto de Beecham ainda não revelava sinal nenhum de desejo, ou de outro sentimento. Ele apalpava o tronco, as pernas e os braços do garoto como um professor de Anatomia, só parando ao tocar os órgãos genitais. Ele os acariciou por alguns minutos, ergueu-se e foi se postar atrás do garoto. Acariciou suas nádegas empinadas com uma das mãos, e seu próprio membro com a outra.

Senti-me repugnado ao pensar no que acreditava que aconteceria em seguida e desviei os olhos.

– Mas, pensei – meu murmúrio era quase um protesto –, pensei que ele não estuprava as vítimas.

Laszlo continuava observando.

– Isso não significa necessariamente que ele não tenha tentado, John. É um momento complexo. Ele alegou, no bilhete, que não conspurcava os garotos. Mas, teria tentado?

Tornei a erguer a cabeça e constatei que Beecham ainda acariciava o garoto e a si mesmo, mas não conseguia produzir uma ereção em seu órgão. Murmurei, enojado:

– Mas, se ele quer fazer isso, por quê...

– Porque, na verdade, ele *não* quer fazer – respondeu Kreizler.

Ele esticou o pescoço na tentativa para balançar a cabeça, começando a compreender plenamente o que estava acontecendo.

– Ele sente uma pressão obsessiva para fazer isso, como também para matar; mas não é desejo. E embora possa se forçar a matar, não é capaz de se forçar a estuprar.

Como em resposta à análise que Kreizler fizera da cena, Beecham soltou um súbito uivo, de profunda frustração, e ergueu os braços musculosos para o céu. Seu corpo todo tremia. Então, tornou a baixar os olhos, contornou o garoto para se postar de novo a sua frente e estendeu suas mãos de dedos compridos para a garganta do jovem.

– Não! – Gritou Kreizler subitamente. – Não. Japheth, pelo amor de Deus, não é o que você quer...

– *Não diga esse nome!* – Berrou Beecham, enquanto o garoto se debatia em suas mãos. – Vou matá-lo, seu nojento...

E foi nesse instante que uma voz um tanto familiar soou na escuridão, a minha esquerda:

– Não vai matar ninguém, seu desgraçado!

Por mais dolorido que estivesse meu pescoço, virei a cabeça para me deparar com Connor, que avançava pelo passeio empunhando um impressionante revólver Webley 445. Atrás dele se aproximavam mais dois vultos, que logo assumiram os contornos de velhos conhecidos: os mesmos

rufiões que haviam atacado a mim e a Sara no cortiço dos Santorelli, que seguiram a mim e a Laszlo na visita a Adam Dury, e que eu expulsara do trem de Boston para Nova York sem a menor cerimônia. Connor apertava os olhos enquanto avançava para Beecham.

– Está me ouvindo? Saia de perto desse garoto!

Devagar, Beecham largou o garoto. Seu rosto era absolutamente impassível, mas subitamente mudou de uma forma dramática: pela primeira vez, uma emoção – um medo terrível – se fez evidente em seus olhos arregalados. No momento em que parecia que não podiam se abrir ainda mais, ele começou a piscar de uma maneira rápida e incontrolável.

– Connor! – Exclamei, superando meu espanto.

Olhei para Laszlo em busca de uma explicação, e o vi a contemplar nosso salvador com uma expressão ao mesmo tempo de ódio e satisfação.

– Isso mesmo – murmurou ele. – Connor.

– Desamarre aqueles dois! – Ordenou Connor a um de seus homens.

Ele se inclinou para pegar o Colt de Kreizler. Manteve o Webley apontado para Beecham, enquanto o homem a sua direita se adiantava com certa relutância para soltar primeiro a Laszlo e depois a mim.

– E você – acrescentou Laszlo para o assassino todo encolhido –, trate de se vestir, seu sodomita miserável!

Beecham, porém, não fez nenhuma menção para cumprir a ordem. Sua expressão tornou-se ainda mais apavorada, e ele se espremeu contra a parede da casa de controle. E foi então que os espasmos começaram. No início foram lentos, apenas o piscar dos olhos e uma contração no canto direito da boca; mas logo toda a lateral do rosto se contraía violentamente, em um ritmo acelerado, produzindo um efeito patético, que, devo admitir, pareceria, em outras circunstâncias, cruelmente cômico.

Enquanto Connor observava essa transformação, seu rosto barbudo foi assumindo uma expressão ostensiva de repulsa.

– Por Deus, seu doente desgraçado – Ele se voltou para o homem a sua

esquerda. – Mike, cubra-o, pelo amor de Deus!

O homem foi pegar as roupas no chão e as jogou para Beecham, que as segurou, mas não as vestiu.

Assim que Laszlo e eu ficamos outra vez em pé no passeio, passamos alguns segundos tentando aliviar as cãibras nos braços e nos ombros doloridos, enquanto os capangas de Connor voltavam a se postar atrás de seu chefe.

– Não vão desamarrar o garoto? – Indagou Laszlo, com a voz ainda marcada por uma profunda amargura.

Connor sacudiu a cabeça.

– Primeiro, vamos acertar algumas coisas, doutor – disse ele, como se, apesar do Webley, tivesse medo do que Kreizler pudesse fazer. – Nosso negócio é com aquele ali – Connor indicou Beecham –, e só com ele. Vocês dois saiam daqui, e esqueçam o resto. Tudo acaba esta noite.

– Tem razão – respondeu Laszlo. – Mas não da maneira como você imagina.

– Como assim? – Indagou Connor.

– Nossa partida está fora de questão. Você causou isso por sua sórdida presença assassina em minha casa.

Connor sacudiu a cabeça.

– Espere um pouco, doutor, eu não queria nada daquilo! Estava só fazendo meu trabalho, cumprindo as ordens que recebera, e aquela vaca...

No rosto de Kreizler transparecia uma raiva intensa, e ele deu meio passo à frente. Connor apertou o Webley mais um pouco.

– Não faça isso, doutor, não me dê motivo. Como eu disse, só estamos aqui para cuidar daquele homem, mas sabe muito bem que eu teria o maior prazer em liquidar os três. Isso pode não agradar a meus chefes, mas, se me derem motivo, não hesitarei em atirar.

Pela primeira vez, Beecham pareceu concentrar sua atenção no que ocorria ao seu redor. Com o rosto ainda em espasmos, ele se voltou para fitar Connor

e seus capangas; depois, em um movimento inesperado, correu para perto das pernas de Laszlo.

– Eles – balbuciou Beecham com voz trêmula –... eles vão me matar!

Connor soltou uma risada áspera.

– É isso mesmo, você estará morto quando o carregarem lá para baixo, seu carniceiro idiota. Toda essa confusão por você... e o que é você? Um arremedo de homem, com suas lamúrias e ganidos. – Connor começou a se gabar para os capangas. – Difícil de acreditar, não é mesmo, pessoal? Esse... essa *coisa* é tudo que existe. Um sujeito cuja ideia de diversão é foder garotos e depois retalhá-los.

– *Mentiroso!* – Berrou Beecham, cerrando os punhos, mas permanecendo meio agachado. – Mentiroso nojento!

Ao ouvirem isso, Connor e seus homens desataram a rir, o que exacerbou ainda mais o turbilhão emocional de Beecham. Enquanto os uivos zombeteiros continuavam, fui me postar ao lado de Beecham, sem saber por quê, e lancei um olhar desaprovador aos três idiotas a minha frente – sem produzir nenhum efeito. Voltei-me para Kreizler na esperança de obter alguma orientação, e percebi que ele olhava pelo passeio, para além de Connor e seus capangas, expectante. Ele abriu a boca, e sem nenhuma razão que eu pudesse determinar, gritou:

– *Agora!*

E foi então que todo o inferno se desencadeou. Com a rapidez e a precisão que só anos de treinamento profissional podem proporcionar, um homem que parecia um gorila pulou por cima da cerca interna do passeio e com um pedaço de cano de chumbo acertou a mão de Connor que empunhava a arma. Antes que os outros dois rufiões pudessem reagir, uma sucessão de golpes de punhos enormes os deixou estendidos no chão, desacordados. Connor, uivando de dor, logo partilhou o mesmo destino. Depois, só por precaução, o recém-chegado – cujo rosto estava oculto sob um gorro de mineiro – se inclinou para a cabeça de cada um e desfechou uma série de golpes

retumbantes com o cano de chumbo. Foi uma demonstração extraordinária de eficiência em violência, mas minha alegria pelo ataque se desvaneceu a um ponto considerável quando o homem se empertigou e por fim se revelou.

Era Jack McManus, ex-campeão de boxe, então responsável por impor o decoro no New Brighton Dance Hall, de Paul Kelly. Ele enfiou o cano de chumbo na calça, pegou o Colt e o Webley e avançou em minha direção. Preparei-me, calculando que Laszlo e eu seríamos as próximas vítimas de sua habilidade pugilista; mas McManus esticou seu paletó puído, cuspiu nas águas do reservatório e me entregou as armas. Apontei o Colt para Beecham, enquanto Jack se aproximava de Kreizler, erguia a mão e a levava ao gorro, respeitoso.

– Bom trabalho, Jack – disse Laszlo, diante de meu espanto. – Amarre-os, se quiser, e amordace os dois maiores. Vou querer falar com o do meio assim que ele recuperar os sentidos.

Laszlo estudou Connor, evidentemente impressionado pelo trabalho de McManus.

– Ou, talvez eu deva dizer, *se* ele recuperar os sentidos.

McManus levou a mão ao gorro de novo, tornou a passar por minha frente, pegou vários pedaços de corda e dois lenços e se pôs a executar as instruções de Laszlo como um boi paciente e esforçado. Enquanto isso, Kreizler foi até o garoto, tirou-lhe a mordaça e desamarrou suas mãos e seus pés.

– Está tudo bem – murmurou Laszlo, enquanto o garoto continuava a soluçar, incontrolável. – Você está seguro agora.

O garoto fitou Laszlo com olhos arregalados de terror.

– Ele ia...

– O que ele ia fazer não é mais importante – respondeu Laszlo com um sorrisinho, tirando um lenço do bolso e limpando o rosto do garoto. – O importante é que você está são e salvo. Tome aqui...

Laszlo pegou no chão o casaco com que saíra da ópera e ajeitou-o em torno do corpo trêmulo do garoto.

Com tudo sob controle, pelo menos naquele momento, tratei de satisfazer minha curiosidade. Aproximei-me da grade que dava para a rua e olhei por cima. Um pouco abaixo, estendida antes de nossa chegada e presa em espigões de montanhismo como os que Marcus encontrara em Castle Garden, havia um pedaço de corda grossa. Como Kreizler calculara, dar a volta e nos surpreender por trás não fora difícil para um montanhista experiente como Beecham. Tornei a me voltar; contemplei nosso inimigo derrotado, balançando a cabeça diante da maneira súbita e desconcertante com que a maré virara.

Jack McManus concluíra o trabalho de amarrar os homens de Connor e olhou para Kreizler, expectante.

– Tudo pronto, Jack? – Perguntou Kreizler. – Ótimo. Não vamos mais precisar de você. E, mais uma vez, obrigado.

McManus tocou no gorro pela última vez, virou-se e afastou-se pelo caminho escuro sem dizer nada. Kreizler tornou a olhar para o garoto.

– Vamos entrar, está bem? Moore, só vou levar nosso jovem amigo aqui até a sala de controle.

Balancei a cabeça, mantendo o Colt apontado para a cabeça de Beecham enquanto Laszlo e o garoto desapareciam no interior da estrutura. Ainda encolhido, em espasmos, Beecham começara a emitir uma lamúria, de forma baixa e gutural. Não parecia que me criaria dificuldades, mas decidi que era melhor não correr nenhum risco. Esquadrinhei a área; avistei sua faca caída no caminho e fui pegá-la, enfiando-a no cós de minha calça. Tornei a olhar para Connor, inconsciente, e constatei que ele tinha um par de algemas preso no cinto. Peguei-as e as joguei para Beecham.

– Ponha isto – ordenei.

Devagar, distraído, Beecham ajeitou as algemas em seus pulsos; fechou a primeira e depois a outra, com certa dificuldade. Revistei os bolsos de Connor; encontrei a chave das algemas e notei que havia uma pequena mancha de sangue em sua camisa. Desabotoei sua camisa imunda, puxei-a

para um lado, sem desviar a arma de Beecham, e constatei que Connor tinha um ferimento no flanco, ainda não totalmente cicatrizado, e que parecia haver reaberto sob o ataque de Jack McManus. Era o ferimento que Mary Palmer lhe infligira antes de Connor a jogar pela escada da casa de Kreizler.

– Bom trabalho, Mary – murmurei, enquanto me afastava de Connor.

Kreizler saiu da sala de controle, passou a mão pelos cabelos e contemplou a cena com evidente satisfação, embora um pouco aturdido. Depois, olhou para mim meio constrangido, como se soubesse o que estava para vir.

– Vai ter de me explicar tudo que está acontecendo por aqui – anunciei, com voz calma, mas firme.

CAPÍTULO 45

Laszlo acabara de abrir a boca para responder quando o som estridente de um apito subiu da 40th Street. Ele correu para espiar por cima da cerca que dava para a rua. Acompanhei-o e avistei Cyrus e Stevie embaixo, na caleche.

– Receio que as explicações terão de esperar, Moore – disse Kreizler, tornando a se voltar para Beecham. – A chegada de Cyrus e Stevie significa que a ópera terminou há pelo menos 45 minutos. A esta altura, as suspeitas de Roosevelt já foram despertadas. Ele já deve ter falado com os outros na torre de High Bridge, e quando souberem de nosso desaparecimento...

– Mas, o que planeja fazer?

Kreizler coçou a cabeça e exibiu um sorriso.

– Não tenho muita certeza. Meus planos não previam esta situação; eu nem sequer sabia se continuaria vivo, mesmo com a ajuda do nosso amigo McManus.

Isso me espicaçou, e não hesitei em deixar transparecer toda a irritação que sentia.

– E suponho que eu também estaria morto!

– Por favor, Moore – disse Kreizler, acenando com a mão, impaciente. – Não há tempo agora.

– Mas, o que faremos com Connor? – Indaguei, apontando para o corpo prostrado do ex-detetive.

– Vamos deixá-lo aos cuidados de Roosevelt – respondeu Laszlo, encaminhando-se para o lugar em que Beecham se achava sentado, todo encolhido. – Embora ele mereça coisa muito pior!

Laszlo se agachou para fitar Beecham nos olhos; respirou fundo para se

acalmar, estendeu a mão diante do rosto de nosso prisioneiro e a deslocou de um lado para o outro. Beecham parecia totalmente alienado.

– O garoto desceu das montanhas – murmurou Kreizler. – Pelo menos, é o que parece.

Eu entendi suas palavras: se o homem que havíamos encontrado no alto dos muros naquela noite era a versão evoluída do jovem caçador frio e sádico que outrora vagueava pelas Shawangunks, a criatura apavorada que estava agora diante de nós era a herdeira de todo o terror e autoaversão que Japheth Dury experimentara em todos os outros momentos de sua vida. Como sabia que havia pouco a temer do homem enquanto ele permanecesse naquele estado mental, Laszlo pegou seu casaco e o pendurou nos enormes ombros nus do sujeito.

– Preste atenção, Japheth Dury – disse Kreizler em um tom ominoso, que fez Beecham por fim parar de balançar e gemer. – Você tem muito sangue nas mãos. O de seus pais, para começar. Caso os crimes que cometeu se tornem conhecidos, seu irmão, Adam, que ainda está vivo, que ainda se empenha em levar uma vida honesta e decente, será com certeza destruído, perseguido por todos. Por isso, se não por qualquer outra coisa, seu lado ainda humano deve prestar o máximo de atenção às minhas palavras.

Embora seus olhos continuassem vidrados, Beecham balançou a cabeça lentamente.

– Ótimo – disse Laszlo. – A Polícia aparecerá aqui em breve. Pode ou não encontrá-lo ao chegar, dependendo de sua franqueza comigo. Vou lhe fazer apenas umas poucas perguntas agora a fim de determinar sua capacidade e sua disposição de cooperar. Responda com sinceridade, e poderemos providenciar um destino menos severo que o que será exigido pelo povo desta cidade. Está me entendendo?

Beecham tornou a balançar a cabeça, e Kreizler tirou do bolso seu ubíquo caderninho de anotações e uma caneta.

– Muito bem, vamos começar. Os fatos básicos...

Laszlo iniciou um relato rápido e condensado da vida de Beecham, começando por sua infância como Japheth Dury e entrando em alguns detalhes sobre a morte de seus pais. Enquanto Beecham respondia às perguntas, sempre confirmando mais e mais as hipóteses que formuláramos durante a investigação, seu tom foi se tornando cada vez mais fraco e desamparado, como se não houvesse outra opção que não a submissão total diante daquele homem que de alguma forma o conhecia tão bem quanto ele próprio. Kreizler, por sua vez, convenceu-se de que Beecham estava mesmo disposto a cooperar, encontrando nas respostas uma prova positiva de que uma parte oculta – nem por isso menos forte – da mente do assassino sempre ansiara por aquele momento.

Suponho que eu também deveria me sentir profundamente gratificado pelos resultados daquela entrevista inicial; contudo, enquanto observava Beecham responder às perguntas de Laszlo – com a voz cada vez mais dócil, infantil até, sem nada do tom ameaçador e arrogante que ele usara quando éramos seus prisioneiros –, fui ficando bastante irritado, perturbado até a essência de meu espírito. A irritação logo se transformou em indignação, como se aquele homem não tivesse direito a nenhuma das qualidades humanas dignas de compaixão, depois de tudo o que fizera. Quem era aquele monstro enorme e grotesco, pensei, a confessar tudo, choramingando, como uma das crianças que assassinara? Onde estavam toda a violência, a crueldade, a arrogância, a inflexibilidade que ele demonstrara em outras noites? À medida que essas e outras perguntas afloravam em minha cabeça, a raiva crescia depressa, até que, subitamente, não pude me controlar por mais tempo, levantei-me e berrei:

– Cale a boca! Não diga mais nada, seu covarde miserável!

Beecham e Laszlo ficaram em silêncio no mesmo instante e me fitaram, chocados. Os espasmos faciais de Beecham se intensificaram de forma dramática enquanto ele olhava para o Colt em minha mão. A atitude de Laszlo logo mudou de surpresa para compreensão.

– Tudo bem, Moore – ele disse, sem pedir uma explicação. – Vá esperar lá dentro com o garoto.

– E deixá-lo com ele? – Protestei com a voz ainda trêmula de raiva. – Ficou louco? Olhe para ele, Kreizler. É *ele*, o responsável por todo o sangue que vimos! E agora, você deixa que ele o convença de que não passa de...

– John! – Gritou Kreizler, detendo-me. – *Já chega!* Vá esperar lá dentro.

Olhei para Beecham.

– E então? De que vai tentar convencê-lo? – Inclinei-me, mantendo o revólver apontado para a cabeça de Beecham. – Ainda pensa que pode escapar, não é?

– Chega, Moore! – Kreizler agarrou meu pulso, sem conseguir fazer que eu desviasse a arma. – Pare com isso!

Aproximei-me ainda mais do rosto de Beecham dominado pelos espasmos.

– Meu amigo acha que se você não tem medo de morrer, é porque está louco.

Com Laszlo ainda tentando me desarmar, comprimi o cano do revólver contra a garganta de Beecham.

– Você tem medo de morrer... *tem?* Morrer, como os garotos que...

– John! – Berrou Kreizler de novo.

No entanto, eu já não o escutava mais. Pus o polegar no cão do Colt e o puxei para trás com um solavanco, o que fez Beecham soltar um grito estridente e tentar se afastar, como um animal acuado.

– Não! – Gritei para ele. – Você não é louco... tem medo de morrer!

E, de repente, o ar ao nosso redor reverberou com o estampido de um tiro. Um impacto soou em algum lugar por baixo de minha mão, e Beecham balançou para trás, deixando à mostra um buraco vermelho no lado esquerdo do peito, que sibilava quando o ar escapava. Beecham fixou em mim seus olhos apertados, baixou as mãos algemadas e arriou no chão; o casaco caiu de seus ombros.

Eu o matei, pensei. Não havia alegria nem culpa nesse conhecimento,

apenas o reconhecimento de um fato. Entretanto, depois que Beecham tombou na superfície de pedra, meu olhar incidiu no cão do Colt. Continuava levantado. Antes que meu cérebro confuso pudesse encontrar algum sentido naquilo, Laszlo já se adiantara para fazer um exame rápido do ferimento a bala. Sacudiu a cabeça, enquanto o som desagradável de ar e sangue continuava a sair do peito de Beecham; a seguir, ergueu o punho cerrado e levantou os olhos, furioso. No entanto, seu olhar passou por mim, e virei a cabeça para trás, devagar.

Connor escapara das cordas e se encontrava em pé, no meio do passeio. Estava encurvado, com vertigem e dor. Com a mão esquerda comprimia o flanco que sangrava, e com a direita empunhava uma pistola pequena de dois canos. Um sorriso insidioso contraía seus lábios ensanguentados. Ele cambaleou um ou dois passos para frente.

– A noite acaba aqui – balbuciou ele, erguendo a pistola apontada para nós. – Largue essa arma, Moore.

Obedeci, devagar, com extremo cuidado; mas, no momento em que o Colt encostou no chão, outro tiro ecoou no ar – este disparado a certa distância – e Connor saltou para a frente, como se atingido com violência nas costas. Ele caiu de cara no chão, grunhindo, revelando um buraco no casaco, pelo qual o sangue começou a jorrar. A fumaça de pólvora do tiro que Connor acertara em Beecham ainda não se dissipara quando um novo vulto apareceu no passeio escuro e logo se tornou visível ao luar.

Era Sara, com seu revólver de cabo de madrepérola na mão. Ela fitou Connor por um instante, sem trair nenhuma emoção, e depois olhou para Kreizler e para mim.

– Pensei neste lugar logo depois que assumimos nossas posições na torre de High Bridge – ela disse, tensa, enquanto os Isaacsons surgiam da escuridão. – Quando Theodore informou que vocês haviam deixado a ópera mais cedo, compreendi.

Deixei escapar um profundo suspiro.

– E graças a Deus que compreendeu – murmurei, removendo o suor da testa com a mão para em seguida pegar o Colt.

Laszlo continuava agachado ao lado de Beecham, mas levantou os olhos para Sara.

– E onde está o comissário?

– Ainda em High Bridge – respondeu Sara. – Não lhe contamos nada.

Laszlo balançou a cabeça.

– Obrigado, Sara. Você não tinha muitos motivos para tanta consideração.

O rosto de Sara permanecia impassível.

– Tem toda a razão.

Beecham teve um acesso de tosse, sufocada, sangrenta. Kreizler passou o braço sob seu pescoço, erguendo-lhe a cabeça enorme.

– Sargento detetive – murmurou Laszlo.

Lucius se adiantou para ajudá-lo. Fez um exame rápido do peito de Beecham e sacudiu a cabeça, categórico.

– Não adianta, doutor.

– Sei disso – declarou Kreizler, ríspido. – Só preciso... Esfregue as mãos dele, está bem? Moore, tire as algemas. Preciso de mais alguns minutos.

Enquanto eu removia as algemas do homem agonizante, Laszlo tirou do bolso um frasco de sais de amônia e o abriu sob o nariz de Beecham. Lucius pôs-se a bater nas palmas de Beecham e a esfregá-las. A expressão de Laszlo foi se tornando mais e mais preocupada, os movimentos mais agitados, até alcançarem um nível de desespero.

– Japheth – murmurou, bem baixinho e suplicante. – Japheth Dury, pode me ouvir?

As pálpebras de Beecham tremeram por um instante, seus olhos se reviraram. Depois de um momento, ele conseguiu fixá-los no rosto tão próximo do seu. Não tinha mais espasmos; sua expressão era de uma criança apavorada que pede socorro a um estranho sabendo que não o vai obter.

– Eu... – ele balbuciou, tossindo mais um pouco, cuspindo sangue. – Eu...

vou morrer...

– Escute, Japheth – disse Laszlo, enquanto enxugava o sangue da boca e do rosto do homem e continuava aninhando-lhe a cabeça. – Você precisa prestar atenção. O que você via, Japheth? O que via ao olhar para as crianças? O que o levava a matá-las?

A cabeça de Beecham pôs-se a balançar de um lado para o outro, depressa. Um tremor percorreu seu corpo. Ele desviou o olhar aterrorizado para o céu e escancarou a boca, revelando dentes enormes encharcados de sangue.

– Japheth! – Insistiu Laszlo, sentindo que o homem resvalava para a morte. *– O que você via?*

Enquanto sua cabeça continuava a balançar, os olhos de Beecham voltaram ao rosto suplicante de Kreizler.

– Eu... nunca soube... – balbuciou ele em tom contrito. – Nunca... soube! Não... eles...

Seu corpo todo se sacudiu por um instante, e Beecham agarrou Laszlo pela camisa. Com o rosto ainda dominado por um medo mortal, John Beecham teve um espasmo final, cuspiu um pouco de sangue misturado com vômito pelo canto da boca e ficou imóvel. Sua cabeça caiu para longe de Kreizler, e seus olhos perderam a expressão de terror.

– Japheth! – Gritou Kreizler mais uma vez.

Contudo, ele sabia que era tarde demais. Lucius reagiu primeiro e fechou os olhos de Beecham; e então, Kreizler baixou a cabeça do morto no frio chão de pedra.

Ninguém falou por um ou dois minutos, e logo ouvimos outra vez o som de um apito lá embaixo. Levantei-me, fui até a cerca externa e olhei para Cyrus e Stevie, que apontavam, em uma atitude de urgência, na direção do West Side. Acenei para eles e voltei para junto de Kreizler.

– Laszlo, creio que Roosevelt está a caminho – informei. – É melhor se preparar para explicar...

– Não – Kreizler não ergueu a cabeça, mas sua voz era firme. – Não estarei

aqui.

Quando ele por fim levantou o rosto e olhou ao redor, constatei que tinha os olhos vermelhos e úmidos. Fitou cada um de nós, a mim, a Sara, a Marcus e a Lucius, sempre balançando a cabeça.

– Todos vocês me concederam ajuda e amizade, talvez mais do que eu merecia. Mas, devo pedir que continuem a fazê-Io por mais algum tempo. – Kreizler se levantou, voltando-se para Lucius e Marcus. – Sargentos detetives, precisarei da ajuda de vocês para remover o corpo de Beecham. Disse que Roosevelt está vindo pela 40th Street, John?

– Creio que sim, baseado na atitude daqueles dois lá embaixo.

– Muito bem. Quando ele chegar, Cyrus o orientará aqui para cima. Os sargentos detetives e eu levaremos o corpo pelo portão da 5th Avenue – Laszlo foi até a cerca externa e deu uma ordem, acenando com a mão. –, onde Stevie estará esperando.

Ele se aproximou de Sara e pôs as mãos em seus ombros.

– Não a culparei se recusar qualquer participação nisso, Sara.

Ela o fitou em silêncio por um momento, dando a impressão de que estava prestes a explodir em uma acusação veemente; mas depois, limitou-se a dar de ombros, guardando a pistola em uma dobra do vestido.

– Não foi franco conosco sobre essa parte, doutor – murmurou Sara, e seu olhar duro se abrandou. – Mas se não fosse por sua iniciativa, nunca teríamos esta oportunidade. Estou disposta a concordar.

Laszlo a abraçou.

– Obrigado. – Ele recuou. – Muito bem; vocês encontrarão na sala de controle um garoto um tanto apavorado, envolto por meu casaco. Falem com ele e providenciem para que Roosevelt não lhe faça perguntas antes que possamos chegar ao centro da cidade.

– O centro? – Repeti, enquanto Sara se encaminhava para a entrada da sala de controle. – Espere um pouco, Kreizler...

– Não há tempo, John. – Kreizler se voltou para Lucius e Marcus. – O

comissário é o superior de vocês, e compreenderei se não...

– Não precisa continuar, doutor – respondeu Lucius. – Creio que sei o que tem em mente. E também estou curioso para saber o que vai encontrar.

– Poderá verificar pessoalmente, pois tenciono contar com sua ajuda. – Kreizler olhou para o Isaacson mais alto. – Se quiser se retirar, Marcus, compreenderei perfeitamente.

Marcus avaliou as palavras de Kreizler por um momento antes de murmurar:

– É o único enigma que ainda resta a resolver, não é mesmo, doutor?

Kreizler balançou a cabeça.

– Talvez o mais importante.

Marcus pensou por mais um instante e acabou anuindo com a cabeça.

– Está certo. O que representa uma pequena insubordinação funcional em comparação com os interesses da ciência?

Laszlo pôs a mão em seu ombro.

– Obrigado. – Ele voltou para junto do corpo de Beecham e pegou um dos braços. – Muito bem, vamos tirá-lo daqui... e depressa.

Marcus pegou os pés de Beecham; Lucius empilhou as roupas do morto em cima de seu tronco antes de pegar o membro restante. Levantaram o corpo – Kreizler estremeceu de dor – e foram andando pelo passeio na direção da 5th Avenue.

A perspectiva de ficar sozinho ali em cima, tendo por companhia apenas os dois rufiões desacordados e o cadáver de Connor, imprimiu uma vida nova a meus movimentos e minha boca.

– Ei, esperem um minuto! – Exclamei, seguindo os outros. – Só um instante! Kreizler! Sei o que está planejando! Mas não pode me deixar aqui em cima e esperar que eu...

– Não há tempo, John – respondeu Laszlo, passando a andar mais depressa, acompanhado pelos Isaacsons. – Precisarei de seis horas, mais ou menos; tudo ficará claro a essa altura!

– Mas eu...

– Você é um autêntico baluarte! – Kreizler gritou.

Parei ao ouvir isso, e observei-os se desvanecer no azul-escuro do passeio e depois desaparecerem na escada para a 5th Avenue.

– Baluarte – murmurei, chutando o chão e me virando em seguida. – *Baluartes* não ficam para trás com a obrigação de explicar esse tipo de confusão.

Interrompi meu monólogo ao ouvir uma comoção dentro da sala de controle: a voz de Sara, seguida pela de Theodore. Eles trocaram algumas palavras acaloradas, e depois Roosevelt saiu para o passeio, acompanhado por Sara e vários homens uniformizados.

– Ah! – Trovejou Theodore ao me ver, adiantando-se e erguendo um dedo acusador. – Este é meu pagamento por fazer um acordo com homens que julgava probos! Eu estava enganado! Por Deus, eu deveria....

Ele estacou abruptamente ao se deparar com os dois rufiões amarrados e o cadáver. Olhou do chão para mim duas vezes, e apontou o dedo para baixo.

– Este é *Connor?*

Acenei com a cabeça e tratei de me adiantar, pondo de lado a raiva contra Kreizler. Simulei uma grande ansiedade.

– É, sim, e você chegou bem a tempo, Roosevelt. Viemos aqui à procura de Beecham...

A indignação se estampou no rosto de Theodore por um instante.

– Sei disso, e se dois de meus melhores homens não seguissem os criados de Kreizler...

– Mas Beecham não apareceu – continuei. – Era uma armadilha preparada por Connor. Ele queria... matar Stevie.

– *Stevie?* – Repetiu Roosevelt, incrédulo. – O empregado de Kreizler?

Fitei-o nos olhos com uma expressão muito séria.

– Stevie era a única testemunha do assassinato de Mary Palmer por Connor, Roosevelt.

O rosto de Theodore se iluminou de compreensão, e seus olhos se arregalaram por trás dos óculos.

– Mas é claro! – Depois de uma pausa, sua testa tornou a se franzir. – Mas, o que aconteceu?

– Por sorte, comissário – Sara interveio, percebendo que meus poderes de invenção começavam a enfraquecer –, os sargentos detetives e eu chegamos a tempo.

Sara indicou o corpo com mais confiança e certeza do que eu sabia que ela sentia, e acrescentou:

– O senhor vai encontrar uma bala minha nas costas de Connor.

– *Sua*, Sara? – Theodore murmurou, incrédulo. – Não estou entendendo.

– Nem nós entendíamos, até que nos trouxe o aviso do que John e o doutor estavam fazendo. Mas, quando calculamos onde poderíamos encontrá-los, o senhor já havia deixado a torre de High Bridge. Se eu estivesse em seu lugar, comissário, voltaria para lá. O resto dos seus detetives continua de vigia, e o assassino ainda não atacou.

– É verdade – Theodore murmurou depois de pensar um pouco. – Suponho que tem razão sobre...

Ele se empertigou de repente, farejando a artimanha.

– Esperem um pouco. Já percebi o que temos aqui. Se tudo isso for verdade, então, digam-me uma coisa: quem é aquele garoto lá dentro? – perguntou Theodore, apontando para a sala de controle.

– Sinceramente, Roosevelt – insisti –, seria melhor se você...

– E onde estão os outros... Kreizler e os Isaacsons?

– Comissário – disse Sara –, posso explicar...

– Ah, já sei o que está acontecendo aqui! Conspiração, não é mesmo? Pois muito bem! Se é assim que vocês querem, assim será! Sargento!

Um dos homens uniformizados bateu continência e se aproximou.

– Mande um de seus homens cuidar do garoto lá dentro, e prenda estes dois! Quero que sejam levados imediatamente para a Mulberry Street!

Antes que Sara e eu pudéssemos dizer qualquer coisa, Theodore ergueu o dedo mais uma vez e o brandiu diante de nosso rosto.

– Darei a vocês dois um lembrete muito desagradável acerca de quem comanda o Departamento de Polícia nesta cidade!

CAPÍTULO 46

Era tudo conversa fiada, é claro. Roosevelt nos levou para a Mulberry Street, é verdade, e nos trancou por algumas horas em sua sala, onde fez uma preleção sobre honra, confiança e cumprimento da palavra empenhada; no fim, porém, eu lhe contei a verdade sobre o que acontecera naquela noite, mesmo não tendo certeza de que Kreizler e os Isaacsons haviam conseguido chegar aonde queriam. Expliquei a Theodore que, no fundo, não mentira para ele, já que não sabia para onde eu estava indo antes de chegar ao teatro; e, para ser franco, acrescentei, eu mesmo *ainda* não tinha todas as explicações para muitas das coisas ocorridas no reservatório; mas tencionava obtê-las. E prometi que assim que soubesse de tudo, voltaria à Mulberry Street para partilhar as informações. Roosevelt se acalmou bastante enquanto eu falava; e quando Sara ressaltou que o mais importante – fato sobre o qual não pairava nenhuma dúvida – era a morte de Beecham, o ânimo de Theodore melhorou de forma considerável. Como ele nos dissera várias semanas antes, a conclusão bem-sucedida significava muito para ele, pessoalmente (embora não pudesse, tendo em vista as muitas complexidades, tirar grande proveito em termos profissionais); e quando Sara e eu nos levantamos para deixar sua sala, por volta de quatro horas, Theodore já havia trocado as críticas a alguns dos acontecimentos daquela noite por louvores efusivos ao trabalho de nossa equipe como um todo.

– Pouco convencional, sem dúvida – ele comentou, pegando-nos pelos ombros e nos acompanhando até a porta –, mas, em tudo e por tudo, um esforço magnífico. Magnífico. Pensem um pouco: um homem sem nenhuma ligação com suas vítimas, um homem que poderia ser qualquer um nesta cidade, identificado e detido. – Sacudiu a cabeça com um suspiro de

reconhecimento. – Ninguém jamais acreditaria. E ainda, de quebra, acabar com Connor!

Vi Sara estremecer um pouco ao ouvir isso, mas se esforçou para esconder sua reação.

– Vou gostar de saber como nosso amigo Kreizler armou essa última parte do plano. – Theodore coçou o queixo, baixou os olhos para o chão por alguns segundos e depois nos fitou. – E então, o que vocês pretendem fazer agora?

Era uma pergunta simples, mas cujas implicações, como percebi no mesmo instante, eram bastante desagradáveis.

– O que nós... – murmurei. – Ora, nós... isto é... não sei. Há... detalhes a definir.

– Sei disso – declarou Roosevelt. – Mas o que estou querendo dizer é que o caso terminou, e vocês venceram!

Ele se voltou para Sara, como se esperasse uma anuência. Ela balançou a cabeça devagar, parecendo tão confusa e contrafeita quanto eu.

– Tem razão – ela conseguiu por fim dizer, diante da expressão de expectativa de Theodore.

Seguiu-se uma pausa longa e peculiar, durante a qual o sentimento vago, mas desconcertante, gerado pelo pensamento de que o caso fora encerrado nos dominou com uma força intensa. Em uma tentativa de bani-lo, Theodore deliberadamente mudou de assunto.

– Seja como for, foi um final afortunado e intrigante. Ainda por cima oportuno. Parto amanhã para Saint Louis.

– Ah, sim – murmurei, feliz por falar sobre outra coisa. – A convenção. Será mesmo McKinley?

– E na primeira votação! – Theodore exclamou com um entusiasmo crescente. – A convenção é mera formalidade.

Resolvi espicaçá-lo, sorrindo:

– Já escolheu uma casa em Washington?

Como sempre, Theodore se encrespava a qualquer sugestão de que estava se

entregando a uma manobra ambiciosa; mas logo se lembrou de que eu era um velho amigo, que jamais duvidaria de seus motivos básicos, e deixou a tempestade passar.

– Ainda não. Mas, quantas possibilidades! Talvez o Departamento Naval...

Sara soltou uma risada súbita e incontrolável, e no instante seguinte levantou a mão para tapar a boca.

– Desculpe, comissário, mas... ora, nunca o imaginei como um homem da Marinha.

– É isso mesmo, Roosevelt – acrescentei. – O que você poderia saber sobre assuntos navais?

– Ora essa – ele protestou, indignado –, escrevi um livro sobre a guerra naval de 1812, e foi muito bem recebido!

– Ah, é claro, claro, isso faz toda a diferença – concordei, balançando a cabeça.

O sorriso de Theodore voltou.

– É isso mesmo, a Marinha é o lugar para estar. De lá, poderemos começar a planejar um acerto de contas com os malditos espanhóis! Assim...

– Por favor – interrompi-o, erguendo a mão. – Não quero saber.

Sara e eu nos encaminhamos para a escada, enquanto Theodore permanecia parado à porta de sua sala com as mãos nos quadris. Como sempre, sua energia não parecia nem um pouco diminuída por uma longa noite de atividade, e seu sorriso radiante ainda era visível quando chegamos ao fim do corredor escuro.

– Não querem saber? – Theodore gritou, jovial, enquanto descíamos a escada. – Mas vocês bem que poderiam ir junto! Depois do trabalho que realizaram, o império espanhol não seria um grande desafio! Pensem a respeito, há uma perspectiva nisso... a Psicologia do rei da Espanha! Isso mesmo, levem seu quadro-negro para Washington, e decidiremos a melhor maneira de acabar com o rei!

Sua voz por fim se tornou inaudível quando deixamos o prédio.

Sara e eu caminhamos pelo curto quarteirão até a Lafayette Place, ainda em uma espécie de choque, que nos impedia de repassar em detalhes a conclusão do caso. Não que não quiséssemos esclarecer muitas das coisas que haviam ocorrido no reservatório, mas ambos sabíamos que não dispúnhamos de informações suficientes para fazer isso sozinhos. E seria preciso bastante tempo e sabedoria para analisar os conhecimentos concretos que possuíamos. Entre tudo o que ocorrera, nada era mais concreto que o fato de que Sara pusera termo à vida de um homem naquela noite.

– Suponho que um de nós estava fadado a fazer isso – ela comentou, cansada, de olhos fixos na calçada, depois que entramos na Lafayette Place e seguimos para o norte. – Mas nunca imaginei que seria eu.

– Se alguém já mereceu, foi Connor – afirmei, tentando tranquilizá-la, mas sem cometer o pecado mortal (aos olhos de Sara) da condescendência.

– Sei disso, John. Com toda a sinceridade, sei disso. Ainda assim...

Sua voz definhou. Ela parou, respirou fundo e correu os olhos pela rua vazia. Olhou de um prédio escuro para outro, até que me fitou, e com um movimento rápido que me surpreendeu, abraçou-me e encostou a cabeça em meu peito.

– Acabou mesmo, não é, John?

– Você parece lamentar – murmurei, afagando seus cabelos.

– Um pouco – respondeu Sara. – Não por qualquer coisa que tenha acontecido, mas porque nunca tive uma experiência assim. E me pergunto quantas mais me serão permitidas.

Levantei sua cabeça pelo queixo, fitei seus olhos verdes.

– Não sei por quê, mas tenho o pressentimento de que você vai lidar com pessoas que lhe permitirão fazer coisas. Não que seja tão competente assim, é claro...

Ela sorriu; foi até o meio-fio.

– Talvez você tenha razão. – Sara se voltou ao ouvir o barulho de cascos de um cavalo. – Mas isso é que é sorte... um fiacre!

Ela ergueu a mão direita diante do rosto, estendeu o indicador e o polegar e os enfiou na boca, para minha consternação. Soprou com toda a força, produzindo um assovio que quase me estourou os tímpanos. Tapei os ouvidos com as mãos e a fitei em choque, recebendo outro sorriso largo em resposta.

– Andei treinando – disse, enquanto o fiacre se aproximava e parava ao seu lado. – Stevie me ensinou. Não acha que fiquei bastante competente?

Ela embarcou no fiacre, ainda sorrindo.

– Boa noite, John. E obrigada. – Ela bateu no teto e gritou: – Gramercy Park, cocheiro!

Sozinho pela primeira vez naquela noite, demorei um momento até decidir para onde iria. Estava exausto, é verdade, mas sabia que o sono seria impossível. Andar pelas ruas vazias era a melhor perspectiva; não para encontrar algum sentido em tudo o que acontecera, mas apenas para absorver o fato de que acontecera. John Beecham estava morto: o foco de minha vida, por mais macabro que fosse, fora removido, e compreendi com uma súbita angústia que na manhã da próxima segunda-feira deveria me apresentar para o trabalho no *Times*. O pensamento, embora breve e passageiro, parecia nada menos que horrível – passar dias e noites fazendo hora na frente da Chefatura de Polícia, à espera de uma reportagem, e depois correr para obter os fatos sobre uma violência doméstica ou um arrombamento na 5th Avenue...

Sem intenção consciente, parei na esquina da Great Jones Street. Olhei pelo quarteirão e verifiquei que as luzes do New Brighton Dance Hall continuavam acesas. Talvez as explicações não estivessem tão distantes, afinal de contas, pensei; e depois, antes de uma decisão consciente, meus pés me levaram para o lugar.

Ainda me encontrava a alguns prédios de distância quando comecei a ouvir a música alta que saía do New Brighton (Paul Kelly empregava uma banda muito maior e mais profissional que o habitual conjunto de três músicos encontrado na maioria dos *concert halls).* Não demorou muito para que risadas roucas, uns poucos gritos embriagados e, por fim, o barulho de copos

e garrafas se juntassem à algazarra. Como não me agradava a perspectiva de entrar ali, senti o maior alívio quando vi Kelly sair pelas portas de vidro fosco no momento em que cheguei. Estava acompanhado por um sargento da Polícia – uniformizado –, que ria e contava um maço de dinheiro. Kelly me avistou, cutucou o policial, e com um aceno de cabeça, mandou que ele sumisse. O sargento obedeceu, seguindo apressado na direção da Mulberry Street.

– Olá, Moore! – Kelly tirou uma caixa de rapé do colete de seda, exibiu seu sorriso bonito e inclinou a cabeça para o guarda que se afastava. – Pode esquecer que viu isso.

– Não se preocupe, Kelly – respondi, aproximando-me. – Acho que lhe devo uma.

– *A mim?* – Kelly riu. – Não é provável, mas vejo que continua inteiro. Pelos rumores que circularam, eu diria que teve muita sorte.

– Deixe disso, Kelly. Vi sua charrete esta noite; e seu homem, McManus, salvou nossa pele.

– Jack? – Kelly abriu a caixa de rapé, revelando a cocaína. – Não me diga! Seja como for, não parece típico de Jack sair por aí cometendo boas ações.

Kelly pôs um pouco de cocaína no nó de um dedo, aspirou firme, e estendeu a caixa para mim.

– Quer um pouco? Não sou muito de usar isto, mas, nas últimas noites...

– Não, obrigado. Pelo que posso imaginar, você fez algum acordo com Kreizler.

– Acordo?

Kelly fingiu ignorância, para me deixar irritado. Aspirou um pouco mais de cocaína e deu um passo para o lado quando um homem enorme e bem-vestido saiu tropeçando do New Brighton, acompanhado por duas mulheres feias com trajes espalhafatosos. Kelly desejou boa noite ao homem, muito amável, e tornou a se voltar para mim.

– Por que eu faria um acordo com o bom doutor?

– É justamente o que eu não sei – respondi, exasperado. – A única coisa que posso pensar é que você disse certa vez que tinha muito respeito por ele. Naquele dia, em sua carruagem, comentou até que lera uma monografia escrita por ele.

Kelly riu de novo.

– Não é provável que eu vá contra meus próprios interesses, Moore. Afinal, sou um homem prático. Assim como seu amigo, o sr. Morgan. – Seu sorriso se alargou quando me mostrei aturdido. – É isso mesmo. Sei de tudo sobre seu encontro com o Narigudo.

Pensei em lhe perguntar como sabia, mas seria inútil. Era óbvio que Kelly não se encontrava em ânimo cooperativo, e a conversa apenas o divertia.

– Está certo – murmurei, afastando-me uns poucos passos. – Passei por coisas demais esta noite para ficar aqui brincando de quem-sabe-o-quê com você, Kelly. Diga a Jack que lhe devo um favor.

Comecei a me afastar; ou melhor, tentei, pois antes de alcançar a metade do caminho para a esquina, ouvi de novo a voz de Kelly:

– Ei, Moore!

Voltei-me e o vi ainda sorrindo.

– Parece que vocês passaram por momentos terríveis. – Ele guardou a caixa de rapé no bolso do colete e inclinou a cabeça para o lado, jovial. – Não estou dizendo que sei algo a respeito, é claro. Mas, pergunte a si mesmo, quando tiver um momento de folga: entre todas as pessoas que estiveram lá em cima esta noite, quem você acha que é a mais perigosa para meu pessoal?

Olhei aturdido para Kelly, depois para o chão, tentando encontrar algum sentido em sua pergunta. Depois de meio minuto, uma resposta começou a se delinear em meu cérebro exausto, e fiquei um pouco boquiaberto. Tornei a fitá-lo com um sorriso, e fiz menção de falar – mas Kelly sumira. Tive a ideia de entrar a sua procura, mas logo a abandonei: de nada adiantaria. Eu sabia o que ele quisera dizer, compreendia o que fizera. Paul Kelly, chefe de quadrilha, jogador inveterado, filósofo amador e crítico social, apostara em

um pressentimento; e embora nenhum de nós devesse viver tempo suficiente para conhecer o resultado final do jogo, eu desconfiava que seu pressentimento era correto.

Estranhamente encorajado, tornei a me virar e embarquei em um fiacre parado diante do estabelecimento de Kelly, gritando para o cocheiro que me levasse até a East Broadway o mais depressa possível. Enquanto o condutor chicoteava o cavalo pela Lafayette Place e depois para leste, pela Worth Street, comecei a rir; até cantarolei.

– O enigma final – entoei, repetindo as palavras de Marcus.

Queria estar presente quando fosse esclarecido.

O fiacre parou diante do Instituto Kreizler pouco depois das quatro e meia, atrás da caleche de Laszlo. O único som na rua era o de um bebê chorando, saindo pela janela aberta de um dos cortiços em frente aos dois prédios de Kreizler. Paguei o cocheiro, saltei para a rua e avistei Marcus sentado nos degraus de ferro do Instituto, fumando um cigarro e passando a mão pelos cabelos. Ele me saudou com um aceno nervoso, e fui dar uma espiada no interior da caleche. Encontrei Stevie deitado no banco, fumando. Ele me saudou com o cigarro.

– Olá, sr. Moore – disse ele, jovial. – Nada mau esse cigarro que o sargento detetive fuma. Devia experimentar.

– Obrigado. Acho que farei isso. Onde está Cyrus?

– Lá dentro, fazendo um café. Eles estão trabalhando há horas. – Stevie puxou uma tragada funda, levantou o cigarro. – Sabe, sr. Moore, ninguém imaginaria que um buraco fedorento como esta cidade teria tantas estrelas. Era de pensar que o fedor seria suficiente para afugentá-las.

Sorri e me afastei da caleche.

– Tem razão, Stevie.

Olhei além de Marcus, para as janelas do térreo do Instituto. Estavam iluminadas. Fui sentar ao lado do Isaacson mais alto.

– Por que não está lá dentro?

Ele sacudiu a cabeça, soprando a fumaça pelo nariz longo e bonito.

– Estava. Pensei que conseguiria suportar, mas...

– Não precisa me contar – murmurei, aceitando o cigarro que ele me estendia e acendendo-o. – *Eu* não vou entrar.

A porta da frente do Instituto foi entreaberta, e voltei-me para me deparar com Cyrus esticando a cabeça para fora.

– Sr. Moore? – ele disse. – Aceita um café?

– Se é o *seu* café, Cyrus, com toda certeza.

Ele inclinou a cabeça, dando de ombros.

– Não posso garantir nada, sr. Moore. É o primeiro café que faço desde que levei a pancada na cabeça.

– Correrei o risco. Como vão as coisas aí dentro?

– Creio que chegando ao fim – respondeu Cyrus. – Chegando ao fim.

Mais quarenta e cinco minutos transcorreram antes que houvesse algum sinal de conclusão na sala de operações de Kreizler. Durante esse tempo, Marcus e eu fumamos, tomamos café e tentamos, de forma indireta, nos acostumar ao final da investigação e à iminente dispersão da equipe. Quaisquer que fossem as respostas que Kreizler e Lucius pudessem encontrar lá dentro, não mudariam o fato de que Beecham estava morto. Enquanto a noite se transformava no amanhecer, compreendi quanto essa circunstância se tornava a força condicionadora da vida de todos nós.

Por fim, quase às cinco e meia, a porta foi aberta e Lucius apareceu. Usava um avental de couro, manchado com muitos líquidos odorantes, e parecia totalmente exausto.

– Acho que acabou – ele murmurou, limpando as mãos em uma toalha suja de sangue.

Lucius arriou em um degrau ao nosso lado, tirou um lenço do bolso e enxugou o suor da testa, enquanto Cyrus saía pela porta.

– Acabou? – Indagou Marcus, um pouco aborrecido. – Como assim? O que descobriram?

– Nada – respondeu Lucius, sacudindo a cabeça e fechando os olhos. – Ao que tudo indica, ele era perfeitamente normal. O dr. Kreizler ainda está verificando uns poucos detalhes finais, mas...

Levantei-me e joguei a ponta de cigarro na rua.

– Então, ele estava certo – murmurei, sentindo um calafrio na espinha.

Lucius deu de ombros.

– Estava certo na medida em que a Medicina pode determinar que estava certo.

Marcus continuava a estudar o irmão.

– Por acaso está tentando estragar o desfecho? – Ele indagou. – Se ele estava certo, então estava certo, e não precisa meter a Medicina nisso.

Lucius fez menção de expor o raciocínio por trás de sua declaração, mas preferiu suspirar e balançar a cabeça.

– Sim, ele estava certo. – Lucius se levantou, tirou o avental e o entregou a Cyrus. – E eu vou para casa. Ele quer todos nós no Delmonico's esta noite. Às onze e meia. Talvez, até lá, eu seja capaz de comer.

Ele começou a se afastar.

– Espere um instante – Marcus o chamou. – Não vai me deixar aqui para voltar sozinho; lembre-se de que a arma está com você. Até mais tarde, John.

– Até mais tarde – murmurei. – Bom trabalho, Lucius.

O Isaacson mais baixo se voltou e ergueu a mão, sem muito ânimo.

– Obrigado, John. Você também fez um bom trabalho. Assim como Sara, e... ora, até mais tarde.

Os dois se afastaram pela rua discutindo, e observei-os até desaparecerem. A porta do Instituto foi aberta de novo e Kreizler apareceu, vestindo o casaco. Parecia ainda pior que Lucius, rosto pálido e olheiras profundas. Tive a impressão de que ele levou um momento para me identificar.

– Ah, Moore, não o esperava aqui. Mas estou satisfeito, é claro. – Kreizler acrescentou para Cyrus: – Já acabamos. Sabe o que fazer agora, Cyrus?

– Sei, sim, senhor. O cocheiro com a carroça fechada deve chegar aqui

dentro de poucos minutos.

– Ele tomará cuidado para não ser visto? – Indagou Kreizler.

– É um homem que merece confiança absoluta, doutor.

– Ótimo. Você pode acompanhá-lo até a 17th Street. Deixarei Moore na Washington Square.

Kreizler e eu embarcamos na caleche, despertando Stevie, que fez Frederick dar a volta e o instou gentilmente a seguir em frente. Não pressionei Laszlo por informações, sabendo que ele as daria assim que tivesse alguns minutos para recuperar o controle.

– Lucius contou que não encontramos nada? – Ele perguntou enquanto avançávamos devagar pela Broadway.

– Contou.

– Também não há evidência de anormalidade congênita ou trauma físico – continuou Laszlo. – Nem de nenhuma outra peculiaridade física que possa indicar doença ou defeito mental. Sob todos os aspectos, era um cérebro absolutamente normal e saudável.

Kreizler se recostou, baixando a cabeça na coberta dobrada da caleche.

– Não está desapontado, não é? – Indaguei, um pouco confuso com seu tom. – Afinal, prova que você estava certo; ele não era louco.

– *Indica* que eu estava certo. Sabemos muito pouco sobre o cérebro, Moore – Ele suspirou, mas logo fez um esforço para se reanimar. – Mas é verdade: à luz de nossos melhores conhecimentos psicológicos e médicos do momento, John Beecham não era insano.

– Não importa – murmurei, reconhecendo com certa relutância que seria difícil para Kreizler encontrar alguma satisfação nessa conclusão. – São ou não, ele não é mais um perigo. E isso vale mais que qualquer outra coisa.

Laszlo me fitou enquanto Stevie virava à esquerda na Prince Street, a fim de evitar o cruzamento da Houston com a Broadway.

– Não sentiu muita pena dele ao final, não é mesmo, Moore? – Laszlo perguntou.

Soltei um grunhido constrangido.

– Para ser franco, senti mais do que gostaria. Mas *você* parece abalado pela morte dele.

– Não tanto por sua morte – respondeu Kreizler, tirando do bolso uma cigarreira de prata –, mas sim por sua vida. Pela estupidez maligna que o criou. E pelo fato de que ele morreu antes que eu pudesse estudá-lo. Tudo parece ter sido tão inútil...

– Se o queria vivo – indaguei, enquanto Laszlo acendia um cigarro –, então, por que disse que esperava que Connor nos seguisse? Você deveria saber que ele tentaria matar Beecham.

– Connor – Laszlo tossiu. – Aí está: devo confessar, é uma coisa que não lamento esta noite.

– Ele está morto, afinal, e não podemos esquecer que salvou nossa vida – ressaltei, tentando ser ponderado.

– Não foi bem assim. McManus teria interferido antes que Beecham pudesse causar algum mal maior; ele nos vigiava o tempo todo.

– O quê? Então, por que ele esperou tanto? Perdi um dente, pelo amor de Deus!

– Tem razão, ele só entrou em ação no último instante – respondeu Kreizler, contrafeito, encostando um dedo na pequena incisão em seu rosto. – Mas eu dera instruções para não interferir até ter certeza de que o perigo era mortal, porque queria observar o comportamento de Beecham o máximo possível. Quanto a Connor, tudo o que esperava de sua presença era que pudéssemos prendê-lo. Ou então...

Havia uma terrível determinação e solidão na voz de Laszlo, e compreendi que seria melhor mudar de assunto se quisesse fazer que continuasse a falar.

– Falei com Kelly esta noite. Presumo que você o procurou porque não tinha outra opção.

Kreizler balançou a cabeça; a amargura ainda persistia em seus olhos pretos.

– Ele me disse por que concordou em ajudar – acrescentei. – Ou melhor, insinuou o motivo. Acha que você representa um perigo e tanto para o *status quo* nesta sociedade.

Laszlo soltou um grunhido.

– Talvez ele e o sr. Comstock devam comparar suas anotações. De qualquer modo, se eu sou um perigo para a sociedade, homens como ele acarretarão sua morte. Comstock em particular.

Viramos à direita na MacDougal Street e passamos pelos pequenos restaurantes e cafés italianos, a caminho da Washington Square.

– Laszlo – murmurei, depois de vê-lo calado por algum tempo –, o que queria dizer ao declarar a Beecham que poderia providenciar um destino menos severo para ele? Não teria alegado que ele era louco só para mantê-lo vivo a fim de estudá-lo, não é mesmo?

– É claro que não. Mas eu tencionava afastá-lo do perigo imediato e depois pedir uma sentença de prisão perpétua, em vez da cadeira elétrica ou da forca. Ocorrera-me havia algum tempo que sua observação de nossos esforços, a carta, até mesmo o assassinato do garoto Joseph, tudo indicava um desejo de se comunicar conosco. E quando ele começou a responder a minhas perguntas esta noite, percebi que eu encontrara uma coisa que nunca tivera antes: um homem que assassinava aparentes estranhos, e que se dispunha a falar sobre seus crimes.

Kreizler tornou a suspirar e ergueu as mãos.

– Perdemos uma oportunidade excepcional. Homens assim raramente discutem seu comportamento, entende? Depois da captura, relutam em admitir o que fizeram, e mesmo quando o fazem, recusam-se a falar sobre os detalhes íntimos. Parece que não sabem como. Lembre-se das últimas palavras de Beecham... ele nunca seria capaz de explicar o que o levava a matar, mas creio que, com o tempo, eu poderia ajudá-lo a encontrar as palavras apropriadas.

Observei meu amigo com toda a atenção.

– Você sabe que eles não admitiriam.

Kreizler deu de ombros, obstinado, relutando em admitir.

– Com a dimensão política que o caso estava assumindo? – Continuei. – Ele teria um dos julgamentos mais rápidos dos últimos tempos, e seria enforcado em poucas semanas.

– É possível. No entanto, agora nunca saberemos com certeza. Ah, Moore, há tantas coisas que nunca saberemos agora...

– Vai pelo menos se conceder o crédito por encontrar o homem? Afinal, é um feito espantoso por si só.

Laszlo tornou a dar de ombros.

– Acha mesmo? Tenho minhas dúvidas. Por quanto tempo mais ele permaneceria oculto, John?

– Por quanto tempo? Ora, muito tempo, suponho... talvez anos.

– Acontece que a crise era inevitável; ele não podia continuar para sempre sem que a sociedade tomasse conhecimento de sua existência. Ele queria isso, e desesperadamente. Se um homem comum tivesse de descrever John Beecham à luz de seus assassinatos, diria que era um pária social, mas nada poderia ser mais superficial ou mais inverídico. Beecham nunca poderia virar as costas à sociedade humana, nem a sociedade a ele, e por quê? Porque ele estava, talvez de uma forma distorcida, mas nem por isso menos total, preso a essa sociedade. Era uma cria da sociedade, sua consciência doentia, um lembrete vivo de todos os crimes ocultos que cometemos quando cerramos fileiras para uma vida em conjunto. Ele ansiava pela sociedade humana, ansiava pela oportunidade de mostrar às pessoas o que sua “sociedade” lhe fizera. E o mais estranho é que a sociedade também ansiava por ele.

– Ansiava por ele? – repeti, enquanto passávamos pelo perímetro do Washington Square Park. – Como assim? A sociedade o teria exterminado pela eletricidade se tivesse a oportunidade.

– Mas não antes de exibi-lo ao mundo. Apreciamos homens como Beecham, Moore; eles são repositórios fáceis de tudo o que é sinistro em

nosso mundo *social*. Mas, e as coisas que ajudaram Beecham a se tornar o que era? Essas, nós toleramos. Essas, até apreciamos...

Enquanto Kreizler tornava a desviar os olhos, a caleche parou diante da casa de minha avó. O céu apenas começava a clarear a leste, mas já havia uma luz acesa no segundo andar do número 19 da Washington Square. Kreizler virou a cabeça para olhar as ruas ao redor; avistou a luz, e o primeiro sorriso da manhã aflorou em seu rosto.

– Como sua avó reagiu ao seu envolvimento em um caso de homicídio, Moore? – Ele indagou. – Ela sempre teve um profundo interesse pelo macabro.

– Não lhe contei nada. Ela simplesmente acha que meu hábito de jogar se agravou. E, considerando tudo, deixarei que ela continue a pensar assim.

Saltei para a calçada, sentindo meus músculos rígidos.

– Vamos nos encontrar no Del's esta noite?

Kreizler balançou a cabeça em confirmação.

– Não acha apropriado?

– É claro. Vou telefonar para Charlie e pedir que mande Ranhofer preparar alguma coisa excepcional. Nós bem que merecemos.

O sorriso incipiente de Kreizler se alargou um pouco.

– Tem toda razão, Moore.

Ele fechou a porta da caleche, estendendo a mão. Apertei-a, e Laszlo se voltou para frente, soltando um pequeno resmungo.

– Vamos embora, Stevie.

O garoto se voltou, acenou com a mão para mim, e a caleche partiu para a 5th Avenue.

CAPÍTULO 47

Quase vinte e quatro horas mais tarde, enquanto voltava para casa depois de uma refeição no Delmonico's que teria entorpecido um regimento de cavalaria e seus cavalos, parei no Fifth Avenue Hotel para comprar a primeira edição do *Times* da terça--feira. Ao descer pela avenida dando uma olhada no jornal, descobri-me mais uma vez sob os olhares vigilantes dos jovens garis de capacete do coronel Waring, à espera de que eu deixasse cair algum pedaço de papel. Entretanto, eu os ignorei e continuei em minha busca até localizar o que procurava, no canto inferior direito da primeira página.

O pessoal do necrotério do Bellevue fizera uma descoberta macabra naquela manhã. Encontraram perto da porta dos fundos do prédio, envolto por uma lona, o corpo musculoso de um jovem adulto, que em vida tivera mais de um metro e oitenta de altura. Como o corpo não estava vestido, não havia documentos para identificá-lo. Um ferimento de bala no peito era a causa aparente da morte; mas o corpo sofrera outros danos. O topo do crânio fora removido, e o cérebro, dissecado de uma maneira que, segundo o pessoal do necrotério, indicava a mão de um especialista. Havia um bilhete pregado na lona, alegando que o corpo era do homem responsável pelos assassinatos de garotos prostitutos – ou, como o *Times* dizia, "as mortes de vários desafortunados rapazes que trabalhavam em casas sórdidas demais para serem mencionadas nestas páginas". O comissário Roosevelt (com quem eu falara pelo telefone naquela tarde) confirmara que o assassino fora de fato morto enquanto tentava prosseguir em suas ações brutais. Por vários motivos importantes, mas não explicados, o comissário dissera que não podia revelar o nome do assassino, nem as circunstâncias de sua morte; mas o público devia saber que membros da Divisão de Detetives estavam envolvidos e que

o caso fora encerrado, com toda certeza.

Ao terminar de ler a reportagem, corri os olhos pela avenida e deixei escapar um prolongado grito de satisfação.

Ainda posso experimentar o mesmo sentimento de satisfação ao recordar o caso, quase vinte e três anos depois. Kreizler e eu somos velhos agora, e Nova York é um lugar muito diferente – como J. P. Morgan nos disse na noite em que o visitamos, em sua Biblioteca Negra: a cidade, assim como o país em geral, encontrava-se à beira de uma tumultuada metamorfose em 1896. Graças a Theodore e a muitos de seus aliados políticos, viramos uma grande potência, e Nova York é mais que nunca a encruzilhada do mundo. O crime e a corrupção, que ainda são as firmes fundações da vida da cidade, assumiram uma aparência exterior cada vez mais profissional; Paul Kelly, por exemplo, acabou se tornando um importante líder do trabalho organizado. É verdade que crianças ainda morrem nas mãos de adultos depravados no comércio da carne, e que corpos não identificados são encontrados às vezes em lugares insólitos; mas, pelo que sei, uma ameaça do tipo de John Beecham nunca mais ocorreu nesta cidade. Mantenho a esperança de que essas criaturas não apareçam com muita frequência; Kreizler, é claro, desconfia que minha fé não passa de uma ilusão.

Encontrei-me várias vezes com Lucius e Marcus Isaacson ao longo dos últimos vinte e três anos, e ainda mais com Sara; todos se dedicaram a carreiras na investigação criminal com devoção, determinação e resultados excepcionais. Houve ocasiões em que tivemos oportunidade de investigar juntos alguns casos pequenos, que constituem coletivamente a cadeia de minhas experiências mais memoráveis. Todavia, nada, suponho, jamais haverá de se comparar com a caçada a Beecham. Talvez agora, com a morte de Roosevelt, essa investigação possa por fim chegar ao conhecimento do público; no mínimo, serve como uma lembrança singular de que Theodore, por trás de toda aquela impetuosidade teatral, possuía um coração e uma mente bastante abertos para possibilitar um empreendimento assim, sem

precedentes.

Ah, sim; para arrematar, a fim de satisfazer aos que possam estar curiosos sobre o destino de Cyrus Montrose e de Stevie Taggert, Cyrus acabou se casando, e levou a esposa para trabalhar para Kreizler. O casal teve vários filhos, um dos quais cursa no momento a Escola de Medicina de Harvard. Quanto ao jovem Stevie, pegou um dinheiro emprestado com Kreizler quando virou adulto e abriu uma tabacaria em frente ao Fifth Avenue Hotel, no novo Flatiron Building. Prosperou, e creio que nos últimos quinze anos jamais o vi sem um cigarro na boca.

Apenas três anos depois do caso Beecham, o reservatório Croton – superado por um novo sistema de abastecimento de água construído depois que Boss Platt consumou a execução de seu plano para a Grande Nova York – foi demolido, para dar lugar à mais maravilhosa de todas as obras filantrópicas, a Biblioteca Pública de Nova York. Li uma notícia no *Times* sobre a demolição e um dia fui até lá para dar uma olhada, durante minha hora de almoço. A demolição do reservatório começara pelo muro sul, em cima do qual tivéramos a confrontação final de nossa investigação, e que agora estava sendo derrubado, para revelar uma cratera artificial, com um quarteirão de largura e dois de comprimento. A estrutura não parecia grande coisa, toda exposta daquele jeito; era difícil admitir que fora um dia bastante forte para suportar a fantástica pressão exercida por milhões de litros de água.

AGRADECIMENTOS

Ao efetuar a pesquisa preliminar para este livro, ocorreu-me que o fenômeno agora conhecido como assassinatos em série existe desde que os seres humanos se agruparam em sociedades. Essa opinião de amador foi confirmada, e caminhos para uma pesquisa mais profunda foram indicados pelo dr. David Abrahamsen, um dos maiores especialistas dos Estados Unidos sobre a violência em geral e os assassinatos em série, em particular. Desejo lhe agradecer por dispor de seu tempo para conversar sobre o projeto.

As equipes dos Arquivos de Harvard, Biblioteca Pública de Nova York, Sociedade Histórica de Nova York, Museu Americano de História Natural e Biblioteca da Sociedade de Nova York prestaram uma ajuda valiosa.

John Coston sugeriu vários caminhos de pesquisa importantes, desde o início, e dispôs de seu tempo para trocar ideias. Sou grato a ele.

Muitos autores contribuíram, sem saber, para esta história, por meio de seus relatos de não ficção sobre assassinatos e assassinos seriais e, desses muitos, não posso deixar de expressar meus agradecimentos a: Colin Wilson, por suas enciclopédicas histórias de crimes; Janet Colaizzi, por seu brilhante estudo da insanidade homicida desde 1800; Harold Schechter, por sua análise do infame Albert Fish (cujo notório bilhete para a mãe de Grace Budd inspirou o documento similar de John Beecham); Joel Norris, por seu tratado, famoso com todo merecimento, sobre os assassinos seriais; Robert K.

Ressler, por suas memórias de uma vida passada a perseguir pessoas assim; e, mais uma vez, dr. Abrahamsen, por seus estudos incomparáveis sobre David Berkowitz e Jack, o Estripador.

Tim Haldeman concedeu ao manuscrito o benefício de seu olho experiente. Prezei seus comentários incisivos quase tanto quanto sua amizade.

Como sempre, Suzanne Gluck e Ann Godoff me orientaram desde a ideia vaga até a conclusão do projeto, com graça, competência e afeição. Todos os escritores deviam ter agentes e editoras assim. A eficiência, a rapidez e o bom humor de Susan Jensen ajudaram com frequência a prover o sustento, pelo que lhe agradeço.

Irene Webb supervisionou o destino desta história em outra costa, com charme e experiência excepcionais, e tenho uma dívida para com ela.

Por sua dramática e inicial manifestação de fé, gostaria de agradecer a Scott Rudin.

Por meio de suas percepções psicológicas, Tom Pivinski ajudou a transformar pesadelos em prosa. Ele tem sido um apoio firme.

James Chace, David Fromkin e Rob Cowley proporcionaram a amizade e o conselho tão necessários a um projeto assim. Orgulho-me de chamá-los de meus companheiros.

Devo uma gratidão especial a meus companheiros no Core Four, em La Tourette: Martin Signore, Debbie Deuble e Yong Yoon.

Por fim, gostaria de agradecer a minha família, em particular a meus primos Maria e William von Hartz.

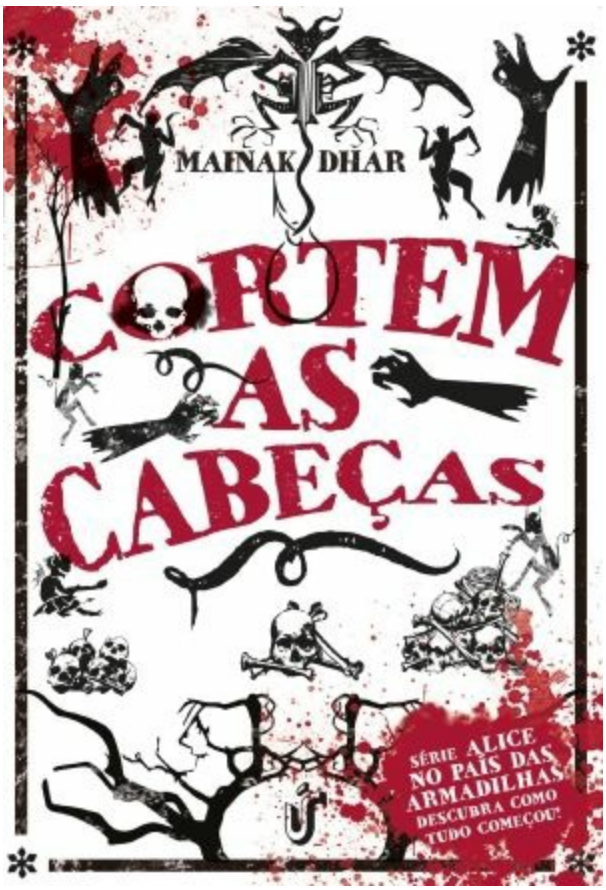
Vip
Estrada dos livros
Me dê um livro, que eu lhe dou um sonho

Acreditamos que toda forma de cultura tem o seu valor

Use este arquivo somente como amostra e retire de seu dispositivo em até 24 hrs

Recomendamos que se possível, adquirir a obra do autor ou editora




MAINAK DHAR
CORTEM AS CABEÇAS
SÉRIE ALICE NO PAÍS DAS ARMADILHAS
DESCUBRA COMO TUDO COMEÇOU!

Cortem as Cabeças

Dhar, Mainak
9788594900135
192 páginas

Compre agora e leia

E se o mundo como o conhecemos de repente deixasse de existir? Cortem as cabeças é o fim e o começo de tudo: a queda do planeta Terra e o nascimento do País das Armadilhas. Poucos meses antes de Alice nascer, um contágio impossível de ser controlado começou a afetar a humanidade transformando as pessoas em Mordedores, mortos-vivos inexpressivos que se alimentam de sangue e transformam os humanos em seres como eles. Todos estão tomados pelo medo e a verdade por trás desse ataque parece impossível de ser encontrada. Para os fãs da série Alice no País das Armadilhas ou para aqueles em busca de uma nova

aventura por um mundo distópico e assustador, aqui poderá acompanhar histórias como o nascimento da Rainha Mordedora, a dor de um jovem rapaz apaixonado enquanto se transforma em Mordedor e tenta salvar seu grande amor, e a luta da família de Alice para escapar de uma cidade tomada pelo terror. Um futuro terrível está à sua frente e lembre-se: toda história tem muitas versões.

Compre agora e leia


VOCÊ ENTENDEU TUDO ERRADO
E se fosse possível ter aquela conversa que nunca aconteceu?
MARIANNE KAVANAGH
Para leitores de Jojo Moyes e David Nicholls

Você entendeu tudo errado

Kavanagh, Marianne
9788594900159
288 páginas

Compre agora e leia

Como Harry conseguiu se envolver tanto em nossas vidas? Kim e Harry são completamente diferentes um do outro. Ela, uma jovem que sonha com um mundo mais justo e igualitário para todos. Ele, um banqueiro promissor, ou seja, a materialização de tudo aquilo que ela mais odeia na sociedade. A única coisa que os mantêm presos um ao outro é terem as mesmas pessoas favoritas no mundo: a irmã mais velha de Kim, Eva, e seu filho, Otis. Ambos, Harry e Kim, estão presos demais em seus preconceitos para entenderem o que realmente está acontecendo na vida um do outro. Eles nunca se entenderão – até a pior de todas as tragédias

os alcançar. Encarando a possibilidade de perderem a pessoa que mais amam, segredos há muito enterrados vêm à tona em formas que vão mudar Kim e Harry para sempre. Prepare-se para um Orgulho e Preconceito dos tempos modernos! Marianne cria uma história sobre laços familiares e mal-entendidos românticos que consegue ser, ao mesmo tempo, emocionante e comovente. Kirkus Review

Compre agora e leia


SENHORA EINSTEIN
A história de amor por trás da Teoria da Relatividade
Haverá espaço para dois gênios em um casamento?
MARIE BENEDICT

Senhora Einstein

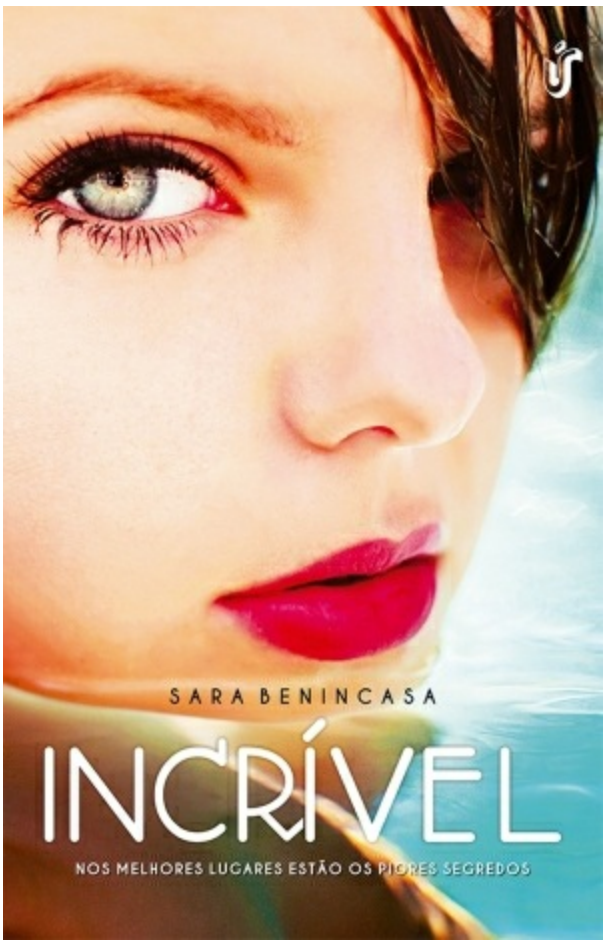
Benedict, Marie
9788594900043
208 páginas

Compre agora e leia

Espero aprender, como há muito sugeri, se o tempo é mesmo relativo. Mileva "Mitza" Marić Einstein Mileva Marić – ou Mitza, como gostava de ser chamada – sempre foi um pouco diferente das outras garotas. Em 1896, a maioria das jovens de 20 anos já está casada, não estudando física em uma universidade de elite em Zurique. Mitza, porém, é inteligente o bastante para saber que, para ela, a Matemática é um universo muito mais fácil de se navegar do que o casamento. Tudo corria como planejado até que um de seus colegas, Albert Einstein, passa a se interessar por ela muito além das dicas em cálculos. Ele via em Mitza uma

capacidade intelectual superior até à dele e a força contrária perfeita para equilibrar a montanha-russa emocional que ele era. Uma paixão intensa e arrebatadora nasce entre os dois, transformando definitivamente o mundo de Mitza. No entanto, mesmo com todos os sonhos e planos que fizeram juntos, pode não haver espaço para mais de um gênio em um casamento. "O primeiro romance de Marie Benedict descreve cuidadosamente a vida de Mileva – de estudante promissora a mãe solitária – com especial atenção aos conflitos entre objetivos pessoais e convenções sociais. Um intrigante romance sobre uma das mais fortes parcerias intelectuais do século XIX." Kirkus

Compre agora e leia


SARA BENINCASA
INCRÍVEL
NOS MELHORES LUGARES ESTÃO OS PIORES SEGREDOS

Incrível

Benincasa, Sara
9788567028767
256 páginas

Compre agora e leia

Eram olhos repletos de esperança — esperança irracional, espantosa e, às vezes, até irritante. Esperança de que, de alguma forma, tudo daria certo, mesmo quando estava claro que seu sonho lhe escapava como areia por entre os dedos de uma criança. Naomi Rye simplesmente odeia quando chega o verão e ela é obrigada a ficar com sua mãe socialite em East Hampton. Afinal, ela definitivamente não pertence àquele mundo de glamour e adolescentes mimados. No entanto, tudo pode ser diferente neste verão, pois a casa vizinha foi alugada pela linda e misteriosa Jacinta Trimalchio, que sabe como

impressionar com suas festas suntuosas e selvagens e, claro, seu badalado blog Incrivel.com. Jacinta tem as próprias razões para se aproximar de Naomi: Delilah Fairweather. O envolvimento dessas garotas poderá culminar em grandes tragédias, e o mundo de riqueza e esbanjação cuidadosamente construído por aqueles jovens ricos poderá cair em pedaços. Naomi agora precisa decidir se está disposta a ser puxada por essa vida que por tantos anos rejeitou, ou se enfim cederá aos encantos da misteriosa e fascinante vizinha. Inspirada no clássico O grande Gatsby, Sara Benincasa traz todo drama, glamour e romance com um toque moderno (e escandaloso)!

Compre agora e leia


Mantenha seus amigos por perto e os inimigos mais perto ainda, não é o que dizem?
Mas como agir quando amigos e inimigos são as mesmas pessoas?
O
TESTE
SEU TEMPO ESTÁ ACABANDO...
JOELLE CHARBONNEAU

O teste

Charbonneau, Joelle
9788567028330
320 páginas

Compre agora e leia

No dia de formatura de Malencia 'Cia' Vale e dos jovens da Colônia Cinco Lagos, tudo o que ela consegue imaginar – e esperar – é ser escolhida para O Teste, um programa elaborado pela Comunidade das Nações Unificadas, que seleciona os melhores e mais brilhantes recém-formados para que se tornem líderes na demorada reconstrução do mundo pós-guerra. Ela sabe que é um caminho árduo, mas existe pouca informação a respeito dessa seleção. Então, ela é finalmente escolhida e seu pai, que também havia participado da seleção, se mostra preocupado. Desconfiada de seu futuro, ela corajosamente segue

para longe dos amigos e da família, talvez para sempre. O perigo e o terror a aguardam. Será que uma jovem é capaz de enfrentar um governo que a escolheu para se defender?"

Compre agora e leia